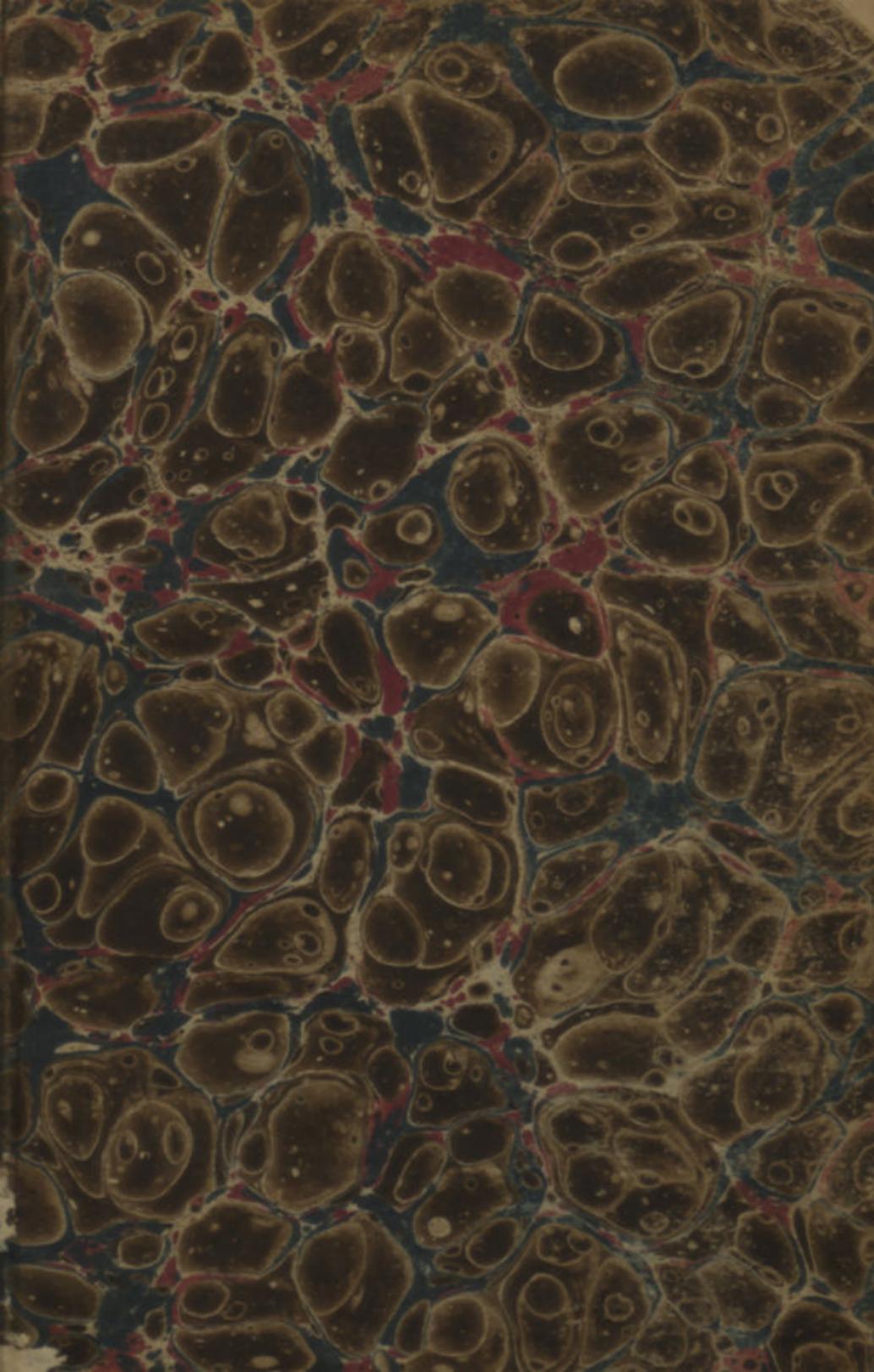


Sala A

Est. 5

Tab. 4

N.º 25





# MANUAL ENCYCLOPEDICO

N.º - N.º

PARA USO

939



## ESCOLAS DE INSTRUÇÃO PRIMARIA

POR

1277

EMILIO ACHILLES MONTEVERDE



DECIMA EDIÇÃO, REVISTA E MELHORADA

APPROVADA

PELA

JUNTA CONSULTIVA DE INSTRUÇÃO PUBLICA



SENADO CIENCIA PUA  
DOMULO DE CARVALHO



RC  
MAGT  
37  
MON

## Vende-se:

**Em Lisboa.** — Na loja de João Paulo Martins Lavado, Rua Augusta n.º 95.

Viuva Bertrand & Comp.<sup>a</sup>, aos Martyres, esquina da Travessa da Figueira.

Antonio Maria Pereira, Rua Augusta, n.ºs 50 e 52.

Borel, Borel & Comp.<sup>a</sup>, Rua dos Albigebes, n.º 140, 1.º andar.

Manuel Antonio de Campos, Rua Augusta, n.ºs 77 e 81.

Ferreira, Lisboa & Comp.<sup>a</sup>, Rua do Ouro, n.ºs 132 e 134.

José Antonio Rodrigues, Rua do Ouro, n.ºs 186 e 188.

Rolland, Rua Nova dos Martyres, n.º 13.

Zeferino, Rua dos Fanqueiros, n.º 87.

Augusto Férin, Rua Nova do Almada, n.º 74.

Silva & Comp.<sup>a</sup>, Praça de D. Pedro, n.ºs 24 e 25.

Pacheco & Carmo, Rua do Ouro n.º 136.

Raphael Basques Onça, Rua do Ouro, n.º 45.

Ernesto Augusto Barata, Rua de S. Paulo, n.ºs 192 e 194.

Livraria Central, Rua do Ouro, n.ºs 142 e 144.

C. S. Afra & Comp.<sup>a</sup>, Rua do Ouro, n.ºs 112 e 114.

Bordalo, Rua Augusta, n.ºs 24 e 26.

Machado & Comp.<sup>a</sup>, Rua da Prata, n.ºs 74 e 76.

Rabilhas & Irmãos, Rua da Prata, n.ºs 299 e 301, e Rua dos Fanqueiros, n.º 36.

João Marques da Silva, Rua Nova do Carmo, n.º 72.

**No Porto.** — Na loja de Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, Rua dos Caldeireiros, n.ºs 48 e 20.

João Evangelista da Cruz Coutinho — Rua do Almada n.ºs 45 e 47.

Ernesto Chardron, Largo dos Clerigos, n.º 98.

Moré, Rua de Santo Antonio, n.ºs 42 e 44, e outros.

**Em Coimbra.** — Nas lojas de J. A. Orcei, Domingos Sebastião Sanchez, J. de Mesquita, Livraria Academica e outras.

**No Rio de Janeiro.** — Na loja de E. H. Laemmert, Rua da Quitanda, n.º 77.

Antonio Gonçalves Guimarães, Rua do Sabão, n.º 26.

Domingos José Gomes Brandão, Rua da Quitanda, n.º 70.

B. L. Garnier, Rua da Alfandega, n.º 4, e outras.

**Na Bahia, Pernambuco, Para, Maranhão, Ceará e Porto Alegre,** nas principaes lojas de livros.

---

 Nas lojas acima mencionadas se vendem tambem as obras elementares do mesmo auctor: **METHODO FACILLIMO PARA APRENDER A LER** tanto a letra redonda como a manuscrita; no mais curto espaço de tempo possivel; **MIMO A INFANCIA** ou **MANUAL DE HISTORIA SAGRADA**, ornado de 100 lindas estampas, representando os principaes successos referidos no **VELHO** e no **NOVO TESTAMENTO**; **GRAMMATICA FRANCEZA THEORICA e PRÁTICA**, ou methodo inteiramente novo em Portugal para se aprender, com muita brevidade e perfeição, a fallar e escrever o idioma francez por meio do portuguez. — Vê-jão-se os respectivos annuncios no fim d'este livro.

---

Aos directores de casas de educação, ou a outras quaesquer pessoas que quizerem alguma porção de exemplares destas obras, de 50 até 150, se abonará a commissão de 10 por cento; de 150 até 250, 12 por cento, e de 250 para cima, 15 por cento; devendo dirigir-se, para este fim, á loja de João Paulo Martins Lavado, acima mencionada.

# MANUAL ENCYCLOPEDICO



## PARTE PRIMEIRA

### PRINCIPIOS GERAES DE MORAL

P. Que entende pela palavra *moral*?

R. Entendo a *sciencia que dirige as acções do homem para o bem*, ou a *sciencia dos nossos deveres*; seu nome deriva-se da palavra latina *mores*, que significa *costumes*.

Os *costumes* são inclinações que nascem connosco, e se desenvolvem por actos reiterados. Estas inclinações chamão-se bons ou máos costumes, segundo são conformes ou contrarios ás regras estabelecidas.

P. Que principios geraes estabelece a *moral*?

R. A *moral* offerece certos principios geraes communs a todas as acções humanas; ella os estabelece tambem particulares, e proprios para esta ou aquella especie de acções; por isso se divide a *moral* em *geral* e *particular* ou *especial*.

A *moral geral* considera os deveres do homem em geral.

A *moral especial* considera o homem debaixo de tres pontos de vista: prescreve-lhe os *deveres para com Deus*, seu Creador; *para consigo mesmo*, porque possui uma alma que deve cultivar, e um corpo que deve sustentar, e *para com os seus semelhantes* com quem vive em sociedade.

## DOS NOSSOS DEVERES PARA COM DEUS

P. Quaes são os nossos deveres para com Deus?

R. O homem deve a Deus culto interno e externo.

Culto é a homenagem que se tributa á divindade, e que consiste no amor, veneração, reconhecimento, submissão e resignação, e todos os outros sentimentos que podem inspirar ao homem as suas relações intimas com o Ente Supremo.

R. Em que consiste o culto interno?

R. O culto interno, a que tambem se chama piedade, consiste em honrar e adorar a Deus mentalmente, sem manifestação exterior dos sentimentos do respeito que nos inspira a alta idéa que temos do seu poder e da sua infinita bondade.

P. Em que consiste o culto externo?

R. Nos exercicios exteriores de piedade, a que nos obriga a Religião que professamos, e que consistem, principalmente, em assistirmos ao santo saerificio da missa, e ceremonias e funcções publicas com que a Igreja Catholica celebra os seus mysterios.

## DOS DEVERES DO HOMEM PARA COMSIGO MESMO

## Fundamento destes deveres

P. Quaes são os deveres do homem para consigo mesmo?

R. Sendo o homem composto de duas substancias, alma e corpo, deve conservar e aperfeiçoar a ambas; como porém a primeira seja destinada a mandar, porque é mais nobre e mais excellente, e a segunda a obedecer, o cuidado da alma deve ainda ser mais essencial que o do corpo.

A alma divide-se em duas faculdades principaes: *entendimento* e *vontade*, que prescrevem cada uma deveres a preencher.

O homem gravará profundamente em seu coração, em primeiro lugar, a idéa de Deus e os sentimentos de Religião, porque como poderia elle adquirir a verdadeira felicidade, se ignorasse a vontade daquelle de quem depende? Deve pois fazer justa idéa de si mesmo e de seu estado, para pôr freio ás suas paixões, e corrigir as inclinações que o arrastão ao vicio. Quando se lhes larga a redea, não só ellas arruinão a saude e o vigor do espirito, mas offuscão e pervertem o juizo.

Nada é mais contrario ao dever do homem do que passar o tempo na ociosidade e na preguiça: a existencia sem trabalho é uma especie de morte. O trabalho, pelo contrario, desenvolve nossos talentos e faculdades, e permite que sejamos uteis a nós mesmos e á sociedade. A ociosidade traz consigo a pobreza e a ignorancia. Quanto não são pois dignos de lastima aquelles que só pensão em futeis divertimentos, sem se lembrarem de que chegará um dia em que, abandonados a si mesmos, ou não sabem exercer uma profissão honrosa para poderem viver, e se precipitão na vereda do crime, ou se são ricos, desfalcão o seu patrimonio por não saberem administra-lo, causando assim a sua propria desgraça.

Entre os deveres concernentes ao nosso corpo, ha um que domina todos os mais, qualquer que seja a sua natureza ou o seu objecto, e é o da nossa conservação pessoal. Este dever é, sem contradicção, o primeiro em ordem, porque em vão se preserverião ao homem outras obrigações, se elle não tivesse antecipadamente provido á sua conservação.

Segue-se daqui que devemos conservar e augmentar as forças naturaes do corpo com alimentos e exercicios convenientes; evitar tudo quanto puder destruir ou desarranjar uma maquina tão maravilhosa e tão fragil, e fugir dos excessos que levão ao tumulto. Se pois não é licito suicidar-nos, nem attentar contra a vida dos outros, podemos comtudo defender-nos se formos atacados.

O suicidio deve reputar-se como a maior infracção

dos deveres para consigo mesmo. Aquelle que se priva da vida, suffoca o sentimento mais forte que o Creador lhe inspirou, e dispõe de uma cousa de que não é dono. Deus concedeu-nos a vida para a empregarmos no seu serviço, em utilidade nossa, e a bem dos outros; e aquelle que attenta contra ella, contraria as suas respeitaveis disposições, e assume um poder que exclusivamente compete ao Omnipotente.

O desafio é, do mesmo modo, contrario aos deveres que o homem contrahiu para consigo mesmo, para com os outros e para com a sociedade. É immoral e anti-religioso: 1.º, porque aquelle que lança mão desse meio para terminar as suas contendas (como se a justiça pudesse decidir-se pela destreza no manejo das armas, ou pelo acaso, que tanta parte tem nesse acto de temeridade e barbaria) entra nelle com o proposito firme de matar ou de ser morto; 2.º, porque a sua origem é a vingança; 3.º, porque é inefficaz para conseguir o objecto que seus auctores têm em vista, se bem que tanto perigo corre o offendido como o offensor; 4.º, finalmente porque torna inuteis as leis, visto que assim vem cada qual a fazer justiça por suas proprias mãos, do que resulta necessariamente a anarchia social.

O não aceitar pois um desafio nunca pôde ser tido em conta de cobardia senão por aquelles que não discorrem, ou que não querem conformar-se com os saudaveis preceitos que a Religião nos impõe.

O homem insultado, ou offendido na sua honra, deve recorrer ás auctoridades respectivas, ou aos tribunaes para que justiça lhe seja feita.

*O fundamento destes deveres é um amor de si mesmo racional e bem entendido.* Deus concedeu a todos os homens o desejo insaciavel da felicidade, porque todas as suas accões tendem a esse fim. Nós amamo-nos naturalmente, e fugimos com um sentimento de horror de tudo quanto presagia desgraça e destruição; mas este amor, para ser legitimo, deve ser contido em certos limites, que fazem conhecer as relações do homem para com Deus e para com os seus semelhantes.

## DOS DEVERES PARA COM OS NOSSOS SIMILHANTES EM GERAL

P. Em que consistem os deveres para com os nossos semelhantes em geral?

R. Nestes preceitos :

1.º *Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem.* Tão necessaria é a observancia do mesmo preceito, que sem ella não poderia haver sociedade entre os homens. Segue-se daqui que devemos reparar o mal que acaso houvermos causado.

2.º *Devemos fazer bem aos nossos semelhantes,* porque a sociedade, para que o homem nasceu, não póde manter-se sem mutuo commercio de beneficencia.

3.º *Devemos ser agradecidos aos nossos bemfeitores,* porque se somos obrigados a amar os nossos semelhantes, em geral, com maior razão devemos amar a quem nos faz bem.

4.º *Devemos guardar a nossa palavra, e cumprir as nossas promessas,* excepto se tivermos prometido inconsideradamente fazer alguma cousa contraria ás leis ou aos bons costumes.

P. Que se entende pela sociedade conjugal?

R. A que existe entre marido e mulher.

P. Quaes são os deveres reciprocos do marido e da mulher?

R. Amarem-se ternamente, ajudarem-se como companheiros, guardar um ao outro a mais escrupulosa fidelidade, e estreitarem uma união que ha de durar toda a sua vida.

P. Quaes são pois as principaes infracções dos nossos deveres para com os nossos semelhantes?

R. O homicidio voluntario, o furto, a calumnia, etc.

### Dos deveres para com os pais

P. Quaes são os deveres dos filhos para com seus pais?

R. Devem ama-los, respeita-los e obedecer-lhes em tudo quanto não for contrario aos Mandamentos da lei de Deus. Os filhos devem, alem disso, consolar e assistir a seus pais na sua velhice, se por ventura carecerem do seu auxilio; pedir-lhes o seu conselho nos negocios importantes, quando estejam no caso de os saberem dirigir, e respeitar, em todos os tempos, a auctoridade daquelles que lhes derão a vida, e os formãõ até torna-los membros dignos da sociedade.

P. Que conceito merece um filho que causa desgostos a seus pais e os desampara?

R. O de um homem atrozmente ingrato, desprezível perante os homens, e amaldiçoado de Deus.

P. Não prescreve a Religião esses deveres dos filhos?

R. Sim; e bem claramente no quarto Mandamento da lei de Deus, o qual é concebido nestes termos:

#### Honrarás a teu pai e a tua mãe

Estes deveres dos filhos são ao mesmo tempo tão naturaes e tão religiosos, que devem ser observados, não como dirigidos a creaturas humanas, mas, se é permitido expressar-se assim, como um culto dedicado a divindades terrestres.

P. Que dizia a este respeito o historiador *Philon*?

R. Dizia que o mandamento do dever dos filhos estava escripto, entre os Hebreos, metade na primeira Taboa da lei, que se referia a Deus, e metade na segunda Taboa, que dizia respeito ao proximo, como sendo metade divino e metade humano.

P. Pois não basta que tenhamos a convicção desses deveres no intimo do coração?

R. Não; é preciso manifesta-la continuamente em nossas acções e palavras.

P. Como deverá ella manifestar-se?

R. Um filho, seja qual for a sua idade, jamais deve apparecer diante de seus pais senão com um exterior modesto e submisso, que exprima simultaneamente o respeito e o affecto. Deve ouvir as suas ordens, os seus

conselhos, as suas minimas palavras com uma piedosa attenção, que indique a sua disposição a obedecer-lhes. Se acontecesse ter justas e uteis observações a fazer, conviria que pedisse licença para as expor, e uma vez obtida, que fizesse valer as suas razões nos termos mais respeitosos.

P. Estes deveres dos filhos para com seus pais achão-se consagrados, ha muito, entre os povos da terra?

R. Sim; já erão reconhecidos pelos povos da mais remota antiguidade, e a Historia nos ensina que por toda a parte erão religiosamente observados.

P. Que ha mais digno de notar-se na Historia sobre este ponto?

R. Entre muitos povos da Grecia, e na Republica romana, confiava a lei poderes sem limite á auctoridade paterna. Tinha-se a convicção de que nenhum pai chegaria a abusar deste poder. Reconhecia-se tambem a necessidade de dar aos pais de familia uma auctoridade capaz de conter filhos desobedientes, se por ventura os houvesse.

P. Cite algum exemplo dos poderes inherentes á auctoridade paterna entre os antigos.

R. Em Roma, por exemplo, a lei dava aos pais o direito de vida e de morte sobre seus filhos. Conta-se que o Senador *Fulvio*, tendo sabido que seu filho era cúmplice na conspiração de *Catilina*, ordenara a sua morte, dizendo *que não tinha dado o ser a seu filho para servir a Catilina contra a patria, mas sim para servir a patria contra Catilina.*

P. Não produziria essa severidade, que hoje achamos excessiva, o effeito de afrouxar o amor dos filhos para com seus pais?

R. Numerosos exemplos provão o contrario. Entre tantos bellissimos rasgos de piedade filial em que abunda a Historia romana, poucos ha tão tocantes como os daquellas jovens esposas, que sustentárão com seu proprio leite, uma seu pai, outra sua mãe, condemnados ambos a morrerem de fome em horriveis masmorras.

P. Não poderiam alguns povos, a que chamamos barbaros, dar-nos lições de piedade filial?

R. Sim; entre os Turcos, e mesmo entre os Arabes, o chefe de uma familia tem sido sempre uma personagem sagrada para seus filhos. Entre aquelles povos, um filho jamais contraria seu pai; só apparece na sua presença quando lh'o determina, e com a maior submissão, conservando-se sempre em pé até que elle o mande sentar. Entre alguns povos selvagens da America, a desobediencia de um filho a sua mãe, é um crime reputado horrivel e sem exemplo. Quando uma joven india se conduz mal, sua mãe se contenta com atirar-lhe algumas gotas de agua ao rosto, dizendo-lhe: *Tu deshonras-me*. Graças ao imperio da piedade filial entre aquelles selvagens, esta reprehensão é sempre efficaç.

P. Qual é o motivo por que se dá tanta importancia ao respeito para com os pais?

R. Porque esse respeito é, por assim dizer, o primeiro elo da cadeia dos deveres que a sociedade nos impõe. Um filho costumado, desde tenra idade, a respeitar seu pai e sua mãe, e a obedecer-lhes com docilidade, será sempre mais inclinado ao respeito, à submissão e à deferencia para com os outros seus superiores.

P. Então os deveres que tributamos a nossos pais são proficuos ao interesse geral?

R. A escriptulosa observancia dos deveres da piedade filial influe muito sobre o bem-estar da sociedade, como bem o notou um filosofo christão: *Os bons costumes só se aprendem por um assiduo estudo, que deve principiar no centro da propria familia.*

P. Não resultarão tambem disso vantagens individuas para cada um de nós?

R. Sim, sem duvida. Os que hoje são meninos, chegando a ser pais de familia, serão tambem felizes vendo-se respeitados, amados e queridos por aquelles que lhes deverem o ser. Certo auctor diz: *Obedece, se quizeres que algum dia te obedeçam.* Que incentivo, se elle osse necessario, para nos esmerarmos em tributar, a

quem devemos, os respeitos que um pouco mais tarde nos hão de render, e que constituirão a possã mais bella recompensa!

Dos deveres para com os nossos ascendentes, tios, ministros da religião, magistrados, amos, chefes, etc.

P. Quem são os nossos ascendentes?

R. São, alem de nossos pais, os nossos avós.

P. Que quer dizer a palavra ascendente?

R. Este vocabulo deriva-se de outro latino, *ascendere*, que significa *ir subindo*. Sendo pois os nossos ascendentes nossos superiores, não só pelos grãos de familia, mas tambem pela idade, devemos respeitá-los tanto como a nossos pais por duplicados motivos.

P. Que são, na ordem de familia, os nossos tutores e tutoras, padrinhos e madrinhas?

R. Se nem sempre são nossos parentes, representam pelo menos nossos pais; os primeiros perante os homens; os segundos perante Deus. Que respeito e reconhecimento não tem uns e outros a esperar de nós?

P. Quaes são os nossos deveres para com os tutores, padrinhos e tios?

R. Quasi os mesmos que para com os nossos pais, isto é, com alguma restricção.

P. Qual é o nosso dever para com os ministros da Religião?

R. Respeita-los e venera-los, não só pelo merecimento pessoal que os distingue, as mais das vezes, mas tambem em razão de caracter sagrado de que se achão revestidos.

P. Estarão os magistrados no mesmo caso?

R. Sim; os magistrados, pela maior parte, homens integros, sabios e laboriosos, são os órgãos e os ministros da lei. Bastaria isto para lhes dar direito, não só á nossa submissão, mas até ao nosso respeito.

P. Cite-nos mais alguns casos, em geral, em que o respeito e a obediencia se tornão um dever?

R. Um funcionario publico, por exemplo, deve respeitar seus chefes, e obedecer-lhes em tudo quanto lhe ordenarem a bem do serviço do Estado; um criado deve respeito e obediencia a seus amos; um soldado, aos seus officiaes; um caixeiro, a seu patrão; um operario, a seu mestre, etc. Finalmente, todo o subordinado deve respeitar o seu superior, e, em geral, todos os que são mais avançados em idade, como mais adiante se dirá quando fallarmos das pessoas idosas.

### Dos deveres para com os nossos mestres e mestras

P. Que devemos a nossos mestres e mestras, n'uma palavra, a todas as pessoas encarregadas da nossa educação?

R. Nossos mestres e mestras exercem, em certo modo, um ministerio sagrado, qual o de bem formar o nosso coração e o nosso espirito. A sociedade que nos confiou aos seus cuidados, deve reconhecer os serviços que assim lhe prestão; nós, os meninos, devemos-lhes gratidão, amor e respeito em quanto vivermos.

P. Não acharemos na antiguidade, tão fecunda em bons exemplos, alguns dictames a respeito de nossos mestres?

R. *Quintiliano*, célebre critico romano, enuncia quasi todos os deveres dos discipulos ou educandos neste unico conselho que lhes dá: «*Amai os que vos ensinão, como amais as sciencias que delles aprendeis; e olhai-os como pais de quem recebeis, não a vida do corpo, mas a instrucção, que é, por assim dizer, a vida da alma.*»

P. Não poderão os povos antigos apresentar-nos sublimes exemplos do respeito devido aos mestres?

R. *Epaminondas*, esse célebre General thebano, esse sabio, se havia de tal maneira ligado, por affecto e reconhecimento, a *Lysis*, seu mestre, que preferia a companhia deste ancião, triste e severo, á dos man-

cebos da sua idade. *Alexandre*, cognominado *Magno*, amou e venerou toda a sua vida o illustre *Aristóteles*, seu mestre, e em signal de reconhecimento para com elle, chegou a mandar reedificar a cidade de *Stagyra*, sua patria, que *Filippe*, Rei de *Macedonia*, tinha arrazado. O mesmo *Alexandre* se mostrou sempre possuido de reconhecimento e gratidão para com aquelles que o tinham educado.

P. Não nos offerece a *Historia moderna* outros exemplos da mesma natureza?

R. O Imperador *Carlos V*, que foi um monarca quasi omnipotente na *Europa*, tinha votado tal reconhecimento a seu mestre, que julgou não poder manifesta-lo melhor do que fazendo com que elle fosse eleito Papa. Este Soberano Pontifice foi *Adriano VI*.

P. Póde a severidade dos mestres eximir os discipulos do reconhecimento que lhes devem?

R. Essa necessaria severidade, que modera e reprime as paixões de uma idade pouco prudente, e muitas vezes inconsiderada, deve augmentar ainda mais o nosso affecto para com elles.

P. Consequentemente é honroso amar e respeitar seus mestres?

R. O reconhecimento geral, e em particular para com aquelles que presidirão á nossa educação, é o distinctivo de uma alma bem formada, e um dos caracteres principaes do homem probó, que assim mostra fazer o devido apreço do desvelo que para com elle houve, a fim de o constituir homem de bem. *Marco Aurelio*, um dos mais sabios e illustres Imperadores romanos, dava graças aos Deuses, principalmente, por duas cousas: por ter tido excellentes mestres para si, e por haver achado outros iguaes para seus filhos.

#### Dos nossos deveres para com as pessoas idosas

P. Porque se liga tanta importancia ao respeito que devemos aos anciãos?

R. Porque devemos honrar, em todas as pessoas de idade avançada, a imagem de nossos pais e de nossos avós.

P. Diga o que se lhe offerecer acerca do respeito dos povos antigos para com os velhos.

R. Nos tempos mais remotos da Grecia, erão os velhos tidos em tão grande estima, que tinham direito aos primeiros lugares nas assembléas nacionaes, e raras vezes era permittido aos moços questionar com elles. Na célebre Republica de Esparta, a lei obrigava os mancebos a cederem o passo a um velho, fosse onde fosse, a levantar-se quando elle chegava, a calar-se, quando elle fallava, e a escuta-lo com uma respeitosa attenção. Entre os antigos Romanos, não se tributavão tantas honras ao nascimento e á fortuna como á idade; os velhos erão considerados por elles como semi-deuses. Nada era mais proprio para a conservação dos bons costumes do que esta especie de culto.

P. Cite algum exemplo do respeito que se tinha aos velhos na Republica de Esparta.

R. Eis-aqui um e bem notavel. Procurando certo Atheniense, já idoso, lugar em uma numerosa assembléa, aconteceu que alguns mancebos de Athenas lhe fizerão signal para que fosse sentar-se entre elles, e começarão a dizer-lhe chufas logo que se lhes aproximou. O velho dirigiu-se para o lado aonde estavam sentados os Espartanos: estes, fieis ao santo costume do seu paiz, levantarão-se com modestia, e lhe dérão um lugar no meio delles. Então aquelles mesmos Athenienses que tinham zombado do velho, cheios de admiração para com os Espartanos, fizerão resoar por toda a parte os mais vivos applausos. O velho, com as lagrimas nos olhos, exclamou: *«Os Athenienses conhecem o dever dos homens bem educados; mas os Espartanos sabem pô-lo em prática.»*

P. Temos por ventura alguma lei que nos prescreva o respeito para com os velhos?

R. Não; mas esse respeito, que a lei não determina, observamo-lo levados de sentimentos religiosos.

P. Então devemos respeitar todos os velhos?

R. Sim; até mesmo todas as pessoas que nos forem superiores em idade.

P. Que diz *Cícero* a este respeito no seu *Livro dos deveres*?

R. « *Convém aos mancebos, diz aquelle celebre orador romano, ter toda a deferencia para com as pessoas mais velhas, e escolher, d'entre ellas, as mais honradas e estimadas, para se valerem dos seus conselhos e auctoridade.* »

### Do respeito para com os superiores em geral

P. Como se deve manifestar o respeito para com os superiores?

R. Tanto pelas acções e maneiras, como pelas palavras.

P. Quaes devem ser as acções e maneiras a respeito dos superiores?

R. Submissas, modestas, moderadas, circumspectas, medidas enfim pelo gráo de respeito que a sua posição relativamente á nossa lhes dá direito a esperar.

P. Como devemos regular as palavras na presença dos superiores?

R. Em harmonia com o que acabámos de dizer.

P. Deve-se por ventura respeitar um superior que falta á attenção aos seus inferiores?

R. Sem duvida. Deve-se mostrar que se não percebeu; perdoar-lhe o ter-se esquecido das leis da civilidade, ou fazer-lh'o conhecer, obrando de um modo ainda mais submisso e attencioso a seu respeito; é este o meio mais seguro de lhe fazer reconhecer o seu erro.

P. Não teremos algumas vezes o direito de fazer justas advertencias aos nossos superiores?

R. Por certo, mas em termos respeitosos.

P. É permittido expressar-se livremente a respeito dos superiores?

R. Até certo ponto, e com tanto que seja com circumspecção e justiça.

P. Não terá excepção a regra do respeito aos *superiores*?

R. A regra invariavel é que, em todas as circumstancias, devemos respeito aos *superiores*, ou seja fallando-lhes ou fallando delles na sua ausencia. A violação deste importante preceito, expor-nos-ia a sermos desfavoravelmente olhados na sociedade.

### Dos deveres para com os iguaes

P. Não se diz que todos os homens são *iguaes*?

R. Todos os homens são *iguaes* perante Deus, que manda que nos amemos como irmãos. Todos os homens são do mesmo modo *iguaes* perante a lei.

P. Admitte por ventura a sociedade algumas distincções?

R. Certamente. Pelo assentimento geral dos homens de todos os tempos e de todos os paizes, a idade, os serviços feitos á patria, os cargos importantes, o merito, a sciencia, os talentos tem mui naturalmente estabelecido distincções entre as differentes classes para vantagem da sociedade. Que seria, com effeito, a mesma sociedade, se um simples cidadão pertendesse ser igual ao magistrado? Que quadro offerceria uma familia, que representa em ponto pequeno essa sociedade, se os filhos quizessem ser iguaes a seus pais?

P. Quem são aquelles que se devem considerar como *iguaes*?

R. Os *iguaes* de um menino são os seus irmãos, os seus condiscipulos e mancebos da mesma idade. Um homem considera como seus *iguaes* aquelles que são da mesma condição, embora sejam mais moços.

P. Que deveres temos a cumprir para com os nossos *iguaes*?

R. A caridade christã, a filantropia ou o amor dos semelhantes, nos prescrevem muitos. Resumi-los-hemos neste grande principio, já enunciado por outras palavras, *que devemos tratar os nossos iguaes como quere-riamos que estes nos tratassem.*

P. De que serve a civilidade entre *iguaes*?

R. A civilidade entre *iguaes* é mais necessaria do que se pensa. Serve para conservar em seus justos limites a familiaridade, tantas vezes disposta a tomar certas liberdades que podem degenerar em insolencia ou grosseria, e cujo primeiro mal é occasionar o desprezo ou a desconsideração,

P. Então em que consiste essa polidez que deve existir entre *iguaes*?

R. N'um acolhimento affectuoso e cordeal, em maneiras delicadas e expressões benevolas.

P. Pois é necessario ter tantas attentões com os nossos irmãos e irmãs, por exemplo?

R. Sim, sem duvida; é, tornamo-lo a repetir, no centro da familia que se deve aprender a caridade. É no affecto fraternal que deve principiar o affecto para com os nossos semelhantes em geral. Irmão ou irmã, cuidemos em que cada um de nossos irmãos ou irmãs, conheça que os seus interesses nos são tão caros como os nossos proprios. A intimidade jamais deve fazer esquecer a civilidade entre irmãos e irmãs. Um irmão deve usar de maneiras ainda mais delicadas para com suas irmãs, a quem a natureza formou mais fracas e mais sensiveis do que elle.

P. Não se póde ser bom irmão sem todas essas attentões?

R. Completamente não. Aquelles que contrahem habitos grosseiros a respeito de seus irmãos e irmãs, dão lugar a que se presuma mal dos seus sentimentos, e expõem-se de mais a mais ás consequencias da sua grosseria para com outras pessoas.

P. Então é muito importante a pratica da civilidade entre irmãos e irmãs?

R. Sem duvida: os deveres que a civilidade prescreve são tão gratos a cumprir! Depois de nosso pai e de nossa mãe, nossos irmãos e irmãs são os amigos que Deus collocou mais proximos de nós, e por mil motivos, que escusado é enumerar, devemos continuamente manter esta santa amizade. Aquelle que conhece, de terra

idade, todo o valor dessas affeições de familia, e cuidadosamente as cultiva, mais tarde, quando apparece na sociedade, leva consigo esses costumes affaveis e nobres que inspirão aos outros o desejo de os imitar.

P. Offerecer-nos-ha por ventura a Historia exemplos de amor fraternal?

R. Offerece, e bem sensiveis. Um dos mais salientes e dos menos conhecidos, é o de *Proculeo*, cavalleiro romano. Por morte de seu pai, dividiu o seu patrimonio, em partes iguaes, entre seus dois irmãos, *Murena* e *Scipião*. Tendo estes porém perdido todos os seus bens, em consequencia da guerra civil, repartiu o mesmo *Proculeo* com elles o que tinha. Exemplo memoravel, tão digno de ser imitado, e que bem prova o quanto *Proculeo* estava possuido dos verdadeiros sentimentos do amor fraternal!

P. O que acaba de dizer da civilidade, em relação a irmãos e irmãs, não poderá tambem ser applicavel aos verdadeiros amigos?

R. Por certo: a verdadeira amizade não é outra cousa mais do que a imagem da ternura que a natureza cimentou no coração de um irmão para com seu irmão.

P. Em presença do que fica exposto sobre a attenção entre *iguaes*, deverá banir-se a jovialidade e o gracejo?

R. A civilidade não exclue o gracejo entre *iguaes*. Logo porém que degenera em zombaria, torna-se reprehensivel, e até digno de desprezo. A zombaria mortifica sempre, ou ella se dirija ás enfermidades do corpo ou a defeitos moraes.

P. Qual é o maior inconveniente da zombaria?

R. O de offender o amor proprio; e o amor proprio offendido difficilmente perdoa.

P. Não se póde pagar zombaria com zombaria?

R. Demasiadas vezes se lança mão dessa especie de vingança, culpavel como todas as vinganças: ella então dá lugar a um combate interminavel em que toma parte a malicia que soffoca, não só os sentimentos da justiça

e da urbanidade, mas até os da Religião. Dessa animosidade resultão contendas, rixas, resentimentos, e não raras vezes odios inveterados que perturbão bem cruelmente a paz das familias e a harmonia da sociedade.

P. Que deve fazer aquelle de quem se escarnece ?

R. Se a zombaria recáe n'algumas extravagancias ou em leviandades, deve toma-la, ainda que má seja, como uma lição proficua, não se encolerisar, e tratar de corrigir-se. Se o escarneio recáe n'alguma enfermidade corporea, deve ter bastante presença de espirito para ser o primeiro a rir-se della, procurando assim o meio mais acertado de reprehender, sem azedume, o incivil chocarreiro pela sua falta de caridade. É este procedimento a unica vingança permittida pela civilidade.

P. Então será melhor não gracejar, ainda mesmo com os nossos *iguaes* ?

R. Podemos faze-lo com os nossos amigos e com os nossos *iguaes*, porém dentro de certos limites de que não devemos afastar-nos, por mais familiaridade que com elles tenhamos.

P. Póde-se dar conselhos aos *iguaes* sem offender as regras da civilidade ?

R. Sim ; e até muitas vezes é um dever ; mas convém desempenha-lo com caridade, delicadeza e discernimento, sem o que póde-se indispor os animos dos outros. Ha pessoas que infelizmente não vêem no conselho que lhes damos mais do que um desejo de as criticar. Indispõem-se por isso com o que lhes dizemos, e considerão-nos seus inimigos ; então, em lugar da boa obra que julgavamos praticar, não fazemos mais do que juntar um mal a outro mal, e, por assim dizer, atear o fogo.

P. Não nos expomos, ás vezes, a erros bem grosseiros, tratando em tom de igualdade com pessoas que inconsideradamente suppomos nossos *iguaes* ?

R. Esse inconveniente é de pouca monta quando nos dirigimos a inferiores ; então passa por affabilidade ou condescendencia. Com *superiores*, porém, poderia of-

fender, ou, pelo menos, ter muitos inconvenientes; é preciso pois que a igualdade seja bem reconhecida, assim pelo que toca ás relações, como á idade e posição do individuo.

P. Como devemos conduzir-nos quando não conhecermos ou tivermos pouco conhecimento das pessoas com quem nos acharmos?

R. Regra geral: o meio mais seguro de sermos civis para com ellas é mostrar-lhes uma respeitosa deferencia. Em pontos de civilidade, antes mais do que menos; assim estaremos certos da estima e do bom acolhimento de todos.

### Dos deveres para com os inferiores

P. Tem os superiores deveres a preencher para com os seus *inferiores*?

R. Sim; e não menos importantes do que os já mencionados. Os superiores devem o exemplo de todas as virtudes aos seus subordinados, especialmente o da civilidade.

P. Quem são aquelles que podemos considerar como nossos *inferiores*?

R. Os nossos *inferiores* são aquelles que, por diversas condições, taes como empregos, serviços, educação, ou outra causa qualquer, estão collocados abaixo de nós na ordem social. Assim, desde os filhos até aos criados, todos, em uma familia, são os *inferiores* do pai e da mãe. Nas casas d'educação, os discipulos são os *inferiores* do mestre. Geralmente em todas as situações, em todas as carreiras imaginaveis, os individuos que tem chefes, são os *inferiores* desses mesmos chefes.

P. Como convirá que nos portemos para com os nossos *inferiores*?

R. Tratando-os sempre com verdadeira benevolencia, o que todavia não exclue certa severidade, que algumas vezes se torna salutar.

P. Tem os pais alguns deveres a cumprir para com os filhos?

R. Devem trata-los com brandura, moderando sempre a severidade com a indulgencia. Terá alem disso todas as virtudes de bom pai, aquelle que teve as de bom filho.

P. Quaes são os deveres dos amos a respeito dos criados?

R. Alimenta-los, pagar-lhes, cumprir religiosamente aquillo que com elles se ajustou, e ensinar-lhes o caminho da virtude. Os nossos criados formão quasi uma parte da nossa familia; e, ligados connosco pelos serviços que nos prestão, tem, segundo a amizade que nos professão, direito a esperar de nós demonstrações de indulgencia e de bondade. Nada é mais agradável, nem mais consolador para um criado, para os *inferiores*, em geral, do que verem-se tratados com benevolencia pelos seus *superiores*.

P. Não é pois do nosso interesse tratar com urbanidade os nossos *inferiores*?

R. Certamente, pois o amo altivo ou brutal arrisca-se a ser odiado, por maior que seja o salario que dá a seus criados: pelo contrario, o amo bom e affavel tem nelles uns amigos fieis.

P. Essas boas maneiras para com os criados não são tambem de toda a justiça?

R. Sem duvida: os nossos criados são homens como nós; consequentemente devem ser tratados com humanidade, e considerados como amigos desgraçados, quando se tornão dignos desse titulo.

P. Não nos offerece a Historia antiga, sempre tão proveitosa, algumas lições e exemplos a este respeito?

R. Em Esparta, vendo o filosofo *Demonax* um cidadão que maltratava um escravo, lhe disse: «*Cessa de mostrar-te semelhante a teu escravo*», querendo assim significar que aquelle cidadão se degradava pela sua barbaridade. Em Roma, reputava-se um dever o tratar os escravos com moderação e bondade. As cartas familiares de *Cicero* provão a amizade e sollicitude deste grande homem para com o seu escravo *Tiron*, a quem

teve o prazer de dar a liberdade, constituindo-o depois seu bibliothecario.

P. Devem as crianças considerar os criados de seus pais como seus *inferiores*?

R. Tão sómente quanto seja necessario para se não familiarisarem demasiadamente com ellas, o que seria contra a ordem estabelecida; mas, em nenhum caso, lhes é permittido prevalecer-se da vantagem da sua posição para os tratar mal.

P. Póde um menino dar ordens aos criados?

R. Deve unicamente transmittir-lh'as quando o encarregão de o fazer, e sempre com polidez. Se o menino porém precisa ou deseja alguma cousa, deve pedi-la com boas maneiras, e agradecer depois de servido.

P. Então não é permittido a uma criança dar ordens como amo?

R. Seria por certo muito digna de censura uma criança, cuja razão ainda não está formada, assumir a auctoridade de amo para com aquelles que o servem, e tratar com altivez as pessoas que a sua idade deveria, pelo menos, tornar-lhe respeitaveis. Os pais sensatos tanto não permitem este modo de proceder, que jamais dão taes exemplos a seus filhos.

P. Convirá que os superiores permittão aos seus *inferiores* ou subordinados que lhes dêem conselhos?

R. Sim; se forem mais moços e menos experientes do que os seus *inferiores*, e se esses conselhos forem dados respeitosamente.

P. Deverão os superiores ouvir as representações desses mesmos *inferiores*?

R. Sem duvida; e até devem prestar-lhes toda a attenção, mas é preciso que a representação do *inferior* seja feita sem cólera, sem insolencia, sem maldade nem indiscreção.

P. Não será isso exigir demasiadamente da parte dos superiores?

R. Não se exige delles senão o que a Religião prescreve, e a razão e a justiça reclamão. É do dever de todo o superior suavisar a condição dos seus *inferiores*.

P. Não é para recear que a auctoridade perca com esse modo de proceder?

R. Toda a pessoa que tem dignidade, e se respeita, pôde ouvir as advertencias que lhe são feitas pelos seus *inferiores*, sem se humilhar. A sua auctoridade pôde tirar dellas proveito, acautelando-se para não as merecer segundâ vez. Assim, bem longe de perder, pôde ganhar. Um moralista italiano disse com muita razão: «*Nos superiores a indulgencia e a affabilidade são virtudes que lhes custão pouco, e lhes rendem muito*».

P. Devem os superiores corresponder ás demonstrações submissas e respeitosas da parte dos seus *inferiores*?

R. Devem, tanto mais que a elles compete dar em tudo bons exemplos aos seus subordinados. Conta-se, que estando um dia o cavalheiro inglez *William Goëls*, Governador da Virginia, conversando com um negociante do paiz em Williamsburgo, passou um negro que o cumprimentou, e a quem elle immediatamente respondeu. Vendo isto o negociante, exclamou: «*Pois Vossa Excellencia abaixa-se a saudar um escravo?*» «*Certamente*, respondeu o Governador, *porque havia de sentir muito que um escravo se mostrasse mais delicado e attencioso do que eu*».

P. Terão os superiores direito de agastar-se com os seus *inferiores*, quando estes faltão ao respeito que lhes é devido?

R. Certamente: mas devem contentar-se em reprehende-los com brandura. É sempre signal de orgulho e fraqueza o dar-se por offendido daquelles que não tem para comnosco aquellas attenções que deverião ter.

P. Então a condescendencia, em geral, é um dever dos superiores para com os *inferiores*?

R. Sem duvida; a condescendencia ganha os corações, as vontades; a aspereza, pelo contrario, os irrita muitas vezes. *Não tendo caridade, nada tenho*, dizia *S. Paulo*. Antes d'elle, Nosso Senhor *Jesus Christo*, seu divino Mestre, havia dito: «*Aprendeí de mim, que sou brando e humilde de coração; sêde-o como eu, e*

*obtereis paz e socego.* » Sejam os pois para com os nossos *inferiores* o que desejariamos que os nossos superiores fossem para conosco; esta regra jamais pode enganar-nos.

Dos deveres do Rei ou do Chefe do Estado,  
dos seus Ministros e dos governados

P. Quaes são os deveres do Rei ou do Chefe do Estado e dos seus Ministros?

R. Dar aos povos o exemplo de todas as virtudes privadas e publicas, e principalmente da piedade e rectidão; da boa fé, dos bons costumes; fazer observar e respeitar as leis, que elles proprios devem ser os primeiros a observar e respeitar escrupulosamente; castigar o crime, recompensar o merito e a virtude; manter os homens em paz; fazer-lhes justiça; prover á educação religiosa, moral e intellectual do povo; contribuir para o tornar feliz, desenvolvendo e favorecendo a agricultura, o commercio e a industria, fazendo florescer as Letras, as Sciencias e as Bellas Artes; e sobre tudo inspirando-lhe sentimentos religiosos, o amor dos seus deveres, da ordem, da economia, da obediencia ás leis, e a dedicação á patria.

P. Quaes são os deveres dos governados?

R. Obedecer ás leis e ás ordens emanadas das autoridades constituídas; contribuir com sua pessoa para a defeza da patria; e, em caso de necessidade, sacrificar, pelo bem publico, a parte de seus haveres que seja indispensavel para ajudar a sustentar os diversos cargos do Estado.

P. Porque estão os povos sujeitos ao cumprimento desses deveres?

R. Porque sem obediencia não póde subsistir a sociedade, nem tampouco se os individuos que a compõe se não prestarem a defende-la com a sua pessoa e bens. O cidadão defendendo a sociedade a que pertence, defende-se a si mesmo; e contribuindo para as urgencias do Estado com uma parte dos seus haveres, logra a

conservação da outra; não devendo jamais perder de vista que um tiro disparado para salvar a patria é um titulo de gloria.

### Dos deveres da patria para com as outras nações

P. Terá por ventura a patria deveres a cumprir para com outras nações?

R. Certamente: uma nação, que é uma unidade moral, está sujeita a obrigações e deveres iguaes aos que cada individuo contrahê para com os seus semelhantes.

P. Que devem pois praticar todas as nações?

R. Devem procurar manter entre si a melhor harmonia, obrando com lealdade e justiça nas suas relações umas com outras, e abster-se consequentemente de tudo quanto possa concorrer para a interrupção dessas relações.

P. Em que casos é licita a guerra?

R. Sempre que tenha um lim justo, como a defeza dos direitos ou da independencia da nação, da integridade do seu territorio, a reparação de uma injuria, etc.

P. Qual é a lei commum, entre as nações civilizadas, que regula as suas garantias e as obrigações a que estão sujeitas, tanto em tempo de paz como de guerra?

R. O Direito publico externo ou internacional, a que tambem se chama Direito das gentes.

### DEVERES GERAES

P. Que se entende por *deveres geraes*?

R. Entende-se os *deveres* que são communs aos inferiores, aos iguaes e aos superiores.

P. Em que consistem esses *deveres geraes*?

R. Consistem, em primeiro lugar, em abster-nos de tudo quanto nos não acharíamos dispostos a tolerar nos outros.

P. Em que consistem elles ainda?

R. Em accommodar-nos ao genio das pessoas com quem convivemos, por mais singular ou extravagante que seja. Devemos estar preparados a encontrar na sociedade pessoas desconfiadas, que se encolerisão sem causa, que tomão tudo ás avessas, que discorrem mal, que mostrão um orgulho arrogante, ou uma condescendencia desprezivel e desagradavel. Uns são mui fogosos, outros demasiadamente frouxos. Estes contrarião sem razão, aquelles não podem soffrer que os contraiem. Uns são curiosos e malignos, outros insolentes sem terem a minima attenção com pessoa alguma. Outros, persuadidos de que tudo lhes é devido, não obsequieão ninguem, não deixando comtudo de dar a conhecer que exigem ser obsequiados. Estes e tantos outros defeitos são, sem duvida, insupportaveis, mas é do nosso dever desculpa-los.

P. Então será preciso mostrar exteriormente que louvamos aquelles que tem esses defeitos, e acceder a todos os seus caprichos?

R. Devemos lastima-los no nosso interior, e até soffrer os seus defeitos e extravagancias com indulgente paciencia.

P. Mas como adquiriremos nós essa paciencia aliás tão util?

R. Exercitando-nos nessa virtude e trabalhando por minorar a impressão que os defeitos alheios produzem em nós.

P. Não haverá algumas judiciosas considerações que possão ajudar-nos a conseguir esse resultado?

R. Devemos ter sempre em vista que não ha defeitos de que não sejamos mais ou menos susceptiveis, que nos não possão ás vezes lançar em rosto. Certo auctor faz-nos esta advertencia:

**Se queres que te poupem, poupa tambem  
os outros**

P. Até que ponto exige o nosso dever que levemos a tolerancia?

R. Até tolerar aos outros aquillo que sentiríamos se nos não tolerasse.

P. Terá por ventura uma tal indulgencia bastante efficacia para induzir os outros a corrigir-se dos seus defeitos?

R. Algumas vezes.

**Mais vale empregar a brandura  
do que a violencia,**

disse o mesmo auctor, e numerosissimos exemplos provão que tinha razão.

P. Logo, não se deve empregar a violencia?

R. Não, pois sempre produz mais ou menos mal.

P. Então é a paciencia uma das virtudes mais uteis na vida, e por conseguinte na sociedade?

R. Certamente. O poeta *Horacio* o dizia já, haverá dois mil annos: «*Pela paciencia diminuímos os males que não podemos corrigir*».

Mas que precisão ha de recorrermos á auctoridade de um poeta do paganismo, nós que temos a ventura de viver na divina lei do Evangelho. Ignoramos por ventura que a vida do Redemptor dos homens foi um exemplo constante de mansidão e paciencia? Poderíamos acaso invocar maior auctoridade, e imitar um modelo mais admiravel?

P. Que vantagens resultão da observancia destes deveres-geraes?

R. Duas mui grandes. A civilisação, isto é, o melhoramento da sociedade em geral; e, em particular, para a pessoa que concorre para este feliz resultado, a estima, a consideração e o affecto de toda a gente.



## DA RELIGIÃO

1 Entende-se pela palavra *Religião* a idéa que fazemos de Deus; a moral que se deriva dessa idéa; os

deveres que ella obriga a cumprir; o culto e as ceremonias estabelecidas para honrar a Divindade.

2 Deus é o Ente Supremo, infinitamente Perfeito, Espiritual, Eterno, Omnipotente, soberanamente Justo, Creador de tudo quanto existe.

3 Podem reduzir-se a tres os deveres que nos ligão para com Deus: *amor, reconhecimento e veneração*. Devemos-lhe *amor*, pela sua infinita bondade; *reconhecimento*, pelos continuos beneficios que derrama sobre nós, e *veneração*, pela sua omnipotencia.—

4 A verdadeira *Religião*, que é aquella que professamos, torna os homens felizes, dando-lhes paciencia para supportar seus males; caridade para lhes fazer amar seus semelhantes; finalmente todas as virtudes que tendem á sua felicidade neste mundo e na vida futura.

5 É tão necessaria a *Religião*, que sem ella não poderião subsistir os Reinos nem os Imperios. É o laço suave que une os homens entre si, e mantem a ordem, tranquillidade, justiça, moralidade e boa fé entre os povos. Inspira o temor de Deus, unico capaz de conter o homem, por isso que as leis civis não bastão para reprimir, em todos os casos e circumstancias, os vicios e as desordens occultas, que tão grandes damnos causão á sociedade.—

6 As diversas *Religiões* que existem podem dividir-se em duas classes, a saber: *Monotheismo* e *Polytheismo*.

7 O *Monotheismo* tem por fundamento um só Deus, Creador, Moderador e Conservador de todas as cousas.

8 O *Polytheismo* comprehende as *Religiões* que admittem mais de um Deus, e grande numero de absurdos.

De cada uma destas *Religiões* nos occuparemos mais adiante.

## DA INSTRUCCÃO MORAL E RELIGIOSA

9 A *Instrucção moral e religiosa* divide-se em duas partes, a saber: a parte historica e a parte dogmatica.

A parte historica comprehende o conhecimento do *Velho e do Novo Testamento* ou da *Biblia*. A parte dogmatica deve estudar-se no *Cathecismo da Doutrina Christã*.

10 *Dogma* é um ponto de doutrina; um principio estabelecido em materia de Religião.

11 Entende-se por *doutrina*, fallando de Religião, as maximas e preceitos que ella estabelece. —

Toda a *Doutrina catholica* encerra-se no *Symbolo dos Apostolos* ou *Credo*; no *Decálogo* ou *Mandamentos da lei de Deus*; na *Oração Dominical* ou *Padre Nosso*, e nos *Sacramentos*. São estes quatro pontos principaes o fundamento sobre que assenta a interpretação do *Evangelho* em geral.

12 Dá-se o nome de *Theologia* à sciencia que tem por objecto Deus, os dogmas e preceitos da Religião Christã. —

### HISTORIA SAGRADA

13 Entende-se por *Historia Sagrada* a historia da criação do mundo, do povo de Deus, dos prodigios que o Senhor obrou em seu beneficio, e do estabelecimento da Religião Christã. —

14 É tão grande a utilidade que do seu estudo resulta, que aquelle que a elle se der com fé e humildade, aprenderá quanto é necessario saber para ser homem de bem e bom christão. Além de nos apresentar provas irrefragaveis da existencia do Ente Supremo e da verdade da nossa Religião, encerra excellentes modelos de todas as virtudes, e ensina-nos quaes são os nossos deveres. *Abel*, por exemplo, apresenta-nos o typo da mais pura innocencia; *Noé*, dá-nos o exemplo da perseverança na justiça; *Abrahão* e *Isaac*, e de uma perfeita obediencia; *Jacob*, mostra-nos a constancia nos trabalhos; *José*, ensina-nos o temor de Deus e o perdão das injurias. Em *Jónathas*, temos o modelo da verdadeira amizade, e na pessoa de *Booz*, o da liberalidade. Vemos em *David* o heroe, o rei, o politico, o verdadeiro penitente e o santo: finalmente *Job* é um modelo de paciencia nas maiores afflicções. —

15 Todos os factos maravilhosos da *Historia Sagrada* achão-se referidos no *Velho* e no *Novo Testamento*.

16 Dá-se o nome de *Testamento* á collecção de livros de que se compõe a *Biblia* ou *Sagrada Escripura*, porque nos descobrem a vontade de Deus, e nos dão noticia dos bens celestiaes e terrenos promettidos aos observantes da sua divina lei. Chama-se tambem a *Biblia* o LIVRO POR EXCELLENCIA. —

17 O VELHO TESTAMENTO consta dos livros sagrados escriptos antes do nascimento de Jesus Christo.

18 O NOVO TESTAMENTO consta dos livros escriptos, depois da morte de Jesus Christo, pelos seus Apostolos ou discipulos, para nos instruir da sua moral. —

9 - 19 O VELHO TESTAMENTO chama-se tambem *Lei antiga*, e o NOVO TESTAMENTO, *Lei da graça*. A *Lei antiga* não era outra cousa mais do que a promessa de tudo o que se havia de dar na *Lei da graça* ou *evangelica*.

20 O meio mais facil de conhecer a serie dos successos desde a creação do mundo, consiste em dividir a *Historia Sagrada* em sete épocas, a que muitos chamão *Idades do mundo*, a saber: —

124 Primeira epoca — Desde a creação até ao diluvio universal. Comprehende 4:656 annos.

Segunda epoca — Desde o diluvio até á vocação de Abrahão. Comprehende 427 annos.

Terceira epoca — Desde a vocação de Abrahão até á sahida dos Israelitas do Egypto. Comprehende 430 annos.

Quarta epoca — Desde a sahida dos Israelitas do Egypto até á fundação do Templo de Salomão em Jerusalem. Comprehende 479 annos.

Quinta epoca — Desde a fundação do Templo de Salomão até ao fim do captiveiro dos judeus em Babylonia. Comprehende 476 annos.

Sexta epoca — Desde o fim do captiveiro dos judeus em Babylonia até o nascimento de Jesus Christo, no anno 4:004 da creação do mundo. Comprehende 536 annos.

Setima e ultima epoca — Desde o nascimento de Jesus Christo até á pręgação do Evangelho pelos Apostolos. Desde então toma a Historia da nossa Religião o nome de *Historia ecclesiastica* ou da *Igreja*—

### VELHO TESTAMENTO

21 Ensina-nos a *Sagrada Escripura* que Deus, pela sua divina palavra, creou do nada, no espaço de seis dias, o ceo, a terra, os astros, a luz, os animaes, as plantas, finalmente o homem á sua imagem e similhaça.

22 *Adão* foi o nome do primeiro homem, e *Eva* o da primeira mulher. Ambos foram collocados em um jardim de delicias denominado *Eden* ou *Paraizo terrestre*, aonde devião ser immortaes; porém tendo perdido, pela sua desobediencia a Deus, a sua innocencia primitiva, forão expulsos do Paraizo terrestre, e condemnados ao trabalho, a todos os incommodos da vida e á morte; promettendo comtudo o Senhor enviar-lhes um Redemptor (Jesus Christo) para abrir as portas do ceo ao genero humano.

23 Os primeiros filhos de *Adão* e *Eva* forão *Caim* e *Abel*: o primeiro matou seu irmão por inveja; depois amaldiçoado do Senhor, andou fugitivo e vagabundo, perseguido dos remorsos, até que veiu a morrer desastadamente n'um bosque ás mãos de *Lamech*. O terceiro filho de *Adão* foi *Seth*, que se conservou fiel ao Senhor, não obstante a depravação geral.

24 Os descendentes de *Seth* forão os oito Patriarcas, ou chefes das gerações que se lhes seguirão, a saber: *Enós*, *Cainan*, *Malaleel*, *Jared*, *Henoch*, *Mathusalem*, *Lamech* e *Noé*.

25 Os descendentes de *Caim*, que na *Sagrada Escripura* são chamados *Filhos dos homens*, pervertêrão os descendentes de *Seth*, chamados *Filhos de Deus*. Tornando-se geral a corrupção, e irritado o Senhor da ingratição dos homens, resolveu extinguir o genero humano com um diluvio universal; mas

castigo *Noé* e sua familia, ao qual se dignou escolher para ser pai de uma nova geração.

26 Depois do diluvio, vivião reunidos os descendentes de *Noé* nas planicies de Sennar, entre os Rios Tibre e Euphrates; porém forão augmentando a ponto tal, que se virão obrigados a separar-se.

27 Antes porém de o fazerem, pretendêrão construir uma torre que chegasse até ao ceo, não só para immortalisarem seu nome com um soberbo edificio, mas tambem para se defenderem contra o Senhor, se acaso quizesse castigar o mundo com outro diluvio. Deus porém castigou o seu orgulho, e obrigou-os a dispersarem-se.

28 Tão maus como antes do diluvio, entregárão-se então os homens á Idolatria. Querendo porém Deus que ao menos houvesse um povo fiel ao verdadeiro culto, fez escolha de *Abrahão* para ser tronco desse povo; prevenindo-o de que d'elle havia de nascer uma numerosa posteridade e o Salvador ou Redemptor prometido.—

— 29 *Abrahão* habitava a Chaldea, e foi estabelecer-se por ordem de Deus na terra de Chanaan, e ali viveu como estrangeiro assim como *Isaac*, seu filho, e *Jacob*, seu neto.

30 *Jacob* foi o pai dos doze Patriarcas que vierão a ser chefes das doze tribus.

31 *José*, um dos filhos de *Jacob*, tendo sido vendido como escravo por seus irmãos, veio a ser primeiro Ministro do Rei do Egypto. Mandando ir para ali a sua familia, estabeleceu-a na terra de Jessen. —

28 32 Opprimidos pelos Egyptcios os descendentes de *Jacob* ou *Israelitas*, gemião, havia muito tempo, na servidão, quando Deus lhes enviou *Moysés* para os libertar; e pondo-se este á frente de seus irmãos, os guiou para a *Terra da Promissão*. Andárão errantes, sob o seu commando nos desertos da Arabia, pelo espaço de quarenta annos, e receberão d'elle a *Lei escripta* ou os *Dez Mandamentos da lei de Deus*. —

33 Morrendo *Moysés*, sem que o Senhor lhe permit-

tisse entrar na *Terra da Promissão*, a qual elle viu do cimo do Monte Nebo, aonde expirou, ficou *Josué*, seu successor, encarregado do governo do povo Israelita. Foi o mesmo *Josué* quem estabeleceu os Israelitas na *Terra da Promissão*.—

34 Depois da sua morte, começou o governo dos Juizes, que durou trezentos annos; sendo *Samuel* o ultimo, o qual, de mandado de Deus, ungiu a *Saul* para Rei do povo d'*Israel*.

35 A *Saul* seguiu-se *David*, e a *David*, seu filho *Salomão*, celebre pela sua sabedoria, e pelo Templo que edificou em *Jerusalem* em honra do Senhor.

36 Depois da morte de *Salomão*, dividiu-se o Reino; dez tribus rebellárão-se contra *Roboão*, seu filho, e reconhecerão *Jeroboão* como Rei d'*Israel*; o outro Reino tomou o nome de *Reino de Judá*.—

† 37 O Reino d'*Israel* foi destruido por *Salmanazar*, Rei d'*Assyria*, que reduziu ao captiveiro as dez tribus, e as dispersou por toda a *Asia*. O Reino de *Judá* subsistiu ainda cento e trinta annos, até que foi destruido por *Nabuchodonosor*, o qual, na primeira guerra, levou captiva uma parte do povo judaico para *Babylonia*, e na segunda, apoderou-se de *Jerusalem*.—

38 Este captiveiro durou 70 annos, no fim dos quaes forão os judeus libertos por *Cyro*, Rei da *Persia*; e tendo voltado para a *Judéa*, reedificarão o *Templo de Jerusalem*.

39 Governárão-se então pelas suas proprias leis, se bem que sujeitos aos *Persas*.+

40 Depois da morte d'*Alexandre Magno*, ficárão os judeus alternativamente sujeitos aos Reis do *Egypto* ou da *Syria*.+

41 Dois seculos antes de *Jesus Christo*, restabelecerão os Principes *Asmoneos* ou *Machabeos*, por algum tempo, a independencia do povo judaico.

42 Os successores dos *Machabeos* assumirão o titulo de *Reis da Judéa*.

43 *Hircano 2.º*, atacado por seu irmão *Aristóbulo*, invocou o auxilio dos Romanos. *Pompeo* valeu-lhe e

tornou os judeus tributarios, deixando-lhes a sua fórma de governo.

44 O Reino da Judéa foi destruido por Tito, Imperador romano, no anno 70 de *Jesus Christo*.

45 A Historia do povo de Deus, divide-se em quatro estados: 1.º, Sob os Patriarcas; 2.º, Sob os Juizes; 3.º, Sob os Reis; 4.º, Sob os Pontifices ou Antecessores de *Jesus Christo*.—

### NOVO TESTAMENTO

46 Mandou *Cesar Augusto*, Imperador romano, proceder a um recenseamento de todos os povos sujeitos ao seu Imperio; obrigando os chefes de familia a irem á terra da sua naturalidade para alli se alistarem. Em virtude daquella ordem, foi a *Virgem Maria* com o virtuoso *José*, seu esposo, da Nazareth a Bethlem chamada a *Cidade de David*, perto de Jerusalem. Não achando aonde pudessem alojar-se, por isso que todas as casas estavam cheias de gente que alli tinha concorrido para o mesmo fim, virão-se obrigados a recolher-se n'uma estrebaria ou presepio. Foi neste humilde aposento que, na noite de 25 de Dezembro (a que chamamos de Natal) do anno 4004 da criação do mundo, a *Virgem Maria* deu á luz o Redemptor, cujo nascimento lhe tinha sido annunciado pelo Anjo *Gabriel* (1).

47 Correrão logo os pastores das immediações a adorar o Filho de Deus, e voltando para as suas choupanas, glorificarão e publicarão o nascimento do *Messias* promettido, o qual foi circuncidado ao oitavo dia, e recebeu o nome de *Jesus*, que significa *Salvador* (2).

48 Nesse mesmo tempo appareceu uma estrella no Oriente, a qual era a figura da luz que o Redemptor havia de derramar sobre os gentios; e servindo ella de

(1) Chama-se *Annunciação de Nossa Senhora* á festa que a Igreja celebra por este motivo.

(2) É a festa que a Igreja celebra em *Dia de Anno Bom*.

guia a tres Magos (1) que d'alli se dirigirão a Bethlem para adorarem o Menino Deus, estes lhe offerecêrão ouro, como Rei, incenso, como Deus, e myrra, como homem (2).

49 Herodes governava então a Judéa, e ouvindo dizer que era nascido o *Rei dos judeus*, e contar as maravilhas que a seu respeito se espalhavão, receou ver nelle um rival, pelo que mandou tirar a vida a todas as crianças do sexo masculino, da idade de dois annos para baixo, que existissem em Bethlem e seus contornos, a fim de envolver em tão horrorosa mortandade o Redemptor do mundo, que tanta inquietação lhe causava. (3). Avisado porém S. José por um Anjo, que lhe appareceu em sonho, fugiu immediatamente para o *Egypto* com o *Menino Jesus* e a *Virgem Maria*. — 16

50 Morto Herodes, voltou a Familia Sagrada para a Nazareth, aonde *Jesus Christo* viveu pobrememente, até á idade de trinta annos, sem ser conhecido.

51 Pouco antes do nascimento de *Christo*, uma mulher, por nome *Izabel*, parente da *Virgem Maria*, tinha um filho, ao qual foi posto o nome de *João*, e que devia ser o precursor do *Messias*, para annunciar a sua vinda aos judeus. — 18

52 No decimo quinto anno do imperio de *Tiberio*, successor d' *Augusto*, sendo *Poncio Pilatos* Governador da Judéa, *João*, que depois foi chamado *João Baptista*, permaneceu no deserto entregue á maior penitencia, até que, chegando o tempo em que *Jesus Christo* deu principio á sua missão, se apresentou nas margens do Jordão, e annunciando a vinda do *Messias*, baptisava os que corrião para elle exhortando-os á penitencia.

53 Esse baptismo era a figura do que *Jesus Christo* havia depois instituir para remissão dos peccados. — 21

(1) Estes homens não erão judeus; erão philosophos peritos no estudo da Astrologia. Ordinariamente chamão-lhes *Reis Magos*. Seus nomes erão *Gaspar*, *Belchior* e *Balthazar*.

(2) A esta festa, que a Igreja celebra sob o nome de *Epifania*, chama-se communmente *Dia de Reis*.

(3) A Igreja commemora este acontecimento em *Dia dos Santos Innocentes*.

54 *Jesus* sahiu da Nazareth para começar a prégar a sua doutrina, e quiz tambem ser baptisado por *S. João Baptista*, não porque carecesse purificar-se, pois era a summa pureza, mas para assim praticar um acto da maior humildade.

55 Depois retirou-se *Jesus Christo* para o deserto, aonde jejuou quarenta dias e quarenta noites successivas, e foi tentado pelo demonio. —

56 Tendo *Jesus Christo* mostrado a sua divindade com grande numero de milagres, e estando proxima a Pascoa, dirigiu-se com os doze Apostolos a Jerusalem, dizendo-lhes que era aquella a ultima festa que com elles celebrava, porque ia morrer, mas que havia de resuscitar ao terceiro dia.

57 Estes doze Apostolos são: *Simão*, a quem *Jesus Christo* chamou *Pedro*, e *André*, seu irmão; *Thiago*, filho de *Zebedeo*, e *João*, seu irmão; *Filippe* e *Bartholomeu*; *Thomé* e *Matheus*, publicano; *Simão* Cananeo, e *Judas Thadeu*; *Thiago*, filho d'Alpheu, e *Judas Iscariotes*, que depois foi substituido por *Mathias*. —

58 Vendo os escribas e fariseos, com inveja, o respeito e honras que todos tributavão ao Filho de Deus, e offendidos da liberdade com que este os reprehendia de seus vicios, resolvêrão a sua morte.

59 Os escribas são uns doutores dos judeus, e de quem *Jesus Christo* patenteava a ignorancia e má fé.

60 Os fariseos são aquelles que pertendião observar a lei mais rigorosamente do que os outros, mas que, pela maior parte, não passavão de uns hypocritas, orgulhosos e aventos, que enganavão o povo com uma devoção apparente. —

62 Os escribas e fariseos decidirão apoderar se de *Jesus*, mediante a perfidia de *Judas Iscariotes*. Em uma Quinta feira pois (a que chamâmos *Quinta feira d'endoenças*) juntou *Jesus Christo* os Apostolos para com elles celebrar a Pascoa; e lavando-lhes os pés, lhes disse que lhes dava aquelle exemplo de humildade para que o imitassem; que um delles o entregaria, e que

naquelle mesma noite, antes que o gallo cantasse, *Pedro* o havia de negar tres vezes. —

62 Depois dirigiu-se *Jesus Christo* ao *Horto* ou *Monte Olivete*, e prostrando-se por terra, esteve orando muito tempo. Foi nessa occasião que appareceu o traidor *Judas Iscariotes* á frente de uma multidão de homens, aos quaes dissera que prendessem aquelle em quem elle dêsse um osculo. Aproximando-se então de *Jesus*, lhe deu com effeito um beijo: a este signal, foi o Redemptor agarrado, e conduzido a casa de *Annaz*, e d'alli á de *Caifaz* (que era o Summo Sacerdote naquelle anno), aonde soffreu os maiores ultrajes. —

63 *Pedro*, que de longe tinha seguido seu divino mestre, estava sentado no pateo, quando uma criada lhe perguntou se elle era discipulo de *Jesus Christo*, ao que respondeu que nem sequer o conhecia; duas vezes mais lhe fez a mesma pergunta, e outras tantas deu igual resposta. Então ouvindo cantar o gallo, e lembrando-se do que *Jesus Christo* lhe predissera, cahiu em si, e penetrado do maior arrependimento, chorou amargamente. —

64 Depois de condemnado á morte, foi *Jesus Christo* levado de casa de *Caifaz* ao Pretorio, ou Palacio de *Poncio Pilatos*, Governador romano da *Judéa*. —

65 Convencido *Pilatos* da innocencia de *Jesus*, não podia resolver-se a manda-lo matar, e procurou salvá-lo por todos os meios ao seu alcance. Para esse fim, aproveitou o tempo da Pascoa, em que era costume soltar um criminoso á eleição do povo; e como se achasse preso um famoso delinquente chamado *Barrabás*, perguntou aos judeus a quem querião elles que se dêsse a liberdade, se a este, se a *Jesus Christo*; mas tanto influirão no animo do povo os Sacerdotes e Senadores, que todos, a uma voz, disserão que salvassem a *Barrabás*, e crucificassem a *Jesus*.

66 Então, mandou *Pilatos* vir agua, e lavando as mãos, exclamou que estava innocente do sangue daquelle justo. —

67 Preso depois o Salvador a uma columna, e des-

pojado dos seus vestidos, foi açoitado tão cruelmente, que os mesmos verdugos chegarão a cançar, e o seu corpo sagrado se tornou uma viva chaga. Vestiu-se-lhe uma túnica escarlata, e puzerão-lhe, por escarneo, uma corôa d'espinhos na cabeça, e na mão uma cana verde.

68 *Pilatos* apresentou então *Jesus Christo* ao povo, e disse-lhe: — *Ecce homo*, eis-aqui o homem, pensando que applicaria a sua furia vendo a *Jesus* no lastimavel estado em que se achava. Os judeus porém, longe de se sensibilisarem, não cessavão de gritar que o crucificassem. Finalmente, não achando *Pilatos* meio algum de livrar a *Jesus Christo*, entregou-o aos seus inimigos. —

30 69 Os judeus conduzirão *Jesus Christo* a um sitio chamado Gólgatha ou Calvario (fora das portas de Jerusalem) que era o lugar destinado para o supplicio dos malfeitos; obrigarão-no a levar aos hombros o pesado lenho da cruz, e para maior ignominia, foi o Homem Deus crucificado entre dois ladrões.

70 Para denotar a causa da condemnação de *Jesus*, escreveu *Pilatos* de seu proprio punho o seguinte: «*Jesus Nazareno, Rei dos judeus*» e mandou pôr esta inscripção na cruz por cima da cabeça do Redemptor. Dizendo-lhe porém os Principes dos Sacerdotes que não escrevesse *Rei dos judeus*, mas sim que elle se dizia *Rei dos judeus*, respondeu-lhes: *Quod scripsi, scripsi*, o que escrevi, escrevi. —

39 71 Quando *Judas Iscariotes* viu que *Jesus Christo* era condemnado á morte, foi ter com os Principes dos Sacerdotes, a cujos pés lançou os trinta dinheiros que delles tinha recebido, em premio da sua traicão, e depois de ter exclamado que havia peccado em vender o sangue do Justo, enforcou-se cheio de arrependimento. —

72 *Jesus Christo* expirou em Sexta feira (1), aos trinta e tres annos de idade.

73 Foi mettido no sepulcro, e guardado com a maior

(1) Chamada pelos christãos *Sexta feira de Paixão*.

vigilância; mas resuscitou ao terceiro dia (1), deixando attonitos aquelles que pretendião guarda-lo, e appareceu aos seus discipulos pelo espaço de quarenta dias em Jerusalem e na Galiléa. Ordenou-lhes que fossem prégar o Evangelho a todas as nações, e baptisassem em Nome do *Padre*, do *Filho* e do *Espirito Santo*. Deu-lhes poder para remirem os peccados, e prometeu-lhes estar com elles até o fim dos seculos; finalmente caminhando para o Monte Olivete, lugar da sua agonia, alli os abençoou, e subiu ao ceo á vista delles (2).

74 Passados dez dias (3), estando reunidos os Apostolos com *Maria Santissima* no *Cenaculo*, casa situada no Monte Sião, aonde *Jesus Christo* celebrou a última Pascoa com os seus discipulos, desceu o *Espirito Santo* sobre elles, como *Jesus* lhes tinha promettido; encheu-os de sua graça, e depois de terem ordenado o *Credo* ou *Symbolo dos Apostolos*, dispersarão-se para emprenderem a conquista do mundo á custa do seu proprio sangue, prégando o *Evangelho*, que quer dizer: *Boa Nova* ou *Nova venturosa*.

75 *Jesus Christo* assentou os fundamentos da sua Igreja pela vocação de doze de seus discipulos, dos mais pobres e humildes, aos quaes deu o nome d'Apostolos, que significa *Enviados*, e de que já se fez menção. Mostrou ao povo, e principalmente aos mesmos Apostolos, que elle era o *Messias*, Filho de Deus e igual a seu Pai. Ensinou-lhes os Dogmas da Trindade, da Encarnação, da Redempção, das penas e das recompensas eternas; instituiu os Sacramentos; reduziu toda a Lei a dois Mandamentos, isto é, *ao amor de Deus e ao do proximo*; juntou-lhe preceitos de uma

(1) *Domingo de Pascoa*. Esta é a primeira das Festas moveis, e a que as regula. Para se não encontrar com a dos judeus, celebra a Igreja Catholica a Pascoa no primeiro Domingo depois do quatorzeno da lua de Março, isto é, o que se segue á lua cheia mais proxima do equinoccio da Primavera, o qual fôra fixado pela Igreja aos 21 de Março; e esse intervallo não póde deixar de comprehender-se entre 22 do dito mez e 25 d'Abril.

(2) A Igreja celebra este acontecimento em *Quinta feira d'Ascensão*.

(3) *Dia de Pentecostes* ou *Domingo do Espirito Santo*, cincoenta dias depois da Resurreição.

perfeição até então desconhecida, e apresentou Elle mesmo o mais bello modelo na *Oração Dominical*. Predisse os seus soffrimentos, a sua morte e resurreição; a ingratição dos judeus, o castigo que havião de ter, a ruina de Jerusalem; a abolição da synagoga e dos sacrificios; as perseguições; heresias; a fé espalhada por toda a parte; a Igreja sempre invencivel até á consummação dos seculos.

☞ Não permittindo o plano do *Manual Encyclopedico* ser mais extenso em relação á *Historia Sagrada*, de que muito convém ter conhecimento, poderão os estudiosos recorrer á obra intitulada:

## MIMO Á INFANCIA

OU

### MANUAL DE HISTORIA SAGRADA

Ornado de 100 lindas estampas, representando os principaes successos referidos no Velho e no Novo Testamento

Por Emilio Achilles Monteverde

Pelo respectivo annuncio, que vai no fim d'este livro, poder-se-ha ajuizar da utilidade da adopção do dito *Manual de Historia Sagrada*.

## EXAME

- |  |   |
|--|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que é <i>Religião</i>? (1)</li> <li>2. Quem é <i>Deus</i>?</li> <li>3. Quaes são os nossos deveres para com <i>Deus</i>?</li> <li>4. Que vantagens se tirão da <i>Religião</i>?</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>5. É necessaria a <i>Religião</i> na sociedade?</li> <li>6. Em quantas classes se podem dividir as diversas <i>Religiões</i> que existem?</li> <li>7. Que é <i>Monotheismo</i>?</li> </ol> |
|--|---|

(1) A esta numeração corresponde a das respostas, que é a que vai no principio de cada um dos precedentes paragrafos, desde a pagina 27 até a pagina 40.

8. Que se entende pela palavra *Polytheismo*?

9. Como se divide a *Instrução moral e religiosa*?

10. Que é *Dogma*?

11. Que se entende por *Doutrina*?

12. Que quer dizer *Theologia*?

13. Que é *Historia Sagrada*?

14. Que vantagens se tirão do estudo da *Historia Sagrada*?

15. Aonde se achão referidos to-

dos os factos maravilhosos da *Historia Sagrada*?

16. Que quer dizer *Testamento* em relação á *Historia Sagrada*?

17. De que se compõe o *Velho Testamento*?

18. Quaes são os livros de que consta o *Novo Testamento*?

19. Que nomes tem mais o *Velho* e o *Novo Testamento*?

20. Em quantas épocas se pôde dividir a *Historia Sagrada*, e quaes são ellas?

## Velho Testamento

21. Como creou Deus o mundo?

22. Qual foi o nome do primeiro homem, o da primeira mulher e o castigo que tiveram?

23. Quem forão os primeiros filhos de *Adão* e *Eva*, e por que crime se assignalou *Caim*?

24. Quem forão os descendentes de *Seth*?

25. Como são chamados na *Sagrada Escripura* os filhos de *Caim*, e a que castigo derão lugar pela sua ingratidão para com Deus?

26. Aonde e como vivêrão, depois do dilúvio, os descendentes de *Noé*?

27. Que pretendêrão edificar antes de se separarem, e como castigou Deus o seu orgulho?

28. A que se entregáron os homens depois da sua separação, e quem foi o tronco do povo fiel ao verdadeiro Deus?

29. Aonde foi estabelecer-se *Abrahão*?

30. Quem foi o pai dos chefes das doze *tribus*?

31. Que sorte teve José depois de ter sido vendido por seus irmãos?

32. Quem enviou Deus para libertar os Israelitas; quanto tempo andáron errantes no deserto, e que recebêrão elles de *Moyse*s?

33. Quem estabeleceram os Israelitas na *Terra da Promissão*?

34. Que governo se seguiu ao de *Josué*, e quem foi *Samuel*?

35. Quem se seguiu a *Saul*?

36. Que divisão houve no povo d'Israel depois da morte de *Salomão*?

37. Por quem foi destruido o *Reino d'Israel*, e quanto tempo existiu o *Reino de Judá*?

38. Que tempo durou o captivoiro do povo judaico?

39. Como se governáron os judeus depois da sua volta para a *Judéa*?

40. A quem ficáron sujeitos os judeus depois da morte d'*Alexandre*?

41. Quem estabeleceram por algum tempo a independencia do povo judaico?

42. Que título tiveram os successores dos *Machabeos*?

43. Como se tornáron os judeus tributarios dos Romanos?

44. Quem destruiu o *Reino de Judéa*?

45. Como se divide a historia do povo de Deus?

## Novo Testamento

46. Porque se dirigiu a *Virgem Maria* com *S. José* a *Bethlem*, e em que local nasceu o Redemptor do mundo?

47. Que praticáron os pastores, logo que tiveram noticia do nascimento do *Messias*, e que significa o nome de *Jesus*?

48. Como forão guiados a Bethlem os tres Magos, e que offercêrão estes ao *Menino Deus*?

49. Que praticou *Herodes* com o fim de fazer morrer o *Menino Deus*?

50. Aonde e como viveu *Jesus Christo* até á idade de trinta annos?

51. Quem foi o precursor do *Messias*?

52. Para que se dirigiu *S. João Baptista* ás margens do *Jordão*?

53. Que significava o baptismo ministrado por *S. João Baptista*?

54. Porque quiz *Jesus* ser baptisado por *S. João Baptista*?

55. Que tempo passou *Jesus Christo* no deserto, e que praticou alli?

56. Como mostrou *Jesus Christo* a sua divindade, e que disse aos Apostolos quando viu aproximar a *Pascoa*?

57. Quaes são os nomes dos Apostolos?

58. Que resolvêrão os *escribas e fariseos*?

59. Quem erão os *escribas*?

60. Quem erão os *fariseos*?

61. De quem se valêrão os *escribas* e os *Fariseos* para se apoderarem de *Jesus Christo*?

62. Aonde se dirigiu *Jesus Christo* depois de ter lavado os pés aos Apostolos, e como o atraçou *Judas Iscariotes*?

63. Quando foi que *S. Pedro* negou a *Jesus Christo*?

64. Aonde foi conduzido *Jesus Christo* depois de condemnado á morte?

65. Que meios empregou *Pilatos* para livrar da morte a *Jesus Christo*?

66. Que praticou *Pilatos* vendo que o povo votára a absolvição de *Barrabás*?

67. Que tormentos e offensas fizeram os judeus soffrer a *Jesus Christo* antes de o crucificarem?

68. Que disse *Pilatos* ao apresentar *Jesus Christo* ao povo?

69. Aonde e entre quem foi *Jesus Christo* crucificado?

70. Que escreveu *Pilatos* para denotar a causa da condemnação de *Jesus Christo*?

71. Que fim teve *Judas Iscariotes*?

72. Em que dia expirou *Jesus Christo*, e que idade tinha?

73. Quando resuscitou *Jesus Christo*, quantos dias appareceu aos seus discipulos, e aonde, que lhes ordenou que praticassem, e que promessa lhes fez?

74. Quando e aonde desceu o *Espirito Santo* sobre os Apostolos, e que significa *Evangelho*?

75. Porque meo assentou *Jesus Christo* os fundamentos da sua Igreja; que ensinou aos Apostolos, e que significa esta palavra?

## LIVROS CANÓNICOS DE QUE SE COMPÕE A BIBLIA

A *Escriptura Sagrada*, ou a *Biblia*, é a collecção dos Livros escriptos por inspiração de Deus por aquelles a quem enviou, em diferentes épocas, para declarar aos homens os mysterios que aprouve revelar-lhes, dar-lhes as Suas leis, e annunciar-lhes a Sua vontade.

Os Livros sagrados que a Igreja reconhece como canonicos são setenta e dois, cujo catálogo foi mandado publicar pelo *Concilio de Trento*, ou *Tridentino*, em 1546. Destes, quarenta e cinco pertencem ao *Velho Testamento*, e vinte e sete ao *Novo Testamento*.

Os **Livros do Velho Testamento** dividem-se em quatro classes; a saber:

- 1.<sup>a</sup> Pentateuco ou Livros da Lei (1).
- 2.<sup>a</sup> Livros historicos.
- 3.<sup>a</sup> Livros sapienciaes.
- 4.<sup>a</sup> Livros profeticos.

O Pentateuco contém os cinco primeiros Livros do *Velho Testamento*, escriptos por *Moysés*; a saber: o *Gênesis*, o *Exodo*, o *Levitico*, os *Numeros* e o *Deuteronomio*. —

1.<sup>o</sup> O *Gênesis* (2) trata da criação do mundo, da vida dos Patriarcas, do diluvio universal, da dispersão dos homens pela terra; de Abrahão e sua descendencia até á morte de José.

2.<sup>o</sup> O *Exodo* refere a saída dos Israelitas do *Egypto* conduzidos por *Moysés*, e os trabalhos que na sua peregrinação passarão; as pragas do *Egypto*, a passagem do Mar Vermelho, a Lei escripta, ou Decálogo, dada por Deus a *Moysés* sobre o Monte Sinai, e a adoração do bezerro de ouro.

3.<sup>o</sup> O *Levitico* trata dos Levitas, ou descendentes de *Levi*, encarregados dos sacrificios e das ceremonias da Religião judaica. —

4.<sup>o</sup> O Livro dos *numeros* contém a enumeração que *Moysés* fez do seu povo; o tremendo castigo de *Coré*, *Dathan*, *Abiron* e outros successos.

5.<sup>o</sup> O *Deuteronomio* é a recapitulação dos preceitos dados aos Israelitas por *Moysés*, e considerados, por assim dizer, como uma segunda lei.

Os Livros historicos são os de *Josué*, *Juizes*, *Ruth*, os quatro dos *Reis*, os dois dos *Paralipómenos* ou *Sup-*

(1) São assim chamados por conterem os preceitos que Deus deu ao seu povo.

(2) *Gênesis* é uma palavra grega, que significa *geração*. Deu-se pois este nome ao primeiro Livro escripto por *Moysés*, porque n'elle se descreve a criação do mundo, a formação do primeiro homem e a genealogia de seus descendentes.

plementos, primeiro e segundo d' *Esdras*, os Livros de *Tobias*, *Judith*, *Esther*, *Job* e os dois Livros dos *Machabeos*. —

Os Livros sapienciaes são: as *Parábolas*, ou *Proverbios de Salomão*, o *Ecclesiastes*, o *Cantico dos Canticos*, o *Livro da Sabedoria* e o *Ecclesiastico*.

Os Livros profeticos são dezeseite, a saber: os *Psalms* de *David*, e os escriptos pelos Profetas.

O Livro dos *Psalms* de *David*, ou *Psalterio*, contém a collecção de cento e cincoenta *Psalms*, ou hymnos sagrados, compostos, pela maior parte, pelo Rei *David*. De todos os Livros do *Velho Testamento*, o dos *Psalms* é aquelle cuja lição se deve reputar a mais util e proveitosa a toda a classe de pessoas. —

Os Livros dos Profetas dividem-se em duas classes; a saber: *Profetas maiores* e *Profetas menores*.

Os Profetas maiores são quatro: *Isaiás*, *Jeremias*, *Ezequiel* e *Daniel*.

Os Profetas menores são doze: *Oseas*, *Joel*, *Amós*, *Abdias*, *Jonas*, *Miquéas*, *Nahum*, *Habacuc*, *Sophonias*, *Aggeu*, *Zacarias* e *Malaquias*.

Em todos estes livros se annuncia a vinda, virtudes e milagres de *Jesus Christo*; a sua vida e paixão, e a Igreja que havia de fundar. N'elles se estabelece a verdadeira revelação. —

Os Livros do Novo Testamento são os seguintes:

- 1.º Os Quatro Evangelhos.
- 2.º Os Actos dos Apostolos.
- 3.º As Epistolas de S. Paulo, S. Thiago, S. Pedro, S. João e S. Judas.
- 4.º O Apocalypse.

Os Quatro Evangelhos, escriptos por S. *Matheus*, S. *Marcos*, S. *Lucas* e S. *João*, contém as acções maravilhosas de *Jesus Christo* até á sua Ascensão ao ceo.

Os Actos dos Apostolos. Este Livro, de que S. *Lucas* é auctor, comprehende a narração do acontecido desde a Ascensão do Senhor, bem como a vinda do

Espirito Santo; o estabelecimento da Igreja e varias acções dos primeiros defensores da fé christã. —

As **Epistolas** são vinte e uma; sendo quatorze escriptas por *S. Paulo*, uma por *S. Thiago*, duas por *S. Pedro*, tres por *S. João*, uma por *S. Judas Thadeu*. Todas ellas contêm a mais solida doutrina do Christianismo, e as exhortações que os Apostolos fazião aos primeiros fieis sobre a pratica das virtudes.

O **Apocalypse ou revelação**, escripto por *S. João Evangelista*, na Ilha de Pathmos, é o ultimo *Livro do Novo Testamento*. Contêm as mysteriosas revelações feitas por Deus áquelle Santo durante o seu exilio na mesma Ilha.

Dá-se o nome de *Versão dos Setenta* a uma famosa traducção, em grego, do *Velho Testamento*, feita, segundo se crê geralmente, por setenta traductores, de ordem de *Ptolomeo philadelpho*, Rei do Egypto. É a mais antiga de todas.

A *Biblia latina*, de que se faz uso na Igreja Catholica Romana e chamada a *Vulgata*, é a traducção feita por *S. Jeronymo*.

☞ O *Velho Testamento* foi escripto em hebraico, e o *Novo Testamento* quasi todo em grego. —

### ESTABELECIMENTO DA IGREJA DE JESUS CHRISTO

A palavra *Igreja*, segundo a linguagem commum, é o mesmo que o lugar ou edificio destinado ao culto divino; porém na sua accepção mais geral, é uma sociedade estabelecida por *Jesus Christo*, a qual, governada por certas auctoridades, e especialmente pela do Papa ou Summo Pontifice, successor de *S. Pedro*, tem por objecto dar ao verdadeiro Deus o devido culto, para se conseguir a salvação eterna.

A *Igreja é Uma, Santa, Catholica e Apostolica*. É *Uma*: 1.º, porque todos os seus membros formão um só corpo, cuja cabeça visivel é o Papa, Vigario de *Christo* na terra, e successor de *S. Pedro*; 2.º, porque todos professão a mesma fé, participão dos mesmos Sa-

cramentos, e têm a mesma esperança. É *Santa*, pelo seu Fundador e Cabeça Universal, que é *Jesus Christo*; pela sua doutrina; pelos seus Sacramentos, e porque só nella e por ella pôde o homem sanctificar-se e salvar-se. Chama-se *Catholica*, isto é, universal, por não ter por limites nem os tempos nem os lugares. Abrange todos os tempos, porque tem sempre subsistido sem interrupção alguma, e subsistirá até á consummação dos seculos, segundo a promessa do seu Divino Auctor. Abrange todos os lugares, porque os fieis que a compõe, chamados catholicos, se achão espalhados por todo o mundo. É *Apostolica*: 1.º, porque foi fundada pelo ministerio dos Apostolos; 2.º, porque é governada pelos successores dos Apostolos; 3.º, porque cre e ensina tudo quanto os Apostolos crêrão e ensinarão.

Segundo *Jesus Christo* tinha ordenado, separarão-se os Apostolos, e alguns delles penetrarão até aos paizes mais remotos para annunciarem a feliz nova do Reino de Deus. Communicando-lhes o Senhor o seu poder celestial, obrarão grande numero de milagres em seu santo nome; curarão muitas enfermidades, e resuscitarão muitos mortos. Tocadas as almas rectas e sinceras pelos milagres que presencavão, ouvião attentamente as palavras dos Apostolos, e abrião seus corações á fé.

Foi assim que a Igreja de *Jesus Christo* se fundou, e augmentou cada vez mais.

Os fieis convertidos forão chamados *christãos*, do nome de seu Divino Mestre. De dia para dia cresceu o seu numero; homens e mulheres, moços e velhos, ricos e pobres, judeus e pagãos, todos união as suas almas em *Jesus* pela fé e pelo amor.

Em toda a parte aonde se fundava a *Igreja Christã*, estabelecão os Apostolos mestres que, penetrados do mesmo espirito que elles, pudessem prégár o Evangelho aos fieis que lhes deixavão confiados. Desde logo soffrêrão os christãos crueis perseguições; estas porém vivificavão cada vez mais a fé; brotando milhares de christãos d'onde corria o sangue de cada martyr.

## PRINCIPAES PERSEGUIÇÕES DA IGREJA CHRISTÃ

O estabelecimento da Religião Christã, apesar dos grandes obstaculos que se lhe oppunhão, e das perseguições que soffreu pelo espaço de tres seculos, é, por certo, uma das provas mais evidentes da verdade da mesma Religião.

Contão-se ordinariamente vinte e quatro perseguições exercidas contra os christãos desde *Jesus Christo* até nossos dias; mas o Padre *Riccioli* acrescenta-lhes duas. De todas ellas houve dez principaes, durante os tres primeiros seculos da Era de Christo, isto é, até á Paz da Igreja.

A primeira foi no tempo de *Nero*: começou no anno 64 de *Jesus Christo*, e durou até ao anno de 68, em que tendo aquelle Imperador mandado deitar fogo á cidade de Roma, só pelo gosto de a ver arder, accusou os christãos daquelle crime; e não se contentando com os supplicios ordinarios, lançou mão dos mais barbaros, para se deleitar com os tormentos das suas victimas. Uns forão expostos aos animaes ferozes no circo; outros, vestidos com tunicas untadas de pez, ás quaes se punha fogo para servirem d'archotes, perecêrão assim no meio das chammas e de horriveis tormentos. *S. Pedro* e *S. Paulo* forão martyrisados naquella occasião.

A segunda perseguição principiou no anno 92, no tempo de *Domiciano*, digno emulo de *Nero*, que mandou tirar a vida até aos seus proprios parentes por se terem feito christãos, e lançar *S. João Evangelista* n'uma caldeira d'azeite a ferver.

A terceira perseguição foi suscitada no anno 107 por *Trajano*, do qual comtudo a historia louva a sabedoria e clemencia. Aquelle Principe não promulgou edito particular contra o Christianismo, mas deixou executar nas differentes Províncias do Imperio, as leis barbaras promulgadas pelos seus antecessores.

A quarta perseguição foi movida por *Marco Aurelio*

no anno 162; e em quanto ella durou, houve muitos martyres. Os fieis são dilacerados aos açoites, e estendidos todos ensanguentados sobre conchas e pedras agudas para se lhes abater o valor com o rigor do supplicio; mas elles permanecião firmes na sua fé, e morrião abençoando em alta voz o nome de *Jesus Christo*.

A quinta perseguição principiou no tempo do Imperador *Severo*, o qual publicou um sanguinolento edito contra os christãos, no anno 202, fazendo-o executar com tanto rigor, que os fieis julgáram ser chegado o tempo do Anti-Christo.

A sexta perseguição foi excitada no anno 235 pelo Imperador *Maximino*, que ordenou a pena de morte só contra os Bispos: mas a maior parte dos magistrados applicáram-na a todos os padres de que poderão apoderar-se, e até mesmo a muitos leigos.

*Decio* começou a septima perseguição no anno 250: foi uma das mais violentas.

Pelo anno 257, foi *Valeriano* o auctor da oitava perseguição, em que morrerão os Papas *Santo Estevão* e *S. Xisto*. Durou tres annos.

A perseguição de *Aureliano*, que foi a nona, principiou no anno de 272.

A decima perseguição foi a dos Imperadores *Diocleciano* e *Maximiano*, começada no anno 300, e continuada por *Maximino* e *Maxencio*. Foi a mais longa e a mais violenta de todas. Nella morrerão cinco Papas.

Naquelles tempos de perseguição, refugiavão-se os christãos que se achavão em Roma, para se subtrahirem ao odio de seus inimigos, em subterraneos conhecidos pelo nome de *catacumbas*. Era naquelles lugares acanhados e sombrios que elles praticavão o seu culto, que celebravão as suas reuniões, e sepultavão occultamente os seus irmãos immolados pelos pagãos.

O primeiro Imperador romano que abraçou publicamente a Religião Christã, e restituiu a paz á Igreja, foi *Constantino Magno*, no anno 312, ordenando que fosse d'alli em diante a Religião do Imperio.

Conta-se a este respeito que quando *Constantino* es-

tava sitiando a *Maxencio*, em Roma, lhe apparecêra no ar, logo depois do meio dia, uma cruz luminosa, com esta inscripção: *In hoc signo vinces*, cuja traducção é: *Por este signal vencerás*, o que naquella noite lhe foi confirmado em sonho por Deus, que lhe ordenou se servisse do mesmo signal para estandarte das suas tropas. O panno em que aquelle Imperador mandou pôr a imagem triunfante da cruz, é o famoso *Labarum*, de que sempre se serviu na guerra. Seus successores imitarão-no, e este uso se generalisou depois entre todos os Principes christãos. Dando batalha a *Maxencio*, ficou victorioso, e assim livrou Roma de um tyranno, e a Igreja, de um perseguidor. Com este successo abjurou publicamente o Paganismo, e abraçou o Christianismo.

A cruz que até então havia sido um objecto de ignominia e o supplicio dos escravos, tornou-se um signal de salvação e de gloria. Foi collocada sobre o Capitolio como a mais segura defeza do povo romano e de todo o Imperio, mas principalmente para annunciar ao universo a victoria de um Deus crucificado, e o triunfo do Christianismo sobre a Idolatria.

#### HERESIA, SCISMA, CONCILIO, SETA

Depois de *Constantino* ter dado a paz á Igreja, ainda esta padeceu mais algumas perseguições dos *hereses* e *scismaticos*.

Chama-se *heresia* a doutrina ou erro condemnado pela Igreja; *heresiarca*, o auctor de uma *heresia*: *Calvino* e *Luthero* erão *heresiarcas*. *Herege* é aquelle que segue ou defende a *heresia*.

Dá-se o nome de *scismas* a varias divisões que se tem estabelecido na Religião Christã, e de *scismaticos* aquelles que as seguem.

*Concilio* é a reunião de ecclesiasticos, legitimamente convocados, para regularem a disciplina da Igreja, e reformarem os abusos que acaso nella se tenham podido introduzir. Celebrão-se *concilios* de quatro modos, a

saber: 1.º, *Concilio geral* ou *ecumenico*, quando assistem a elle todos os Bispos da christandade, e o Papa preside em pessoa, ou pelos seus Legados; 2.º, *Concilio nacional*, quando se compõe dos Bispos de um reino, ou de uma nação, presidido por um Patriarca ou Primaz; 3.º, *Concilio provincial*, quando consta sómente dos Bispos de uma provincia, presididos pelo metropolitano; 4.º, *Concilio diocesano*, quando é composto de todo o clero de uma diocese, presidido pelo Bispo.

Antigamente dava-se aos *concilios* o nome de *synodos*: mas a significação desta palavra é hoje restricta ás assembléas que cada Bispo faz dos parocos da sua jurisdicção, para reformar a disciplina e costumes dos ecclesiasticos que lhe estão sujeitos.

O tribunal que decide, em ultima instancia, as controversias da fé, é o *concilio geral* ou *ecumenico*.

Tem havido vinte e um *concilios ecumenicos* (1).

O primeiro foi o de Nicéa, cidade de Bythinia, na Asia menor, convocado no anno 325 da Era christã pelo Imperador *Constantino*, que assistiu ao mesmo concilio: o ultimo foi o de *Trento*, cidade episcopal de Italia, o qual principiou em 1545, e durou até 1563. Este *concilio* foi convocado pelo Papa Paulo III, a pedido do Imperador Carlos V, de Allemanha, e 1.º de Hespanha, para condemnar os erros de *Martim Lutero*, e reformar e firmar a disciplina ecclesiastica (2).

Este *concilio* deve ser considerado como um compendio dos demais *concilios*.

*Seita* é um nome colectivo, debaixo do qual se designão muitas pessoas que tem abraçado opiniões particulares. Esta palavra, quando se trata de religião,

(1) Não concordão os auctores ácerca do numero de *concilios ecumenicos* que tem havido; mas sobre os oito primeiros, não ha contestação alguma.

(2) Na terceira e ultima abertura deste *concilio* (no reinado d'ElRei D. Sebastião), assistiu a elle, juntamente com os outros Portuguezes, D. Frei *Bartholomeu dos Martyres*, Arcebispo de Braga. A respeito dos *concilios*, consultem-se as seguintes obras: *Dictionnaire portatif des conciles*. — *Portuguezes nos concilios geraes*, por ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO, etc.

toma-se sempre á má parte, porque só uma opinião é verdadeira, isto é, a adoptada pela Igreja Catholica, e da qual não é licito afastar-se.

### LEI NATURAL, LEI ESCRITA, LEI DA GRAÇA, TRADIÇÃO

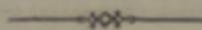
As leis que Deus communicou ao mundo são tres, a saber: a *Lei natural*, a *Lei escripta* e a *Lei da graça*.

Entende-se por *Lei natural* aquelles principios inalteraveis que emanão do conhecimento da existencia de Deus, e da natureza da razão humana, pelos quaes o homem ama o bem, e aborrece o mal. Um dos preceitos da *Lei natural*, e o mais conhecido e extenso em suas consequencias é este: «*Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem.*»

A *Lei escripta* ou o *Decálogo* são os dez *Mandamentos* que Deus deu a *Moyisés* sobre o Monte Sinai, chamados tambem as *Taboas da Lei*. Estes dez *Mandamentos*, que estavam gravados em duas taboas de pedra, são o resumo de todos os preceitos da *Lei natural*, e delles os tres primeiros comprehendem os deveres do homem para com Deus, e os outros sete, os deveres do homem para com o proximo.

A *Lei da graça* ou *evangelica* é a propria *Lei escripta*, em toda a sua perfeição, e que *Jesus Christo* nos deu e confirmou com os seus muitos milagres.

*Tradição* é a doutrina por *Jesus Christo* revelada de viva voz aos Apostolos, e destes transmittida aos fieis, de geração em geração, sem que se ache mencionada na *Biblia*.



### DAS LINGUAS E SUA DERIVAÇÃO

1 Lingua é o systema ou collecção de palavras com que se exprimem os pensamentos.

2. As linguas dividem-se em *antigas* ou *mortas*, e *modernas* ou *vivas*. As *linguas mortas* são aquellas que fallavão os povos que não tem existencia politica, e hoje já se não fallão: as *vivas* são as que fallão as diversas nações existentes. — As principaes *linguas mortas* da antiguidade, são: o *hebraico*, o *grego* e o *latim*.

3 O *hebraico* é a lingua que fallavão os judeus: é nesta mesma lingua que estão escriptos os livros que compõem o que se chama *Velho Testamento*. Como estes livros contém o que ha mais sagrado para nós, isto é, a historia e os fundamentos da nossa religião, conservou-se preciosamente a sua intelligencia; e eis-aqui o que tirou do esquecimento esta lingua, uma das primeiras que os homens fallarão.

4 O *grego* talvez tivesse seguido a sorte commum, se não houvesse sido illustrado por tantos sabios escriptores. — Os *Romanos*, que forão os vencedores dos *Gregos*, estudarão a sua bella lingua, e imitarão as suas melhores obras. — Entre ellas, deve notar-se a *lliada* e a *Odysséa*, pelo insigne poeta HOMERO, dois grandes poemas que forão compostos haverá tres mil annos, e que até hoje ainda não forão excedidos: na *lliada* canta o mesmo poeta a guerra de Troya ou *Illion*; na *Odysséa*, as viagens de Ulysses (1).

5 Os *Romanos*, que fallavão a lingua latina, cultivarão as Bellas Letras á imitação dos *Gregos*, e produzirão igualmente obras que tem merecido a approvação de todos os seculos desde então decorridos. — O mais bello poema latino é a *Encida* de VIRGILIO. Este auctor chamou *Eneida* ao que escreveu de *Enéas*, isto é, ao poema em que são cantadas a fuga de *Enéas* e a fundação do seu Imperio, do mesmo modo que STACIO chamou *Thebaida* ao poema em que descreveu a acção dos dois irmãos em *Thebas*, e *Achilleida* ao poema das acções de *Achilles*.

6 O conhecimento da lingua latina é da maior utili-

---

(1) A lingua grega antiga usa-se nas ceremonias da religião dos povos que seguem os Dogmas da Igreja Grega, como o latim na Igreja Catholica.

dade: serve, em primeiro lugar, para sabermos melhor a nossa propria lingua, que se deriva do latim (4); depois para nos inspirar o gosto pela leitura das obras primas compostas naquelle idioma.

7 Chamão-se *linguas matrizes* aquellas de que se formarão outras.

8 Da *lingua latina* derivão-se quatro linguas: portugueza, franceza, hespanhola e italiana.

9 Da *teutonica*, a allemã, hollandeza, ingleza, sueca, prussiana e dinamarqueza.

10 Da *slava* ou *esclavonica*, a russa, hungara e polaca.

11 Da *grega*, os diversos dialectos do grego moderno e a lingua turca, em parte.

12 Alem d'estas, ha outras muitas linguas proprias dos habitantes da Asia, Africa, America e Oceania, cuja nomenclatura seria mui extensa, e ainda mais se se pretendesse enumerar todos os dialectos a que ellas deão origem.

13 As principaes linguas vivas que se fallão na Europa são: o *francez*, *allemão*, *inglez*, *portuguez*, *hespanhol*, *italiano*, *sueco*, *dinamarquez*, *hollandez*, *russo* e *grego moderno*.

14 O conhecimento da lingua franceza é da maior utilidade, por isso que se falla em todas as côrtes da Europa, em muitos lugares da Asia, Africa e em uma grande parte da America; podendo dizer-se que é uma lingua universal. — Assim, todas as pessoas que desejão instruir-se, devem dedicar-se ao seu estudo, por isso que encontrarão um numero infinito d'excellentes obras

(4) Veja-se: *Flores de España, excelencias de Portugal*, por ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, a pag. 272 e 273, aonde se achão varias orações compostas de palavras portuguezas que também são latinas, e com a mesma significação, como por exemplo:

«O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales, nobilissima Lingua Lusitana, cum tua facundia excessivamēte nos provocas, excitas, inflammās: quam altis victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam per jersas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa e de metro tantas elegancias latinas, etc.» Veja-se também *Discursos varios politicos* por MANOEL SEVERIM DE FARIA.

originariamente escriptas naquella lingua, e outras que são a traducção dos melhores auctores que tem apparecido em todos os paizes (4).

15 O conhecimento da lingua ingleza é igualmente de muito proveito, maxime para quem se dedica ao commercio e á navegação.

16 Pelo que respeita á nossa lingua, é necessario estudar, com todo o cuidado, as suas regras para aprender a fallar com elegancia e correcção. Bem fallar, não é cousa indifferente; pois aquelles que tem essa vantagem, dão boa idéa da educação que recebêrão; agradão pelo seu modo de se expressar; fazem o deleite da sociedade, e, nas occasiões, sabem pugnar pelos seus direitos de maneira a persuadir que a razão está pela sua parte.




---

(4) Como é muito de suppor que aquelles que estudarem pelo *Manual encyclopedico* desejem aprender a lingua franceza, julgamos dever lembrar-lhes a seguinte obra: **Grammatica franceza theórica e prática**, ou *methodo inteiramente novo em Portugal para se aprender, com muita brevidade e perfeição, a fallar e escrever o idioma francez por meio do portuguez*, por EMILIO ACHILLES MONTEVERDE, 5.<sup>a</sup> edição, approvada pela JUNTA CONSULTIVA DE INSTRUÇÃO PUBLICA. Convém advertir que esta Grammatica reúne a circumstancia de conter não só tudo quanto exige o programma official, *mandado observar nos lyceus nacionaes* por portaria de 24 de Dezembro de 1870, mas tambem muitas outras noções que a experiencia, de não poucos annos, tem mostrado serem da maior utilidade para quem pertende aperfeiçoar-se no conhecimento da lingua franceza.

Vende-se em quasi todas as lojas aonde se acha o *Manual encyclopedico*.

Veja-se o respectivo annuncio no fim deste livro.

## DA GRAMMATICA PORTUGUEZA

**P.** Que quer dizer **Grammatica**?

**R.** Grammatica é a sciencia ou conhecimento das palavras escriptas ou falladas, isto é, dos elementos das linguas.

**P.** Como se divide a **Grammatica**?

**R.** Em geral e particular.

*Grammatica geral* é a sciencia dos principios communs a todas as linguas.

*Grammatica particular* é a arte que ensina a fallar e escrever sem erros uma lingua; assim, a Grammatica portugueza é a arte, ou collecção de regras que ensina a fallar e escrever correctamente a nossa lingua (1).

**P.** De quantas partes consta a Grammatica?

**R.** De quatro, a saber: *etymologia*, *syntaxe*, *prosodia* e *orthographia*.

A *etymologia* ou *lexicologia* ensina a conhecer a origem, natureza e as diversas especies de palavras e suas propriedades.

A *syntaxe* ou *orthologia* trata do arranjo e construcção das palavras e das frases, segundo as regras da Grammatica, isto é, ensina a compor sem erros a oração.

A *prosodia* ou *orthophonia* ensina a accentuação das syllabas para bem pronunciar as palavras.

A *orthographia* ou *lexicographia* estabelece as regras para escrever sem erros as palavras, e ensina o uso da pontuação.

## DA ETYMOLOGIA

## CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

**P.** Quantas especies de palavras ha na lingua portugueza?

**R.** Os grammaticos não são concordes quanto ao seu numero, visto pretenderem uns que são oito, outros nove, outros dez, etc.; adoptando porém a opinião mais

---

(1) O modo de indicar o plural, a formação dos tempos dos verbos, etc., em portuguez, é um principio de *Grammatica particular*, porque esse modo não é o mesmo em todas as linguas.

geralmente seguida, diremos, que são oito, a saber: *nome, artigo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção e interjeição.*

P. Como se chamão as palavras em geral?

R. Chamão-se *partes* ou *elementos* da oração.

P. Que é *oração*?

R. É um aggregado de palavras com que exprimimos os nossos pensamentos.

P. Como se dividem as palavras em razão das suas formas accidentaes?

R. Em *variaveis* e *invariaveis*.

Palavras variaveis. São o *nome*, o *artigo*, o *pronome* e o *verbo*.

P. Porque se chamão variaveis?

R. Porque mudão de significação alterando a sua terminação.

Palavras invariaveis. São o *adverbio*, a *preposição*, a *conjuncção* e a *interjeição*.

P. Porque se dizem invariaveis?

R. Porque não varião de significação nem de terminação.

#### DO NOME

P. Que é **nome**?

R. Nome, geralmente fallando, é uma palavra com que se dão a conhecer as pessoas e as cousas e suas qualidades.

P. Como se divide o nome?

R. Em *substantivo* e *adjectivo* (1).

P. Que se entende por substantivo?

R. A palavra que significa um ente animado, uma coisa perceptivel, ou que affecta os sentidos, exemplo: *Homem, casa, bulha, cheiro, etc.*, ou que só subsiste na idéa, como: *Virtude, bondade, etc.*

P. Como se chamão os substantivos que só subsistem na idéa ou imaginação?

R. Substantivos *ideaes* ou *abstractos*.

P. Qual é a regra para se conhecer o substantivo?

R. Ver se lhe pôde antepôr algumas das palavras *um* ou *uma*, *uns* ou *umas*; assim, *castiçal, banca*, são substantivos, porque se pôde dizer: *um castiçal, uma banca, etc.*

(1) Alguns grammaticos pertendem que *nome* e *substantivo* são synonymos, e que o *adjectivo* forma outra parte da oração.

## Divisão dos substantivos

P. Como se dividem os substantivos em razão da sua significação?

R. Em *proprios, communs e collectivos*.

Nomes substantivos propios ou individuaes. São aquelles que convem a uma só pessoa, a uma familia, ou a um só objecto determinado, exemplo: *Antonio, Europa, Roma, Lisboa, Sol, Lua, etc.* (1).

Substantivos communs. São os que convêm a todos os individuos da mesma especie, como: *Homem, rio, arvore, casa, etc.*

Substantivos collectivos. São aquelles que, no singular, apresentam a idéa de muitas pessoas ou de muitos objectos, exemplo: *Exercito*, que significa a reunião de muitos soldados; *reino*, de muitas cidades; *armada*, de muitos navios; *rebanho*, de muitos animaes, etc.

P. Como se dividem os substantivos em razão da sua formação?

R. Em *primitivos e derivados; augmentativos e diminutivos; simples e compostos*.

Primitivos. São os que se não derivão de outra palavra, como: *Pedra, livro, lança, etc.*

Derivados. São os que tem a sua origem n'outras palavras, da mesma lingua, exemplo: *Pedrada, de pedra; livraria, de livro; lançada, de lança. etc.*

Augmentativos e diminutivos. A classe de derivados pertencem os augmentativos, isto é, os que augmentão a significação dos primitivos, como quando se diz: de *rapaz, rapagão*; de *homem, homemzarão, etc.*, e os diminutivos, ou os que a diminuem, como quando dizemos; de *rapaz, rapazinho*; de *homem, homemzinho, etc.*

Os augmentativos, na lingua portugueza, terminão em *ão*, pela maior parte, exemplo: *Patacão*, cujo primitivo é *pataca, etc.*

Os diminutivos formão-se igualmente dos primitivos, accrescentando-lhes alguma das terminações *inho, inha,*

---

(1) Certos nomes propios podem algumas vezes ser empregados como *substantivos communs*, para designarem, não um individuo em particular, mas todos aquelles que se lhe assemelham, como: Os *Homeros* e os *Virgílios* são raros, etc., querendo-se alludir aos poetas que poderião ter o talento de *Homero* e de *Virgilio*.

*ete* ou *eta*, exemplo: *Filhinho*, de *filho*; *varinha*, de *vara*; *livrete*, de *livro*; *ilheta*, de *ilha*; *villeta*, de *villa*. Tambem se diz: *ilhota*, *livrinho*, etc.

Não é possível estabelecer uma regra geral para a formação dos augmentativos e diminutivos. —

Nomes substantivos simples. São aquelles que se não compõem de outros, exemplo: *Consul*, *Rei*, *Sol*, *pão*, *loja*, *sala*, etc.

Nomes substantivos compostos. Chamão-se assim aquelles que se formão de mais de uma palavra, como: *Vice-Consul*, *Vice-Rei*, *gira-sol*, *vara-pão*, *sobre-loja*, *antesala*, etc. (1).

### Variações dos substantivos pelos seus accidentes grammaticaes

P. Quantas são as variações do substantivo pelos seus accidentes grammaticaes?

R. Duas: em *genero* e *numero* (2).

Genero. Grammaticalmente fallando, é a qualificação que se faz dos substantivos pelo que respeita aos dois sexos, masculino e feminino. Pertencem ao genero masculino os que denotão macho, como: *Homem*, *lobo*, *cavalllo*, etc.; e ao genero feminino, os que denotão femea, exemplo: *Mulher*, *corsa*, etc. —

Os mesmos generos attribuem alguns grammaticos, por analogia, ou por capricho, ás cousas que não tem sexo, como: *Livro*, *tinteiro*, *terra*, *ceo*, etc. (3).

P. Como se conhecem os generos dos nomes?

R. Pela significação, ou pela terminação.

Quanto a conhecer os generos pela significação, basta

(1) As quatro ultimas palavras escrevem-se: *girasol*, *varapão*, *sobreloja*, *antesala*. Se acima se escreverão com signal de divisão, foi para mostrar que não são palavras simples, mas sim compostas.

(2) Os nomes portuguezes não tem outra variação na terminação mais do que a do singular para o plural, por isso são indeclinaveis ou invariaveis dentro do mesmo numero, isto é, não tem casos como no latim, em que, por exemplo, *Rosa*, significa a *rosa*; *rosarum*, das *rosas*; *rosis*, ás *rosas*, etc.

Os casos, na lingua latina, são seis, a saber: *nominativo*, *genitivo*, *dativo*, *accusativo*, *vocativo*, *ablativo*. Chama-se *declinação* ao conjuncto de variações por que na mesma lingua latina podem passar o *substantivo*, o *adjectivo* e o *pronome*.

(3) Na Grammatica latina são tres os generos: *masculino*, *feminino* e *neutro*. Este ultimo é applicado ás cousas que não tem sexo.

saber que são do genero masculino todos os nomes que significão macho, e do feminino, os que significão femea.

Pelo que toca a conhecer os generos pela terminação, são tão diversas, e sujeitas a tantas excepções algumas das regras que a este respeito se tem estabelecido, que o verdadeiro meio de os conhecer é a pratica ou o Diccionario.

P. Que é *substantivo commum de dois*?

R. Aquelle que, debaixo de uma só fôrma ou terminação, significa igualmente macho e femea, como : o *martyr*, a *martyr*. D'esta especie são os seguintes : *Guarda, vigia, espia, interprete, etc.* —

P. Diga o que significa *substantivo epiceno*?

R. Os grammaticos chamão epiceno ou promiscuo ao substantivo que, debaixo de uma só terminação, comprehende os dois generos, como o substantivo *crocodilo* que, sem mudar a terminação, significa igualmente o macho e a femea : de sorte que se quizermos, para distincção dos sexos, declarar sómente o masculino, havemos de dizer : O *crocodilo macho*; se o feminino, o *crocodilo femea*. —

Pelo que respeita aos substantivos epicenos, convem advertir que ha algumas especies de animaes em que só tem nome o macho, exemplo : *Javali, corvo, lagarto, elefante, rouxinol, salmão, golfinho, etc.*; e vice-versa, outras em que só tem a femea, como : *Onça, serpente, aguia, corvina, perdiz, sardinha, lebre, baléa, etc.* —

### Do numero dos nomes

P. Que se entende por *numero grammatical*?

R. Entende-se a propriedade que tem o nome de significar a unidade ou a pluralidade, isto é, um ou mais objectos.

Os numeros são dois : *singular e plural*.

P. Quando é que o nome está no singular ?

R. Quando significa um só objecto, como : *Ponte, casa, meza, etc.*

P. Quando está o nome no plural ?

R. Quando significa mais de um objecto, exemplo : *Pontes, casas, mezas, etc.* —

### Formação do plural dos nomes

P. Como se forma o plural dos nomes portuguezes ?

R. Accrescentando-se um *s* áquelles que no singular acabão em vogal, como : *Porta, portas, vidro, vidros, etc.*

Excepção-se porém os nomes acabados em *ão*, dos quaes, uns seguem a regra geral, outros fazem o plural em *ões*, e outros em *ães*.

### Exemplos das tres especies

#### 1.º em *ão* — *ãos*

<i>Accordão</i>	<i>Accordãos</i>	<i>Orégão</i>	<i>Orégãos.</i>
<i>Benção</i>	<i>Benções</i>	<i>Orfão</i>	<i>Orfãos.</i>
<i>Chão</i>	<i>Chãos</i>	<i>Orgão</i>	<i>Orgãos.</i>
<i>Christão</i>	<i>Christãos</i>	<i>Pagão</i>	<i>Pagãos.</i>
<i>Cidadão</i>	<i>Cidadãos.</i>	<i>Rábão</i>	<i>Rábãos.</i>
<i>Comarcão</i>	<i>Comarcãos.</i>	<i>São</i>	<i>Sãos.</i>
<i>Cortezão</i>	<i>Cortezãos.</i>	<i>Sótão</i>	<i>Sótãos.</i>
<i>Grão</i>	<i>Grãos.</i>	<i>Temporão</i>	<i>Temporãos.</i>
<i>Irmão</i>	<i>Irmãos.</i>	<i>Vão</i>	<i>Vãos.</i>
<i>Mão</i>	<i>Mãos.</i>	<i>Zangão</i>	<i>Zangãos, etc.</i>

N. B. Segundo alguns grammaticos, *Aldeão*, faz *aldeãos* ou *aldeões*. — *Anão*, *anãos* ou *anões*. — *Villão*, *villãos* ou *villões* (1).

#### 2.º em *ão* — *ães*

<i>Allemão</i>	<i>Allemães</i>	<i>Escrivão</i>	<i>Escrivães</i>
<i>Cão</i>	<i>Cães</i>	<i>Guardião</i>	<i>Guardiães</i>
<i>Capellão</i>	<i>Capellães.</i>	<i>Massapão</i>	<i>Massapães.</i>
<i>Capitão</i>	<i>Capitães.</i>	<i>Pão</i>	<i>Pães.</i>
<i>Catalão</i>	<i>Catalães.</i>	<i>Sacristão</i>	<i>Sacristães.</i>
<i>Charlatão</i>	<i>Charlatães.</i>	<i>Tabellião</i>	<i>Tabelliães.</i>
<i>Deão</i>	<i>Deães.</i>	<i>Truão</i>	<i>Truães, etc.</i>
<i>Ermitão</i>	<i>Ermitães.</i>		

#### 3.º em *ão* — *ões*

<i>Accão</i>	<i>Accões.</i>	<i>Confissão</i>	<i>Confissões.</i>
<i>Coração</i>	<i>Corações.</i>	<i>Definição</i>	<i>Definições.</i>
<i>Estação</i>	<i>Estações.</i>	<i>Fracção</i>	<i>Fracções.</i>
<i>Habitacão</i>	<i>Habitacões.</i>	<i>Meditação</i>	<i>Meditações.</i>
<i>Nação</i>	<i>Nações.</i>	<i>Opinião</i>	<i>Opiniões.</i>
<i>Petição</i>	<i>Petições.</i>	<i>Sermão</i>	<i>Sermões.</i>
<i>Questão</i>	<i>Questões.</i>	<i>Tostão</i>	<i>Tostões.</i>
<i>Volcão</i>	<i>Volcões.</i>		
<i>Soldão</i>	<i>Soldões</i> (ou <i>soldães</i> ).	 <i>Alão</i> faz <i>alões</i> (ou <i>alães, etc.</i>	

(1) Veja-se o *Epitome de Grammatica* de ANTONIO DE MORAES SILVA, anexo ao *Diccionario da Lingua portugueza* de que elle é auctor.

Os nomes que no singular acabão em *al*, *ol*, *ul*, formão o plural, mudando o *l* em *es*, como: *Sal*, *saes*; *caracol*, *caracoës*; *taful*, *tafues*, etc.

Exceptua-se *mal*, que faz no plural *males*, *Consul* e os seus compostos *Vice-Consul*, *Pro-Consul*, que fazem *Consules*, *Vice-Consules*, *Pro-Consules*, e o nome *real*, quando significa moeda, que faz *réis*. —

Nos nomes acabados em *el*, forma-se o plural mudando o *l* em *is*, como: *Annel*, *anneis*; *broquel*, *broqueis*; *cordel*, *cordeis*, etc.

O plural dos nomes acabados em *il* agudo ou longo, forma-se mudando o *l* em *s*, exemplo: *Funil*, *funis*; *vil*, *vis*; e o dos que terminão em *il* grave ou breve, mudando o *l* em *eis*, como: *Agil*, *ageis*; *docil*, *douceis*; *facil*, *faccis*, etc.

O plural dos nomes acabados em *m*, forma-se mudando o *m* em *ns*, exemplo: *Homem*, *homens*; *fim*, *fins*; *jejum*, *jejuns*, etc.

Nos nomes que acabão em *r* ou *z*, forma-se o plural juntando-lhe *es*, exemplo: *Talher*, *talheres*; *noz*, *nozes*, etc. —

Ha nomes que não tem plural, outros que não tem singular, e outros que com uma só terminação designão ambos os numeros.

Não tem plural:

1.º Os nomes de metaes tomados em geral, como: O *ouro*, a *prata*, o *chumbo*, etc.

2.º Os nomes de virtudes e vicios, como: A *paciencia*, a *caridade*, a *hypocrisia*, etc.

3.º Os nomes de sciencias e artes, como: A *Geometria*, a *Poesia*, a *Pintura*, etc. (1). —

4.º Os nomes e appellidos individuaes. Exceptuão-se porém quando pertencem a uma familia, exemplo: Os *Almeidas*, os *Castros*, os *Albuquerque*s; ou quando, por figura, se dão a sujeitos que tem as qualidades ou nomes semelhantes, como: Dá a terra lusitana *Scipiões*, *Cesares*, *Alexandres*, etc.

5.º Os nomes de reinos, provincias, cidades, rios, etc. como: *Portugal*, *Biscaya*, *Lisboa*, *Tejo*, etc. —

6.º Algumas palavras latinas introduzidas na nossa lingua, taes como: *Te Deum*, cantico em acção de graças; *fac simile*, reprodução da escripta d'algue[m]; *post-scri-*

(1) Algumas vezes diz-se: As *poesias*, as *pinturas*, etc., para significar os escriptos daquelle genero e as produções desta arte.

*ptum*, o que se acrescenta a uma carta depois de escripta ou assignada, etc.

7.º Finalmente, ha varios outros nomes que não tem plural, e que só pelo uso se podem conhecer, taes são, por exemplo: *Cal, fel, mel, séde, descanso, sangue, gloria, somno, fome, etc.*

Não tem singular os seguintes :

<i>Alvicaras</i>	<i>Ceroulas.</i>	<i>Herpes.</i>
<i>Algêmas.</i>	<i>Coegas.</i>	<i>Laudes.</i>
<i>Andas.</i>	<i>Completas.</i>	<i>Manes.</i>
<i>Andilhas.</i>	<i>Confins.</i>	<i>Matinas.</i>
<i>Annaes.</i>	<i>Esgares.</i>	<i>Nonas.</i>
<i>Antepassados.</i>	<i>Esponsaes.</i>	<i>Pezames.</i>
<i>Arredores.</i>	<i>Estorvos (termo</i>	<i>Preces.</i>
<i>Arrhas.</i>	<i>nautico).</i>	<i>Primicias.</i>
<i>Bexigas (doença).</i>	<i>Exequias.</i>	<i>Sevicias.</i>
<i>Bragas.</i>	<i>Fezes.</i>	<i>Trévas.</i>
<i>Calças.</i>	<i>Fauces.</i>	<i>Vesperas.</i>
<i>Catacumbas.</i>	<i>Grelhas.</i>	<i>Viveres, etc.</i>

Não varião do singular para o plural :

<i>Alferes.</i>	<i>Caes.</i>	<i>Ourives.</i>	<i>Simples, etc.</i>
<i>Arraes.</i>	<i>Duples.</i>	<i>Pires.</i>	

Convém advertir que no plural de certos nomes que tem *o* nas duas ultimas syllabas, deve-se pronunciar o primeiro como *ó* agudo ou longo, taes são: *Corpo, corpos, curioso, curiosos, fogo, fogos, olho, olhos, soccorro, soccorros, etc. Gosto, gozo, contorno, potro, logro, esposo*, e alguns outros nomes fazem no plural: *góstos, gózos, etc.*; *molho*, para guizados, faz *mólhos*, para se não confundir com *mólhos* ou *feixes*. —

### Do adjectivo

P. Que é *adjectivo*?

R. É uma palavra que se junta ao substantivo para modificar a sua significação.

P. Quantas especies ha de adjectivos?

R. Duas: *adjectivos qualificativos* ou *attributivos*, e *adjectivos determinativos*. —

*Adjectivos qualificativos* ou *attributivos*. São aquelles

que exprimem as qualidades dos substantivos, como : *Bom, grande, bello, feliz, etc.* (1).

Adjectivos determinativos. Servem para determinar a significação dos substantivos por uma idéa que lhes acrescentão, isto é, para fixa-la de modo que se não confunda com outro, como quando dizemos: *Este livro*; a palavra *este* fixa ou determina o livro de que se falla, etc.

P. Como se conhece o adjectivo qualificativo ou attributivo?

R. Quando se lhe pôde antepôr alguma das palavras *pessoa* ou *cousa*: *assim, bonita, agradavel*, são adjectivos qualificativos, porque se pôde dizer: *Pessoa bonita, cousa agradavel, etc.* —

### Variações do adjectivo pelos seus accidentes grammaticaes

P. Quantas variações tem o adjectivo pelos seus *accidentes grammaticaes*?

R. Duas: de *genero* e de *numero*, como o substantivo; convindo advertir que os adjectivos, por si sós, não tem *genero* nem *numero*, mas tomão o do substantivo que modificão, ou seja qualificando-o, ou determinando-o, exemplo: *Homem poderoso, mulher honesta; esta flor, meu canivete; homens poderosos; mulheres honestas; estas flores, etc., meus canivetes, etc.* —

Não se deve confundir com os pronomes possessivos as palavras *meu, minha, teu, tua, seu, sua* e seus pluraes, quando estão juntos ao substantivo; por isso que se o pronome é destinado a substituir o nome, claro está que as palavras acima mencionadas, não se achando em lugar do nome, mas juntas a este, não podem ser consideradas como pronomes, mas sim como adjectivos determinativos.

### Dos adjectivos qualificativos

P. Diga o que se lhe offerecer ácerca dos *adjectivos qualificativos*.

R. Estes adjectivos, que exprimem a qualidade do sub-

---

(1) Alguns *adjectivos* são empregados, muitas vezes, como substantivos, exemplo: *Os mentirosos, os mãos, os desgraçados, os pobres, o encarnado, o preto, etc.* Nestes casos, ha sempre um substantivo subentendido: *Os mentirosos*, isto é, *os homens mentirosos*, *o encarnado*, isto é, *a cor encarnada, etc.*

stantivo, podem qualificar, em diversos grãos, ou absoluta ou comparativamente, d'onde resultão varios grãos de significação ou qualificação, a que alguns grammaticos chamão tambem grãos de comparação. 9.

### Grãos de significação ou qualificação

P. Quantos *grãos de significação* ou *qualificação* ha nos adjectivos qualificativos?

R. Tres, a saber: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*.

P. Que é adjectivo positivo?

R. É aquelle que se emprega para enunciar simplesmente a qualidade do substantivo, como: Este homem é *sabio* e *modesto*, etc.

P. Que quer dizer adjectivo comparativo?

R. O adjectivo que qualifica o substantivo estabelecendo comparação com outro, isto é, mostrando que uma coisa é *igual*, *inferior* ou *superior* a outra.

P. Como se forma o comparativo?

R. Acrescentando-se ao positivo algumas das palavras *tão*, *menos*, *mais*, exemplo: Noites *tão* longas como os dias; Luiz é *menos* prudente que seu irmão; a Asia é *mais* extensa do que a Europa.

N. B. Ha tambem outros modos de exprimir comparação de *igualdade*, omittindo o adverbio *tão*, como se vê n'estes exemplos: Branco *como* a neve; o mel não é *menos* doce que o assucar; *tal* amo, *tal* criado, etc.

Aos seguintes adjectivos dá-se o nome de *comparativos simples*, a saber:

Melhor do adjectivo bom

Maior do adjectivo grande

Menor do adjectivo pequeno

Peior do adjectivo máo.

P. Que se entende pela palavra superlativo?

R. Entende-se o adjectivo que exprime a qualidade do substantivo, levada ao supremo grão, quer para mais, quer para menos.

P. Quantas especies ha de superlativos?

R. Duas: *superlativo absoluto* e *superlativo relativo*.

O superlativo absoluto exprime a qualidade n'um grão mui elevado, mas absolutamente, isto é, sem comparação com outra coisa ou pessoa, exemplo: Aquella casa é *muito* bonita; este homem é *mui* delicado, etc.

O *superlativo relativo* é o que exprime a qualidade do substantivo levada ao supremo gráo, porém com relação a outra cousa ou a outra pessoa, isto é, com comparação, exemplo: HOMERO era o *maior* poeta da Grecia; ALEXANDRE era o *mais valente* de todos os homens do seu tempo, etc.

P. Como se forma o *superlativo absoluto*?

R. Antepondo-se ao positivo alguma destas palavras: *mui* ou *muito*, *infinitamente*, *summamente*, *extremamente*, etc., como: Elle é *mui* alto, *summamente* ligeiro, *extremamente* amavel.

Tambem se formão os *superlativos absolutos*, nos positivos acabados em *e*, *o* ou *a*, mudando a ultima vogal em *issimo* ou *issima*, exemplos:

Forte	{ <i>Fortissimo</i>
Justo	{ <i>Fortissima</i>
Justa	<i>Justissimo</i>
	<i>Justissima</i>

Exceptuão-se d'esta regra:

Acre que faz	<i>Acerrimo</i>
Amargo	<i>Amarquissimo</i>
Amigo	<i>Amicissimo</i>
Antigo	<i>Antiquissimo</i>
Aspero	<i>Asperrimo</i>
Benefico	<i>Beneficentissimo</i>
Celebre	<i>Celeberrimo</i>
Chão	<i>Chanissimo</i>
Christão	<i>Christianissimo</i>
Doce	<i>Dulcissimo</i>
Fresco	<i>Fresquissimo</i>
Frio	<i>Frigidissimo.</i>
Humilde	<i>Humillimo</i> (tambem se diz <i>humilissimo</i> ).
Inteiro ou integro	<i>Integerrimo.</i>
Largo	<i>Larguissimo.</i>
Livre	<i>Liberrimo.</i>
Longo	<i>Longuissimo.</i>
Magnifico	<i>Magnificentissimo.</i>
Mão	<i>Malissimo</i> (está pouco em uso).
Misero	<i>Miserrimo.</i>
Munifico	<i>Munificentissimo.</i>
Nobre	<i>Nobilissimo.</i>
Parco	<i>Parcissimo.</i>
Pio	<i>Piissimo.</i>

Pobre	<i>Pauperrimo</i> (tambem se diz <i>pobrissimo</i> ).
Rico	<i>Riquissimo</i> .
Sabio	<i>Sapientissimo</i> .
Salubre	<i>Saluberrimo</i> .
Vão	<i>Vanissimo</i> .
Sagrado	<i>Sacratissimo</i> .
São	<i>Sanissimo</i> .
Simile	<i>Simillimo, etc.</i>

31. Dos positivos acabados em *l*, *r*, forma-se o *superlativo* juntando-se-lhes *issimo*, exemplo :

Cruel que faz	<i>Cruelissimo</i> .
Especial	<i>Especialissimo</i> .
Particular	<i>Particularissimo</i> .
Singular	<i>Singularissimo</i> .
Util	<i>Utilissimo</i> .

Exceptuão-se, quanto aos positivos acabados em *l*, os seguintes, a saber :

Difícil que faz	<i>Difficillimo</i> .
Facil	<i>Facillimo</i> .
Fiel	<i>Fidelissimo</i> .
Fragil	<i>Fragillimo</i> .
Infiel	<i>Infidelissimo</i> .
Notavel	<i>Notabilissimo</i> .
Terrivel	<i>Terribilissimo, etc.</i>

O *superlativo* de alguns *positivos* acabados em *m*, fórma-se mudando esta letra em *nissimo*, como : *Bom*, *bonissimo* (está pouco em uso); *commum*, *communissimo*, etc.

Os *positivos* acabados em *z* mudão o *z* em *cissimo*, exemplo :

Capaz que faz	<i>Capacissimo</i> .
Feliz	<i>Felicissimo</i> .
Infeliz	<i>Infelicissimo, etc.</i>

#### Comparativos e superlativos diversos dos positivos

<i>Bom</i>	<i>Melhor</i>	<i>Optimo</i> .
<i>Mão</i>	<i>Peior</i>	<i>Pessimo</i> .
<i>Graude</i>	<i>Maior</i>	<i>Maximo</i> .
<i>Pequeno</i>	<i>Menor</i>	<i>Minimo</i>

P. Como se formão os *superlativos relativos*?

R. Antepondo-se ao adjectivo ou positivo alguma destas palavras: o *mais*, o *menos*, o *maior*, o *menor*, o *melhor*, o *peior*, etc., exemplo: O leão é o *mais valente* dos animaes; a rosa é a *mais bella* das flores; seu mano é o *menos competente* de todos para decidir a questão; elle é o *maior amigo* que tenho; não soube aproveitar a *melhor occasião* de fazer as pazes com o *primo*; ella é a *peior* de todas as irmãs, etc.

### Do feminino dos adjectivos

P. Quantas terminações tem os *adjectivos qualificativos* ou *attributivos*?

R. Ou tem duas, uma para o masculino, e outra para o feminino, exemplo: Homem *honrado*, mulher *honrada*, etc.; ou uma só, que serve para ambos os generos, como: homem *feliz*, mulher *feliz*, etc.

P. Quaes são os adjectivos que tem duas terminações?

R. Os acabados em *o*, que mudão esta letra em *a*, para o feminino, como se viu no exemplo precedente. Tambem tem duas terminações:

1.º Os adjectivos acabados em *u*, aos quaes se acrescenta um *a* para a terminação feminina, exemplo: *Nu*, *nua*.

2.º Os acabados em *ão*, que perdem o *o*, como: *São*, *sã*, etc.

3.º Os adjectivos terminados em *m*, que mudão para *a* aquella letra, como: *Bom*, *boa*, *commum*, *commua*: mas dá-se geralmente a este ultimo uma só terminação, e diz-se: Bem *commum*, cousa *commum*.

Exceptuão-se d'esta regra *um* que faz *uma*, *algum*, *alguma*, *nenhum*, *nenhuma*.

P. Quaes são os adjectivos que não varião no feminino?

R. São os acabados em *l*, *ar*, *e*, *z*, exemplo: *Homem vil*, *mulher vil*; *quarto particular*, *casa particular*; *rapaz prudente*, *rapariga prudente*; *cavalleo veloz*, *egoa veloz*.

### Dos adjectivos determinativos

P. Quantas espécies ha de *adjectivos determinativos*?

R. Segundo os melhores grammaticos, ha quatro, a sa-

ber: *adjectivos numeraes, possessivos, demonstrativos e indefinidos* (1). —

### Adjectivos numeraes

P. Que entende por *adjectivos numeraes*?

R. Entendo aquelles que indicão o numero ou a ordem dos substantivos.

Ha duas especies de *adjectivos numeraes*, a saber: *numeraes cardinaes* e *numeraes ordinaes*. —

*Adjectivos numeraes cardinaes*. São os que exprimem um numero determinado de objectos, como: *Um, dois, tres, quatro, vinte, cem, etc.*

*Adjectivos numeraes ordinaes*. São aquelles que indicão a ordem, como: *Primeiro, segundo, terceiro, decimo, vigesimo, etc.* —

### Adjectivos possessivos

P. Explique o que são *adjectivos possessivos*.

R. Os *adjectivos possessivos* são aquelles que modificão o substantivo, accrescentando-lhe uma idéa de posse, taes como: *Meu, teu, seu (delle ou della); nosso, vosso, seu (delles ou dellas); minha, tua, sua (delle ou della), nossa, vossa, sua (delles ou dellas)*, os quaes fazem no plural: *Meus, teus, minhas, tuas, etc.*, exemplo: *Meu livro; teu canivete; minhas quintas; teus rebanhos, etc.* —

### Adjectivos demonstrativos

P. Que entende por *adjectivos demonstrativos*?

R. Entendo aquelles que modificão os substantivos mostrando, ou indicando as pessoas ou as cousas de que se falla, taes são: *Este, esta, esse, essa, aquelle, aquella; estes, estas, etc.*, exemplo: *Este livro; aquelle heroe, etc.* —

### Adjectivos indefinidos

P. Que são *adjectivos indefinidos*?

R. Os *adjectivos indefinidos* são aquelles que modificão o substantivo juntando-lhe uma idéa de generalidade, uma idéa vaga e indeterminada, taes são: *Uns, umas, algum,*

---

(1) Alguns grammaticos chamão *artigos numeraes, possessivos, demonstrativos e indefinidos* a esta especie do adjectivo.

*alguma, alguns, algumas, muitos, muitas, tal, taes, cada, certo, certa, certos, certas, todo, toda, todos, todas, outro, outra, outros, outras, varios, varias, diversos, diversas, poucos, poucas, qualquer, quaesquer, etc.*, exemplo: Cada homem tem seus defeitos. Poucas pessoas se conformão com a adversidade. Muitos pais são dignos de censura por não cuidarem na educação de seus filhos, etc.

## DO ARTIGO

### P. Que é **artigo**?

R. É uma palavra que, per si só, nada significa, mas anteposta aos nomes communs, serve para mostrar que se tomão n'um sentido determinado; assim, n'este exemplo: A mãe ama o filho, os artigos *a, o*, antes dos nomes *mãe e filho*, dão a entender *uma mãe e um filho* de que já se fallou. Tambem se usa do artigo antes de varios nomes proprios; exemplos: O Tasso e o Ariosto são dois famigerados poetas italianos; o Porto, a Bahia, o Rio de Janeiro, são bonitas cidades; o Tejo, o Sena, etc., são rios muito conhecidos. —

### P. Quantos artigos ha na lingua portugueza?

R. Dois: *o, a*, no singular; *os, as*, no plural. O artigo *o, os*, serve para se juntar aos nomes masculinos, como: O canivete, os canivetes; o artigo *a, as*, serve para se juntar aos nomes femininos, exemplo: A aldeia, as aldeias. —

### P. Que é **contração**?

R. É a reunião de duas syllabas n'uma só.

### P. Quando é que o artigo forma **contração**?

R. Quando se junta ás preposições *a* ou *de*, assim, diz-se: *Do, ao*, em lugar de *de o*; *a o*, como se vê nos seguintes exemplos:

Singular	{ <i>O homem, do homem, ao homem.</i> <i>A mulher, da mulher, á mulher.</i>
Plural	{ <i>Os homens, dos homens, aos homens.</i> <i>As mulheres, das mulheres, ás mulheres (1).</i>

(1) Os Portuguezes exprimem com o *artigo e preposições*, ou simples ou combinado com as mesmas preposições, as relações que os Gregos e Romanos exprimião pelas desinencias, ou diferentes terminações do nome, dentro do mesmo numero, chamadas *casos*.

## DO PRONOME

**P.** Que é **pronome**?

**R.** É uma palavra que se emprega ordinariamente em lugar de um substantivo precedentemente enunciado, a fim de evitar a sua repetição, que seria fastidiosa. Assim, em lugar de dizer: *Vi Pedro esta manhã, e disse a Pedro que viesse de tarde a minha casa, porque precisava fallar com Pedro*, direi: *Vi Pedro esta manhã, e disse-lhe que viesse de tarde a minha casa, porque precisava fallar com elle*. As palavras *lhe* e *elle* são pronomes, por isso que estão aqui em lugar do nome *Pedro*. —

24. Serve ainda o pronome para substituir uma frase, ou oração cuja idéa se quer recordar, como se vê do seguinte exemplo: Se me perguntarem: *Vi a linda quinta que o Conde comprou?* e eu responder: *Vi-a*, o pronome *a* equivale a dizer: *Vi ella*, isto é, a linda quinta que o Conde comprou.

Emprega-se tambem o pronome para designar a pessoa ou pessoas que fallão, ou de quem se falla.

**P.** Quantas especies ha de pronomes na lingua portugueza?

**P.** Segundo alguns grammaticos, ha cinco, a saber: *pronomes pessoaes, demonstrativos, possessivos, relativos e interrogativos*.

## Pronomes pessoaes

**P.** Que são *pronomes pessoaes*?

**R.** Os *pronomes pessoaes* são aquelles que designão as pessoas grammaticaes.

Estas são tres: A *primeira* é a que falla.

A *segunda*, com quem se falla.

A *terceira*, de quem se falla.

Os pronomes pessoaes da primeira pessoa são: *Eu*, no singular, e *Nós* no plural.

Os da segunda pessoa são: *Tu*, no singular, e *Vós*, no plural.

Os da terceira pessoa são: *Elle*, *Ella*, no singular, e *Elles*, *Ellas*, no plural.

**P.** Repita os *pronomes pessoaes*, e note as variações que ha em cada pessoa.

R.

1.<sup>a</sup> PessoaSINGULAR. *Eu, Me, Mim, Migo.*PLURAL. *Nós, Nos, Nosco.*2.<sup>a</sup> PessoaSINGULAR. *Tu, Te, Ti, Tigo.*PLURAL. *Vós, Vos, Vosco.*3.<sup>a</sup> PessoaSINGULAR. *Elle, Ella, Lhe, O, A.*PLURAL. *Elles, Ellas, Lhes, Os, As (1).*SINGULAR e PLURAL. *Se, si, sigo (2).*

As palavras *migo, tigo, sigo, nosco, vosco*, que correspondem ás latinas *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum*, são variações, como fica dito, dos pronomes *eu, tu, se, nós, vós*; mas convém advertir que hoje já se não empregão sem serem precedidas da preposição *com*, assim, diz-se: *Commigo*, e tambem se escreve *comigo, comtigo, comsigo, comnosco, comvosco*.

OBSERVAÇÃO. Rigorosamente fallando, só os individuos racionais podem ser primeiras e segundas pessoas, pois só estes são capazes de produzir e receber a palavra; mas terceira pessoa podem sê-lo todas as cousas, porque todas podem ser objecto da palavra; comtudo em estylo figurado, podem tambem ser primeiras e segundas pessoas as cousas inanimadas, exemplo: *Fallai, vós, astros do firmamento, etc.*

## Pronomes demonstrativos

P. Explique o que são *pronomes demonstrativos*.

R. São aquelles que servem para mostrar ou indiciar as pessoas ou as cousas de que se falla ou que representão, v. g. *Este, esta, esse, essa, aquelle, aquella, isto, isso, aquillo*, no singular: *estes, estas, etc.*, no plural, exemplo: *Qual dos dois homens é mais prudente? Aquelle que se re-*

(1) O, a, os, as, são considerados *pronomes* nestas expressões: *Conheço-a, vi-os*, que equivalem a *Conheço ella; vi elles*, etc.

(2) Alguns grammaticos chamão a este pronome *reciproco e absoluto*.

tirou. Qual dos livros prefere? Este que tenho na mão, etc.

Destes seis pronomes positivos se formão os compostos : *Est'outro, est'outra, ess'outro, ess'outra, aquell'outro, aquell'outra*, que fazem no plural : *Est'outros, est'outras, etc.*

Os pronomes *Isto, isso, aquillo*, não tem plural. Todos estes pronomes indicão a terceira pessoa.

### Pronomes possessivos

P. Quaes são os *pronomes possessivos*?

R. São aquelles que denotão a posse, a saber : *O meu, o teu, o seu, o nosso, o vosso, ou meu, teu, etc.*, que fazem no plural : *Os meus, os teus, etc.*

Estes pronomes referem-se a um substantivo de que já se fallou, como se vê neste exemplo : *De quem é este chapéo? É meu. Qual das bengalas é a tua? A que está em cima da meza.*

As palavras *meu e tua* são pronomes possessivos, porque se referem aos substantivos *chapeo e bengalas.*

### Pronomes relativos

P. Que entende por *pronomes relativos*?

R. Aquelles que recordão a idéa das pessoas ou das cousas de que se fallou.

Os pronomes relativos são : *Que, o qual, a qual, os quaes, as quaes, quem, cujo, cuja, cujos, cujas.*

P. Como se conhece que o *Que* é relativo?

R. Quando se pôde supprir por *o qual, a qual, os quaes, as quaes*; assim, n'este exemplo : *Os livros que tenho lido, que é relativo, porque se pôde dizer os quaes tenho lido.*

Alguns grammaticos chamão a estes pronomes *pronomes conjunctivos.*

### Pronomes interrogativos

P. Quaes são os *pronomes interrogativos*?

R. Aquelles de que nos servimos quando interrogamos ou fazemos alguma pergunta, taes são os seguintes : *Que, qual, quem, cujo.* Estes pronomes são os mesmos que os

pronomes relativos, com a differença porém de não terem nome antecedente a que se referirão, e de poderem ser substituidos pelas palavras: *Que cousa, qual pessoa, ou qual cousa, de que pessoa*, exemplo: *Que faz?* Isto é, *Que cousa está fazendo?* *Quem é* vm.<sup>ca</sup>? Isto é, *Que pessoa é* vm.<sup>ca</sup>? *Cujo é este livro?* Isto é, *De que pessoa é este livro*, etc. 14

### DO VERBO

P. Que é **verbo**?

R. É uma palavra que serve, principalmente, para significar affirmação (1).

P. Como se conhece que uma palavra é verbo?

R. Quando se lhe pôde antepôr algum dos pronomes: *Eu, tu, elle, ou ella; nós, vós, elles ou ellas*; assim, as palavras: *saltar, dormir*, são verbos, porque se pôde dizer: *Eu salto, elle dorme.* 18-

P. Quantas são as modificações ou variações accidentaes do verbo, isto é, a mudança de fórmulas ou terminações?

R. Quatro, a saber: *modos, tempos, numeros e pessoas.*

P. Diga o que são modos?

R. A palavra modo significa *maneira*: deu-se pois este nome ás diversas inflexões do verbo, que servem para exprimir as differentes maneiras d'expressar a sua significação.

P. Quantos são os modos?

R. Segundo alguns grammaticos, são quatro, a saber: *Indicativo, imperativo, conjunctivo ou subjunctivo e infinitivo*; e segundo outros, cinco, accrescentando-lhes o *condicional*. - 22-

*Indicativo.* Chama-se assim, porque indica affirmação, de uma maneira directa, positiva e independente de outra palavra. Seja qual for o tempo a que essa affirmação se refira; exemplo: *Canto, cantei, cantarei uma aria, etc.*

(1) Ainda que um pensamento ou juizo seja negativo, o verbo encerra e exprime sempre *affirmação*; assim, quando se diz: *A virtude não é inutil*, o verbo é indica *affirmação*, do mesmo modo que se não estivesse acompanhado de negativa. Deve ainda notar-se que os verbos negativos encerrão e exprimem igualmente *affirmação*. *Negar*, por exemplo, é afirmar ou que uma cousa não é, ou que não convém a outra.

Segundo a etymologia latina, *verbo* significa *palavra*, pelo que esta parte da oração pôde chamar-se *palavra por excellencia*, visto que sem ella não é possível exprimir pensamento algum: é a mais difficil de definir, e a prova disso está na diversidade de definições que da mesma palavra dão os grammaticos.

*Condicional.* Denota affirmação, dependente de uma condição, exemplo: Estudaria *se tivesse livros* (1).

*Imperativo.* É o modo que se emprega quando *mandamos, exhortamos* ou *pedimos*, exemplo: Estude a sua lição; estime que o *aconselhem bem*; tenha a *bondade de me ouvir* (2).

*Conjunctivo.* Este modo exprime affirmação, de uma maneira subordinada e como dependente de outro verbo, ao qual o que se acha no *conjunctivo*, está sempre ligado por uma conjunção, como: *É preciso* que eu faça um discurso; *desejo* que me preste *atenção*, etc.

*Infinito.* Este modo exprime a idéa do verbo de uma maneira vaga e indeterminada, exemplo: *Ler, escrever, contar.* Como o mesmo modo é indeterminado, carece de outro verbo que determine a sua significação, e a que se dá o nome de *determinativo*, exemplo: *Desejo escrever*; *é util ler a Biblia*, etc.

P. Que é *participio*? (3).

R. O *participio* é assim chamado, porque participa da natureza do verbo e do adjectivo; participa do verbo, por isso que se deriva d'elle, e do adjectivo, porque qualifica o substantivo a que se refere, exemplo: O menino *obediente* é *estimado*.

Ha duas especies de *participios*, a saber: *participios activos*, ou a que muitos grammaticos chamão *participios de presente*, e *participios passivos*.

Os *participios activos* denotão uma acção, como: Achei os meninos *brincando, saltando*, etc.

Os *participios passivos* tem duas terminações, como:

(1) Convém advertir que, para nos não afastarmos da explicação que muitos grammaticos dão ácerca da *condicional*, dizemos que este modo denota affirmação, *suppondo* alguma condição. Comtudo pode-se-lhe chamar, com mais propriedade, *futuro eventual*, e também *preterito*: 1.º, porque exprime que se não faz uma coisa ao presente, porém que se faria, logo que se verificasse uma circumstancia ou condição, que não é certa, mas contingente ou eventual, como: *Ainda que me chamassem*, não iria; fallaria *se me deixassem*; 2.º, porque aquelle tempo pôde referir-se a uma época passada, v. g. *Quem lhe diria o que se passou? Que horas serião quando elle veio?*

Ha alguns outros tempos que também denotão condição, como: *Irei se me chamarem*; *se tu vais, não vou eu*, etc.

(2) *Imperativo* deriva-se da palavra latina *imperare*, que quer dizer *mandar*; mas esta significação não convém em todos os casos, por isso que quando pedimos não mandamos.

(3) Muitos grammaticos incluem o *participio* no numero das *partes da oração*; outros deixão de o fazer, por entenderem que o *participio* não é mais do que um modo do verbo.

*Amado, amada; recebido, recebida, etc.*, uma significação passiva, e concordão em genero e numero com o substantivo a que se referem, exemplo: Meu pai é *respeitado*; meus irmãos são *estimados, etc.* —

P. Que se lhe offerece observar em relação ao supino?

R. Que se não deve confundir com o particípio passivo, visto que o supino é a voz do infinito activo, que se junta, em todos os verbos, aos dois auxiliares *ter* e *haver*, para formar com elles os tempos compostos, e não tem plural nem terminação feminina.

P. Que é *gerundio*?

R. O gerundio é uma inflexão do verbo, pela qual se denota que a sua significação é apenas passageira e subordinada á de outro verbo, como: *Em acabando*, irei a tua casa; *tendo* dinheiro, terei amigos, etc. —

P. Que quer dizer *modos pessoas*?

R. Aquelles que admittem a variação ou distincção das pessoas, taes são: o *indicativo, condicional, imperativo e conjunctivo*; comtudo deve-se advertir que na lingua portugueza ha a particularidade de se usarem *infinitos pessoas*, como: *A pertinacia daquelles dois homens em arrostarem tão grande perigo, foi a causa de pagarem com a vida a sua temeridade.* —

P. Explique o que se entende por *numeros e pessoas*?

R. Ha nos verbos, como nos nomes, dois numeros: *singular*, quando se trata de uma só pessoa ou cousa, como: *Elle lê, etc.*, e *plural*, quando se trata de mais de uma pessoa ou cousa, exemplo: *Elles estudão, etc.*

Em cada um destes numeros, ha tres pessoas, exemplo: *Eu canto, tu saltas, elle ou ella brinca; Nós jogamos, vós dansais, elles ou ellas correm.*

P. Que são *tempos*?

R. Grammaticalmente fallando, são certas inflexões do verbo, que fazem conhecer a que época ou occasião se refere a significação do mesmo verbo. Ha tres *tempos* principaes: *presente, preterito e futuro.* —

O presente, segundo a definição que se dá em quasi todas as grammaticas, denota que uma cousa é ou se faz no momento em que se falla, como: *Estou doente, etc.*; comtudo convém advertir que se emprega tambem o presente. 1.º Para exprimir as cousas que se chamão de eterna verdade, exemplo: Deus é Omnipotente, etc.; o homem é um ente racional. 2.º Para exprimir o que se costuma fazer, ainda quando se não execute no momento em que se

falla, como quando se diz : *Toco* muitos instrumentos ; *aprendo* as Mathematicas ; *estudo* Geographia, etc. 3.º Emprega-se tambem o presente em lugar do preterito, para tornar mais viva a narração, exemplo : Em 1807 *entrão* os Francezes em Portugal ; *impellem* a Familia Real a fugir para o Brasil ; *senhoreão-se* do governo do paiz ; mas pouco se *gozão* desta conquista, graças ao espirito de independencia nacional que *se manifesta* em todos os seus habitantes, e que os *leva* a sacudirem o jugo de seus oppressores. 4.º Finalmente, usa-se algumas vezes do presente em lugar do futuro, como : *Espero-te* amanhã cedo, etc.

26 O preterito exprime uma cousa passada, como : *Estive* em Cintra antes de hontem.

O futuro denota que uma cousa ha de ter lugar em um tempo que ainda não chegou, como : *Receberei* dinheiro á volta do correio, etc.

P. Como se divide o verbo ?

18 R. O verbo, segundo a sua natureza ou significação, pôde dividir-se em *activo*, *passivo*, *neutro*, *pronominal* e *impessoal*.

Verbo activo. É o que exprime a acção praticada ou exercida pelo sujeito, e que tem ou pôde ter um *objecto* ou *complemento directo* (1). Neste exemplo : *O sabio despreza as riquezas*, a palavra *despreza*, é um verbo activo, porque tem por sujeito *o sabio*, que é quem exerce a acção, e por objecto ou complemento directo *as riquezas*. Nest'outro exemplo : *Elle come e bebe*, subentendem-se as palavras *alguma cousa*, que são o objecto directo dos verbos *comer* e *beber*.

13 Alguns grammaticos chamão verbo transitivo ao verbo activo, por exprimir a acção que, do sujeito, é transmitida directamente ao complemento ou objecto directo, isto é, quando recae n'um objecto alheio delle.

P. Como se conhece que um verbo é activo ?

R. Quando se lhe pôde pospôr alguma das palavras *alguem*, *alguma cousa* : assim, os verbos *amar*, *receber*, são activos, porque se pôde dizer : *Amar* *alguem* ; *receber* *alguma cousa*.

P. Que é verbo passivo ?

---

(1) Veja-se mais adiante, na *syntaxe*, a explicação que se dá sobre o que deve entender-se por *sujeito*, *objecto directo*, *objecto indirecto*, *complemento*, etc.

R. É o contrario do verbo activo, por isso que exprime a acção como recebida pelo sujeito. Neste exemplo: *Alfredo ama Emilio*, a acção de amar é produzida por *Alfredo*, que é o sujeito do verbo, sendo *Emilio* o objecto d'essa acção; assim, a palavra *ama* é um verbo activo, quando nest'outro: *Emilio é amado por Alfredo*, o nome *Emilio* é ao mesmo tempo o sujeito do verbo, e o objecto da acção de *amar* produzida por *Alfredo*; por conseguinte: *é amado* é um verbo passivo. 164

Na lingua portugueza não ha terminações proprias para os verbos passivos, como acontece na latina, em que *laudare*, na activa, significa *louvar*, e na passiva, *laudari*, ser louvado; *laudo*, louvo; *laudor*, eu sou louvado, etc. Suppre-se esta falta, accrescentando-se aos tempos do verbo *ser* o participio passivo do verbo que se quer conjugar, como: *Eu sou amado*, *eu era recebido*, etc.

N. B. Só os verbos activos podem ser conjugados pela passiva. 19

Exprime-se tambem a acção passiva, accrescentando ao verbo activo o pronome *se*, quando o sujeito é cousa e não pessoa. Assim, neste exemplo: *O pão come-se*, *a agua bebe-se*, *a casa queima-se*, vê-se que o *pão*, que é o sujeito, não produz a acção, mas sim que a recebe, porque não é o *pão* que come, mas que *é comido*, etc.

P. Que se entende por verbo neutro?

R. Verbo neutro ou intransitivo é aquelle cuja significação fica completa por si mesma sem recair directamente em nenhum objecto, v. g. *O menino dorme*; *a arvore cresce*, etc. 23

Ha verbos que, umas vezes, se usão como transitivos, e outras como intransitivos, exemplo: *Tu sobes depressa*, e *desces de vagar*, etc.; neste caso, os verbos *subir* e *descer* estão usados como intransitivos; porém nest'outro: *Sobe-me a capa*, *desce-me o chapeo*, *elle vive vida feliz*; os verbos *subir*, *descer* e *viver*, estão usados como transitivos, pois *capa*, *chapeo* e *vida feliz* são os objectos directos.

P. Como se conhece que um verbo é neutro?

R. Quando se lhe não pôde pospôr alguma das palavras, *alguem*, *alguma cousa*; assim, *rir*, *dormir*, são verbos neutros, porque se não pôde dizer: *Rir alguem*, *dormir alguma cousa*. 31

P. Que são verbos pronominaes?

R. Aquelles que se conjugão, ou com um substantivo e um pronome, ou dois pronomes da mesma pessoa, um dos

quaes, muitas vezes, se subentende. Dos verbos pronominaes, uns são *reflexivos* ou *reflexos*, outros *recíprocos*.

Verbo reflexivo. É o que exprime uma acção que recalle no sujeito, como: *Firo-me, louvo-me*. Estes verbos são sempre acompanhados dos pronomes *me, te, se*, para as tres pessoas do singular, e de *nos, vos, se* para as tres do plural.

10 Verbo recíproco. É o que exprime uma acção recíproca entre os seus sujeitos, v. g. *João e Luiz allivião-se nos seus trabalhos*.

P. Em que se dividem ainda os verbos pronominaes?

R. Em *fixos* ou *essenciaes*, e *variaveis* ou *accidentaes*.

Verbos pronominaes fixos ou essenciaes. São aquelles que no Infinito nunca se podem separar do pronome, como: *Jactar-se, queixar-se, etc.*

Verbos pronominaes variaveis ou accidentaes. São alguns verbos activos ou neutros que não são pronominaes senão accidentalmente; como o verbo *lamentar-se, eu me lamento*, que tambem se pôde conjugar com um só pronome, em sentido activo, exemplo: *Eu lamento este homem, etc.*

14 P. Diga o que são verbos impessoaes.

R. São certos verbos que só se usão na terceira pessoa, e aos quaes se não pôde antepór o pronome indicativo da mesma pessoa.

Destes, uns são impessoaes por sua natureza, como: *Chove, gela, troveja, anoitece, amanhece, etc.*; outros, ora são impessoaes, ora pessoaes como o verbo *Parecer*, que é impessoal na seguinte frase: *Parece que não teremos verão este anno*; e pessoal nest'outra: *Tu pareces contente com a tua sorte, etc.*

Ha certos verbos usados impessoalmente, que são acompanhados do pronome *se*, como: *Diz-se, faz-se, ouve-se, espera-se, etc.*

21 P. Queira explicar o que são verbos *substantivos*?

R. Verbos substantivos, propriamente ditos, são aquelles que exprimem a existencia, o estado ou situação das cousas.

Dois são esses verbos na lingua portugueza: *ser* (1) e *estar*, os quaes correspondem ao verbo latino *esse*. Ha porém entre um e outro consideravel differença, por quanto o verbo *ser* indica que a qualidade que por elle se attri-

(1) O verbo *ser* só é auxiliar, quando serve para conjugar outro verbo.

bue ao sujeito, lhe é natural ou usual; e o verbo *estar*, que essa qualidade é accidental, transitoria ou de data recente. Assim, quando dizemos que um homem é *doente*, ou que é *bebado*, queremos significar que não goza habitualmente de saúde, ou que tem por costume embriagar-se; e quando avançamos que *está doente*, ou que *está bebado*, queremos dizer que na actualidade se acha doente ou bebado (1).

24 P. Que são verbos *adjectivos*?

R. Os verbos adjectivos, attributivos ou concretos, são aquelles que encerrão em si mesmos, ou n'uma só palavra (porque o pronome não se conta), a affirmacão e o que se attribue ao sujeito, isto é, a idéa do verbo *ser* ou *estar*, e a do predicado. Assim, *Vivo*, vale o mesmo que dizer: *sou vivente*; *como*, vale o mesmo que *estou comendo*, etc.

P. Que é conjugar um verbo?

R. É recita-lo ou escreve-lo com as differentes inflexões ou terminações de que é susceptível, segundo os modos, tempos, numeros e pessoas; assim, pela palavra conjugação, entende-se o conjuncto das modificações ou variações accidentaes do verbo —

P. Que entende por verbos *auxiliares*?

R. Entendo os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*, quando servem de auxilio para a formação dos tempos compostos dos verbos.

P. Como se dividem os verbos em razão da conjugação?

R. Em *regulares* e *irregulares*.

P. Diga o que são verbos regulares.

R. São aquelles que em todos os seus tempos seguem a regra geral da conjugação a que pertencem, isto é, que não perdem a sua raiz ou letras radicaes.

P. Quantas conjugações regulares ha na lingua portugueza?

R. Segundo o que fica enunciado, ha tres que se distinguem pela terminação do infinito pessoal, a saber: a 1.<sup>a</sup> dos verbos acabados em *ar*, como: *Amar*; a 2.<sup>a</sup> em

(1) Outros verbos ha que alguns grammaticos classificão como verbos substantivos, taes são os seguintes: *Ficar*, *continuar*, *permanecer*, *seguir*, *achar-se*, etc., bem como estes verbos de movimento, quando levão um attributo: *Ir*, *voltar*, *andar*, e alguns outros, os quaes são equivalentes do verbo *estar*, e usados neste sentido tem a mesma significação que elle. Assim, esta expressão: *Está bom*, pôde ser substituída por um dos verbos *fica*, *continua*, *acha-se bom*. Est'outra: *Está de mau humor*, pôde ser substituída por *anda*, *segue*, etc., de mau humor.

er, como; *Receber*; a 3.<sup>a</sup> em *ir*, como: *Admittir*. Servem de modelo ou paradigma para se conjugarem outros verbos da sua terminação (1).

P. Explique o que são verbos irregulares ou anómalos.

R. Os verbos irregulares ou anómalos são assim chamados, por se afastarem da regra geral da conjugação regular, isto é, porque em alguns tempos experimentão variação nas suas letras radicaes.

P. Que são verbos *defectivos*?

R. São aquelles que carecem de alguns tempos ou pessoas que o uso não admitte.

## CONJUGAÇÃO DO VERBO *SER*

### Modo Indicativo

#### Tempo Presente

N. S. Eu sou (2).	N. P. Nós somos.
Tu és.	Vós sois (3).
Elle ou ella é.	Elles ou ellas são.

#### Preterito Imperfeito

N. S. Eu era.	N. P. Nós eramos.
Tu eras.	Vós ereis.
Elle ou ella era.	Elles ou ellas erão.

(1) O verbo *pôr*, que serve de norma ou paradigma para a conjugação de seus compostos, chama-se *irregular* de todas as conjugações, por não pertencer a nenhuma das tres regulares. Os antigos fazião-no irregular da segunda, e dizião: *Poer e poemas, poeis, poendo*, e da mesma sorte os seus compostos.

ANTONIO DE MORAES SILVA, auctor de um *Diccionario da lingua portugueza*, e de um epitome de *Grammatica*, que anda annexo ao mesmo *Diccionario*, estabelece que as nossas conjugações regulares são quatro, fazendo entrar neste numero a dos verbos que no infinito acabão em *or*, como: *Pôr, etc.*

(2) Sendo as terminações, nos verbos portuguezes, o que designa as pessoas grammaticaes, omittem-se muitas vezes os pronomes pessoas na sua conjugação, e diz-se, por exemplo: *Sou, és, é; somos, sois, são, etc.*

(3) Convém advertir que quando nos dirigimos a alguém, empregamos geralmente a terceira pessoa; assim, diz-se: *Vm.ª é feliz; Vm.ªs são queridos*, em lugar de *Vós sois feliz*, fallando a uma pessoa; *Vós sois queridos*, fallando a mais de uma pessoa.

Neste e nos seguintes verbos, que se achão conjugados, damos unicamente os tempos simples para não causar confusão. Quanto aos tempos compostos, veja-se a pag. 92.

**Preterito Perfeito**

N. S. Eu fui.	N. P. Nós fomos.
Tu foste.	Vós fostes.
Elle foi.	Elles forão.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Eu fôra.	N. P. Nós fôramos.
Tu fôras.	Vós fôreis.
Elle fôra.	Elles forão.

**Futuro**

N. S. Eu serei.	N. P. Nós seremos.
Tu serás.	Vós sereis.
Elle será.	Elles serão.

**Modo Condicional**

N. S. Eu seria.	N. P. Nós seríamos.
Tu serias.	Vós serieis.
Elle seria.	Elles serião.

**Modo Imperativo**

N. S. Sê. Seja.	N. P. Sejâmos. Sêde. Sejão (1).
--------------------	---------------------------------------

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

N. S. Que eu seja.	N. P. Que nós sejamos.
» tu sejas.	» vós sejais.
» elle seja.	» elles sejam.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Que ou se eu fosse.	N. P. Que nós fossemos.
» tu fosses.	» vós fosseis.
» elle fosse.	» elles fossem.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Que ou se eu fôra.	N. P. Que nós fôramos.
» tu fôras.	» vós fôreis.
» elle fôra.	» elles forão.

(1) No imperativo, em português, usa-se também das terceiras pessoas do singular e do plural, em lugar da segunda deste ultimo numero; assim, diz-se: *Seja vm.ª razoavel*, em lugar de: *Sêde vós razoavel*; *Sejão vm.ªs testemunhas*, em vez de: *Sêde vós testemunhas*, etc.

**Futuro**

N. S. Quando ou se eu fôr.	N. P. Quando nós fôrmos.
» tu fôres.	» vós fôrdes.
» elle fôr.	» elles fôrem.

**Modo Infinito****Tempo Presente Impessoal** — Ser.**Gerundio** — Sendo. | **Supino** — Sido.Carece de **Participio Passivo**

Além destes tempos, a que chamão simples, ha ainda outros denominados compostos, os quaes se fórmão como adiante se verá.

**Infinito Pessoal** — Ser eu — Seres tu — Ser elle — Ser-mos nós — Serdes vós — Serem elles, etc.

**CONJUGAÇÃO DO VERBO TER****Modo Indicativo****Tempo presente**

N. S. Eu tenho.	N. P. Nós temos.
Tu tens.	Vós tendes.
Elle tem.	Elles tem.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Eu tinha.	N. P. Nós tínhamos.
Tu tinhas.	Vós tinheis.
Elle tinha.	Elles tinhamo.

**Preterito Perfeito**

N. S. Eu tive.	N. P. Nós tivemos.
Tu tiveste.	Vós tivestes.
Elle teve.	Elles tiverão.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Eu tivera.	N. P. Nós tiveramos.
Tu tiveras.	Vós tivereis.
Elle tivera.	Elles tiverão.

**Futuro**

N. S. Eu terei.	N. P. Nós teremos.
Tu terás.	Vós tereis.
Elle terá.	Elles terão.

**Modo Condicional**

N. S. Eu teria.	N. P. Nós teríamos.
Tu terias.	Vós teríeis.
Elle teria.	Elles terião.

**Modo Imperativo**

N. S. Tem.	N. P. Tenhâmos.
Tenha.	Tende.
	Tenhão.

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

N. S. Que eu tenha.	N. P. Que nós tenhamos.
» tu tenhas.	» vós tenhais.
» elle tenha.	» elles tenham.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Que ou se eu tivesse.	N. P. Que nós tivéssemos.
» tu tivesses.	» vós tivésseis.
» elle tivesse.	» elles tivessem.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Que ou se eu tivera.	N. P. Que nós fivérâmos.
» tu tiveras.	» vós tivereis.
» elle tivera.	» elles tiverão.

**Futuro**

N. S. Quando ou se eu tiver.	N. P. Quando nós tivermos.
» tu tiveres.	» vos tiverdes.
» elle tiver.	» elles tiverem.

**Modo Infinito****Tempo Presente Impessoal — Ter.**

<b>Gerundio</b> — Tendo.	<b>Supino</b> — Tido.
Não tem <b>Participio Passivo</b> .	

**Infinito Pessoal** — Ter eu — Teres tu — Ter elle —  
Termos nós — Terdes vós — Terem elles.

Os verbos *ter* e *haver*, ora são activos, ora auxiliares. São auxiliares quando, como fica dito, servem para formarem os tempos compostos dos outros verbos, exemplo: *Tenho amado, hei recebido, etc.*

São activos: quando tem um complemento directo, exemplo: *Tenho um livro; houve d'ella dois filhos, etc.*

## CONJUGAÇÃO DO VERBO *HAVER*

### Modo Indicativo

#### Tempo Presente

N. S. Eu hei.	N. P. Nós havemos.
Tu has.	Vós haveis.
Elle ha.	Elles hão.

#### Preterito Imperfeito

N. S. Eu havia.	N. P. Nós havíamos.
Tu havias.	Vós haviéis.
Elle havia.	Elles havião.

#### Preterito Perfeito

N. S. Eu houve.	N. P. Nós houvemos.
Tu houveste.	Vós houvestes.
Elle houve.	Elles houverão.

#### Preterito mais que Perfeito

N. S. Eu houvera.	N. P. Nós houveramos.
Tu houverás.	Vós houvereis.
Elle houvera.	Elles houverão.

#### Futuro

N. S. Eu haveréi.	N. P. Nós haveremos.
Tu haverás.	Vós haveréis.
Elle haverá.	Elles haverão.

### Modo Condicional

N. S. Eu haveria.	N. P. Nós haveríamos.
Tu haverias.	Vós haverieis.
Elle haveria.	Elles haverião.

### Modo Imperativo

N. S. Ha.	N. P. Havei.
Haja.	Hajão (1).

(1) Os verbos *ter* e *haver*, como auxiliares, carecem do imperativo. Como verbos activos porém, são usados nas pessoas indicadas nos lugares competentes.

**Modo Conjunctivo****Tempo presente**

N. S. Que eu haja.	N. P. Que nós hajamos.
» tu hajas.	» vós hajais.
» elle haja.	» elles hajão.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Que ou se eu houvesse.	N. P. Que nós houvessemos.
» tu houvesse.	» vós houvesseis.
» elle houvesse.	» elles houvessem.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Que eu houvera.	N. P. Que nós houveramos.
» tu houveras.	» vós houvereis.
» elle houvera.	» elles houverão.

**Futuro**

N. S. Quando ou se eu houver.	N. P. Quando nós houvermos.
» tu houveres.	» vós houverdes.
» elle houver.	» elles houverem.

**Modo Infinito****Tempo Presente Impessoal**—Haver.**Gerundio**—Havendo. | **Supino**—Havido.Não tem **Participio Passivo**.**Infinito Pessoal**—Haver eu — Haveres tu — Haver elle — Havermos nós — Haverdes vós — Haverem elles.**CONJUGAÇÃO DO VERBO *ESTAR*****Modo Indicativo****Tempo presente**

N. S. Eu estou.	N. P. Nós estamos.
Tu estás.	Vós estais.
Elle está.	Elles estão.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Eu estava.	N. P. Nós estávamos.
Tu estavas.	Vós estaveis.
Elle estava.	Elles estavam.

**Preterito Perfeito**

N. S. Eu estive.	N. P. Nós estivemos.
Tu estiveste.	Vós estivestes.
Elle esteve.	Elles estiverão.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Eu estivera.	N. P. Nós estiveramos.
Tu estiveras.	Vós estivereis.
Elle estivera.	Elles estiverão.

**Futuro**

N. S. Eu estarei.	N. P. Nós estaremos.
Tu estarás.	Vós estareis.
Elle estará.	Elles estarão.

**Modo Condicional**

N. S. Eu estaria.	N. P. Nós estaríamos.
Tu estarias.	Vós estarieis.
Elle estaria.	Elles estarião.

**Modo Imperativo**

N. S. Está.	N. P. Estejamos.
Esteja.	Estai.
	Estejão.

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

N. S. Que eu esteja.	N. P. Que nós estejamos.
» tu estejas.	» vós estejais.
» elle esteja.	» elles estejão.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Que ou se eu estivesse.	N. P. Que nós estivessemos.
» tu estivesse.	» vós estivesseis.
» elle estivesse.	» elles estivessem.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Que eu estivera.	N. P. Que nós estiveramos.
» tu estiveras.	» vos estivereis.
» elle estivera.	» elles estiverão.

**Futuro**

N.S. Quando ou se eu estiver.	N. P. Quando nós estivermos.
» tu estiveres.	» vós estiverdes.
» elle estiver.	» elles estiverem.

## Modo Infinito

**Tempo Presente Impessoal** — Estar.

**Gerundio** — Estando. | **Supino** — Estado.

Carece de **Participio Passivo**

**Infinito Pessoal** — Estar eu — Estares tu — Estar elle — Estarmos nós — Estardes vós — Estarem elles.

## PRIMEIRA CONJUGAÇÃO REGULAR

### DOS VERBOS CUJO INFINITO ACABA EM AR

#### Modo Indicativo

##### Tempo Presente

N. S. Eu amo (1).	N. P. Nós amamos.
Tu amas.	Vós amais (2).
Elle ama.	Elles amão.

##### Preterito Imperfeito

N. S. Eu amava.	N. P. Nós amavamos.
Tu amavas.	Vós amaveis.
Elle amava.	Elles amavão.

##### Preterito Perfeito

N. S. Eu amei.	N. P. Nós amámos.
Tu amaste.	Vós amastes.
Elle amou.	Elles amárão.

##### Preterito mais que Perfeito

N. S. Eu amára.	N. P. Nós amáramos.
Tu amáras.	Vós amáreis.
Elle amára.	Elles amárão.

##### Futuro

N. S. Eu amarei.	N. P. Nós amaremos.
Tu amarás.	Vós amareis.
Elle amará.	Elles amarão.

(1) Veja-se a observação que está a pag. 92 sobre a formação dos tempos dos verbos, para se conhecer a razão por que aqui se põe a terminação de cada pessoa em letras diversas.

(2) Alguns grammaticos escrevem : *Amas, etc.*

**Modo Condicional**

N. S. Eu <i>amaria.</i>	N. P. Nós <i>amariamos.</i>
Tu <i>amarias.</i>	Vós <i>amariéis.</i>
Elle <i>amaria.</i>	Elles <i>amarião.</i>

**Modo Imperativo**

N. S. <i>Ama.</i>	N. P. <i>Amemos.</i>
<i>Ame.</i>	<i>Amai.</i>
	<i>Amem.</i>

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

N. S. Que eu <i>ame.</i>	N. P. Que nós <i>amemos.</i>
» tu <i>ames.</i>	» vós <i>ameis.</i>
» elle <i>ame.</i>	» elles <i>amem.</i>

**Preterito Imperfeito**

N. S. Que ou se eu <i>amasse.</i>	N. P. Que nós <i>amássemos.</i>
» tu <i>amasses.</i>	» vós <i>amásseis.</i>
» elle <i>amasse.</i>	» elles <i>amássem.</i>

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Que eu <i>amára.</i>	N. P. Que nós <i>amáramos.</i>
» tu <i>amáras.</i>	» vós <i>amáreis.</i>
» elle <i>amára.</i>	» elles <i>amárão.</i>

**Futuro**

N. S. Quando ou se eu <i>amar.</i>	N. P. Quando nós <i>amarmos.</i>
» tu <i>amares.</i>	» vós <i>amardes.</i>
» elle <i>amar.</i>	» elles <i>amarem.</i>

**Modo Infinito****Tempo Presente Impessoal** — *Amar.***Gerundio** — *Amando.* | **Supino** — *Amado.***Participio Passivo** — *Amado* — *Amada.***Infinito Passivo** — *Amar eu* — *Amares tu* — *Amar elle* — *Amarmos nós* — *Amardes vós* — *Amarem elles.*

## SEGUNDA CONJUGAÇÃO REGULAR

## DOS VERBOS CUJO INFINITO ACABA EM ER

## — Modo Indicativo

**Tempo Presente**

N. S. Eu recebo.	N. P. Nós recebemos.
Tu recebes.	Vós recebeis.
Elle recebe.	Elles recebem.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Eu recebia.	N. P. Nós recebíamos.
Tu recebias.	Vós recebieis.
Elle recebia.	Elles recebião.

**Preterito Perfeito**

N. S. Eu recebi.	N. P. Nós recebemos.
Tu recebeste.	Vós recebestes.
Elle recebeu.	Elles receberam.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Eu receberá.	N. P. Nós receberíamos.
Tu receberás.	Vós receberíeis.
Elle receberá.	Elles receberião.

**Futuro**

N. S. Eu receberei.	N. P. Nós receberemos.
Tu receberás.	Vós receberéis.
Elle receberá.	Elles receberão.

**Modo Condicional**

N. S. Eu receberia.	N. P. Nós receberíamos.
Tu receberias.	Vós receberíeis.
Elle receberia.	Elles receberião.

**Modo Imperativo**

N. S. Recebe.	N. P. Recebamos.
Receba.	Recebei.
	Recebão.

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

N. S. Que eu receba.	N. P. Que nós recebamos.
» tu recebas.	» vós recebais.
» elle receba.	» elles recebão.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Que ou se eu recebesse.	N. P. Que nós recebessemos.
» tu recebesses.	» vós recebesseis.
» elle recebesse.	» elles recebessem.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Que eu receberá.	N. P. Que nós receberíamos.
» tu receberás.	» vós receberéis.
» elle receberá.	» elles receberão.

**Futuro**

N. S. Quando ou se eu receber.	N. P. Quando nós recebermos.
» tu receberes.	» vós receberdes.
» elle receber.	» elles receberem.

**Modo Infinito****Tempo Presente Impessoal** — Receber.**Gerundio** — Recebendo. | **Supino** — Recebido.**Participio Passivo** — Recebido — Recebida.**Infinito Pessoal** — Receber eu — Receberes tu — Receber elle — Recebermos nós — Receberdes vós — Receberem elles.**TERCEIRA CONJUGAÇÃO REGULAR****DOS VERBOS CUJO INFINITO ACABA EM IR****Modo Indicativo****Tempo Presente**

N. S. Eu admitto.	N. P. Nós admittimos.
Tu admittes.	Vós admittis.
Elle admitte.	Elles admittem.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Eu admittia.	N. P. Nós admittiamos.
Tu admittias.	Vós admittieis.
Elle admittia.	Elles admittião.

**Preterito Perfeito**

N. S. Eu admitti.	N. P. Nós admittimos.
Tu admittiste.	Vós admittistes.
Elle admittiu.	Elles admittirão.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Eu admittira.	N. P. Nós admittiramos.
Tu admittiras.	Vós admittireis.
Elle admittira.	Elles admittirão.

**Futuro**

N. S. Eu admittirei.	N. P. Nós admittiremos.
Tu admittirás.	Vós admittireis.
Elle admittirá.	Elles admittirão.

**Modo Condicional**

N. S. Eu admittiria.	N. P. Nós admittiriamos.
Tu admittirias.	Vós admittirieis.
Elle admittiria.	Elles admittirão.

**Modo Imperativo**

N. S. Admitte.	N. P. Admittamos.
Admitta.	Admitti.
	Admittão.

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

N. S. Que eu admitta.	N. P. Que nós admittamos.
» tu admittas.	» vós admittais.
» elle admitta.	» elles admittão.

**Preterito Imperfeito**

N. S. Que ou se eu admittisse.	N. P. Que nós admittissemos.
» tu admittisses.	» vós admittisseis.
» elle admittisse.	» elles admittissem.

**Preterito mais que Perfeito**

N. S. Que eu <del>admittira.</del>	N. P. Que nós <del>admittiramos.</del>
» tu <del>admittiras.</del>	» vós <del>admittireis.</del>
» elle <del>admittira.</del>	» elles <del>admittirão.</del>

**Futuro**

N. S. Quando ou se eu <del>admittir.</del>	N. P. Quando nós <del>admittirmos.</del>
» tu <del>admittires.</del>	» vós <del>admittirdes.</del>
» elle <del>admittir.</del>	» elles <del>admittirem.</del>

**Modo Infinito****Tempo Presente Impessoal** — *Admittir.***Gerundio** — *Admittindo.* | **Supino** — *Admittido.***Participio Passivo** — *Admittido* — *Admittida.*

**Infinito Pessoal** — *Admittir eu* — *Admittires tu* — *Admittir elle* — *Admittirmos nós* — *Admittirdes vós* — *Admittirem elles.*

P. Tem alguma cousa a observar quanto á formação dos tempos dos verbos?

R. Certamente: na formação dos tempos simples, deve attender-se á raiz do verbo, ou letras radicaes do infinito, para se saber quaes são as desinencias ou terminações proprias de cada tempo e pessoa. Nos verbos regulares, todas as letras radicaes são as que precedem as terminações em *ar, er, ir*; assim, em *amar*, são, *am*; em *receber*, *receb*; em *admittir*, *admitt*; por conseguinte, para conjugar qualquer verbo regular, bastará acrescentar ás letras radicaes do infinito as desinencias proprias de cada tempo e pessoa. Sirva de exemplo o verbo *cantar*: as letras radicaes são *cant*; portanto acrescentando-lhe as desinencias que no verbo *amar* vão em typo diverso (de paginas 87 e 88), vemos que no presente do indicativo faz *canto, cantas, canta*, etc., assim nos mais tempos. Segundo pois o que fica enunciado, as letras radicaes são a parte invariavel do verbo, e as desinencias ou terminações, a parte variavel. —

Chamão-se *tempos simples* aquelles que se exprimem por uma só palavra, ou por duas, entrando os pronomes pessoaes, como: *Danzando, eu dançava, tu recebias*, etc. *Tempos compostos* são aquelles que se formão com algum

dos tempos simples dos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, como: *Eu tenho saltado, tu tinhas amado, etc.*

Os tempos compostos, nos verbos activos, formão-se dos tempos simples dos verbos *ter* ou *haver*; e nos verbos passivos, não só destes tempos, mas tambem do verbo *ser*, juntando-se-lhes o supino do verbo (ou o infinito em certos tempos); de maneira que até os verbos auxiliares são auxiliares de si mesmos, como: *Eu tenho tido, tu tens tido, eu tinha tido, eu terei sido, tu terás sido, eu hei de haver, tu has de receber, etc.*

P. Que entende por verbos *simples* e verbos *compostos*?

R. Chamão-se verbos simples aquelles que servem para a formação de outros; e verbos compostos, aquelles que se formão de um verbo simples pelo accrescentamento de algumas letras; assim, o verbo *ver*, é um verbo simples, e *antever, prover* e *rever* são compostos do verbo *ver*.

Os verbos compostos conjugão-se ordinariamente como aquelles de que se derivão. -

P. Diga o que se lhe offerecer a respeito dos verbos *irregulares* ou *anómalos*?

R. Verbo irregular ou anómalo, como já se explicou, é aquelle que, na formação de alguns tempos ou pessoas, se afasta da regra geral da conjugação regular. Essa irregularidade consiste pois na mudança, ou perda de letras radicaes, ou na alteração das terminações regulares.

Os verbos *estar* e *dar* são pois irregulares. O primeiro acha-se já conjugado entre os auxiliares; o seu composto *sobrestar* conjuga-se do mesmo modo. O verbo *dar* conjuga-se como abaixo se verá. -

Para maior brevidade, apontaremos unicamente alguns tempos e pessoas que se não conformão com a regra da conjugação a que pertencem.

*Dar* faz no indicativo pres. *Eu dou, dás, dá; damos, dais, dão.* Pret. perf. *Eu dei, deste, deu; demos, destes, dêrão.* Pret. mais qud perf. *Eu dêra, dêras, dêra; dêramos, dêreis, dêrão.* Conj. pres. *Que eu dê, dês, dê; dêmos, deis, dêm ou dêem.* Pret. imperf. *Que eu desse, dessem, desse; dessemos, desseis, dessem.* Futuro. *Quando eu der, deres, der; dermos, derdes, derem:* nos outros tempos conjuga-se como *amar*.

Os verbos acabados em *car*, taes como: *Ficar, peccar, seccar, etc.*, tambem são irregulares, porque mudão o *c* em *qu* antes de *e*; exemplo: *Fique, fiquei; peque, pequei; seque, sequei, etc.*

São igualmente irregulares :

1.º Os verbos em *gar*, por tomarem *u* antes do *e*; assim, os verbos *jogar*, *negar*, *rogar*, etc., fazem : *Jogue*, *joguei*; *negue*, *neguei*; *roque*, *roquei*, etc.

2.º Os verbos em *ear*, como : *Cear*, *passear*, *rodear*, *nomear*, que mudão o *e* em *ei* em alguns tempos e pessoas, como se vê neste exemplo : Ind. temp. pres. *Ceio*, *ceias*, *ceia*, *ceiões*. Imper. *Ceia*, *ceiem*. Conj. temp. pres. *Que eu ceie*, *que tu ceies*; *que elle ceie*, *que elles ceiem*, etc.

3.º Os verbos *premiar*, *gloriar-se*, *mediar* e alguns mais acabados em *iar*, levão um *e* antes do *i*, no presente do indicativo, do conjunctivo e no imperativo, como : *Premeio*, *premeie*; *gloreio-me*, *gloreie-se*; *medeio*, *medeie*; *premeia*, etc. Póde-se dizer indifferentemente : *Eu me glorio* ou *me glorieio*.

4.º Os verbos *acariciar*, *allumiar*, *annunciar*, *copiar*, *noticiar*, *pronunciar*, *titubiar*, etc. fazem : eu *acaricio*, eu *allumio*, eu *copio*, etc. —

P. Aponte agora alguns verbos irregulares da segunda conjugação.

R. Os verbos irregulares da segunda conjugação são os seguintes: *Fazer*, *querer*, *saber*, *trazer*, *valer*, *poder*, *dizer*, *ler*, *crer*, *eleger*, *caber*, *ver*, etc., e os seus compostos ou derivados.

**FAZER. VER. QUERER. SABER. TRAZER.**

— **Modo Indicativo**

**Tempo Presente**

-Faço.	-Vejo.	-Quero.	-Sei.	-Trago.
Fazes.	Vês.	Queres.	Sabes.	Trazes.
Faz.	Vê.	Quer.	Sabe.	Traz.
Fazemos.	Vêmos.	Queremos.	Sabemos.	Trazemos.
Fazeis.	Vêdes.	Quereis.	Sabeis.	Trazeis.
Fazem.	Vêem.	Querem.	Sabem.	Trazem.

**Preterito Perfeito**

Fiz.	Vi.	Quiz.	Soube.	Trouxe.
Fizeste.	Viste.	Quizeste.	Soubeste.	Trouxeste.
Fez.	Viu.	Quiz.	Soube.	Trouxe.
Fizemos.	Vimos.	Quizemos.	Soubemos.	Trouxemos.
Fizestes.	Vistes.	Quizestes.	Soubestes.	Trouxestes.
Fizerão.	Virão.	Quizerão.	Souberão.	Trouxerão.

**Preterito mais que Perfeito**

Fizera.	Vira.	Quizera.	Soubera.	Trouxera.
Fizeras.	Viras.	Quizeras.	Souberas.	Trouxeras.
Fizera.	Vira.	Quizera.	Soubera.	Trouxera.
Fizemos.	Viramos.	Quizeramos.	Souberamos.	Trouxemos.
Fizeréis.	Vireis.	Quizeréis.	Souberéis.	Trouxereis.
Fizerão.	Virão.	Quizerão.	Souberão.	Trouxerão.

**Futuro**

Farei.	Verei.	Quererei.	Saberei.	Trarei.
Farás.	Verás.	Quererás.	Saberás.	Trarás, etc.

**Modo Condicional**

Faria.	Veria.	Quereria.	Saberia.	Traria, etc.
--------	--------	-----------	----------	--------------

**Modo Imperativo**

Faze.	Vê.		Sabe.	Traze.
Faça.	Veja.	Queira.	Saiba.	Traga.
Façamos.	Vejamos.		Saibamos.	Tragamos.
Fazei.	Vêde.		Sabei.	Trazei.
Fação.	Vejão.	Queirão.	Saibão.	Tragão.

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

Que eu				
Faça.	Veja.	Queira.	Saiba.	Traga, etc.

**Preterito Imperfeito**

Se eu				
Fizesse.	Visse.	Quizesse.	Soubesse.	Trouxesse, etc.

**Futuro**

Quando eu				
Fizer.	Vir.	Quizer.	Souber.	Trouxer, etc.

**Supino**

Feito.	Visto.	Querido.	Sabido.	Trazido.
--------	--------	----------	---------	----------

Os outros tempos e pessoas que aqui se omittem seguem a regra da conjugação regular.

indicativo, faz *Requeiro*. No imperativo faz: *Requer, requeira, requeiramos, requeirei, requeirão*: o resto conjuga-se como *querer*.

P. Diga quaes são os verbos irregulares da terceira conjugação?

R. São, entre outros, os seguintes :

**IR. VIR. PEDIR. INDUZIR. SERVIR.**

### Modo Indicativo

#### Tempo Presente

Vou.	Venho.	Peço.	Induzo.	Sirvo.
Vais.	Vens.	Pedes.	Induzes.	Serves.
Vai.	Vem.	Pede.	Induz.	Serve.
Vamos (1).	Vimos.	Pedimos.	Induzimos.	Servimos.
Ides.	Vindes.	Pedis.	Induzis.	Servis.
Vão.	Vem.	Pedem.	Induzem.	Servem.

#### Preterito Imperfeito

Ía.	Vinha.	Pedia.	Induzia.	Servia, etc.
-----	--------	--------	----------	--------------

#### Preterito Perfeito

Fui.	Vim.	Pedi.	Induzi.	Servi.
Foste.	Vieste.	Pediste.	Induziste.	Serviste.
Foi.	Veiu.	Pediu.	Induziu.	Serviu.
Fômos.	Víamos.	Pedimos.	Induzimos.	Servimos.
Fostes.	Viestes.	Pedistes.	Induzistes.	Servistes.
Forão.	Vierão.	Pedirão.	Induzirão.	Servirão.

#### Preterito mais que Perfeito

Fôra.	Viera.	Pedira.	Induzira.	Servira, etc.
-------	--------	---------	-----------	---------------

#### Futuro

Irei.	Virei.	Pedirei.	Induzirei.	Servirei.
-------	--------	----------	------------	-----------

### Modo Condicional

Iria.	Viria.	Pediria.	Induziria.	Serviria, etc.
-------	--------	----------	------------	----------------

(1) Em muitos auctores classicos acha-se *imos*, em lugar de *vamos*.

**Modo Imperativo**

Vai.	Vem.	Pede.	Induze.	Serve.
Vá.	Venha.	Peça.	Induza.	Sirva.
Vamos.	Venhamos.	Peçamos.	Induzamos.	Sirvamos.
Ide.	Vinde.	Pedi.	Induzi.	Servi.
Vão.	Venhão.	Peção.	Induzão.	Sirvão.

**Modo Conjunctivo****Tempo Presente**

Que eu				
Vá.	Venha.	Peça.	Induza.	Sirva.
Vás.	Venhas.	Peças.	Induzas.	Sirvas.
Vá.	Venha.	Peça.	Induza.	Sirva.
Vâmos.	Venhamos.	Peçamos.	Induzamos.	Sirvamos.
Vades.	Venhais.	Peçais.	Induzais.	Sirvais.
Vão.	Venhão.	Peção.	Induzão.	Sirvão.

**Preterito Imperfeito**

Se eu				
Fosse.	Viesse.	Pedisse.	Induzisse.	Servisse, etc.

**Futuro**

Quando eu				
Fôr.	Vier.	Pedir.	Induzir.	Servir.
Fôres.	Vieres.	Pedires.	Induzires.	Servires.
Fôr.	Vier.	Pedir.	Induzir.	Servir.
Fôrmos.	Viermos.	Pedirmos.	Induzirmos.	Servirmos.
Fôrdes.	Vierdes.	Pedirdes.	Induzirdes.	Servirdes.
Fôrem.	Vierem.	Pedirem.	Induzirem.	Servirem.

**Supino**

Ido.	Vindo.	Pedido.	Induzido.	Servido.
------	--------	---------	-----------	----------

O que nestes verbos se omittiu conjuga-se regularmente.

Conjugão-se como *vir* os seus compostos *avir*, *convir*, *desconvir*, etc.

O verbo *medir* conjuga-se como *pedir*, isto é, muda o *d* em *ç* quando se lhe segue *a* ou *o*; e o verbo *ouvir*, muda o *v* em *ç* antes das mesmas letras, como: *Eu ouço*, *que eu ouça*, etc.

O verbo *subir* faz no presente do indicativo: *Subo, sobes, sobe; subimos, subis, sobem*. No imper. faz: *Sobe, suba, subamos, subi, subão, etc.*

Conjugão-se como *subir*, isto é, nos mesmos tempos e pessoas mudão o *u* para *o*, os seguintes: *Acudir, bulir, construir, consumir, cuspir, destruir, engulir, fugir, sacudir, sumir, tussir, etc.*

O verbo *cobrir* ou *cubrir*, faz no pres. do ind.: *Cubro, cobres, cobre, etc.*; no pres. do conj.: *Que eu cubra, etc.*; nos outros tempos é regular. Do mesmo modo se conjugão os compostos: *Descubrir, encubrir, etc.*

Os verbos acabados em *gir*, mudão o *g* em *j*, antes de *a* ou *o*, como: *Aflijo, que eu aflija, etc.*

Os verbos *sahir, cahir* e os seus compostos perdem o *h*, e conservão o *i* antes de *o* ou *a*, como: *Sáio, cáio, etc.*

Os verbos *impedir* e *despedir*, compostos de *pedir*, fazem no pres. do ind. e do conj.: *Impeço, que eu impeça, despeço, que eu despeça*, se bem que alguns auctores antigos escrevião: *Impido, que eu impida, etc.*; mas este modo de fallar não está hoje em uso.

O verbo *rir* faz no pres. do ind.: *Rio, ris, ri; rimos, rides, riem*; no imper.: *Ri, ria; riamos, ride, rião*; no pres. do conj.: *Que eu ria, etc.*; o mais é regular.

O verbo *dormir* faz no pres. do ind.: *Eu durmo, tu dormes, etc.*; Imper. *Dorme, durma, dormamos, dormi, durmão*; no pres. do conj.: *Que eu durma*; o resto é regular.

Os verbos *sordir* ou *surdir*, *urdir*, *entupir*, fazem na terceira pessoa do pres. do ind.: *Surde, urde, etc.*; o resto conjugã-se como *induzir*.

Os verbos acabados em *quir*, em que se não pronuncia o *u*, como: *Distinguir, etc.*, perdem o *u* antes do *o* ou *a*, exemplo: *Distingo, que eu distinga, etc.* Pelo contrario, *arguir, annuir*, e alguns verbos mais conservão sempre o *u*, como: *argúo, que eu argúa; annúo, que eu annúa, etc.*

Conjugão-se como *induzir* os verbos acabados em *zir*, como: *Desluzir, conduzir, induzir, introduzir, produzir, reduzir, reluzir, seduzir, etc.*

Conjugão-se como *servir* os seguintes: *Advertir, despir, digerir, ferir, mentir, repetir, sentir, presentir, re-sentir, vestir, revestir, etc.*

P. Como se conjugão os verbos irregulares, cujo infinito acaba em *or*?

R. Do seguinte modo : sirva de exemplo o verbo *pôr*.

Ind. temp. pres. *Eu ponho, tu pões, elle põe ; nós pomos, vós ponde, elles põem.* Pret. imperf. : *Eu punha.* Pret. perf. : *Eu puz, tu puzeste, elle poz ; nós puzemos, vós puzestes, elles puzerão.* Pret. mais que perf. : *Eu puzera, etc.* Fut. : *Eu porei, etc.* Cond. : *Eu poria* Imper. : *Põe, ponha ; ponde, ponhão.* Conj. pres. : *Que eu ponha, etc.* Imperf. : *Que ou se eu puzesse, etc.* Fut. : *Quando eu puzer, etc.* Inf. temp. pres. impes. : *Pôr.* Gerundio, *pondo.* Supino, *posto.*

Do mesmo modo se conjugão os seus compostos : *Com-pôr, dispôr, etc.*

### Dos Verbos defectivos

P. Aponte alguns *verbos defectivos*.

R. Desta classe é o verbo *prazer*, porque não tem mais do que as seguintes pessoas : *Praz, prouve, prouvera, praza, prouvesse, prouver.*

O verbo *aprazer*, faz : *Apraz, aprouve, aprouvéra, aprazerá, aprouvesse, aprouver, aprazendo, aprazido.*

### Dos Participios regulares e irregulares

Cite alguns dos verbos que, alem do participio passivo regular, tem outro irregular.

R. Apontarei os principaes, devendo observar que alguns grammaticos chamão *verbos abundantes* áquelles que tem dois participios.

#### 1.ª Conjugação

Infinito	Participio regular	Participio irregular
Aceitar,	<i>aceitado,</i>	<i>aceito.</i>
Annexar,	<i>annexado,</i>	<i>annexo.</i>
Captivar,	<i>captivado,</i>	<i>captivo.</i>
Descalçar,	<i>descalçado,</i>	<i>descalço.</i>
Entregar,	<i>entregado,</i>	<i>entregue.</i>
Enxugar,	<i>enxugado,</i>	<i>enxuto.</i>
Escusar,	<i>escusado,</i>	<i>escuso.</i>
Expressar,	<i>expressado,</i>	<i>expresso.</i>
Expulsar,	<i>expulsado,</i>	<i>expulso.</i>
Fartar,	<i>fartado,</i>	<i>farto.</i>
Gastar,	<i>gastado,</i>	<i>gasto.</i>
Inquietar,	<i>inquietado.</i>	<i>inquieto.</i>

Isentar,	<i>isentado,</i>	<i>isento.</i>
Juntar,	<i>juntado,</i>	<i>junto.</i>
Limpar,	<i>limpado,</i>	<i>limpo.</i>
Manifestar,	<i>manifestado,</i>	<i>manifesto.</i>
Matar,	<i>matado.</i>	<i>morto.</i>
Occultar,	<i>occultado,</i>	<i>occulto.</i>
Pagar,	<i>pagado,</i>	<i>pago.</i>
Professar,	<i>professado,</i>	<i>professo.</i>
Salvar,	<i>salvado,</i>	<i>salvo.</i>
Seccar,	<i>seccado,</i>	<i>secco.</i>
Segurar,	<i>segurado,</i>	<i>seguro.</i>
Soltar,	<i>soltado,</i>	<i>solto.</i>
Sujeitar,	<i>sujeitado,</i>	<i>sujeito.</i>

2.<sup>a</sup> Conjugação

Absolver,	<i>absolvido,</i>	<i>absolto.</i>
Absorver,	<i>absorvido,</i>	<i>absorto.</i>
Accender,	<i>accendido,</i>	<i>acceso.</i>
Attender,	<i>attendido,</i>	<i>attento.</i>
Convencer,	<i>convencido,</i>	<i>convicto.</i>
Converter,	<i>convertido,</i>	<i>converso.</i>
Defender,	<i>defendido,</i>	<i>defeso.</i>
Eleger,	<i>elegido,</i>	<i>eleito.</i>
Envolver,	<i>envolvido,</i>	<i>envolto.</i>
Escriver,	<i>escrevido (1),</i>	<i>escripto.</i>
Incorrer,	<i>incorrido,</i>	<i>incurso.</i>
Morrer,	<i>morrido,</i>	<i>morto.</i>
Nascer,	<i>nascido.</i>	<i>nado.</i>
Prender,	<i>prendido,</i>	<i>preso.</i>
Resolver,	<i>resolvido,</i>	<i>resoluto.</i>
Romper,	<i>rompido,</i>	<i>roto.</i>
Suspender,	<i>suspendido,</i>	<i>suspenso.</i>

3.<sup>a</sup> Conjugação

Abrir,	<i>abrido.</i>	<i>aberto.</i>
Affligir,	<i>affligido,</i>	<i>afflicto.</i>
Cobrir,	<i>cobrido,</i>	<i>coberto.</i>
Concluir,	<i>concluido,</i>	<i>concluso.</i>
Confundir,	<i>confundido,</i>	<i>confuso.</i>
Erigir,	<i>erigido,</i>	<i>erecto.</i>

(1) *Escrivido* é antiquado.

Exhaurir,	<i>exaurido,</i>	<i>exhausto.</i>
Expellir,	<i>expellido,</i>	<i>expulso.</i>
Exprimir,	<i>exprimido,</i>	<i>expresso.</i>
Extinguir,	<i>extinguido,</i>	<i>extincto.</i>
Frigir,	<i>frigido,</i>	<i>frito.</i>
Imprimir,	<i>imprimido,</i>	<i>impresso.</i>
Incluir,	<i>incluido,</i>	<i>incluso.</i>
Inserir,	<i>inserido,</i>	<i>inserto.</i>
Surgir,	<i>surgido,</i>	<i>surto.</i>
Tingir,	<i>tingido,</i>	<i>tinto, etc.</i>

Ha ainda outros verbos que tem dois *participios* e que o uso fará conhecer ; convindo observar que muitos destes *participios irregulares* mais se podem chamar *adjectivos verbaes* do que *participios*.

#### DO ADVERBIO

##### P. Que entende por **adverbio** ?

R. O adverbio é uma palavra invariavel, que serve para modificar, ou um verbo, como : Falla *eloquentemente* ; um adjectivo, *v. g.* É *muito* estudioso ; outro adverbio, como : Conduziu-se *mui acertadamente*, ou uma preposição, exemplo : *Mais* para leste.

##### P. Porque se chama adverbio a esta parte da oração ?

R. Chama-se adverbio, da expressão latina *ad verbum*, que quer dizer *junto a outra palavra*, por isso que o seu uso principal é modificar, e mesmo completar a significação da palavra junto da qual se acha collocado ; assim, n'este exemplo : *Lés bem e escreves* perfeitamente, *porém és demasiado vagaroso*, vê-se que os adverbios *bem e perfeitamente* estão modificando os verbos *lés e escreves*, e o adverbio *demasiado*, o adjectivo *vagaroso*.

**Adverbios simples.** São aquelles que se exprimem por uma só palavra, como : *Hontem, aonde, sim, logo, tarde, cedo, etc.*

**Adverbios compostos.** São os que se formão de mais de uma palavra, como : *Ante hontem, até agora, depois de amanhã, por em quanto, mais que nunca, pouco a pouco, mal a proposito, a torto e a direito, d'aqui para alli, de véras, de repente, de pressa, a deshoras, ás claras, ás escuras, etc.*

A esta ultima especie de adverbios dá-se tambem a denominação de *locuções* ou *expressões adverbias*.

**Adverbios de tempo.** São : *Hoje, hontem, ante hontem, ámanhã, depois de ámanhã, agora, sempre, nunca, jamais, já, antes, depois, logo, tarde, cedo, ainda, outr'ora, d'ora em diante, então, etc.*

**Adverbios de lugar.** *Ahi, alli, aqui, lá, acolá, adiante, atraz, algures, d'ahi, d'alli, d'aqui, perto, longe, até aqui, aonde quer que, defronte, debaixo, por aqui, etc.*

**Adverbios de quantidade.** *Muito, pouco, mais, menos, assaz, tanto, demasiado, bastante, etc.*

**Adverbios de ordem.** *Primeiramente, em segundo lugar, alternativamente, ultimamente, em seguida, antes, depois, finalmente, etc.*

**Adverbios de modo.** *Bem, mal, assim, modestamente, severamente, fielmente, etc.*

**Adverbios de afirmação e negação.** *Sim, assim, pois não, certamente, na verdade, sem duvida, não, nada, nunca, de nenhuma sorte, etc.*

**Adverbios de duvida ou incerteza.** *Talvez, por ventura, acaso, etc.*

**Adverbios de comparação.** *Como, tão, assim como, similitosamente, do mesmo modo, melhor, peor, mais, menos, quasi, pouco mais ou menos, etc.*

**Adverbios de interrogação.** *Como? Quando? Aonde? Porque? etc.*

**Adverbios d'exclusão.** *Só, apenas, samente, unicamente, afóra, senão, etc.*

Ha certos adjectivos que se empregão como adverbios, isto é, quando, sem se referirem a substantivo algum, perdem a sua natureza de qualificativos, para exprimirem simplesmente uma circumstancia do verbo, exemplo : *Bradar alto; fallar baixo; ver claro; escrever certo, etc.*

P. De que se formão os adverbios acabados em *mente*?

R. De alguns adjectivos, accrescentando-se-lhes aquella terminação, como : *Felizmente, prudentemente, etc.*

Se o adjectivo porém tiver duas terminações, forma-se da feminina, exemplo : *Sabiamente, ternamente, lindamente, etc.*

Quando na oração se achão seguidos dois ou mais adverbios acabados em *mente*, só o ultimo leva esta terminação, exemplo : *Portou-se justa e sabiamente, etc.*

N. B. Ha certos adjectivos de que se não póde formar adverbios desta especie, taes como : *verde, azul, doente, etc.*, pois não se diz : *verdemente, azulmente, doentemente, etc.*

## DA PREPOSIÇÃO

**P. Que é preposição ?**

R. A preposição é uma palavra invariavel, que serve para exprimir as relações que póde haver entre duas idéas destacadas; assim, *Livro e Pedro* são duas palavras que significação, cada uma, per si, uma idéa destacada e independente da outra. Se porém se quizer significar que existe entre ambas uma relação de posse ou propriedade, por exemplo, usaremos da preposição *de*, (1) e diremos: *Livro de Pedro*. As duas idéas ligadas pela preposição, chamão-se *termos da relação*, assim, neste exemplo: *Becco sem sahida*, o primeiro termo é *becco*, e o segundo, *sahida*. O segundo termo chama-se também complemento da preposição, por isso que é o que acaba de completar o sentido de uma expressão. —

**P. Qual é a etymologia da palavra preposição ?**

R. Deriva-se do latim *præpositus*, que significa *posto antes*.— Dá-se-lhe pois este nome, porque se antepõe ao seu complemento.

**Preposições simples.** São as que se exprimem por uma só palavra, como: *A, de, por* (2), *ante, com, contra, mediante, até, durante, desde, em, entre, salvo, excepto, para, afóra, per, segundo, diante, conforme, sem, sobre, sob, apos, etc.* —

**Preposições compostas.** São as que se exprimem por mais de uma palavra, como: *Ao lado de, em frente de, a respeito de, ao pé de, por causa de, em presença de, etc.*, e que constão ordinariamente de substantivos precedidos de algum artigo, ou de outra preposição. —

**P. Explique o que são preposições inseparaveis ?**

R. Chamão-se igualmente preposições as syllabas que se juntão aos verbos simples para formarem os seus compostos, e por meio das quaes estes verbos tem diferentes

(1) Se bem que é infinito o numero das relações que podem existir entre dois objectos, não é grande o numero das *preposições*, visto acontecer muitas vezes que a mesma *preposição* exprime diferentes, e até oppostas relações: por exemplo, quando se diz: *Panno de lã*; *de* serve para significar um qualificativo; a casa *de* Luiz, *de* mostra uma relação de posse ou propriedade; *de* dia e *de* noite, *de* emprega-se em lugar de *durante*; fallamos *de* cousas que interessem; *de* entra nesta oração em lugar de *acerca de, ou relativamente a, etc.*

(2) Em lugar de *por o, por a, par os, por as*, diz-se: *pelo, pelas, pelos, pelas*.

Tambem se diz: *Do, da, dos, das*, em lugar de *de o, de a, de os, de as*, e em lugar de *em o, em a, em os, em as*, diz-se: *no, na, nos, nas*.

significações: ha tambem algumas preposições que se antepõem ao nome, e como estas preposições, derivadas do latim, não formão senão uma palavra com o verbo simples ou com o nome a que estão juntas, são por isso denominadas *preposições inseparaveis*. Separadas das palavras a que se juntão, nada significão; taes são as seguintes: *ab, ad, circum, con, de, des, dis, ex, extra, in, inter, ob, per, pre, pro, re, sub, sus, trans, etc.* Exemplo: *abjurar, adjunto, circumvizinho, circumlocução, circumscrever, concorrer, decompôr, decorar, desaconselhar, desfazer, dispôr, exherdar, exonerar, extrajudicial, inhabilitar, inadvertencia, interpôr, obter, perverter, predizer, propôr, reprovar, subentender, subdividir, suster, transpôr, etc.* —

## DA CONJUNÇÃO

**P.** Que é **conjuncção**?

**R.** É uma palavra invariavel, que serve para unir ou ligar os pensamentos, e tambem para expressar as relações que ha entre estes; assim, se dissermos, por exemplo: *Tu dormes e elle vela*, vemos ligadas as duas orações, *dorme e vela*, por meio da conjuncção *e*. O mesmo acontece ainda que a conjuncção seja negativa, e pareça que, em vez de unir, separa os pensamentos, pois se se disser: *Não dorme nem descança*, estes dois pensamentos estão unidos pela conjuncção *nem*, porque é o mesmo que se dissessemos: *Não dorme e não descança, etc.*

Quando a conjuncção se acha no principio de uma frase, nem por isso deixa de ligar uma parte da mesma frase á outra. Se eu disser pois: *Quando um homem conhece os seus defeitos, deve corrigir-se*, esta frase equivale a est'outra. *É preciso que um homem se corrija dos seus defeitos, quando os conhece.* —

**P.** Qual é a origem da palavra conjuncção?

**R.** Deriva-se do latim *conjungere*, que significa *ligar, unir*.

**Conjuncções simples.** São as que se exprimem por uma só palavra, como: *E, ou, mas, se, pois, nem, tambem, ora, etc.*

**Conjuncções compostas.** São as que se formão de mais de uma palavra, como: *Com tanto que, ainda que, por isso que, por consequencia, etc.*

Estas ultimas são tambem denominadas *expressões conjunctivas*. —

P. Como se dividem as conjunções?

R. Em varias espécies, cujas principaes são as seguintes:

**Copulativas.** São as que servem para unir simplesmente dois pensamentos, a saber:

Para affirmar: *E, tambem, outrosim, tanto... como, etc.*

Para negar: *Nem, tampouco*, exemplo: *A virtude e a sciencia são estimaveis. Elle o quer e eu tambem. Todos os circulos da esphera, tanto grandes como pequenos, dividem-se em 360 grãos. Nem os bens nem as honras valem a saude. Já que não queres sahir hoje, não sahirei tampouco, etc.* —

**Disjunctivas.** São aquellas que indicão alternativa, ou divisão entre as partes da oração, taes como: *Ou, quer, já, ora, seja, etc.*, exemplos: *É o Sol ou a Terra que gira? Quer elle queira, quer não queira, isso hade acontecer. Luiz obrou desta maneira, já porque a sua indole a isso o levou, já porque os mãos conselheiros tiverão muita influencia no seu animo. Ella ora diz que sim, ora diz que não. O homem deve ser igual, seja na opulencia, seja na adversidade, etc.* —

**Adversativas.** São as que servem para ligar duas idéas, ou duas proposições, mostrando opposição na segunda a respeito da primeira, taes são: *mas, porém, ainda assim, bem que, ainda quando, senão, comtudo, sem embargo, não obstante, ainda que, dado que, todavia, posto que, pelo contrario, nem por isso, etc.*, exemplos: *Não é tão bonita como sua irmã, porém é mais espirituosa. MARIO foi muito maltratado pela fortuna; todavia nunca perdeu animo. CICERO, ainda que grande philosopho, nem por isso era inimigo de louvores, etc.* —

**Condicionaes e hypotheticas.** São as que exprimem alguma condição ou hypóthese, a saber: *Se, senão, com tanto que, supposto que, aliás, bem entendido que, com a condição de ou de que, no caso de ou de que, a menos de ou que, salvo se, sem que, etc.*, exemplos: *Se eu tivera seguido os prudentes conselhos de meu pai, não me veria actualmente em tão desagradavel posição. Faze penitencia, aliás experimentarás a justiça de Deus, etc.* —

**Causaes.** Chamão-se assim as que exprimem a causa de alguma cousa, ou a razão por que se faz, taes são: *pois, porque, a fim de que, pois que, visto que, por quanto, etc.*, exemplos: *Evita a ociosidade, pois é a mãe de todos*

os vícios. Não falles demasiado, porque podes errar. Os Lacedemonios davão os escravos ebrios em espectáculo a seus filhos, a fim de lhes fazer ter horror á embriaguez, etc.

**Conclusivas.** São as que servem para tirar indução ou consequencia de alguma proposição precedente, a saber: *ora, logo, por consequencia, assim, eis, porque, pelo que, portanto, de sorte, ou de modo que, etc.*, exemplos: Não ha verdadeira felicidade sem a virtude; *logo* (ou *por consequencia*) não ha peccador verdadeiramente feliz.— Os raios do Sol, reflectidos e quebrados pelas gotas da chuva, formão o Arco Iris; *de sorte que* nunca apparece que não chova. —

**Comparativas.** São aquelles que estabelecem comparação ou paridade entre dois termos ou duas orações, a saber: *Tão, como, assim como, assim tambem, do mesmo modo, assim, etc.*, exemplos: *Tão bom és tu como elle. Assim como é a vida, assim tambem é a morte. Obra como homem de bem, etc.* —

**Explicativas ou declarativas.** Servem para explicar ou desenvolver mais um pensamento, taes são as seguintes: *a saber, isto é, verbi gratia* (pronuncia-se *gracia*, e significa *por exemplo*), como: os Geógraphos modernos dividem a Terra em cinco partes, *a saber*: Europa, Asia, Africa, America e Oceania.— *As quatro letras I. N. R. J., postas no alto da cruz do Redemptor, significão*: Jesus Nazareno, Rex Judæorum, isto é, *Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.* —

*N. B.* Deve-se ter presente que algumas das palavras e expressões de que se acaba de fallar, umas vezes se achão empregadas como adverbios, e outras como conjuncções, segundo o sentido em que são usadas.

## DA INTERJEIÇÃO

**P.** Que é **interjeição**?

**R.** Define-se a interjeição uma palavra invariavel, ou exclamação com que exprimimos os subitos transportes da nossa alma, como: alegria, pena, amor, odio, receio, admiração, etc.

As interjeições compostas de duas ou mais palavras, como: *Oh meu Deus! Aqui d'ElRei! Ai de mim!* chamão-se *expressões exclamativas*. Adverte-se que a mesma interjeição por exemplo: *Ah! Ai! Oh!* póde exprimir

diversos, e até contrarios affectos, pois diz-se: *Ai que prazer! Ai que pena! Oh que alegria! Oh que desgosto! etc.*

Ha varias especies de interjeição; as mais usuaes são as seguintes:

**Para exprimir dôr, afflicção, tristeza, pezar:** *Ai! Ui!*

**Repugnancia, desprezo, desagrado, aversão:** *Fôra! Apage!*

**Desejo:** *Oxalá!*

**Estimulo, valor:** *Eia! Vamos! Animo!*

**Alegria:** *Oh! Bem!*

**Applauso ou approvação:** *Bravo! Bem! Optimamente! Viva!*

**Espanto, sobresalto, admiração:** *Ah! Oh! Holá!*

**Riso:** *Ha! Ha!*

**Vigilancia:** *Alerta! Cuidado! Sentido!*

**Para mandar calar:** *Chiton! Calluda! Tá! Silencio!*

**Para chamar:** *Holá!*

**Para pedir soccorro:** *Ai! Ai!*

## DA SYNTAXE

P. Que quer dizer **syntaxe**?

R. Este vocabulo, derivado do grego, significa *arranjo, construcção*. Com effeito a syntaxe é a parte da Grammatica que estabelece regras para compôr ou construir sem erros a oração, isto é, para coordenar e collocar as palavras, segundo as regras e uso da lingua.

Na construcção ha dois principios a observar: a *regencia e a concordancia*, de que adiante se fallará.

A syntaxe pôde ser *simples* ou *regular, figurada* ou *irregular*.

**Syntaxe simples ou regular.** É a composição das partes da oração, ordenada segundo as regras geraes da Grammatica.

**Syntaxe figurada ou irregular.** É a que se afasta das regras da syntaxe regular. —

P. Explique o que é *oração* ou *proposição*?

R. Oração, em Grammatica, ou proposição, em Logica, é a expressão de um pensamento por meio de signaes, a

que chamão palavras. Estas podem ser de duas maneiras : pronunciadas ou escriptas.

P. Que se entende por *pensamento*?

R. Um pensamento, em Grammatica, é o que em Logica se chama um *juizo*, que consiste n'um acto do entendimento, pelo qual affirmamos que ha conveniencia ou desconveniencia entre duas idéas.

P. Que é *idéa*?

R. É o que se passa no nosso espirito, quando nos afiguramos simplesmente os objectos, ou as cousas intellectuaes ou corporaes, sem formarmos juizo algum, como quando nos representamos *Deus*, a *duração*, a *virtude*, a *Terra*, o *Sol*, *uma arvore*, *um circulo*, *um quadrado*, etc. —

P. Torne essa resposta mais clara por meio de alguns exemplos?

R. Quando temos na nossa mente a idéa da *Terra* e a idéa da *redondeza*, affirmamos que uma convém á outra, dizendo: *A Terra é redonda*; quando temos a idéa de *Deus* e a idéa de *injusto*, affirmamos que uma cousa não convém á outra, dizendo: *Deus não é injusto*. Assim, *a Terra é redonda*, e *Deus não é injusto*, são dois juizos ou duas *proposições*.

P. De quantas partes consta uma *oração* ou *proposição*?

R. Uma oração ou *proposição* póde ser considerada, ou *grammatical* ou *logicamente*; considerada grammaticalmente, consta de tantas partes quantas são as palavras de que ella se compõe; considerada logicamente, consta de tres partes essenciaes: *sujeito*, *verbo* ou *cópula*, e *attributo* ou *predicado*, expresso ou incluido no verbo. —

P. Que se entende por *elementos grammaticaes* e *elementos logicos*?

R. Chamão-se *elementos grammaticaes* as palavras de que se compõe a oração; e *elementos logicos*, as tres partes essenciaes da *proposição*; por isso ha duas especies de analyse, a saber: *Analyse grammatical* e *analyse logica*.

A analyse grammatical, ou antes a classificação das palavras, é a decomposição de uma oração nos seus *elementos grammaticaes*, taes como: o nome, o artigo, o pronome, o verbo, etc.

A analyse logica consiste em decompôr uma *proposição* nos seus *elementos logicos*, taes como: o *sujeito*, o *verbo*, o *attributo* e seus *accessorios*. —

P. Que se entende por *sujeito*, *verbo* e *attributo*?

R. O *sujeito* exprime o objecto principal do pensamento, isto é, apresenta a idéa principal, ou aquella a que se attribue outra.

O *attributo* exprime a idéa secundaria, isto é, a qualidade que se attribue ao *sujeito*.

O *verbo* apresenta a idea intermedia, isto é, a que liga o *attributo* ao *sujeito*.

Nesta proposição: *A virtude é amavel*, a *virtude* é o *sujeito*, porque apresenta a idéa principal; *amavel*, o *attributo*, porque apresenta a idéa secundaria, isto é, o que se attribue á *virtude*; *é*, o *verbo* ou a *cópula*, que liga o *attributo* *amavel* ao *sujeito* a *virtude*. —

28 P. Quaes são os verbos que ligão sempre o *sujeito* ao *attributo*?

R. São os verbos substantivos *ser* ou *estar*, porque quando se não achão expressos, estão sempre implicitamente contidos nos verbos attributivos ou objectivos.

— Assim, nesta proposição: *O Sol brilha*, o *verbo* attributivo *brilha* equivale a estas palavras *é* ou *está brilhante*. — Todos os verbos, á excepção de *ser* ou *estar*, são attributivos, isto é, contêm em si mesmos o *attributo*. — Com effeito: *Eu escuto*, significa, *eu estou escutando*; *eu leio*, quer dizer, *eu estou lendo*, etc. —

28 Convém advertir que uma proposição pôde expressar-se com tres, com duas, ou com uma palavra só equivalente ás tres partes essenciaes. Assim, estas expressões: *Eu durmo*; *eu amo*, ou simplesmente: *durmo*; *amo*, equivalem a *eu estou dormindo*; *eu sou amante*, etc.

Seja qual for o numero de palavras de que constar uma proposição, pertencerão todas necessariamente ao *sujeito* e ao *attributo*: nesse caso serão *complementos logicos* ou *accessorios*, que completão a idéa expressada pelo *sujeito* ou *attributo*.

Nesta oração: *A paz da consciencia é o premio de uma vida honrosa*; as palavras *da consciencia* completão a idéa começada pelas palavras *a paz*; e as palavras *de uma vida honrosa* completão a idéa das palavras *o premio*; *da consciencia*, e *de uma vida honrosa*, são pois os complementos, um do *sujeito*, outro do *attributo*. —

20 P. Pôde a mesma palavra ter varios complementos?

R. Certamente; assim, nesta oração: *O homem austero nos seus costumes, e exacto nos seus deveres religiosos ganha a estima das pessoas honestas*, as palavras *austero nos*

*seus costumes, e exacto nos seus deveres religiosos são os complementos do sujeito o homem.*

P. Diga o que se entende por *complemento objectivo, regimen ou objecto directo?*

R. Entende-se a palavra ou palavras sobre que recae immediata ou directamente a acção dos verbos transitivos; — assim, neste exemplo: *O discipulo respeita seu mestre*, o complemento *seu mestre* é *objectivo*, por isso que nelle recae directamente a acção significada pelo verbo *respeita*.

P. Que é *complemento terminativo, regimen ou objecto indirecto?*

R. Chama-se complemento terminativo, regimen ou objecto indirecto a palavra ou palavras que, precedidas de alguma preposição, completão indirectamente o sentido do verbo; exemplo: *Os bons cidadãos obedecem ás leis; trabalha para ti; fallei de seu tio.*

N. B. Um verbo póde ser seguido dos seus dois complementos: objectivo e terminativo; exemplo: *O mestre ensina Grammatica ás crianças. Vossa irmã recebeu uma carta de sua cunhada.*

Na Grammatica latina chama-se *accusativo* ao regimen ou objecto directo; e *Dativo*, ao regimen ou objecto indirecto.

P. Que é *complemento circumstancial?*

R. Aquelle que expressa uma circumstancia de tempo, lugar, modo, etc. Na proposição: *Os discipulos applicados estudão sempre bem as suas lições*, os complementos *sempre* e *bem* são circumstanciaes, porque explicão as circumstancias de tempo e de modo.

P. Como se distinguem mais facilmente as partes de que se compõe uma proposição?

R. Empregando-se diversas perguntas.

1.º O *sujeito* é a resposta á pergunta: *Quem?* feita antes do verbo.

2.º O *verbo* é a resposta á pergunta: *Que é elle ou ella? Que tem elle ou ella? Que faz elle ou ella?*

3.º O *objecto directo* é a resposta ás perguntas: *O que é que?* ou *Quem é que?* feitas depois do verbo.

4.º O *objecto indirecto* é a resposta ás perguntas: *A quem? A que? De quem? De que? Por quem? Por que? Para quem? Para que?* feitas com o verbo.

5.º O *complemento circumstancial* ou *determinativo* é a resposta ás perguntas: *Quando? Aonde? Como? Porque?*

Em que caso? feitas com o verbo. Assim, n'este exemplo:

*A verdadeira piedade dá ao homem, em todas as suas palavras e em todas as suas acções, uma serenidade cheia de doçura e dignidade.*

1.<sup>a</sup> Pergunta. Quem dá: *A verdadeira piedade* (sujeito).

2.<sup>a</sup> Que faz a piedade? *Dá* (verbo ou cópula).

3.<sup>a</sup> O que é que dá? *Uma serenidade cheia de doçura e dignidade* (objecto ou complemento directo).

4.<sup>a</sup> Dá a quem? *Ao homem* (objecto ou complemento indirecto).

5.<sup>a</sup> Em que caso? *Em todas as suas palavras e em todas as suas acções* (complemento circumstantial ou determinativo).

13 P. Como se divide o sujeito?

R. Em *simples* e *composto*.

O sujeito é simples quando se exprime por uma só palavra, exemplo: *Pedro* é valente.— Considera-se também como sujeito simples o substantivo ou infinito precedido do artigo, exemplo: *O sangue* é vermelho. *O mentir* é um vicio. O verbo *mentir* faz, neste exemplo, as vezes de sujeito, por isso que está substantivado pelo determinativo o, e equivale a dizer-se: *o costume de mentir* é um vicio.

O sujeito é composto quando se exprime por duas ou mais palavras, exemplo: *O soldado disciplinado* respeita seus superiores. *A fé, esperança e caridade* são as tres virtudes theologaes.

16 P. Como se divide o attributo?

R. Em *simples* e *composto*.

O attributo é simples quando consiste n'um só adjectivo immediato ao verbo *ser*, ou n'um só verbo, exemplos: *Deus* é *justo*: *O mestre* *falla* (1).

Os substantivos podem também servir de attributo, v. g. *João* é *mestre*.

O attributo é composto quando consta de varios adjectivos ou verbos; exemplos: *Este homem* é *nobre e generoso*. *Vosso filho* *lé e estuda*.

P. Que é frase?

R. É um aggregado de palavras formando sentido.

18 A frase é simples ou composta, segundo contém uma, ou mais proposições.

(1) *Falla*, neste exemplo significa *é fallante* ou *está fallando*.

Esta frase: *O leão, do mesmo modo que o tigre, é animal carnívoro*, contém duas proposições: é como se se dissesse: *O leão é carnívoro, do mesmo modo que o tigre é carnívoro.*

P. Que é período?

R. Dá-se este nome a uma ou mais proposições formando sentindo completo.

Quando o período contém mais de uma proposição, uma dellas chama-se *principal*, e as outras, *subordinadas*.

Proposição principal é aquella sem a qual o período não faz sentido perfeito. —

Proposições subordinadas são as que dependem da principal a que estão ligadas por uma conjunção, ou um pronome relativo. Neste exemplo: *Nem sempre se ama o homem que se não estima*, a proposição subordinada *que se não estima*, está junta á proposição principal pelo pronome relativo *que*.

P. Que é proposição incidente?

R. É a que separa o sujeito da proposição principal do seu attributo, exemplo: *O mestre, que é justo, nos recompensará.*

Nesta frase, a proposição principal é: *O mestre nos recompensará*, e a proposição incidente, *que é justo.* —

P. Que entende por orações de *participio absoluto*?

R. Entendo aquellas em que se usa, com muita elegancia, o participio anteposto ao sujeito, e sem verbo, exemplos: *Concluidos os officios Divinos, sahirão todos da Igreja.* *Chegada a manhã, continuámos a nossa jornada.*

Estas orações equivalem a est'outras: *Logo que se acabárão os officios divinos, sahirão todos da Igreja; assim que chegou a manhã, continuámos a nossa jornada.*

A particula *que* emprega-se, por elegancia, depois dos participios, em alguns tempos, como: *Concluido que seja o sermão; chegada que foi a manhã, etc.* —

P. Que se entende por orações *impessoaes*?

R. Se bem que toda a oração deve ter um sujeito, ha contudo algumas que por não o terem claro, ou por serem consideradas como se o não tivessem, são chamadas *impessoaes*.

Ha pois orações em que o sujeito está occulto: este porém é facil de conhecer, como: *Dizem, contão, etc.* donde se póde subentender: *Dizem as pessoas, contão os homens, etc.*

Outras orações *impessoaes* ha que significão as opera-

çõs meteorológicas da natureza, como: *Neva, graniza, etc.*, nas quaes não é tão facil designar o sujeito; pode-se dizer porém que o verdadeiro sujeito é o nome donde se derivão estes verbos; é como se se dissesse: *A neve está cahindo, o granizo está cahindo.*—

P. Como se dividem as orações segundo o enlace ou dependencia de um verbo com outro?

R. Em *simples e compostas.*

Oração simples é aquella que com um só verbo explica o pensamento que se quer enunciar, como: *A Divina Providencia rege o universo com uma ordem admiravel.*

Oração composta é a que necessita de mais de um verbo para explicar o pensamento completo, exemplos: *Estando eu comendo, baterão á porta; tendo dado á sua palavra, não faltará a ella, etc. Se o justo teme, que fará o peccador? etc.*

P. Diga qual é o uso da particula *não* pleonastica nas orações comparativas, interrogativas e admirativas?

R. Emprega-se, muitas vezes, só por elegancia, o adverbio *não*, sem força negativa, como se vê nos seguintes casos:

1.º Nas orações comparativas, como: *Melhor é este que não aquelle, etc.*

2.º Em varias orações interrogativas, nas quaes este adverbio dá mais força á affirmativa, como: *Que não dirão as pessoas que o souberem? Quanto se não teria elle alegrado! etc.*

3.º Igualmente nas orações admirativas, exemplo: *Quantos esforços não faria elle!*—

Ha orações que tem o mesmo sentido, tanto com a negativa como sem ella, exemplo: *Que não dirão as pessoas que o souberem?*—ou *Que dirão as pessoas que o souberem?*

Se bem que estas orações signifiquem a mesma cousa, a primeira tem mais força, porque dá a entender que *não haverá cousa que não digão as pessoas que o souberem*, isto é, *que dirão todas as cousas possiveis ou imaginaveis.*

Ha tambem outras orações em que parece estar de mais a negativa, pois ainda que esta se supprimisse, não se alteraria o sentido, como: *Receio não tenha partido, ou que tenha partido. Temo não volte, ou temo que volte.* Igualmente nestas frases: *Pouco faltou para elle cahir, ou para elle não cahir da janella abaixo, etc.*—

P. Indique algumas palavras equivalentes ás negativas?

R. As palavras *algum*, *alguma* postas depois dos substantivos, e no principio da oração, tem força negativa, como: *Em paiz algum se encontra gente como esta, etc.*, porém estando depois do verbo, devem levar a negativa, exemplo: *Não se encontra em paiz algum gente como esta.* A palavra *sequer* exprime negativa neste modo de expressar: *Pois eu vi-o sequer? etc.*

As seguintes palavras negativas: *nenhum*, *jamais*, *nunca*, *tampouco*, *nada*, *etc.*, postas antes do verbo, não levão outra negativa, como: *Nada quero. Elle a nenhum teme. Jamais o virão. Tu nunca páras em casa. Eu tampouco vou, etc.* Collocados porém depois do verbo, pedem antes deste o adverbio *não*, como se vê nos mesmos exemplos: *Elle não teme a nenhum. Não o virão jamais. Não páras nunca em casa. Eu não vou tampouco, etc.*

#### SYNTAXE DE REGENCIA

P. Que entende pela palavra **regencia**, grammaticalmente fallando?

R. Entendo a coordenação das palavras, segundo a relação ou dependencia que umas tem de outras (1).

Reger uma palavra a outra, é necessitar della de um modo determinado para completar, ampliar, modificar o seu sentido.

A palavra que necessita de outra, chama-se *regente* ou *principal*; a que completa o sentido da frase, chama-se *regida*. —

Segundo pois o que fica dito, a *regencia grammatical* é, a respeito da palavra regente, a necessidade que uma palavra tem de outra para completar ou explicar mais o sentido de uma oração; e a respeito da palavra regida, é a dependencia que esta tem da regente. Assim, neste exemplo: *Perdoar a seu inimigo*, a palavra regente é *perdoar*, e as regidas, *a seu inimigo*.

P. De quantos modos é a regencia na lingua portugueza?

R. De tres, a saber:

1.º Sem preposição, exemplo: *Emilio ama Alfredo.*

(1) Na lingua latina e em algumas outras, que tem declinações, essa dependencia é indicada por meio dos casos.

2.º Com preposição, como: *Os Bemaventurados adorão a Deus no ceu.*

3.º Com uma conjuncção, exemplo: *Dizem que se viu o barco.*

P. Quando a regencia se faz por meio de preposições e conjuncções, qual é a palavra que se pôde chamar *regente*: a principal cujo sentido se ha de completar, ou a preposição ou conjuncção que faz o enlace?

R. A palavra regente é aquella cuja significação se ha de completar ou explicar, e, nesse caso, a preposição ou conjuncção é só um meio de fazer esse enlace entre as palavras.

P. Dê alguma explicação sobre a regencia do verbo.

R. O verbo pôde reger um substantivo e seus equivalentes, e outro verbo ou uma oração inteira.

O verbo transitivo rege o *objecto directo* de dois modos: 1.º, com preposição, como: *Amar a Deus (1)*; 2.º, sem preposição, exemplo: *Ler jornaes. Buscar emprego. Educar meninos, etc.*

P. Como rege o verbo o *objecto indirecto*?

R. Sempre com preposição, como: *Pedir a Deus misericordia. Tenho carta para o correio.*

P. Que ha mais a notar sobre o uso de algumas preposições?

R. Quando duas ou mais palavras distinctas são regidas pela mesma preposição, umas vezes, bastará pô-la antes da primeira palavra, exemplo: *Com pão, vinho e carne sustento-me todo o anno*: outras, repete-se antes de cada palavra, v. g.: *Esteve em França, em Inglaterra e na Russia, etc.*

A este respeito não se pôde dar uma regra geral: deve seguir-se o que se acha estabelecido pelo uso.

Quando a preposição rege dois pronomes, ou um nome e um pronome, não se omitta em nenhum delles, antes se repete: assim, em lugar de dizer: *A mim e elle*: por *Antonio e nós outros*, deve dizer-se: *A mim e a elle*: por *Antonio e por nós outros, etc.*

Quando duas palavras regem outra, se é com a mesma preposição, não se repete a palavra regida, exemplo: *Util e agradável a todos: viveu e morreu em boa opinião*: po-

(1) Na regencia directa dos verbos activos portuguezes, usa-se da preposição *a*, que não é essencial, e emprega-se, ou por euphonia, ou para evitar ambiguidade.

rém se cada palavra regente pedir diversas preposições, é necessario repetir tanto estas como a palavra regida; assim, não se dirá: *Affavel e querido de seus amigos*, mas: *Affavel com seus amigos, e querido delles*: nem tampouco: *Passou e pernoitou em Aldeia Gallega*, mas sim: *Passou por Aldeia Gallega e pernoitou alli, etc.* ~

### DA SYNTAXE DE CONCORDANCIA

**P.** Que entende por **syntaxe de concordancia** ou **concordancia grammatical**?

**R.** Entendo a harmonia ou conformidade que devem guardar as partes variaveis da oração com o substantivo, ou o pronome nas suas variações accidentaes.

**P.** Quaes são as palavras que devem guardar essa harmonia?

**R.** O *artigo*, o *adjectivo* e o *verbo*.

**P.** Em que deve concordar o adjectivo qualificativo com o substantivo ou com o pronome?

**R.** Em genero e numero, exemplos: *Papel branco. Meias grossas. Elle está bom. Ella é bonita. Nós somos ricos. Ellas são ditosas, etc.*

**P.** A que equivalem dois ou mais substantivos no singular, e em que numero deverá estar o adjectivo que a elles se referir?

**R.** Dois ou mais substantivos no singular equivalem a um plural; pelo que se ambos forem do mesmo genero, deverá ir o adjectivo no plural do genero a que os ditos substantivos pertencerem, como: *O portão e o pateo são bons. A sala e a alcova são pequenas.* —

**P.** Se os substantivos forem de differente genero, qual deverá ser a terminação do adjectivo?

**R.** A do plural masculino, exemplo: *Marido e mulher são cegos; elle e ella são mui attenciosos* (1).

**P.** Se dois substantivos estiverem no plural, e forem de differente genero, com qual delles deverá concordar o adjectivo?

**R.** Com o mais immediato, ainda que seja do genero feminino, como: *Lisboa tem bonitas ruas e passeios: vimos palacios e casas derrubadas.* A este respeito, será me-

---

(1) É opinião de alguns grammaticos que quando concorrem substantivos de varios generos no singular, póde o adjectivo concordar com o ultimo no singular, ainda que seja feminino, como: *Tem um valor, um animo e uma força extraordinaria.*

lhor ater-se ao ouvido, pois muitos preferirão fazer concordar sempre o adjectivo com o masculino, e dizer: *Vimos palacios e casas derrubados, etc.*

P. Dé alguma explicação ácerca da concordancia do adjectivo com um *nome colectivo*.

R. Quando o adjectivo qualificar um substantivo colectivo, se este for determinado, como: *Exercito, cabido, multidão, etc.*, concordará com elle, exemplo: *O exercito está bem disciplinado*; porém se for colectivo partitivo, como: *metade, uma parte, etc.*, umas vezes concordará com elle, e outras com o substantivo que está depois regido pela preposição *de*, v. g.: *A metade dos rendimentos está embargada*, ou *a metade dos rendimentos estão embargados*.

(Veja-se mais adiante a explicação que se dá a respeito da figura *sylllepse*.)

P. Em que concordão o artigo e os adjectivos possessivos e demonstrativos com o *substantivo*?

R. Em genero e numero, como: *A penna; os relogios; minha quinta; teus feitores; esta casa; aquellas arvores, etc.*

P. Em que concorda o verbo com o *sujeito*?

R. Em numero e pessoa, como: *Eu amo; tu estudas; nós lemos; o menino chora; as meninas cantão, etc.* (1).

Convém advertir que o verbo *ser* concorda algumas vezes com o seu attributo, quando este é um substantivo, como: *A renda de Fulano são mil escudos. O que mais me agrada são as pinturas, etc.* Por este exemplo se vê que sendo o sujeito singular, o verbo está no plural, concordando com o attributo. Mude-se porém, e ver-se-ha confirmado o mesmo resultado, v. g.: *Mil escudos é a renda de Fulano. As pinturas é o que mais me agrada.* Neste caso, está o verbo no singular, e o sujeito no plural. —

P. Quando o sujeito constar de dois ou mais pronomes, como deverá o verbo concordar com elles?

R. No plural do seguinte modo: 1.º Se um dos pronomes for da primeira pessoa, e o outro da segunda ou terceira, empregar-se-ha o verbo na primeira do plural, como: *Tu e eu, — vós e eu o faremos; elle e eu; elles e eu*

(1) Da primeira e segunda pessoa só póde ser sujeito um pronome pessoal; da terceira podem sê-lo, alem dos pronomes pessoaes, todos os nomes substantivos ou substantivados e mais equivalentes.

iremos a Cintra (1). O mesmo succederá quando fôr um nome (que corresponda á terceira pessoa), exemplo: *O menino e eu, os meninos e eu os vimos.*

2.º Se um dos pronomes fôr da segunda pessoa, e o outro da terceira, ou ainda mesmo se fôr um substantivo, o verbo deverá ir na segunda do plural, v. g.: *Tu e elle, — tu e elles; — o menino ou os meninos e tu fostes os primeiros, etc. Tu e Antonio, e os bons homens com as mulheres devotas folgaes de ouvir as vidas dos Santos. —*

P. Em que numero deverá ir o verbo, quando o sujeito constar de varios substantivos no singular unidos por uma conjuncção copulativa?

R. No numero plural, exemplo: *Carlos e Emilio vão a Paris. O galgo e a lebre correm muito.* Comtudo ha varios casos em que não sôa mal o verbo no singular, como neste exemplo: *Admira-me o seu valor e a sua constancia, etc.* Adverte-se porém que tambem se pôde dizer: *Admirão-me o seu valor e a sua constancia, etc. —*

P. Quando os substantivos, no singular, estiverem unidos pela conjuncção *nem*, em que numero deverá ir o verbo?

R. Pôde estabelecer-se, como regra geral, que deverá ser no plural, exemplo: *Nem a pesca nem a caça o divertem.* Comtudo diz-se, ainda que menos frequentemente: *Nem a pesca nem a caça o diverte,* pois neste caso pôde suppor-se que são duas orações, que n'uma dellas está o verbo occulto por ellipse, e que se se expressasse, se diria: *Nem a pesca o diverte, nem a caça o diverte;* o que se deve ter presente para outros casos semelhantes. —

P. Quando o sujeito do verbo constar de varios substantivos no singular, sem estarem ligados por conjuncção, em que numero deverá ir o mesmo verbo?

R. Segundo alguns auctores, deverá ir no singular, exemplo: *A justiça, a religião, a humanidade o reclama.*

P. Se porém o verbo se achar no principio da oração, ou dois dos substantivos estiverem ligados por alguma conjuncção, em que numero deverá ir o verbo?

R. No plural, v. g.: *Assim o reclamão a justiça e a humanidade (2).*

(1) O pronome *eu* e o plural *nós*, quando se juntão com outros, ou com um nome, que corresponde á terceira pessoa, põem-se, por politica, em ultimo lugar, v. g.: *Tu e eu; João e eu; elles e nós, etc.*

(2) Na poesia usa-se de mais liberdade nestas concordancias, se bem que na prosa tambem se infringem algumas destas regras, comtanto que não soe mal ao ouvido.

P. Quando na oração ha uma palavra que abrange collectivamente todos os substantivos, com que deve o verbo concordar?

R. Com a dita palavra, ainda que os substantivos estejam no plural, e aquella no singular, exemplo: *Os ceos e a terra, o sol e as estrellas, tudo nos annuncia a grandeza do Supremo Creador*—

#### DA SYNTAXE IRREGULAR OU FIGURADA

P. Qual é a razão por que a **syntaxe irregular** se dá tambem o nome de **syntaxe figurada**?

R. Porque toma com effeito uma figura ou fórma, que não é da syntaxe simples ou regular; figura que, se bem que auctorizada pelo uso, não é todavia conforme ao modo de fallar mais regular, isto é, á construcção directa e grammatical, —

P. De quantas maneiras parece uma oração contraria ás regras da syntaxe simples ou regular?

R. De tres, a saber: ou porque *fallão, se accrescentão*, ou se *transpõem* algumas das suas partes; donde se segue dividir-se a figura grammatical ou de *construcção* em tres classes, a saber: **Ellipse, pleonasmio, hyperbaton** ou **inversão**.

P. Que é *ellipse*?

R. Ellipse quer dizer falta ou supressão, pelo que a *construcção* é elliptica, quando estiverem supprimidas palavras, que, ainda que fação falta para a integridade grammatical da oração, segundo as regras da syntaxe simples ou regular, facilmente se subentendem; assim, neste exemplo: *Eu tenho cincoenta annos, e minha mulher quarenta e quatro*, estão supprimidos na segunda oração, por ellipse, o verbo *ter* e o nome *annos*, pois é como se dissesse: *Eu tenho cincoenta annos e minha mulher tem quarenta e quatro annos*. —

P. Em que consiste a differença entre a oração elliptica e a oração incompleta?

R. Em que na oração incompleta, todas as palavras que faltão, não só são necessarias para a integridade grammatical, mas tambem para completar o sentido; quando na oração elliptica, as palavras que faltão, em nada prejudicão a integridade do sentido.

P. Qual é a razão por que se não póde prescindir da ellipse no discurso?

R. A ellipse dá á construcção rapidez, elegancia e energia, de modo que se pôde dizer que é a alma do discurso, e que nasceu com este; pelo que é tão necessaria e tão commum ao mesmo tempo em todas as linguas, que não haveria quem pudesse supportar um discurso que não fosse elliptico, e isto pelo aborrecimento, e até mesmo pela confusão que causaria a repetição de todas as palavras. É necessario porém observar que as palavras supprimidas por ellipse, não devem deixar obscuro o pensamento, o que causaria um prejuizo maior do que a repetição dellas. —

Algumas vezes supprimem-se por ellipse mais palavras do que as que se empregão; assim, nestas expressões familiares: *Bons dias. Boa noite. Adeus. Mil agradecimentos*, e outras semelhantes, subentendem-se muitas palavras, e é como se se dissesse: *Eu desejo-lhe bons dias*, ou *boa noite. Eu encommendo-o a Deus. Eu dou-lhe mil agradecimentos*, etc.

P. Em que se divide a figura ellipse?

R. Em **Zeugma**, **Syllepse** e **Enállage**.

P. Que é zeugma?

R. Zeugma é uma especie de ellipse que se usa, quando muitas sentenças se referem a alguma palavra, a qual pedirião se cada uma dellas se puzesse só, como: *O negociante no commercio; o lavrador no campo; o soldado na paz se deleita*. Em cada uma destas orações, se subentende o verbo *deleita*, que está claro só na ultima, e é como se dissessemos: *O negociante no commercio se deleita; o lavrador no campo se deleita*, etc.

Algumas vezes se torna a subentender a palavra, com mudança de algum accidente, como: *Os pombos voárão, um, da parte do norte, outro, da parte do sul*: neste exemplo, o verbo *voárão* da primeira oração se torna a subentender na segunda e terceira, mudando o numero, pois passa do plural para o singular *voou*, por isso que quer dizer: *Os pombos voárão, um voou da parte do norte, outro voou da parte do sul*. —

Diga o que se entende por *Syllepse*?

Syllepse é uma especie de ellipse que se usa, quando a concordancia das palavras se faz mais segundo o que temos no conceito, ou se subentende, do que conforme as regras grammaticaes. Esta é de tres sortes: de *numero*, de *genero*, ou de *ambos* juntamente: Exemplos de genero:

- 1.º Mas já o planeta, que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes *apressada*,  
Agora meio rosto, agora inteiro  
Mostrava, em quanto o mar cortava a armada.

*Lusiadas*, Canto 5, Estancia 24.

Neste exemplo, vê-se que o adjectivo *apressada* não pôde concordar com o substantivo *planeta*, que está claro: mas é necessario subentender o substantivo *Lua* que o poeta tinha na mente, pois faltão palavras, e quer dizer: *Mas já a Lua planeta, que no ceo primeiro, etc.* (1).

2.º Fallando-se de um Rei, ou de um Ministro, diz-se: *Sua Magestade está bem informado; Sua Excellencia está persuadido*; por onde se vê que os participios *informado* e *persuadido* não podem concordar com os substantivos *Magestade* e *Excellencia*, que são femininos; mas deve subentender-se as palavras *El-Rei* e *Ministro*, que se tinham na mente, e é como se se dissesse: *Sua Magestade El-Rei está bem informado; Sua Excellencia o Ministro está persuadido, etc.*

Exemplo de numero: *Grande numero de soldados succumbirão valorosamente no combate*. Nesta oração, o verbo *succumbirão* não concorda em numero com o sujeito *Grande numero*, que está no singular; mas deve subentender-se a palavra *muitos*, pois é como se se dissesse: *Muitos soldados succumbirão valorosamente no combate, etc.*

Dá-se juntamente *syllipse* de *numero* e *genero* nestes dois versos de CAMÕES:

Ditosa condição, ditosa gente  
Que não são de ciumes *offendidos*.

P. Que é enállage?

R. É outra especie de ellipse que se usa, quando as palavras entrão na oração umas por outras, e da mesma maneira os seus accidentes, como quando tomamos um verbo ou um adverbio em lugar de um nome, dizendo: *O mentir é vergonhoso; um sim não custa a ninguém*; um numero em lugar de outro, como quando é um só o que escreve, e diz: *Pedimos aos nossos leitores queirão descul-*

(1) Segundo o systema de *Ptolomeu*, hoje reprovado, a Lua entrava no numero dos sete *planetas* então conhecidos.

par os nossos erros, em lugar de : *Peço aos meus leitores queirão desculpar os meus erros, visto ser eu só que fallo.*

**P. Explique o que é pleonasmô?**

**R.** Pleonasmô quer dizer *augmento* ou *redundancia*, e verifica-se quando na oração se accrescenta alguma palavra que parece superflua, como quando se diz : *Quando eu subia para cima, João descia para baixo* ; neste exemplo, as palavras *para cima* e *para baixo* são *pleonasmos*, pois basta dizer : *quando eu subia, João descia*, porque quem sobe, anda para cima, e quem desce, anda para baixo.

*Eu vi com os meus olhos; ouvi com os meus ouvidos; avancei para diante; recuei para traz, etc.*, é igualmente pleonasmô; comtudo algumas vezes o pleonasmô dá força e graça ao discurso, como quando dizemos : *Eu vi o com estes olhos; eu ouvi-o com estes ouvidos*. Também se costuma dizer : *Parece-me a mim; lembra-me a mim*; sendo a expressão *a mim* pleonasmô, porque basta dizer : *Parece-me; lembra-me*.

**P. Que é Hyperbaton ou inversão?**

**R.** Hyperbaton significa *transposição* ou *ordem inversa* das partes da oração. Usa-se pois d'esta figura, quando se não guarda a ordem natural das palavras, como neste exemplo : *A quinta de Luiz comprou Francisco*; nesta oração, achão-se as palavras fóra da sua ordem grammatical, ou natural, porque devendo o sujeito *Francisco* estar antes do verbo *comprou*, se acha depois, e o objecto *quinta* devendo estar depois do verbo *comprou*, acha-se antes; sendo esta a ordem grammatical : *Francisco comprou a quinta de Luiz*.

### Observações sobre a construcção directa e inversa

A **construcção**, segundo se viu, é a ordem que devem guardar as palavras, umas a respeito de outras, para tornar o discurso claro, expressivo e harmonioso.

Esta ordem pôde ser *directa* ou *inversa*.

A construcção é *directa*, quando as palavras de que se compõe uma proposição se acham dispostas, segundo a ordem das relações que ellas tem entre si, exemplo : *Os passarinhos alegres começavão a annunciar com o seu harmonioso canto a apparição da aurora*. Esta construcção é *directa*, porque corresponde exactamente á ordem lógica

das idéas, a qual exige que a parte que rege esteja antes da regida, etc.

Pela ordem directa pois, o artigo vai antes do nome, o adjectivo com o seu substantivo, o sujeito antes do seu verbo, os objectos depois do verbo, os complementos juntos com as palavras que completão ou modificão, etc.—

Assim, no exemplo dado, acharemos fielmente observada esta ordem, tanto nas partes principaes da proposição, como nas secundarias; pois primeiramente está o sujeito *os passarinhos*, segue-se o verbo determinativo (1) *começarão*, depois o determinado *annunciar*, finalmente o objecto directo *a apparição da aurora*. A mesma ordem se acha igualmente observada, quanto aos complementos, os quaes vão depois das palavras que os regem. Pela mesma razão os artigos vão tambem antes dos nomes, e os adjectivos com os seus substantivos.—

A *construcção* ou collocação das palavras é *inversa*, quando se interrompe, ou altera a ordem das suas relações. Assim, as palavras do exemplo precedente podem collocar-se, pela ordem inversa, do seguinte modo: *Com o seu harmonioso canto começavão os alegres passarinhos a annunciar a apparição da aurora*.

A ordem inversa, não obstante ter as suas restricções estabelecidas pelo uso de cada lingua, não tem, como a directa, preceitos para a construcção; pois a ordem directa designa para cada palavra um lugar determinado na oração, quando a inversa deixa a quem falla certa liberdade de as collocar aonde mais conveniente lhe pareça (2). Por essa mesma razão, as palavras do sobredito exemplo, podem-se ainda variar dos seguintes modos, e de outros mais ainda: *Começavão os alegres passarinhos a annunciar com o seu harmonioso canto a apparição da aurora*. *A apparição da aurora começavão a annunciar os alegres passarinhos com o seu harmonioso canto, etc.*—

A construcção inversa, assim como a elliptica e a pleonastica, pertencem á syntaxe figurada, como se viu quando se tratou das figuras de construcção, chamadas hyperbaton, ellipse e pleonasmio.

(1) *Verbo determinativo* é aquelle que rege outro, e *verbo determinado*, o que é regido.

(2) Ainda que a inversão dá a faculdade a quem falla de collocar as palavras segundo a importancia que lhes queira dar, todavia essa faculdade tem seus limites estabelecidos, já pela razão, já pelo uso particular de cada lingua.

## DA PROSODIA

— P. Que é **prosodia** ou **orthophonia**?

R. É a parte da Grammatica que ensina a pronunciar as palavras com o seu devido som e accento.

*Accento* é o tom, ou a maior ou menor elevação de voz com que se pronunciação as syllabas.

As syllabas são *graves* ou *breves*, *agudas* ou *longas*.

Syllaba breve é aquella que se pronuncia rapidamente.

Syllaba longa é aquella em que se emprega mais tempo quando se pronuncia; assim, na palavra *casas*, a primeira syllaba é longa e a segunda, breve.

Ha em quasi todas as palavras uma syllaba longa chamada *predominante*, a qual pôde ser a ultima, penultima ou antepenultima.

Não é possível estaheler regras geraes ácerca da quantidade das syllabas primeiras e medias na lingua portugueza, visto que das primeiras, muitas são longas e muitas breves; as penultimas são, pela maior parte, longas, e as ultimas, quasi todas breves.

Quando porém a palavra constar de uma só syllaba, será sempre longa. —

## PALAVRAS ACABADAS EM LETRA VOGAL

P. Que observações tem a fazer sobre as palavras acabadas em vogal?

R. As palavras acabadas em *a*, tem a ultima syllaba breve, como: *Fama*, *vida*, *recebêra*, *amãra*, etc.

Exceptuão-se as palavras acabadas em *a* com accento agudo, ou com til, como: *Acolá*, *alvará*, *lã*, *romã*, *marrã*, etc.; e *ha*, terc. pes. do sing. do Pres. do ind. do verho *haver*.

As palavras acabadas em *e* e *o*, tem a ultima breve, como: *Fome*, *arvore*, *virtude*, *ame*, *procure*, *filho*, *incerto*, *amo*, *recebo*, etc. —

Exceptuão-se, pelo que respeita á terminação *e*, todas as que acabão em *e* com accento agudo, e *e* com accento circumflexo, que são longas, como: *Galé*, *polé*, *maré*, *mercé*, *lé*, *cré*, etc.

Tambem se exceptuão todos os nomes que terminão em *o* com accento agudo, como: *Filhó*, *enxó*, e bem assim os seguintes: *avó*, *bisavó*, etc. —

As palavras acabadas em *i*, tem a ultima longa, como *Javali, aqui, alli, recebi, defendi, etc.*

Ainda que tem diferente som, são igualmente longas todas as terminações nos dithongos, *ai, ei, oi*, como : *Pai, lei, comboi.*

Exceptua-se o adverbio *quasi*, que tem a terminação breve.

As palavras acabadas em *u*, precedido de consoante, tem a ultima longa, como : *Bahu, bambu*, e bem assim as que acabão nos dithongos *eu, ou*, como : *Breu, meu, grou, etc.* Exceptuão-se, pelo que respeita ás primeiras, a palavra *tribu*, que tem a ultima breve.

As palavras acabadas no dithongo *ão*, são longas, como : *União, traição, occasião, são, dão, amarão, lerão, etc.*

Exceptuão-se as seguintes, que tem a ultima breve : *Acordão, Estevão, Christovão, benção, orgão, frangão, so-tão, rábão, orfão* e algumas mais.

#### **PALAVRAS ACABADAS EM LETRA CONSOANTE**

**P.** Diga o que se lhe offerecer ácerca das palavras acabadas em consoante.

**R.** As palavras acabadas em *al, el, il, ol, ul*, tem a ultima longa, como : *Coral, painel, ceitil, farol, paúl, etc.*

São breves em *al*, as palavras *Tentugal, Setubal, Annibal, etc.*

São breves em *el* o substantivo *savel* e os adjectivos que terminão em *vel*, como : *Agradavel, temivel, etc.*

Os adjectivos que acabão em *il*, são breves, como : *Docil, facil, difficil, etc.* Exceptuão-se *vil, subtil* e alguns mais.

Das palavras acabadas em *ul*, são breves as seguintes : *Consul, Vice-Consul, Proconsul, etc.*

As palavras acabadas em *am* e *em*, tem a ultima breve, como : *Amavam, defendiam, imagem, pagem, ordem, defenderem, amarem, etc.* Pelo que respeita á terminação *em*, exceptuão-se as seguintes, que tem a ultima longa : *Armazem, desdem, Ourem, parabem, vintem, etc.*; os verbos *dem, vem, tem, lem*, e os seus compostos *convem, detem, treslem, etc.*; as particulas *além, áquem, porém, tambem*, e os monosyllabos *bem, nem, quem, sem, trem, etc.*

As palavras acabadas em *im, om, um*, tem a ultima longa, como : *Jasmim, dom, jejum, etc.*

As palavras acabadas em *ar, er, ir, or, ur*, tem a ulti-

ma longa, como: *Altar, prazer, Visir, calor, Aljezur, etc.*

Exceptuão-se as seguintes palavras: *Ambar, nectar, aljofar, assucar, martyr, etc.*, que tem a ultima breve.

As palavras acabadas em *as, es, os*, que são os pluraes dos nomes acabados em *a, e, o*, tem a ultima breve, como: *Casas, virtudes, filhos, etc.*, e bem assim as que não tem singular, como: *Exequias, abçaras, fauces, éditos, preces, Arronches, etc.*

Tambem é breve a terminação *as, es, os*, dos verbos, como: *Amas, recebes, louvamos, fizeras, puderas, etc.*

Exceptua-se, pelo que respeita aos nomes, a palavra *Thomás*, e o plural daquelles que no singular acabão em *a* com accento agudo, como: *Tafetás, alcarás*, e a segunda pessoa do singular do futuro do indicativo, como: *Amarás, subirás, etc.*— Exceptuão-se tambem as palavras *estás, has, dás, vás, más, assás, aliás*, e os pluraes dos nomes acabados em *a* com til, como: *Lás, maçus, romus, etc.*

São igualmente longas as terminações dos pluraes dos nomes que no singular acabão em *é* ou *ê*, como: *Pés, mercés, etc.*, e bem assim as dos que no singular acabão em *ó*, como: *mós, avós, etc.*

Tem a ultima longa as palavras acabadas em *is* e *us*, como: *Ceitis, buris, subtis, civis*, que são o plural dos nomes que no singular acabão em *il* longo; as vozes do presente, *admittis, sentis*, nos verbos da terceira conjugação; o Nome *Jesus*, e os pluraes dos monosyllabos em *us*, como: *Crus, nus, etc.*

Exceptuão-se desta regra os nomes *calis, cutis, dosis, parenthesis, hypóthesis* e alguns outros, cujas syllabas finaes são breves.

As terminações em qualquer dos dithongos *ais, eis, eus, ois, ous*, e bem assim nos dithongos *ães, ãos, ões*, que são os pluraes dos nomes que no singular acabão em *ão*, são longas, como: *Cais, arrais, leis, meus, combois, grouis, amais, dizeis, cões, capitães, irmãos, questões, etc.*

Esta regra tem as seguintes excepções: no dithongo *eis*, são breves os pluraes dos nomes substantivos que acabão em *il* breve no singular, como: *Faceis, estereis, ageis*, e igualmente os adjectivos que no singular acabão em *vel*, como: *Terriveis, amaveis, etc.*

Tambem é breve a terminação *eis* em certos tempos dos verbos, como: *Receberieis, irieis, fizesseis*, e bem assim no dithongo *ãos* nas palavras que são pluraes dos no-

mes terminados em *ão* breve, como: *Acordãos, orgãos, benções, orfãos, etc.*

São igualmente breves as terminações em *ens*, pluraes dos nomes acabados em *em* no singular, como: *Imagens, ordens, etc.*— Exceptuão-se os nomes que no singular acabão em *em* longo, como: *Parabens, vintens*, os verbos *tens, vens*, e os seus compostos *mantens, convens, etc.*

As terminações em *ins, ons, uns*, pluraes dos nomes que acabão em *im, om, um*, são longas, como: *Jasmins, sons, jejuns, etc.*

Os nomes acabados em *az, ez, iz, oz, uz*, tem a ultima syllaba longa, como: *Cartaz, convez, matriz, algoz, alcaçuz*, e alguns verbos, como: *Traz, fez, fiz, compoz, propuz, etc.*

*N. B.* O que aqui se omitte só pela pratica se poderá conhecer.

## DA ORTHOGRAPHIA

**P.** Que é **orthographia** ou **lexicographia**?

**R.** É a parte da Grammatica que ensina a escrever correctamente as palavras de que se compõe uma lingua; isto é, com todas as letras e signaes orthographicos prescriptos pelo uso.

**P.** Qual é a origem ou etymologia da palavra orthographia?

**R.** Deriva-se de duas palavras gregas, a saber: *orthos*, que significa *certo*, e *grapho*, *escrever*, isto é, *escrever certo* ou *correctamente*.

**P.** Como se divide a orthographia?

**R.** Póde dividir-se em *orthographia de principios* e *orthographia de uso*; ou de *etymologia*.

Entende-se por *orthographia de principios* aquella que é fundada nos mesmos principios da lingua, como a orthographia das differentes terminações dos nomes relativamente aos tempos e pessoas. Esta orthographia não se póde aprender nem possuir perfeitamente senão com o estudo particular da lingua portugueza.

A *orthographia de uso* ou de *etymologia* é aquella de que apenas se podem dar algumas regras geraes. A este respeito, adverte-se que, como a maior parte das palavras portuguezas se derivão do latim, as pessoas que sabem esta lingua, tem uma grande vantagem para escreverem com conhecimento essas palavras, segundo a sua etymologia; mas pelo que respeita áquelles que ignorão a mes-

ma lingua, deverão, depois de haverem aprendido a orthographia de principios pelo estudo da Grammatica portugueza, recorrer aos dictionarios e á leitura de bons livros, por ser este o unico meio de escrever correctamente todas as palavras ácerca das quaes se não pôde estabelecer regras geraes e positivas.

**P.** Que é pontuação?

**R.** É o conjuncto de certos signaes orthographicos que servem para a separação das clausulas ou periodos, e para distinguir os membros de que elles se compõem, indicando as pausas que convém fazer para melhor intelligencia do discurso; advertindo porém que o sentido seria algumas vezes ambiguo, se não se soubesse virgular.

Os signaes da pontuação são os seguintes :

Virgula (,)	Ponto final (.)
Ponto e virgula (;)	Ponto d'interrogação (?)
Dois pontos (:)	Ponto d'admiração ou exclamação (!)

**VIRGULA.** Indica na leitura a pausa menor de todas.

Usa-se della para separar o sujeito a quem se dirige a palavra, pois se está no principio da oração, põe-se depois d'elle uma virgula; se está no meio, põe-se entre virgulas, e estando no fim, deverá ter antes uma virgula, exemplo: *Senhor, tende misericordia de mim! Amo-vos, meu Deus, sobre todas as cousas. Que fazeis nesta casa, amigos?*

Emprega-se tambem a virgula para separar umas orações de outras, quando são independentes, v. g. *Deus tudo vê, tudo sabe, nada se lhe pôde occultar;* e algumas vezes tambem quando são dependentes, como: *Se queres ser feliz, não te deixes dominar pelas paixões. Se os meninos aprenderem a Grammatica, saberão fallar e escrever correctamente.*

Serve igualmente a virgula para separar as orações incidentes explicativas, v. g.: *É bem difficil, por mais philosophia que se tenha, soffrer muito tempo sem se queixar. A virtude, que é um thesouro, faz a sua ventura.*

**N. B.** Põe-se sempre entre virgulas as palavras *digo, disse eu, respondeu elle, replicou ella,* e outras similhantes, quando se achão no meio da oração. Se porém estiverem no fim, deverão ser precedidas de uma virgula.

Emprega-se a virgula depois dos substantivos, adjectivos, pronomes e verbos continuados, excepto quando entre alguns mediar a conjuncção *e*, como: *A Historia, a Geographia e a Grammatica são sciencias que convém es-*

tudar. *Este homem é estimavel, instruido, rico e bemfazejo. Eu, tu e elle iremos aonde convencionámos. Comer, beber, passear e divertir-se são as occupações mais communs das pessoas dotadas de grande fortuna.*

Não se separa com virgula a particula *que*, quando é conjunção que une dois verbos, exemplo: *Dizem que ha boa colheita este anno.* Quando porém tiver outros usos, umas vezes será precedida da virgula, outras não, segundo for o sentido.

As conjunções *e, nem, ou* supprem a virgula quando os termos que ellas unem são simples e curtos, como: *O exercicio e a frugalidade fortificão o temperamento. Nem o ouro nem a grandeza nos tornão felizes, quando a consciencia nos accusa.*

Emprega-se tambem a virgula, quando estas conjunções *nem, ou,* são repetidas, ou quando as proposições são extensas, e se não podem pronunciar sem fazer pausa, exemplo: *Um mancebo é digno de compaixão, quando não escuta, nem os prudentes conselhos de seus pais, nem quer seguir o exemplo das pessoas virtuosas. Devemos cumprir sempre os nossos deveres, ou renunciar á estima dos homens de bem. Este verão iremos, ou a Italia, ou á Suissa, ou á Allemanha, ou a França. O meu amigo está agora em Londres, ou não tardará em chegar áquella cidade.*

Antes da conjunção *e* não se põe virgula nos sobrenomes, exemplo: *Antonio de Sousa e Mello,* nem tampouco nos numeros, como: *Vinte e dois, trinta e quatro, etc.*

Finalmente usa-se da virgula na ellipse do verbo, como: *O homem affouto póde tudo, e o timido, nada.* Nesto oração, vê-se que se supprime o verbo, e é como se dissessemos: *e o timido nada póde.*

O PONTO E VIRGULA indica uma pausa maior que a da virgula. Emprega-se ordinariamente para separar os principaes membros de um periodo, quando são extensos, e contém outros membros ou partes separadas por virgulas. Serve tambem para distinguir as orações que estão debaixo da mesma regencia, ou aquellas que se devem esperar como seguimento ou dependentes das que precedem, exemplo: *Platão e Cicero, entre os antigos; Clarke e Leibnitz, entre os modernos, provarão metaphysica e quasi geometricamente a existencia do Ente Supremo; os maiores engenhos, em todos os seculos, tem crido neste dogma consolador. Carlos Magno fez leis admiraveis; fez ainda mais, fe-las executar.*

Emprega-se tambem o ponto e virgula nas orações que

denotão algum contraste, como : *A probidade é a virtude dos pobres ; a virtude deve ser a probidade dos ricos. Tudo lhe agrada e desagrada ; elle ora ri, ora chora ; ora dorme, ora vela, etc.*

OS DOIS PONTOS indicão uma pausa maior que a do ponto e virgula.

Empregão-se :

1.º Depois de uma oração acabada, mas seguida de outra que serve para esclarece-la, exemplo : *Nunca se deve escarnecer dos desgraçados : quem tem a certeza de ser sempre feliz?*

2.º Antes da citação das palavras de outrem, ou de uma maxima ou axioma, v. g. : *Jesus Christo repetia incessantemente : Amai-vos uns aos outros. Seneca dizia : Nada ha perfeito.*

3.º Quando se accrescenta algum exemplo para illustrar ou confirmar o que se está dizendo, como : *Esta asserção confirma-se com o caso seguinte : Achando-se o Santo Rei Ezequias doente, disse-lhe o profeta Isaias, etc.*

4.º Empregão-se finalmente os dois pontos antes de uma oração precedida de detalhes ou particularidades, exemplo : *Agoa pura, leite, pão, fructos : eis-aqui em que consistia o alimento dos primeiros homens.*

O PONTO FINAL põe-se no fim dos periodos ou das orações que formão um sentido completo e independente, isto é, que não tem ligação grammatical com as que se lhes possão seguir, exemplo : *O arco Iris é aquelle formoso arco, ornado de diversas côres, que, em tempo chuvoso, apparece repentinamente no ar da parte opposta ao Sol. Uma boa educação é o maior de todos os beneficios. A equidade e a caridade são a base de todas as virtudes.*

O PONTO DE INTERROGAÇÃO emprega-se quando se faz qualquer pergunta, exemplo : *Que diz? Aonde vai?*

O PONTO DE ADMIRAÇÃO OU EXCLAMAÇÃO põe-se no fim das frases que exprimem *supreza, terror, piedade, ternura, exclamação, etc.*, como : *Quanto é difficil ser victorioso e humilde ao mesmo tempo!*

P. Quaes são os outros signaes orthographicos que tambem se usão na escripta?

R. São os seguintes, a saber : os *Accentos*, o *Apóstropho*, o *Parenthesis*, a *Diéresis*, o *Hiphen*, a *Reticencia*, a *Virgula dabrada* e a *Cedilha*.

ACCENTO. É um signal que se emprega sobre as vogaes, ou para se pronunciarem mais ou menos fortemente, ou

para distinguir o sentido de uma palavra do de outra que se escreve com as mesmas letras. Ha tres especies de *acentos*, a saber: *agudo* (´), *grave* (˘), e *circumflexo* (^).

N. B. O *accento grave*, ainda que escusado na lingua portugueza, entende-se comtudo nas syllabas em que não vai notado.

APÓSTROPHO OU VIRACENTO. É uma pequena virgula (') que se põe no alto das letras para indicar elisão, isto é, a suppressão de vogal, quando se lhe segue outra na dicção immediata, exemplo: *Homem d'Estado*, em lugar de *Homem de Estado*; *Certidão d'obito*, em lugar de *Certidão de obito*, etc. (Veja-se a pag. 134 a palavra *Synalepha*).

PARENTHESIS. Chama-se assim esta figura ( ), que se emprega no fio do discurso para encerrar algumas palavras que se podem omittir sem alterar o sentido da oração, como: *Telemaco lhe respondeu: Ó vós, quem quer que sois* (posto que quem vos vir não deixará de tomar-vos por uma divindade), *mostrar-vos-heis insensivel ás desgraças de um filho que, procurando seu pai á mercê dos ventos e das ondas, viu despedaçar o seu navio de encontro aos vossos rochedos?*

DIÉRESIS, TREMA, ÁPICES OU CIMALHAS. São dois pontos horisontaes (¨) postos sobre as vogaes para indicar que estas letras devem ser pronunciadas separadamente da vogal precedente, ou da que se segue, como nas palavras: *Ataúde, Israél, etc.* É necessario porém advertir que estas e outras palavras portuguezas, já pelo uso se escrevem sem diéresis.

HYPHEN OU TRAÇO D'UNIÃO. É uma linha ou um risquinho, que serve para dividir as palavras no fim de uma regra, e bem assim para unir os pronomes pessoaes *me, te, se, lhes, nos vos*, aos verbos, quando estão depois destes, como: *Faze-nos o favor de ausentar-te.*

RETICENCIA. (...) Dá-se este nome a muitos pontinhos seguidos, que se empregão para indicar uma subita suspensão do que ia dizer-se, isto é, quando se deixão escapar algumas palavras sem seguimento, mas que bem dão a entender o que se suprime, exemplo: *Eu poderia confundir-te, poderia... provar que...; mas prefiro abandonar-te á tua consciencia, etc.*

VIRGULA DOBRADA, a que muitos chamão *aspas*, são duas virgulasinhas (« ») que se empregão antes da primeira e depois da ultima palavra de um discurso que se transcreve litteralmente. Alguns põem-nas, além disso, no principio de cada linha do mesmo discurso, exemplo: *A Biblia*

refere à criação do mundo por estas palavras: «No principio creou Deus o Ceo e a Terra. A Terra porém estava vazia e nua, e as trevas cobrião a face do abysmo, etc.

**CEDILHA** OU **CEDILHO** (ô). É uma especie de virgula que se emprega no ç, para mostrar que soa como s antes das vogaes a, o, u.

**N. B.** Alem destes signaes orthographicos, usa-se actualmente est'outro, que é uma pequena linha horisontal — para separar cousas distinctas; dar maior clareza e chamar mais a attenção. Nos diálogos curtos, costuma-se separar, para não ter que repetir o nome de cada interlocutor, as palavras de cada um com a linha de que acima se fallou: *Que tens, estás doente? — Doe-me muito a cabeça. — Talvez apanhasses muito calor. — Não por certo, pois a manhã estava fresca. — Então passeia e fazes exercicio.*

### DAS FIGURAS DA DICÇÃO

**P.** Que entende por **figuras da dicção**?

**R.** Entendo certas licenças que se tem introduzido no uso de algumas palavras, nas quaes, para suavidade da sua pronuncia, tiramos, acrescentamos ou trocamos letras.

**P.** Quantas são essas figuras?

**R.** As mais usuaes são as seguintes: *Synalepha*, *Aphérese*, *Syncope*, *Apócope*, *Próthese* e *Antithese*.

**SYNALEPHA.** Consiste em supprimir a ultima vogal de uma palavra, quando a seguinte começa por outra vogal, pondo-se em lugar da que se supprime o *apostropho* ('), ou occultando-se algumas vezes. Usa-se pois na preposição *de*, quando se lhe seguem os artigos *o, os, a, as*; os pronomes *elle, elles, ella, ellas, esse, essa, etc.*; os adverbios *aqui, alli, etc.* da seguinte maneira: *Do, dos* (1), *d'aquelle, d'aquella, d'este, d'essas, d'aqui, d'alli, etc.*

Usa-se igualmente da *synalepha* nos pronomes *me, te, lhe*, quando são seguidos de *o, a, os, as*, exemplo: *Contárão-m'o, tirárão-lh'os*, em lugar de: *Contárão-me-o; tirárão-lhe-os, etc.* (2).

**APHÉRESE.** Usa-se desta figura quando no principio da

(1) *Do, dos*, estão aqui por *de o, de os*, porque, por euphonia, se supprime o *e* da preposição *de*.

(2) Os poetas usão desta figura, na medição das syllabas do verso, e por differente modo, como se vê no seguinte verso do nosso poeta ANTONIO NUNES DA SILVA:

*Pe'l estudo s'adquir immortal fama.*

palavra se suprime uma ou mais letras, v. g.: *liança*, *maginação*, *bobadas*, em lugar de *alliança*, *imaginação*, *abobadas*, etc. (1).

SYNCOPE. Consiste em tirar alguma letra do meio da palavra, como quando dizemos: *Mór*, em lugar de *maior*; *imigo*, em lugar de *inimigo*; *Dir-te-hei*, *far-me-has*, em lugar de *dizer-te-hei*, *fazer-me-has*, etc.

APÓCOPE. Quer dizer diminuição de letras no fim de algumas palavras, como quando dizemos: *Guarte lá*, em vez de *Guarda-te lá*; *Sam*, em lugar de *Santo*, etc.

Para evitar uma repetição que seria desagradavel ao ouvido, usa-se tambem desta figura quando na oração concorrem dois ou mais adverbios acabados em *mente*, isto é, supprimem-se estas syllabas nos que precedem o ultimo, exemplo: *Elle portou-se delicada, generosa e prudentemente*, em lugar de: *Elle portou-se delicadamente, generosamente e prudentemente*.

PRÓTHESE. Esta figura consiste em acrescentar a certas palavras algumas letras, como: *Disserão-no elles*; *perguntassem-no*, etc., em lugar de: *Disserão-o elles*; *perguntassem-o* (2).

ANTÍTHESE. Usa-se desta figura quando na palavra se troca ou põe alguma letra por outra, como acontece nas vozes dos verbos acabados em *r* ou *s*, em que se muda o *r* ou *s* em *l*, quando se lhes segue alguma destas palavras: *o*, *cs*, *a*, *as*, exemplo: *Punimo-lo*; *é preciso recebe-los*, em lugar de: *Punimos-o*; *é preciso receber-os*, etc.

## DOS VICIOS DA ORAÇÃO

P. Que entende por **vícios da oração**?

R. Entendo a impropriedade de pronunciar, ou collocar as palavras na conversação ou na escripta, e bem assim de adoptar outras que não estão auctorisadas, nem pelo uso, nem pelos classicos.

P. Quantos são os vícios da oração?

R. Tres, a saber: *barbarismo*, *solecismo* e *gallicismo*.

P. Quando se commette barbarismo?

R. Commette-se: 1.º, quando se pronuncia alguma pa-

(1) Esta figura é muito usada na poesia.

(2) Não no fez assim Cesar. (VIRGILIO, no *sermão de Nossa Senhora da gloria*.) Não lo quiz ouvir Deus. (LUCENA, na *Vida de S. Francisco Xavier*.) O fogo que arde no coração não no apagaõ remedios que vem de fóra. (ARRAES, no *Diálogo primeiro*.)

lavra sem o devido accentto, exemplo: *Périto* em lugar de *perito*, etc. 2.º, quando se troca ou accrescenta alguma letra, como quando se diz: *cathacismo*, em lugar de *catechismo* ou *catechismo*; *parraco*, em lugar de *parroco*; *gazula*, em lugar de *gazua*; *diata*, em lugar de *dieta*; *caractel*, em lugar de *character*; *diatibre*, em lugar de *diatribe*, etc.

P. Que entende pela palavra *solecismo*?

R. Entendo um erro contra a syntaxe. Commette-se quando se suprime, mudão ou accrescentão palavras na oração, faltando-se ás regras de regencia ou concordancia, como quando se diz: *Sei estás de saude*, em lugar de *Sei que estás de saude*. *Foi ó passeio*, em lugar de *foi ao passeio*. *Esta minha systema*, em lugar de *este meu systema*, etc.

P. Em que consiste a differença entre *barbarismo* e *solecismo*?

R. Em que este ultimo pôde viciar uma oração, e aquelle, uma só palavra.

P. Que é *gallicismo*?

R. É uma construcção peculiar da lingua franceza, e por descuido, ignorancia ou necessidade introduzida n'outras linguas. Infelizmente a natural formosura da lingua portugueza, acha-se desfigurada com muitos termos e expressões afrancezadas.

Commette-se pois *gallicismo* dizendo, por exemplo: *Este homem é muito remarcavel pelo seu talento*, em lugar de *muito notavel*. *Esta actriz debutou em tal peça*, em lugar de: *representou pela primeira vez em tal peça*, etc. (1).

## METHODO D'ANALYSE LOGICA

1.º Indicar o numero de proposições que contiver uma frase.

2.º Determinar a especie de cada proposição (se é simples, composta, incidente, etc.)

3.º Indicar as partes essenciaes da proposição (sujeito, verbo e attributo, expresso ou subentendido).

4.º Dizer se o sujeito e attributo são simples ou compostos.

---

(1) Veja-se a interessante obra intitulada — *Glossario de palavras e frases da lingua franceza que, por descuido, ignorancia ou necessidade, se tem introduzido na locução portugueza moderna*; com o juizo critico das que são adoptaveis nella; por D. FR. FRANCISCO DE S. LUZ.

5.º Se o verbo é substantivo ou attributivo.

6.º Indicar as palavras que formão o complemento directo, indirecto, circumstantial ou determinativo.

7.º Se a proposição for elliptica, apontar as palavras que se subentendem.

8.º Se proposição for implicita, accrescentar as palavras necessarias para a sua construcção.

*N. B.* A proposição é *implicita* quando o verbo e o attributo estão comprehendidos n'uma só palavra, como: *O Sol brilha*, em lugar de *é brilhante*; ou quando está em ellipse, expressada por uma unica palavra, exemplo: *Chiton*, em lugar de *callai-vos*. As palavras *sim* e *não*, são tambem proposições implicitas, como se vê no seguinte exemplo: *Amais o estudo? Sim*, isto é, *amo o estudo*. *Pagão elles? Não*, isto é, *elles não pagão*.

### METHODO D'ANALYSE GRAMMATICAL

<i>Se a palavra a analysar é um</i>	SUBSTANTIVO	<i>Indicar</i>	1.º a especie (se é appellativo, proprio, etc.); o genero; 3.º o numero.
	ADJECTIVO		1.º a especie (se é qualificativo, demonstrativo, etc.); 2.º o genero; 3.º o numero; 4.º a que substantivo se refere.
	ARTIGO PRONOME		1.º o genero; 2.º o numero. * 1.º a especie (se é pessoal, possessivo, etc.); 2.º o genero; 3.º o numero; 4.º que nome substitue.
	VERBO		1.º a especie (se é activo, passivo, etc.); 2.º a conjugação; 3.º a pessoa; 4.º o numero; 5.º o tempo; 6.º o modo; 7.º se é tempo simples ou composto; 8.º qual o seu sujeito na proposição; 9.º qual o regimen.
	ADVERBIO		1.º a especie (isto é, se é adverbio de lugar, de tempo, etc.); 2.º qual a palavra que modifica.

<i>Se a palavra a analysar é um</i>	PREPOSIÇÃO	<i>Indicar</i>	1.º a especie (isto é, se é preposição de ordem, de causa, etc.); qual a palavra que rege. 1.º que membro de frase liga a outro membro de frase. Qual o transporte da alma que exprime.
	CONJUNÇÃO		
	INTERJEIÇÃO		



## DA ARITHMETICA

1.º A **Arithmetica** (1), primeira parte das Mathematicas, é a sciencia dos numeros, ou arte de calcular.

2.º O principio dos numeros é a unidade.

3.º *Unidade*. É uma quantidade tomada para servir de termo de comparação a todas as outras quantidades da mesma especie; assim, quando se diz, por exemplo, que um volume peza cem kilogrammas, o kilogramma é a unidade, isto é, a quantidade com a qual se compara, e pela qual se faz idéa do pezo do mesmo volume.

4.º *Quantidade* ou *grandeza*. É tudo aquillo que é susceptivel de augmento ou diminuição; assim, *as linhas, o pezo, as superficies, etc.*, são *grandezas* ou *quantidades*.

5.º *Numero*. É a enunciação das quantidades, isto é, a expressão das unidades ou partes da unidade de que se compõe a quantidade.

6.º *Numero inteiro*. É a quantidade formada de uma ou mais unidades, v. g.: *Um, trinta e quatro, etc.*

7.º *Numero mixto* ou *fraccionario*. É aquelle que re-

(1) A origem da *Arithmetica* perde-se nas trevas da mais remota antiguidade. Suppõe-se que dos Egyptios e Phenicios aprenderão os Gregos o que sabião da sciencia dos numeros, e os seus philosophos a adiantarão, acrescentando-lhe as suas reflexões particulares. Dos Gregos passou aos Romanos; porém os Arabes ao depois, mais do que todos os outros, a cultivarão com grande applicação e estudo. Estes introduzirão na Europa, no seculo nono, pouco mais ou menos, os caracteres de que hoje nos servimos, chamados *algarismos*; pretendendo alguns auctores que os adoptarão dos Indios, outros, que forão por elles inventados. O que porém não padece duvida, é que quem levou a *Arithmetica* ao grão de perfeição em que actualmente se acha, não forão os Arabes, mas sim os mathematicos modernos, taes como *Pascal, Wallis, Newton, Legendre, Euler, Bezout, Leibnitz, Bernouilli, etc.*

presenta uma ou mais unidades conjunctamente com uma ou mais partes da unidade, v. g. : *Um e meio ; seis e tres quartos, etc.*

8.º *Fracção* ou *quebrado*. Dá-se este nome ao numero que representa uma ou mais partes da unidade, v. g. : *Um terço ; tres quartos, seis oitavos, etc.*

9.º *Numero abstracto*. É o que não determina a especie das unidades, exemplo : *Cem, duzentos e um, etc.*

10.º *Numero concreto*. É aquelle que indica a especie da unidade, v. g. : *Vinte kilogrammas, seis metros, etc.*

11.º *Numero digito* ou *simples*. Chama-se assim aquelle que se escreve com um só algarismo, exemplo : *Um, seis, oito, etc.* *Numero composto* é o que se compõe de dois ou mais algarismos, como : *Trinta e oito, trezentos e vinte e dois, etc.*

12.º *Numero par*. É aquelle que se pôde dividir exactamente pelo numero dois, v. g. : *Oito, dez, vinte, etc.*

13.º *Numero impar*. É o que se não pôde dividir pelo numero dois, sem haver fracção, como : *Nove, trinta e tres, etc.*

14.º *Numero complexo* ou *heterogeneo*. É assim chamado aquelle que se compõe de differentes especies de unidades, exemplo : *Dezesseis dias, quatro horas, cinco minutos e dois segundos, etc.*

15.º *Numero incomplexo*. É o que envolve uma só especie de unidades, v. g. : *Oito metros, dez kilogrammas, etc.*

16.º *Numeração*. É a parte da Arithmetica que ensina a enunciar e representar os numeros. Estes exprimem-se por nomes, e representão-se por meio de dez caracteres, chamados *algarismos*, a saber :

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

cifra um dois tres quatro cinco seis sete oito nove

Assim, a *numeração* divide-se em *numeração fallada* e *numeração escripta*.

17.º A *cifra* não tem, per si só, valor algum, mas posta, por exemplo, á direita de um algarismo positivo, dá-lhe um valor dez vezes maior do que se o mesmo algarismo estivesse só.

18.º Os outros nove algarismos são chamados algarismos *positivos* ou *significativos*, porque tem valor.

19.º Os algarismos positivos de um numero qualquer tem dois valores : um absoluto e designado pelo nome do mesmo algarismo ; outro relativo, que depende da casa que occupa.

20.º Todas as questões que se podem propôr sobre os numeros reduzem-se a praticar todas ou parte das quatro operações fundamentaes, a que muitos chamão *especies*, conhecidas pelos nomes de *sommar*, *diminuir*, *multiplicar* e *repartir*, de que adiante nos occuparemos.

## NUMERAÇÃO DAS UNIDADES

21.º Em primeiro lugar, conta-se de um até nove : depois, de dez unidades forma-se uma dezena, e conta-se, uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove dezenas, do mesmo modo que as unidades, e põe-se o algarismo das dezenas á esquerda do das unidades, exemplo : *Noventa e nove* 99.

22.º Depois de dez dezenas, fórma-se uma centena ; conta-se de uma até nove centenas, e põe-se o algarismo das centenas á esquerda do das dezenas, exemplo : *Novencentos e noventa e nove* 999.

23.º Continuando-se assim a juntar unidades de uma ordem dez vezes maior, e a pôr os algarismos cada vez mais para a esquerda, consegue-se representar quaesquer numeros inteiros por maiores que sejião.

24.º Para se ler com facilidade qualquer numero de quantos algarismos quizermos, dividi-lo-hemos em classes de tres letras cada uma, exceptuando a ultima da parte esquerda que, conforme a quantidade das letras de que o numero constar, poderá ser de uma ou de duas. Á primeira, terceira e todas as mais classes impares, principiando da direita para a esquerda, daremos, por sua ordem, os nomes seguintes : *unidades*, *milhões*, *billiões*, *trilliões*, etc. (1) ; e á segunda, quarta e todas as classes pares, o nome de *milhares*. Feito isto, advertiremos que a primeira letra de cada classe (principiando sempre da parte

---

(1) Nas contas pecuniarias, usa-se em Portugal da palavra *conto* em lugar de *milhão* ; de *contos de contos* em lugar de *milhão de milhões*. Não dizemos : *um milhão de réis*, mas *um conto de réis*, ou simplesmente *um conto*. Em tudo o mais, não contâmos senão por *milhões* ; assim, não dizemos : *um conto de cruzados*, mas *um milhão de cruzados*, *de arrobas*, etc.

direita) mostra as unidades proprias da sua classe, conforme os nomes que lhes temos dado, e que a segunda mostra as dezenas, e a terceira, as centenas das mesmas unidades respectivas.

Então, principiando da esquerda, leremos cada uma das classes como se estivesse só, applicando-lhe no fim a denominação respectiva das suas unidades. Assim, por exemplo, para exprimirmos o valor do numero seguinte :

43, 546 698, 324, 256, 361,

milhares billiões milhares milhões milhares unidades

Diremos : quarenta e tres *mil*, quinhentos e quarenta e seis *billiões*, seiscentos e noventa e oito *mil*, trezentos e vinte e quatro *milhões*, duzentos e cincoenta e seis *mil*, trezentos e sessenta e *uma unidades*.

25.º Dois algarismos positivos iguaes tem diverso valor, segundo a casa que occupão, por exemplo : 33.

26.º O algarismo que está á direita representa um numero dez vezes menor do que o algarismo que está á esquerda.

27.º Reciprocamente, o algarismo que está á esquerda representa um numero dez vezes maior do que o algarismo da direita.

28.º Faltando algarismo positivo de uma ordem qualquer, põe-se no seu lugar uma cifra, como : 204 unidades. A cifra, como aconteceria com outro qualquer numero de dezenas, dá ao 2 que está á sua esquerda, o valor de duas centenas.

29.º Segundo este systema da numeração das unidades, o valor dos algarismos vai sendo dez vezes maior, á medida que se anda da direita para a esquerda.

30.º Pela mesma rasão, o valor dos algarismos vai sendo dez vezes menor á medida que se anda da esquerda para a direita.

Segue-se d'ahi :

31.º Que para tornar um numero dez, cem, mil vezes, maior, bastará pôr depois do ultimo algarismo da direita, uma, duas, tres cifras, etc.

32.º Que para tornar um numero, acabado em cifras, dez, cem, mil vezes, menor, bastará supprimir uma, duas, tres cifras; etc.

## NUMEROS ROMANOS E SEUS VALORES

1	I	26	XXVI
2	II	27	XXVII
3	III	28	XXVIII
4	IV	29	XXIX
5	V	30	XXX
6	VI	40	XL
7	VII	50	L
8	VIII	60	LX
9	IX	70	LXX
10	X	80	LXXX
11	XI	90	XC
12	XII	100	C
13	XIII	200	CC
14	XIV	300	CCC
15	XV	400	CD
16	XVI	500	D
17	XVII	600	DC
18	XVIII	700	DCC
19	XIX	800	DCCC
20	XX	900	CM
21	XXI	1000	M
22	XXII	2000	MM
23	XXIII	3000	MMM
24	XXIV	10000	XM
25	XXV	1000000	CCCCIJJJJ

 1874 — escreve-se assim em numeros romanos:  
MDCCLXXIV (1).

(1) Os Romanos imitárão os Gregos, servindo-se tambem dos caracteres do seu alphabeto, misturados com outros signaes particulares. Com uma só linha ou I indicavão a *unidade*; com duas linhas atravessadas como X, *dez*, e partindo esta letra ao meio, formavão o V, que significa cinco. A letra C, ou o caracter L, exprimia *cem*, e a metade desse caracter, que forma esta figura L, *cincoenta*. D valia *quinhentos*, M significava *mil*, finalmente juntando e repetindo estes caracteres, exprimião os maiores numeros.

## SOMMAR

33.º **Sommar** (ou a **addição**) é uma operação arithmetica, que consiste em mostrar o valor de muitos numeros por meio de um só, igual a todos os outros.

34.º Este chama-se *somma* ou *total*, e os numeros que se juntão (os quaes devem significar todos a mesma especie de unidades) chamão-se *addições* ou *parcellas*.

35.º **Regra geral para sommar.** Escrevem-se as parcellas umas por baixo das outras, de modo que as unidades fiquem debaixo das unidades na mesma columna vertical; as dezenas, centenas e milhares igualmente debaixo das dezenas, das centenas, dos milhares, e assim por diante. Tendo-se assentado deste modo todos os numeros, passa-se um traço por baixo do ultimo para o separar da *somma*.

36.º Se se trata de numeros digitos, ou compostos só de unidades, como :

$$\begin{array}{r} 9 \\ 8 \\ 6 \\ \hline \text{Somma } 23 \end{array}$$

diz-se : nove unidades e oito são dezeseite, e seis são 23 : põe-se o 3 debaixo das unidades, e o 2, que representa as dezenas, á esquerda do 3.

37.º Sendo os numeros compostos de unidades e dezenas, isto é, tendo dois algarismos, como :

$$\begin{array}{r} 37 \\ 49 \\ 64 \\ \hline \text{Somma } 150 \end{array}$$

diz-se : sete unidades e nove são dezeseis, e quatro são 20 ; põe-se a cifra debaixo das unidades, e guarda-se o 2 que representa duas dezenas. Passando á columna das dezenas, diz-se : duas dezenas, que vem da columna precedente, e tres são cinco, e quatro são nove, e seis são 15 ; assenta-se 5 debaixo das dezenas, e 1, que representa uma centena, á esquerda do 5.

38.º Se se trata de numeros compostos de unidades, de-

zenas, centenas, etc., isto é, tendo tres ou mais algarismos, pratica-se do mesmo modo que se apontou no exemplo precedente.

39.º O signal + (1) significa *addição*, e quer dizer *mais*; o signal = significa *igual*; assim, no exemplo supra, pôde-se escrever:  $37 + 49 + 64 = 150$ , que se lê: 37 mais 49 mais 64 igual a 150. O signal + chama-se *positivo*.

## DIMINUIR

40.º **Diminuir** (ou a **subtracção**) é uma operação pela qual se tira um numero menor de outro numero maior da mesma especie.

41.º O resultado chama-se *resto, excesso ou differença*. Estas tres palavras correspondem cada uma ao modo particular de considerar o *resultado*. Por exemplo: se de 7 se quizer tirar 3, o resultado 4 chamar-se-ha *resto*: se se quizer mostrar a superioridade de 7 a 3, o resultado 4 chamar-se-ha *excesso*: se pelo contrario se quizer mostrar a inferioridade de 3 para 7, o resultado 4 chamar-se-ha *differença*.

42.º Tendo-se escripto os dois numeros, o maior por cima do menor, e passando depois um traço por baixo deste ultimo numero, tira-se, algarismo por algarismo, principiando da direita para a esquerda, o numero inferior do numero superior, e escreve-se por baixo cada *resto*, ou uma cifra quando nada sobeja, exemplo:

de.....	4729
tirar.....	2326
<i>Resto</i> .....	2403

Diz-se: de 9 tirando 6, ficão 3, que se assentão debaixo das unidades.

Passando ás dezenas, diz-se: de 2 tirando 2, fica nada; põe-se uma cifra debaixo das dezenas.

Passando ás centenas, diz-se: de 7 tirando 3, ficão 4, que se assentão debaixo das centenas.

Passando aos milhares, diz-se: de 4 tirando 2, ficão 2, que se assentão debaixo dos milhares.

---

(1) Estes signaes chamão-se algébricos, por se fazer uso delles na sciencia chamada *Algebra*:

43.º Quando um algarismo do numero inferior é maior do que outro do numero superior, faz-se a operação do seguinte modo :

$$\begin{array}{r} \text{de} \dots\dots\dots 924 \\ \text{tirando} \dots\dots\dots 365 \\ \hline \text{Resto} \dots\dots\dots 559 \end{array}$$

Como se não pôde tirar 5 de 4, toma-se do algarismo das dezenas superiores uma dezena, que é igual a dez unidades, as quaes se juntão ás outras quatro, e diz-se : de 14 tirando 5, ficão 9, que se assentão debaixo das unidades.

Passando ás dezenas, das quaes, em razão da que se tirou, só existe uma no numero superior, pede-se emprestado ao algarismo das centenas superiores uma centena, que é igual a dez dezenas, as quaes se juntão á outra, e diz-se : de 11 tirando 6, ficão 5, que se assentão debaixo das dezenas.

Passando ás centenas, das quaes, em razão da que se tirou, só restão 8, diz-se : de 8 tirando 3, ficão 5, que se assentão debaixo das centenas.

44.º Quando um dos algarismos do numero superior é uma cifra, faz-se a operação do seguinte modo :

$$\begin{array}{r} \text{de} \dots\dots\dots 40 \\ \text{tirando} \dots\dots\dots 28 \\ \hline \text{Resto} \dots\dots\dots 12 \end{array}$$

O primeiro algarismo positivo superior é 4 da casa das dezenas.

Toma-se do mesmo algarismo uma dezena, que é igual a dez unidades, e diz-se de 10 tirando 8, ficão 2, que se assentão debaixo das unidades, e faz-se o resto da operação como nos exemplos precedentes.

45.º Quando se encontrão duas cifras successivas no numero superior, faz-se a operação deste modo :

$$\begin{array}{r} \text{de} \dots\dots\dots 7500 \\ \text{tirando} \dots\dots\dots 227 \\ \hline \text{Resto} \dots\dots\dots 7273 \end{array}$$

O primeiro algarismo positivo superior é da casa das centenas; tira-se uma que vale dez dezenas, e destas, uma que vale dez unidades, e diz-se: de 10 tirando 7, ficão 3, que se assentão debaixo das unidades.

Passando ás dezenas, das quaes só existem nove, em consequencia da que se tomou para a columna immediata, diz-se: de 9 tirando 2, ficão 7, que se assentão debaixo das dezenas: o mais como nos exemplos anteriores.

46.º O signal — significa *subtração*, e quer dizer: *menos*; assim, nos dois ultimos exemplos precedentes, pôde escrever-se:  $40 - 28 = 12$ , e  $7500 - 227 = 7273$ , o que se lê: 40 menos 28 igual a 12; e 7500 menos 227 igual a 7273. O signal — chama-se *negativo*.

N. B. *Mais adiante acharão os estudiosos varios problemas, a fim de poderem exercitar-se na applicação das regras da Arithmetica.*

## MULTIPLICAR

47.º **Multiplicar** (ou a **multiplicação**) consiste em repetir um numero, chamado *multiplicando*, tantas vezes quantas são as unidades de outro numero denominado *multiplicador*.

48.º O resultado chama-se *producto*.

49.º O *multiplicando* e o *multiplicador* tem, alem disso, uma denominação commum: considerados como concorrendo para formar o *producto*, são chamados *factores do producto*.

50.º Multiplicar um numero por 2, 3, ou 4 é dobra-lo, quadriplica-lo, e assim por diante.

51.º Consistindo o calculo principal em multiplicar, um por um, os algarismos do primeiro factor pelos do segundo, é essencial aprender de cõr, com o auxilio da seguinte taboada, a que se dá o nome de *Abaco* e cuja invenção se attribue a *Pythagoras*, celebre philosopho grego, qual é o producto de dois numeros, quaesquer que elles sejião, compostos de um só algarismo, multiplicando um pelo outro.

Ella contém com effeito todos os resultados da multi-

plicação de cada um dos numeros, desde 1 até 9, por cada um dos mesmos numeros.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2	4	6	8	10	12	14	16	18
3	6	9	12	15	18	21	24	27
4	8	12	16	20	24	28	32	36
5	10	15	20	25	30	35	40	45
6	12	18	24	30	36	42	48	54
7	14	21	28	35	42	49	56	63
8	16	24	32	40	48	56	64	72
9	18	27	36	45	54	63	72	81

O modo de formar esta taboada é mui simples: escreve-se na primeira linha 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

A segunda linha forma-se dobrando os nove numeros da primeira.

A terceira triplicando-os, e assim por diante até á nona linha.

Querendo saber quanto fazem 6 vezes 8, ou, o que é a mesma cousa, quanto fazem 8 vezes 6, desceremos verticalmente, isto é, do alto da taboada, no primeiro caso, desde o 6 da primeira linha até á que principia por 8, e acharemos 48; no segundo caso, desde o 8 da primeira linha até áquella que começa por 6, e acharemos os mesmos 48 por producto.

Passemos agora ao processo da *multiplicação*.

52.º Se o *multiplicador* não tiver senão uma letra, faz-se a operação como no seguinte exemplo :

$$\begin{array}{r}
 \text{Multiplicando} \dots\dots\dots 672 \\
 \text{Multiplicador} \dots\dots\dots 8 \\
 \hline
 \text{Producto} \dots\dots\dots 5376 \quad (1).
 \end{array}
 \left. \vphantom{\begin{array}{r} 672 \\ 8 \end{array}} \right\} \text{Factores}$$

Multiplica-se o algarismo das unidades do *multiplicando* pelo algarismo unico do *multiplicador* dizendo : 8 vezes 2 são 16 ; escreve-se 6, e guarda-se 4 ; — depois multiplica-se o algarismo das dezenas do *multiplicando* pelo algarismo do *multiplicador*, dizendo : 8 vezes 7 são 56, e 4 dezena que vem da casa immediata são 57, põe-se 7, e levão-se 5.

Multiplica-se finalmente o algarismo das centenas do *multiplicando* pelo algarismo do *multiplicador*, dizendo : 8 vezes 6 são 48, e as cinco centenas que vem são 53, que se escrevem por inteiro, porque nada ha mais que multiplicar.

53.º Quando ha mais de um algarismo no *multiplicador*, faz-se a operação parcialmente pelas dezenas, centenas e todas as outras classes da unidade, como se acaba de praticar com as unidades simples. Exemplo :

$$\begin{array}{r}
 758 \\
 426 \\
 \hline
 4548 \\
 4516 \\
 3032 \\
 \hline
 \text{Producto} \quad 322908
 \end{array}$$

Principia-se a multiplicar successivamente as unidades, as dezenas, as centenas do *multiplicando* pelas unidades do *multiplicador*, como no exemplo precedente (52.º).

Multiplica-se do mesmo modo o *multiplicando* pelas dezenas do *multiplicador*, e escreve-se de tal modo o producto, que o seuprimeiro algarismo da direita fique de baixo das dezenas do primeiro producto parcial.

---

(1) A *multiplicação* equivale a uma addição do *multiplicando* escripta tantas vezes quantas são as unidades do *multiplicador*.

Multiplica-se igualmente o *multiplicando* pelas centenas do *multiplicador*, e escreve-se tambem o producto de modo que o primeiro algarismo da direita fique debaixo das centenas do primeiro producto parcial.

Sommão-se os tres productos parciaes, cujo total é 322908.

54.º Quando ha uma cifra entre dois algarismos positivos do *multiplicando*, como nestes dois exemplos :

<p>1.º</p> $\begin{array}{r} 701 \\ \underline{\quad 9} \\ \text{Producto } 6309 \end{array}$	<p>2.º</p> $\begin{array}{r} 609 \\ \underline{\quad 5} \\ \text{Producto } 3045 \end{array}$
---	---

Põe-se a cifra no producto, se nada se leva da casa immediata, como se vê no 1.º exemplo; no caso contrario, escreve-se o algarismo que se leva, como se vê no 2.º exemplo.

55.º Quando ha muitas cifras entre dois algarismos positivos do *multiplicando*, como nestes dois exemplos :

<p>1.º</p> $\begin{array}{r} 90001 \\ \underline{\quad 6} \\ \text{Producto } 540006 \end{array}$	<p>2.º</p> $\begin{array}{r} 300008 \\ \underline{\quad 4} \\ \text{Producto } 1200032 \end{array}$
---	---

Faz-se a operação, pelo que respeita á primeira cifra, do mesmo modo que fica dito nos dois primeiros exemplos (54.º), e põe-se depois no producto as outras cifras, para dar aos algarismos seguintes o seu valor relativo.

56.º Quando o *multiplicador* contém uma ou mais cifras, entre dois algarismos positivos, opera-se do seguinte modo :

<p>1.º</p> $\begin{array}{r} 486 \\ \underline{502} \\ 972 \\ 2430 \\ \underline{\quad} \\ \text{Producto } 243972 \end{array}$	<p>2.º</p> $\begin{array}{r} 2376 \\ \underline{7005} \\ 11880 \\ 16632 \\ \underline{\quad} \\ \text{Producto } 16643880 \end{array}$
---	--

Passa-se cada cifra, visto que estas não darião producto algum, e opera-se sobre o algarismo positivo que

está depois della, o qual pertence, no 1.º exemplo, á casa das centenas, e no 2.º exemplo á casa dos milhares. Assenta-se em consequencia o segundo producto parcial.

57.º Quando o *multiplicando* ou o *multiplicador*, ou um e outro acabão em uma ou muitas cifras, principia-se pelos algarismos positivos, mas á direita do producto accrescentão-se tantas cifras quantas ha, tanto no *multiplicando* como no *multiplicador*.

1.º	3200	2.º	4725	3.º	2540
	9		3000		4000
	28800		14175000		10160000
<i>Productos</i>					

Os productos recuarão duas, tres, quatro casas para a esquerda, e escreveu-se á direita destes productos, no 1.º exemplo, duas cifras, no 2.º, tres, e no 3.º, quatro.

Convém observar que para multiplicar um numero qualquer por dez, cem, mil, etc., basta escrever á direita deste numero uma, duas, tres cifras, e assim por diante (34.º).

58.º O signal  $\times$  ou simplesmente um ponto, significa *multiplicação*; assim, no 1.º destes exemplos, póde escrever-se  $3200 \times 9$ , ou  $3200 \cdot 9 = 28800$ , que se lê: 3200 multiplicados por 9, igual a 28800.

59.º **Uso da multiplicação.**—Serve a multiplicação, em geral, para achar o valor total de muitas unidades, quando se conhece o valor de cada uma dellas; por exemplo, se nos perguntarem em quanto importão 202 metros de panno de linho a 185 réis cada metro, multiplicaremos 202 por 185, e veremos que importão em réis 37 5370.

Tambem serve a *multiplicação* para converter as unidades de qualquer especie em unidades de outra especie menor, isto é, as unidades principaes nas suas subdivisões.

Vejão-se os problemas de pag. 159 a 161.

## REPARTIR

60.º **Repartir** (ou a **divisão**) é outra operação arithmetica que serve para fazer conhecer quantas vezes um numero chamado *dividendo*, vulgarmente *partição*, contém outro chamado *divisor* ou *partidor*.

61.º O resultado chama-se *quociente*.

62.º Dividir um numero por 2, 3 ou 4, é o mesmo que se delle tirassemos a metade, a terça ou a quarta parte.

63.º Quando o *divisor* consta de uma só letra, faz-se a operação como no seguinte exemplo :

$$\begin{array}{r}
 \text{Dividendo} \quad 3402 \quad | \quad 7 \quad \text{Divisor} \\
 \hline
 28 \quad 486 \quad \text{Quociente (1)} \\
 \hline
 60 \\
 56 \\
 \hline
 42 \\
 42 \\
 \hline
 0
 \end{array}$$

Como a primeira letra do *dividendo* é menor que o *divisor*, tomão-se á esquerda do *dividendo* os dois algarismos 3 e 4, que formão 34 centenas, e diz-se, em 34 quantas vezes ha 7? Ha 4. Escreve-se por baixo do *divisor* a letra 4; multiplica-se depois o *divisor* por este *quociente parcial* 4. O producto é 28, que se deve abater do *dividendo parcial* 34, e escreve-se por baixo o resto 6.

Ao lado deste resto 6, abaixa-se a cifra do *dividendo*, o que dá 60 dezenas; depois diz-se: em 60 quantas vezes ha 7? Ha 8. Escreve-se 8 debaixo do *divisor*; multiplica-se depois o *divisor* por este segundo *quociente parcial* 8, o producto é 56, que se abate do segundo *dividendo parcial* 60, e escreve-se por baixo o resto 4.

Ao lado deste resto 4, abaixa-se o 2 do *dividendo*, o que dá 42 unidades, e diz-se: em 42 quantas vezes ha 7? Ha

---

(1) A *divisão* equivale a uma diminuição reiterada, e o *quociente* mostra quantas vezes o *divisor* se pôde tirar do *dividendo*.

6. Escreve-se debaixo do *divisor* o algarismo 6, que representa 6 unidades; multiplica-se depois o *divisor* por este terceiro e ultimo *quociente parcial* 6: o producto é 42, que se abate do terceiro e ultimo *dividendo parcial*. Como não ha resto algum, e a operação está acabada, conclue-se que 3402 contém 7 quatrocentas e oitenta e seis vezes exactamente.

64.º Quando um dos *dividendos parciaes* não contém o *divisor*, põe-se uma cifra no *quociente*, para dar aos outros algarismos o seu valor relativo.

Exemplo. Dividir 2781 por 9:

$$\begin{array}{r}
 2781 \quad | 9 \\
 \underline{27} \quad \quad 309 \\
 \quad \quad 081 \\
 \quad \quad \quad 81 \\
 \quad \quad \quad \underline{\quad} \\
 \quad \quad \quad \quad 0
 \end{array}$$

Vê-se que, em consequencia da cifra que se poz no *quociente*, o algarismo 3 das centenas é o algarismo 9 das unidades, se achão nos seus respectivos lugares.

65.º Quando o *divisor* tem mais de um algarismo, faz-se a operação sempre do mesmo modo, isto é, dividindo, multiplicando e diminuindo alternativamente. Exemplo:

$$\begin{array}{r}
 897 \quad | 23 \\
 \underline{69} \quad \quad 39 \\
 \quad \quad 207 \\
 \quad \quad \underline{207} \\
 \quad \quad \quad 0
 \end{array}$$

Faremos o nosso primeiro *dividendo parcial* de dois algarismos, 89, porque estes bastão para elle não ser menor que o *divisor*, e diremos: em 89 quantas vezes ha 23? Ha 4 na realidade, não havendo respeito ás letras seguintes; como porém multiplicando o divisor por 4, sahe um producto maior que o dividendo respectivo, assentaremos sómente 3 no quociente.

Depois de haver multiplicado o *divisor* pelo *quociente parcial* 3, e de ter abatido o producto 69 no *dividendo parcial* 89, acha-se que ficão 20.

Ao lado deste resto 20, abaixa-se o 7 do *dividendo*, o que dá 207 por segundo *dividendo parcial*, e 9 por segundo *quociente parcial*. Enfim, multiplica-se e diminue-se novamente, e resulta desta operação que o *quociente total* é 39 sem resto algum.

66.º Para tornar mais intelligiveis os tres exemplos que se derão, escreveu-se, por baixo de cada *dividendo parcial*, o producto do *divisor* por cada *quociente parcial*; mas vai-se mostrar que a subtracção pôde ser feita de cabeça. Exemplo. *Dividir* 1692 por 36 :

$$\begin{array}{r} 1692 \quad | 36 \\ \underline{\phantom{1692} 252} \phantom{00} \\ 47 \\ \phantom{47} 00 \end{array}$$

Em primeiro lugar, tomaremos as tres primeiras letras do numero dado para fazermos dellas o nosso *dividendo parcial*, porque as duas primeiras fazem um *dividendo* menor que o *divisor*, e diremos: em 169 quantas vezes ha 36, ou em 16 quantas vezes ha 3? Não pôde haver mais que 4, pela razão que se expendeu no exemplo precedente, os quaes assentaremos no *quociente*. Então, em lugar de multiplicar 4 por 36, e escrever o producto debaixo do *dividendo parcial* para depois o diminuir deste, multiplicaremos as 6 unidades do *divisor* por 4, dizendo: 4 vezes 6 são 24, tirados de 29, ficão 5: assenta-se pois este algarismo debaixo de 9, e guardão-se 2: depois multiplicão-se as tres dezenas do *divisor* por este mesmo 4, dizendo: 4 vezes 3 são 12, com 2 que se tinham guardado, são 14, tirados de 16, ficão 2.

Abaixa-se o 2 do *dividendo*, e diz-se: em 252 quantas vezes ha 36, ou em 25 quantas vezes ha 3? Não pôde haver mais do que 7; multiplicão-se as 6 unidades do *divisor* por 7, dizendo: 7 vezes 6 são 42, tirados de 42, fica nada, e vão 4; assentaremos pois uma cifra por baixo do 2, e multiplicaremos as 3 dezenas do *divisor* pelo mesmo 7, dizendo: 7 vezes 3 são 21 e 4 são 25, tirados de 25, fica nada, e poremos outra cifra por baixo do 5.

67.º Quando o *dividendo* e o *divisor* terminão em cifras,

póde-se, para abbreviar, supprimir as do numero que tem menos, e supprimir outras tantas no outro numero.

$$\begin{array}{r|l} 2490(00 & 3(00 \\ 09 & 830 \\ 00 & \end{array}$$

A supressão de igual numero de cifras nada influe no quociente, e dá o mesmo que se a operação fosse feita com os algarismos primitivos. Neste exemplo, o *dividendo* ficou sendo cem vezes menor, e o *divisor* igualmente cem vezes menor (32).

Segue-se disto :

68.º Que para dividir um numero, cujos ultimos algarismos são cifras, por dez, cem ou mil, bastará supprimir uma, duas ou tres cifras.

69.º Que quando se multiplica ou divide o *dividendo* e o *divisor* pelo mesmo numero, o resultado da *divisão* primitivamente dada não experimenta alteração alguma.

70.º Quando o *dividendo* contém o *divisor* um certo numero de vezes e mais algum resto, se se quizer continuar a divisão pelo que respeita a esse resto, recorrer-se-ha ás fracções ordinarias ou quebrados, ou fracções decimaes, como adiante se verá.

71.º O signal : ou ÷ significa *divisão*; assim no 1.º exemplo, dado a pag. 154, poderia escrever-se :  $3402 : 7$  ou  $\frac{3402}{7} = 486$ .

72.º **Uso da divisão.**—Veja-se os problemas de pag. 161.

## DA PROVA

73.º A **prova** de uma operação arithmetica é uma nova operação pela qual nos certificamos do resultado da primeira.

74.º **Da prova de sommar.**—Esta prova consiste em *sommar* novamente os numeros dados, columna

por columna, principiando pela esquerda, e diminuindo successivamente da *somma* todas as partes que a compozirão. Exemplo :

$$\begin{array}{r}
 729 \\
 847 \\
 921 \\
 \hline
 2497 \\
 010
 \end{array}$$

Principiando da esquerda diremos : 7 e 8 são 15 e 9 são 24, tirados dos 24 da primeira *somma*, fica nada ; assentaremos uma cifra debaixo do 4 ; — depois passando á segunda columna, diremos : 2 e 4 são 6 e 2 são 8, tirados de 9 fica 1, que com o algarismo que na *somma* se segue faz 17 : — finalmente passando á ultima columna, diremos : 9 e 7 são 16 e 1 são 17, tirados de 17 fica nada. A esta chama-se *prova real*.

**75.º Da prova pela regra dos nove.**—Tirão-se os *noves* de qualquer numero com *summa* facilidade, sommando os seus algarismos successivamente ; chegando a *somma* a 9, lança-se este fóra, e com o que fica se continua por diante. Deste modo, para tirar os *noves* do numero 86097546, diremos : 8 e 6 são 14, nove fóra 5, e 7 (porque não é necessario fallar com a 0, nem com o 9) são 12, nove fóra 3, e 5 são 8 e 4 são 12, nove fóra 3 e 6 são 9, nove fóra 0.

**Nova prova da conta de sommar.** Tirão-se os *noves* a todas as addições consecutivamente, como se ellas formassem um só numero, e assenta-se o resto á margem dellas, e o mesmo se faz na *somma*. — Se o resto não for o mesmo de ambas as partes, é prova infallivel de que a conta está errada (suppondo sempre que o erro não esteja na operação da mesma prova); pois não é possivel que a *somma* seja igual ás addições, quando tirando de ambas as partes os *noves*, ficão restos desiguaes. No exemplo dado, querendo tirar a prova pela regra dos *noves*, diremos : 7 e 2 são 9, nove fóra 0 ; não fallaremos com o 9 da primeira addição, e passando á segunda, diremos : 8 e 4 são 12, nove fóra 3 e 7 são 10, nove fóra 1 (não fallando com o 9 da terceira addição), e 2 são 3 e 1 são 4, que assentaremos á mar-

gem.— Passando á somma, diremos: 2 e 4 são 6 (não fallando com o 9) e 7 são 13, nove fóra 4, o que mostra que a somma está certa.

**76.º Da prova de diminuir.**— A prova da conta de *diminuir* faz-se sommando o numero que se diminuiu e o resto achado por meio da operação; e se esta foi bem feita, deve a somma do numero inferior e do resto produzir o numero superior. Exemplo:

de.....	947
tirando.....	436
	-----
<i>Resto</i> .....	511
	-----
	947

O numero superior foi pois decomposto em duas partes, a saber: a quantidade que se tirou, e o resto; assim, deve-se evidentemente tornar a compôr este numero superior pela somma dessas duas partes, quando a *subtracção* estiver bem feita.

**77.º Da prova pela regra dos nove.**— Para se fazer a prova pela regra dos *noves* na conta de *diminuir*, tirão-se os *noves* ao numero de que se diminuiu; depois aos outros dois numeros juntos, e conforme ficarem de ambas as partes restos iguaes ou desiguaes, far-se-ha o mesmo juizo que se indicou a respeito de *sommar*. Deste modo, no dito exemplo:

947
436
-----
511

tirando os *noves* ao numero 947, fica o resto 2; e como fica tambem o mesmo resto 2 nos outros dois numeros 436 e 511 tomados juntamente depois de tirados os *noves*, tem-se a conta por certa.

**78.º Da prova de multiplicar.**— Tira-se esta

prova dividindo o *producto* pelo *multiplicando*. Exemplo:

Multiplicar.....	429	
por.....	24	
	1716	
	858	
	10296	
<i>Producto</i> .....	10296	429
	1716	24
	000	

Se a primeira operação foi bem feita, o quociente deve dar o *multiplicador*, por isso que o *producto* contém o *multiplicando* tantas vezes quantas são as unidades do *multiplicador*.

Póde-se tirar também a prova dividindo o *producto* pelo *multiplicador*.

#### 79.º Da prova pela regra dos novezes.—

Para mostrar o uso desta regra por meio de um exemplo, supponhamos que tendo-se multiplicado 68754 por 28, e achado o *producto* 1925112, queremos verificar este resultado; eis-aqui a operação:

Sommaremos os algarismos do *multiplicando* 6, 8, 7, 5, 4, sem attender ao seu valor local, como se todos estivessem na casa das unidades, e lançaremos fóra o *nove*, á medida que se for achando na *somma*; por fim teremos um resto, que neste exemplo é 3, o qual assentaremos ao lado do *multiplicando*.

Do mesmo modo sommaremos os algarismos do *multiplicador* 2, 8, lançando fóra o *nove*, e teremos o resto 1, que assentaremos ao lado do *multiplicador*. Então multiplicaremos os dois restos um pelo outro, e como do *producto*, que neste exemplo é 3, não podemos lançar fóra *nove* (e no caso de o podermos fazer poríamos o resto, se o houvesse) assentaremos 3 em frente do primeiro resto.

Ora, para o *producto* acima dito estar exacto, é necessario que, sommando do mesmo *producto* todas as letras delle 1, 9, 2, 5, 1, 1, 2, e lançando fóra os *noves*, não fique também senão 3, como se acha com effeito:  $\frac{3}{4} \left| \frac{3}{3} \right.$

80.º **Da prova da divisão.**—Tira-se a prova da conta de *repartir* multiplicando o *quociente* pelo *divisor*, e acrescentando-lhe o resto, se o houver. Exemplo:

$$\begin{array}{r|l}
 4479 & 42 \\
 \hline
 219 & 35 \\
 9 & \\
 \hline
 & 210 \\
 & 426 \\
 & \underline{9 \text{ resto.}} \\
 & 1479
 \end{array}$$

O *quociente* faz conhecer quantas vezes o *dividendo* contém o *divisor*.

Repetindo o *divisor* o mesmo numero de vezes, reproduz-se necessariamente o *dividendo*, se não houve erro no calculo da divisão.

Em resumo:

A conta de *sommar* e a de *diminuir* verificão-se uma pela outra.

O mesmo succede pelo que respeita á conta de *multiplicar* e de *repartir*.

81.º **Da prova da divisão pela regra dos nove.**— Quanto á prova pela regra dos *noves*, convém advertir que como o producto do *divisor* pelo *quociente* com o *resto*, quando o houver, é igual ao *dividendo*, não é necessario mais do que tirar os *noves* ao *divisor* e ao *quociente*; multiplicar os dois restos; do producto lançar fóra os *noves*, se os houver; sommar o resto com o que ficar depois de tirados os *noves*, ao resto da divisão, e da somma lançar fóra os *noves*, se os tiver; e o resto será o que se deve achar tambem no *dividendo*, depois de lançados fóra os *noves*.

Por exemplo, tendo achado o *quociente* 2739, e o resto 10, da divisão de 87658 por 32, tiraremos os *noves* ao divisor 32, e ficará o resto 5, depois ao *quociente* 2739, e ficarão 3. Então multiplicaremos os dois restos, e do producto 15, lançando fóra 9, ficão 6; e tirando tambem o *nove* ao resto da divisão 10, fica 1, que sommado com o resto precedente 6, faz 7; é isto o que deve restar no *dividendo* 87658, depois de se tirarem os *noves*, estando a operação exacta, como com effeito está:  $\frac{5}{3} \left| \frac{7}{7} \right.$

PROBLEMAS SOBRE AS QUATRO OPERAÇÕES FUNDAMENTAES  
DA ARITHMETICA

1.<sup>a</sup>

**Sommar**

82.<sup>o</sup>

I Pergunta-se quando é que uma pessoa nascida em 1864 terá completado 25 annos?

II Certo individuo casou na idade de 27 annos, e perdeu sua mulher no fim de 12 annos. Depois de ter estado viuvo pelo espaço de 5 annos, tornou a casar, e viveu 7 annos com a sua segunda mulher; vindo a fallecer 11 annos depois desta. Pergunta-se qual é a idade a que aquelle individuo chegou?

III Um tecelão fez em 12 dias 48 metros de panno de linho, pelos quaes recebeu 4\$000 réis; em 8 dias apromptou mais 32 metros, que lhe forão pagos por 3\$000 réis; finalmente, em 6 dias, mais 25 metros, que lhe produzirão 2\$800 réis. Pergunta-se quantos dias trabalhou o tecelão, quantos metros fez de panno, e quanto veiu a receber ao todo?

IV Tres operarios dividirão entre si o producto do seu trabalho: o primeiro teve 7\$600 réis, o segundo mais 1\$400 réis, e o terceiro mais 2\$800 réis que o segundo. Pergunta-se qual foi a quantia que se dividiu, e quanto tocou a cada um?

V Comprou-se certa fazenda por 321\$500 réis. Pergunta-se por quanto se deve vender para dar o lucro de 53\$000 réis?

VI Um regimento mettido em linha apresenta 380 filas, de 2 homens cada fila; 26 officiaes de fileira e 60 officiaes inferiores. Pergunta-se qual é a força total do mesmo regimento?

2.<sup>a</sup>

**Diminuir**

I Um negociante perdeu n'um anno 3:400\$000 réis em 15:700\$000 réis com que tinha entrado n'uma especulação. Pergunta-se quanto lhe ficou ainda?

II Levando um individuo 7\$500 réis na algibeira poz-se a jogar; e ao retirar-se tinha 24\$720 réis. Pergunta-se quanto ganhou?

III Que quantia é necessario acrescentar a 145\$620 réis para perfazer a de 289\$730 réis?

IV Uma pessoa nasceu no anno de 1786, e morreu em 1831. Pergunta-se qual era a sua idade?

V Ha 98 leguas de Paris a Londres, e 23 de Dover a Londres. Pergunta-se qual é a distancia de Paris a Dover?

VI O cometa que appareceu em 1835 esteve 76 annos invisivel. Qual foi pois a epoca da sua precedente apparição?

VII Os Hespanhoes senhorearão-se de Portugal em 1580, porém no anno de 1640 reconquistarão os Portuguezes a sua independencia, acclamando Rei o Sr. D. João IV. Pergunta-se quanto tempo esteve este Reino sujeito á Hespanha?

3.<sup>a</sup>**Multiplicar**

I O dono de uma fabrica emprega 50 operarios, a cada um dos quaes dá o salario de 320 réis diarios. Pergunta-se quanto despense assim por dia, e qual é a importancia total dos seis dias de trabalho em cada semana?

II Quanto se ganha, vendendo a razão de 5\$000 réis o metro, 48 metros de fazenda, que custarão 200\$000 réis?

III Sabendo-se que a hora consta de 60 minutos, e o minuto de 60 segundos, pergunta-se quantos segundos ha em 2 dias, 6 horas e 4 quarto?

IV Um homem gasta 480 réis por dia com o seu sustento; 4\$000 réis por mez com a renda da sua habitação; 48\$000 réis por anno com o seu fato; 34\$000 réis com a lavadeira e engommadeira; e 60\$000 réis com os seus divertimentos. Pergunta-se a quanto sobe a sua despesa annual?

V 36 pedreiros fizeram certa obra em 14 dias trabalhando 10 horas por dia. Pergunta-se quantas horas empregaria nesse trabalho um só pedreiro?

VI Uma criança de 6 annos, 8 mezes e 14 dias quer saber quantos segundos tem vivido. Dois annos da sua vida forão *bissextos*, isto é, tiverão um dia mais que o anno

*commun*, que é de 365 dias; e dos 8 mezes que restão, 4 tem 31 dias, 3 são de 30 e o ultimo de 28?

VII A circumferencia da Terra divide-se em 360 partes chamadas grãos, e cada grão em 25 *leguas communs*, ou 20 *leguas maritimas*, segundo o modo de as calcular por algumas nações. Pergunta-se quantas leguas ha de cada uma destas especies na circumferencia?

4.<sup>a</sup>

### Repartir

I Qual é o preço de um kilogramma de certo genero, sabendo-se que 37 kilogrammas custarão 44\$400 réis?

II Comprou-se por 372\$000 réis uma caixa de fazenda pezando 125 kilogrammas. Despejada a caixa, pezava 31 kilogrammas. Pergunta-se a quanto sahe cada kilogramma da dita fazenda?

III Pagou-se 90\$000 réis a diversos jornaleiros, a cada um dos quaes coube 500 réis. Pergunta-se qual era o numero dos mesmos jornaleiros?

IV Havia 300 metros de certa obra para fazer, e apromptárão-se por dia 3 metros. Deseja-se saber o numero de dias que foi necessario para se concluir aquella tarefa?

V Pergunta-se quantas folhas contém um volume de 512 paginas em oitavo, sabendo-se que cada folha neste formato consta de 16 paginas.

VI Um livreiro tem 960 exemplares de uma obra para brochar. Pergunta-se quantos deve apromptar por dia para acabar a sua tarefa em 6 dias?

VII Comprárão-se 400 exemplares de uma obra a razão de 600 réis cada um, e receberão-se 20 a titulo de commissão. A quanto sahe effectivamente cada um dos 120 exemplares? (1).

### DAS FRACÇÕES ORDINARIAS OU QUEBRADOS

83.<sup>o</sup> Dá-se o nome de **quebrados** ou **fracções**, como já se disse, aos numeros pelos quaes se exprimem as quantidades menores que a *unidade* (§ 8.<sup>o</sup>).

(1) Veja-se no fim da *Arithmetica* a solução dos problemas dados sobre as suas diversas regras.

84.º Toda a *fracção ordinaria* se exprime por dois numeros.

85.º O primeiro, chamado *numerador*, mostra de quantas partes da unidade se compõe a quantidade que se declara pelo quebrado. O segundo, chamado *denominador*, faz conhecer quantas dessas partes são necessarias para compôr a unidade. O *numerador* e o *denominador* são tambem chamados *termos da fracção*. Neste exemplo:  $\frac{3}{4}$  o *numerador* é o algarismo 3, e o *denominador*, o algarismo 4.

É evidente:

86.º Que quanto mais se augmenta ou diminue o *numerador* sómente, mais a *fracção* deve augmentar ou diminuir; que quanto mais se augmenta ou diminue o *denominador* sómente, mais a *fracção* deve diminuir ou augmentar.

87.º Cada uma das partes iguaes de um inteiro dividido:

Em duas, chama-se *metade* ou *meio*.

Em tres . . . . . *terços* ou *terças partes*.

Em quatro . . . . . *quartos* ou *quartas partes*.

Em cinco . . . . . *quintos* ou *quintas partes*.

Em seis . . . . . *sextos* ou *sextas partes*.

Em sete . . . . . *setimos* ou *setimas partes*.

Em oito . . . . . *oitavos* ou *oitavas partes*.

Em nove, etc. . . . . *nonos* ou *nonas partes*.

88.º Para não confundir os dois termos de um *quebrado*, põe-se o *numerador* por cima do *denominador*, e separão-se um do outro por meio de um traço: se pois dividirmos uma maçã em quatro partes iguaes, e ficarmos com tres, teremos as tres *quartas partes* da mesma maçã, o que se exprime por esta *fracção*  $\frac{3}{4}$ , por exemplo.

89.º Ao *denominador* costuma-se juntar a palavra *avos*; assim, para declarar o valor de  $\frac{8}{20}$  diremos: *oito vinte avos*, isto é, que se tomão oito partes das vinte em que se divide o inteiro, ou a unidade. Sendo o *denominador* de 2 até 8, não se usa da addição *avos*, mas dos nomes *meios*, *terços*, *quartos*, *quintos*, *sextos*, *setimos* e *oitavos*, ou *ameidades*, *terças*, *quartas partes*, etc.

90.º Todo o numero inteiro pôde ser considerado em fórma de *quebrado*, do qual é o *numerador*, tendo a unidade por *denominador*. Neste caso, 18 unidades exprimem-se deste modo:  $\frac{18}{1}$ .

91.º Dá-se o nome de *fracção de fracção*, como já se viu, a uma parte da quantidade expressada por uma *fracção*, v. g. o  $\frac{1}{3}$  de  $\frac{1}{8}$ .

92.º Resulta da definição e da idéa que se acaba de dar dos *termos* de uma *fracção*, que estes podem ser dobrados, triplicados, quadruplicados (§ 50.º), etc., sem lhes mudar o valor.

93.º Assim, é claro que uma *fracção* não muda de valor, quando ambos os termos se multiplicão ou dividem pelo mesmo numero.

94.º Este principio é a base da *reducção das fracções ao mesmo denominador*, e de cada uma dellas á *expressão mais simples possível*.

#### REDUCÇÃO DAS FRACÇÕES AO MESMO DENOMINADOR

95.º Reduzir *fracções ao mesmo denominador* é operar de modo que, sem lhes mudar o valor, ellas venhão a ter um denominador commum.

96.º Para reduzir duas *fracções ao mesmo denominador*, multiplicaremos os dois termos da primeira pelo *denominador* da segunda, e os dois termos da segunda pelo *denominador* da primeira. Exemplo :

$$\frac{3}{4} \frac{1}{8} \text{ reducção } \frac{24}{32} \frac{4}{32}$$

Multiplicando os dois termos 3 e 4 da primeira por 8, obtivemos  $\frac{24}{32}$  para a primeira *fracção*, e multiplicando os dois termos 1 e 8 da segunda obtivemos  $\frac{4}{32}$  para a segunda *fracção*.

97.º Se tivermos mais duas *fracções* para reduzir ao mesmo *denominador*, multiplicaremos os termos de cada

uma pelo producto dos *denominadores* de todas as outras.  
Exemplo :

### Fracções para reduzir

$$\frac{2}{3} \quad \frac{5}{6} \quad \frac{4}{12}$$

### Fracções reduzidas

$$\frac{144}{216} \quad \frac{180}{216} \quad \frac{72}{216}$$

Para se conseguir este resultado, faz-se a operação do seguinte modo :

$$\frac{2 \times 6 \times 12}{3 \times 6 \times 12} \quad \frac{5 \times 3 \times 12}{6 \times 3 \times 12} \quad \frac{4 \times 3 \times 6}{12 \times 3 \times 6}$$

Estas fracções tem o mesmo denominador, visto que este é formado dos mesmos factores,— e tem o mesmo valor que as fracções dadas, por isso que os termos de cada uma dellas forão multiplicados pelo mesmo numero.—As novas fracções  $\frac{144}{216} \quad \frac{180}{216} \quad \frac{72}{216}$  são menos simples na verdade, porém muito mais facéis para comparar.

### REDUCÇÃO DAS FRACÇÕES À EXPRESSÃO MAIS SIMPLES POSSIVEL

98.º Uma fracção é tanto mais simples quanto os seus termos são menores. Para reduzir pois uma fracção á *expressão mais simples possível*, é preciso buscar o *maior divisor commum* dos dois termos, a fim de se poderem dividir por um mesmo numero.

99.º Chama-se *maior divisor commum* o maior numero que póde dividir exactamente os dois termos de uma fracção, isto é, sem ficar resto algum. Antes de passarmos mais adiante, convém definir as duas especies de numeros seguintes.

100.º *Numeros primos*. São aquellos que se não podem

dividir exactamente, senão por si mesmos ou pela unidade, isto é, que não tem outra parte aliquota mais do que a mesma unidade, a saber: 1, 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, 23, etc. (1). Segundo pois esta regra, 29 é um *numero primo*, porque só é divisivel por 1 e por 29; não se podendo porém dizer o mesmo do numero 18, visto que alem de ser divisivel por 1 e por 18, divide-se tambem por 3, 6 e 9, que são partes aliquotas desse numero.

101.º *Numeros primos entre si.* São dois numeros que não podem ser divididos exactamente por um mesmo numero maior que a unidade. Exemplo:  $\frac{8}{9}$ .

É tambem necessario observar:

102.º Que todo o numero cujo ultimo algarismo da direita é par, é divisivel por 2.

103.º Que todo o numero cujos algarismos sommados fazem 3, ou um multiplo de 3, isto é, um numero exacto de vezes 3, é divisivel por 3.

104.º Que todo o numero que acaba em 5 ou em 0, é divisivel por 5.

105.º Exemplo:

*Reduzir á expressão mais simples:*

$$\frac{36}{84}$$

Tira-se a metade tantas vezes quantas puder ser, o que dá  $\frac{48}{42} \frac{9}{21}$  (§ 101.º); toma-se depois a terça parte, que é

$\frac{3}{7}$  por isso que o numerador e o denominador fazem um multiplo de 3 (§ 102.º) Esta ultima fracção, formada de dois *numeros primos*, é a *expressão mais simples*.

Dividiu-se duas vezes por 2, uma por 3, e ao todo por 12, numero igual á *terça parte* do primeiro *numerador*, e á *setima parte* do primeiro *denominador*. O numero 12 é pois o *maior divisor commum* de 36 e 84.

106.º Outro exemplo:

$$\frac{81}{243}$$

(1) A excepção do 2, todos os *numeros primos* são impares; não se seguindo porém d'ahi que todos os numeros impares sejam *numeros primos*; os numeros 9, 21, 27, por exemplo, não são *numeros primos*, pois que se podem dividir exactamente por 3, que é o seu multiplo.

Tira-se a terça parte quantas vezes puder ser, o que dá  $\frac{27}{81} \frac{9}{27} \frac{3}{9} \frac{4}{3}$  (§ 102.º). Esta ultima fracção, formada de dois numeros *primos*, é a *expressão mais simples*.

Dividiu-se quatro vezes por 3, e ao todo por 81, numero igual ao primeiro *numerador*, e á terça parte do primeiro *denominador*; logo o numero 81 é o *maior divisor commum* de 81 e 243.

107.º Se o *numerador* e o *denominador* acabão em igual numero de cifras, supprimem-se simplesmente as de um e outro. Exemplo:

$$\frac{4200}{4300} \text{ redução } \frac{42}{43}$$

108.º Se o *numerador* e o *denominador* não acabão no mesmo numero de cifras, supprimem-se as do numero que tiver menos, tirando-se outras tantas ao outro numero. Exemplo:

$$\frac{14000}{27500} \text{ suppressão } \frac{140}{275} \text{ redução } \frac{28}{55}$$

109.º Quando as fracções não estão nos casos apontados nos §§ 101.º, 102.º, 103.º, 106.º e 107.º, eis-aqui o meio que se deve preferir para achar o *maior divisor commum*:

$$\frac{731}{1244}$$

Divide-se 1244 por 731: o quociente é 1, e o resto 510.

Divide-se 731 por 510: o quociente é 1, e o resto 221.

Divide-se 510 por 221: o quociente é 2, e o resto 68.

Divide-se 221 por 68: o quociente é 3, e o resto 17.

Divide-se 68 por 17: o quociente é 4 sem resto algum.

Dividiu-se o *denominador* pelo *numerador*, este pelo primeiro resto; este pelo segundo resto; este pelo terceiro; este pelo quarto e ultimo resto 17, que é o *maior divisor commum* de 731 e 1244.

Finalmente dividem-se os dois termos  $\frac{731}{1244}$  por 17, o que dá 43 e 73, ou esta fracção  $\frac{43}{73}$  formada de dois numeros

*primos*, a qual, por conseguinte, é a *expressão mais simples* a que a fracção dada pôde ser reduzida.

110.º Quando os termos da fracção não tem outro *divisor commum* senão a *unidade*, a fracção fica no calculo tal qual foi dada.

### SOMMAR FRACÇÕES OU QUEBRADOS

111.º Se as fracções tiverem o mesmo *denominador*, sommaremos os *numeradores*, e daremos á sua *somma* o *denominador commum*.

$$\frac{11}{14} \frac{7}{14} \frac{5}{14} \frac{13}{14} \text{ sommão } \frac{36}{14}$$

Esta *somma*, que contém inteiros, não é, propriamente fallando, uma *fracção*; comtudo podemos denominar assim esta especie de quantidade, por causa da sua fórma fraccionaria.

112.º Para extrahir os inteiros da fracção total  $\frac{36}{14}$  dividiremos o *numerador* pelo *denominador*, o quociente será 2, e o resto  $\frac{8}{14}$  ou  $\frac{4}{7}$ , vindo a ser o resultado definitivo das quatro fracções sommadas 2 unidades e  $\frac{4}{7}$ .

113.º Se as fracções tiverem differente *denominador*, será necessario reduzi-las primeiro ao mesmo *denominador*, exemplo:

$$\frac{3}{8} \frac{5}{12} \frac{1}{6}$$

### Reducção ao mesmo denominador

$$\frac{3 \times 12 \times 6}{8 \times 12 \times 6} \quad \frac{5 \times 8 \times 6}{12 \times 8 \times 6} \quad \frac{1 \times 8 \times 12}{6 \times 8 \times 12}$$

$$\frac{216}{576} \quad \frac{240}{576} \quad \frac{96}{576} \text{ somma } \frac{552}{576}$$

### Reducção da fracção total

$$\frac{552}{576} \text{ á expressão mais simples } \frac{23}{24}$$

114.º Se forem da mesma *grandeza* (1) as partes que formão os *numeradores* de todas as fracções, ou seja naturalmente, ou em consequencia da reduçãõ ao mesmo *denominador*, faz-se a operaçãõ como se essas partes fossem unidades.

115.º Havendo de sommar inteiros com quebrados, reduzem-se primeiro os inteiros á fórma de quebrados, depois ao mesmo *denominador*, fazendo-se o resto da operaçãõ como acima fica indicado. Exemplo :

$$12\frac{3}{4} + 8\frac{4}{5} + 6\frac{1}{2}$$

### Reduçãõ á fórma de quebrados

$$\frac{51}{4} + \frac{44}{5} + \frac{13}{2}$$

### Reduçãõ ao mesmo denominador

$$\frac{51 \times 5 \times 2}{4 \times 5 \times 2} \quad \frac{44 \times 4 \times 2}{4 \times 5 \times 2} \quad \frac{13 \times 4 \times 5}{2 \times 4 \times 5}$$

$$\frac{510}{40} + \frac{352}{40} + \frac{260}{40} = \frac{1122}{40} \text{ ou } 28\frac{1}{20}$$

### DIMINUIR FRACÇÕES OU QUEBRADOS

116.º Se as duas fracções tiverem o mesmo *denominador*, tiraremos o *numerador* de uma do *numerador* da outra, e daremos ao resto o *denominador commum*.

Exemplo : — Se de  $\frac{13}{49}$  quizermos tirar  $\frac{7}{49}$  ficarão  $\frac{6}{49}$ .

Como as 13 partes são da mesma *grandeza* que as 7, a differença é a mesma que entre 13 e 7 unidades.

117.º Se de 2 unidades e  $\frac{2}{41}$  quizermos tirar  $\frac{7}{41}$  diremos : como  $\frac{7}{41}$  não podem diminuir-se de  $\frac{2}{41}$  toma-se uma

---

(1) *Grandeza*, em Mathematica, diz-se de tudo aquillo que é susceptivel de augmento ou diminuiçãõ, como já fica explicado no lugar competente.

unidade do inteiro 2, a qual reduzida a onze avos, e somada com  $\frac{2}{11}$  faz  $\frac{13}{11}$ . Tirando então de  $\frac{13}{11}$   $\frac{7}{11}$  ficarão  $\frac{6}{11}$ ; assim, o resto total será 1 unidade e  $\frac{6}{11}$ .

118.º Se os dois *denominadores* forem diferentes, reduzem-se as fracções ao mesmo *denominador*.

Exemplo: — Se de  $\frac{7}{9}$  quizermos tirar  $\frac{1}{8}$ .

### Reducção ao mesmo denominador

$$\frac{7 \times 8}{9 \times 8} \quad \frac{1 \times 9}{8 \times 9}$$

$$\frac{56}{72} \quad \frac{9}{72} \quad \text{resto} \quad \frac{47}{72}$$

### MULTIPLICAR FRACÇÕES OU QUEBRADOS

119.º Para duplicar, triplicar, quadruplicar, etc., uma fracção, ou multiplica-la por 2, 3, 4, etc., póde-se indifferentemente multiplicar o *numerador*, ou dividir o *denominador* por 2, 3, 4, etc. Exemplo: —  $\frac{7}{8}$  por 2, produzem  $\frac{14}{8}$  ou  $\frac{7}{4}$  fracções cuja igualdade é manifesta.

120.º Se quizermos multiplicar uma fracção por uma fracção, será preciso multiplicar os *numeradores* um por outro para ter o do producto, e os *denominadores* um por outro para ter igualmente o do producto.

Multiplicando  $\frac{7}{8}$  por  $\frac{3}{4}$  o producto é  $\frac{21}{32}$ .

121.º Se os factores se compuzerem, cada um de unidades e fracções, antes de fazer a multiplicação, reduzir-se-ha cada inteiro á denominação do seu quebrado, e se sommará com elle. Exemplo:

Multiplicar  $6 \frac{3}{5}$  por  $7 \frac{1}{5}$ .

Reducção  $\frac{33}{5} \frac{36}{5}$  producto  $\frac{1188}{25}$  que valem 47 unidades e

122.º Querendo multiplicar uma fracção por um numero inteiro, ou um numero inteiro por uma fracção, supõe-se o inteiro reduzido á fórma de quebrado, isto é, tendo a unidade por *denominador*, e opera-se como já ficou explicado. Exemplo :

Multiplicando  $\frac{5}{6}$  por  $2\frac{1}{2}$  ou  $2\frac{1}{2}$  por  $\frac{5}{6}$ , acharemos o producto  $\frac{120}{6}$  que equivale a 20 unidades ; estas não são mais do que os  $\frac{5}{6}$  das  $2\frac{1}{2}$  unidades do exemplo que se deu.

123.º Toda a *fracção de fracção* pôde ser exprimida em uma só *fracção* pela regra da multiplicação das *fracções*. Exemplo :

$$\text{O } \frac{1}{6} \text{ de } \frac{3}{8} \text{ é } \frac{3}{48} \text{ ou } \frac{1}{16}.$$

#### DIVIDIR FRACÇÕES OU QUEBRADOS

124.º Para tomar a metade, a terça ou a quarta parte de uma fracção, ou dividi-la por 2, 3 ou 4, etc., pôde-se indifferentemente dividir o *numerador*, ou multiplicar o *denominador* por 2, 3, 4, etc. Exemplo :

$$\frac{15}{16} \quad \left| \begin{array}{l} 3 \\ \hline \end{array} \right.$$

O *quociente* é  $\frac{5}{16}$  ou  $\frac{15}{48}$ , *fracções visivelmente iguaes*.

125.º Para dividir uma fracção por outra, multiplica-se o *numerador* do *dividendo* pelo *denominador* do *divisor*, e o *denominador* do *dividendo* pelo *numerador* do *divisor*. O *primeiro producto* fórma o *numerador* do *quociente*, e o *segundo producto* fórma o *denominador* do mesmo *quociente*. Exemplo :

$$\frac{11}{12} \quad \left| \begin{array}{l} 3 \\ \hline 4 \\ \hline \end{array} \right. \\ \frac{44}{36} \text{ ou } 1 \text{ vez } \frac{8}{36}$$

O *quociente* excede o *dividendo*, o que se explica assim:

Dividir  $\frac{41}{12}$  por  $\frac{3}{4}$  não será o mesmo que buscar quantas vezes  $\frac{3}{4}$  são contidos em  $\frac{41}{12}$  (§ 60.º)? Se o *divisor* fosse  $\frac{1}{4}$ , seria contido 4 vezes em  $\frac{41}{12}$ , isto é,  $\frac{44}{12}$ . Este *divisor*, sendo de  $\frac{3}{4}$  deve ser contido duas vezes menos do que se não tivesse sido senão de  $\frac{1}{4}$ , isto é,  $\frac{44}{36}$ .

Tal é precisamente o *quociente* obtido em virtude desta regra.

126.º Poderíamos mudar os *termos* do *divisor*, e então fazer a operação multiplicando *numerador* por *numerador* e *denominador* por *denominador* (§ 119.º).

127.º Se o *dividendo* e o *divisor* se computarem cada um de *unidades* ou *numeros inteiros* e *fracções*, antes de fazer a divisão, reduziremos os inteiros a partes da unidade. Exemplo:

$$\begin{array}{r}
 8 \frac{3}{8} \quad \left| \quad 5 \frac{1}{8} \right. \\
 \hline
 \text{Redução } \frac{67}{8} \quad \left| \quad \frac{41}{8} \right. \\
 \hline
 \frac{536}{328} \quad \text{ou } 1 \text{ vez e } \frac{208}{328}
 \end{array}$$

*Expressão mais simples*, 1 vez e  $\frac{26}{41}$ .

128.º Querendo dividir uma *fracção* por um *numero inteiro*, ou um *numero inteiro* por uma *fracção*, suppõe-se as unidades reduzidas á forma de quebrados, e faz-se a operação como já fica explicado. Exemplo:

Dividir  $\frac{5}{9}$  por 7 inteiros, e 7 inteiros por  $\frac{5}{9}$ :

$$\begin{array}{r}
 \frac{5}{9} \quad \left| \quad \frac{7}{1} \quad \frac{7}{1} \quad \left| \quad \frac{5}{9} \right. \\
 \hline
 \frac{5}{63} \quad \frac{63}{5} \quad \text{ou } 12 \text{ vezes e } \frac{3}{5}
 \end{array}$$

129.º Para dividir um *numero inteiro* por um *numero inteiro maior*, bastará escrever no *quociente* o *dividendo* como *numerador* e o *divisor* como *denominador*. Exemplo :

$$3 \quad | \quad \frac{4}{3} \\ \frac{3}{4}$$

Se se dividir uma das tres unidades do *dividendo* por 4, é claro que o *quociente* ha de ser um quarto : a divisão successiva da segunda e da terceira unidade por 4 dará ainda dois *quocientes* de um quarto cada um. A reunião destes tres *quocientes* será conforme ao resultado da regra.

Desta explicação e deste exemplo deduzem-se as duas consequências :

130.º 1.º Que uma *fracção ordinaria* pôde ser sempre considerada como *quociente* de uma *divisão* que tiver o *numerador* por *dividendo* e o *denominador* por *divisor*.

131.º 2.º Que o *resto* de uma divisão pôde formar no *quociente* o *numerador* de uma *fracção*, tendo o *divisor* por *denominador* (70.º).

#### PROBLEMAS SOBRE AS FRACÇÕES ORDINARIAS

132.º

I Um sujeito tinha uma peça de panno de linho. Vendeu 3 metros e  $\frac{5}{10}$  e ficarão-lhe  $21 \frac{2}{10}$ . Pergunta-se quantos metros tinha a mesma peça ?

II O terço e o quarto de um numero perfazem 7. Pergunta-se qual é esse numero ?

III Ha duas fontes, a primeira das quaes deita 14 litros em 3 horas, e a segunda 23 litros em 5 horas. Pergunta-se qual é a que dá maior quantidade de agua ?

IV Quanto fica de uma peça de panninho tirando as  $\frac{3}{7}$  partes ?

V Cortando-se de uma peça de cambraia a terça e a quarta parte, quanto vem a ficar ?

VI Uma viga tem 3 metros e  $\frac{1}{2}$  de comprimento ; outra

$2\frac{3}{4}$ . Pergunta-se quanto excede em comprimento a primeira á segunda?

VII Um frasco vazio peza 1 kilogramma  $\frac{2}{5}$  cheio de licor peza 5 kilogrammas  $\frac{3}{4}$ . Pergunta-se qual é o pezo do licor contido no mesmo frasco?

VIII Qual é a metade do terço de 24?

IX Quaes são os dois terços dos tres quartos de 56?

X Comprou-se certa fazenda por 2\$800 réis. Pergunta-se em quanto importarão as  $\frac{4}{7}$  partes da mesma fazenda?

XI Em 5\$4800 réis, importancia de uma factura, faz-se o abatimento de dois por cento. Pergunta-se em quanto importa esse abatimento?

XII Precisa-se cortar uma peça de fita, contendo 24 metros, em pedaços de  $\frac{3}{4}$  de metro cada um. Pergunta-se quantos pedaços produzirá a mesma peça?

XIII Um operario fez as  $\frac{2}{7}$  partes de certa obra em 3 dias. Pergunta-se quantos dias gastará para a concluir?

### DOS NUMEROS DECIMAES

133.º **Fracções decimaes.** São partes da unidade, quando esta é dividida na razão décupla, isto é, de dez em dez para menos. Se se quizer, por exemplo, dividir uma peça de panno em dez partes iguaes, cada uma dellas será uma *decima*, ou decima parte da mesma peça. Dividindo-se essa *decima* em dez partes iguaes, cada uma destas será uma *centesima parte* daquella peça.

134.º A *numeração das partes decimaes* da unidade assenta neste principio, que o valor dos algarismos vai sendo dez vezes menor, á medida que se anda da esquerda para a direita.

135.º Considera-se pois a unidade dividida em dez partes iguaes, chamadas *decimas*, em contraposição ás *dezenas*; conta-se uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove *decimas*, como se pratica a respeito das unida-

des, e assenta-se á direita dos inteiros o algarismo que representa as *decimas*.

136.º Considera-se do mesmo modo a *decima* dividida em dez partes iguaes chamadas *centesimas*, em contraposição ás *centenas*: conta-se uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, como se fez a respeito das *decimas*, e escreve-se o algarismo das *centesimas* á direita do das *decimas*.

137.º Continuando-se assim a juntar partes da unidade de uma ordem de dez em dez vezes menor, e a assentar os algarismos cada vez mais para a direita, consegue-se representar de uma maneira uniforme as mais diminutas partes da unidade.

138.º A virgula, posta depois das unidades, serve para se não confundirem os algarismos que as representam com aquelles que representam as *partes decimaes* da unidade.

139.º O primeiro algarismo á direita da virgula chama-se *decima*, o segundo, *centesima*, o terceiro, *millesima*, o quarto, *decima millesima*, o quinto, *centesima millesima*, o sexto, *millionesima*, o setimo, *decima millionesima*, o oitavo, *centesima millionesima*, etc.; assim:

Uma decima escreve-se d'este modo . . . . .	0,1
Tres decimas . . . . .	0,3
Cinco decimas . . . . .	0,5
Dez decimas ou uma unidade . . . . .	1,0
Doze decimas ou uma unidade e duas decimas . . .	1,2
Uma centesima . . . . .	0,01
Duas centesimas . . . . .	0,02
Quatro centesimas . . . . .	0,04
Dez centesimas . . . . .	0,10
Onze centesimas . . . . .	0,11
Treze centesimas . . . . .	0,13
Uma millesima . . . . .	0,001
Tres millesimas . . . . .	0,003
Dez millesimas . . . . .	0,010
Cem millesimas . . . . .	0,100
Mil millesimas ou uma unidade . . . . .	1,000

140.º Dois algarismos *decimaes*, ainda que similhantes, tem differentes valores, segundo a ordem que cada um d'elles occupa, por exemplo: 66.

141.º O algarismo *decimal* que está á direita, representa

um numero dez vezes menor que o algarismo *decimal* que está á esquerda.

142.º Reciprocamente, o algarismo *decimal* que está á esquerda, representa um numero dez vezes maior do que o algarismo *decimal* que está á direita.

143.º Quando não ha unidades inteiras põe-se uma virgula em seu lugar, e o mesmo se pratica quando falta algum algarismo *positivo decimal* n'uma casa qualquer.

EXEMPLOS	{ Oito centesimas . . . . .	0,08
	{ Cento e duas millesimas. . .	0,102

144.º Não se altera o valor das *partes decimaes* da unidade, quer se accrescente, quer se supprima, á direita uma ou mais cifras.

EXEMPLOS	{ Duas decimas . . . . .	0,2
	{ Vinte centesimas . . . . .	0,20
	{ Duzentas millesimas. . . . .	0,200

Estes tres numeros tem o mesmo valor.

145.º É evidente que se separarem com a virgula, um, dois, tres algarismos para a direita ou para a esquerda, o numero tornar-se-ha dez, cem, mil vezes maior ou menor.

146.º Segundo este systema da numeração das partes decimaes da unidade, o seu valor vai sendo dez vezes menor, á medida que se anda da esquerda para a direita.

147.º Pela mesma rasão, o seu valor vai sendo dez vezes maior, á medida que se anda da direita para a esquerda.

148.º Os calculos que se fazem para os *numeros decimaes* são os mesmos que para os numeros inteiros, como se vai mostrar.

#### SOMMAR E DIMINUIR NUMEROS DECIMAES

149.º Na addição e subtracção dos numeros decimaes, deve-se ter o cuidado de assentar as *unidades* debaixo das *unidades*; as *decimas* debaixo das *décimas*; as *cen-*

*tesimas* debaixo das *centesimas*; *etc.*; de modo que as virgulas fiquem todas na mesma columna vertical.

EXEMPLOS DE SOMMAR	{	238,74	5241,519.	
		45,22	364,8064	4231,627524
		283,96	2172,5...	697,31....
			7778,8254	4928,937524
EXEMPLOS DE DIMINUIR	{	9522,72	2867,45....	21,369034
		460,24	1520,725021	8,214...
		9062,48	1346,724979	13,155034

Para evitar confusão nos algarismos e qualquer embaraço na operação, adverte-se que nos exemplos que se derem, deverão os numeros ser considerados como tendo igual numero de *letras decimaes*, juntando-se as cifras que forem necessarias ao que menos tiver, como acontece nos exemplos precedentes, em que vão supprimidas com uns pontos; tendo-se já demonstrado que as cifras que se accrescentão á direita das partes *decimaes* da unidade, lhes não alterão o valor.

### MULTIPLICAR NUMEROS DECIMAES

150.º A *multiplicação dos numeros decimaes* executa-se como a dos numeros inteiros, sem se fazer caso da virgula; separando-se porém no producto, com a virgula, tantos algarismos decimaes quantos são os de ambos os factores.

1.º EXEMPLO

275,22
41,
27522
110088
11284,02

2.º EXEMPLO

6,2431
23,5
312155
187293
124862
146,71285

151.º Para multiplicar *fracções decimaes*, cujo producto não contém aparentemente tantos algarismos quantas

são as *decimales*, tanto no multiplicando como no multiplicador, procede-se do seguinte modo :

$$\begin{array}{r} 0,12 \\ 0,2 \\ \hline 024 \\ 0, \dots \\ \hline 0,024 \end{array}$$

Adverte-se que ainda que a cifra do primeiro factor e a do segundo não tenham algarismo positivo á sua esquerda, não deixão por isso de ter significação, pois determinão o valor dos algarismos que estão á sua direita. Estas duas cifras não devem pois ser desprezadas na operação, do contrario, as  $24$  millesimas seriam mal expressas.

#### DIVISÃO DOS NUMEROS DECIMAES

152.º Para dividir dois *numeros decimales* um pelo outro, reduzem-se á mesma especie, por meio de cifras á direita do que contém menos *decimales*.

153.º Querendo dividir, por exemplo, 184,8 por 0,770 opera-se do seguinte modo como se fossem *numeros inteiros* :

$$\begin{array}{r} 18480(0 \overline{)0,77(0} \\ 308 \quad 24 \\ 000 \end{array}$$

Accrescentão-se duas cifras á direita de 1848, para que o dividendo tenha o mesmo numero de *decimales* que o divisor; fazendo depois abstracção da virgula, divide-se 184800 por 770, ou, o que é a mesma cousa, 18480 por 77. O quociente 24 é o mesmo que o de 184,800 por 0,770; pois 184800 millesimas contém 770 millesimas tantas vezes quantas 184800 unidades contém 770 unidades.

154.º Quando se dividem dois *numeros decimales* um pelo outro, e ha um resto, em lugar de assentar uma fracção depois do quociente, reduz-se esse resto a *decimas*, pondo-lhe uma cifra á direita. Procura-se saber

quantas vezes esse numero de *decimas* contém o divisor, e escreve-se o quociente na casa das *decimas*, depois de haver posto uma virgula á direita das unidades.

Havendo um segundo resto, reduz-se a *centésimas*, accrescentando uma cifra á direita destas. Procura-se depois saber quantas vezes esse numero de *centésimas* contém o divisor, e tem-se as *centésimas* do quociente. Continua-se assim até não haver resto, ou que haja no quociente o numero de *decimas* que se pertende obter.

Partindo d'este principio, 2,13 divididos por 0,4 dão

$$\begin{array}{r}
 213 \quad | 40 \\
 130 \quad 5,325 \\
 100 \\
 200 \\
 000
 \end{array}$$

Accrescenta-se uma cifra á direita do divisor, que tem menos uma *decimal* que o dividendo. Dividindo 213 por 40, tem-se 5 inteiros no quociente, e o resto 13. Põe-se uma cifra á direita d'este para o converter em *decimas*, e tem-se 130 *decimas* por dividendo, 3 *decimas* por quociente, e 10 *decimas* de resto, etc.; assim, o quociente de 2,13 por 0,4 é 5,325.

155.º Querendo dividir 4,50 por 0,111 com a differença de uma *decima millesima* approximadamente, converte-se o dividendo e o divisor na mesma especie de unidades, pondo uma cifra á direita do dividendo 450, e divide-se 4500 por 111.

$$\begin{array}{r}
 4500 \quad | 111 \\
 600 \quad 40,5405 \\
 450 \\
 600 \\
 45
 \end{array}$$

A parte inteira do quociente é 40, e o segundo resto, 60. Pondo uma cifra á direita d'este numero, tem-se 600 *decimas*, as quaes, divididas por 111, dão por quociente 5 *decimas* e o resto 45. Continuando a assentar uma cifra á direita de cada resto successivo, e a fazer a divisão até

se obterem quatro *decimas* ou *decimas millesimas* no quociente, tem-se por quociente de 4,50 por 0,111, com a differença de uma *decima millesima*, 40,5405.

N. B. Póde-se, antes de começar a operação, juntar ao dividendo primitivo tantas cifras quantas sejam as casas *decimales* que se querem no quociente, o que dá o mesmo resultado que se a operação for feita pelo modo que acima fica indicado.

### REDUCÇÃO DE QUEBRADOS A FRACÇÕES DECIMALES E RECIPROCAMENTE

156.º Para converter um *quebrado* em *fracção decimal*, acrescenta-se uma cifra ao *numerador* para o poder dividir pelo *denominador*; e como o *numerador* fica assim convertido em *decimas*, põe-se o *quociente* na casa das *decimas*. Se se acrescentarem duas cifras ao *numerador*, irá o *quociente* na casa das *centesimas*. Em geral, põe-se tantas cifras no *numerador* da *fracção* quantas são necessarias para se approximar da verdadeira razão dos dois termos da *fracção*; assim, para se approximar, com a differença de uma *decima millesima*, pouco mais ou menos, é necessario pôr quatro cifras no *numerador*.

157.º Segundo o que fica enunciado, para converter  $\frac{3}{4}$  em *fracção decimal*, acrescentão-se duas cifras ao *numerador*, e dividindo 300 pelo *denominador* 4, o *quociente* é 0,75.

158.º Operando do mesmo modo, acharemos que

$\frac{1}{2}$ é igual a 0,50	$\frac{3}{5}$ é igual a 0,60
$\frac{1}{3}$ " a 0,33	$\frac{4}{5}$ " a 0,80
$\frac{1}{4}$ " a 0,25	$\frac{5}{6}$ " a 0,83
$\frac{1}{5}$ " a 0,20	$\frac{7}{8}$ " a 0,87
$\frac{2}{5}$ " a 0,40	$\frac{9}{10}$ " a 0,90

159.º Para converter uma *fracção decimal* em *quebrado*, ou um *numero decimal* em *numero fraccionario*, escreve-se como *numerador* essa *fracção* ou esse *numero*, supprimida a virgula, e como *denominador* a unidade seguida de tantas cifras quantos são os algarismos á direita da virgula.

160.º Com effeito a suppressão da virgula torna o *numero decimal* dez, cem, mil vezes maior; e dando-lhe por *denominador* a unidade seguida de uma, duas, tres cifras, torna-se, pelo contrario, dez, cem, mil vezes menor. D'este modo ha compensação, e o numero, mudando de fórma, não muda de valor. Segundo esta regra, é evidente que 0,7, 0,25, 3,187 darão os quebrados:  $\frac{7}{10}$ ,  $\frac{25}{100}$ ,  $\frac{3187}{1000}$ .

#### DO SYSTEMA LEGAL DE PEZOS E MEDIDAS OU SYSTEMA METRICO DECIMAL

161.º A diversidade das antigas medidas portuguezas, que variavão segundo as localidades, e a difficuldade do calculo que offerecião os numeros complexos, faziam de-sejar, desde muito tempo, uma reforma no systema de pezos e medidas, que estabelecesse a uniformidade para todo o Reino.

162.º Tendo a nação franceza reconhecido o mesmo inconveniente, em relação aos seus pezos e medidas, foi ella a primeira que adoptou o *systema metrico decimal* no anno de 1799.

163.º O mesmo *systema*, decretado em Portugal em 13 de dezembro de 1852, foi mandado pôr em pratica, por decreto de 20 de Junho de 1859, em Lisboa, desde o 1.º de Janeiro de 1860, e nas outras povoações e ilhas, desde o 1.º de Março, mas tão sómente pelo que toca ao *metro*, ou medida linear; devendo porém estar em pleno vigor, quanto ás outras medidas, em todo o Reino, no anno de 1862.

164.º Entende-se pois por *systema metrico decimal* aquelle que tem por base o *metro*.

165.º A palavra *metro*, derivada do grego, METRON, significa *medida*, e nesta accepção, entrava já na composição de varias palavras, taes como: *Thermómetro*, ou

instrumento para medir o grau de calorico livre; *Pyrómetro*, ou instrumento para medir as altas temperaturas, etc. Em relação porém ás novas medidas, *metro*, quer dizer a decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre (1), ou da distancia do Equador ao Polo do Norte, isto é, dividindo-se essa distancia em dez milhões de partes, cada uma dellas se comporá de um *metro*; d'onde se segue que a circumferencia do globo terrestre consta de quarenta milhões de *metros*. Ora, como o *kilómetro* equivale a 1:000 *metros*, segue-se tambem que a circumferencia do globo terrestre é de 40:000 *kilómetros*.

166.º Chama-se legal o *systema metrico*, porque está determinado por lei, não só para todos os actos publicos, mas tambem para o ensino nas escolas.

167.º Dá-se o nome de *decimal* a este novo *systema de pesos e medidas*, por isso que as subdivisões e os multiplos da unidade, se calculão na razão décupla, isto é, de dez em dez, para menos ou para mais que a mesma unidade; do que resulta que as operações sobre estas medidas se fazem tão facil e rapidamente como nos numeros inteiros.

168.º O *metro* corresponde a um covado, um palmo, quatro pollegadas, quatro linhas, quatro pontos, isto é, a quatro palmos e meio, com pouca differença.

169.º Os multiplos, ou partes maiores que o *metro*, exprimem-se antepondo-lhes as seguintes palavras gregas, a saber:

<b>Deca</b>	que significa	.....	<i>Dez</i>
<b>Hecto</b>	»	.....	<i>Cem</i>
<b>Kilo</b>	»	.....	<i>Mil</i>
<b>Myria</b>	»	.....	<i>Dez mil</i>

Assim :

<b>Decametro</b>	quer dizer	<i>Dez metros</i>
<b>Hectómetro</b>	»	<i>Cem metros</i>
<b>Kilómetro</b>	»	<i>Mil metros</i>
<b>Myriámetro</b>	»	<i>Dez mil metros</i>

(1) Como do meridiano de Paris é que provém o *systema metrico decimal*, é a esse meridiano que nos referimos.

170.º Os submultiplos ou partes menores que o metro, isto é, as suas fracções, exprimem-se antepondo-lhes as syllabas latinas:

<b>Deci</b>	que significa ...	<i>Decima parte</i>
<b>Centi</b>	» ...	<i>Centesima parte</i>
<b>Milli</b>	» ...	<i>Millesima parte</i>

Assim:

<b>Decímetro</b>	quer dizer	{ <i>Decima parte do metro</i>
<b>Centímetro</b>	»	{ <i>Centesima parte do metro</i>
<b>Millímetro</b>	»	{ <i>Millesima parte do metro</i>

171.º O metro divide-se pois

em..... *Dez decímetros*

O decímetro em..... *Dez centímetros*

O centímetro em..... *Dez millímetros*

172.º As fracções do metro escrevem-se do seguinte modo:

<b>Um decímetro</b> .....	0,1
<b>Um centímetro</b> .....	0,01
<b>Um millímetro</b> .....	0,001

173.º Quando o metro se emprega para os usos do commercio, calculão-se os multiplos por dezenas e centenas: assim, não se diz: *Comprei um hectómetro de panno de linho*; mas sim *cem metros de panno de linho*, etc. Os multiplos *myriámetro*, *kilómetro*, *hectómetro* reservão-se para as medidas itinerarias.

#### UNIDADE DAS DIVERSAS MEDIDAS

174.º As unidades para cada especie de medida do *systema metrico decimal* são cinco, a saber:

O **metro**, para as medidas de comprimento ou lineares.

Decímetro



O **are**, para as de superficies agrarias.

O **stere**, para as medidas da madeira de construcção e da lenha.

O **litro**, para as de capacidade tanto de liquidos como de seccos.

O **gramma**, para as medidas de pezo.

Convém advertir pelo que respeita a esta ultima medida, que, sendo o pezo do *gramma* demasiado diminuto, adoptou-se, como unidade das medidas de pezo, o *kilogramma*.

175.º O *metro*, como já se disse, corresponde a um covado, um palmo, quatro pollegadas, quatro linhas, quatro pontos, ou a quatro palmos e meio, com pouca differença.

O *are* é um *decametro quadrado*, isto é, um quadrado, que tem *dez metros* por cada lado, ou quarenta e cinco palmos, pouco mais ou menos.

O *stere* equivale a *um metro cubico*, ou a um solido com seis faces quadradas como as de um dado, e de *um metro*, ou quatro palmos e meio, approximadamente, em comprimento, altura e largura.

O *litro*, para medir liquidos, vale *um decimetro cubico*, e corresponde a tres quartilhos, com pouca differença; e para medir seccos, quasi a dois selamins. No commercio, dá-se-lhe a fórma cylindrica por ser mais commoda que a do cubo.

O *gramma* é o pezo da agua pura na sua maior densidade, contida em *um centimetro cubico*, e o *kilogramma*, ou *mil grammas*, o de um litro de agua distillada, ou na sua maior pureza, contida em *um decimetro cubico*.

O *kilogramma* corresponde a dois arrateis, duas onças, seis oitavas, dois escrupulos e quatorze grãos.

 O *metro* é pois, como se viu, a base de todas as novas medidas.

### MEDIDAS ITINERARIAS

ANTIGAS

MODERNAS

176.º Legua de 18 ao gráu.....	vale	6173 metros
Legua de 20 ao gráu (3 milhas)	»	5555 »
Milha geographica.....	»	1851 »

N. B. A legua, ou unidade itineraria, determinada por Decreto de 2 de Maio de 1855, é de 5 *kilómetros*, ou 5:000 *metros*.

## MEDIDAS LINEARES

	ANTIGAS	MODERNAS
177.º Braça (2 varas) ou 10 palmos ou 40 pollegadas.....	vale	2,2 metros
Toeza (6 pés) ou 9 palmos. . .	»	1,98 „(1)
Passo geometrico (5 pés) ou 60 pollegadas. ....	»	1,65 „
Vara (5 palmos) ou 40 polle- gadas.....	»	1,1 „
$\frac{4}{2}$ vara. ....	»	0,55 „
Covado (3 palmos) .....	»	0,66 „
$\frac{4}{2}$ covado.....	»	0,33 „
Pé (12 pollegadas ou palmo e meio). ....	»	0,33 „
Palmo de craveira (8 pollega- das). ....	»	0,22 „
Pollegada (12 linhas). ....	»	0,0275 „
Linha (12 pontos). ....	»	0,00229 „
Ponto.....	»	0,00049 „

N. B. Os padrões das medidas lineares e de pezo são identicos para todos os Concelhos de Portugal e Ilhas.

## MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA SECCOS

	ANTIGAS	MODERNAS
178.º Moio tem 15 fangas.....	vale	828,000 litros
Fanga tem 4 alqueires.....	»	55,200 „
Alqueire tem 4 quartas.....	»	43,800 „
Quarta tem 2 oitavas.....	»	3,450 „
Oitava tem 2 maquias.....	»	4,725 „
Maquia tem 2 selamins.....	»	0,863 „
Selamim tem 2 meios selamins	»	0,431 „

(1) Quando se der um numero de metros com algarismos decimaes, será necessario, para os ler, separa-los do numero de metros por uma virgula. Então o primeiro algarismo decimal, marcará *decímetros*, o segundo, *centímetros*; o terceiro, *milímetros*, etc.

ANTIGAS	MODERNAS
Meio selamim tem 2 quartos de selamin (1) . . . . .	» 0,216 »

## MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS

ANTIGAS	MODERNAS
179.º Tonel tem 2 pipas. . . . .	vale 840,000 litros
Pipa tem 25 almudes. . . . .	» 420,000 »
Almude tem 2 potes. . . . .	» 16,800 »
Pote tem 6 canadas. . . . .	» 8,400 »
Canada tem 4 quartilhos. . . . .	» 4,400 »
Quartilho tem 2 meios quartilhos. . . . .	» 0,350 »
Meio quartilho tem 2 quartos de quartilho. . . . .	» 0,175 »
Quarto de quartilho. . . . .	» 0,088 »

N. B. As medidas de capacidade referem-se aos padrões de Lisboa.

## MEDIDAS DE PEZO

ANTIGAS	MODERNAS
180.º Tonellada tem 13 quintaes e meio. . . . .	vale 793,452 kilogrammas
Quintal tem 4 arrobas. »	58,752 »
Arroba tem 32 arrateis »	14,688 »
Arratel tem 4 quartas ou 16 onças. . . . .	» 0,459 »
Quarta tem 4 onças. . . . .	» 0,11475 »
Onça tem 8 oitavas. . . . .	» 0,028688 »
Oitava tem 3 escropulos ou 72 grãos. . . . .	» 0,003586 »
Escropulo tem 24 grãos »	0,001195 »
Grão. . . . .	» 0,0000498 »

N. B. Ao pezo de 1:000 kilogrammas dá-se o nome de *tonellada metrica*; e ao de 100 kilogrammas, o de *quintal metrico*.

(1) Veja-se: *Mappas das medidas do novo systema legal*, comparadas com as antigas nos diversos Concelhos do Reino e Ilhas. (Edição official), a pag. 172, 297 e 298.

## MEDIDAS DE SUPERFICIE

ANTIGAS

MODERNAS

181.º Braça quadrada (100 palmos quadrados).	vale 4,84 metros quadrados	
Vara quadrada (25 ditos).....	» 1,21	»
Palmo quadrado (64 pollegadas quadradas).....	» 0,0484	»
Pollegada quadrada (144 linhas quadradas).....	» 0,00075625	»

182.º Para reduzir:

Metros a varas, divide-se o numero dado por 1<sup>m</sup>,1.Varas a metros, multiplica-se o numero de varas por 1<sup>m</sup>,1.Metros a braças, divide-se o numero de metros por 2<sup>m</sup>,2.Braças a metros, multiplica-se o numero de braças por 2<sup>m</sup>,2.Toezas a metros, multiplica-se o numero de toezas por 1<sup>m</sup>,98.Metros a toezas, divide-se o numero de metros por 1<sup>m</sup>,98.

Metros a palmos, divide-se o numero dado de metros por 0,22.

Palmos a metros, multiplica-se o numero dado de palmos por 0<sup>m</sup>,22.Metros quadrados a varas quadradas, divide-se o numero dado de metros por 1<sup>mq</sup>,21.Varas quadradas a metros quadrados, multiplica-se o numero de varas quadradas por 1<sup>mq</sup>,21.Metros quadrados a braças quadradas, divide-se o numero de metros quadrados por 4<sup>mq</sup>,84.Braças quadradas a metros quadrados, multiplica-se o numero de braças quadradas por 4<sup>mq</sup>,84.Litros a canadas, divide-se o numero de litros por 4<sup>l</sup>,4.Canadas a litros, multiplica-se o numero de canadas por 4<sup>l</sup>,4.

Litros a alqueires, divide-se o numero dado de litros por  $13^1,8$ .

Alqueires a litros, multiplica-se o numero dado de alqueires por  $13^1,8$ .

Kilogrammas a arrateis, divide-se o numero de kilogrammas por  $0^k,459$ .

Arrateis a kilogrammas, multiplica-se o numero de arrateis por  $0^k,459$ .

### Novo methodo para achar promptamente o preço do kilogramma com relação ao arratel

Consiste em multiplicar o numero 2178 pelo preço do arratel, cortando-se com uma virgula tres casas para a direita: as que ficão do lado esquerdo, designão exactamente o preço do kilogramma, exemplo:

Sendo 360 réis o preço do arratel, qual será o do kilogramma?

$$\begin{array}{r}
 2178 \\
 360, \text{ preço do arratel} \\
 \hline
 130680 \\
 6534 \\
 \hline
 784,080
 \end{array}$$

Resultado 784 réis, é o preço do kilogramma.

### DO TOQUE DO OURO E DA PRATA

183.º A avaliação dos metaes preciosos faz-se pelo **toque**, que é o grau de metal puro ou ligado com outro metal inferior.

O ouro sem liga alguma, isto é, na sua maior pureza, considera-se dividido em 24 partes chamadas *quilates*; quando porém lhes juntão duas partes, ou  $\frac{2}{24}$  de liga ou cobre, perde 2 *quilates* do seu valor intrinseco, e diz-se ouro de 22 *quilates*.— Se contiver 4 partes de liga, diz-se ouro de 20 *quilates*; finalmente se um objecto qualquer

constar de metade ouro e metade liga, diz-se ouro de 12 *quilates*.

Convém advertir que neste caso, o *quilate* não é um pezo, mas sim um valor.

Pelo *systema metrico decimal*, avalia-se o ouro, convertendo os 24 *quilates* em *millesimas*, ou comparando o numero 1000 com 24, e diz-se que uma peça de ouro de 24 *quilates*, é do toque de 1000 *millesimas*; que outra de 22 *quilates*, é do toque de 917 *millesimas*, etc.

N. B. No *Diario de Lisboa de 18 de Outubro de 1860* vem as tabellas e instrucções para a conversão dos *quilates* de ouro, e dos *dinheiros* de prata em *millesimas* do novo systema.

A prata tem sido avaliada em *dinheiros*. Uma peça de prata sem liga alguma, ou na sua maior pureza, é do toque de 12 *dinheiros*. Se pois se disser *prata* de 10 *dinheiros*, deve entender-se que só tem 10 partes de prata pura e 2 de liga.

O ouro da nossa moeda é de 22 *quilates*, e a prata, de 11 *dinheiros*.

O ouro marcado, chamado de lei, devia ser de 22 1/2 *quilates*; porém marca-se 20 (1).

A prata marcada, ou de lei, deve ser de 10 *dinheiros* e 6 grãos.

Para se saber qual é a quantidade de prata pura contida em qualquer peça, cujo toque e pezo sejam conhecidos, multiplica-se o toque pelo pezo, e divide-se o producto por 1000.—A mesma regra é applicavel ao ouro.

✍ Na avaliação das pedras preciosas, emprega-se o pezo especial de *quilate*, que vale 4 grãos, e divide-se em 1/2, 1/4, 1/8, 1/16, 1/32, 1/64.

## RAZÕES E PROPORÇÕES

184.º Chama-se **razão** ao resultado da comparação de duas quantidades da mesma especie.

---

(1) Para se conhecer a pureza do ouro ou da prata, usão ordinariamente os ourives da pedra de toque, e de umas especies de agulhas tocadas com ouro ou prata de uma pureza certa e determinada; e pela exacta similitude da marca que deixão na pedra com a das peças de ouro ou prata que nella se tocão, conhecem a sua pureza ou o seu toque.

185.º Ha duas especies de *razões*, a saber: *razão arithmetica* ou por *differença*, e *razão geometrica* ou por *quociente*. A *razão arithmetica* é pois a *differença* entre dois numeros da mesma especie, quando se comparão, e a *razão geometrica*, o *quociente* de dois numeros, quando se pretende saber quantas vezes um contém outro. Ao *quociente* desta divisão dá-se tambem o nome de *expoente*.

186.º Se quizermos, por exemplo, comparar 18 com 13 para saberinos a sua *differença*, vemos que o numero 5, que resulta dessa comparação, é a *razão arithmetica* do numero 18 para o numero 13. Querendo saber a *razão* de 16 para 8, isto é, dividindo aquelle numero por este, vê-se pelo *quociente* que 2 é a *razão geometrica* de 16 para 8.

187.º As quantidades que assim se comparão, separão-se com dois pontos. Por esta expressão 18:13, entende-se pois a *razão arithmetica* de 18 para 13.

188.º A quantidade que se escreve em primeiro lugar chama-se *antecedente*; a segunda, *consequente*.

189.º O *antecedente* e o *consequente* tem o nome commum de *termos de razão*.

As *razões arithmeticas* não tem applicação, e por isso ficaremos aqui.

190.º Os dois termos de uma *razão geometrica* podem-se multiplicar ou dividir por um mesmo numero, sem se lhes mudar o valor.

Esses termos representão uma fracção, a qual tem o *antecedente* por *numerador*, e o *consequente* por *denominador*; ora, não se altera o valor da mesma fracção multiplicando ou dividindo os dois termos por um mesmo numero.

191.º *Proporção geometrica*, ou simplesmente *proporção*, é a igualdade de duas *razões*; assim:

$$39 : 13 :: 24 : 8$$

é uma *proporção*, por isso que significa 39 divididos por 8, isto é, que 39 contém tantas vezes 13 como 24 contém 8.

192.º Nas *proporções geometricas*, os quatro pontos do meio significão: *assim como*; e os dois pontos entre os dois termos de cada *razão*, querem dizer *é*, ou *está para*. Assim, a proporção 39 : 13 :: 24 : 8 lê-se: 39 está para 13 assim como 24 para 8.

193.º Os termos da primeira razão, chamão-se *primeiro antecedente*, *primeiro consequente*.

194.º Os termos da segunda razão chamão-se *segundo antecedente*, *segundo consequente*.

195.º O primeiro e o ultimo termos chamão-se tambem *extremos*; o segundo e o terceiro chamão-se *meios*; assim, na proporção dada  $39 : 13 :: 24 : 8$  os numeros 39 e 8 são os *extremos*, e 13 e 24, os *meios*.

196.º A propriedade fundamental das *proporções arithmeticas*, é que a somma dos *meios* é igual á dos *extremos*.

197.º A propriedade fundamental das *proporções geometricas*, é que o *producto* dos *extremos* é igual ao dos *meios*, como se vê no seguinte exemplo:

$$15 : 20 :: 24 : 32$$

O producto de 15 por 32 é 480, e o de 20 por 24 é tambem 480. Logo temos:

$$\begin{aligned} 15 \times 32 &= 20 \times 24 \\ &\text{ou} \\ 480 &= 480 \end{aligned}$$

198.º Para verificar se ha ou não *proporção* entre quatro numeros dados, é preciso reduzir os dois primeiros á fórma de quebrados, assim como os dois ultimos; depois reduzir as duas fracções á expressão mais simples, ou então uma dellas sómente, no caso que a outra não possa ser reduzida. Em resultado, teremos as mesmas fracções, se houver *proporção*; e *fracções diferentes*, se a não houver.

### DA REGRA DE TRES

199.º A **Regra de tres** é assim chamada, por isso que faz achar uma quarta quantidade proporcional, quando se conhecem as outras tres.

200.º A quantidade incognita representa-se primeiramente pela letra  $x$ , que depois é substituida pelo numero achado.

201.º Em toda a *Regra de tres* ha sempre dois numeros de uma mesma especie, que formão a *primeira razão*, e outros dois tambem da mesma especie, mas diferente da primeira, que formão a *segunda razão*. Neste exemplo: Se 7 operarios fizeram 12 metros de obra em certo tempo, quantos metros apromptarão 35 operarios no mesmo tempo?

7 e 35 representão operarios; 12 e o numero incognito representão metros. — 12 metros é a quantidade relativa de 7 operarios;  $x$ , a quantidade relativa de 35 operarios; isto é, o numero de metros que fizerem esses 35 operarios.

202.º Chamão-se *quantidades principaes* as duas que são conhecidas; e *quantidades relativas* aquellas de que uma só é conhecida. No exemplo precedente, 7 e 35 são as *quantidades principaes*; 12 e o numero incognito, as *quantidades relativas*.

203.º A *Regra de tres* é *directa*, ou *inversa*.

204.º É *directa* quando as quantidades relativas augmentão ou diminuem ao mesmo tempo que as quantidades principaes.

205.º É *inversa* se as quantidades *relativas* diminuem quando as principaes augmentão, ou augmentão quando as principaes diminuem.

#### REGRA DE TRES DIRECTA E SIMPLES

206.º A *Regra de tres directa e simples* é aquella que é formada de quatro numeros, tres dos quaes são conhecidos. Exemplo: Se 7 operarios fizerão 42 metros d'obra em certo tempo, quantos farão 9 operarios no mesmo tempo?

É evidente que a obra ha de augmentar na razão do numero de homens, isto é, quanto maior for o numero destes, mais metros de obra hão de fazer.

Estes quatro numeros formão pois a porporção:

$$7 : 9 :: 42 : x$$

54

Multiplicando 9 por 42, e dividindo o producto 378 por 7, o quociente será 54, numero de metros que farão

9 homens trabalhando tanto tempo, e com tanta diligencia como os outros 7 que fizerão 42 metros (1).

### REGRA DE TRES INVERSA

207.º Se 18 homens fizerão certa obra em 24 dias, quantos dias gastarão 8 homens para fazerem a mesma obra?

Quanto menor for o numero de homens, mais dias hão de gastar; e n'este caso, a razão do numero de homens é inversa da dos dias. Estabeleceremos pois a seguinte proporção:

$$\begin{array}{r} h \quad h \quad \text{dias} \\ 8 : 18 :: 24 : x \\ \qquad \qquad \qquad 54 \text{ dias} \end{array}$$

ou

$$\frac{24 \times 18}{8} = 54$$

208.º O capitão de um navio tem provisões de bocca para manter a sua tripulação durante 30 dias a ração inteira; mas vendo-se obrigado, em consequencia de temporaes, ventos contrarios, etc., a sustentar uma viagem por tempo de 40 dias, pergunta-se a quanto deve elle reduzir por dia a ração de cada homem?

Tomando a ração diaria por unidade, é manifesto que a ração que se busca deve ser tanto menor que essa unidade quanto maior é o numero de 40 dias que o de 30 dias; assim, buscaremos o quarto termo proporcional aos tres termos seguintes:

$$\begin{array}{r} \text{dias} \quad \text{dias} \quad \text{ração} \\ 40 : 30 :: 1 : x \end{array}$$

Feita a operação, vemos que cada homem deve ser posto a  $\frac{3}{4}$  da ração que houvera de ter, se gastassem sómente 30 dias na viagem.

---

(1) Pode-se obter o mesmo resultado sem empregar as proporções, dizendo: Se 7 operarios fazem 42 metros, 1 operario fará  $\frac{42}{7} = 6$ . Logo, 9 operarios farão 9 vezes 6 metros, ou 54 metros de obra, etc.

209.º O governador de uma praça tem viveres para 600 homens de tropa por tempo de 160 dias; mas vendo-se obrigado a augmentar aquella guarnição com mais 600 homens, pergunta-se para quantos dias terá viveres que cheguem para sustentar a dita guarnição, que é de 1200 homens?

Fazendo o mesmo raciocinio que o do exemplo precedente, estabeleceremos a seguinte proporção:

$$\begin{array}{l} \text{homens} \quad \text{homens} \quad \text{dias} \\ 1200 : 600 :: 160 : x \end{array}$$

Feita a operação, vemos que tem viveres para 80 dias.

#### REGRA DE TRES COMPOSTA

210.º A **Regra de tres é composta**, quando a razão entre os numeros (dado e achado) depende de muitas circumstancias que é preciso combinar.

O methodo para achar o termo incognito é tirado da propriedade fundamental das proporções, que o *producto dos extremos é igual ao dos meios*.

Este methodo consiste com effeito em dividir o producto dos *meios* pelo *extremo conhecido*, para ter no quociente o *extremo incognito*; ou em dividir o producto dos *extremos* pelo *meio conhecido*, para ter tambem no quociente o *meio incognito*.

211.º *Appliação da Regra de tres composta.* — Se um caminhante, andando 8 horas por dia, durante tres semanas, fez 96 myriametros, quantos fará o mesmo caminhante, andando 6 horas por dia durante 9 semanas?

O numero de myriametros deve ser tanto maior quanto maior for o das semanas que caminhar.

E por outro lado, o numero de myriametros deve ser tanto menor quando menor fôr o das horas que andar por dia.

Em primeiro lugar, faremos abstracção dos dois numeros de horas, operando sobre esta primeira proporção:

$$3 : 9 :: 96 : x$$

Quarto termo... 288

Depois reflectindo na differença de horas, faremos a operação nesta segunda proporção:

$$6 : 8 :: x : 288$$

*Transposição...*  $8 : 6 :: 288 : x$

*Quarto termo...* 216 myriametros

Poderíamos limitar a operação a uma *Regra de tres simples*, considerando que 8 horas por dia, durante 3 semanas, equivalem a 168 horas, e que 6 horas por dia, durante 9 semanas, equivalem a 378 horas.

A questão seria então concebida n'estes termos:

Se um viajante, andando 168 horas, faz uma jornada de 96 myriametros, quantos fará elle, andando 378 horas?

Deve ser tanto maior o numero de myriametros quanto maior fôr o das horas que andar.

*Porporção.....*  $168 : 378 :: 96 : x$

*Quarto termo....* 216 myriametros

Este resultado é o mesmo que aquelle que já fica demonstrado.

#### REGRA DE TRES COMPOSTA CHAMADA DE COMPANHIA

212.º Esta regra consiste em repartir qualquer numero, ou quantidade, em partes que tenham entre si uma mesma razão. Emprega-se pois no commercio, quando se trata de repartir uma perda ou um lucro entre diversos socios ou partes, exemplo:

*Carlos, Emilio e Alfredo* fizeram uma sociedade por 9 annos.

O primeiro entrou com 7:800\$000 réis por 5 annos, e 10:000\$000 réis por 4 annos.

O segundo, com 5:500\$000 réis por 9 annos.

O terceiro, com 4:700\$000 réis por 6 annos, e réis 3:700\$000 por 3 annos.

É necessario, para cada um, reduzir a sua entrada a uma só parcella, e o tempo a um só anno.

7:800\$000 réis, em 5 annos, dão de lucro a *Carlos* tanto como 39:000\$000 réis em 1 anno; e 10:000\$000 réis, em 4 annos, dão-lhe o mesmo lucro que 40:000\$000 réis; em 1 anno; assim, a sua entrada equivale a..... Rs. 79:000\$000

5:500\$000 réis, em 9 annos, dão de lucro a *Emilio* tanto como 49:500\$000 réis em 1 anno..... » 49:500\$000

4:700\$000 réis, em 6 annos, dão de lucro a *Alfredo* tanto como 28:200\$000 réis em 1 anno, e 3:700\$000 réis, em 3 annos, dão-lhe de lucro o mesmo que 11:100\$000 réis em 1 anno; assim, a sua entrada equivale a..... » 39:300\$000

Capital... Rs. 167:800\$000

Lucros da sociedade 17:000\$000 réis.

Fazem-se tantas *Regras de tres* quantos são os socios. As entradas, o capital e os lucros da sociedade serão as tres quantidades conhecidas de cada regra. A quantidade que se fôr achando será o lucro de cada um dos socios.

$$C. 167:800\$000 : 79:000\$000 :: 17:000\$000 : x$$

$$E. 167:800\$000 : 49:500\$000 :: 17:000\$000 : x$$

$$A. 167:800\$000 : 39:300\$000 :: 17:000\$000 : x$$

Assim, feita a operação, vê-se que o lucro de

<i>Carlos</i> é de.....	Rs. 8:003\$575	<u>1450</u>
		1678
De <i>Emilio</i> .....	» 5:014\$898	<u>1456</u>
		1678
De <i>Alfredo</i> .....	» 3:981\$525	<u>1050</u>
		1678
Igual aos lucros da sociedade.....	Rs. 17:000\$000	

213.º O lucro de uma especulação, avaliado em 800:000\$000 réis, deve ser distribuido por 3 socios, o primeiro dos quaes entrou com 120:000\$000 réis, o segundo com 60:600\$000 réis, e o terceiro com 20:000\$000 réis: pergunta-se quanto cabe a cada um?

Temos pois o numero 800:000\$000 réis para ser par-

tido em tres partes, que guardem entre si a razão dos numeros 120:000\$000, 60:000\$000, 20:000\$000 réis, ou dos numeros 12, 6, 2, porque a parte de cada um deve ser proporcional á sua entrada, assim, com a somma 20 dos numeros 12, 6, e 2, estabeleceremos as tres proporções seguintes:

$$\begin{aligned} 20 & : 800:000\$000 :: 12 : x \\ 20 & : 800:000\$000 :: 6 : x \\ 20 & : 800:000\$000 :: 2 : x \end{aligned}$$

Feita a operação, acharemos que a parte do primeiro é 480:000\$000 réis; a do segundo, 240:000\$000 réis, e a do terceiro, 80:000\$000 réis.

### REGRA DE JUROS

214.º A **Regra dos juros** póde reduzir-se á pratica da *Regra de tres*; e sendo bem entendida a natureza das questões, não devem embaraçar a quem tiver dado attenção ao que até agora se tem explicado.

A *Regra dos juros* é pois aquella pela qual se busca saber o lucro que produz qualquer quantia n'um tempo dado, supposta a razão do que rende cada anno.

215.º Assim, querendo saber quanto rendem cada anno 450\$000 réis a 5 por cento, diremos: se 100 ganhão 5 em um anno, quanto ganharão 450\$000 réis, e estabeleceremos a seguinte proporção:

$$100 : 5 :: 450\$000 : x$$

Multiplicando 450\$000 réis por 5, e dividindo por 100, isto é, cortando as duas ultimas cifras, vemos que o rendimento annual de 450\$000 réis, a 5 por cento, é de 22\$500 réis.

216.º Sendo a mesma quantia ao juro de  $4\frac{1}{2}$  por cento ao anno, diremos:

$$100 : 4,50 :: 450\$000 : x$$

Pelos  $4\frac{1}{2}$  poremos 4,50, e feita a operação, acharemos que o juro de 450\$000 réis, a  $4\frac{1}{2}$  por cento ao anno é de 20\$250 réis.

217.º Qual é o capital que produz 22\$500 réis a razão de  $5\frac{0}{0}$  ao anno?

Invertendo a primeira das proporções supra, diremos :

$$5 : 100 :: 22\$500 : x = 450\$000 \text{ réis}$$

218.º A que juro, ou a quantos por cento se deve calcular o capital de 450\$000 réis para render annualmente 22\$500 réis?

Estabeleceremos a seguinte proporção.

$$450\$000 : 22\$500 :: 100 : x = 5\frac{0}{0}$$

219.º Sendo 472\$000 réis a somma de um capital com o seu juro de  $5\frac{0}{0}$ , em quanto importa o juro?

Neste caso diremos :

$$10 + 5 : 5 :: 472\$500 : x = 22\$500 \text{ réis}$$

220.º Sendo 472\$500 réis a somma de um capital com o seu juro a  $5\frac{0}{0}$ , em quanto importa o capital?

Teremos:

$$100 + 5 : 100 :: 472\$500 : x = 450\$000 \text{ réis}$$

221.º Querendo saber quanto vence de juro a quantia de 650\$000 réis em 7 annos e 3 mezes, a  $5$  por cento ao anno, diremos: como 100 vencem de juro 5 em um anno, em 7 annos e 3 mezes, ou  $\frac{1}{4}$  vencerão  $36\frac{1}{4}$  e por consequente estabeleceremos a seguinte proporção:

$$100 : 36,25 :: 650\$000 : x = 235\$625 \text{ réis}$$

222.º Querendo saber, pelo contrario, qual é o capital que em 7 annos e 3 mezes produz juro de 235\$625 réis, a razão de 5 por cento ao anno, diremos :

$$36,25 : 100 :: 235\$,625 : x = 650\$,000 \text{ réis}$$

223.º Dando-se a quantia 885\$625 réis, somma do capital e juros vencidos em 7 annos e 3 mezes, a 5 por cento, e querendo saber qual é o capital, reflectiremos, que vencendo 100 no dito tempo  $36\frac{1}{4}$  (ou 36,25), deveremos ter a proporção :

$$136,25 : 100 :: 885\$,625 : x = 650\$,000 \text{ réis}$$

224.º Perguntando-se o tempo em que o capital 650\$000 réis ha de produzir o juro de 235\$625 réis, a razão de 5 por cento ao anno, teremos:—como 650\$000 para 235\$625, assim 100 para um quarto termo, que será  $36\frac{1}{4}$ . Este é o juro de 100 durante o tempo dado; e como o juro annual de 100 é 5, dividindo  $36\frac{1}{4}$  por 5, o quociente  $7\frac{1}{4}$  mostrará o dito tempo, isto é, 7 annos e a quarta parte de outro, ou 3 mezes.

225.º Perguntando-se a quantos por cento se deve pôr o capital 650\$000 réis para dar 235\$625 réis em 7 annos e 3 mezes, teremos:—como 650\$000 réis para 235\$625, assim 100 para  $36\frac{1}{4}$ ; e dividindo este numero pelo tempo  $7\frac{1}{4}$ , o quociente 5 nos fará ver que o juro que a quantia dada vence cada anno é o de 5 por cento.

226.º Nos descontos discorre-se do mesmo modo, como se vê pelo exemplo seguinte :

No desconto de uma letra de 20\$000 réis, para vencer de hoje a um anno, perdeu-se 2\$400 réis, e desejando-se saber a quantos por cento foi o mesmo desconto, diremos :

$$20\$,000 : 2\$,400 :: 100 : x = 12\frac{0}{0}$$

Comprou certo individuo uma quinta por 4:536,5000 réis para pagar no prazo de 10 annas; mas resolvendo-se a paga-la logo ao vendedor, com a condição deste lhe fazer o abatimento na razão de  $4\frac{1}{2}$  por cento ao anno; pergunta-se quanto deve dar?

É claro que, neste caso, não se busca outra cousa senão o capital que, com o seu juro de  $4\frac{1}{2}$  por cento em 10 annos, perfaça a quantia de 4:536,5000 réis. — Ora, como 100 produzem  $4\frac{1}{2}$  cada anno, em 10 annos produzirão 45; assim diremos:

$$145 : 100 :: 4:536,5000 : x$$

Em resultado, vê-se que a quantia que o comprador tem de pagar já, é a de réis  $3:128,5275\frac{125}{145}$  ou  $\frac{25}{29}$ .

227.º Tendo uma pessoa passado a outra uma obrigação de 2:854,5000 réis para pagar no prazo de um anno, e querendo remi-la passados 7 mezes, com a condição do crédor lhe fazer um abatimento na razão de 6 por cento, pergunta-se quanto tem o devedor que pagar?

Como 100, segundo o ajuste, vencem 6 em 1 anno, em 7 mezes deverão vencer  $3\frac{1}{2}$ . Assim, o que o devedor havia de pagar no principio como 100, no fim do anno o devia pagar como 106, e passados 7 mezes, sómente o havia de pagar como  $103\frac{1}{2}$ ; por conseguinte, diremos;

$$106 : 103\frac{1}{2} :: 2:854,5000 : x$$

Multiplicando 2:854,5000 réis por 103,50 (§ 158.º), e repartindo o producto por 106, acharemos no quociente a quantia de réis  $2:786,688\frac{72}{106}$  ou  $\frac{36}{53}$ .

Deste modo, usando da regra de tres, se resolvem outras muitas questões pertencentes aos contratos mercantis, etc.

### PROBLEMAS

228.º

I Se 3 kilogrammas de certo genero custarão 3\$900 réis, quanto custarão 7 kilogrammas?

II Um frasco póde conter 15\$000 réis de azougue; enchendo-se só as tres quintas partes do mesmo frasco, quanto se deverá pagar?

III Ganhando-se 3\$000 réis em 20 kilogrammas de certo genero, quanto se ganhará em 50?

IV Perdeu-se 17 por cento em certa fazenda avariada; quanto se perderá em 86 kilogrammas?

V Um viajante anda 5 leguas ou 25 kilómetros em 4 horas; quanto tempo gastará para fazer 28 leguas ou 140 kilómetros?

VI Se 25 discipulos produzem mensalmente 37\$500 réis ao director de uma escola, quantos serão necessarios, pagando o mesmo, para lhe produzirem 60\$000 réis?

VII Pagou-se 7\$000 réis de feitio por 5 objectos; quanto se pagará por 18 dos mesmos objectos?

VIII Dá-se  $18\frac{0}{0}$  a um operario na venda de objectos por elle fabricados, e havendo-se apurado 5\$500 réis, pergunta-se a quanto tem direito o mesmo operario?

IX Um livreiro póde brochar 6:000 exemplares de uma obra em 15 dias. Sabendo-se porém que uma pessoa aprompta 40 por dia, pergunta-se quantas são necessarias para o ajudarem a brochar os 6:000 exemplares?

X Um operario ganha 1\$525 réis em cada duzia de objectos que fabrica. Pergunta-se quanto deverá ganhar em 100 desses objectos?

X Qual é o capital que produz 2\$600 réis de juro a razão de  $5\frac{0}{0}$ ?

XII A quantos por cento se emprestou a quantia de 360\$000 réis para dar um lucro de 18\$000 réis:

## Solução dos Problemas sobre as quatro operações fundamentaes (1)

### Sommar

229.º

I	Á epoca do nascimento.....	1864
	acrescenta-se a idade dada .....	<u>25</u>

A somma é o anno que se deseja saber, isto é 1889

II	A ....	27	annos
	junte-se	12	»
	mais...	5	»
	mais...	7	»
	mais...	<u>11</u>	»

Total 62 annos, que é a idade que o individuo  
tinha quando morreu.

### III O tecelão trabalhou

	12 dias, durante os quaes fez panno de linho	
	48 metros, e recebeu...	Rs. 4\$000
mais...	8 dias, fez 32 metros, e recebeu...	» 3\$000
mais...	6 dias, fez 25 metros, e recebeu...	» <u>2\$800</u>
Ao todo	26 dias, fez 105 metros, e recebeu...	» 9\$800

IV	O 1.º operario teve.....	Rs.	7\$600
	O 2.º operario teve .....	Rs.	7\$600
	mais .....	»	<u>1\$400</u>
	isto é .....	Rs.	9\$000
	O 3.º teve.....	Rs.	9\$000
	mais.....	»	<u>2\$800</u>
	isto é.....	Rs.	<u>11\$800</u>
		Rs.	28\$400

Que é o total da quantia que se deseja saber.

(1) Veja-se de pag. 159 a 161. A numeração que aqui vai em letra de conta romana no principio dos paragrafos, corresponde á dos problemas dados nas ditas paginas.

V	Ao preço da fazenda.....	Rs. 321	500
	acrescente-se.....	»	53
	Quantia por que se deve vender.....	»	374
VI	380 vezes dois homens são.....	760	homens
	acrescente-se-lhes 26 officiaes de fi-		
	leira.....	26	»
	mais 60 officiaes inferiores.....	60	»
	Força do regimento.....	846	»

### Diminuir

I	Do capital.....	Rs. 15:700	5000
	abater a perda ou.....	»	3:400
	Resta ao negociante.....	»	12:300
II	O individuo tinha ao retirar-se do jogo	Rs. 24	5720
	levava.....	»	7
	O resto é o que o jogador ganhou ou..	»	17
III	Da quantia de.....	Rs. 289	5750
	diminuir a parte que se conhece ou	»	145
	O resto é o que se deve acrescentar		
	ou.....	»	144
IV	Data da morte.....	1831	
	Dita do nascimento.....	1786	
	Idade que se pretende saber.....	45	anos
V	De Paris a Londres ha.....	98	leguas
	De Dover a Londres.....	23	»
	distancia de Paris a Dover.....	75	»
VI	Ultima apparição do cometa.....	1835	
	duração da auzencia.....	76	annos
	Epoca da precedente apparição.....	1759	

VII A aclamação de D. João IV foi em..	1640;
Portugal passou ao dominio hespanhol	
em .....	<u>1580</u>
Durou a sujeição de Portugal á Hespa-	
nha.....	60 annos.

### Multiplicar

I  $320 \times 50 = 16\ 5000$  réis, despeza diaria.  
 $16\ 5000 \times 6 = 96\ 5000$  despeza semanal.

II  $5\ 5000 \times 48 = 240\ 5000$  réis.  
 a fazenda cus-  
 tou ..... 200\ 5000 »  
 Ganho..... 40\ 5000 »

III  $24$  horas  $\times 2 = 48$  horas.  
 accrescente-se.. 6 »  
54

$m$        $h$   
 $60 \times 54 = 3:240$  minutos.  
 accrescente-se 15 »  
 Total..... 3:255 »

Finalmente  $60$  segundos  $\times 3255 = 195300$  segundos, que é o mesmo que se pretende.

IV  $480$  réis  $\times 365$  dias =  $175\ 200$   
 $4\ 5000$  réis  $\times 12$  mezes =  $48\ 5000$   
 accrescente-se .....  $48\ 5000$   
 mais .....  $34\ 5000$   
 mais .....  $60\ 5000$

Total da despeza annual R.º  $365\ 200$

V  $40$  horas  $\times 14$  dias =  $440$  horas empregadas pelos  $36$  pedreiros; um só pedreiro empregará pois  $36$  vezes este numero de horas, isto é,  $5:040$  horas.

VI	365 dias	$\times 6$	=	2:190 dias.
	31 »	$\times 4$	=	124 »
	30 »	$\times 3$	=	90 »
	acrescente-se..			28 »
	mais.....			14 »
	mais pelos 2 an-			
	nos bissextos..			2 »
				2448

2448 vezes 24 horas = 58752 horas.

58752 » 60 minutos = 3525120 minutos.

3525120 » 60 segundos = 211507200, numero de segundos que a criança tem vivido.

VII 360 vezes 25 leguas communs = 9000 leguas communs.

360 vezes 20 leguas maritimas = 7200 leguas maritimas.

### Repartir

I 44\$400 réis  $\div$  37 kilogrammas = 1\$200 réis, preço do kilogramma.

II Pezo da caixa cheia ..... 125 kilogr.  
dito da caixa vazia..... 32 »

A differença é o pezo da fazenda ou.. 93 »

Ora 372\$000  $\div$  93 kilogrammas = 4\$000 réis, que é o preço de cada kilogramma.

III 90\$000 réis  $\div$  500 réis = 180, numero dos jornalleiros.

IV 300 metros  $\div$  3 = 100, numero dos dias necessarios para concluir a tarefa.

V 512 paginas  $\div$  16 = 32, numero das folhas do volume.

VI 960 exemplares  $\div$  6 = 160 exemplares por dia.

VII Comprárão-se realmente 120 exemplares, cuja importância total é o producto de 600 réis por 100 exemplares, isto é, 60\$000 réis. — Dividindo pois os 60\$000 réis por 120, vê-se que cada exemplar vem a custar 500 réis.

### Solução dos problemas sobre as fracções ordinarias (1)

#### Sommar

230.º

$$I \quad 24 \frac{2}{10} + 3 \frac{5}{10} = 24 \frac{7}{10}$$

Isto é, a peça tinha 24 metros e 7 decímetros.

II  $\frac{1}{3} + \frac{1}{4} = \frac{7}{12}$  — Ora, o numero cujos  $\frac{7}{12}$  fazem 7, é o mesmo numero 12.

#### Diminuir

III As duas fontes deitão por hora, uma  $\frac{14}{3}$  de litro, a outra  $\frac{23}{5}$ , ou, reduzindo as fracções ao mesmo denominador, uma fonte deita  $\frac{70}{15}$ , e a outra  $\frac{69}{15}$ , por onde se vê pois que a primeira deita mais por hora  $\frac{1}{15}$  de litro.

IV  $1 - \frac{3}{7}$  é o mesmo que  $\frac{7}{7} - \frac{3}{7} = \frac{4}{7}$  — que é o que fica da peça de panninho.

V  $\frac{1}{3} + \frac{1}{4} = \frac{7}{12}$ , ora  $1 \frac{7}{12}$  é o mesmo que  $\frac{12}{12} - \frac{7}{12} = \frac{5}{12}$ , que é o que vem a ficar da peça de cambraia.

VI  $3 \frac{1}{2} - 2 \frac{3}{4} = \frac{7}{2} - \frac{11}{4} = \frac{14}{4} - \frac{11}{4} = \frac{3}{4}$ . Vê-se pois que a primeira viga excede a segunda, em comprimento,  $\frac{3}{4}$  de um metro.

(1) De pag. 172 a pag. 173.

VII O pezo do frasco cheio, ou 5 kilogrammas  $\frac{3}{4}$ , deduzido do pezo do frasco vazio, ou 1 kilogramma  $\frac{2}{5}$ , dará o pezo do licor contido.

Assim,  $\frac{23}{4} - \frac{7}{5} = \frac{115}{20} - \frac{28}{20} = \frac{87}{20} = 4$  kilogrammas  $\frac{7}{20}$ , pezo do licor que o frasco contém.

### Multiplicar

VIII  $\frac{24}{3} = 8 \frac{8}{2} = 4$ , ou,  $\frac{24}{2 \times 3} = \frac{24}{6} = 4$ , que é a metade do terço do numero dado.

IX Os  $\frac{3}{4}$  de 56 são  $\frac{56 \times 3}{4}$  ou 42; os  $\frac{2}{3}$  de 42 são  $\frac{42 \times 2}{3} = 28$ .

X Os  $\frac{4}{7}$  de 2\$800 réis são  $\frac{2800 \times 4}{7} = 1$600 réis.$

XI Os  $\frac{2}{100}$  de 54\$800 réis são  $\frac{54800 \times 2}{100}$  ou  $\frac{109600}{100} = 1$096 réis, importancia do abatimento feito.$

### Repartir

XII  $24 \div \frac{3}{4} = 24 \times \frac{4}{3} = 32$ , que é o numero dos pedacos de fita de  $\frac{3}{4}$  de metro cada um.

XIII 3 dias  $\div \frac{2}{7} = 3 \times \frac{7}{2} = 10$  dias e  $\frac{1}{2}$ , que é o tempo que o operario gastará para concluir a obra.

## Solução dos problemas sobre a regra de tres e a de juros

### Regra de tres simples

231.º

I 1.ª Solução.—Se 3 kilogrammas custarão 3\$900 réis, 1 kilogramma deverá custar a terça parte de 3\$900 réis,

ou 4\$300 réis : 7 kilogrammas virão pois a eustar 7 vezes o preço de 1 kilogramma, ou 7 vezes 4\$300 réis, isto é, 9\$400 réis.

2.<sup>a</sup> *Solução.*— Estabeleça-se a seguinte proporção :

$$3 \text{ kil.} : 7 \text{ kil.} :: 3\$900 \text{ réis} : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{3\$900 \times 7}{3} = 9\$400 \text{ réis, preço dos 7 kilogrammas.}$$

II Se 15\$000 réis é o custo da quantidade de mercúrio que enche o frasco, o das  $\frac{3}{5}$  partes dessa quantidade será as  $\frac{3}{5}$  partes de 15\$000 réis, ou 9\$000 réis.

III Estabeleça-se a proporção :

$$20 \text{ kil.} : 50 \text{ kil.} :: 3\$000 : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{3\$000 \times 50}{20} = 7\$500 \text{ réis, que é o ganho em 50 kilogrammas.}$$

IV Estabeleça-se a proporção :

$$100 \text{ kil.} : 86 \text{ kil.} :: 47 \text{ kil.} : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{86 \times 47}{100} = 44 \text{ kil., } 62.$$

V Estabeleça-se a proporção :

$$\begin{array}{l} 5 \text{ leguas} : 28 \text{ leguas} : : 4 \text{ horas} : x. \\ \text{ou} \\ 25 \text{ kil.} : 140 \text{ kil.} : : 4 \text{ horas} : x. \end{array}$$

Donde resulta

$$x = \frac{140 \times 4^h}{25} = 22 \text{ horas e } 24 \text{ minutos.}$$

VI Estabeleça-se a proporção :

$$37\text{\$}500 : 60\text{\$}000 : : 25 \text{ discipulos} : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{25 \times 60\text{\$}000}{37\text{\$}500} = 40 \text{ discipulos.}$$

VII Estabeleça-se a proporção :

$$5 : 18 : : 7\text{\$}000 \text{ réis} : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{7\text{\$}000 \times 18}{5} = 25\text{\$}200 \text{ réis.}$$

VIII Estabeleça-se a seguinte proporção :

$$100\text{\$}000 \text{ réis} : 5\text{\$}500 \text{ réis} : : 18\text{\$}000 \text{ réis} : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{18\text{\$}000 \times 5\text{\$}500}{100\text{\$}000} = 990 \text{ réis.}$$

IX Se uma pessoa pôde brochear 40 exemplares por dia, em 15 dias brocheará 15 vezes 40, ou 600 exemplares; logo serão necessarias 10 pessoas para brocharem os 6:000 exemplares, visto que 6:000 contém 10 vezes 600.

X Estabeleça-se a proporção :

$$12 : 100 :: 13525 \text{ réis} : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{13525 \times 100}{12} = 123708 \text{ réis } \frac{1}{4}.$$

### Regra de juros

XI Estabeleça-se a proporção :

$$53000 \text{ réis} : 23600 \text{ réis} :: 1003000 : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{23600 \times 1003000}{53000} = 523000 \text{ réis.}$$

capital que se deseja saber.

XII Estabeleça-se a proporção :

$$3603000 \text{ réis} : 1003000 \text{ réis} :: 183000 : x.$$

Donde resulta

$$x = \frac{183000 \times 1003000}{3603000} = 5 \text{ por cento.}$$

*Donde*

## ELEMENTOS DE CIVILIDADE

*Que é civilidade?* — É a pratica de todas as atencões para com os nossos semelhantes na sociedade, evitando assim nas palavras como nas acções, tudo quanto possa offende-los ou desagradar-lhes. A *civilidade* é o signal distinctivo de uma boa educação, e dispõe logo os outros em nosso favor.

*Que entende por sociedade?* — Entendo a reunião de homens obrigados a viverem juntos, pela dependencia que uns tem dos outros.

*E será util a civilidade?* — Sem duvida.

*Então em que consiste principalmente a sua utilidade?* — Em estreitar os laços da sociedade por meio de certas maneiras de obrar e fallar, que produzem a estima e affeição entre aquelles de que ella se compõe.

*Que vantagens resultão d'ahi?* — A boa intelligencia em particular; a ordem e a paz em geral.

*Aonde tem origem a civilidade?* — Nos sentimentos de um coração bem formado.

*Quaes são esses principaes sentimentos?* — O respeito aos *superiores*; a benevolencia para com os *iguaes*, e a indulgencia para com os *inferiores*.

*Mas não nos prescreve a Religião o dever d'exercer esses sentimentos?* — Certamente. A verdadeira civilidade, em toda a extensão da palavra, tal qual a devemos considerar, não é outra cousa mais do que essa caridade inteiramente fraternal que o Evangelho nos prescreve: *Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem; faze-lhe o que quizeras que te fizessem.*

*Nesse caso, não bastaria compenetrar-nos da moral do Evangelho para nos conduzirmos convenientemente?* — O Evangelho ensina os principios fundamentaes; mas ha muitos preceitos particulares que delles se derivão, e que alli se não poderião mencionar. Muitos desses preceitos podem até variar, segundo os tempos e os paizes. A civilidade, tal qual se deve entender, abrange não só a polidez dos costumes, mas tambem a decencia e a polidez das maneiras.

*E convirá ser civil mesmo para com as pessoas grosseiras?* — Sem duvida: para que o sejam menos, é preciso trata-las com brandura, benevolencia e polidez. Então o

encanto que se liga a tudo quanto apresenta o cunho da doçura, as attrahe e ganha insensivelmente, e acaba por inspirar-lhes o desejo de imitarem aquelles que as tratão com tanta amabilidade; assim, facil é de conceber quanto um tal procedimento é vantajoso, tanto para uns como para outros.

*Que se deve porém pensar de certos usos da sociedade que parecem frívolos á primeira vista?* — Toda a pessoa bem educada deve conformar-se com elles. Os homens nascidos para viverem juntos, nascêrão tambem para se tornarem agradaveis uns aos outros; e aquelle que não observasse as leis da decencia e da civilidade, indispondo as pessoas com quem convivesse, collocar-se-ia no caso de ser julgado desfavoravelmente.

*E porque?* — Porque ordinariamente não se julga das pessoas senão pelas apparencias; ora, se as suas maneiras forem incivis, conclue-se que são a consequencia do seu character e dos seus costumes. Pensa-se, e com razão, que todo aquelle que procura emancipar-se das leis da civilidade, pertende dar largas a seus defeitos.

*E não será para recear que essa civilidade, tão insinuante, degenerere em dissimulação?* — Nesse caso, não seria mais do que hypocrisia de civilidade: a verdadeira dimana do coração, como já se disse, e desenvolve-se por uma feliz cultura.

*Então pôde-se aprender civilidade por meio de lições?* — Certamente.

*E será necessario esperar a occasião de apparecer no mundo para aprender civilidade?* — Esperar esse momento seria grande erro. A civilidade tendo por fim extirpar, em certo modo, os vicios que procedem de um espirito rude e de um genio pouco sociavel, é uma das partes essenciaes da *educação primaria*.

*Logo deve ensinar-se á infancia?* — Desde que a razão da creança começa a despontar, deve-se-lhe dar o preceito e o exemplo: é preciso que os principios da civilidade se desenvolvão n'ella com as suas faculdades.

*E não se dá assim grande importancia á civilidade?* — A sociedade é quem lhes dá essa importancia, não sem fundamento, como se acaba de notar.

*Que razão pôde ainda haver para isso?* — A civilidade faz-nos reprimir os nossos defeitos. É, em certo modo, uma barreira que os homens põem entre si para evitarem a corrupção.

*Então não bastaria ser virtuoso?* — Não. A civilidade é o complemento indispensavel da virtude: é mesmo a fiel expressão das virtudes sociaes.

*Como se deverá considerar um curso de civilidade?* — Como um curso completo de educação moral, e é debaixo desse verdadeiro aspecto que vamos encara-lo. Depois de havermos tratado no principio d'este MANUAL, (de pag. 3 a 27) dos deveres mais rigorosamente indispensaveis, isto é, daquelles que nos são impostos, tanto a respeito dos nossos superiores, como dos nossos inferiores e iguaes, occupar-nos-hemos das leis da decencia e dos usos admittidos, notando sobre este ultimo ponto tudo quanto principalmente é util na sociedade.

### DAS LEIS DA DECENCIA E USOS ADMITTIDOS

*Que differença ha entre os deveres de que tratámos n'esta obra (de pag. 3 a 27) e aquelles que se comprehendem debaixo do titulo de leis da decencia e usos admittidos?* — Esta: que os primeiros fazem parte da moral de todos os povos; emquanto que os ultimos varião algumas vezes, segundo os tempos e os lugares.

*Que se entende por leis da decencia em relação á civilidade?* — Entende-se o que parece bem, ou o que é conveniente, isto é, conforme ao decoro.

*Que se entende por usos admittidos?* — Certas formulas que se introduzem na politica ou cortezia, e que tem sua importancia na sociedade. Ganha-se sempre em observalas, e póde-se perder muito, deixando de o fazer. As boas maneiras que se desprezão como bagatellas são, muitas vezes, o que faz com que os homens se tenham uns aos outros em bom ou máo conceito.

### DO ACEIO

*O aceio faz parte da civilidade?* — Um dos pontos da civilidade é agradar aos nossos similhantes, e não o conseguiríamos, por certo, com a falta d'aceio.

*E não offerece o aceio ainda outra vantagem?* — Contribue para a conservação da saude, o mais precioso de

todos os bens, e o mais necessario para o cumprimento dos nossos deveres.

*Em que consiste o aceio?* — No cuidado que respeita ao corpo, ao fato e á casa que se habita.

*Que se deve fazer pela manhã ao levantar-se da cama?* — Lavar as mãos, a cara, o pescoço, os ouvidos, cortar as unhas, se estiverem crescidas, limpar os dentes e pentear-se. O cuidado da hõca tem por objecto, tanto a conservação dos dentes como não incommodar, com um halito desagradavel, as pessoas a quem se falla.

*Será necessario lavar as mãos muitas vezes ao dia?* — Todas aquellas que se tocar em alguma cousa que as suje, e geralmente lavão-se antes e depois de cada comida.

*Que cuidado exigem os pés?* — Devem-se lavar o mais a miudo possivel, e pelo menos de dois em dois dias, principalmente no verão, em que podem ter um cheiro que incommode.

*O que contribue mais para o aceio do corpo?* — Os banhos, summamente uteis para a saude. A maior parte dos povos da antiguidade fazião uso d'elles, não cinco ou seis vezes por anno, mas todos os dias. Moysés, na lei que deu aos Hebreus, obrigou aquelle povo a frequentes abluções. Ainda hoje os povos do Oriente conservão o saudavel uso dos banhos, mais indispensaveis, na verdade, naquellas regiões do que nos nossos climas.

*Então bastará ter aceio no corpo?* — Não : é tambem necessario que o haja no fato.

Póde-se trazer bellos e ricos vestidos, e não andar aceiado. Com fato usado, de panno ordinario, o homem, que préza o aceio, e que se não esquece das attenções que deve ter para com os seus semelhantes, sabe sempre apparecer convenientemente.

*Que é necessario para apparecer convenientemente?* — Não consentir no fato salpicos de lama, nodoas de gordura, rasgões, etc.

*E observando-se o que se acaba de avançar, poder-se-ha dizer que se anda aceiado?* — Ainda que aquillo que se disse seja o mais essencial, em apparencia, não é bastante : é necessario que haja tambem aceio na roupa branca. Na falta de ricos vestidos, que nem a todos é dado trazer, trazendo-se roupa lavada, está-se sempre decente. O adorno do pobre é o aceio, que o dispensa dos outros que não dispensão o rico do aceio.

*Convirá conformar-se com a moda?* — Deve seguir-se

tanto quanto as circumstancias de cada qual o permittirem, mas sem affectação; e aquelle que muito visivelmente se affastasse della, tornar-se-ia singular.

*O que se acaba de dizer do homem poderá ter applicação á mulher?* — Ainda com mais razão: os vestidos das mulheres, mais captivos ou sujeitos a enxovalhar-se do que os dos homens, e os seus cabellos muito mais compridos, exigem o maior cuidado. Uma menina deve pois costumar-se cedo ao aceio, e a não consentir no seu corpo cousa alguma enxovalhada, visto que o aceio é um dos seus mais bellos adornos,

*E não prescreve a civilidade outros preceitos sobre o mesmo assumpto?* — A civilidade repelle tudo quanto é contrario ao aceio; assim, não se deve coçar a cabeça, passar os dedos por entre os cabellos, esgaravatar o nariz, roer as unhas, etc.

*Que cuidado deve haver ao assoar-se?* — As pessoas acceiadas, regulão-se habitualmente pela bainha do lenço, procurando-a com a unha do dedo pollegar, a fim de se assoarem sempre do mesmo lado. Peccará contra as leis da civilidade aquelle que tiver sempre o lenço na mão, gesticular com elle, e o puzer em cima de uma mesa ou de outro qualquer movel.

*É permittido cuspir no chão?* — Quem tal fizesse em uma casa conservada com aceio, passaria por incivil, e muito mais ainda se houvesse escarradores. Se porém os não houver, e não fôr possível deixar de escarrar, convirá, ou retirar-se para parte aonde se possa fazer, sem incorrer em censura, ou cuspir no lenço, procurando que os outros o não percebão.

*Que cuidado deve ter a pessoa que espirra ou tosse?* — Pôr o lenço diante do nariz para não incomodar com os espirros aquelles juntos dos quaes estiver. Estando entre duas pessoas aquelle que tossir, deve inclinar-se para diante, tapando a bôca com o lenço ou com a mão. Á mesa, maior cuidado deve ainda haver a este respeito, para não tossir ou espirrar em cima dos pratos; quem o contrario praticasse, daria prova de falta de educação.

*Será incivil apagar a luz com um assopro?* — Na falta de espevitadeira ou de apagador, é licito faze-lo, tendo o cuidado de se virar para o lado, mas nunca com os dedos. Assopra-la na cara das pessoas presentes seria grande incivilidade.

*Não ha ainda outros preceitos que aqui se omittem?* —

Quem se houver compenetrado dos principios geraes, e desejar acertar, facilmente conhecerá, pela attenta observação dos outros e de si mesmo, aquillo que convirá praticar em uma immensidade de circumstancias, que aqui se não podem prever, e por isso passaremos a outro assumpto.

#### COMO SE DEVE ESTAR DIANTE DE PESSOAS DE RESPEITO

*Qual é a razão por que a postura do corpo faz parte da civilidade?* — Por isso que manifesta o respeito e a attenção que se tem para com as pessoas diante de quem se está.

*Quaes são as principaes recommendações que a este respeito convém fazer?* — Deve-se evitar a negligencia, que prova, de ordinario, ignorancia ou esquecimento das leis da decencia. A affectação é o excesso contrario, de que igualmente se deve fugir. Os mancebos, principalmente, devem esmerar-se em que todas as suas palavras e todos os seus movimentos patenteem a sua attenção, ou o seu respeito para com as pessoas a cuja sociedade são admitidos.

*Que se deve observar quando se está em pé?* — Não se curvar, nem inclinar a cabeça com affectação, nem tampouco levanta-la demasiado, para não ser tido em conta de altivo. Commetterá uma incivilidade aquelle que se encostar á parede, aos moveis, principalmente á cadeira de outrem, fizer trejeitos, etc.

*Qual é pois a melhor postura quando se está em pé diante de pessoas de respeito?* — Ter a cabeça e o corpo direitos, os braços cahidos, mas um delles algum tanto dobrado, tudo sem affectação, e os pés pouco affastados.

*Que postura deve guardar quem está sentado?* — A mais modesta e a menos incommoda para os que se acharem a seu lado. Não deve sentar-se atravessado, nem passar o braço pelas costas da cadeira. É incivil adormecer, bocejar, recostar-se, balancear-se, cruzar as pernas, descansar os pés nas travessas das cadeiras, esfrega-los no sobrado, levantar-se sem precisão quando todos estiverem sentados, ficar sentado quando os outros se levantarem, e descansar a cabeça na mão.

*Qual deve ser a nossa postura andando?* — Com pouca differença, a mesma que quando estamos em pé; convindo advertir que o movimento do braço deve ser natural, isto é, sem affectação, e que aquelles que andão com certa cadencia ou precipitação, se tornão dignos de censura.

#### DOS ENCONTROS NOS PASSEIOS

*Convirá cortejar todas as pessoas do nosso conhecimento que encontrarmos?* — Sem duvida.

*E para cortejar um inferior será preciso esperar que elle o faça?* — Quem assim praticasse seria tido em conta de orgulhoso. Todas as pessoas bem educadas são as primeiras a saudar qualquer conhecido.

*Que se deveria pensar daquelle que por soberba não correspondesse a uma cortezia?* — Similhante procedimento seria muito reprehensivel. O superior deve retribuir a cortezia ao seu inferior; e toda a pessoa dotada de sentimentos nobres, sabe distinguir-se pela maneira affavel por que preenche esse dever.

*Logo, um superior não deve cortejar os seus inferiores, parecendo que lhes faz favor?* — Não, por certo. A cortezia de favor ou protecção, como se costuma dizer, apresenta um cunho d'estulticia, que produz peor effeito para quem a emprega do que para aquelle a quem é dirigida.

*Não ha occasiões em que se deve cortejar as pessoas que se encontrão, embora não sejam conhecidas?* — Em qualquer lugar particular, e até mesmo publico, não se deve passar por diante de uma pessoa a quem se possa incomodar sem a cortejar, e pedir-lhe desculpa. Em algumas partes no campo, é costume cortejar todas as pessoas que se encontrão.

*O modo de cumprimentar é sempre o mesmo?* — Não: ha diversos, e até varião segundo as pessoas. O cumprimento deve ser respeitoso para com um superior; cordeal e civil para com um igual; affavel e benevolo para com um inferior.

*Não haverá alguma recommendação a fazer ás creanças a respeito do seu modo de cumprimentar?* — Devem evitar, em geral, deitar para traz o pé direito ou o esquerdo, como se quizessem esmagar alguma cousa. Este modo de cumprimentar, aliás muito usual entre a gente do cam-

po, procede sem duvida do antigo costume de dobrar o joelho.

*Será necessario deter as pessoas a quem se cumprimenta?*—Não: salvo se se tiver com ellas intimas relações, ou alguma cousa a communicar-lhes. Do contrario, cortejar e seguir o seu caminho, eis o que mais convirá praticar, principalmente a respeito de um superior.

*Deve uma senhora ser a primeira a cumprimentar um homem?*—Entre parentes e pessoas de intima amizade, não se torna isso reparavel; mas, em geral, uma senhora não deve cumprimentar primeiro um homem, nem detelo senão no caso de ter sobre elle uma reconhecida superioridade.

*Que attenção deverá ter aquelle que parar para fallar a um superior, ou a uma senhora?*—Conservar o chapeo na mão até lhe dizerem que se cubra.

*Deve-se mandar cobrir todas as pessoas que se encontrão e nos tirão o chapeo?*—Não: isso só é permittido de superior para inferior, ou de igual para igual.

*Pòde-se dar a mão a todos sem distincção?*—Unicamente de superior para inferior, ou de igual para igual. Um inferior nunca deve ser o primeiro a dar a mão ao superior.

*Parecerá bem repetir o nome das pessoas todas as vezes que se lhes dirigir a palavra ou responder?*—Não: de inferior para superior, ou de igual para igual denota falta de educação. Deve dizer-se: *meu senhor, minha senhora, ou senhor F...*, sem receio de prodigalisar estas qualificações. Só a personagens e a certos superiores é permittido nomear as pessoas pelo seu nome; e isso com o louvavel fim de lhes provar que as reconhecem, que se não esquecerão dellas, ou de lhes dar uma prova de familiaridade, que é sempre muito lisongeira.

*Que perguntas convirá evitar, quando se encontrão pessoas com quem se não tem familiaridade?*—Em tal caso, nunca se deve dizer: *D'onde vem? Aonde vai?* o que seria uma indiscrição. Em geral, deve-se evitar toda a pergunta que possa indicar curiosidade.

*Que se deveria pensar daquelle que se detivesse na rua para olhar fixamente para alguém, sem ter cousa alguma a dizer-lhe?*—A pessoa que assim praticasse commetteria uma imprudencia que poderia ter desagradaveis consequências.

*Por esta occasião, diga quaes são os tratamentos de que*

*hoje se usa em Portugal?* — Se bem que se achão regulados por lei (1), comtudo está admittido dar-se, por politica, ás senhoras o tratamento de *Excellencia*, assim como aquelles que tem o titulo: *do Conselho de Sua Magestade*; e o de *Senhoria*, ás pessoas que occupão uma decente posição na sociedade.

#### DAS VISITAS

*Que se deve pensar das visitas em geral?* — As visitas tem a vantagem de estabelecer e manter entre os homens relações mais intimas do que aquellas que o trato momentaneo pôde occasionar.

*Que utilidade offerecem, entre outras, as visitas de boas festas?* — Uma utilidade inapreciavel, immensa, a de operarem, muitas vezes, reconciliações entre parentes e amigos que não estão na melhor intelligencia.

*É indispensavel pagar promptamente uma visita?* — A civilidade pede que se paguem, quanto antes, as visitas que se recebem das pessoas com quem se não tem familiaridade.

*Que deverá porém praticar uma pessoa a quem se não pagar a visita?* — Abster-se de visitar a pessoa que assim obra a seu respeito, e isso pelo receio de se tornar importuna.

*Não ha comtudo casos em que não é de rigor pagar visita por visita?* — Entre amigos e parentes, não se contão as visitas. Um protector não é obrigado a pagar a visita ao seu protegido; porém quando o fizesse, mostraria mais grandeza d'alma e summa delicadeza. Uma visita retribuida por um superior, é sempre um signal de bondade da sua parte.

*Não terá por ventura estabelecido o uso certos casos em que as visitas se tornão uma obrigação?* — Além das visitas de boas festas, obrigatorias, de inferior para superior, deve-se visitar as pessoas de quem se acaba de receber um favor, para assim lhes dar uma prova de reconhecimento.

*Em que casos pede tambem a civilidade que se visitem os*

(1) Veirão-se as leis de 16 de Setembro de 1597, 29 de janeiro de 1793, os Alvarás de 15 de Janeiro de 1759, 2 de Julho de 1764, e a obra intitulada *Tratado juridico das pessoas honradas*, escripto segundo a legislação vigente á morte d'El-Rei D. João VI.

*amigos e os parentes?*— Quando a seu respeito se dá alguma circumstancia de que lhes possa resultar prazer ou desgosto. Quanto ás visitas, no primeiro destes casos, são chamadas de *parabens* ou *felicitação*; no segundo, *visitas de peza-mes* ou *sentimento*. Assim como é do nosso dever visitar os nossos amigos, quando estão doentes, assim tambem devem estes, apenas se acharem restabelecidos e sahirem á rua, ser pontuaes em corresponder á attenção que para com elles tivemos.

*É por ventura de obrigação para uma menina ou uma senhora visitar um homem?*— Não: a decencia não o permite. Em geral, uma senhora não deve fazer outras visitas a um homem senão aquellas que estão auctorizadas pela gratidão, ou pelas relações de uma antiga e respeitosa amizade.

*Não ha prazos dentro dos quaes é de rigor fazer certas visitas?*— Ha por certo: as visitas de boas festas são consideradas taes desde o dia do Natal ou de Anno Bom, até ao dia de Reis (1). Um convite para um jantar de formalidade ou etiqueta, ou para um baile, etc., exige uma visita dentro do praso de oito dias. Está hoje admittido cumprir esse dever por meio de bilhetes de visita, dobrando-se-lhes um dos cantos para assim mostrar que se foi pessoalmente.

*Estará tambem admittido agradecer um favor por meio de um bilhete de visita?*— Algumas vezes; e neste caso, escreve-se a certa distancia, por baixo do nome, o seguinte: *a agradecer*. Ha porém outros em que é preciso faz-lo pessoalmente; mas então convém que a visita seja o mais curta possivel, principalmente de inferior para superior. Para isso, é necessario indagar o momento em que não possa causar incommodo; devendo evitar-se, em geral, fazer visitas, principalmente a senhoras, quer seja antes do meio dia, quer a horas de jantar.

*Qual é o primeiro cuidado que se deve ter ao chegar á porta da pessoa a quem se vai visitar?*— Sacudir a poeira do calçado, e limpar bem os pés no capacho, se o houver fóra da porta. Depois de tocar á campainha, ou bater á porta, mas brandamente, e só quanto baste para os criados ouvirem. Se depois de ter batido á porta tres ou quatro vezes, não vierem abrir, convirá metter por baixo da

---

(1) Algumas pessoas, seguindo ainda o costume antigo, começam a fazer taes visitas no dia de Natal, principalmente os ecclesiasticos.

mesma porta um bilhete de visita, ainda quando haja tenção de voltar.

*Que pede a civilidade que se observe quando se acha a chave na porta, ou mesmo a porta aberta?* — Que se bata de vagar, e se espere, salvo se alguém de dentro mandar entrar. Neste ultimo caso, deve-se dizer o nome para ser anunciado ao dono da casa.

*Que deverá fazer aquelle que fôr obrigado a esperar n'uma sala ou ante-sala?* — Abster-se de tocar em cousa alguma do que vir em cima das mesas, a não ser nos livros de estampas ou *albums*, que costuma haver em muitas casas, para entreter as pessoas a quem se manda esperar.

*Que cuidado convirá ter aquelle que levar capa, albornoz, ou galochas?* — O de as deixar na casa de espera, ou entrega-las a algum dos criados que appareça para introduzir as visitas.

*Que se deve observar quando o dono da casa estiver occupado a fallar com alguém, ou a fazer alguma cousa?* — Em lugar de o interromper, pede a civilidade que se espere de parte, até que haja concluido aquillo que o occupar.

*Que cumpre praticar em um sarau ou baile para que se haja recebido convite?* — Logo que se entrar na sala, deve-se procurar o dono, a dona da casa e mais familia, se a houver, para os cumprimentar, e depois as pessoas com quem se tiver conhecimento ou relações de amizade.

*Será necessario largar o chapéo em quanto dura a visita?* — Não: um homem deve conserva-lo na mão, ou sobre os joelhos estando sentado; e só o porá de parte quando lhe pedirem que o faça. N'um baile, porém nunca o deve largar, por isso que o chapéo serve de compostura. Quanto ás senhoras que forem visitar outras, não devem tirar o chapéo nem o chaile, sem para isso serem instadas pelos donos da casa.

*Póde um homem pôr o chapéo em cima de uma cama?* — Não: e peccaria contra a decencia aquelle que o collocasse sobre a de pessoa de outro sexo.

*Que convirá praticar ao retirar-se depois de feita a visita?* — Dispôr o dono ou donos da casa com algumas palavras de prevenção: levantar-se, depois saudar, e retirar-se sem precipitação. N'uma reunião numerosa é mais simples a sahida: neste caso, convém ausentar-se de mo-

do que se não perceba, e isto tanto por modestia, como para não causar incommodo aos outros.

*Não ha por ventura certas formulas vulgares que se empregão, e que devem ser banidas na maior parte das visitas?* — N'uma visita de cerimonia, principalmente, seria incivil usar destas expressões que revelão má educação: *Bons dias, boas noites, adeus*; por isso que só podem ter lugar entre pessoas muito familiares.

*Deve a pessoa que faz a visita consentir que o dono da casa a acompanhe á porta?* — Se o dono da casa quizer acompanhar até á porta da sala ou da escada a visita, deve esta pedir-lhe, com toda a polidez, que se não incomode, e manifestar-lhe ao mesmo tempo o seu reconhecimento pela sua attenção.

*Deve uma senhora acompanhar um homem até á porta?* — Não: as senhoras não se levantão geralmente quando um homem entra ou sahe, mas correspondem com toda a urbanidade ao cumprimento que lhes dirigem.

*Que pede a civilidade que o dono da casa pratique quando a visita é uma senhora?* — Que lhe offereça o braço, e a acompanhe até á porta da rua, e mesmo a sua casa, se fôr de noute, uma vez que não tenha vindo com algum parente.

*É permittido fazer esperar muito tempo as visitas antes de lhes fallar?* — Commettería grande incivildade quem assim praticasse. Se por qualquer motivo se não puder ir logo recebe-las, convirá encarregar alguém de lhes pedir desculpa pela demora involuntaria.

*Não tem o dono da casa outros deveres a cumprir?* — Tem, por certo: deve retribuir polidez com polidez; pôr-se em pé logo que a visita entra; dirigir-se para ella; manda-la sentar no melhor lugar (por melhor lugar entende-se o sofá, a ottomana ou o canapé); n'uma palavra, deve ter para com ella todas as attensões possiveis, sobretudo se a visita fôr de senhora.

*Que deve observar a pessoa que visita um doente?* — Demorar-se o menos tempo possível, salvo se lhe puder ser de alguma utilidade. Excepto este caso, convirá fallar pouco e baixo, e não dizer cousa alguma que possa inquietar ou incommodar o enfermo.

*Que ha a observar quanto ás visitas que se fazem por meio de bilhetes?* — Entre pessoas pouco relacionadas tem a grande vantagem de poupar, muitas vezes, a uns e outros não pèquena insipidez, ao mesmo passo que são uma

prova de attenção ou deferencia. Entre amigos com quem se tenha familiaridade, póde-se dispensar essa formalidade.

*Quando as pessoas a quem se vai visitar se achão ausentes, bastará deixar um bilhete de visita para todas? —* É mais polido deixar um para cada uma das que se ião visitar, principalmente se forem casadas, não esquecendo de os dobrar n'um dos cantos, para mostrar que aquelles que os entregárão forão pessoalmente, como dito fica. Taes attenções raras vezes deixão de ser devidamente apreciadas e de agradar.

*Que deverá praticar um homem que fór com sua mulher visitar outra senhora casada, e não a achar em casa? —* Deve deixar dois bilhetes, um para o dono, e outro para a dona da casa, e sua mulher tão sómente um para a senhora.

*Que pede a civilidade que pratique aquelle que fór obrigado a ausentar-se do lugar da sua residencia? —* Que se despeça dos seus superiores, e das pessoas com quem mantiver relações de amizade. Querendo para esse fim usar de bilhetes de visita, escreverá por baixo do nome, e quasi na extremidade do mesmo bilhete, o seguinte: a *despedir-se* ou simplesmente *a. d.* Muitas pessoas usão das tres iniciaes *p. p. c.* que, na lingua franceza, querem dizer: *pour prendre congé*, e significão o mesmo que acima fica dito.

*Que pede tambem a civilidade que se pratique a respeito daquelles que assim procedem? —* Que se lhes pague a visita antes da sua partida, cabendo no possivel; do contrario, logo que se saiba do seu regresso.

*Deve a pessoa que chega pela primeira vez a uma terra ir logo visitar os seus amigos ou conhecidos, ou esperar que elles o fação? —* Em Portugal, é costume visitar primeiro os recém-chegados; comtudo nem sempre se observa á risca este uso, mórmente quando, entre uns e outros reina verdadeira amizade. Esta pratica tambem se altera a respeito de inferior para superior.

#### DO JOGO E DAS PRENDAS, OU ARTES DE RECREIO

*Como se deve conduzir uma pessoa ao jogo? —* Evitando tudo quanto possa indispor os parceiros. Com effeito

nada é mais incivil nem mais digno de censura do que encolerisar-se quando se perde, ou manifestar uma excessiva alegria quando se ganha. Se por ventura um parceiro não jogou bem, pede a politica que se advirta com toda a urbanidade, e aquelle que assim não praticasse, e usasse de termos pouco comedidos, daria uma triste idéa da sua educação.

*Podem as creanças tomar parte nos jogos de sociedade?* — Não: os divertimentos ou exercicios proprios da sua idade são aquelles que mais lhes convém, comtanto que sejam moderados.

*Quaes são os jogos de que se deve fugir?* — Os de parar. Em geral, jogar a dinheiro é muito perigoso; pois, n'esse caso, o jogo degenera em paixão, e póde ser a origem de mil excessos que arruinão, e muitas vezes deshonnão as familias. Quantas pessoas dadas a este vicio, não tem tido mais motivos para lamentar o haverem ganhado do que o terem perdido!

*É permittido jogar forte mesmo aos outros jogos?* — Nada é mais perigoso: o jogar não deve ser considerado como especulação, mas sim como uma distracção honesta e desinteressada.

*Que se pensaria de uma pessoa que trapaceasse ao jogo, por mais insignificante que este fosse?* — Aquelle que o fizesse daria lugar a suppôr que em qualquer outra circumstancia se não haveria com lizura. É pois de summa importancia não abusar jámais da boa fé dos outros, e conservar uma escrupulosa lealdade, assim no jogo como em tudo o mais.

*Dever-se-ha continuar a jogar com as pessoas que se affligem quando perdem?* — Quando se ganha, não parece bem levantar-se da mesa, mórmente se se joga com pessoas sensiveis á perda; salvo se alguma circumstancia a isso obrigar, e em tal caso, convirá pedir desculpa aos parceiros nos termos mais attenciosos.

*Parecerá bem, quando uma pessoa sabe cantar ou tocar algum instrumento, fazer-se rogar para os mais a ouvirem?* — Não: deve prestar-se com toda a modestia ao que se lhe pede, caprichando, mas sem a minima affectação, em desempenhar a sua tarefa o melhor que possa ser. Isto que aqui se diz deve tambem applicar-se a todas as nossas acções.

MODO DE SE CONDUZIR NA RUA E EM QUALQUER  
LUGAR PUBLICO

*Que se deve observar ao sahir de casa?* — Regular o passo de modo que não seja nem precipitado, nem demasiado vagaroso, como já se disse; fugir de dar encontrões ou acotovelar quem fôr passando; de gesticular e salpicar de lama por falta de cuidado as pessoas com quem se acompanhar.

*É permittido fallar alto nos lugares publicos?* — Além de parecer mal levantar a voz a ponto de todos ouvirem o que se diz, commette-se sempre uma imprudencia.

*Tornar-se-ha digno de censura aquelle, que comer na rua ou em outro qualquer lugar publico?* — Sem duvida, pois só ás creanças é permittido faze-lo.

*Póde-se mostrar alguém apontando com o dedo?* — Quem o fizesse commetteria uma grande incivilidade, de que poderia resultar-lhe não pequeno desgosto.

*Que deverá praticar-se a respeito daquelles com quem se anda passeando?* Se fôr homem, e pessoa de respeito, deve-se-lhe dar a direita; e se fôr senhora, offerecer-lhe o braço que mais lhe convier, se bem que este ultimo uso vai desaparecendo, pois hoje já muitos cavalheiros deixão de levar pelo braço as senhoras que acompanhão, e isto com o fim de as não incommodar. Um homem póde dar ou metter o braço, de superior para inferior, ou de igual para igual, mas nunca de inferior para superior. Se porém forem tres as pessoas que andarem passeando, deverá dar-se o lugar do meio á de mais respeito.

*Que convirá observar para com as pessoas com quem se fôr de carroagem?* — Ás senhoras deve um homem offerecer a mão para as ajudar a subir, e dar os melhores lugares ás de maior consideração. Os melhores lugares são os da direita e da esquerda do assento de traz; no assento de diante, o melhor lugar é o da direita. Uma senhora nunca deve ser a primeira a subir para a sua carruagem, se fôr com outras; e neste caso, pede a civilidade que não occupe o melhor lugar. Um homem deve ser o primeiro a sahir, a fim de ajudar a aprear as senhoras com quem fôr. Aquelle que tiver carruagem sua, deverá praticar o mesmo, em relação aos

lugares, salvo se fór com individuos com quem tenha familiaridade.

Em geral, as attentões prescriptas pela civilidade devem ser observadas por todos, e para com todos, sem excepção.

#### DO MODO DE CONDUZIR-SE NAS IGREJAS

*Quaes são os lugares publicos aonde se deve estar com maior veneração e respeito?* — As igrejas, e outros lugares consagrados ao culto.

As principaes regras que a civilidade estabelece sobre o modo de se portar nas igrejas, derivão-se do respeito ilimitado que se deve ao Ente Supremo. Na casa de Deus ninguém se deve apresentar senão vestido de modo que não offenda a moral.

*Que se deve pois observar na igreja?* — Conservar-se em pé, sentado ou de joelhos, segundo o exigirem as diversas ceremonias do culto; abster-se de um olhar que possa offender a decencia; de andar de um lado para o outro, e de conversar como se se estivesse n'uma casa particular; finalmente, de perturbar a devoção das pessoas religiosas. Quando passarmos diante de um altar é do nosso dever inclinar-nos profundamente.

*Convirá ao entrar e ao sair da igreja offerecer agua benta áquelles com quem se acompanha?* — Sim: é uma attentção que nunca deixão de observar as pessoas polidas e religiosas.

#### DA COMIDA EM GERAL

*Póde-se prescindir, quando se janta em casa, e sem cerimonia, de uma infinidade de usos que a civilidade prescreve?* — De modo algum, pois uma tal negligencia nos exporia a perder sensivelmente certas maneiras que logo dão a conhecer as pessoas bem educadas.

*Qual é o principal cuidado que se deve ter antes de se sentar á mesa?* — O de lavar as mãos, se não estiverem bem limpas. Antigamente havia em muitas casas de jantar um lavatorio para esta especie de ablução antes e depois da comida.

*Como convirá estar á mesa?* — Nem muito proximo, nem muito distante do talher, nem tampouco recostado á

cadeira ou inclinado para diante. É incivil firmar os cotovellos na borda da mesa; quando muito, póde-se encostar o punho, mas levemente.

*Qual é o uso do guardanapo?* — O guardanapo serve para preservar de nodoas os vestidos, e tambem para limpar os dedos e os beiços. Muita gente entende que se não deve desdobrar sem que o dono ou a dona da casa dê o exemplo; mas é indifferente ser o primeiro ou o ultimo a faze-lo.

*Como se ha de pegar na colher?* — Descançando o cabo no indice e no dedo do meio da mão direita, e amparando-o com o dedo pollegar. Os francezes pegão sempre no garfo com a mão direita, excepto quando precisão cortar algumas iguarias; então, e só então, pegão nelle com a mão esquerda, e na faca com a direita; e depois tornão a passar o garfo para esta ultima, a fim de levar a comida á boca.

*Que se deve fazer quando se come a sopa?* — Não encher demasiado a colher, nem assoprar.

*Será necessario servir-se tambem do garfo quando se come a sopa?* — O uso não o permite.

*Convirá partir com a mão ou cortar com a faca o pão que se põe a cada pessoa?* — Hoje está geralmente admitido parti-lo com a mão, e em pequenos pedaços.

*Como se tira o sal ou a pimenta?* — Com a ponta de uma faca limpa, ou com uma colherinha propria para esse uso; mas nunca com os dedos, nem com o cabo de colher de sopa, como algumas pessoas fazem.

*De que maneira se ha de pegar no copo para pedir vinho, agua, ou para o levar á boca?* — Com o dedo pollegar, o indice e o dedo grande da mão direita. Não se deve beber quando a boca estiver cheia, nem consentir que se encha o copo demasiado para o não entornar pela toalha. Deve-se beber de vagar, e limpar depois a boca ao guardanapo.

*Não ha, por ventura, varios preceitos de civilidade sobre a maneira por que se deve comer?* — Sem duvida: os ossos collocão-se na borda do prato: é indicio de má educação tocar nas viandas, e leva-las á boca com a mão, lamber os dedos, a colher, o garfo, a faca, ou limpá-los á toalha; em uma palavra, deve-se comer com o maior aceio possivel, procurando mesmo faze-lo com certa graça.

*Não há ainda outras recommendações a fazer sobre o*

*modo de se conduzir á mesa?* — As creanças, principalmente, devem estar com maior respeito. Peccaria contra a civilidade aquelle que pedisse ser servido primeiro, e levasse a comida ao nariz, ou a dêsse a cheirar a outrem. Quando o prato que se põe diante de cada pessoa tiver servido, deve-se esperar que os criados tragão outro. Se porém elles se demorarem em muda-lo, pede-se-lhes, com boas maneiras, que o fação. Parece mal ter a colher, o garfo ou a faca levantados para o ar; encher demasiadamente a boca; coçar-se, tossir sem pôr a mão ou lenço diante da boca, e bem assim escarrar, ou fallar em coisas imundas ou que causem asco.

*Que convém praticar quando na comida se achar alguma cousa que repugne ao estomago?* — Faze-la desaparecer, sem que os outros o percebão, isto é, occultando-a debaixo da comida.

*Que cuidado deve ter quem trincha, ou corta alguma cousa no proprio prato?* — O de não entornar o molho pela toalha, nem salpicar aquelles ao pé de quem estiver.

*Que exige a civilidade que se observe quando se estiver ao lado de uma senhora ou outra pessoa de respeito, e acontecer que venha passando um prato de mão em mão?* — Que se offereça a essa pessoa, antes de se servir.

*Que devemos observar, quando o dono ou a dona da casa nos offerece uma iguaria?* — Não a passar a outrem, sob pena de ser tido em conta de incivil; convindo advertir que se deve agradecer, quando se aceita, ou pedir desculpa, no caso contrario.

*Em que comida se pôde pegar com a mão, estando á mesa?* — Nos espargos, nas alcachofras, nos rabanetes, na fructa, nos pasteis, doces seccos, e outras cousas que não são susceptiveis de sujar os dedos.

*Parecerá mal comer a fructa ás dentadas?* — Sem duvida: é tão incivil faze-lo, como grosseiro e perigoso partir os caroços com os dentes. Á fructa, que fôr susceptivel de se pellar ou descascar, deve-se tirar a pelle ou a casca antes de a levar á boca.

*É conveniente, para o aceio da boca, esgaravatar os dentes durante a comida?* — Certamente: mas ao levantar-se da mesa, deve-se pôr o palito de parte; e aquelle que andasse pela rua com o palito na boca, ou fosse assim fallar a um superior, ou a uma senhora, seria tido em conta de pessoa pouco delicada.

## DOS BANQUETES OU JANTARES DE CEREMONIA

*Que deve praticar aquelle que deseja dar um banquete? —* Dirigir, quatro ou seis dias antes, ás pessoas a quem quizer convidar um bilhete (1), em papel de pequeno formato, concebido pouco mais ou menos nos termos que se seguem :

*F... roga ao Ill.<sup>mo</sup>, ou ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. F... queira fazer-lhe a honra da sua companhia a jantar em sua casa, no dia... ás... horas.*

No fim da lauda, costuma-se pôr as seguintes palavras : *Pede-se o favor de uma resposta.* A taes convites, exige a civilidade que se responda pouco depois de se terem recebido, a fim de que, dando-se algum motivo que não permita aceita-los, se possa convidar outra pessoa; visto haver nos jantares de cerimonia um numero de talheres determinado para manter a symetria da mesa.

*Qual é a resposta que se deve dar no caso de se aceitar o convite? —* Pouco mais ou menos o seguinte :

*F... aceita, com muito gosto, o obsequioso convite do Ill.<sup>mo</sup>, ou do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. F..., para o dia... ás... horas, e aproveita esta occasião para ter a honra de lhe fazer os seus mais attenciosos cumprimentos.*

Não se aceitando porém o convite, deve-se responder neste sentido :

*F... faz os seus mais attenciosos cumprimentos ao Ill.<sup>mo</sup> ou ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. F..., e sentindo muito que o seu estado de saude (ou outro qualquer motivo) lhe não permita aceitar o convite que S. S.<sup>as</sup> ou S. Ex.<sup>as</sup> se serviu fazer-lhe para o dia... ás... horas, lhe roga que haja de desculpar a sua falta involuntaria.*

Deixar de comparecer a um destes jantares, sem dar uma desculpa, seria grande incivilidade.

---

(1) Taes bilhetes costumão ser lithographados, tendo um espaço em branco para o nome da pessoa que convida e o daquella a quem é dirigido o convite, etc. Tambem se usa de um cartão fino, quadrilongo, em lugar do bilhete, em papel egualmente lithographado.

*Convirá apresentar-se muito antes da hora fixada?* — Não: aquelle que o fizesse, poderia causar desarranjo ao dono da casa. Chegando muito depois, alem de commetter uma incivildade para com elle, incommodaria os outros convidados. A demora é desculpavel, quando não exceda a um quarto de hora, pouco mais ou menos. Assim, o que em taes casos convém praticar, é não comparecer, nem antes, nem muito depois da hora marcada.

*Que deve observar-se ao passar da sala para a casa de jantar?* — Quando o dono da casa é casado, previne o cavalheiro de maior distincção, ou em honra de quem dá o jantar, de que ficará á direita da dona da casa, e a este compete offerecer o braço á senhora, que poderá ser o esquerdo, para que chegando á mesa, fique logo no lugar que lhe foi designado; mas geralmente offerece-se o direito.

Tendo o dono da casa destinado aos outros cavalheiros as senhoras a cujo lado se hão de collocar á mesa, offerece o braço á mais distincta, ou em honra de quem dá o banquete, a qual ficará á sua direita, e dirige-se para a casa do jantar; devendo-se advertir que a dona da casa e o cavalheiro que lhe dá o braço, cedem o passo a todas as outras senhoras convidadas. Quanto aos outros convidados, convém deixar passar primeiro os nossos superiores, ou aquelles que occuparem na sociedade uma posição mais elevada que a nossa. Não havendo senhoras convidadas, deve o dono da casa ser o ultimo, e a dona da casa a primeira a dirigir-se para a casa de jantar com o cavalheiro que lhe der o braço. Se porém algum dos convivas ao chegar a uma porta nos pedir que passemos primeiro, convirá que correspondamos áquelle acto de extrema civildade, detendo-nos para lhe ceder o passo; comtudo se insistir, devemos obedecer, fazendo uma cortezia. Se o numero de homens fôr pouco mais ou menos igual ao das senhoras, deve-se regular os lugares de modo que junto de cada cavalheiro fique uma senhora, separando os maridos das mulheres. Em alguns banquetes costuma-se designar os lugares por meio de bilhetes com os nomes dos convivas postos ao lado dos pratos; n'outros, o dono da casa, ou alguma pessoa de familia tem o cuidado de indicar, antes de ir para a mesa, a cada convidado a pessoa a cujo lado ha de ficar; n'outros finalmente o dono da casa designa, á mesa, quaes as pessoas que devem occupar os

quatro lugares principaes, deixando ao resto dos convivas o tomarem aquelles que mais lhes convierem.

*Quaes são os principaes lugares?* — São á direita e á esquerda da dona da casa, que deve occupar o centro da mesa; e os da direita e da esquerda do dono da casa, que se colloca defronte de sua mulher; convindo advertir que esta ha de ficar virada para o lado da porta por onde se serve. Assim, os dois cavalheiros de maior representação, devem ser collocados de cada lado da dona da casa, e as duas senhoras mais distinctas, á direita e á esquerda do dono da casa. Querem alguns que os melhores lugares depois destes, sejam os primeiros que se seguem ás pessoas que estão á direita do dono e da dona da casa, etc. Se o dono da casa for solteiro ou viuvo, deve pedir a um dos convidados de maior representação o favor de se collocar em frente d'elle, para ambos fazerem as honras da mesa.

*Que cuidado devem ter os donos da casa?* — Velar para que o serviço se faça debaixo de todo o preceito.

*Que deve fazer o convidado a quem se apresenta uma iguaria de que se não queira servir?* — Agradecer polidamente sem explicação. Commetteria grande incivildade aquelle que, n'um jantar de cerimonia, emittisse a sua opinião em voz alta sobre alguma das mesmas iguarias.

*E será permittido ao dono da casa, n'um banquete, gabar a comida, e instar com os convivas para que se sirvão deste ou daquelle prato?* — Não, aquelle que assim obrasse daria lugar a ser criticado.

*Parecerá mal reprehender um criado que commette alguma falta quando anda servindo á mesa?* — Não é civil reprehende-lo diante dos convidados; e quando o dono da casa julgue conveniente adverti-lo, para não cahir n'outra, deve fazê-lo ao ouvido, e sem dar a conhecer que está agastado.

*Estará hoje admittido fazer saudes em alta voz?* — Em um jantar de cerimonia está banido semelhante uso: quando porém se quer beber á saude de alguém em particular, faz-se-lhe um signal com a cabeça, ou manda-se prevenir por um criado. Pede a politica que aquelle a quem se propõe uma saude, corresponda com vinho da mesma qualidade. Quando porém se não dê bem com o estomago, deve ter a attenção de perguntar se se lhe concede corresponder com vinho differente.

*Deve um inferior fazer saudes a um superior?* — Não; mas sim esperar que este lh'as proponha, e corresponder com toda a modestia.

*Quando por um motivo extraordinario ha toasts, ou saudes geraes, n'um banquete, a quem compete propôr a primeira? — Ao dono da casa (1).*

*Que se deve fazer quando no fim de jantar se apresenta um lavatorio para lavar a boca e os dedos? — Tomar do copo que o acompanha a porção de agua necessaria para enxaguar a boca, e enquanto isto se faz, lavão-se os dedos no lavatorio; tendo o cuidado, quando nelle se quizer lançar a agua que estiver na boca, de pôr a mão por diante desta, para não causar nausea aos que estão proximo de nós. Depois de limpar os beiços e os dedos ao guardanapo, põe-se este sobre a mesa, e adiante do lavatorio.*

*Que deve praticar-se depois do dono da casa dar o signal para todos se levantarem da mesa? — Retirar-se para a sala na mesma ordem em que se entrou para a casa do jantar, isto é, dando o braço ás senhoras que se conduzirão, etc. Depois de servido o café, que nunca se deve deitar no pires, convém que os convidados se não demorem muito tempo, salvo se tambem recebêrão convite para passar a noite.*

#### DA CONVERSAÇÃO EM GERAL

*Que entende por conversação? — A conversação é a comunicação de sentimentos e das idéas por meio da palavra.*

*Bastará na conversação fallar correctamente? — Não: necessario tambem fallar convenientemente.*

*E quando se falla convenientemente? — Quando se não diz cousa alguma que possa offender os outros, ou os usos admittidos.*

*Que deve ser a conversação em geral? — Uma pratica ou colloquio benevelo e até instructivo, sem pretensão, entre pessoas que se reúnem, ou seja para tratarem de seus interesses, ou para se distrahirem.*

---

(1) N'um jantar diplomatico, ou de formalidade, dado pelo Chefe de uma Legação para festejar o anniversario natalicio do seu Soberano; compete ao Ministro dos Negocios Estrangeiros fazer uma saude a esse Soberano, levantando-se antes da sobremesa, e dizendo: Meus senhores, proponho uma saude a S. M. El-Rei de, etc. A esta attenção deve corresponder o mesmo Chefe de Legação, propondo, pouco depois, igualmente uma saude ao Soberano, junto do qual se está acreditado, bem como a todos os outros Chefes dos Estados que no banquete se achão representados.

*Que devem, principalmente, observar as creanças?* — Não interromper aquelles que estão fallando, nem propôr questões, ainda mesmo serias e uteis, senão em familia, e quando os outros guardarem silencio. Se se lhes fizer alguma pergunta, é do seu dever responder com modestia, inclinando a cabeça no fim da sua resposta, em signal de respeito.

*De que modo devem as creanças mostrar o seu respeito para com as pessoas presentes?* — Abstendo-se de levantar a voz, gesticular, olhar fixamente para aquelles que lhes fallarem, mostrar distracção, rir ás gargalhadas, bocejar, sem pôr a mão, ou o lenço diante da boca.

*Em que consistem os dois pontos principaes para não desagradar na sociedade?* — Em saber calar-se, e saber ouvir. Ha mais quem se tenha arrependido de ter fallado, do que de haver guardado silencio.

*Não é este preceito especialmente applicavel á mocidade?* — Applica-se a todos, mas especialmente a essa juventude tão inexperiente. Certo philosopho, vendo um joven estouvado, que fallava a torto e a direito, lhe disse judiciosamente: *A natureza dando-nos dois ouvidos e uma só lingua, nos ensina que devemos ouvir muito, e fallar pouco.*

*O que se chama saber ouvir?* — O ouvir sem distracção, e com aquelle respeito que acabamos de recommendar.

*Pôde-se, n'uma reunião, fallar ao ouvido, ou exprimir-se em lingua que as outras pessoas não entendão?* — Uma e outra cousa são contrarias ás regras da civilidade.

*Parecerá mal fallar das horas, ou puxar pelo relógio?* — Só é permittido faze-lo, quando com isso se não queira dar a entender que se acha o tempo longo, ou que se está aborrecido.

*Não ha certos assumptos que se não devem encetar em diversas circumstancias?* — Antes de tomarmos a palavra, convirá conhecer bem a posição social daquelles que nos escutão; não fallar jámais em idade diante de pessoas idosas; em jantares sumptuosos na presença de pessoas que apenas tem o necessario; não gabar a nossa saude diante dos valetudinarios; nem fallar das nossas riquezas diante de pessoas que nada possuem; n'uma palavra, não se deve dizer cousa alguma que possa despertar a inveja ou o sentimento dos que são menos felizes do que nós. A caridade christã, essa mãe da verdadeira felicidade, assim no-lo prescreve.

*Não ha cousas que se devem constantemente respeitar*

na conversação?— Sim: tudo quanto toca á Religião, aos bons costumes, ás leis do paiz deve ser objecto de inviolavel respeito.

*É decente sustentar com protestos e juramentos aquillo que se avançou?*— Um homem de bem, quando profere um *sim* ou um *não*, merece que se lhe dê credito; pois, como diz um grande moralista: *O seu character é sufficiente para acreditar as suas palavras, e inspirar a maior confiança.*

*De que se deve fugir, quando se falla n'uma reunião?*— De imitar aquellas pessoas que a cada frase perguntão se perceberão o que disserão. Deve-se tambem evitar promenores inuteis, fastidiosos, e não repetir o que se disse senão no caso em que a pessoa com quem se falla, não houvesse entendido.

*Que tem a observar a pessoa que escuta?*— O não fazer repetir o que se disse.

*Em que consiste, em geral, o espirito da conversação?*— Em occupar-se muito dos outros, e o menos possível de si.

#### DOS VICIOS E DEFEITOS DA CONVERSAÇÃO

*Não ha vicios e defeitos que se devem temer na conversação?*— Ha, e muitos; os vicios mais notaveis, e por consequente os mais odiosos, são a calumnia, a maledicencia, a mentira; depois a lisonja, a presumpção, o egoismo, a susceptibilidade, o espirito de contradicção, a desconfiança, a curiosidade, etc.

*E observa-se por ventura o que a civilidade prescreve, respeitando-se as pessoas presentes?*— Não: é necessario tambem respeitar os ausentes, sob pena de ser tido em conta de maldizente e calumniador. Dizer mal de alguem na sua ausencia, é uma insigne cobardia; calumnia-lo é um crime horrendo. Nunca se deve pois fallar dos ausentes senão em bem, quando para isso haja motivo, ou para tomar a sua defeza, sendo possível.

*Não se designou a lisonja como vicio?*— Sim: a lisonja, em toda a força da expressão, é uma baixeza do coração, mui funesta, por isso que tende, pelas suas exagerações fallazes, a corromper os homens, inspirando-lhes ou orgulho, ou falta de zelo para o cumprimento de seus deveres.

*Não haverá lisonja n'esses louvores reciprocos que todas*

os dias se estão dando na sociedade?— Não, quando esses louvores são motivados e parcós: pois a lisonja é sempre perniciosa; em quanto que os louvores, dados a tempo e com justiça, são um incentivo para as virtudes e para os talentos.

*Porque se reputão igualmente vicios, a presumpção, o egoismo, a susceptibilidade, o espirito de contradicção, a desconfiança, a curiosidade, etc.?*— Porque prejudicão a sociedade de diversas maneiras. O egoismo pertende tudo para si; a susceptibilidade irrita-se e offende-se muitas vezes sem motivo algum; o espirito de contradicção excita disputas; a desconfiança faz nascer a desconfiança; a curiosidade importuna e inquieta. Estes vicios, e outros mais ainda, mas principalmente a calumnia, a maledicencia, e a mentira, são os maiores flagellos da conversação, e destroem todo o seu encanto.

*Diga quaes são os defeitos da conversação?*— Enumera-los todos seria difficillimo.

*Então mencione os principaes?*— Consistem estes na mania de contar uma cousa extensa e minuciosamente; em usar a cada momento de palavras equivoças; dar chascos; fazer perguntas indiscretas; rir-se sem motivo e ás gargalhadas; querer ostentar erudição, etc. É tambem defeito, como já se disse, o fallar muito tempo de si. Certo auctor diz, e com razão: «*O demasiado prazer que achamos em fallar da nossa pessoa, nos deve fazer receiar de não causarmos nenhum áquelles que nos escutão.*»

*Que inconvenientes podem ter esses defeitos para a sociedade?*— O de cansarem a attenção, e absorverem momentos que poderião ser empregados em dizer ou ouvir muitas cousas interessantes.

*E deve-se dar a entender que se aborrece as pessoas que tem esses defeitos?*— A civilidade exige que se soffrão com respeito, nos superiores; e com paciencia em todos os que o não forem.

#### DO GRACEJO

*Que entende por gracejo?*— Entendo o dizer graças, e tambem o modo de encarar e pintar os objectos pelo lado ridiculo.

*Pode-se admittir o motejo na conversação?*— O motejo, ainda o mais inoffensivo, nunca deve ter lugar senão entre

peessoas bem educadas, e que estejam no caso de o entenderem, pois muitos individuos ha sempre propensos a crer que escarnecem delles, ou que os despresão.

*Não ha varias especies de gracejo?*—Ha duas: um grosseiro, baixo, vergonhoso, banido, com justa causa, de toda a sociedade honesta; outro, delicado, fino e innocentemente mordaz. Esta ultima especie é digna de todo o homem de bons sentimentos; a primeira é indigna até do ultimo dos homens, principalmente quando junta a indecencia das palavras á torpeza das cousas.

*A que se dá o nome de atticismo ou sal attico?*—*Sal attico* diz-se de tudo o que toma o character daquelle gracejo delicado e fino que distinguia os Athenienses, povo da antiguidade o mais famigerado, assim pela polidez dos seus costumes, como pela subtileza do seu engenho.

*Já que é tão difficil saber gracejar, que partido ha a seguir quando se offerece occasião de o fazer?*—Deve evitar-se, salvo quando se tiver a certeza de divertir innocentemente os outros.

*Em que deve geralmente recahir o motejo?*—Nas cousas, e quasi nunca nas pessoas. Ha portanto certos defeitos que convém entregar á censura, isto é, aquelles que algumas vezes se podem corrigir, mettendo-se a ridiculo. Não se confunda porém esta palavra com o escarneo, pois este offende, e não é permittido. Aquelles que tem por costume escarnecer de tudo, dão uma prova de que não tem todo o juizo que lhes é necessario.

*Podem-se motejar pela sua linguagem incorrecta as pessoas privadas d'instrucção?*—Faze-lo, seria incivil, injusto e contrario ao espirito de caridade. Que merecimento haveria em fazer conhecer a outrem que não sabe o que se lhe não ensinou?

*Podemos gracejar com os superiores?*—Não, porque correriamos risco de nos affastarmos do respeito que lhes é devido.

*E convirá que os superiores gracejem com os inferiores?*—Tampouco. Da sua parte, seria falta de generosidade, por isso que a sua posição, como superiores, os põe ao abrigo de qualquer replica.

*Então com quem é permittido gracejar?*—Com os iguaes, tendo-se sempre o maior cuidado em os não vexar ou offender.

## DO ESPIRITO DE CONTRADIÇÃO

*É permitido discutir na conversação?*—Sim, quando a discussão é divertida, espirituosa, séria e comedida; do contrario, pôde degenerar em altercação, e então perturba-se a paz que deve reinar na sociedade.

*Que partido ha a tomar a respeito das pessoas que se excedem a ponto de dizerem cousas desagradaveis?*—Longe de replicar-lhes com grosserias, deve-se-lhes dar a conhecer que se acredita que estão gracejando, e pôr, com toda a delicadeza, termo a uma conversação que não convém que continue. As palavras comedidas abrandão a colera; as palavras asperas excitão o furor.

*É permitido contradizer alguém?*—Deve-se evitar absolutamente, quando não ha rigorosa necessidade de o fazer.

*Que prescreve a civilidade para os casos em que se é obrigado a contradizer alguém?*—Que se não diga seccamente: *Isso não é verdade. É falso—É absurdo—Mente, etc.* Estas expressões são indignas do homem bem educado. Convém suavisar, com termos polidos, o que a contradicção possa ter de desagradavel. Assim, deve-se dizer a uma pessoa que erra: *Permitta-me observar-lhe que se engana; que foi mal informado; que labora em equivoco, etc.*

*E polido agastar-se com as pessoas que nos observão que estamos enganados?*—Não: seria loucura tomar á má parte as advertencias que nos fazem.

*Convirá acaso fazer conhecer a sua opinião, quando se ventila uma questão?*—N'uma sociedade, é melhor não a emittir sem para isso ser rogado; e ainda em tal caso, convém que seja com toda a circumspecção. Os mancebos, principalmente, devem guardar a maior reserva a este respeito, tanto em razão da sua ridade, como da sua inexperiencia.

*Que arbitrio se ha de tomar quando a opinião que se emittie é contrariada pelos outros?*—Abandona-la, com deferencia, em vez de a defender com pertinacia. Todavia é permittido expôr as suas razões, se houver motivo para as julgar fundadas; mas sem teimar, nem lhes ligar muita importancia, a fim de evitar contendas, que sempre produzem mais mal do que bem.

## DOS CUMPRIMENTOS

*Não ha occasiões em que a civilidade auctorisa, e até prescreve os cumprimentos?*—Sim: cumprimentão-se as pessoas nossas conhecidas, quando lhes acontece alguma cousa que lhes dá prazer. Um beneficio recebido, mercês que se alcanção, são motivo para cumprimentos. Estes devem ser naturaes, pois a affectação, a emphase, as palavras estudadas, tornão tudo insipido, e mesmo ridiculo.

*Devem-se prodigalisar os cumprimentos?*—Quem o fizesse não seria tido em conta de sincero. Os cumprimentos são mais apreciados, quando se empregão com parcimonia.

*Não ha certas expressões ou palavras de que se não deve usar, quando se faz o elogio d'alguem?*—Ha, por certo: assim, acrescentar um *mas*, etc., a esses elogios, seria uma incivildade, quando não fosse uma maldade ainda mais digna de censura.

*Compete a alguem elogiar-se a si mesmo?*—Não. Deve-se deixar aos outros esse cuidado.

*Como se devem receber os louvores bem merecidos?*—Mostrando a maior modestia.

*De que modo se ha corresponder aos elogios que se ouvem fazer dos parentes?*—Com todos os signaes de verdadeiro reconhecimento.

*Não se passa algumas vezes por incivil, quando se pretende elogiar certas pessoas?*—Sim: quando se elogião, por exemplo, com exaggeração as qualidades de uma pessoa, e esses louvores podem ser uma critica indirecta para aquelle que os ouve.

*Não ha cumprimentos de outra especie, além daquelles de que se acaba de fallar?*—Sim: os que se dirigem a uma pessoa por occasião de algum desgosto ou de alguma desgraça que lhe aconteceu, e a que chamão cumprimentos de sentimento, ou pezames, como já se disse.

*Que convirá observar, quando se faz um cumprimento d'esta natureza?*—Evitar de fallar extensamente da causa do desgosto das pessoas afflictas; a maior parte das vezes convirá limitar-se a dirigir-lhes algumas expressões consoladoras, em harmonia com a sua situação particular.

DO TRATAMENTO POR TU E DE CERTAS  
FORMULAS FAMILIARES

*Que se deve pensar do tratamento por tu?*—Este modo de exprimir, que é o mais familiar, parece provar maior affecto. Está em uso entre irmãos e irmãs, e geralmente entre os amigos de infancia, os quaes gostão de o conservar toda a vida.

*Devem tratar-se por tu o marido e a mulher?*—Faze-lo, é o uso mais ordinario: é um signal de boa intelligencia e união.

*Ha direito para tratar por tu os inferiores, só porque o são?*—Aquelles que tratão por tu, logo á primeira vista, os criados dos outros, os operarios que empregão, finalmente, os seus subordinados, tomão uma liberdade que a civilidade repelle muitas vezes como atrevimento.

*Como deve um homem enunciar-se fallando de sua mulher?*—É para censurar o servir-se o marido d'estas expressões: *Minha esposa, a minha senhora, a senhora Dona F...*, etc.; deve dizer simplesmente: *Minha mulher*.

*Poder-se-ha exprimir da mesma maneira aquelle que fallar a um marido acerca de sua mulher?*—Não está admittido dizer-se: *Como está sua mulher, sua esposa, ou a senhora sua esposa?* O uso quer que neste caso se diga: *Como está a senhora ou a senhora Dona F...?*

*Póde-se, na ausencia de uma pessoa a quem se não trata por tu, nomea-la sem dizer: O Senhor F... ou a senhora Dona F...?*—Não, pois aquelle que o fizesse seria tido em conta de pouco delicado.

## RECOMMENUAÇÕES DIVERSAS

*Não prescreve por ventura a civilidade o modo de offerrecer ou receber alguma cousa n'uma reunião?*—Quando se apresenta ou recebe algum objecto, deve-se fazer uma ligeira inclinação de cabeça. É incivil dar ou aceitar alguma cousa, estendendo o braço por diante de outrem, sem necessidade, e sem pedir perdão. Se a pessoa com quem se falla estiver muito distante, convirá rogar á que se achar mais proxima, que haja de fazer passar o objecto que se envia. O melhor, em taes casos, é levantar-se,

e passar por detraz dos outros, salvo se se estiver á mesa.

*Que devemos observar, quando encarregamos alguém de ser interprete de nossos sentimentos junto de outra pessoa?*— Usar de formulas que convenhão á idade e á posição das pessoas. Um homem não deve enviar a uma senhora senão a segurança do seu respeito. Um inferior, em geral, não deve encarregar um superior de apresentar os seus cumprimentos a outrem, salvo se entre um e outro existirem relações de amizade, e, nesse caso, convirá fazelo com a maior delicadeza.

*Deve-se contar o dinheiro na presença de quem o dá, quando se recebe?*— Só no commercio é permittido fazelo. Á pessoa que o entrega é que compete instar com aquelle que o recebe para que haja de o contar.

*Que convém observar quando se faz um presente?*— Não dizer o preço do objecto que se dá, nem fazelo valer, ou fallar muitas vezes nelle. O mesmo se deve praticar a respeito de qualquer beneficio.

*Que se deve fazer quando uma pessoa deixa cair o lenço ou outra cousa no chão?*— Levanta-lo, e entregarl'h'ò immediatamente, com maneiras delicadas.

*Dever-se-ha dizer alguma cousa quando alguém espirra?*— Antigamente dizia-se: *Dominus tecum*, que significa: O Senhor seja contigo, e algumas pessoas ainda repetem essas palavras; mas geralmente já se não diz cousa alguma na alta sociedade.

*Qual é a origem desse antigo uso?*— Assegura-se que data de tempo mui remoto. O primeiro symptoma de uma molestia epidemica, que assolou a Europa, era um espirro; e dirigir ás pessoas que espirravão estas palavras: *Dominus tecum*, equivalia a manifestar-lhes que se fazião votos para que o Todo Poderoso as preservasse de semelhante flagello.

*Que se deve fazer quando alguém offerece tabaco?*— Se se aceita, deve-se tomar a pitada com o dedo pollegar e o index da mão esquerda, sem amassar o tabaco, nem sacudir os dedos na caixa. Uma creança deve agradecer, e não aceitar.

*É permittido fumar n'uma reunião aonde os mais o não fazem?*— Nunca.

*É permittido fumar quando se anda pela rua?*— Antigamente parecia muito mal; hoje não se torna reparavel; porém as creanças devem abster-se de o fazer.

Quando uma pessoa falla de si e de outrem, é civil nomear-se primeiro? — Não: a civilidade pede que se nomeie em ultimo lugar.

### DA CORRESPONDENCIA EPISTOLAR

Não prescreve a civilidade algumas regras a respeito das cartas? — As cartas devem exprimir fielmente aquillo que se diria ás pessoas se se lhes fallasse, e por isso convém que sejam concebidas em termos mais polidos, se é possível, do que uma simples conversação, visto que quando se escreve pôde-se mais facilmente pezar as expressões do que quando se falla. É pois necessario não perder de vista a posição em que se está a respeito da pessoa a quem se escreve; empregar expressões simples, claras, e de um uso habitual; finalmente, lembrar-se que as palavras passam ou esquecem, e que aquillo que se escreve fica (*verba volant et scripta manent*). Aquelle que se não affastar d'estes preceitos, escreverá com acerto, por isso que é sempre facil escrever, quando se está bem possuido daquillo que se quer dizer.

Ha obrigação de responder a todas as cartas que se recebem? — Uma carta, ordinariamente, exige uma resposta, assim como uma cortezia exige outra cortezia; e quanto mais depressa se responde, mais attenção se mostra.

Quaes são as principaes circumstancias em que as cartas se tornão mais ou menos obrigatorias? — Os meninos devem, principalmente, escrever a seus pais e parentes mais chegados, nos dias de seus annos, e por occasião de boas festas, para os felicitarem, isto quando residão em algum ponto distante delles. Entre amigos parece bem corresponder-se pelo mesmo motivo.

Pôde-se escrever uma carta em meia folha de papel? — Assim se pratica algumas vezes nas cartas de negocio, para não augmentar os portes de correio; mas não seria permittido entre pessoas de certa ordem: é preciso servir-se de folha inteira, e escrever de proprio punho aos superiores, sempre que se puder. Quando porém se mandar escrever a carta por outrem, convirá pôr pela proprio punho, ao menos, as duas linhas que precedem a assignatura, e que contém ordinariamente as palavras = *De V. S.<sup>a</sup>* ou *De V. Ex.<sup>a</sup>*

*o mais humilde e obrigado criado, etc.*

*É indifferente a dimensão do papel?*—Não: o papel de pequeno formato só se deve empregar quando ha familiaridade.

*Não estabelece o uso certos preceitos na formula das cartas?*—Sim: por exemplo, a data põe-se no principio ou no fim, segundo as circumstancias; no principio, nas cartas de negocio e nas familiares; e no fim, á esquerda da assignatura (que deve ir por extenso), nas que são dirigidas a superiores. Convém advertir que a data deve ser acompanhada da indicação do lugar donde se escreve, excepto quando fôr para pessoa que resida na mesma terra, e não tratar de negocios, pois em tal caso, bastará indicar o dia da semana. A data, em geral, é uma coisa importante, e não se deve omittir. As margens, o espaço em claro entre as palavras: *Ill.<sup>mo</sup> Sr.* ou *Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.*, que devem ir no alto da carta, e a primeira regra, proporcionão-se á qualidade das pessoas a quem se escreve e ao respeito que se lhes deve. Assim, quanto mais respeito se lhes quer mostrar, maior é a margem e o espaço em branco de que acima se fallou. A margem, neste caso, deve ter, pelo menos, tres dedos de largura, e ao virar a lauda, ficar do lado esquerdo; convindo advertir que tanto a segunda como as outras laudas deverão começar na mesma altura que a primeira, e que quanto mais abaixo se assigna, mais respeito se mostra. Quando a carta é para pessoa menos auctorizada, põe-se o nome logo abaixo da conclusão, e para amigos, quasi ao pé. A expressão: *meu caro senhor*, só se usa quando se escreve a um inferior, ou entre iguaes, quando ha familiaridade.

*Que ha a observar no contexto da carta?*—Deve-se evitar as razuras, emendas, borrões, chamadas, etc., por isso que indicarião falta de respeito. Não se admittem abbreviaturas nas cartas para as pessoas de consideração; devendo escrever-se tudo por extenso. Quanto ao tratamento de *V. S.<sup>a</sup>*, ou *V. Ex.<sup>a</sup>*, muitos tambem o escrevem por extenso, porém geralmente põe-se em breve.

*Quaes são as formulas empregadas no fim das cartas?*—Ha diversas e modificão-se segundo as relações que existem entre aquelle que escreve e a pessoa a quem a carta é dirigida. Para umas, dir-se-ha: *Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito, ou com a mais alta consideração,*

*De V. S.<sup>a</sup>, ou de V. Ex.<sup>a</sup>  
muito humilde e obediente servo  
F.*

Para outras: *Sou com a maior estima e consideração, etc.* No estylo familiar, pôde-se terminar assim uma carta: *Sou, por sympathia, seu amigo do coração* — ou *Todo seu do coração*, — ou *Sou, como sempre, seu amigo muito affectuoso, etc.*

Quando se escreve a uma pessoa respeitavel pela sua idade e condição, seja qual fôr a formula que se adopte, deve-se empregar sempre as palavras *respeito e consideração*.

Se a carta se dirige a pessoa de quem se haja recebido um serviço, ou a um bemfeitor, não deve jámais esquecer a palavra *reconhecimento*.

*É permittido pôr um Post-scriptum, isto é, aquillo que se acrescenta á carta depois de a ter assignado?*—Só é tolerado em certos casos urgentes; mas quando pôde ser considerado como falta do attenção e respeito, deve-se evitar, principalmente de inferior para superior.

*Qual é o modo mais respeitoso de fechar uma carta?* — Pondo-lhe o sobrescripto em separado. Para pessoa de amizade ou inferior, pôde-se prescindir de sobrescripto em separado, quando a folha em que se escreve não estiver cheia de todos os lados. As cartas fechão-se ordinariamente com obreia; comtudo o lacre denota maior consideração para com a pessoa a quem se escreve. Está hoje admittido para as pessoas que estão de lucto o uso de papel orlado de preto, e de tarjas da mesma côr no sobrescripto, além de lacre ou obreias pretas.

*É permittido abrir uma carta dirigida a outra pessoa?*—Seria uma indiscrição imperdoavel, quando para isso se não fosse auctorizado. O segredo das cartas é sagrado. Não se deve pois ler nem mesmo uma carta que se ache aberta. A civilidade exige que se feche, e se faça chegar, com a possivel brevidade, ás mãos da pessoa a quem pertence.

*Pôde-se entregar, fechada, uma carta que se confia a alguém para outrem?*—Não: á pessoa a quem ella se confia é que compete fecha-la, sem a ler, na presença daquelle que lh'a entrega.

*Donde procede o uso de dar a carta aberta?*—Do abuso, algumas vezes cruel, que outr'ora se fazia do uso contrario: succedia que se encarregavão pessoas de serem portadoras de cartas fechadas, que continhão a ordem da sua prisão. Praticar pois, como fica dito, prova uma confiança nobre e reciproca.

Que ha a observar quanto ao modo de pôr o sobrescripto?—O sobrescripto deve ir em harmonia com o tratamento que se dá na carta, e indicar o cargo, a profissão, o lugar de residencia da pessoa a quem se escreve; advertindo que esta ultima circumstancia se omitta geralmente nas cartas para a mesma terra. Assim, para aquelle a quem se der o tratamento de *Excellencia*, deverá ser da seguinte maneira:

*Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.* (o titulo ou o nome).

Depois, em linha separada, a designação do cargo:  
A certa distancia mais abaixo:

etc.                      etc.                      etc.

No fim do sobrescripto, do lado esquerdo, o titulo, ou o nome da pessoa que escreve.

Para o Patriarca.

*Ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa. Conselheiro d'Estado, Par do Reino.*

etc.                      etc.                      etc.

Para os Bispos e Arcebispos.

*Ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Bispo ou Arcebispo de . . . Do Conselho de Sua Magestade.*

etc.                      etc.                      etc.

Para as pessoas a quem se dá o tratamento de *Senhoria*:

*Ao Ill.<sup>mo</sup> Sr. F. . .*

Em linha separada, o cargo ou a profissão.

Depois

etc.                      etc.                      etc.

Para as pessoas a quem se dá o tratamento de *Mercé*:

*Ao Sr. F. . .* (seguinto-se a designação da profissão, etc.)

Observa-se que quando se escreve a uma pessoa de consideração, quanto mais abaixo se começa o sobrescripto, mais respeito se mostra.

## DOS BAPTISADOS E CASAMENTOS

*Como deve comparecer na igreja aquelle que é convidado para um baptisado ou casamento de pessoas de certa ordem na sociedade?*—Vestido de preto: casaca, calça, e colete (de cazimira), luva branca e gravata do mesma côr.

*Parecerá mal apresentar-se com alguma condecoração?*—Pelo contrario; aquelles que as tem, costumão levar as respectivas insignias em certos baptisados e casamentos; convindo advertir que não indo de uniforme, tornar-se-ia notavel e digno de critica quem levasse mais de uma.

Acabada a cerimonia, é de rigor dirigir-se ao pai e parentes do recém-nascido, ou aos noivos e parentes destes, que se acharem na igreja, para lhes dar os parabens. A casa não se deve ir sem que para isso se receba convite.

*Que praticão as pessoas que se escolhem para padrinhos?*—De ordinario, fazem um presente ao afilhado ou afilhada; dão uma gratificação á parteira, e satisfazem todas as despesas na igreja, se os pais da creança não são abastados.

*Deve por ventura a pessoa que muda de estado dar parte do seu casamento a todos os seus conhecidos?*—Não: só áquelles com quem quizer continuar a ter relações de amizade. Neste caso, fará a participação por meio de cartas ou bilhetes lithographados, concebidos, pouco mais ou menos, nestes termos:

*F... e D. F... dão parte a V. do seu casamento.*

ou

*F... tem a honra de participar a V. que se acha casado com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. F..., filha do Ill.<sup>mo</sup> Sr. F..., ou do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. F...*

(Mais abaixo *Rua de... N.º...*

*Qual é o dever da pessoa que recebe uma participação*

*desta natureza?*—O de visitar os noivos, ou deixar-lhes, poucos dias depois, dois bilhetes de visita; e, quando não habite na mesma terra, dirigir uma carta de felicitação ou parabens a quem lhe fez a participação.

*Que devem praticar os noivos para com os seus parentes, padrinhos e mais pessoas convidadas para a boda?*—Fazer-lhes uma visita dentro dos primeiros quinze dias do noivado. Os convidados devem paga-la aos noivos, o mais tardar, oito dias depois da visita destes.

*Devem os pais dos noivos dar igualmente parte do casamento de seus filhos aos seus parentes e ás pessoas com quem estão relacionadas?*—Taes communicacões não se dispensão entre as familias nobres e titulares, e outras pessoas de certa ordem na sociedade.

*Em que termos devem ser concebidas taes participacões?*—Pouco mais ou menos nos seguintes:

*F... dá parte do casamento de sua filha D. F..., com o Ill.<sup>mo</sup> Sr. F... ou com o Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. F...*

Em muitas destas participacões, acrescenta-se a filiação do noivo, principalmente quando este pertence a familia nobre ou titular.

*Que deveres impõem taes participacões ás pessoas a quem são dirigidas?*—O de ir cumprimentar os pais dos noivos; ou deixar-lhe dois bilhetes de visita, e outros tantos aos mesmos noivos.

## DOS ENTERROS

*Ha por ventura obrigação de assistir a um enterro para que se recebeu convite?*—Sem duvida: só algum motivo imperioso póde dispensar desse dever.

*Que tem a observar aquelle a quem se faz um convite dessa natureza?*—Deve comparecer todo vestido de preto mas sem levar signal algum de lucto, a não ser que seja obrigado a traze-lo em consequencia da morte de algum parente (1); dirigir-se, um pouco antes da hora fixada, ao domicilio do defuncto, para dar os pezames á pessoa em

---

(1) As condecoracões podem admittir-se nos actos funebres; contudo a maior parte daquelles que as têm, só as levão hoje a enterros de pessoas de certa ordem ou jerarquia.

cujo nome se fez o convite, e á familia, se a tiver, e depois á igreja, havendo officio de corpo presente.

*Como está admittido, em tal caso, dar os pezames?* — Se a familia do morto quizer receber os pezames directamente, deve-se, ao entrar na sala aonde ella se achar, saudá-la, fazendo apenas uma inclinação de cabeça, e apertar a mão ao dono ou donos da casa, ou a quem suas vezes fizer, se houver relações de amizade entre elles e o convidado. Em seguida, tomará este um assento, aonde se conservará tres ou quatro minutos, guardando um profundo silencio; depois do que se retirará, praticando o mesmo que á entrada. D'ali dirigir-se-ha á igreja, quando o corpo lá se ache, ou no caso contrario, ao cemiterio atraz do féretro.

Convem comtudo advertir que hoje está sendo geralmente seguido não apparecer a familia ás visitas, mas collocar um criado na casa de entrada, ao pé de uma mesa, para receber os bilhetes de visita, ou para ministrar aos convidados papel e tinta a fim de inscreverem os seus nomes.

Muitas pessoas costumão ir dar os pezames á familia do defuncto á volta do cemiterio. Quando porém se não possa assistir ao enterro, pede a civilidade que nos dois ou tres primeiros dias que se lhe seguirem, se deixe um bilhete de visita, ou mais, segundo o numero das pessoas a quem se deve visitar; mas sem tarja preta, porque d'esta só deve usar quem estiver de lucto.

*Deve a pessoa que envia bilhetes de pezames usar d'elles tarjados?* — Só no caso de estar de lucto; do contrario deve mandar o bilhete sem tarja, pondo a certa distancia do nome as palavras: *a pezames*, e lacre preto no sobrescripto.

*É de rigor retribuir estas visitas?* — As pessoas delicadas jámais deixão de o fazer.

*Quando se acompanha de carruagem um defuncto, pôde-se tomar indifferentemente os primeiros lugares depois do coche que o conduz?* — Devem-se deixar aos parentes e amigos mais intimos do morto.

*Que prescrevê a civilidade quando se encontra um enterro?* — Que se tire o chapéu, não só pelo respeito devido aos sacerdotes que fazem parte do prestito, mas tambem para mostrar, em certo modo, áquelles que o acompanhão, que se toma parte no seu desgosto.

*Pôde-se ir a um enterro para que se não haja recebido*

*convite?* — Certamente, porque uma tal falta só deve ser attribuida a esquecimento, ou omissão involuntaria, para com as pessoas relacionadas com a familia do defuncto. N'estes casos, praticará sempre uma acção muito louvavel aquelle que espontaneamente tomar parte em taes actos funebres.

## DO LUCTO

*Que é lucto?* — É o vestido que se traz em demonstracção de sentimento pela morte de alguma pessoa do nosso parentesco, e de soberano. Ha *lucto pezado* e *lucto alliviado*.

*Que é lucto pezado?* — É o que se traz durante a primeira metade do tempo marcado pela pragmatica, e que não admite tecido algum que não seja de lã preta.

*Que é lucto alliviado?* — Aquelle que admite, com algum signal de lucto, sedas e outros tecidos de côr simples e modesta.

*Como se acha regulado o lucto em Portugal?* — Pela pragmatica de 24 de maio de 1749, capitulo 7.º, que determina que se traga lucto:

Por tempo de *seis mezes* por marido e mulher, pelos paes, avós e bisavós, por filhos, netos e bisnetos; *quatro mezes* pelos sogros ou sogras, genros ou noras, irmãos e cunhados; *dois mezes* por tios, sobrinhos e primos co-irmãos; e que se não tome lucto por parentes mais remotos senão por quinze dias (1).

O lucto pelas pessoas reaes de Portugal, e da côrte pelos soberanos e principes estrangeiros, acha-se regulado pelo decreto de 25 de outubro de 1862, transcripto no *Diario de Lisboa* de 27 do mesmo mez.

*Tem alguns deveres a cumprir aquelles que andão de lucto?* — Certamente, e mais ou menos rigorosos, segundo o seu grau de parentesco com o defuncto. Um viuvo, ou uma viuva; um filho, um irmão, por exemplo, devem abster-se, nos primeiros tempos da sua afflicção, de assistir a espectaculos e outros divertimentos publicos, limitando-se a visitar as pessoas que mostrarão tomar parte na

---

(1) Não obstante o disposto na pragmatica acima citada, tem havido alteração, para mais, no lucto mandado tomar pela morte de alguns soberanos. Quanto ao lucto por marido ou por mulher, muitas pessoas trazem-n'o pelo tempo de um anno.

sua dôr. Entregar-se a semelhantes distracções, estando de lucto rigoroso, seria muito para censurar.

*Qual foi o primeiro lucto preto que se tomou em Portugal?*—Foi por *D. Philippa*, tia d'ElRei *D. Manoel*: até ao tempo d'aquelle monarcha era o lucto de burel branco.

## DAS DIVERSAS RELIGIÕES

1 Todos os povos, ainda os mais selvagens, reconhecem a existencia de entes superiores aos homens, promptos a derramarem sobre elles toda a especie de benefícios, quando se achão satisfeitos da sua conducta, ou a castiga-los e causar-lhes grandes damnos, quando o não estão. Os homens portanto têm procurado, desde tempo immemorial, a protecção d'esses entes por meio de orações, offertas, sacrificios e outras demonstrações de respeito e veneração.

2 As differentes crenças dos povos ácerca de um ente supremo constituem as suas religiões.

3 As diversas religiões que existem podem dividir-se em duas classes, a saber: *Monotheismo* e *Polytheismo*.

O *Monotheismo* não reconhece mais que um só Deus; o *Polytheismo* admittê muitos e grande numero de absurdos.

### MONOTHEISMO

4 As principaes religiões que pertencem ao *Monotheismo*, são: o *Judaismo*, o *Christianismo* e o *Mahometismo*.

### JUDAISMO

5 O *Judaismo* é a religião que o Senhor deu a Moysés no Monte Sinay, e que só era a figura da *Lei da Graça* ou da *Religião* que Jesus Christo devia depois estabelecer: por conseguinte era a verdadeira antes da vinda de Christo.

6 Os judeus não admittem outra revelação, alem da que foi feita ao povo de Deus por Moysés e pelos profetas. Não

reconhecem Jesus Christo como o Redemptor promettido aos homens desde o principio do mundo; e esperão a vinda de um Messias que suppõem dever liberta-los da escravidão em que vivem, e fundar um grande imperio. Reconhecem a unidade de Deus, e negão a Trindade das Pessoas Divinas.

7 Praticão a circumeisão e grande numero de ceremonias, e guardão o sabbado.

8 Quando os judeus occupavão a Palestina, tinhão uma especie particular de sacerdotes, que erão os *levitas*; actualmente tem doutores chamados *rabbinos*, que explicão a lei nas *synagogas*: é este o nome que se dá aos seus templos.

9 Os livros sagrados dos judeus constão da collecção que nós chamamos *Velho Testamento*.

10 Os judeus hoje só formão uma corporação religiosa; não tem nada d'aquillo que constitue uma nação, e achão-se dispersos por toda a parte.

11 Nenhum soberano professa o *Judaismo*, e por isso mesmo está sujeito a supportar os recontros dos differentes governos.

#### CHRISTIANISMO

12 O *Christianismo* é a religião revelada por Jesus Christo. Divide-se em tres ramos, a saber:

1.º **Religião catholica apostolica romana,** ou **Igreja latina** ou **occidental.**

2.º **Religião grega.**

3.º **Religião protestante.**

13 A **Igreja latina**, a que temos felicidade de pertencer, alem da revelação de Moysés e dos profetas, cré na do *Novo Testamento*; na vinda do Messias promettido aos antigos patriarcas, que é Jesus Christo, filho de Deus e Salvador dos homens; na redempção dos peccados; na resurreição universal, na vida futura. Admitte e venera a auctoridade da tradição, e a infallibilidade da Igreja; reconhece sete Sacramentos de instituição divina; acredita na presença real de Jesus Christo na Eucharistia; celebra o sacrificio da missa; pratica o baptismo, a confissão auricular, o culto secundario dos Santos; guarda o domingo; reconhece por seu chefe o vigario de Christo na terra o

Papa ou romano pontífice, successor de S. Pedro, que estabeleceu em Roma a cabeça da *Igreja catholica e apostolica*.

14 A **Religião grega** ou **scismatica**, a que tambem se dá o nome de *Igreja grega* ou *oriental*, foi começada por *Phocio*, no anno de 858, e definitivamente estabelecida em 1053 por *Miguel Cerulario*. Reconhece por chefe espiritual o patriarca grego de Constantinopla.

15 Os sectarios da *Igreja grega* não admittem a supremacia do Papa como Vigario de Christo na terra, e despreção alguns dogmas e muitos artigos disciplinares da *Igreja catholica romana*.

16 A **Religião protestante** não reconhece tampouco a auctoridade do Papa. Divide-se n'um grande numero de seitas, cujas principaes são as seguintes:

- 1.º **Lutheranismo** ou **Igreja evangelica**.
- 2.º **Calvinismo** ou **Igreja reformada**.
- 3.º **Igreja Anglicana** ou **episcopal**.

17 O **Lutheranismo** é assim chamado do nome de *Luthero*, monge allemão da ordem de Santo Agostinho, que no anno de 1517 começou a heresia, como se vai mostrar.

Tendo o Papa Leão X mandado prégar, em 1517, a concessão de indulgencias áquelles que contribuissem para as despezas da igreja de S. Pedro de Roma, encarregou d'essa missão os frades da ordem de S. Domingos. Pertendendo porém ter para isso preferencia os da ordem de S. Agostinho, deu *João Staupitz*, seu commissario geral em Allemanha, ordem a *Martim Luthero* para prégar contra elles. *Luthero*, homem violento e vaidoso, cumpriu esta commissão de um modo mui diverso daquelle que o seu superior aparentemente pertendia. Dos prégaradores de indulgencias, passou ás proprias indulgencias, e declamou igualmente contra aquelles e contra estas; sendo tal o seu excesso n'este ponto, que o Papa o excommungou no anno de 1520. Foi então que *Martim Luthero* formou a seita denominada *Lutheranismo*.

18 Os *Lutheranos* são denominados *Protestantes*, em razão do solemne protesto que o marquez de Brandeburgo e alguns principes de Allemanha fizeram contra uma lei da Dieta de Spira, no anno de 1529, prohibindo a propagação do *Lutheranismo*, ou de innovações em materia de religião.

19 Os erros principaes do *Protestantismo* são os seguintes: 1.º, desprezar, como apócrifos, alguns livros da *Biblia*, declarados canonicos pelo Concilio de Trento; 2.º, reconhecer só por verdadeiros dois Sacramentos: o baptismo e a eucharistia, reduzindo este ultimo a uma simples fórmula de commemoração; 3.º, sustentar que o baptismo não póde remir o peccado original; 4.º, que a missa não é um sacrificio; 5.º, que a penitencia e a confissão não forão instituidas por Deus; 6.º, finalmente, condemnar as indulgencias, o purgatorio, as imagens, os jejuns e as ceremonias da Igreja; a abstinencia das viandas, os votos monasticos, e o celibato das pessoas consagradas a Deus.

20 O **Calvinismo** ou **Igreja reformada** (1) foi instituido em 1539 pelo conego francez *João Calvino*, natural de Noyon.

21 Dava-se antigamente em França aos *Calvinistas* o nome de *Huguenotes*.

22 Sustentão muitos erros que lhes são communs com os *Lutheranos*.

23 Os *Calvinistas* exigem no culto uma simplicidade extraordinaria, e rejeitão o uso do crucifixo, das imagens e das velas, que os *Lutheranos* tolerão como simples ornamento.

24 Hoje os *Lutheranos* ou *Calvinistas* fazem pouca differença em suas doutrinas: só differem quanto ao governo ecclesiastico.

25 Em 1817 começou em Nassau a fusão ou confusão das seitas *Lutherana* e *Calvinista*, que depois se tem verificado em outras partes.

26 O *Calvinismo*, desde a sua instituição, tem sido conservado em Genebra, seu berço.

27 Em França foi tolerado o *Calvinismo* até á revogação do *Édito de Nantes*, que teve lugar no anno de 1685, no reinado de Luiz XIV, por entender aquelle monarca que devia assim extinguir o germen das guerras civis, que tanto sangue tinham feito correr n'aquelle paiz.

28 O *Édito de Nantes* era um decreto de Henrique IV, que segurava aos *Protestantes* o livre exercicio da sua religião com importantes privilegios.

---

(1) A *Reforma*, ou movimento do *Protestantismo*, é assim chamado, por causa da revolução operada no decimo sexto seculo pelo espirito da independencia e de livre exame nos principios fundamentaes do *Christianismo*, e que separou da Igreja romana uma grande parte da Europa.

29 Pela revogação do *Édito de Nantes* forão os *Protestantes* declarados incapazes de exercer emprego algum, etc., e tão maltratados que mais de duzentos mil abandonarão a França e levárão a sua industria aos paizes estrangeiros. Confiscárão-lhes os bens; arrazárão-lhes os templos, e seus ministros forão proscriptos.

30 A **Igreja anglicana** ou **episcopal** não se distingue das outras communhões *protestantes* senão em ter conservado a hierarchia dos bispos, que considera de instituição divina.

31 Tendo Henrique VIII, rei de Inglaterra, publicado um Tratado theologico, em latim, contra a heresia de *Martim Lutero*, intitulado = *Os sete Sacramentos* = coarferiu-lhe o Papa Leão X o titulo de *Defensor da Fé*, que desde então passou aos seus successores; não tendo a Igreja catholica nação alguma na Europa que zelasse tanto a pureza da sua fé como a ingleza.

32 Deu lugar porém ao sobredito Henrique VIII se declarar chefe da *Igreja anglicana* o seu desordenado amor para com Anna Boulen (vulgarmente Anna Bolena). Era aquelle rei casado com Catharina, filha de Fernando e de Isabel de Aragão, que ficara viuva de seu irmão Arthur, e com a qual se havia recebido com dispensa do Papa Julio II. Vendo Henrique VIII que o Pontifice Clemente VII, a quem havia recorrido, não auxiliava os seus desejos, determinou-se a casar com a dita Anna Boulen em 1533, fazendo approvar este pertendido matrimonio por *Thomas Crammer*, Arcebispo de Cantorbéry. Tendo por tal motivo sido excommungado pelo Papa, declarou-se então *Protector e Chefe Supremo da Igreja anglicana*.

33 Em novembro de 1534 concedeu o parlamento a Henrique VIII, como *Chefe supremo da Igreja anglicana*, e a seus herdeiros e successores, todos os *poderes, prerogativas e emolumentos* de que o Papa tinha até então gozado em Inglaterra.

34 Chamarão-se antigamente *Puritanos* aquelles que no anno de 1565 rejeitarão a Lithurgia anglicana, para estabelecerem um culto que pertendião ser a *pura doutrina do Evangelho*.

35 A differença que ha entre os *Catholicos* e os *Protestantes*, consiste em que o *Catholico* crê em Deus, que lhe falla pela voz da *Igreja*, depositária e interprete de toda a verdade, de toda a revelação tradicional ou escripta; o *Protestante* crê que Deus lhe falla pela *Escriptura*

*Sagrada*, que, segundo o seu entender, cada qual póde interpretar a seu modo.

36 O *atheu* não crê em Deus; o *deista* reconhece a existencia de Deus, mas nega a revolução divina; o *materiologista* pensa que a alma é material; dá á materia os attributos de Deus, não admittindo conseguintemente nenhum ente espirital.

37 Desde o anno 41 da era vulgar, em que S. Pedro fundou a Igreja de Antiochia, deu-se aos fieis o nome de *Christãos*: até então chamavão-lhes *Nazarenos*, ou porque foi na cidade de *Nazareth* que o Anjo Gabriel annunciou á Virgem Maria que seria Mãe do Redemptor, e Jesus Christo ali habitou depois da sua volta de Bethlem, até á idade de 30 annos, ou porque *Nazareth* era um lugar muito venerado dos fieis.

38 O primeiro *Papa* foi *S. Pedro*, Galileo, principe dos apóstolos; provou a verdade do Evangelho com o resplendor das suas virtudes, efficacia de sua doutrina, e multiplicação de seus milagres. Fundou a Igreja de Antiochia, como fica dito, e no anno de 43 da era vulgar foi a Roma, aonde assentou a sua cadeira a 18 de janeiro, e morreu martyr a 29 de junho do anno de 67, depois de ter governado esta Igreja pelo espaço de mais de 24 annos. Celebrou concilio em Jerusalem, aonde prohibiu os ritos judaicos e gentilicos; ordenou, com os mais apóstolos, o *Credo*; estabeleceu o jejum da quaresma e a missa, com poucas ceremonias, que os seus successores forão accrescentando.

39 Quem elegia os *Papas* nos principios da Igreja era o clero e o povo, e muitas vezes só o clero.

40 Actualmente elegem os *Papas* os Cardeaes, que ficarão gozando esses direitos desde o anno de 1142.

41 Em 1274, por decreto de Gregorio x, começarão os cardeaes a encerrar-se para elegerem o *Papa*.

42 O local aonde se encerrão os cardeaes para a eleição do *Papa* chama-se *Conclave*.

43 Dá-se o nome de *Consistorio* á Junta dos Cardeaes convocada pelo *Papa*, para os consultar e pedir-lhes o seu parecer sobre alguns negocios importantes.

44 *Papa*, em lingua grega, significa *pai*; é assim que outr'ora se chamavão os bispos; mas desde o *Papa Gregorio VII* foi aquelle nome exclusivamente applicado ao Santo Padre, ou Romano Pontifice.

45 *Anti-Papa* é o *Papa* illegitimo e opposto ao *Papa* canonicamente eleito.

## MAHOMETISMO

46 **Mahometismo**, a que tambem se dá o nome de **Islamismo**, da palavra arabe *islam*, que quer dizer; *submissão a Deus*, é uma religião instituida por *Mahomet* ou *Mafoma*, mercador de profissão, composta de praticas ou crenças christãs e do judaismo.

47 *Mahomet* nasceu em Meca no anno de 569 ou 570 da era christã, segundo a opinião mais provavel. Aos 40 annos de idade, tomou o character de profeta enviado por Deus para restabelecer, em toda a sua pureza, a religião de Abrahão, de quem pretendia descender.

48 Expulso de Meca, retirou-se *Mahomet* a Medina no anno de 622; e esta fuga, a que os Arabes chamão *Hedjira* ou *Hegira*, é tida por alguns escriptores europeus como a epoca do estabelecimento da religião dos *Mahometanos* ou *Musulmanos*, e serve de era commum áquelles povos.

49 Os *Mahometanos* reconhecem a Moysés e Jesus Christo como enviados de Deus; mas *Mahomet* é tido por elles como o maior dos profetas.

50 Dois são os principaes e fundamentaes artigos do *Mahometismo*, a saber: *Não ha senão um Deus*; — *Mahomet é o seu profeta*.

51 Todas as crenças e praticas dos *Musulmanos* constão do *Alcorão* ou *Korão*, livro que *Mafoma* apresentou aos seus sectarios como tendo-lhe sido revelado pelo Anjo Gabriel (1). Os *Musulmanos* guardão a sexta feira e praticão a circumcisão. Os seus templos chamão-se *mesquitas*, os seus sacerdotes, *imanes*, e o chefe d'estes, *Gram Mufti*.

52 Os principaes preceitos do *Islamismo* são: 1.º, a ablução ou purificação; 2.º, a oração; 3.º, o jejum durante o mez de *Ramadan*, em que se não deve comer de dia, e que é seguido do *Beyram*, durante o qual os *Mahometanos* se indemnizam da antecedente abstinencia; 4.º, a esmola legal, que é a quadregesima parte, ou um quarenta avos

---

(1) Segundo o *Alcorão*, não ha senão um Deus infinitamente perfeito, creador do ceu e da terra. Acima do homem estão os anjos, que tem um corpo muito subtil, formado de fogo ou luz. Uns cantão os louvores de Deus, outros intercedem pelos homens. Quatro d'esses anjos são frequentemente designados pelos seus nomes proprios, a saber: *Gabriel*, *Miguel*, *Azael* e *Ysrafil*. Acreditão tambem os *Mahometanos* em anjos malfazejos.

dos bens moveis que se possuem; 5.º, finalmente, a romaria á Meca, que todo o *Musulmano* livre, e com saude, deve fazer, ao menos, uma vez na vida.

O *Islamismo* prohibe o vinho e mais licores espirituosos, e o uso da carne de porco. Permitta a polygamia, isto é, o casamento de um homem com mais de uma mulher ao mesmo tempo.

53 O *Alcorão* trata do dogma da moral, do casamento, do divorcio, das successões, n'uma palavra, é o codigo religioso, civil e militar dos *Musulmanos*.

54 O *Mahometismo* foi propagado, tanto por violencia, como por ardil e artificio; e abrange uma infinidade de seitas, que se podem reduzir a duas principaes, a saber: 1.º, a seita dos *Sunnis* ou de *Omar*; 2.º, a dos *Schyytas* ou *d'Ali*.

55 Os *Sunnis* admittem a successão dos califas tal qual ella teve lugar, e olhão como santos todos os companheiros de *Mafoma* que forão fieis ás leis do *Islamismo*. Os *Schyytas*, partindo do principio de que só a *Ali* e a seus descendentes, em linha recla, pertencia a auctoridade, amaldiçoão *Omar* e *Osman*, e todos os que não forão fieis ao seu principe predilecto.

## POLYTHEISMO

56 O **Polytheismo** comprehende o *Fetichismo*, o *Sabeismo*, o *Brahmanismo*, o *Budhismo*, o *Culto de Sinto* e o *Culto dos espiritos*.

57 O *Fetichismo* é a adoração dos *Fetiches*, expressão empregada pelos negros da costa d'Africa Occidental, para designarem os objectos animados e inanimados a que o medo, o reconhecimento, ou alguma affeição particular convida aquelles povos a dirigir uma especie de culto.

58 O *Sabeismo* é a adoração dos corpos celestes: do sol, da lua, das estrellas, ou separada, ou conjunctamente. O *Sabeismo*, outr'ora mui seguido, é apenas hoje a religião de algumas tribus isoladas.

49 O *Brahmanismo* reconhece *Para-Brahma* como deus principal; divindade ociosa que delega os seus poderes em *Brahma*, *Vichnu* e *Chiva*, e outras muitas divindades subalternas. *Brahma* preside á terra; *Vichnu*, á agua; *Chiva*, ao fogo.

60 O *Budhismo* é uma especie de *Brahmanismo* reformado mil annos antes de Jesus Christo por *Budha*. — O *Samaneismo*, o *Chamanismo* ou *Lamismo*, não é mais do que um ramo do *Budhismo*. Tem por Pontifice *Dalai-lama*, que os seus sectarios julgão que nunca morre. O *Budhismo* está admittido na China debaixo da denominação de *Culto de Fo*. Os *Lettrados* seguem ali a *doutrina de Confucio*, especie de *Pantheismo*, que reconhece por divindade tudo quanto compõe o universo. Este culto não tem imagens nem sacerdotes. Cada magistrado o praticã no exercicio de suas funcções, e o Imperador é o seu Patriarca.

61 O *Culto de Sinto* é a mais antiga das religiões do Japão; comtudo os *Dairis*, ou Imperadores ecclesiasticos d'aquelle imperio, que são reputados descendentes dos deuses, seguem o *Budhismo*.

62 O *Culto dos espiritos* ou *naturalismo mythologico*, que os seus sectarios considerão como religião primitiva da China, é actualmente professado pela população que não segue o *Budhismo*, ou religião de *Confucio*, com que tem muita analogia. Chamão-se os seus sacerdotes *Doutores da razão*, porque um dos seus dogmas é a *razão primordial*, que creou o mundo, ou o *logos* dos Platonicos.

63 Às seitas do *Polytheismo*, acima mencionadas, e ás outras que, debaixo de diversas fórmãs, dominão entre varios povos, dá-se o nome de *Idolatria*, que quer dizer, *culto dos idolos*, isto é, de todos os objectos, ou naturaes ou formados pela mão do homem, e por elles collocados em lugar de Deus; taes como os astros, o fogo, os proprios homens e as figuras por elles imaginadas e fabricadas. A *Idolatria* offerece pois um conjuncto das maiores extravagancias e delirios.

64 A primeira religião do mundo foi a natural, que Deus imprimiu no coração dos homens, e que consistia em reconhecer um Deus Creador e Conservador de todas as cousas, em adora-lo, e em não fazer aos outros o que não querião que se lhes fizesse. O culto que com esta religião davão a Deus era interno, reconhecendo a immediata dependencia que d'elle tinhão, e louvando-o com affectos da alma. Seguiu-se a *Idolatria*, que foi abraçada por quasi todos os povos da terra, depois que se perderão as idéas e tradições primitivas; conservando-se estas em poucos homens escolhidos, que formão a cadêa da verdadeira

tradição religiosa, desde o principio do mundo até ao restabelecimento da *religião judaica*.

A *Idolatria* ou *Paganismo* ainda hoje é seguida em diversos pontos do globo. Os Chinas, Japonezes e varios outros povos da Asia, Africa, America e Oceania são *Idólatras*.

## EXAME

1. Que reconhecem os povos ainda os mais selvagens?
2. O que constitue a religião dos diversos povos?
3. Em quantas classes se podem dividir as diversas religiões que existem?
4. Que religiões abrange o *Monotheismo*?
5. Que é *Judaismo*?
6. Quaes são as principaes crenças dos Judeus?
7. Que praticão os Judeus em materia de religião?
8. Quem explica hoje a Lei aos Judeus, e como se denominão os seus templos?
9. De que constão os livros sagrados dos Judeus?
10. Formão hoje os Judeus alguma nação?
11. Professa algum Soberano o *Judaismo*?
12. Que é *Christianismo*, e em quantos ramos se divide?
13. Em que acredita a *Igreja latina*?
14. Quem começou a *Igreja grega*, e quem a estabeleceu definitivamente?
15. Quaes são os erros da *Igreja grega*?
16. Diga quaes são as principaes seitas da *Igreja protestante*?
17. Que é *Lutheranismo* e o que deu origem a esta seita?
18. Porquêsão denominados protestantes os *Lutheranos*?
19. Quaes são os erros principaes do *Protestantismo*?
20. Que se entende por *Calvinismo*?
21. Que nome se dava antigamente em *Francia* aos *Calvinistas*?
22. Que erros sustentão os *Calvinistas*?
23. Que praticão os *Calvinistas*, quanto ao seu culto?
24. Fazem muita differença em suas doutrinas os *Lutheranos* e os *Calvinistas*?
25. Quando começou a fusão *Lutherana* e *Calvinista*?
26. Aonde foi o berço do *Calvinismo*?
27. Até quando foi tolerado em *França* o *Calvinismo*?
28. Que era o *Édito de Nantes*?
29. Quaes forão os resultados da revogação do *Édito de Nantes*?
30. Em que se distingue a *Igreja anglicana* das outras communhões protestantes?
31. Porque conferiu o Papa o titulo de *Defensor da Fé* a Henrique VIII, Rei d'Inglaterra?
32. Porque se declarou Henrique VIII *Chefe Supremo da Igreja anglicana*?
33. Que concedeu o Parlamento inglez a Henrique VIII em materia de religião?
34. A quem se dava antigamente o nome de *Puritanos*?
35. Em que differem os *Catholicos* e os *Protestantes*?
36. Que é *atheo*, *deista*, *materiaalista*?
37. Desde quando se deu aos Fieis o nome de *Christãos*?
38. Quem foi o primeiro *Papa*, onde morreu, e que praticou?
39. Quem elegia os *Papas* nos principios da Igreja?
40. Quem elege actualmente o *Papa*?
41. Em que tempo começaram os

Cárdeaes a encerrar-se para elegem os Papas?

42. Como se chama o local aonde se encerrão os Cárdeaes para a eleição do Papa?

43. Que é *Conistorio*?

44. Que quer dizer *Papa*?

45. Que significa *Anti Papa*?

46. Que é *Mahometismo*?

47. Aonde nasceu *Mahomet*, e de que meios se serviu para propagar a sua religião?

48. Quando se retirou *Mahomet* a *Medina*, e que se entende por *Hegira*?

49. Que admittem os *Mahometanos* ou *Musulmanos*, em relação a *Jesus Christo*?

50. Quantos são os principaes artigos do *Mahometismo*?

51. Donde tirão as suas crenças e practicas os *Musulmaes*?

52. Em que consistem os principaes preceitos do *Islamismo*?

53. Como pôde ser considerado o *Alcorão*?

54. De que modo foi propagado o *Mahometismo*, e quaes as principaes seitas que ahrange?

55. Que admittem as seitas dos *Sunnis* e dos *Schyyas*?

56. Que seitas comprehende o *Polytheismo*?

57. Que se entende por *Fetichismo*?

58. Que é *Sabeismo*?

59. Qual é a principal divindade do *Brahmanismo*?

60. Explique o que é *Budhismo*?

61. Qual é a mais antiga das religiãoes do *Japão*?

62. Quem professa actualmente o *Culto dos Espiritas*?

63. Que é *Idolatria*?

64. Qual foi a primeira religião do mundo, e quaes os povos que ainda hoje seguem a *Idolatria* ou o *Paganismo*?



## PARTE SEGUNDA

### DEFINIÇÕES GEOMETRICAS

**Geometria** — Esta palavra, derivada do grego, significa: *Arte de medir a terra*; porém na acceção mais recebida, é a sciencia que tem por fim a extensão considerada em relação ás suas tres dimensões: *comprimento, largura e altura ou profundidade* (1). —

As proposições geometricas tem differentes grãos de evidencia, o que lhes faz dar differentes nomes, a saber: *Axioma, Theoréma, Corollario, Probléma, etc.* —

**Axioma** — É uma proposição evidente de si mesma, isto é, que não precisa demonstração, porque entendidos os termos, não se pôde duvidar da sua verdade; assim: *O todo é maior que uma de suas partes; duas quantidades iguaes a uma terceira, são iguaes entre si, são Axiomas.* —

**Theoréma** — Dá-se este nome ás proposições que não são evidentes á primeira vista, mas que se podem demonstrar. Esta proposição: *Os tres angulos de um triangulo são iguaes a dois angulos rectos, é um Theoréma.* —

**Corollario** — Entende-se por esta palavra a consequencia que se deduz de uma proposição demonstrada.

**Probléma** — É uma questão para resolver se-

---

(1) Attribue-se geralmente aos Egypcios a invenção da *Geometria*. Segundo *Herodoto e Strabão*, não podendo os Egypcios reconhecer os limites das suas herdades, confundidos todos os annos pelas inundações do Nilo, inventarão a arte de medir e dividir as terras, a fim de as distinguir pela consideração da figura que tinham, e da superficie que podião cobrir. Tal foi, diz-se, a primeira aurora desta sciencia.

Assegura-se que foi *Thales de Mileto* quem do Egypto levou a *Geometria* para a Grécia.

gundo as regras da sciencia: ao resultado chama-se *solução*.

**Extensão** — É o espaço que occupa qualquer corpo que se nos apresenta á vista.

**Aplicação** — Se se puzer, por exemplo, um livro sobre uma mesa, todo o lugar que n'ella occupar será a sua *extensão*.

**Corpo solido ou volume** — É tudo o que occupa um lugar no espaço, isto é, a extensão em tres dimensões: *comprimento, largura e altura*.

**Aplicação** — Uma caixa, uma commoda, etc., contém as três dimensões: *comprimento, largura e altura*.

**Superficie** — É a extensão considerada com duas dimensões: *comprimento e largura*.

**Aplicação** — Se quizermos medir um campo, por exemplo, consideramos unicamente as duas dimensões: *comprimento e largura*. A *superficie* póde ser plana ou curva.

**Superficie plana** ou simplesmente **plano** — É aquella sobre que se póde exactamente applicar uma linha recta em todas as direcções.

**Aplicação** — A parte superior de uma mesa ou de uma commoda, o sobrado de uma casa, a superficie das aguas, quando não estão agitadas, são *superficies planas*.

**Superficie curva** — É aquella que não é plana, isto é, sobre a qual se não póde applicar uma linha recta em todas as direcções.

**Aplicação** — A copa de um chapéu, uma laranja, uma bola, etc., são *superficies curvas*.

A **Superficie curva** póde ser **concava** ou **convexa** — Sirva de exemplo um vidro de relógio: olhado exteriormente, diz-se *convexo*, e pelo interior, *concavo*.

**Ponto** — É o que se considera sem dimensão alguma.

**Linha** — É a extensão considerada com uma só dimensão: *comprimento*.

**Figura** — É todo o espaço terminado por uma ou mais linhas, ou por uma ou mais superficies.

**Area de uma figura** — É a sua extensão superficial, isto é, a quantidade de superficie que n'ella se contém.

**Linha recta** ou simplesmente **recta** — É a que

tem todos os seus pontos na mesma direcção: ella mede a distancia mais curta de um ponto ao outro. —

Fig. 1.<sup>a</sup> A—————B

Esta linha A B é uma recta.

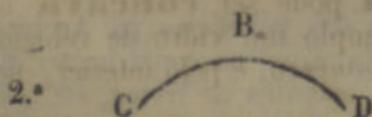
**Termos da linha** — São os pontos extremos em que ella começa e acaba, como A e B, da mesma Fig. 1.<sup>a</sup>

**Aplicação** — As linhas rectas empregão-se em quasi todos os officios, etc. —

Para traçar uma *recta* sobre uma folha de papel, usa-se de uma regoa e um lapis, ou em lugar deste, de uma penna e tinta, ou de um tiralinhas. Marcão-se dois pontos distantes um do outro, na direcção em que se quer levar a linha; e collocando uma regoa que coincida com estes dois pontos, corre-se por ella a pena ou o tiralinhas.

Para traçar uma *recta* sobre uma parede ou um sobrado, por exemplo, toma-se uma corda a que se tenha applicado carvão, gesso ou outra materia colorante; fixão-se os seus extremos, entesando a mesma corda: levanta-se depois pelo meio, e deixando cahir, ficará marcada a *recta* que se pertender.

Se se quizer traçar uma *recta* sobre um terreno, tomem-se umas estacas bem direitas, aguçadas n'uma das suas extremidades; crave-se uma em cada extremo da *recta*, e colloquem-se depois outras entre aquellas, de tal modo que olhando se de um dos extremos, se não distinga nenhuma das outras, á excepção da que se lhe seguir. As estacas assim collocadas formarão a *linha recta*.



**Linha curva** — É a que, ao contrario da *recta*, não tem todos os seus pontos na mesma direcção, como a linha C B D da Fig. 2.<sup>a</sup>

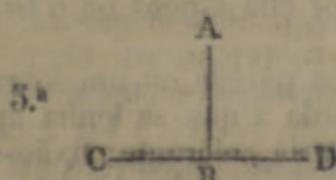
A *linha curva* é mais comprida do que a *recta*. —

As linhas medem-se com outra linha tomada ao arbitrio; porém emprega-se geralmente para medida a linha *recta*. Sirva de exemplo a linha M—————N. Sendo R—————S uma linha de comprimento conhecido, podemos saber o da linha MN, medindo-a com a linha RS, que então se considera como unidade.

3.<sup>a</sup> **A** **Linha vertical** — É a recta que se considera como baixando de qualquer ponto do espaço em direcção ao centro da terra. Exemplo a linha A B da Fig. 3.<sup>a</sup>  
 B *Esta linha é vulgarmente chamada linha de prumo.* —

4.<sup>a</sup> **A** **Linha horizontal** — É a que se considera como perpendicular á *vertical*, e a que também se chama *linha de nível*: é paralela ao horizonte, e está representada na Fig. 4.<sup>a</sup>, A B.

Um pão a prumo diz-se *vertical*; a frontaria de uma casa, diz-se *horizontal*; a sua altura, *vertical*.



**Linha perpendicular** — É a recta que, cabindo sobre outra recta, se não inclina mais para um lado do que para outro, como se vê na Fig. 5.<sup>a</sup>

A linha A B é uma perpendicular: a linha C D também é perpendicular relativamente á linha A B.

**Linha obliqua** — É toda a que não é perpendicular nem paralela. —

6.<sup>a</sup> **A** **Linhas paralelas** —  
 C **São as rectas que, estando no**

mesmo plano, se não encontram, por mais que se prolonguem de uma e outra parte, como se vê na Fig. 6.<sup>a</sup> As linhas A B, C D são paralelas. —

*Aplicação* — Usa-se muito das parâllelas na Architectura. Os marceneiros e carpinteiros, na construcção das portas, taboinhas de janellas, estantes de livros, etc., fazem um uso quôtidiano das parâllelas. Os degrãos de uma escada de mão são todos parâllelos; as linhas de um livro são igualmente parâllelas; os pedreiros assentão as telhas em linhas parâllelas, etc. —

**Circulo** — É a figura terminada em um plano por uma só linha, a qual tem todos os seus pontos equidistantes de outro ponto do mesmo plano, que se chama *centro*.

**Circumferencia** — É a linha que fórma o circulo

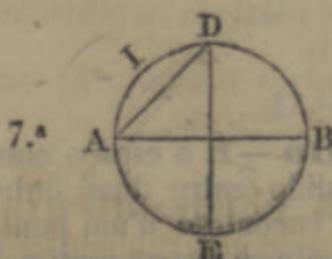
**Raios** — São as rectas tiradas do centro para a circumferencia. —

**Diametro** — É a recta que, passando pelo centro do circulo, termina de uma e outra parte na circumferencia, e o divide em duas partes iguaes, chamadas *semicirculos*.

**Arcó** — É qualquer porção da circumferencia.

**Segmento** — É um espaço de circulo contido ou fechado com um arco e uma corda.

**Corda** ou **Subtensa** — É a recta cujos extremos são os mesmos de um arco.

7.<sup>a</sup>

**Sector** — Da-se este nome ao espaço comprehendido entre um arco e dois raios.

A figura 7.<sup>a</sup> é um *circulo*: a linha ADBE é a *circumferencia*; o ponto em que as linhas AB, DE se cortão, é o

*centro*; a recta AB é chamada *diametro*; as rectas que vão do centro para a circumferencia são *raios*; AID é um *arco*; a recta AD chama-se *corda*; o espaço entre AID é um *segmento*, e *sector* o que se acha entre E B.

N. B. A circumferencia de qualquer circulo é igual ao triplo do seu diametro.

**Aplicação** — Nas artes mecanicas, usa-se muito do circulo. as rodas das carruagens, dos carros, das maquinas, as mós dos moinhos, as bocas dos poços, muitos lagos de jardim, etc., são em fórma de circulo. Nos usos domesticos, as cassarolas, caldeiras, barricas etc. são abertas em circulo; é pois conveniente saber traça-lo: descreve-se este, applicando o bico de um compasso a um ponto, que será o centro, e fazendo girar o outro até fechar a circumferencia. Para traçar um circulo n'um terreno, toma-se um cordel atado a uma estaca cravada no chão, a qual será o centro; e faz-se girar a outra extremidade do mesmo cordel até fechar a circumferencia.

**Semicirculo** — É, como já se disse, a metade do circulo, como AEB da Fig. 7.<sup>a</sup>

**Semidiametro** — É a metade do diametro. — O diametro é igual a dois raios. >

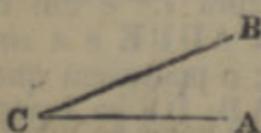
**Divisão da circumferencia** — Toda a circumferencia de circulo considera-se dividida em 360 partes iguaes, chamadas *grãos*: o grão divide-se em 60 *minutos*, o minuto em 60 *segundos*, etc. O *grão* denota-se com o signal  $^{\circ}$ , o *minuto*, com o signal  $'$ , o *segundo*, com o si-

igual''; assim,  $3^{\circ} 47' 52''$ , lê-se: 3 *grãos*, 47 *minutos*, 52 *segundos* (1).

**Quadrante** — É a quarta parte do círculo, e vale 90 *grãos*.

**Sextante** — É a sexta parte do círculo, e vale 60 *grãos*.

**Espiral** — É uma curva que, girando em torno do seu centro, se affasta delle em cada giro, como na Fig. 8.<sup>a</sup>

8.<sup>a</sup>9.<sup>a</sup>

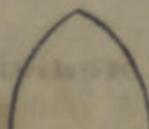
**Angulo** — É o espaço comprehendido entre duas linhas que se encontrão n'um ponto. Esse ponto chama-se *vertice* do *angulo*, e as linhas, *lados* do mesmo *angulo*, Fig. 9.<sup>a</sup>

Esta figura representa um *angulo*; C é o *vertice*: as linhas A C, C B são os *lados*.

**Angulo rectilíneo** — É o que é formado de duas linhas rectas, Fig. 10.<sup>a</sup>

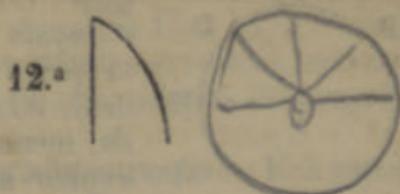
10.<sup>a</sup>

**Angulo curvilíneo** — É o que é formado de duas linhas curvas, Fig. 11.<sup>a</sup>

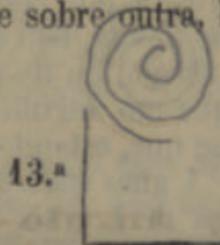
11.<sup>a</sup>

(1) *Minuto* vem do latim *minutus*, *a*, *um*, e quer dizer: *mui pequeno*, *diminuto*. Considerado como espaço de tempo, é a *sexagesima* parte da *hora*. Considerado como subdivisão da circunferencia, é a *sexagesima* parte do *grão*.

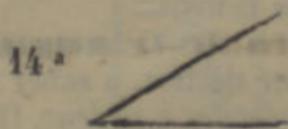
**Angulo mixtilineo** — Consta de uma recta e uma curva, Fig. 12.<sup>a</sup>



**Angulo recto** — É formado por uma recta cahindo perpendicularmente sobre outra, Fig. 13.<sup>a</sup>



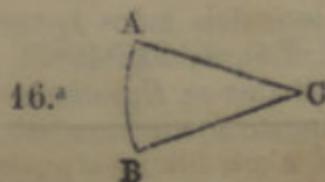
**Angulo agudo** — Dá-se este nome ao que tem uma abertura menor que o angulo recto, Fig. 14.<sup>a</sup>



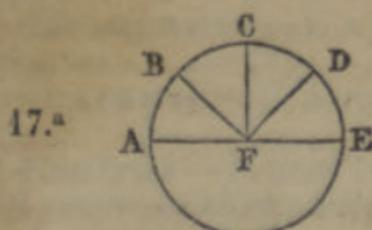
**Angulo obtuso** — É o que tem uma abertura maior que o angulo recto, Fig. 15.<sup>a</sup>



**Medição dos angulos** — A grandeza destes não depende da grandeza dos seus lados; mede-se pela do arco de circulo de que o vertice do angulo será o centro, Fig. 16.<sup>a</sup>



Assim, o arco AB é a medida do angulo ACB.



☞ Convém advertir que o *angulo recto* é igual á quarta parte do circulo, isto é, mede 90 grãos; o *angulo agudo*, menos de 90 grãos, e o *angulo obtuso*, mais de 90

grãos, porém menos de 180, Fig. 17.<sup>a</sup>

CFE é um *angulo recto*, e por conseguinte mede 90 grãos; DFE, é um *angulo agudo*, isto é, de menos de 90 grãos; BFE, um *angulo obtuso*, ou de mais de 90 grãos.

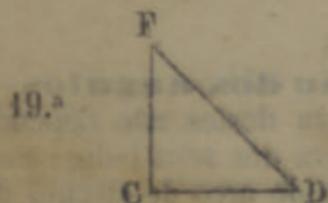
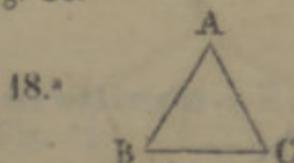
N. B. Quando se diz que um angulo tem 80 grãos, por exemplo, deve entender-se que, estando o angulo recto dividido em 90 angulos de 1 grão cada um, o angulo dado contém 80 desses angulos de 1 grão, e por conseguinte corresponde aos  $\frac{8}{9}$  de um *angulo recto*.

**Triangulo rectilíneo** ou simplesmente **Triangulo** — É a figura terminada por tres linhas.

**Angulo e lados das figuras geométricas** — É regra geral que toda a figura tem tantos angulos quantos são os seus lados. —

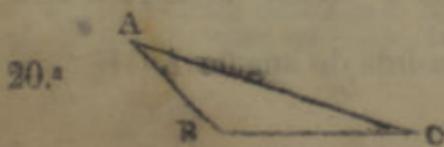
**Varias especies de triangulos** — Em relação aos lados, podem ser de tres, a saber: *triangulo equilateral* ou *equiangulo*, *isósceles* e *scaleno*. Distinguem-se nos *triangulos* sete cousas: tres angulos, tres lados e a área.

**Triangulo equilátero** — É o que tem os tres lados iguaes, Fig. 18.<sup>a</sup>



**Triangulo isósceles** — É o que tem dois lados iguaes, como FC, CD, da Fig. 19.<sup>a</sup>

☞ Chama-se *Hypóthenusa* o lado opposto ao angulo recto.



**Triangulo scaleno** — É o que tem os tres lados desiguaes, Fig. 20.<sup>a</sup>

Chama-se também *triangulo acutangulo*, quando os tres angulos são agudos, como na Fig. 18.<sup>a</sup>; *triangulo rectangulo*, quando um dos angulos é recto, como na Fig. 19.<sup>a</sup>; e *triangulo obtusangulo*, quando um dos angulos é obtuso. Fig. 20.<sup>a</sup>

**Area de um triangulo** — É o espaço comprehendido pelos seus tres lados.

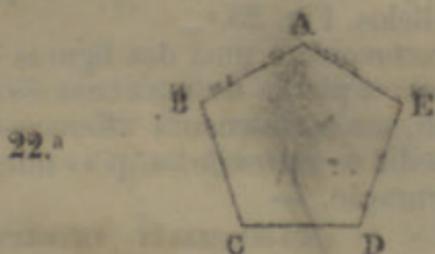
**Polygono** — Dá-se geralmente este nome a uma figura de muitos angulos, isto é, terminada em um plano por linhas rectas. — Se todos os lados são iguaes, e também os angulos, chama-se *polygono regular*; do contrário, *polygono irregular*. —

**Lados que pôde ter um polygono** — Não é possível determina-los, mas nunca podem ser menos de tres. O mais simples dos *polygonos* é o que tem tres lados, e se chama *trilátero* ou *triangulo*, de que já se deu a definição

**Quadrilátero** — É o *polygono* de quatro lados. Fig. 21.<sup>a</sup>



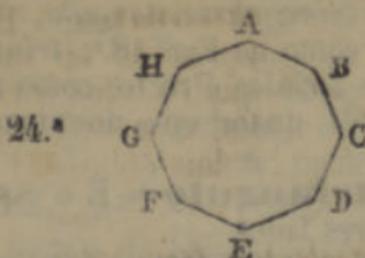
**Pentágono** — É o *polygono* de cinco lados, Fig. 22.<sup>a</sup>



**Hexágono** — É o *polygono* de seis lados, Fig. 23.<sup>a</sup>



**Octógono** — É o *polygono* de oito lados, Fig. 24.<sup>a</sup>



Entre os *quadriláteros*, distinguem-se: o *quadrado perfeito*, o *rectangulo* ou *quadrilongo*, o *rhombó*, o *parallelogrammo* e o *trapezio*. —

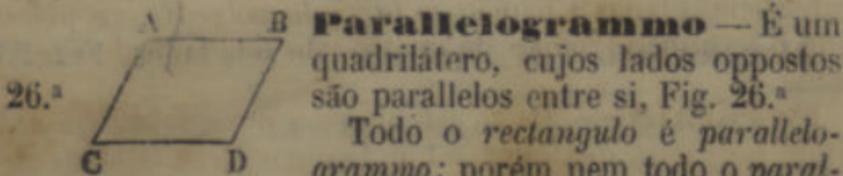
**Quadrado perfeito** — Compõe-se de quatro lados iguaes e de quatro angulos rectos, como se viu na Fig. 21.<sup>a</sup>

*Aplicação* — Deduz-se d'aqui que *pé quadrado*, *vara quadrada*, etc. não significão outra cousa mais do que um quadrado que tem de lado um pé, ou uma vara.

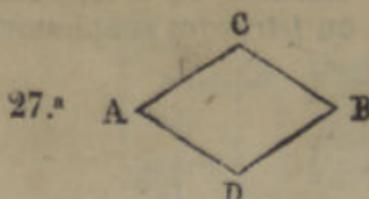
Assim, quando se diz que um paiz tem, por exemplo, 300 *leguas quadradas*, entende-se que a extensão superficial do dito paiz é igual á que occuparião 300 quadrados, cada um dos quaes tivesse uma legua de lado.



*Aplicação* — O *rectangulo* é uma das figuras que mais se empregão nas artes: a planta de uma casa é ordinariamente um *rectangulo*; na agrimensura offerece-se muitas vezes occasião de medir os *rectangulos*, pois muitos campos têm essa configuração. —

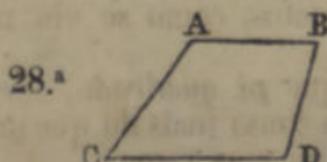


Todo o *rectangulo* é *parallelogrammo*; porém nem todo o *parallelogrammo* é *rectangulo*; porque póde não ter os angulos rectos, como se vê na Fig. 26.<sup>a</sup> —



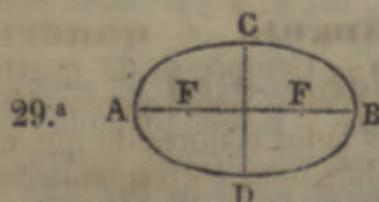
**Rhombo** — É um *parallelogrammo* ou uma figura de quatro lados iguaes e parallelos, com dois angulos agudos e dois obtusos, Fig. 27.<sup>a</sup>

*Aplicação* — O *rhombo* tem frequentes applicações nas artes, por causa da regularidade dos seus lados: emprega-se nos papeis pintados, nos lavores dos estofos, nas obras de serralheiro, marceneiro, etc. —



**Trapezio** — É um *quadrilatero* que apenas tem dois lados parallelos e desiguaes, como AB, CD, Fig. 28.<sup>a</sup>

**Periferia** — É a circumferencia ou o contorno de uma figura curvilinea.



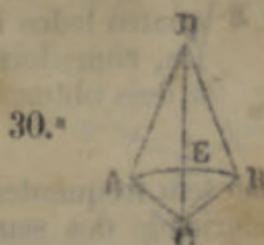
**Ellipse** — É uma figura oblonga terminada por uma linha curva regular. Chama-se vulgarmente *oval*, Fig. 29.<sup>a</sup>

Nesta figura curvilinea ha dois diametros, um maior AB, e outro menor CD, os quaes se chamão *eixo maior* e *eixo menor* da *ellipse*. Os pontos FF chamão-se *focos da ellipse*.

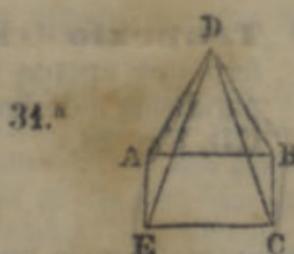
**Polyedro** — É um corpo ou solido terminado por superficies planas Chamão-se *faces do polyedro*, os planos que o terminão; menos de quatro não podem fechar o volume.

**Pyramide** — Dá se este nome a um solido cuja base é um *polygono* qualquer, e que tem por faces lateraes planos triangulares, que se reúnem n'um ponto chamado *vertice da pyramide*, exemplos: o ponto D das Fig. 30.<sup>a</sup> e 31.<sup>a</sup> A perpendicular tirada do vertice sobre o plano da base é a altura da *pyramide*.

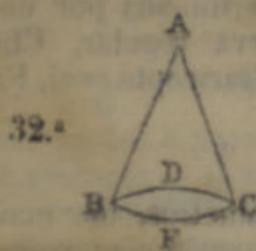
**Diferentes nomes que tomão as pyramides segundo a sua base**—Se é triângulo, chama-se *pyramide triangular*, ou *tetraédro* simplesmente. Fig. 30.<sup>a</sup>



Se é quadrilátero, chama-se *pyramide quadrangular*, Fig. 31.<sup>a</sup> —

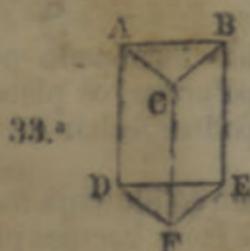


Se a base é polygono regular, e a altura da pyramide cahe no centro desse polygono, diz-se a *pyramide regular*, etc. —



**Pyramide cônica** ou simplesmente **cône** É uma pyramide que tem por base um círculo, e termina em ponta como se vê na Fig. 32.<sup>a</sup>

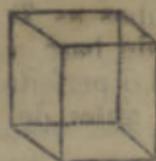
O ponto A, diz-se *vertice*; as rectas AB, AC, lados, e o círculo BDCF, base.



**Pryma** — É um solido cujas duas faces oppostas são polygonos iguaes e parallelas; os outros planos são parallelogrammos, Fig. 33.<sup>a</sup>

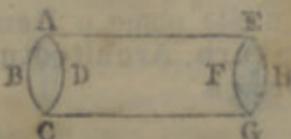
N. B. Os *prysmas* tomão tambem diferentes nomes, conforme a figura das suas bases: se é triângulo, chama-se *prysma triangular*, Fig. 33.<sup>a</sup>; se quadrilátero, *prysma quadrangular*, etc.

**Parallelepípedo** — É o *prisma* que tem por base um parallelogramo.

34.<sup>a</sup>

**Cubo** — É o parallelepípedo, cujas bases e faces são todas quadradas, como um dado; d'aqui o nome de *cubo*, Fig. 34.<sup>a</sup> —

*Aplicação* — O *metro cubico*, exprime um *cubo* que tem de lado um *metro*. Assim, quando se diz que um corpo contém, por exemplo, 5 *metros cubicos*, entende-se que occupa tanto espaço como o que encherião 5 *cubos*, cada um dos quaes tivesse um *metro* de lado. 77

35.<sup>a</sup>

**Cilindro** — É uma figura ou corpo redondo, que tem por base dois circulos iguaes, Fig. 35.<sup>a</sup>

As rectas AE, CG dizem-se *lados*, e os circulos AB CD, EFGH, *bases*. 77 -

36.<sup>a</sup>

**Esphera** — É um corpo perfeitamente redondo, como por exemplo, uma bola de bilhar, no qual todos os pontos da superficie são igualmente distantes de um centro commum, Fig. 36.<sup>a</sup>

*Aplicação* — Nas artes e officios faz-se muito uso da esphera, principalmente os torneiros, marceneiros e serralleiros.

**Medir o volume de um corpo** — É determinar quantas vezes este contém outro conhecido, o qual se considera então como unidade.

O **Cubo** é a mais simples medida dos solidos; é aquella de que se usa geralmente. 19

## TRIGONOMETRIA

É a sciencia que faz parte da Geometria, e ensina a medir os triangulos. A maior parte dos problêmas de Astro-

nomia são fundados nas soluções dos triangulos esphericos e rectilineos. Como as formulas de ambas as *Trigonometrias* (espherica e rectilinea) servem de base a todas as analyses astronomicas, é indispensavel o perfeito conhecimento desta parte das *Mathematicas*, antes de proceder aos calculos daquella sciencia.

---

## BELLAS ARTES

Comprehende-se debaixo d'este nome o **Dezenho**, a **Pintura**, **Esculptura**, **Gravura**, **Architectura**, **Musica**, **Lithographia** e a **Dança**.

### DO DEZENHO

1 O **Dezenho** é a arte d'imitar, por meio de traços e de claro escuro, a figura ou fórma dos objectos que se offerecem á nossa vista, e daquelles de que conservamos lembrança, ou que a nossa imaginação se apraz de crear.

2 Os primeiros principios do **Dezenho** consistem no conhecimento das linhas e dos traços, que se achão em todos os objectos que se querem representar. As principaes linhas são: a *horizontal* e a *perpendicular*, que servem de base a todas as outras, pois com ellas se formão angulos, triangulos, quadrados, etc.; por isso é necessario ter algumas noções de Geometria, para fazer uso das linhas, segundo as regras da perspectiva, e pôr cada objecto no lugar que lhe compete.

3 Ha **Dezenho de figura** e **Dezenho de paisagem**.

4 Para o **Dezenho de figura**, é necessario saber quaes são as proporções do corpo humano, isto é, a divisão que os artistas delle fazem. Geralmente dividem o rosto em tres partes iguaes; a primeira da raiz do cabello acima da testa, até onde começa o nariz; este fórma a segunda, e a terceira mede-se da parte inferior do nariz até á barba.

5 O corpo inteiro do homem divide-se em oito partes iguaes, isto é, em oito vezes a altura do rosto. De todas as divisões que se tem feito, esta é a mais facil para os principiantes.

A primeira, do alto da cabeça até á barba; a segunda, da barba até aos bicos dos peitos; a terceira, dos bicos dos peitos até ao umbigo; a quarta, do umbigo até as cadeiras; a quinta, d'ahi até ao meio da coxa; a sexta, do meio da coxa até ao joelho; a setima, d'ahi até ao meio da perna; a oitava, do meio da perna até á planta do pé.

O comprimento dos braços estendidos é igual á altura do homem: os pés ou as mãos tem o comprimento de um rosto. 29

6 As proporções entre o corpo do homem e o da mulher fazem uma differença de duas ou tres pollegadas na altura. A mulher tem a cabeça mais pequena, o pescoço mais alto, a parte anterior do peito mais sahida e elevada, os quadris mais largos, as coxas mais grossas, porém menos compridas; a parte superior do braço mais cheia, os pés mais pequenos e delgados, os musculos menos apparentes, e os contornos mais iguaes. 10 -

7 O corpo das creanças de tres annos divide-se em cinco partes iguaes ou rostos: da barba até ao alto da cabeça conta se uma, duas no corpo e duas nas pernas.

8 Para o Dezenho de figura, começa-se por debuxar olhos, narizes, bocas e orelhas; depois aprende se a conhecer a disposição e as proporções de uma cabeça vista de perfil; disto passa-se as mãos, aos pés, e finalmente forma-se um co po inteiro. -

9 Os requisitos essenciaes do Dezenho são os seguintes: *correção, bom gosto, elegancia, character, diversidade, expressão e perspectiva.* 124

A *correção* depende da exactidão das proporções, e do estudo da Anatomia. O *bom gosto* é o modo de dezenhar particular a cada um, que se alcança ou naturalmente, ou dos mestres e estudo, ou de todos juntos. A *el-gancia* communica ás figuras certa delicadeza que agrada a todos em geral. O *character* é o que é peculiar a cada cousa, e d'elle procede a diversidade, porque cada uma tem o seu particular character que a distingue. A *expressão* é a representação viva e natural das paixões, etc. Finalmente, a *perspectiva* indica a justa distancia entre o olho e os objectos; ou por outras palavras, é a representação das partes de um quadro, ou de uma figura, segundo a disposição em que estão entre si, em relação ao ponto de vista.

10 O Dezenho é a base fundamental da Pintura, Esculptura, Gravura, Architectura, e, em geral, de muitas sciencias e artes mechanicas, as quaes se não podem executar bem, sem o seu auxilio. - 17

11 O que hoje se chama **Dezenho linear** é a arte de traçar dezenhos regulares, applicaveis, principalmente, ás necessidades da industria e das artes, taes como, os dezenhos dos papeis pintados, das chitas, dos ornatos das casas, dos labores das obras de ourives, das maquinas de toda a especie de que se faz uso nas fabricas, finalmente das obras de serralheiro, marceneiro, carpinteiro, canteiro, etc.

A utilidade do **Dezenho linear** na educação da mocidade de ambos os sexos, está reconhecida em toda a parte do mundo civilisado. Deve pois fazer parte da Instrucção primaria em Portugal, segundo o Decreto de 20 de Setembro de 1844. — Com effeito, qual é o homem que, ao sahir do collegio ou da escola, não necessita do **Dezenho linear**? Se é operario, comprehenderá facilmente o pensamento de seu mestre, e aperfeiçoará o seu trabalho; se é chefe de alguma officina, traçará, com extrema facilidade, os dezenhos d'aquillo que pertender mandar executar; finalmente, se é proprietario, não carecerá por ventura em milhares de occasiões de transmittir claramente o seu pensamento a um architecto, pedreiro, marceneiro, serralheiro, por meio de um esboço linear?

12 O **Dezenho** foi por muito tempo um estudo de artistas, sendo mui poucas as demais pessoas que o cultivavam; porém depois que se reconhecerão os seus encantos e a sua utilidade, tornou-se uma occupação favorita das outras classes da sociedade; de modo que o saber dezenhar é hoje um dos caracteres distinctivos de uma boa educação.

## EXAME

- |   |   |
|---|---|
| <p>1. Que é <i>Dezenho</i>?</p> <p>2. Em que consistem os primeiros principios do <i>Dezenho</i>?</p> <p>3. Que especies ha de <i>Dezenho</i>?</p> <p>4. Que é necessario saber para o <i>Dezenho de figura</i>?</p> <p>5. Em quantas partes se divide o corpo do homem?</p> <p>6. Que differença ha entre as proporções do corpo do homem e o da mulher?</p> | <p>7. Como se divide o corpo das creanças de tres annos?</p> <p>8. Por onde deve começar o <i>Dezenho de figura</i>?</p> <p>9. Quaes são os requisitos essenciaes do <i>Dezenho</i>, e em que consistem?</p> <p>10. De que é base fundamental o <i>Dezenho</i>?</p> <p>11. Que se entende por <i>Dezenho linear</i>, e qual é a sua utilidade?</p> <p>12. Tem acaso sido geralmente seguido o estudo do <i>Dezenho</i>?</p> |
|---|---|

## DA PINTURA

1 A **Pintura** é a arte de representar, por meio de linhas e côres, todos os objectos visiveis ou creados pela imaginação do homem. Abrange tres cousas principaes: *composição, dezenho e colorido*.

A *composição* comprehende a *invenção*, que é a escolha dos objectos que devem entrar no quadro, e a *disposição*, que é a sua distribuição mais ou menos feliz.

O *dezenho* dá a idéa exacta da fôrma e circumscripção dos objectos. —

O *colorido* é a expressão das côres naturaes, que dá a esses objectos a sua propria e perfeita similhança.

2 Os pintores servem-se de *pinceis e brochas* para applicar as tintas (1); de *cavallette*, que é uma armação de madeira, para sustentar o panno em que estão pintando, e de *palheta*, isto é, uma taboa mui delgada, ordinariamente de figura oval, com um buraco em que mettem o dedo pollegar, e aonde tem as tintas de que fazem uso. —

— 3 Ha varias especies de *Pintura*: as principaes são as seguintes:

1.º **Pintura a oleo** feita com tintas misturadas com oleo. Esta classe de *Pintura*, que é a mais estimada, foi ignorada dos antigos. Attribuem alguns historiadores a sua invenção a *João Van-Eych*, mais conhecido pelo nome de *João de Bruges*, que vivem no seculo XIV, se bem que outros pertendem que já estava em uso no seculo XI.

2.º **Pintura à tempera ou a aguada**, isto é, de tintas desfeitas em agua ou colla. Este genero de *Pintura* é o mais antigo e o mais simples. —

3.º **Pintura a fresco**. É praticada desde os primeiros tempos da Republica romana. É aquella em que se usa de tintas delidas em agua, applicadas ao estuque mal enxuto.

4.º **Pintura a pastel**. É a que é feita com uma especie de pasta formada de lapis de varias côres, amassado em gomme arabica. Fazem-se quadros *a pastel*, assim como se fazem *a oleo* e *à tempera*. —

5.º **Pintura de caustico**. É aquella em que se emprega cera, e applicação as côres por meio do fogo. Este ge-

(1) Os antigos usavão para o mesmo fim de esponjas finas atadas em cabo de pão.

nero de **Pintura**, conhecido dos antigos, cahiu em desuso durante alguns seculos. *Bachelier*, pintor da Academia franceza, foi o primeiro artista modernó que fez *pinturas de caustico*, no anno de 1749.

6.º **Pintura em miniatura**. Emprega-se nos retratos e outras obras delicadas, e executa se com côres desfeitas em agua. Differe da **Pintura á aguada**, em que esta é em ponto grande, e a *miniatura*, em ponto pequeno.

7.º **Pintura de esmalte**. Emprega-se em laminas de ouro, cobre, etc., com côres que se vitrificão; é a mais bella e duradoura, quando bem executada. Foi conhecida dos antigos; abandonada depois durante muitos seculos, e renovada em 1504.

8.º **Pintura em vidro**. Foi muito empregada nas vidraças das igrejas, palacios, etc. Esta hoje geralmente abandonada; porém não, como alguns pertendem, porque se perdesse o segredo de a fazer.

9.º **Pintura de mosaico**. É aquella em que se empregão fragmentos de pedras de diversas côres, ou outras materias combinadas e unidas com argamassa para formar imagens e figuras. Este genero de **Pintura** não foi ignorado dos antigos; e tanto em Roma como n'outros pontos da Italia, existem ainda restos d'ella.

4 Não concordão os historiadores sobre o paiz e a época em que a **Pintura** teve origem: uns attribuem essa honra aos Egypceios, outros aos Gregos. Seja porém o que fór, o que não padece duvida é que no Egypto os seus progressos não chegarão a ser notaveis. Foi nas famosas Escolas da Grecia que a **Pintura** attingiu a perfeição. Alli *Protógenes*, *Pamphilo*, *Zeuxis*, *Parrhasio*, *Appelles* e outros muitos pintores chegarão a expressar com tal verdade as bellezas da natureza, que seduzião os homens, e enganavão os proprios animaes (1).

Convém comtudo advertir que muitos pintores que naquelles tempos se tornárão celebres, não passarião hoje de mediocres artistas.

5 Os Romanos tambem cultivárão a **Pintura** com feliz exito, sobretudo nos fins da Republica, e sob o Governo dos Imperadores; porém os seus pintores nunca chegarão a igualar os da Grecia.

(1) Veja-se mais adiante debaixo da epigraphie — *Noticia de varios homens illustres da antiguidade, e dos principaes aucto-es adoptadas nas classes* — o que se refere ácerca de uma aposta que o pintor *Parrhasio* fizera com *Zeuxis*.

6 Com a quêda do Imperio romano, teve a **Pintura** a mesma sorte que às demais artes, isto é, gemeu quasi sete seculos debaixo do jugo dos povos incultos que inundá.ão todos os paizes sujeitos á dominação romana. O seu renascimento na Europa, fixa-se no anno de 1200. *Comabue*, cidadão florentino, instruido pelos pintores gregos que o Senado da sua patria mandou chamar, passa geralmente por aquelle que restabeleceu as Bellas Artes desterradas da Italia pela invasão dos Barbaros, e lançou os primeiros alicerces da *Escola florentina*, mãi de todas as outras que se estabelecerão depois.

7 Em 1450, ainda a **Pintura** não estava apurada na Italia, aonde havia 200 annos que não deixava de se cultivar; porém pelos fins daquelle seculo, fez rapidos progressos, vendo-se florescer ao mesmo tempo artistas de um talento superior, e cujos quadros, muitissimo estimados, se vendem hoje por avultadas quantias.

8 Um bom pintor deve saber bem *Dezenho*, *Anatomia*, *Geometria*, etc.; ser instruido na *Historia universal*, *sagrada e profana*; saber a *Fabula*; ter uma imaginação viva, etc.

Sendo porém certo que nem todôs os que cultivão a **Pintura** nascem com igual aptidão, cada qual adopta este ou aquelle genero, segundo a disposição natural do seu caracter; uns pintão a *Historia*, e estes são os mais raros e estimados; outros dedicão-se exclusivamente a retratos; outros a pintar animaes; outros a representar paizagens. Ha tambem alguns que pintão tudo quanto lhes vem á idéa, como uma *scena* popular, uma *rixa*, uma *reconciliação*, etc.. (1). Estes quadros são, em geral, estimados. Finalmente, ha pintores cujo pincel representa *scenas* maritimas, como um *combate* naval, uma *tempestade*, um *naufragio*, um *porto* de mar, etc.

9 Ainda que a **Pintura** pareça limitar-se a recrear a vista, não se pôde, sem injustiça, negar-lhe um lugar entre as artes verdadeiramente uteis. Offerece áquelle que está a isente dos objectos que mais ama, a grata vista da sua imagem; perpetúa a dos que ja não existem; transmite os usos, costumes e successos memoraveis; multiplica as bellezas da natureza, as quaes representa debaixo de todos os aspectos, etc.

(1) Dá-se o nome de *bambochatas* a quadros compostos de pequenas figuras representando acções communs da vida.

10 **Iconologia ou Pintura allegorica.** É a representação das virtudes, vícios e outras cousas moraes ou naturaes, por meio de figuras sensiveis, como, por exemplo, a *Fortaleza* sob a figura de mulher com aspecto varonil e habito guerreiro, sentada, tendo um leão aos pés; a *Prudencia*, sob a figura de uma donzella com duas caras (uma para designar o conhecimento do passado, outra do futuro) com um espelho circular em que está enroscada uma serpente; os *Rios* sob a figura de velhos com barbas e cabellos compridos, e uma corôa de junco na cabeça, encostados a uma urna d'onde sahe a agua que forma o rio a que presidem, etc. —

A **Iconologia** é, por assim dizer, uma linguagem hieroglyphica, com a qual devem familiarisar-se, principalmente, os poetas, pintores e esculptores.

11 **Escola.** Por esta palavra, entende-se um certo caracter e gosto particular que os pintores, que se distinguirão n'um paiz seguindo o mesmo mestre, imprimem nas suas obras; advertindo que muitos artistas podem pertencer á *Escola* de um mestre sem o terem conhecido, nem serem seus contemporaneos. As quatro *Escolas* mais celebres da antiga Grecia, erão as de *Sycione*, *Coryntho*, *Rhodes* e *Athénas*; mas a primeira destas cidades foi reputada como a patria, e, por assim dizer, o viveiro dos melhores pintores. Foi no tempo de Alexandre que esta arte chegou á sua época mais florescente. —

12 As principaes *Escolas*, depois do renascimento da Pintura na Europa, são as seguntés:

#### **Escola florentina**

*Chefe*, João CIMABUE, nasceu em 1230, morreu em 1300.

#### **Principaes pintores**

LEONARDO DE VINCI, Pintor, Escultor e Architecto, nasceu em 1452, morreu em 1519.

MIGUEL ANGELO BUONARROTI, nasceu em 1474, morreu em 1564.

ANDRÉ DEL SARTO, nasceu em 1488, morreu em 1530.

DANIEL DE VOLTERRA, nasceu em 1509, morreu em 1566.

FRA ANGELO, nasceu em 1387, morreu em 1455, etc. —

#### **Escola romana (1)**

*Chefe*, RAPHAEL SANZIO DE URBINO, nasceu em 1483, morreu em 1520.

#### **Principaes pintores**

PEDRO PERUGINO, nasceu em 1446, morreu em 1524. (2)

JULIO ROMANO, nasceu em 1492, morreu em 1546.

BENEVENUTO GAROFALO, nasceu em 1481, morreu em 1559.

(1) Esta é a mais importante de todas as Escolas, e *Raphael*, o seu mais bello ornamento.

(2) *Raphael* foi seu discipulo.

CARLOS MARATTA OU MARATTA, nasceu em 1625, morreu em 1713, etc. (1)

### Escola veneziana

*Chefe*, V. TICIANO, nasceu em 1477, morreu em 1576.

#### Principaes pintores

GENTIL BELLINI, nasceu em 1426, morreu em 1516 (?)

GIORGIONE (GEORGIO BARBARELLO chamado o) nasceu em 1478 (?), morreu em 1511.

TINTORETO, nasceu em 1512, morreu em 1594.

PAULO VERONESE, nasceu em 1530, morreu em 1588, etc.

### Escola lombarda e bolonheza

*Chefe*, ANDRÉ MONTEGNA, nasceu em 1430 (?), morreu em 1506.

#### Principaes pintores

CORREGIO, nasceu em 1494, morreu em 1534. (2)

LUIZ CARRACCI, nasceu em 1533, morreu em 1619.

AGOSTINHO CARRACCI, nasceu em 1358, morreu em 1604.

ANNIBAL CARRACCI, nasceu em 1360, morreu em 1609.

MIGUEL ANGELO CARAVAGGIO, nasceu em 1569 (?), morreu em 1609.

GUIDO RENI, nasceu em 1575, morreu em 1642.

F. ALBANO OU ALBANI, nasceu em 1378, morreu em 1660.

J. LANFRANC, nasceu em 1581, morreu em 1647.

DOMINICHINO (DOMENICO ZAMPIE-

RO), nasceu em 1581, morreu em 1641 (?).

GUERCINO (JOÃO FRANCISCO BARBURI), nasceu em 1590, morreu em 1666, etc.

### Escola flamenga

*Chefe*, JOÃO VAN EYCH (chamado depois JOÃO DE BRUGES), nasceu em 1370, morreu em 1445 (?).

#### Principaes pintores

PEDRO PAULO RUBENS, nasceu em 1577, morreu em 1640. (3)

DINIZ CALVART (chamado o FLAMENGO), nasceu em 1565, morreu em 1619.

PAULO BRIL OU VUIL, nasceu em 1556, morreu em 1626.

FRANCISCO SNEYDERS OU SNYDERS, nasceu em 1579 (?), morreu em 1637. (4)

DAVID TENIERS SENIOR, nasceu em 1582 (?), morreu em 1649.

J. JORDAENS, nasceu em 1594, morreu em 1649.

ANTONIO VAN DYCK, nasceu em 1599, morreu em 1644.

J. VAN OST SENIOR, nasceu em 1600, morreu em 1674.

DAVID TENIERS, JUNIOR, nasceu em 1610 (?), morreu em 1694, etc.

### Escola hollandeza

#### Principaes pintores

A. VAN OWATER, floresceu pelo Seculo XV. (5)

LUCAS DE LEYDEN, nasceu em 1494, morreu em 1533. Alguns auctores fazem pertencer este pintor á Escola flamenga.

REMBRANDT, nasceu em 1606, morreu em 1664 ou 1674. (6)

(1) É necessario advertir que ha divergencia de opiniões sobre a epoca do nascimento e da morte de alguns pintores.

(2) *Raphael*, *Ticiano* e *Corregio* são considerados como os tres maiores pintores da Italia.

(3) *Pedro Paulo Rubens* é o mais distincto entre os professores desta celebre Escola.

(4) Ninguem lhe excedeu na perfeição com que representava os animaes.

(5) Os auctores não estão d'accordo sobre as datas do nascimento e morte d'este pintor.

(6) *Rembrandt* foi quem mais acreditou esta Escola pelo seu bello e excellento colorido.

GUILHERME VAN DE VELDE, SENIOR, nasceu em 1610, morreu em 1693.

GERARDO DOW, nasceu em 1619, morreu em 1681.

J. VAN LOO, nasceu em 1614, morreu em 1670.

FELIPPE WOUWERMANS, nasceu em 1621, morreu em 1668.

GUILHERME VAN DE VELDE, JUNIOR, nasceu em 1633, morreu em 1707.

GERARDO LAIRESSE, nasceu em 1640, morreu em 1711.

PAULO POTTER, nasceu em 1625, morreu em 1654.

JOÃO VAN DER HEYDE, nasceu em 1625, morreu em 1654, etc.

### Escola alemã

*Chefe*, ALBERTO DURER (4), nasceu em 1470 ou 1471, morreu em 1528.

#### Principaes pintores

JOAQUIM SANDRART (XV Seculo).

LUCAS SUNDER, SENIOR, conhecido tambem pelo nome KRANACH, nasceu em 1472, morreu em 1553.

JOÃO HOLBEIN, SENIOR, (?)

JOÃO HOLBEIN, JUNIOR, nasceu em 1498, morreu em 1554.

A. R. MENGES, nasceu em 1728, morreu em 1779, etc.

### Escola hespanhola

#### Principaes pintores

LEIZ DE MORALES, chamado o *divino*, nasceu no principio do seculo XVI, morreu em 1586.

JEANES (VICENTE DE), nasceu em 1523, morreu em 1579.

JOSE DE RIBERA, cognominado o *hespanholito*, nasceu em 1588, morreu em 1656.

FRANCISCO ZURBARAN, nasceu em 1598, morreu em 1662.

DIOGO VELASQUEZ, nasceu em 1597, morreu em 1660.

ALONZO CANO, pintor, esculptor e architecto, nasceu em 1604, morreu em 1667.

BARTHOLOMEU ESTEVÃO MURELLO nasceu em 1618, morreu em 1682.

ARELLANO (JOÃO DE), nasceu em 1614, morreu em 1676.

ALONZO CUELHO, nasceu no principio do seculo XVI, morreu em 1590, etc.

### Escola franceza

#### Principaes pintores

SIMÃO VouET, nasceu em 1582, morreu em 1641.

NICOLÃO POUSSIN, nasceu em 1594 ou 1596, morreu em 1665. (2)

CLAUDIO LORRAIN, nasceu em 1600, morreu em 1682.

M. VALENTIN, nasceu em 1600, morreu em 1642.

PEDRO MIGNARD, nasceu em 1610, morreu em 1695.

LE BAUN, nasceu em 1619, morreu em 1690.

C. LAFOSSE, nasceu em 1640, morreu em 1716.

J. B. SANTERRE, nasceu em 1641, morreu em 1717.

J. RIGAUD, nasceu em 1659, morreu em 1743. (3)

SCBLEYRAS, nasceu em 1699, morreu em 1749.

F. BOUCHER, SENIOR, nasceu em 1704, morreu em 1770.

CLAUDIO VERNET, nasceu em 1722 ou 1714, morreu em 1789. (4)

J. M. VIEN, SENIOR, nasceu em 1716, morreu em 1789.

VINCENT, nasceu em 1746, morreu em 1816.

J. L. DAVID, nasceu em 1748, morreu em 1825.

BARTO J. B. REYNARD, nasceu em 1754, morreu em 1829.

F. WATTEAU, nasceu em 1684, morreu em 1721.

HORACIO VERNET, nasceu em 1758, morreu em 1836.

GILLODET, nasceu em 1767, morreu em 1824.

J. MEYNIER, nasceu em 1768, morreu em 1832.

(1) É o mais celebre representante da Escola, e lido como o restaurador da pintura e gravura em Alemanha.

(2) Nicoláo Poussin é considerado como o *Raphael* da Escola franceza.

(3) J. Rigaud foi chamado, com justiça, o *Van Dyck* da França.

(4) Claudio Vernet era conhecido como o primeiro pintor de marinhas da Europa.

BARLÔ F. GÉRARD, nasceu em 1770, morreu em 1837, etc.

### Escola ingleza

#### Principaes pintores

R. STREATER, nasceu em 1624, morreu em 1680.

HOGART, nasceu em 1696, morreu em 1764.

T. WORDLIGE, nasceu em 1700, morreu em 1766.

R. WILSON, nasceu em 1714, morreu em 1782. (1)

SIR JOSÉ REYNOLD, nasceu em 1723, morreu em 1792.

E. CUNINGHAM, nasceu em 1742, morreu em 1793, etc.

PORTUGAL tambem tem produzido pintores de muito merecimento, taes como: Um *Gram Vasco*, *Francisco de Hollanda*, *Antonio Campello*, *Affonso Sanches Coelho*, *Claudio Coelho*, *Estevão Gonçalves*, *Francisco Vieira*, denominado o *Vieira Lusitano*, *Francisco Vieira*, denominado o *Vieira Portuense*, *Pedro Alexandrino de Carvalho*, o *Morgado de Setubal*, *Domingos Antonio de Sequeira*, etc., etc.

## EXAME

1. Que é *Pintura*, e quantas classes principaes abrange?

2. De que se servem os pintores para os seus trabalhos?

3. Quantas espécies ha de *Pintura*, e quaes são as principaes?

4. Aonde teve origem a *Pintura*, e forão mais notaveis os seus progressos?

5. Quando foi que os Romanos fizeram mais progressos na *Pintura*, e chegarão os seus pintores a igualar os da Grecia?

6. Que sorte teve a *Pintura* depois da queda do Imperio romano,

e desde quando data o seu nascimento na Europa?

7. Quando foi que a *Pintura* fez rapidos progressos na Italia?

8. Que deve saber um bom pintor?

9. Que vantagens offerece a *Pintura*?

10. Que é *Iconologia*?

11. Que se entende pela palavra *Escola*, fallando de *Pintura*, e quaes forão as mais celebres da antiguidade?

12. Quaes são as principaes *Escolas*, depois do renascimento da *Pintura* na Europa?

Quem quizer ter ampla noticia dos *pintores*, *gravadores*, *architectos*, *esculptores*, *musicos portuguezes*, etc., e bem assim dos seus trabalhos, leia as seguintes obras:

Regras da arte da pintura, por José da Cunha Taborda.

Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos e gravadores portuguezes,

(1) R. Wilson foi chamado no seu tempo o *Claudio Lorrain* inglez.

e dos estrangeiros que estiverão em Portugal, recolhidas e ordenadas por *Cyrillo Volkmar Machado*.

**Descripção analytica da estatua equestre**, por *Joaquim Machado de Castro*.

**Lista de alguns artistas portuguezes colligida de manuscritos e documentos**, pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. *Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz*.

Alem d'estas obras, podem-se consultar as que vem indicadas no N.º 6 da *Revista Universal* de 1841.

Quanto aos pintores das diversas Escolas e ás suas obras, veja-se: *Dictionnaire historique des peintres de toutes les Écoles, depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*, par *Adolphe Siret*, impresso em Bruxellas.

## DA ESCULPTURA

1 A **Esculptura** é uma arte que, por meio do desenho e de uma materia solida, como madeira, pedra, marfim, ouro, bronze, etc., imita qualquer objecto. Abrange tres ramos: a *Plastica*, ou arte de modelar todo o genero de figura em gesso, barro, etc.; a *Estatuaria*, ou arte de fundir estatuas de bronze, etc., ou de as formar de pedra por meio do sinzel e do martello; a *Toreutica*, ou arte do trabalhar ou gravar em relevo na pedra, nos metaes, etc.

2 A origem da *Architectura* perde-se nas trevas da mais remota antiguidade, e tudo parece annunciar que precedeu a da Pintura. *Isis*, *Osiris*, *Semiramis* e *Nino* tiveram as suas estatuas: a Idolatria adorava *simulacros*; os Israelitas levantarão o *Bezerro de ouro* no deserto durante a ausencia de *Moysés*, etc.

3 O que porém não soffre duvida é que a antiga Grecia possuiu os thesouros mais preciosos em *Esculptura*, e as obras que nos restão dos seus artistas, são ainda as melhores neste genero.

4 Os antigos distinguirão as estatuas em *augustas*, *heroicas* ou *collossaes*. Nas *estatuas augustas* representavão os Imperadores, Reis e Principes; nas *estatuas heroicas*, os heroes ou semi-deus: estas tinhão duas vezes a altura da estatura humana; nas *estatuas collossaes* figuravão-se os fabulosos deuses da antiguidade, e estas erão tres vezes mais altas que as primeiras.

5 As estatuas tem tambem diversos nomes, segundo as

suas attitudes ou differentes posições : chamão-se *pedestres* as que estão a pé ; *equestres*, as que estão a cavallo ; *allegoricas*, as que sob a figura humana representam outra cousa, como a Justiça, a Sabedoria, as Estações, etc. ; *carriátides*, as figuras de mulheres que substituem as columnas em alguns edificios (1) ; *persicas*, as dos homens que servem para o mesmo fim.

6 O conjuncto de duas ou mais estatuas tem o nome de *grupo*. Ao meio corpo humano, sem braços, chama-se *busto*; e *relevo* ás obras d' *Esculptura* mais ou menos salientes : assim ha : *alto relevo* ou *relevo inteiro*, *meio relevo*, e *baixo relevo*. *Alto relevo* chama-se aquelle que é da grossura do objecto que se representa ; *meio relevo* aquelle que representa só metade dos objectos sahindo do fundo a que parecem unidos, e *baixo relevo*, aquelle que é menos saliente.

7 Os antigos Romanos, como imitadores constantes dos Gregos, legarão igualmente á posteridade admiraveis producções neste mesmo genero. A *Esculptura* foi depois em decadencia até ao seculo dos *Médicis*. Os Italianos forão os que então sobresahirão nesta arte.

8 Os mais insignes esculptores entre os Gregos forão : *Phydias*, *Polycleto*, *Lysippo*, *Praxiteles*, *Scopas*, etc.; entre os Italianos *Donatello*, *Miguel Angelo Buonarroti*, *Deila Porta*, *Bernini*, *Rusconi*, *Canova*, etc. ; entre os Francezes *Le Puget*, *Falconnet*, *J. Goujon*, *J. de Boulogne*, *Girardon*, etc.

Quanto aos esculptores portuguezes, vejão-se as obras indicadas a pag. 281 e 282.

## EXAME

1. Que é *Esculptura*?
2. Qual foi a sua origem?
3. Que paiz possuiu thesouros mais preciosos em *Esculptura*?
4. Como distinguirão os antigos as estatuas?
5. Que nomes tem as as estatuas, segundo as suas attitudes ou differentes posições?

6. Que é *grupo*, *busto* e *relevo*?
7. De quem forão os Romanos imitadores em *Esculptura*, e quem sobresahiu nesta arte depois do seculo dos *Médicis*?
8. Quem forão os mais insignes esculptores entre os Gregos, Italianos, Francezes, etc.?

(1) Dá-se tambem este nome aos meios corpos de mulher, sem braços, que ornão as architraves.

## DA GRAVURA

1 A Gravura, propriamente dita, é a arte de traçar n'um corpo duro, como madeira, cobre, aço, etc., qualquer objecto para ser reproduzido por meio da impressão.

2 A Gravura é fundada sobre os mesmos princípios que a Architectura e a Pintura, isto é, sobre o Dezenho, como já se disse. Sem este preliminar conhecimento, não pôde um gravador imitar, com perfeição, nem inventar com gosto e acerto; assim, por meio da Gravura pôde-se, á excepção das cores, offerecer á vista todas as bellezas dos quadros mais sublimes.

3 Os methodos de gravar têm-se multiplicado de tal modo, que se contão já muitos: porém os principaes são em *madeira, ao buril* (ou em *talha doce*, como se lhe chama do francez *taille douce*) e a *agua forte*.

4 A Gravura a *agua forte* consiste no seguinte processo: cobre-se a chapa de cobre com uma camada de verniz, e por meio de umas pontas de aço muito finas ou de um punção, dezenha-se o objecto que se pertende levantando o verniz com todo o cuidado: lança-se depois por cima *agua-forte*, a qual corroe o cobre aonde o verniz desapareceu, e profunda os traços do dezenho. Estas gravuras tirão-se por meio de uma prensa particular, chamada *tórculo*.

5 A Gravura *ao buril*, que é a mais difficil e estimada, começou a praticar se pelos annos de 1460, e attribue-se geralmente a sua descoberta a um ourives de Florença, chamado *Maso Finiguerra*.

6 A Gravura em *madeira* é a mais antiga, e parece que foi a que deu origem ás primeiras experiencias da *typographia*.

7 De todas as artes d'imitação, nenhuma é de utilidade mais geral que a Gravura. Desde o principio, recorreu-se a esta arte para propagar os differentes ramos des nossos conhecimentos, e á Gravura se devem os meios de comunicar a representação dos objectos visiveis. Esta arte dispensa de empregar essas descripções enfadonhas, e muitas vezes inexactas, a que antigamente era necessario recorrer. A facilidade de multiplicar as estampas, lhe dá grande vantagem sobre os quadros; tendo ainda a de maior duração, por isso que se podem mais facilmente preservar das injurias do tempo.

Pelo que toca aos gravadores portuguezes, consulte-se as obras indicadas a pag. 281 e 282.

---

## EXAME

- |   |  |
|---|--|
| <p>1. Que é <i>Gravura</i>?</p> <p>2. Qual é a base da <i>Gravura</i>?</p> <p>3. Contão-se hoje muitos methodos de gravar?</p> <p>4. Em que consiste a <i>Gravura a aqua-forte</i>?</p> | <p>5. Qual é a <i>Gravura</i> mais estimada?</p> <p>6. Qual é a <i>Gravura</i> que deu principio ás primeiras experiencias typographicas?</p> <p>7. Qual é, entre as artes de imitação, a de mais geral utilidade?</p> |
|---|--|

---

## DA ARCHITECTURA

1 A *Architectura* é a arte de construir edificios, etc., com ordem e symetria, segundo as regras estabelecidas.

2 A *Architectura* divide-se em *Architectura civil*, *militar* e *naval*. A *Architectura civil* tem por objecto a construcção dos palacios, templos, theatros, habitações particulares, pontes, etc.

3 Consta a *Architectura civil* de cinco ordens, tres procedentes dos antigos Gregos, a saber: a *dórica*, a *jônica* e a *corinthia*, e duas dos Romanos: a *toscana* ou *rustica* e a *compósita*. Ha tambem outra ordem trazida do norte pelos Godos, no seculo V, chamada *ordem gótica*; porém esta *Architectura*, se bem que adoptada na construcção de muitas igrejas da Europa, não está já em uso. A *Architectura gótica* reconhece-se facilmente pelos seus arcos ponteagudos, e pela profusão dos seus ornatos.

4 A *Architectura militar* é a arte de fortificar as praças, isto é, de as pôr em estado de poderem resistir com um pequeno numero de tropas a outro maior.

5 A *Architectura nava* é a arte de construir navios.

6 A *Architectura*, sem controversia, a mais antiga das artes, se por esta palavra se entende a construcção dos primeiros abrigos que os homens levantarão, e que deve ter sido muito grosseira na sua origem. só muito tempo depois veio a aperfeiçoar-se. A necessidade deu-lhe origem, e o luxo a embellezou.

7 A Chaldéa, a China, o Egypto e a Phenicia são as primeiras regiões em que a *Architectura*, propriamente

dita, foi posta em prática. Pelo que nos resta dos monumentos egypcios, pôde-se ajuizar do que seria a **Architectura** no antigo Egypto: era pezada, massiça, mas grande pelas suas dimensões, e feita para arrostar os seculos e a barbarie dos homens; assim, os Egypcios com as suas fórmas pyramidaes e enormes columnas, parecem ter querido construir para a eternidade.

8 Aos Gregos é devedora a **Architectura** das suas maiores bellezas. Os restos das suas obras que escapáráo ao furor dos barbaros e á destruição do tempo, e existem ha mais de dois mil annos, tem causado a admiração dos entendedores.

9 Foi particularmente no tempo dos Imperadores que os Romanos parecem ter cultivado a **Architectura**, que pouco lhes era conhecida na época da fundação de Roma: os seus palacios, templos, aqueductos, circos, amphitheatros, banhos, arcos triumphaes, as suas salas d'espectaculo e tantos outros edificios publicos, cuja lembrança passará á posteridade, perpetuarão a memoria de *Cesar, Vespasiano, Tito, Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurelio*. Assim, pôde dizer-se que os Romanos não cultiváráo a **Architectura** senão pelos fins da Republica, e quando vencedores da Asia e da Grecia, d'alli trouxerão as riquezas e o gosto pelas artes.

10 A **Architectura** degenerou ao diante pela invasão dos povos barbaros e rudes que se apoderáráo de toda a Italia, e foi nessa perturbação geral da Europa que se creou a *ordem góthica*, segundo o gosto e os costumes dos Godos e dos Lombardos.

A Toscana viu reviver muito depois a **Architectura** e a **Pintura**. O gosto e a emulação espalhárão-se desde então por toda a Europa, e cada qual trabalha hoje com affineo para se instruir e attingir a perfeição da sua arte.

11 Os sete monumentos mais celebres da antiguidade, conhecidos pelo nome das **Sete Maravilhas do Mundo** erão os seguintes (1):

#### AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

1.<sup>a</sup> As muralhas e jardins de Babilonia, mandados construir por Semiramis, Rainha d'Assyria.

(1) Os auctores estão d'accordo ácerca do numero das *Maravilhas do mundo*, mas nem todos mencionão os mesmos monumentos. Alguns citão.

2.<sup>a</sup> **As pyramides do Egypto**, ao Sueste do Cairo. Forão edificadas (ignora-se por quem) ha perto de quatro mil annos, segundo se julga, e servião de sepultura aos Reis do Egypto. Formão dois grupos: as tres maiores são chamadas *Pyramides de Giseth*; as outras onze são conhecidas pelo nome de *Pyramides de Memphis* (1). ~

3.<sup>a</sup> **O farol de Alexandria**, mandado construir por Ptolomeu Philadelpho, no anno do mundo 3670, sobre um rochedo da pequena ilha de *Pharo* ou *Pharos*, situada á entrada do porto de Alexandria. Esta famosa torre tomou pois da ilha em que se achava edificada, o nome de *Pharo*, que se deu a todas as luzes que se accendem de noite para guiar os navegantes, e hoje são mais geralmente conhecidos pelo nome de *Faróes*.

4.<sup>a</sup> **O mausoléu** ou tumulo que a Rainha Artemisia fez levantar a seu marido *Mausolo*, Rei de Caria. Desde então se ficarão chamando *mausoléos* os tumulos que se erigem para honrar a memoria dos mortos. Esta Rainha, modelo de ternura conjugal, julgou não poder honrar melhor as cinzas de seu marido do que misturando-as com a sua bebida; e para alliviar a sua dôr, mandou edificar aquelle tumulo, gastando na sua construcção avultadissimas quantias.

5.<sup>a</sup> **O templo de Diana em Epheso**, em cuja construcção se gastarão 220 annos; tendo toda a Asia contribuido para essa despeza.

6.<sup>a</sup> **O colosso de Rhodes**, estatua de Apollo de bronze, collocada á entrada do porto de Rhodes: era tal a sua grandeza, e tinha os pés sobre dois tão elevados rochedos, que os navios lhe passavão á véla por baixo das pernas. Esta estatua era destinada a um fim util, pois tinha na mão direita um farol que todas as noites se accendia para indicar aos navios a entrada do porto. Um terremoto a derrubou, e os seus destroços carregarão 900 camellos.

7.<sup>a</sup> **A estatua de Jupiter Olympico**, no Templo de Olympia, na Elida. Esta estatua assim como o throno em que estava sentada, erão de ouro, marfim e pedras preciosas, e de um trabalho e de uma elegancia admiraveis.

em primeiro lugar, o *Templo de Jerusalem* edificado por *Salomão* no Monte Moria, no anno do mundo 2989, em cuja construcção se empregarão mais de 25:000 homens durante sete annos, e substituem o *Farol d' Alexandria* pelo *Colosso de Rhodes*.

(1) As *Pyramides* erão o emblema da vida: a base representava o seu principio, a extremidade, o seu fim.

Vejam-se as obras indicadas a pag. 281 e 282, pelo que respeita aos architectos portuguezes. —

## EXAME

- |   |  |
|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que é <i>Architectura</i>?</li> <li>2. Como se divide a <i>Architectura</i>?</li> <li>3. De quantas ordens consta a <i>Architectura civil</i>?</li> <li>4. Que se entende por <i>Architectura militar</i>?</li> <li>5. Que é <i>Architectura naval</i>?</li> <li>6. Qual é a mais antiga das artes?</li> <li>7. Quaes forão as primeiras re-</li> </ol> | <p>giões aonde a <i>Architectura</i> foi posta em prática?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>8. A quem é a <i>Architectura</i> devedora das suas maiores bellezas?</li> <li>9. Em que tempo cultivarão os Romanos, principalmente, a <i>Architectura</i>?</li> <li>10. Quando degenerou a <i>Architectura</i>, e foi creada a <i>ordem gothica</i>?</li> <li>11. Quaes forão os monumentos mais celebres da antiguidade?</li> </ol> |
|---|--|

## DA LITHOGRAPHIA

1. *Lithographia* deriva-se de duas palavras gregas (*lithos*, pedra, e *grapho*, escrevo), e significa a arte de dezenhar ou traçar letras na pedra, e tirar della impressos.

2 Os principios em que a mesma arte se funda, são: 1.º, a propriedade que tem a pedra calcárea e granulosa de embeter a gordura ou a agua; 2.º, a antipathia que ha entre a agua e a gordura. O processo d'esta tão util invenção consiste em dezenhar sobre uma pedra bem polida (as de *Munich* são as melhores) com um lapis, para esse effeito preparado, ou por meio de certa tinta, os objectos que se querem representar. Essa pedra, que soffre depois uma preparação chimica, se assenta n'uma prensa. Lava-se então com agua, e esta penetra em todos os lugares aonde nem o lapis, nem a tinta tocarão. Feito isto, passa-se-lhe por cima um rolo humedecido com tinta. O dezenho imbebe-se d'aquella tinta, ficando o resto da pedra intacto, por meio da agua que enche os seus póros, e repelle a materia gordurenta de que a mesma tinta se compõe.

3 De um dezenho lithographico feito a tinta, imitando o traço do buril, podem tirar-se milhares de exemplares.

4 Deve-se ao allemão ALOIS SENEFELDER, corista do Theatro de *Munich*, a invenção da *Lithographia*, que data do anno de 1793. As suas primeiras tentativas forão pouco felizes; porém desde então tem-se esta arte aperfei-

çoado a um ponto tal, que em muitos casos rivalisa com a gravura em cobre.

5 O uso da *Lithographia* tem-se generalisado em todos os paizes aonde existe a arte *typographica*. Muitas obras que tem sahido das officinas *lithographicas* de Portugal (aonde a *lithographia* foi introduzida no anno de 1824), fazem muita honra á nossa nação. = 16

---

## EXAME

- |  |  |
|--|--|
| <p>1. Que é <i>Lithographia</i>?</p> <p>2. Quaes são os principios em que esta arte se funda?</p> <p>3. Podem-se tirar muitos exemplares de um dezenho <i>lithographico</i>?</p> | <p>4. A quem se deve a invenção da <i>Lithographia</i>?</p> <p>5. Em que anno foi introduzida a <i>Lithographia</i> em Portugal?</p> |
|--|--|

---

## DA MUSICA

1 A **Musica**, segundo J. J. ROUSSEAU, é a arte de combinar os sons de uma maneira agradável ao ouvido.

Segundo Mr. CHARLES SOULLER, a *Musica* é a arte de combinar os sons de maneira propria para commover a alma e fallar ao coração.

A **Musica**, considerada como arte, é o conhecimento da propriedade que tem os sons de produzir, por meio da sua união e successão, o que se chama *harmonia* e *melodia*.

2 A *harmonia* resulta de muitos sons produzidos ao mesmo tempo, e que affectão agradavelmente o ouvido, combinando-se de uma maneira tão perfeita, que se não pôde distinguir nenhum particularmente. A *melodia* resulta da successão agradável de diversos sons.

3 Ha duas especies de **Musica**: **vocal** e **instrumental**. A primeira executa-se por meio da voz humana; a segunda, com instrumentos. Á *melodia* vocal chama-se *canto*, e á *instrumental*, *symphonia*.

4 A invenção da **Musica** data dos seculos mais remotos.

5 Diz-nos a Sagrada escriptura que foi *Jubal*, filho de *Lamech*, quem inventou o salterio e a harpa, no anno 1040 da criação do mundo.

6 Os Gregos levárão a **Musica** a tanta perfeição, com a distribuição de premios pelos professores que mais se distinguirão em certas festas, que produziu entre elles maravilhosos resultados.

7 Na **Musica** succede o mesmo que na poesia e na pintura. — Apodera-se de todos os objectos, não havendo paixão nem sentimento a que não alcance a sua expressão. Não ha arte que, como ella, faça passar, com tanta rapidez, de um sentimento a outro. —

Os sons de um instrumento harmonioso bastão para acalmar o peito mais arrebatado de movimentos impetuosos, ainda mesmo nos momentos de mais ardente colera, ou de maior frenesi. As suas doçuras seduzem os homens mais selvagens, e os proprios animaes não são insensiveis a ellas, estendendo-se a sua efficacia até a suspender as dô.es physicas não menos que as affecções moraes, e a cura de certas molestias.

É necessario pois ser muito desfavorecido da natureza, para se não mostrar sensível ás bell zas da **Musica**, nem apreciar uma arte que tanto tem contribuido para a civilisação da esp. cie humana. —

8 De todos os povos do mundo, os que parecem ter nascido com mais raras disposições musicas, são os Italianos e os Allemães; os primeiros para a melodia, e os segundos para a harmonia; porém concede-se geralmente a primazia aos Italianos, pois nada ha que iguale o seu gosto e delicadeza, tanto na composição como na execução.

9 Aos Italianos e Allemães seguem-se os Francezes e Inglezes. — Uns e outros, justos apreciadores da seductora arte da **Musica**, sustentão nas suas côrtes orquestras em que se achão reunidos os Professores mais distinctos da Eufopa, e a preciosidade de uma symphonia executada pelos musicos da opera de Londres ou de Paris, não tem comparação. —

10 Os Portuguezes não cedem a outras nações em gosto pela **Musica**, o que tem sabido mostrar, attraíndo a Portugal, á custa de grandes sommas, artistas de raro merecimento, e que tem dado bradô nas principaes côrtes da Europa.

11 Os musicos distinguem-se em *Maestros* ou *Compositôres*, e em *Musicos executantes*.

Ha tambem alguns que reúnem os dois talentos, porém são mui raros em geral. —

12 Os mais insignes *Maestros* italianos são: *Cimarosa*,

*Mercadante, Spontoni, Cherubini, Rossini, Donizetti, Bellini, Marliani, Sacchini, Paccini, Paganini, Zingarelli, Scarlatti, Verdi, etc.* A Allemanha cita com orgulho: *Mozart, Haydn ou Hayden, Glück, Graun, Hasse, Händel, Beethoven, Offenbach, Steibelt, Weber, Nauman*, e muito principalmente a *Mayerber*; a França, a *Luli, Halvvy, David, Fetis, Rameau, Grétry, Méhul, Berton, Halcoy, Auber, Carafa*, e sobre todos a *Boyetdieu*.

-13 Os Italianos são os mais famigerados, pelo que toca à execução da **Musica vocal**; a flexibilidade da sua garganta não tem comparação. Os Allemães podem também citar excellentes cantoras, cuja reputação rivalisa com as de algumas das mais famosas da Italia. A França começa a querer entrar na lide a este respeito, e a Academia Real de Musica possui, ha tempos a esta parte, artistas que não estão longe de igualar os das duas precitadas nações.

14 Póde-se portanto avançar que não ha realmente na Europa mais do que tres Escolas em Musica, a saber: *Italiana, Allemã e Franceza*. —

Quanto aos musicos portuguezes, veja-se a obra: *Lista de Artistas portuguezes, etc.*, citada a pag. 282.

---

## EXAME

- |  |  |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que é <i>Musica</i>?</li> <li>2. Que se entende por <i>harmónia</i> e <i>melodia</i>?</li> <li>3. Quantas especies ha de <i>Musica</i>?</li> <li>4. É muito antiga a invenção da <i>Musica</i>?</li> <li>5. Quem foi o inventor do saltério e da harpa?</li> <li>6. Forão os antigos Gregos amadores da <i>Musica</i>?</li> <li>7. Que effeitos produz a <i>Musica</i>?</li> <li>8. Quaes são os povos com mais</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>raras disposições para a <i>Musica</i>.</li> <li>9. A quem seguem na <i>Musica</i> os Francezes e os Ingлезes?</li> <li>10. Que se lhe offerece dizer dos Portuguezes em relação à <i>Musica</i>?</li> <li>11. Em que se distinguem os musicos?</li> <li>12. Quaes são os mais insignes <i>Maestros</i> ou <i>Compositores</i> Italianos, Allemães e Francezes?</li> <li>13. Quaes são os melhores cantores?</li> <li>14. Quantas Escolas de <i>Musica</i> ha na Europa?</li> </ol> |
|--|--|

---

## DA DANÇA

1 A **Dança** é a arte de mover o corpo, os braços e os pés, com elegancia e em cadencia, ao som da musica.

2 O uso da **Dança** acha-se estabelecido em todas as

nações, e a sua origem perde-se nas trevas da mais remota antiguidade, pois já no tempo do povo d'Israel tinham lugar as **Danças** nas ceremonias religiosas: os Levitas executavão **Danças sacras** para darem graças a Deus, e o Santo Rei David acompanhou a Arca d'Alliança, dançando desde a casa d'*Obeton* até á cidade de *Bethlem*. Nos Templos de *Jerusalem*, de *Samaria* e *Alexandria* via-se uma especie de amphitheatro destinado aos cantores e aos que dançavão nas festas solemnes. —

16 3 A **Dança sacra** foi successivamente inventada pelos Egypcios, Gregos, Romanos e pelos outros povos da terra.

4 *Numa Pompilio*, ao lançar os fundamentos da sua religião, formou o collegio dos Sacerdotes de *Marte*; e, no numero das ceremonias que lhes prescreveu, entrava a **Dança** que executavão na sua marcha, durante os sacrificios e nas suas festas solemnes. —

19 5 Cada um dos deuses que Roma adoptou, teve templos, altares e **Danças**, taes erão as da *Boa deosa*, as das *Saturnaes*, as do *primeiro dia de Maio*, etc.

6 Os Gallos ou os povos da Gallia, os Hespanhoes, os Allemães e Ingleses tiverão tambem as suas **Danças sacras**.

7 A Igreja nascente considerava a **Dança** como fazendo parte do culto, que se tributava á Divindade. Cada mysterio, cada festa, tinha os seus hymnos e as suas **Danças**. —

23 8 Os Gregos fazião muito apreço da **Dança**; os Romanos, pelo contrario, desprezavão-na, a ponto que *Cicero* dizia que para dançar era necessario estar embriagado, ou havêr perdido o uso da razão.

9 Os Italianos e os outros povos da Europa embellezãrão successivamente os seus theatros com a **Dança**; e em muitas côrtes introduziu-se o uso de celebrar com **Danças** os cazamentos dos Reis, nascimentos de Principes, e todos os felizes acontecimentos que interessavão a gloria e o socego das nações. —

16 10 Entre os povos modernos, nenhum como os Francezes levou esta arte a tão grande perfeição. Não obstante porém o seu gosto pelas **Danças theatraes**, começãrão estas a decahir, excepto no Theatro da opera de Paris, aonde se achão ainda os melhores dançarinos.

16 11 A arte de compôr **Danças**, passos e figuras de bailados, chama-se *Choregraphia*. —

## EXAME

1. Que é Dança?
2. Diga o que se lhe offerecer sobre a sua origem, e cite alguns factos para mostrar que a Dança era empregada nas ceremonias religiosas?
3. Por quem foi a Dança sacra successivamente imitada?
4. Que praticou Numa Pompilio quanto á Dança?
5. Que era dado a cada um dos deuses que Roma pagã adoptou?
6. Que povos tiveram as Danças sacras?
7. Como considerava a Igreja nascente a Dança?
8. Que contraste apresentavão os Gregos e os Romanos em relação á Dança?
9. Quem embellezou os theatros com a Dança, e como se festejavão em algumas cortes certos acontecimentos notaveis?
10. Quem levou a Dança á maior perfeição?
11. Que é Choreographia?

## DA GEOGRAPHIA

1 A palavra **Geographia** deriva-se de duas palavras gregas, que significão: *descripção da terra*.

2 Esta sciencia considera-se debaixo de tres pontos de vista principaes; a saber: — 1.º, **Geographia astronómica** ou **mathematica**; — 2.º, **Geographia physica** ou **natural**; — 3.º, **Geographia politica** ou **historica**.

3 A **Geographia astronomica** é a que, considerando a Terra como um planeta, faz conhecer a relação que tem com o Sol, a Lua e mais corpos celestes.

4 A **Geographia physica** só trata do que na Terra é obra da natureza, isto é, da configuração e superficie do globo, dividida em terra e agua, e demais propriedades. —

5 A **Geographia politica** faz conhecer tudo quanto na Terra é obra do homem, a saber: os grandes corpos politicos conhecidos pelos nomes de imperios, reinos, republicas, etc.; suas divisões geographicas, cidades, etc., e em relação aos homens, a sua origem, religião, natureza e principios fundamentaes de seus governos, etc.

6 A **Geographia antiga** é a que trata dos Estados que deixarão de existir.

7 A **Geographia moderna** é a que se occupa dos Estados existentes, ou pelo menos dos que tem existido desde a era vulgar. —

8 As bases fundamentaes da Geographia são tiradas da *Astronomia*; por conseguinte, antes de entrar na descripção circumstanciada da Terra, é muito conveniente saber a relação que existe entre o nosso globo e os corpos celestes que povoão o Universo. —

9 Entende-se por *Universo* o globo terraqueo e os innumerables astros que povoão o ceo, isto é, o conjuncto de tudo quanto é obra do Creador. —

10 *Ceo*, em *Astronomia*, significa o orbe azulado e diaphano, no qual se notão o Sol, a Lua e os demais corpos celestes. —

---

### GEOGRAPHIA ASTRÓNOMICA

11 A sciencia que trata dos movimentos, distancias, grandeza, constituição physica, eclipses e mais phenomenos dos corpos celestes, chama-se **Astronomia**. —

12 Os primeiros que provavelmente (segundo a opinião de mr. ARAGO e outros) se dedicarão á *Astronomia* forão os Chaldeos, povo pastor que habitava as deliciosas regiões da Asia. A *Astronomia* bem depressa se espalhou da Chaldéa pelo Egypto, e fez rapidos progressos n'este berço das sciencias e das artes. —

13 THALES DE MILETO, que florescia 600 annos, pouco mais ou menos, antes de Christo, levou a *Astronomia*, da Phenicia para a Grecia, aonde a ensinou; sendo taes os seus progressos, que pôde calcular os eclipses. —

14 Os phenicios forão os primeiros que applicarão á navegação as observações astronómicas. —

15 A *Geographia astronómica* tem sido explicada por *Systemas* mais ou menos admittidos. —

16 Em *Astronomia*, entende-se pela palavra *Systema* a opinião de algum astrónomo nomeado, a respeito da posição, distancia, movimento e grandeza dos differentes corpos que compõem o Universo, e segundo a qual pertende explicar os phenomenos celestes. —

17 Os principaes *Systemas* que tem servido aos estudos astronómicos, são os de PTOLOMEO, COPERNICO e TYCHO-BRAHE. —

### Systema de Ptolomeo

18 Chama-se assim de um celebre mathematico egypcio por nome PTOLOMEO, que florescia no segundo seculo da era christã, e pertendia, como o vulgo, que a *Terra* era immovel, e que os sete *planetas*, então conhecidos (fazendo entrar n'esse numero o *Sol* e a *Lua*) giravão á roda della.

19 O **Systema de Ptolomeo**, tão contrario á realidade, foi contudo o unico professado por todos os philosophos e astrónomos até meados do decimo sexto seculo. —

### Systema de Copernico

20 Um conego polaco, chamado NICOLAU COPERNICO, reproduziu a opinião de PITHÁGORAS, PHILOLÃO e ARISTARCO, de Samos, que floresciaão alguns seculos antes de Jesus Christo, e publicou em 1543 o seu *Systema*, estabelecendo, ao contrario de PTOLOMEO, que o *Sol* era immovel, e que a *Terra* e mais *planetas* giravão á roda delle. O **Systema de Copernico** attraheu, durante muito tempo, perseguições áquelles que o sustentavão. —

### Systema de Tycho-Brahe

21 Um celebre astrónomo dinamarquez, por nome TYCHO-BRAHE, reconhecendo os defeitos do *Systema de Ptolomeo*, sem contudo querer admittir o movimento da *Terra*, imaginou, pelos annos de 1586, outro; mas em breve forão reconhecidos os seus erros, e por todos abandonado. Suppunha que o *Sol* girava á roda da *Terra* em 24 horas, e todos os *planetas*, á roda do *Sol* em periodos diversos.

22 O verdadeiro **Systema do Mundo ou Universo**, hoje geralmente seguido, é o de COPERNICO, ou aquelle que os astrónomos tem podido conhecer com exactidão, e cujo centro é o *Sol*, e por isso chamado **Systema solar** (1). —

(1) GALILEO natural de PIZZA, (alguns pertencem que de Florença), provou lo, com argumentos indestructiveis, os erros de todos os *Systemas* differentes do de COPERNICO; KEPLER (all-mão), descrevendo as leis do movimento dos *planetas*, e o immortal NEWTON (inguez), as da gravitação geral, tirarão toda a apparencia de duvida ao *Systema de Copernico*, que é, como fica dito, o verdadeiro *Systema do Mundo ou Universo*.

## EXAME

1. Que quer dizer *Geographia*?
2. Como se considera esta sciencia?
3. Que é *Geographia astronômica*?
4. De que trata a *Geographia physica*?
5. Que nos faz conhecer a *Geographia politica*?
6. Que se entende por *Geographia antiga*?
7. Que é *Geographia moderna*?
8. Quaes são as bases fundamentais da *Geographia*?
9. Que é *Universo*?
10. Que quer dizer a palavra *ceo*?
11. Que nome se dá á sciencia que trata dos corpos celestes?
12. Quem forão os primeiros que se dedicárão á *Astronomia*?
13. Quem levou a *Astronomia* da Phenicia para a Grecia?
14. Quaes forão os povos que primeiro applicárão á navegação as *observações astronômicas*?
15. Como tem sido explicada a *Geographia astronômica*?
16. Que significa *Systema*, falando de *Astronomia*?
17. Quaes são os principaes *Systemas do Universo*?
18. Dê uma ideia do *Systema de Ptolomeo*?
19. Até quando foi seguido o *Systema de Ptolomeo*?
20. Em que consiste o *Systema de Copernico*, e quando foi publicado?
21. Qual era o *Systema de Tycho Brahe*?
22. Qual é o verdadeiro *Systema do Mundo ou Universo*?

## DOS ASTROS

23 Entende-se geralmente pela palavra **astro** qualquer corpo celeste.— Designa-se algumas vezes o *Sol* pelo *astro do dia*, e a *Lua* pelo *astro da noite*; mas applica-se este termo mais particularmente ás estrellas chamadas *fixas*, em cujo numero parece dever entrar o mesmo *Sol*.

24 Os corpos celestes dividem-se em duas classes, a saber:—1.<sup>o</sup>, *luminosos*, ou aquelles que brilhão de uma luz que lhes é propria, e são chamados *estrellas fixas*;—2.<sup>o</sup>, *opacos* ou *não luminosos*, isto é, os *planetas* ou *estrellas errantes* e os *cometas*.

25 As *estrellas fixas* são assim chamadas, porque parecem guardar sempre a mesma posição relativa, e conservar entre si as mesmas distancias no movimento de revolução da esphera: hoje porém está reconhecido que varias d'essas estrellas não conservão entre si a sua situação respectiva, havendo algumas até que apresentam, em relação a uma d'ellas, movimentos analogos aos dos planetas do nosso *Systema solar*.

26 Presume-se que as estrellas denominadas *fixas* são globos luminosos semelhantes ao *Sol*, que allumião outros

*Systemas planetarios* demasiado distantes da Terra para os podermos perceber. —

27 As estrellas parecem-nos muitissimo mais pequenas do que o Sol, por estarem infinitamente mais distantes de nós do que aquelle astro. Póde-se ajuisar da sua grandeza e distancia por aquella que está mais proxima da Terra, e que se chama *Sirio*: presume-se que esta estrella está quatrocentas mil vezes mais distante de nós que o Sol, e que o seu diametro anda por trinta e tres milhões de leguas. —

28 Não sendo possivel dar um nome a cada uma das estrellas chamadas *fixas* (mesmo áquellas que se podem distinguir com a vista) e muito menos conserva-lo na memoria, era necessario não só determinar as suas respectivas posições, mas tambem inventar um methodo pelo qual se pudessem conhecer as principaes estrellas, sem lhes applicar nome algum particular. Os antigos astrónomos distribuirão pois as estrellas em grupos ou aggregados chamados *constellações* ou *asterismos*, a que derão arbitrariamente nomes de homens, de deuses e heroes da gentildade, animaes, instrumentos musicos, etc., sem que todavia haja a menor parecença entre os ditos aggregados de estrellas e os objectos reaes designados por aquelles nomes, á excepção das chamadas *Triangulo boreal*, *Triangulo austral*, etc. —

29 No tempo de HIPPARCO conhecião-se 48 *constellações*: 12 *zodiacaes*, 21 ao Norte chamadas *constellações boreaes* ou *septentrionaes*, 15 ao Sul chamadas *constellações austraes* ou *meridionaes*: hoje porém chegam a 108, segundo os melhores auctores. De todas estas, são mui notáveis as 12 *constellações zodiacaes*, chamadas tambem *signos*, que se comprehendem nos 12 espaços iguaes, de 30 grãos cada um, de que consta o *zodiaco*. —

30 Os astrónomos modernos substituirão o uso da divisão mui vaga do ceo em *constellações*, pelos *catálogos de estrellas*, aondê cada um d'esses pontos luminosos é designado pela sua ascensão recta e a sua declinação, com uma exactidão que a classificação das *constellações* não admite. —

31 Alem da divisão das estrellas fixas em *constellações*, classificão-se tambem segundo a sua grandeza, e a quantidade de luz que nos envião. Chamão-se *estrellas de primeira grandeza* aquellas que parecem mais brilhantes: destas contão-se umas 20, em cujo numero entra a deno-

minada *Sirio*, que é a mais resplandecente de todas. — *Estrellas de segunda grandeza* são aquellas algum tanto menores, e mais brilhantes logo depois das de *primeira*, e assim successivamente até ás de *septima grandeza*, que apenas se podem avistar. Contarão-se muito tempo, com o auxilio do telescópio, dez ordens de *grandezas*; porem com os actuaes, muito superiores aos antigos, podem contar-se até dez-seis. —

32 Chamão-se *estrellas telescópicas* aquellas que só se podem distinguir com o telescópio.

33 O movimento de agitação que se observa na luz das estrellas diz-se *scintillação*. Os planetas não apresentam *scintillação* sensivel. As opiniões acerca da *scintillação das estrellas* são diversas: attribuindo-a uns a effeito da atmosphera, outros ao movimento dellas sobre os seus eixos; porem nada ha positivo a tal respeito. —

34 Dá-se o nome de *nebulosas* a uma multidão de estrellas, cuja luz tibia e amortecida se assemelha a uma ligeira nuvem esbranquiçada. HERSCHELL, celebre astrónomo inglez, conta perto de mil *nebulosas*.

35 A *via lactea* é aquella zona ou especie de faixa esbranquiçada que percebemos no ceo, quando a noite está escura e serena, e que parece atravessa-lo de um ponto ao outro. HERSCHELL achou que essa claridade é devida á luz confusa de um numero infinito de estrellinhas muito proximas umas das outras, e de materias nebulosas, que é impossivel distinguir em o auxilio de bons telescópios. Os astrónomos gregos derão-lhe o nome de *galáxia*, que significa: *caminho côr de leite*. O vulgo chama-lhe *Estrada de Santiago*, por acreditar que por ali subira ao ceo aquelle apostolo. —

36 As *estrellas variaveis* são umas estrellas que se vião por algum tempo, e ao depois, ou se escondêrão de todo, ou tornarão a apparecer passados muitos annos. Dá-se tambem este nome a outras que experimentão variações periodicas na intensidade da sua luz, isto é, que se vêem mudar de grandeza, e passar successivamente do seu maior brilho a um grão de diminuição tal, que as torna quasi imperceptiveis.

37 Se examinarmos os antigos *catálogos de estrellas*, acharemos n'elles descriptas muitas hoje invisiveis. Nota-se isso particularmente na *constellação* denominada *Pleiadas* ou *Sete-Estrello*, da qual se não distinguem pre-

sentemente, com a vista, senão seis estrellas (1), se bem que o ultimo nome pareça indicar sete. Esta observação foi feita por OVIDIO, como se vê do seguinte verso d'aquelle poeta:

Quæ septem dici, sex tamen esse solet,

cuja traducção é:

Dizem que são sete, comtudo não ha mais do que seis.

Pertendem alguns que HOMERO e outros auctores mui antigos havião já feito a mesma observação (2). —

38 A *estrella polar* é aquella que está mais proxima do Polo do Norte; é a ultima da constellação denominada *Ursa menor*.

39 Os *planetas* ou *estrellas errantes* são uns corpos celestes que fazem a sua revolução, em mais ou menos tempo, á roda do Sol, centro do seu movimento, do Occidente para o Oriente.

40 Os planetas, como já se disse, não tem por si sós luz alguma, e apenas brillão com a do Sol, que nos reflectem.

41 Dividem-se os planetas em *primarios* e *secundarios*. —

42 *Planetas primarios* são aquelles que fazem a sua revolução á roda do Sol.

43 Dá-se o nome de *planetas secundarios*, *satellites* ou *luas*, a uns corpos celestes, tambem opácos, que se movem á roda de um planeta primario, e são arrastados por elle na sua revolução á roda do Sol.

44 A *Terra* é um planeta primario, e o corpo celeste, geralmente conhecido pelo nome de *Lua*, é o *satellite* da mesma *Terra* ou um *planeta secundario*. —

## EXAME

23. Que quer dizer *astro*?

24. Como se dividem os *corpos celestes*?

25. Que são *estrellas fixas*?

26. Qual é a opinião mais geral acerca das *estrellas fixas*?

(1) *Nouveau Dictionnaire des origines*, par Frd. NOEL.

(2) *Abrégé d'Astronomie*, par LALANDE.

27. Porque nos parecem as *estrellas fixas* muitissimo mais pequenas que o *Sol*?

28. Porque dividirão os antigos astrónomos as *estrellas* em *constellações*, e que significa esta palavra?

29. Quantas *constellações* se conhecio no tempo de HIPPARCO, e quantas se conhecem actualmente?

30. Pelo que forão substituidas as *constellações*?

31. Como se classificão as *estrellas*, além da sua divisão em *constellações*?

32. A que se dá o nome de *estrellas telescópicas*?

33. Que é *scintillacão*?

34. A que se dá o nome de *nebulosas*?

35. Que quer dizer *Via lactea*?

36. Que são *estrellas variaveis*?

37. Que resulta do exame dos antigos *catálogos de estrellas*, em relação a muitas dellas?

38. Qual é a *estrella polar*?

39. Que quer dizer *planetas*?

40. Que é o que faz brilhar os *planetas*?

41. Em que se dividem os *planetas*?

42. Que são *planetas primarios*?

43. Que quer dizer *planetas secundarios*?

44. Que é a Terra e qual o seu *satellita*?

#### DO SYSTEMA SOLAR OU PLANETARIO

45 Entende-se por **Systema solar** ou **planetario**, de que fazemos parte, o proprio *Systema de Copernico*, de que já se fallou no § 20 a pag. 295, e em que apenas ha um centro luminoso, que é o *Sol*.

46 O *Sol* é, como já se viu, o centro commum de todo o Systema solar, em roda do qual se movem a Terra e os outros *planetas* conhecidos, assim como os cometas, em epochas e distancias diversas.

47 Os planetas primarios são o centro dos planetas secundarios.

48 O *Sol* é perto de um milhão e quatrocentas mil vezes maior que a Terra, e a sua figura é a de um globo. —

49 Durante muitos seculos, foi o *Sol* considerado como um corpo de fogo; porém *Herschell* e outros astrónomos modernos tem-no descripto como um globo opáco, habitavel do mesmo modo que os planetas, e segundo este systema, a luz e o calor emanão da atmospherá luminosa que o rodeia.

50 Vê-se todas as manhãs apparecer o *Sol* no Oriente, elevar se até ao meio dia, depois ir descendo até desaparecer, sob o horisonte, no Occidente; parecendo assim nascer n'um ponto, e sumir-se no outro; porém não é o *Sol* que gira á roda da Terra, mas sim a Terra que, do mesmo modo que os outros planetas, faz a sua revolução á roda do *Sol*, e que, no espaço de 24 horas, volta sobre

o seu eixo, ou opéra o seu movimento diurno ou de rotação. —

O Sol nunca muda pois de posição, e permanece no centro do *Systema planetario* para allumiar tudo quanto o rodeia.

51 Tem-se differenciado, com os telescopios, certas manchas e sombras no Sol, e, por meio d'ellas, descobriu-se que voltava sobre o seu eixo, do mesmo modo que voltaria uma bola atravessada por um arame. Percebem-se essas manchas, primeiramente, n'uma extremidade d'aquelle astro, adiantão-se, descobrem-se depois na outra extremidade, e desaparecem a final para tornarem a apparecer dalli a pouco tempo.

52 Para as manchas que se notão no Sol voltarem ao mesmo ponto aonde se virão a primeira vez, são precisos 25 dias e 12 horas, tempo por consequente necessario ao Sol para voltar completamente sobre o seu eixo. —

53 A distancia do Sol á Terra varia em consequencia do movimento da mesma Terra na ecliptica, mas anda, termo medio, por 34 milhões de leguas.

54 Nos fins de Junho acha-se o Sol mais distante da Terra perto de um milhão de leguas do que nos fins de Dezembro, em que está mais proximo. (Veja-se a pag. 303 §§ 62 e 63, o que se entende por *aphelio* e *apogeu*; *perihelio* e *perigeu*). —

55 No Verão a Terra opéra a sua volta com menos velocidade, e então recebe verticalmente, isto é, em cheio, e por mais tempo os raios do Sol. No Inverno, pelo contrario, o movimento da Terra é mais rapido, e não os recebe senão obliquamente e por menos tempo, e assim, faz o seu calor muito menos impressão. Um unico exemplo bastará para nos convencermos desta verdade. Se aproximarmos os dedos da luz de uma vela, sendo de lado, apenas sentiremos um ligeiro calor; mas se os puzermos por cima da mesma luz, augmentará o calor a ponto de se tornar insupportavel, segundo a distancia a que os chegarmos.

56 Penetrando a luz 70:000 leguas cada segundo, presume-se que a do Sol gastará oito minutos, pouco mais ou menos, para chegar á Terra. —

57 O sol allumia todos os pontos do globo terrestre no espaço de 24 horas; consequentemente não pôde ser meio dia ao mesmo tempo em toda a parte. O mesmo globo divide-se em 360 partes, a que chamão grãos; ora, sendo estas allumiadas no espaço de 24 horas, vê-se que aquelle

astro deve allumiar cada hora 15 grãos, d'onde se segue — que quando for meio dia em Lisboa, será uma hora n'uma cidade situada a 15 grãos para o Oriente, pois que tendo sido allumiados antes de nós, os habitantes d'aquella cidade, claro está que deverão contar uma hora mais do que nós. Pela mesma razão, quando para os habitantes de Lisboa fôr meio dia, serão onze horas n'uma cidade, ou n'um ponto qualquer, a 15 grãos para o Occidente, por isso que os seus habitantes, tendo sido allumiados mais tarde do que os de Lisboa, devem contar uma hora menos do que estes. —

22

## EXAME

45. Que quer dizer *Systema solar* ou *planetário*?

46. Quê é o *Sol*?

47. Qual é o *centro* dos *planetas secundarios*?

48. Diga qual é a grandeza e figura do *Sol*?

49. Qual é a opinião de *Herschell* e outros *astrónomos* modernos acerca da luz e do calor do *Sol*?

50. Qual é o movimento *apparente* do *Sol*?

51. Como se descobriu que o *Sol* voltava sobre o seu eixo?

52. Em quanto tempo opêta o *Sol* o seu movimento de rotação?

53. Que distancia ha do *Sol* a Terra?

54. Quando é que o *Sol* está mais distante ou mais proximo da Terra?

55. Porque se experimenta maior grão de calor no Verão, em que a Terra está mais distante do *Sol*, do que no Inverno, em que está mais proxima?

56. Quanto tempo gastá a luz do *Sol* para chegar á Terra?

57. Porque não pôde ser meio dia, ao mesmo tempo, em todos os pontos da Terra?

## DOS PLANETAS

58 Ainda não ha muitos annos, apenas se conheção 11 **planetas**, cujos nomes, começando (segundo Mr. ARAGO) pelo que está mais proximo do Sol, são os seguintes, com os signaes por que se designão :

Mercurio . . . . . ☿

Venus . . . . . ♀

A Terra . . . . . ♁

Marte . . . . . ♂

Vesta . . . . . ♁

Juno . . . . . ♁

Ceres . . . . . ♁

Pallas . . . . . ♁

Jupiter . . . . . ♃

Saturno . . . . . ♄

Urano . . . . . ♅

Hoje porém excede a 64 o numero dos planetas conhecidos, 56 dos quaes são telescopicos. Alem dos que acima ficão mencionados, notão-se os seguintes:

Flora.	Hygia ou Hygie.
Victoria.	Neptuno.
Iris.	Psyché.
Metis.	Thetis.
Hebe.	Melpómene.
Parthénope.	Fortuna.
Astréa.	Lassia.
Egéria.	Lutecia.
Irené.	Calliope, etc.
Ennomia.	

59 Os planetas que se conhece terem *satellites* são cinco; a saber: a Terra 1, que é a Lua; — Jupiter, 4; — Saturno, 8; — Urano, 6; — Neptuno, 1; — ao todo 20 *satellites*.

60 Os planetas tem dois movimentos, um de *rotação* e outro de *translação*, sempre do Occidente para o Oriente. O movimento de *rotação* é o que effectuão sobre o seu eixo; o de *translação*, aquelle que operão a roda do Sol.

61 O caminho que os planetas descrevem, movendo-se em torno do Sol, chama-se *orbíta*, e tem a figura de uma ellipse, de que aquelle astro occupa um dos focos.

62 Diz-se que os planetas estão no *perihelio*, quando se achão mais proximos do Sol, e no seu *aphelio*, quando estão mais distantes.

63 Os antigos astrónomos substituíão o *perigeu* ao *perihelio*, porque suppunhão a Terra no centro dos movimentos do nosso Systema planetario; assim, dizião que um planeta estava mais proximo da Terra, quando se achava no seu *perigeu*, e no seu *apogeu*, quando mais distante.

64 Os planetas primarios subdividem-se em *superiores* e *inferiores*. *Superiores* são os que estão mais remotos do Sol do que da Terra, como: Marte, Jupiter, Saturno e Urano. *Inferiores* são aquelles que se aproximão mais do Sol, como: Mercurio e Venus.

65 Dá-se o nome de *planetas telescopicos* ou *asteroides*

aos planetas *Vesta*, *Juno*, *Céres* e *Pallas*, e a alguns outros posteriormente descobertos, que se não podem perceber senão com o telescópio (1): os outros planetas que se podem distinguir com a vista, são chamados *planetas visíveis* ou *apparentes*. —

66 Os planetas *Mercurio*, *Venus*, *Marte*, *Jupiter* e *Saturno* são conhecidos desde os tempos mais remotos.

67 **Mercurio** — É o mais pequeno dos planetas antigamente conhecidos, e o mais próximo do Sol.

68 **Venus** — É a estrella mais formosa de todas, e por isso se lhe deu este nome. Chama-se vulgarmente *Lucifer* ou *estrella d'alva*, quando precede o nascer do Sol; e *estrella da tarde* ou *vespero*, quando se deixa ver logo depois do Sol ter desaparecido no horisonte.

Acompanha constantemente o Sol em pequena distancia: a sua luz é notavel pela sua alvura, e o seu esplendor tão vivo, que em algumas partes produz, em certos tempos, uma sombra sensível. Este planeta chega a perceber-se algumas vezes de dia. —

69 **A Terra** — Não obstante nos parecer tão grande, é apenas um planeta, como fica dito. Quem habitasse *Venus* ou *Mercurio* ve-la-ia no ceo como uma estrella. Della trataremos adiante mais circumstanciadamente.

70 **Marte** — É o menos brilhante de todos os planetas.

71 **Vesta**, **Juno**, **Céres**, **Pallas** — São demasiado pequenos para se poder calcular exactamente a sua dimensão. —

72 **Jupiter** — É de um tamanho espantoso: os astrónomos certificação que é 1:470 vezes maior do que a Terra.

73 **Saturno** — Tem um grande circulo ou anel luminoso, que se descobre por meio de telescópios. — A sua distancia do Sol anda por 329 milhões de leguas, pouco mais ou menos.

74 **Urano** — Ainda está mais distante do Sol do que *Saturno*, e parece isolado na extremidade no nosso Systema planetario.

Alguns astrónomos dizem que este planeta tem um circulo luminoso como o que se nota em *Saturno*. Conservou muito tempo a denominação de **HERSCHELL**, por haver sido descoberto por aquelle astrónomo. —

(1) *Telescópio* é um instrumento de astronomia que serve para observar os objectos distantes, quer sobre a Terra, quer no Ceo.

75 Chama-se *anno* de um planeta o tempo que este gasta na sua revolução á roda do Sol; assim, o nosso *anno solar* consta de 365 dias, 5 horas e 49 minutos, quando o *anno* do planeta *Saturno* é de 10:749 dias.

---

## EXAME

58. Quaes são os planetas que ainda ha pouco se conheciam, e quantos se conhecem actualmente?

59. Quaes são os planetas que têm *satellites*, e a que numero chegam estes?

60. Quantos movimentos têm os planetas, e em que sentido ou direcção?

61. Como se chama o caminho que os planetas descrevem em roda do Sol?

62. Que quer dizer *perihelio* e *aphelio*?

63. Que é *perigeu* e *apogeu*?

64. Em que se subdividem os planetas *primarios*?

65. Que significa a palavra *asteroides*?

66. Quaes são os planetas ha mais tempo conhecidos?

67. Qual é o mais pequeno dos antigos planetas?

68. Porque se chama *Venus* a um planeta, e quantos nomes se lhe dá mais?

69. Que é a *Terra*, em relação aos planetas *Venus* e *Mercurio*?

70. Qual é o planeta que tem meos brilho?

71. Porque se não pôde calcular exactamente a dimensão dos planetas *Vesta*, *Juno*, *Ceres* e *Pallas*?

72. Qual é o volume do planeta *Jupiter*?

73. Em que se distingue o planeta *Saturno*, e a que distancia está do Sol?

74. Que tem a observar acerca de *Urao*?

75. De que consta o *anno* de um planeta?

---

## DOS COMETAS

76 Da-se o nome de **cometas** a certos corpos opacos que se movein á roda do Sol, segundo as mesmas leis que os planetas, mas em orbitas tão excentricas ou alongadas, que só os podemos ver na parte do seu curso mais proxima d'aquelle astro, o que faz julgar que apparecem no ceo casualmente. —

77 Chama-se *núcleo* ao ponto central mais luminoso. A nebulosidade que acompanha o *núcleo* diz-se *cabelleira*; a materia de que é formada é tão rara e diaphana, que atravez della se podem ver as mais pequenas estrellas. Da-se o nome de *cabeça de cometa* á *cabelleira* e *núcleo* reunidos. A parte luminosa que os acompanha denomina-se *cauda*. —

78 O que seja a cauda do cometa, como se forma, quaes

as causas que lhe modificão a configuração por tantas maneiras, tudo isto são questões que ainda não forão resolvidas satisfactoriamente. Segundo NEWTON, a cauda do cometa não passa de um tenue vapor exhalado do núcleo do mesmo cometa, em consequencia da força do calor que lhe é proprio.

79 Tem-se visto alguns cometas com muitas caudas:— o de 1744, por exemplo, tinha nos dias 7 e 8 de Março seis inteiramente distinctas, e separadas umas das outras por espaços obscuros. —

29 80 Os astrónomos não reconhecem já hoje como caracter essencial e distinctivo dos cometas a nebulosidade que costumão ter. Para que um astro seja a seus olhos cometa, basta que esteja animado de um movimento proprio, e percorra uma ellipse de uma excentricidade tal, que deixe de ser visivel durante certo tempo da sua revolução.

81 Os cometas movem-se em todas as direcções, e descrevem ellipses summamente alongadas, que atravessão o nosso *Systema solar*, e cortão as orbitas dos nossos planetas. Não haveria pois impossibilidade em que alguns destes astros se encontrassem; assim, o choque da Terra com um cometa é possível em rigor, porém ao mesmo tempo sobremaneira improvavel. A evidencia desta proposição será palpavel, se se comparar o pequeno volume da Terra e dos cometas com a immensidade do espaço em que se movem estes globos. O calculo das probabilidades dá meios de calcular numericamente os casos possiveis d'este encontro, e demonstra que póde succeder 1 em cada 281 milhões de vezes, ou que está na razão de 1 para 281 milhões, isto é, que ao apparecer um cometa desconhecido se póde apostar 281 milhões contra 1, que se não encontrará com o nosso globo. Por aqui se vê pois quanto seria ridiculo o assustar-se o homem com similhante perigo nos poucos annos que ha de viver.

82 Resulta de todas as diversas noções que se tem dado acerca dos cometas, que muito de quanto a este respeito se tem avançado é puramente hypothético.

83 Ha alguns cometas cuja appareição periodica, á nossa vista, se acha calculada pelos astrónomos, taes são: o cometa de HALLEY, assim chamado do nome de um astrónomo inglez que calculou a sua orbita em 1682; o cometa de ENCKE, Director do Observatorio de Berlim; o cometa de BIELA, astrónomo de Johannisberg; o cometa de FAYE,

astrónomo de Paris o de BORSSEN, etc. Quanto aos outros observados, em numero de 600, pouco mais ou menos, ainda se não pôde calcular o seu movimento e a sua reaparição.

84 Os cometas forão por muito tempo objecto de terror para os antigos, que os consideravão como preságios de alguma grande desgraça. Hoje porém só algum ignorante poderia de tal persuadir-se.

---

## EXAME

76. Que quer dizer *cometa*?
77. Que é *núcleo*, *cabelleira*, *cauda* e *cabeça do cometa*?
78. De que é formada a *cauda do cometa*?
79. Ha por ventura *cometas* com mais de uma *cauda*?
80. Que é necessario para que um astro seja *cometa* aos olhos dos astrónomos?

81. Poderá acontecer que um *cometa* chegue alguma vez a encontrar a Terra, ou outro qualquer *planeta*?
82. É por ventura positivo tudo quanto se tem avançado ácerca dos *cometas*?
83. Pôde-se calcular a *aparição periodica* de um *cometa*?
84. De que era antigamente presagio a *aparição dos cometas*?

---

## DA LUA

85 A **Lua**, como já disse, é o satellite da Terra.

86 Se a Lua nos parece muitissimo maior do que as estrellas, é por estar muitos milhões de leguas mais perto de nós.

87 O volume da Lua é, pouco mais ou menos, 50 vezes menor que o da Terra, e a distancia em que está de nós, anda, termo medio, por 85:748 leguas.

88 A Lua é de todos os planetas, primarios e secundarios, o mais proximo da Terra.

89 De noite parece-nos a Lua mui brilhante; comtudo é um corpo opaco, que não tem outra luz senão a que recebe do Sol, e com a qual nos allumia.

90 A Lua não é chata, como parece, mas sim redonda como uma bola, e nunca vemos senão o mesmo lado.

91 Dá-se o nome de *phases* ás diferentes posições da Lua, relativamente á Terra. Destas contão-se quatro, a saber: 1.º, *Lua nova* ou *conjuncção*; 2.º, *Quarto crescente*; 3.º, *Lua cheia* ou *oposição*; 4.º, *Quarto mingoante*.

92 Lua nova ou novilunio diz-se quando aquelle astro está em *conjuncção* com o Sol; então achando-se a Lua entre o Sol e a Terra, o seu lado allumiado está virado para o Sol, e por conseguinte não nos pôde allumiar; porém afastando-se do Sol, apresenta-nos, passados tres dias, uma porção da parte allumiada, a qual, augmentando de dia para dia, forma o que se chama *Quarto crescente*, quando tem feito a quarta parte da sua revolução, isto é, no fim de 7 dias e algumas horas.

93 Á medida que a Lua se vai afastando do Sol, notamos uma porção muito maior allumiada, até que, chegando ao meio do seu circulo, se acha em *opposição* com o Sol: então todo o lado allumiado está virado para nós, e temos o que se chama *Lua cheia* ou *Plenilunio*: a Lua nasce então pouco depois do Sol posto. Aproximando-se depois a este astro, vai diminuindo a porção allumiada que está virada para nós, e quando tem chegado ás três quartas partes da sua revolução, acha-se no seu *Quarto mingoante*.

94 No *Quarto crescente*, o lado allumiado da Lua está virado para o Occidente, e no *Quarto mingoante*, para o Oriente.

95 A Lua move-se n'uma ellipse, que percorre em 29 dias e meio, pouco mais ou menos; sendo este o tempo que decorre de *Lua nova* a *Lua nova*.

N. B. Algumas Luas contudo tem 30 dias.

96 A Lua está no seu *apogeu*, quando se acha mais distante da Terra, e no seu *perigeu*, quando está mais proxima.

97 Chama-se *maré* ao fenómeno que se observa nas aguas do mar, que sobem e descem alternativamente: dá-se-lhe tambem o nome de *fluxo* e *refluxo*.

98 No *fluxo*, ou quando enche a *maré*, sobem as aguas pelo espaço de 6 horas, e tendo cessado de subir, ficam como suspensas e em equilibrio cerca de um quarto de hora: o estado em que então se achão as aguas, chama-se *preumar*.

99 No *refluxo*, ou quando vasa a *maré*, descem as aguas pelo espaço de 6 horas, e depois de terem cessado de descer, ficam igualmente como suspensas, e em equilibrio outro quarto de hora, pouco mais ou menos: o estado em que então se achão as aguas, chama se *baixamar*.

100 Ha nas *marés* tres fenómenos mui notaveis: o primeiro tem lugar duas vezes no dia, isto é, no espaço de

24 horas, a saber: o *preamar* e o *baixamar*; o segundo consiste em que as *marés* crescem sensivelmente na occasião da Lua nova e da Lua cheia, e por isso se chamão *marés d'aguas vivas*; o terceiro finalmente é o crescerem ainda mais as *marés* no tempo dos *Equinoccios* (em Março e Setembro).

101 Todos os fenómenos das *marés* são devidos á influencia do Sol e da Lua nas aguas do mar; convindo advertir que assim como as *marés* sobem mais nos *Equinoccios*, assim tambem descem na mesma proporção.

102 A theoria das *marés* era mui pouco conhecida até á época em que o immortal *Newton* a explicou, com toda a clareza, pelo seu grande principio de *gravitação* ou *atracção*.

103 No Mar Baltico e no Mediterraneo, diz Mr. ARAGO, não se conhecem as *marés*, porque são tão estreitas as aberturas por onde communicão com o Oceano, que não podem receber em tão breve tempo a agua necessaria para que o seu nivel experimente alteração sensivel (1).

## EXAME

- |   |  |
|---|--|
| 85. Que é <i>Lua</i> ?  | 95. Que tempo decorre de <i>Lua nova</i> a <i>Lua nova</i> ?                     |
| 86. Porque nos parece a <i>Lua</i> muito maior do que as <i>estrellas</i> ?         | 96. Quando está a <i>Lua</i> no seu <i>apogeu</i> e no seu <i>perigeu</i> ?      |
| 87. Qual é a grandeza da <i>Lua</i> e a sua distancia da <i>Terra</i> ?             | 97. Que se entende pela palavra <i>maré</i> ?                                    |
| 88. Qual é o planeta mais proximo da <i>Terra</i> ?                                 | 98. Que é <i>preamar</i> ?   |
| 89. Explique a causa do luar?   | 99. Que é <i>baixamar</i> ?  |
| 90. Que figura tem a <i>Lua</i> ?   | 100. Que fenómenos se notão nas <i>marés</i> ?                                   |
| 91. A que se dá o nome de <i>phases</i> ?   | 101. Quaes são os corpos celestes que influem nas <i>marés</i> ?                 |
| 92. Que é <i>Lua nova</i> e <i>Quarto crescente</i> ?                               | 102. Quem foi o primeiro que explicou com exactidão a theoria das <i>marés</i> ? |
| 93. Que é <i>Lua cheia</i> e <i>Quarto minguante</i> ?                              | 103. Porque se não conhecem as <i>marés</i> no Mar Baltico e no Mediterraneo?    |
| 94. Que differença ha entre o <i>Quarto crescente</i> e o <i>Quarto minguante</i> ? |  |

(1) Quem desejar ter amplias noções a este respeito, leia, além das obras de *NEWTON*, os excellentes *Tratados sobre as marés* por *BERNOULLI*, *EULER*, *MAC-LAURIN* e de *LAPLACE*.

## DOS ECLIPSES

104 Ha occasiões em que a Terra priva a Lua da luz do Sol, e outras em que a Lua priva a Terra da mesma luz. A estas privações dá-se o nome de **eclipse**, que significa *escurecimento* ou *diminuição de luz*. Ha pois **eclipses solares** ou do *Sol*, e **eclipses lunares** ou da *Lua*.

105 O eclipse do Sol tem lugar, quando o corpo opaco da Lua passa directamente entre o Sol e a Terra: a Lua priva-nos então de todo, ou em parte, dos raios do Sol; produzindo assim, com a sua sombra, maior ou menor escuridão.

106 Ha eclipse da Lua, quando o globo da Terra passa directamente entre a Lua e o Sol: a Terra cobre então toda, ou parte da mesma Lua com a sua sombra, isto é, priva-a mais ou menos da luz do Sol, que, como todos sabem, é aquella com que nos allumia.

107 Em Astronomia, entende-se por *immersão* o principio do eclipse, e *emersão*, o seu fim. — Nos eclipses do Sol, começa a *immersão* ou a escurecer este astro pelo lado occidental do seu disco, que se encontra com o lado oriental do disco da Lua. Os eclipses da Lua começam ao contrario dos eclipses do Sol, isto é, o lado oriental do disco da Lua é o primeiro que se escurece.

108 Os eclipses são *totais*, quando o astro eclipsado se escurece todo por algum tempo; *parciaes*, quando só lhe escurece uma parte, e *annulares*, quando nos eclipses do Sol se vê na borda do disco, ou circumferencia d'este astro, um circulo ou anel luminoso.

109 Para se poder calcular a grandeza dos eclipses, dividirão os astrónomos os discos do Sol e da Lua em 12 partes ou zonas iguaes e parallelas, chamadas *Dígitos*, cada *Dígito* em 60 minutos, o minuto em 60 segundos, etc. (1); assim, diz-se que um eclipse é de 7 *Dígitos* e 20 minutos, para indicar que escurecerão os 7 doze ávos do corpo que se eclipsa, e parte de outro doze ávos. Se porém um eclipse da Lua é *total*, e o diametro da sombra que elle atravessa maior do que o d'este satellite, diz-se que o eclipse é de mais de 12 *Dígitos*.

(1) Já fica dito a pag. 264 que considerado o minuto como subdivisão de circumferencia, é a sexagesima parte do grão.

110 Os eclipses do Sol tem lugar sómente na *Lua nova*, e os da *Lua*, sómente na *Lua cheia*; mas não se segue daqui que os haja sempre na occasião da *Lua nova* e da *Lua cheia*; porquanto, para que assim acontecesse, seria necessário que a Terra, a Lua e o Sol estivessem na mesma linha.

111 O eclipse do Sol pôde ser total, mas de nenhuma forma universal, isto é, abranger todo o hemispherio allumiado pelo Sol; porque sendo o corpo da Lua muito menor do que o globo da Terra, não pôde a mesma Lua privar dos raios do Sol senão a parte da Terra sobre que cabe a sombra daquelle satellite, quando outras gozão, durante esse tempo, da luz do Sol sem perceberem alteração alguma no seu esplendor.

112 Os eclipses da Lua são visiveis de todos os pontos da Terra que tem a mesma Lua sobre o seu horizonte; o que se explica pela seguinte maneira: a Lua não tem outra luz senão a que recebe do Sol; ora, sendo o globo da Terra muito maior que o da Lua, segue-se que quando esta é eclipsada, perde realmente a luz que a faz brilhar, e por consequente todo o hemispherio voltado para ella fica na escuridão.

113 Um eclipse do Sol pôde não ser da mesma grandeza para todas as partes da Terra em que é visivel; e se n'umas é total, n'outras é apenas parcial. O eclipse do Sol não tem lugar ao mesmo tempo em todos os pontos aonde pôde ser visto.

114 Achárão os antigos astrónomos (diz Mr. LALANDE) que no fim de 18 annos, 10 dias e algumas horas havia um eclipse semelhante, e por isso puderão predizer, pouco mais ou menos, os dias em que devião ter lugar.

115 Segundo o calculo de Mr. ARAGO, não pôde haver mais de 7, nem menos de 2 eclipses n'um anno; advertin-de que quando o numero dos eclipses não passar de 2, serão ambos do Sol.

116 Em todo o globo, o numero de eclipses do Sol é superior ao dos eclipses da Lua.

117 Os eclipses erão antigamente objecto de terror popular; mas hoje ninguem ignora que taes fenómenos são as consequencias das leis ordinarias da natureza, e que se calculão seculos antes de terem lugar (1).

---

(1) Mr. DAMOISAU DE MONFORT calculou os eclipses do Sol visiveis em Lisboa, desde 1800 até 1900 inclusivamente. A sua obra intitulada *Memo-ria relativa aos eclipses do Sol visiveis, desde 1800 a 1900 inclusivamente*, vende-se na Imprensa Nacional.

## EXAME

105. Que é eclipse?
106. Quando tem lugar o eclipse do Sol?
106. Quando ha eclipse da Lua?
107. Que se entende por *immersão* e *emersão*?
108. Que são eclipses totaes, parciaes e annullares?
109. De que meia se servem os astrónomos para calcularem a grandeza dos eclipses?
110. Em que phases da Lua tem lugar os eclipses do Sol e os da mesma Lua?
111. Póde ser universal o eclipse do Sol?
112. Porque são visíveis os eclipses da Lua de todos os pontos da Terra que tem este astro sobre o seu horizonte?
113. Póde um eclipse do Sol ser da mesma grandeza para todas as partes da Terra em que é visível?
114. Em que espaço de tempo se repete o mesmo eclipse?
115. Quantos eclipses póde haver n'um anno?
116. Qual é maior? O numero de eclipses, do Sol ou da Lua?
117. Que effeito produzirão antigamente os eclipses?

## DA TERRA OU GLOBO TERRAQUEO (1)

118 A **Terra** é o planeta que habitamos, e que mais nós interessa conhecer. — Não obstante parecer tão grande, vê-la-hia no ceo como uma estrella aquelle que habitasse os planetas *Venus* ou *Mercurio*.

119 A figura da Terra é quasi espherica; diz-se quasi, porque não é redonda como uma bola de bilhar, mas, pouco mais ou menos, como uma laranja, que é algum tanto achatada nas suas duas extremidades.

120 Para provar a redondeza da Terra bastará citar os seguintes factos:

Quando um navio se affasta da costa, e se acha a certa distancia, vai desaparecendo gradualmente, isto é, primeiro o casco, depois a parte inferior dos mastros, e a final a sua extremidade.

Pela mesma razão, quando os navegantes avistão a Terra, a primeira cousa que percebem é o cume dos objectos mais elevados, como são as montanhas, torres, etc., e só distinguem a parte inferior á medida que se vão aproximando da costa.

Se pois a Terra fosse plana, todos esses objectos se apresentariam, de uma vez, a nossa vista; mas a apparição sue-

(1) Chama-se tambem á Terra *globo terraqueo*, em razão da sua configuração, e de ser composto de terra e agua.

cessiva, de alto para baixo, quando delles nos vamos aproximando, e o seu desapparecimento, debaixo para cima, á medida que nos affastámos, hem demonstrão que as partes menos elevadas ficão encobertas pela convexidade da Terra.

Póde-se ainda provar a redondeza da Terra: 1.º, pela sua fórma circular no disco da Lua, quando esta é eclipsada; 2.º, pelas viagens que alguns navegantes tem feito á roda do globo.

121 A primeira viagem á roda do globo foi empreendida pelo intrepido Portuguez FERNÃO DE MAGALHÃES, ao serviço de Castella, no reinado de CARLOS V, a quem se foi offerecer, por se julgar mal remunerado por ElRei D. MANOEL pelos serviços que lhe prestára, já como guerreiro, já como piloto. Das cinco náos de que se compunha a armada do commando do mesmo FERNÃO DE MAGALHÃES, a saber: (1) *Trinidad*, *San Antonio*, *Concepcion*, *Victoria* e *Santiago*, e que sahirão de Sevilha a 10 de Agosto de 1519, voltou a náe *Victoria* a *Santucar* de *Barrameda*, porto de Andaluza, na embocadura do Guadalquivir, a 7 ou 8 de Setembro de 1522, depois de se haver constantemente dirigido para o Oeste. Nessa viagem descobriu MAGALHÃES o Estreito, ainda hoje chamado *Estreito de Magalhães*, e foi este insigne e intrepido capitão o primeiro que penetrou no mar do Sul, (a que deu o nome de *Mar pacífico*) até ás Ilhas Philipinas, n'uma das quaes, denominada *Zebu* (1), pareceu a 27 de Abril de 1521, combatendo valerosamente contra os Indios, sem ter o gosto de ver o fim á sua arrojada empreza.

122 Para effectuar uma volta á roda do globo, por mar, gastava-se antigamente 2 e mesmo 3 annos. Vê-se porém do *Constitutionnel* de 26 de Novembro de 1860 que a Fragata de vela franceza *L'Isis*, do commando do Capitão de fragata JACQUES LAPIER, verificou uma volta á roda do globo em 6 mezes e 27 dias. Partiu de Brest em 19 de Abril do mesmo anno para Tahiti; no fim de Maio fez escala pelo Rio de Janeiro, chegando a Brest a 16 do referido mez de Novembro. Antes d'aquella fragata, tinha um navio inglez denominado *Sword Fish*, feito em 10 mezes e 10 dias uma viagem á roda do globo.

123 A disposição dos continentes e o rigor dos climas,

(1) FERNÃO DE MAGALHÃES ia a bordo da *Trinidad*.

(2) Em algumas geographias diz-se, por engano, que foi em *Maetan*.

que se avizinhão dos polos, ainda não permittirão dar a volta á roda do globo, de Norte a Sul.

124 As montanhas, que tão altas nos parecem, são mui pouco sensiveis em relação ao tamanho do globo terrestre; e podem, quando muito, comparar-se com as desigualdades que se notão na casca de algumas laranjas, as quaes comtudo lhes não alterão a fôrma.

125 O *eixo da Terra* é uma linha que se suppõe atravessa-la, passando pelo centro, e sobre a qual ella gira no espaço de um dia, ou 24 horas, pouco mais ou menos.

126 As extremidades do eixo da Terra chamão-se polos, que são os dois pontos em que a mesma Terra é algum tanto achatada (1).

127 Um dos *polos da Terra*, constantemente virado para o lado do ceo, em que se acha a *estrella polar*, chama-se *polo arctico* ou do *Norte*, porque se acha collocado na direcção da constellação chamada em grego *arctos*; o outro chama-se *polo antarctico* ou do *Sul*, por estar opposto ao *polo arctico*.

128 A Terra considera-se dividida em 360 grãos, como tudo quanto é circular.

129 Correspondem a cada grão 18, 20, ou 25 leguas, segundo o modo de as computar pelas diversas nações.

130 A Terra está distante do Sol, cerca de 34 milhões de leguas, e da Lua perto de 87 mil leguas.

131 Os movimentos da Terra, são dois: um *diurno* ou de *rotação*; e outro *annuo*, chamado de *translação*.

132 O *movimento de rotação* é o que a Terra opera sobre o seu eixo, no espaço de um dia, ou 24 horas, pouco mais ou menos, do Occidente para o Oriente; percorrendo assim 15 grãos em cada hora.

133 A successão dos dias e das noites procede do *movimento de rotação* da Terra, cujo lado virado para o Sol goza da luz, quando o opposto se acha na escuridão.

Ora, como a Terra effectua este movimento em 24 horas, segue-se que n'este espaço de tempo, tem ella o dia e a noite.

Para fazer uma idéa do que se acaba de avançar, basta-

(1) Para tornar mais clara a explicação dada, atravesse-se uma laranja com uma agulha comprida, que passe pelo centro: faça-se depois voltar a laranja á roda da mesma agulha, e o seu movimento será igual ao da rotação da *Terra*.

A agulha representará o *eixo*, e os dois pontos por onde sahir, representão os *polos*.

rão os dois seguintes exemplos: 1.º Pegue-se n'uma bola de bilhar, e vire-se entre os dedos diante de uma luz: a bola será a Terra, e a luz, o Sol; 2.º, quando nos voltamos para um fogão, sentimos o calor, e temos a luz por diante, quando o lado opposto do nosso corpo não experimenta nem uma nem outra cousa; pelo contrario, se nos viramos e ficamos com as costas para o lume, então experimentamos um effeito opposto, isto é, não sentimos calor nem temos luz alguma pela nossa frente.

134 O movimento de translação é o que a Terra executa á roda do Sol, n'um anno, ou 365 dias, 5 horas e 49 minutos, tambem do Occidente para o Oriente.

Neste espaço de tempo, experimenta a Terra quatro mudanças na sua temperatura chamadas *Estações*, a saber: *Primavera*, *Estio* ou *Verão*, *Outono* e *Inverno*.

135 Em cada *Estação* percorre a Terra tres signos dos doze em que se divide o *zodiaco* (1), a saber:

## ENTRE O EQUADOR E O POLO ARCTICO

SIGNOS DA PRIMAVERA	{	<b>Aries ou Carneiro</b> ♈ <i>Março</i> . . .	} Constellações Septentrionaes
		<b>Tauro ou Touro</b> ♉ . . . <i>Abril</i> . . .	
		<b>Gemini ou Gemeos</b> ♊ <i>Maio</i> . . .	
SIGNOS DO VERÃO	{	<b>Cancer ou Caran-</b> <b>gueijo</b> ♋ . . . . . <i>Junho</i> . . .	} Constellações Septentrionaes
		<b>Leo ou Leão</b> ♌ . . . . . <i>Julho</i> . . .	
		<b>Virgo ou Virgem</b> ♍ . . . <i>Agosto</i> . . .	

## ENTRE O EQUADOR E O POLO ANTARCTICO

SIGNOS DO OUTONO	{	<b>Libra ou Balança</b> ♎ <i>Setembro</i>	} Constellações Meridionaes
		<b>Scorpio on Escor-</b> <b>pião</b> ♏ . . . . . <i>Outubro</i> .	
		<b>Sagitario</b> ♐ . . . . . <i>Novembro</i>	
SIGNOS DO INVERNO	{	<b>Capricornio</b> ♑ . . . . . <i>Dezembro</i>	} Constellações Meridionaes
		<b>Aquario</b> ♒ . . . . . <i>Janeiro</i> . .	
		<b>Pisces ou Peixes</b> ♓ . . <i>Fevereiro</i>	

(1) *Zodiaco* deriva-se de uma palavra grega, que significa *animal*, por isso que quasi todos os signos de que o mesmo *zodiaco* se compõe, tem o nome de *animaes*.

Os nomes dos doze *signos do zodiaco* estão comprehendidos nestes dois versos latinos:

Sunt Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo.

Libraque, Scorpius, Arcitenens, Caper, Amphora, Piscis.

 Convém advertir que em quanto o Sol parece percorrer alguns d'estes signos, percorre a Terra os oppositos; assim, quando o Sol parece estar no signo *Aries*, acha-se a *Terra* no signo *Libra*, etc.

136 A razão por que se não percebe o movimento da Terra, é porque sendo nós levados com o globo terraqueo por um mesmo movimento no curso da sua *rotação*, pensamos que a Terra está immovel, ao passo que se nos affigura que são os astros que se movem em direcção contraria áquella que seguimos. Pela mesma razão, quando vamos embarcados, ou n'uma carruagem, e olhamos para o lado, parece-nos vêr andar as casas, arvores, etc., impellidas de um movimento tanto mais rapido, quanto mais proximo de nós se achão aquelles objectos: a illusão é muito maior, se a velocidade vai crescendo; de maneira que assim como não sentimos o movimento que arrebatá o hareo, assim também não percebemos o da Terra, que se effectua com uma rapidez infinitamente maior.

137 O caminho que a Terra e os outros planetas descrevem em torno do Sol, chama-se *orbita*, e apresenta a figura de uma ellipse, occupando o mesmo Sol um dos seus focos. Donde se segue que a Terra e os planetas estarão, umas vezes, mais proximos, e outras mais distantes daquelle astro.

138 Está calculado que a velocidade da Terra, no seu movimento de *rotação*, é de 375 leguas (das de 25 ao grão) cada hora, com pouca differença; e de 7 leguas cada segundo, ou 420 leguas por minuto, a do seu movimento de *translação*.

139 A razão por que sendo a Terra redonda, e girando sobre o seu eixo, se sustentão, sem cahir, tanto os homens como todos os outros corpos que se achão na sua superficie, é porque estão detidos pelas *leis de attracção e gra-*

*vitação*, que obrão em todos elles, quer dizer: que todos esses corpos tendem para o centro da Terra, attrahidos por uma força de que é dotada, do mesmo modo que o ferro é attrahido pelo iman.

140 Se a Terra e os outros corpos celestes se conservão suspensos no espaço, é pelas *forças d'attracção e repulsão*.

A *força d'attracção* é aquella pela qual esses corpos tendem a juntar-se uns com outros. Em virtude d'esta força, os corpos maiores attrahem os mais pequenos na razão directa de suas massas; assim um corpo duas vezes mais volumoso do que outro, attrahe duas vezes mais.

A *força de repulsão* ou *centrifuga* é aquella pela qual um corpo tende a separar-se de outro, em torno do qual gira.

141 O centro commum do movimento dos planetas, e que exercita sobre elles a *força d'attracção*, é o Sol.

142 Para indicar a posição relativa dos differentes lugares da Terra, imaginarão os geógraphos 4 *Pontos cardinaes* ou *principaes*, a saber: 1.º O *Norte* ou *Septentrião*; 2.º O *Sul* ou *Meio dia* (1); 3.º O *Nascente*, *Leste*, *Levante* ou *Oriente*; 4.º O *Poente*, *Oeste*, *Occidente* ou *Ócaso*.

143 O *Norte* corresponde ao polo ártico; o *Sul*, ao polo antarctico; o *Nascente* ou *Leste*, ao ponto aonde parece nascer o Sol; o *Poente* ou *Oeste*, ao ponto em que se vê desaparecer aquelle astro.

144 Entre os 4 *pontos cardinaes*, ha 4 *pontos collateraes*; a saber: 1.º O *Nordeste*, entre o Norte e Leste; 2.º O *Noroeste*, entre o Norte e Oeste; 3.º O *Sueste*, entre o Sul e Leste; 4.º O *Sudoeste*, entre o Sul e Oeste (2).

145 Alem dos *pontos collateraes*, ha ainda 24 *interme-*

(1) O Sul, chama-se tambem *Meio dia*, por isso que fica para o lado em que se vê o Sol quando é meio dia.

(2) Designão-se ordinariamente os *Pontos cardinaes, collateraes, etc.*, por abbreviações:

N. Norte.  
S. Sul.  
E. ou L. Este ou Leste.  
O. Oeste.  
N.N.O. Nor-Noroeste.  
O.N.O. Oes-Noroeste.  
E.N.E. Les-Nordeste.  
N.E. Nordeste.

N.O. Noroeste.  
S.E. Sueste.  
S.O. Sudoeste.  
S.S.O. Su-Sudoeste.  
O.S.O. Oes-Sudoeste.  
E.S.E. Les-Sueste.  
S.S.E. Su-Sueste.



de que já se fallou no § 145, tem a admiravel propriedade de dirigir, constantemente, uma das suas extremidades para o Norte, e a outra para o Sul.

149 Chamão-se *circulos da Terra* as linhas traçadas nos globos e cartas geographicas, e que os geógraphos suppõem igualmente em torno da Terra, ainda que na realidade não existem, e que correspondem a outros tantos que se suppõe traçados na abobado celeste, os quaes tem o nome de *circulos da esphera* (1).

150 Os *circulos da Terra* são dez, dos quaes seis tem o nome de *circulos maximos*, porque dividem o globo em duas partes iguaes, ou *hemispherios*; e quatro, o de *circulos menores*, porque dividem o mesmo globo em partes desiguaes. — Os *circulos maximos* são: o *equador*, o *meridiano*, a *ecliptica*, o *horisonte* e os dois *coluros*. Os *circulos menores* são: os dois *tropicos* e os dois *circulos polares*.

151 O *equador*, ou *linha equinoccial*, é uma linha imaginária que cerca o globo terraqueo a igual distancia dos polos, isto é, a 90 grãos; dividindo-o em dois *hemispherios* (2), um ao Norte, chamado *hemispherio septentrional*; e outro ao Sul, denominado *hemispherio meridional*.

Os pilotos chamão-lhe ordinariamente a *Linha*.

O *equador* é o ponto da *Terra*, aonde se experimenta maior calor.

152 O *meridiano* é uma linha ou um circulo que, passando pelos polos, corta perpendicularmente o *equador* em angulos rectos, e divide o globo em dois *hemispherios*, um *oriental*, outro *occidental*.

Dá-se a esta linha o nome de *meridiano*, da palavra latina *meridies*, que significa *meio dia*, porque é meio dia para todos os povos que se achão debaixo d'elle, quando o Sol, no seu curso apparente, vem a passar no ponto do

(1) Para o estudo da *Geographia*, e para mais facilmente se comprehenderem os phenomenos celestes, empregão-se os *globos* e a *esphera armillar*. Os *globos* consistem n'umas bolas em que estão dezechadas as estrelas divididas em constellações, ou os mares, rios e os diferentes paizes da Terra. No primeiro caso, chamão-se *globos celestes*; no segundo, *globos terrestres*. A *esphera armillar* é um instrumento de metal, madeira ou cartão, composto de circulos, representando os principaes que se considerão no ceo (§§ 149, 150). Empregão-se pois para representar o curso apparente do Sol, bem como o movimento dos astros, e dar noções elementares d'*Astronomia* e de *Geographia astronomica*.

(2) *Hemispherio* quer dizer *metade da esphera*.

ceo, que lhe corresponde, indo do Oriente para o Occidente.

153 Póde-se ir de um polo a outro sem mudar de *meridiano*; mas do Oriente para o Occidente, não succederá o mesmo, visto serem tantos os meridianos quantos os pontos que se conhecem no equador.

154 Nestes ultimos tempos, a maior parte das nações tem adoptado os meridianos dos seus principaes *Observatorios*; assim, os Francezes contão a longitude pelo seu meridiano, que fazem passar pelo *Observatorio de Paris*; os Inglezes pelo de *Greenwich*; os Hespanhoes pelo da *Ilha de S. Fernando*, perto de Cadiz; os Portuguezes, pelo de *Coimbrá* ou *Lisboa*, e os Brasileiros, pelo do *Rio de Janeiro*.

155 A ecliptica é o circulo que corre por meio do *zodiaco*, e o divide em duas partes iguaes. Serve para mostrar o vestigio do Sol no seu movimento apparente annual.

156 Chama-se *ecliptica*, porque é no plano d'este circulo maximo que tem lugar os eclipses, tanto do Sol, como da Lua.

157 *Horizonte* é um circulo que separa a sua parte visivel da sua parte invisivel. Em *Geographia*, chama-se *horizonte sensivel* ou *visivel* a extensão de terra ou de mar que se póde perceber, olhando á roda de si, tanto quanto a vista póde alcançar.

158 Dá-se o nome de *zenith*, ao ponto mais elevado do ceo, no hemispherio superior, ou aquelle que se acha directamente por cima de nossa cabeça.

159 *Nadir* é o ponto da abobada celeste que se acha directamente sob os nossos pés, isto é, no hemispherio inferior. O *nadir* é diametralmente opposto ao *zenith*.

 Diz-se que o Sol está no seu *zenith*, quando é meio dia.

160 O nome de horizonte vem da palavra grega *orizo*, que significa *acabar*, porque na realidade é o que termina á nossa vista.

161 Os *Equinos* são dois circulos que cortão o *equador* e o *zodiaco* em quatro partes iguaes, e servem para indicar as quatro *Estações* do anno.

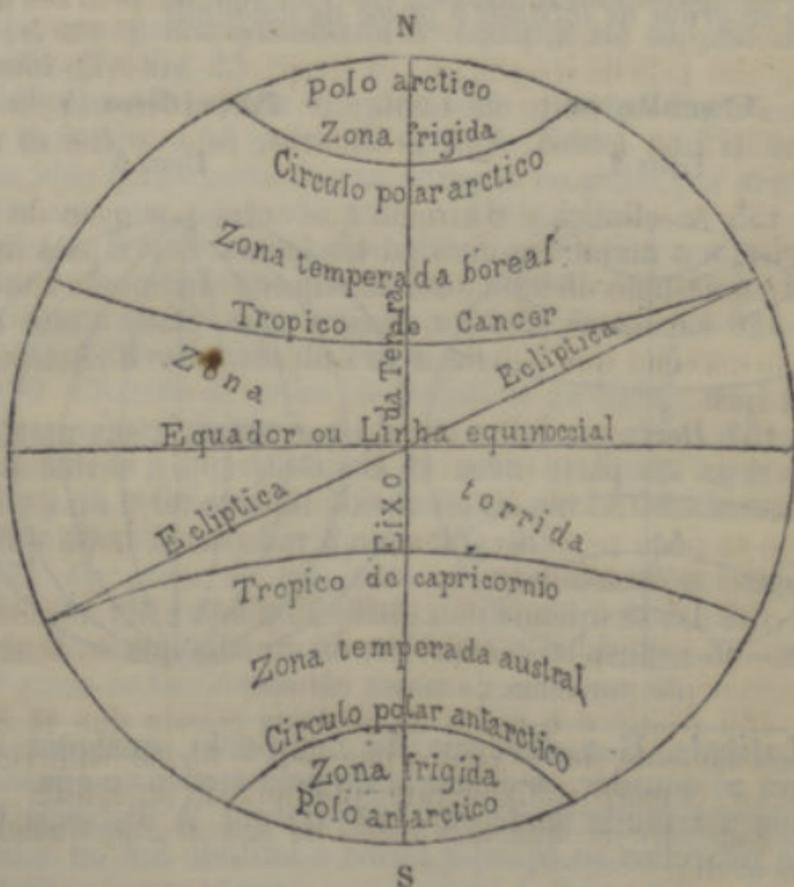
Há o *coluro dos equinoccios* e o *coluro dos solsticios*.

O primeiro é o que passa entre os signos de *Aries* e *Libra*, e indica os dois *equinoccios*, a saber: o da Primavera aos 21 ou 22 de Março, e o do Outono aos 22 ou 23 de Setembro.

O segundo é aquelle que passa entre os signos de *cancer* e *capricornio*, e indica os pontos em que se verificão os solstícios, isto é, o de Verão aos 21 ou 22 de Junho, e o d'Inverno, aos 21 ou 22 de Dezembro.

### Divisão astronômica da terra

Figura 4



162 Os *trópicos* são dois *circulos menores* paralelos ao equador, de que distão 23 grãos e meio.

163 Chamão-se *trópicos*, de uma palavra grega, que significa *voltar*, porque quando o Sol no seu movimento annual apparente allí chega, parece voltar para o Equador.

164 O *trópico de cancer* é o que se acha traçado entre o equador e o polo ártico, isto é, no hemispherio septen-

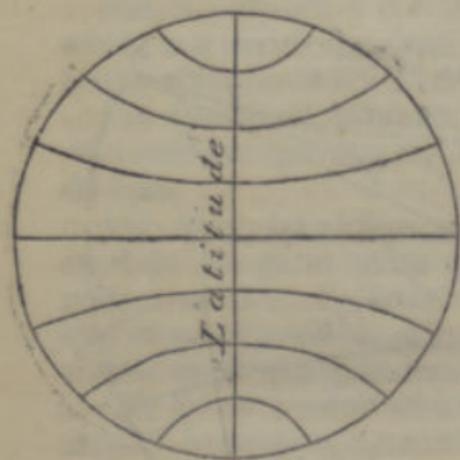
trional; o *trópico de capricornio*, o que está entre o equador e o *polo antártico*, no hemispherio meridional (1).

165 Os *circulos polares* supõem-se situados em cada hemispherio, na mesma distancia dos polos em que estes se achão do equador. Tirão o nome da sua posição; assim, um é chamado *circulo polar arctico*; o outro, *circulo polar antártico*. (Fig. 1.)

166 As medidas de que se usa nos mappas geographicos para se conhecer a extensão do globo terraqueo, chamão-se *grãos de latitude* e *grãos de longitude*.

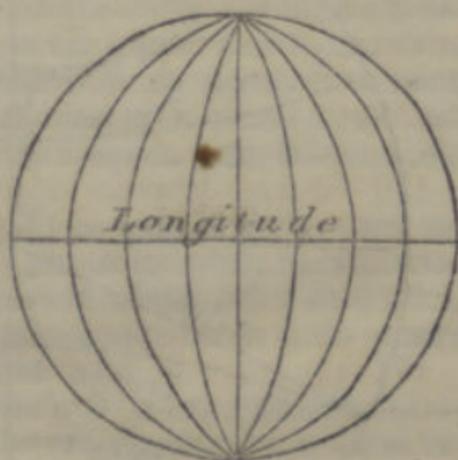
### Parallelos

Figura 2



### Meridianos

Figura 3



*Latitude.* É a distancia de um ponto qualquer da Terra ao equador. A distancia do polo arctico ao equador fórma a latitude *norte* ou *Septentrional*. A distancia do polo antártico ao equador fórma a latitude *Sul* ou *meridional*.

*Longitude.* É a distancia de um lugar qualquer da Terra a um meridiano principal ou convencionado. Este dividindo a Terra em dois hemispherios, dá lugar a duas lon-

(1) O Sol parece entrar no *trópico de cancer* a 21 ou 22 de Junho: é o dia maior do anno; e no *trópico de capricornio*, a 21 ou 22 de Dezembro, que é o dia mais curto.

Esta regra não é geral para toda a Terra, pois debaixo da Linha, como já se viu, os dias e noites são iguaes, com pouca differença. Em algumas regiões polares durão porém as noites, no Verão, apenas uma hora, n'outras seis mezes, e outros tantos os dias.

gitudes, a saber: *Longitude Leste* ou *Oriental*, e *longitude Oeste* ou *Occidental* (1).

167 Os *grãos de latitude* são as linhas traçadas nas cartas geographicas paralelas ao equador, e que servem para marcar a distancia de um ponto qualquer do globo ao mesmo equador. (Fig. 2.)

168 Os *grãos de latitude septentrional* contão-se desde —0— até 90 grãos, começando do equador até ao *polo arctico*; e os de *latitude meridional*, desde —0— até 90 grãos, começando igualmente do equador até ao *polo antarctico* (2). Fig. 2.)

169 Quando se diz simplesmente que um lugar está, por exemplo, a 45 *grãos de latitude* Norte, não se terá uma idéa bem exacta da sua situação no globo, por se não saber em que ponto de todo o 45º paralelo se deverá procurar. É necessario pois indicar, ao mesmo tempo, os *grãos de longitude* em que estiver, a Leste ou a Oeste do meridiano d'onde se principiar a contar, como por exemplo, do de *Greenwich*, de *Paris*, etc.

170 Chamão-se *grãos de longitude* as linhas traçadas nas cartas geographicas, de Norte a Sul, as quaes servem para marcar a que distancia se acha qualquer lugar do globo para o Oriente ou Nascente, ou para o Occidente ou Poente do primeiro meridiano. (Fig. 3.)

171 Os *grãos de longitude oriental* contão-se desde —0— até 180 grãos ao Oriente do primeiro meridiano; os *grãos de longitude occidental* contão-se desde —0— até 180 grãos ao Occidente do mesmo meridiano (3).

(1) *Latitude* e *longitude* derivão-se de duas palavras latinas, que significão, a primeira *largura*, a segunda, *comprimento*.

As regiões conhecidas dos antigos formavão uma extensão maior do Occidente para o Oriente, do que de Norte a Sul; eis a razão por que chamarão *longitude* ou *comprimento* ao espaço maior que elles conhecião, e *latitude* ou *largura* ao espaço menor, que era do Norte a Sul.

Conservão-se porém ainda hoje estas expressões, com quanto se não possa dizer que a superficie do globo é maior n'um sentido do que n'outro.

(2) Sendo a *Terra* dividida em 360 partes chamadas *grãos*, deveria necessariamente haver tantos *grãos de latitude* como de *longitude*, isto é, 360, se, chegando-se ao *Polo arctico* ou ao *antarctico*, se continuasse a contar, fazendo a volta da *Terra*. Não ha pois contradicção entre o numero de *Grãos de longitude*, que é o de duas vezes 180, ou 360 por todo o circulo da mesma *Terra*, e o dos *Grãos de latitude*, que é o de duas vezes 90, ou 180, com pouca differença, e que correspondem a metade d'esse circulo.

(3) Os antigos Geógraphos contavão as *longitudes*, partindo do meridiano da Ilha do Ferro, a mais occidental das *Canarias*, e fazendo a volta inteira do globo pelo Oriente: n'este caso, podia a *longitude* ser desde —0— até 360 grãos.

172 A differença que ha entre os *grãos de latitude* e os de *longitude* consiste em que os primeiros tem 18, 20 ou 25 leguas, segundo o modo de as contar pelas diversas nações; quando, pelo contrario, os *grãos de longitude* não são iguaes em todos os pontos. Sob o equador, por exemplo, tem 18, 20 ou 25 leguas; porém quanto mais se vão affastando para os polos, menos extensão ou leguas vão tendo, até que chegam a não ter nenhuma.

173 Os differentes espaços em que se considera dividida a Terra, em razão do maior ou menor calor ou frio, chamão-se *zonas*. D'estas contão-se cinco, a saber: uma *tórrida*, duas *temperadas* e duas *frígidas* ou *glaciaes*. (Fig. 1.)

174 A *zona tórrida* é o espaço comprehendido entre os dois trópicos, ficando no meio o equador; por conseguinte occupa 47 grãos, sendo  $23^{\circ} \frac{1}{2}$  para o Norte, e  $23^{\circ} \frac{1}{2}$  para o Sul. (Fig. 1.)

175 Chama-se-lhe *zona tórrida*, por ser uma região abrazada pelos raios do Sol, que ali dá perpendicularmente quasi todo o anno.

176 Das duas *zonas temperadas*, uma é *septentrional* ou *boreal*, outra *meridional* ou *austral*.

A *zona temperada septentrional* ou *boreal* comprehende o espaço entre o trópico de cancer e o circulo polar arctico. Tem 43 grãos de extensão, e é n'esta *zona* que nós, os portuguezes, habitamos.

A *zona temperada meridional* ou *austral* é o espaço comprehendido entre o trópico de capricornio e o circulo polar antarctico. Tem igualmente 43 grãos de extensão. (Fig. 1.)

177 Deu-se a estas *zonas* a denominação de *temperadas*, porque, pela sua situação, não estão sujeitas, nem ao excessivo calor da *zona tórrida*, nem ao rigoroso frio das *zonas frígidas*.

178 As *zonas frígidas* dividem-se em *septentrional* e *meridional*.

A *zona frigida septentrional* é o espaço comprehendido entre o *circulo polar arctico* e o *polo arctico* tem  $23^{\circ} \frac{1}{2}$  de extensão.

A *zona frigida meridional* é o espaço que se comprehende entre o *circulo polar antarctico* e o *polo antarctico*. A sua extensão é igualmente de  $23^{\circ} \frac{1}{2}$ . (Fig. 1.)

179 Chamão-se *zonas frígidas* ou *glaciaes*, em razão de

grande frio e gelo a que estão sujeitas, por lhes não chegarem senão muito obliquamente os raios do Sol.

180 Somados os grãos de todas as *zonas*, a saber :

ZONA	{	Tórrida.....	47
		Temperada septentrional.....	43
		Temperada meridional.....	43
		Frigida septentrional.....	23 $\frac{1}{2}$
		Frigida meridional.....	23 $\frac{1}{2}$

Vem a fazer em grãos..... 180  
que é a latitude e medida da metade do globo.

181 Dá-se o nome de *climas* aos differentes espaços do globo terrestre que varião entre si, em razão da maior ou menor duração do dia ou da noite. Ha *climas* chamados de *horas*, ou antes de *meias horas* e *climas de mezes*.

182 Os *climas de meia hora* são 24 em cada hemispherio, isto é, os espaços do globo que se estendem desde o equador até aos circulos polares.

183 Os *climas de mezes* são 6 entre o circulo polar arctico e o seu polo correspondente; e outros 6 entre o polo antarctico e o circulo polar do seu nome.

184 No primeiro *clima de meias horas*, o dia maior tem 12 horas e meia; no segundo 13 horas, e assim successivamente, de meia em meia hora, á medida que se vai afastando do equador até 66 grãos e meio.

185 No primeiro *clima de mezes* dura o dia um mez; ao segundo, dois, e assim successivamente, de modo que em se chegando aos polos, tem o dia seis mezes e outros tantos a noite.

186 *Antecos* ou *antiscios* são aquelles que vivem no mesmo meridiano, ou na mesma longitude, mas em latitudes oppostas, e a igual distancia do equador; de modo que se uns contão 20 grãos de latitude Norte, outros contão 20 grãos de latitude Sul. Por exemplo, se buscarmos os *antecos* do Egypto no hemispherio boreal, acharemos que são os povos do Monomotapa.

Os *antecos* tem as mesmas horas de dia e noite; porém Estações oppostas, isto é, quando para uns é Verão, para outros é Inverno.

187 *Periecos* ou *periscios* são aquelles que se achão no mesmo paralelo, e em meridianos oppostos, ou que estão na mesma latitude, porém distantes 180 grãos de longi-

tude. Tem as mesmas Estações, porém as horas do dia e da noite oppostas, quer dizer: quando para uns é meio dia, é para outros meia noite.

188 *Antipodas* são os povos que vivem na extremidade de um diametro terrestre, isto é, que habitão em meridianos e paralelos oppostos. Distão pois 180 grãos de longitude, sendo oppostas as suas latitudes.

Os *antipodas* tem as Estações oppostas, bem como as horas do dia e da noite.

## EXAME

118. Que é a *Terra*?
119. Qual é a sua configuração?
120. Como se prova a redondeza da *Terra*?
121. Quem emprehenden a primeira viagem á roda do *globo*?
122. Que tempo se gasta para effectuar uma volta á roda do *globo*?
123. Porque se não tem dado volta de Norte a Sul?
124. Com que se podem comparar as montanhas em relação ao tamanho da *Terra*?
125. Que é o *eixo da Terra*?
126. A que se dá o nome de *polos*?
127. Que é *polo arctico* e *polo antarctico*?
128. Em quantos grãos se divide a *Terra*?
129. Quantas leguas correspondem a cada grão?
130. A que distancia se acha a *Terra* do Sol e da Lua?
131. Quantos movimentos tem a *Terra*?
132. Qual é o movimento de rotação da *Terra*?
133. Donde procede a successão dos dias e das noites?
134. Qual é o movimento de translação da *Terra*, e quantas mudanças de temperatura experimenta esta durante o mesmo movimento?
135. Quantos *signos do zodiaco* percorre a *Terra* em cada Estação, e quaes são elles?
136. Porque se não percebe o movimento da *Terra*?
137. Que é *órbita*?
138. Qual é a velocidade do movimento de rotação e de translação da *Terra*?
139. Porque, sendo a *Terra* redonda, e girando sobre o seu eixo, se sustentão, sem cair, os homens e os outros corpos que se achão na sua superficie?
140. Porque se conservão suspensos no espaço a *Terra* e os outros corpos celestes?
141. Qual é o *centro commum* do movimento dos planetas?
142. Que pontos inventarão os geógraphos para indicar a posição relativa dos differentes lugares da *Terra*?
143. A que correspondem os 4 *pontos cardinaes*?
144. Que são *pontos collateraes*?
145. Quantos *pontos* ha além dos 4 *collateraes*?
146. Como se conhecem os 4 *pontos cardinaes*?
147. Como podem os nauticos *orientar-se* tanto de dia como de noite?
148. De que *instrumento* se servem os nauticos para *orientar-se*, quando se não podem observar os astros?
149. A que se dá o nome de *circulos da Terra*?
150. Quantos são os principaes *circulos da Terra*?
151. Que é *equador*, e que nome lhe dão ordinariamente os pilotos?
152. Que é *meridiano*, e porque se lhe dá este nome?
153. Porque se não pôde ir do

Oriente para o Occidente sem mudar de *meridiano*?

154. Que *meridianos* tem adoptado a maior parte das nações?

155. Que é *ecliptica*?

156. Porque se lhe dá este nome?

157. Que se entende pela palavra *horizonte*?

158. Que é *zenith*?

159. Que quer dizer *nadir*?

160. Donde se deriva a palavra *horizonte*?

161. Explique o que são *coluros*, e que indicação elles?

162. Que são *tropicos*?

163. Porque se denominão assim?

164. Aonde se acha traçado o *tropico de cancer*?

165. Aonde se supõem situados os *circulos polares*?

166. Quaes são as *medidas* de que se usa nos mappas *geographicos* para se conhecer a extensão do globo *terraqueo*?

167. Que se entende por *grãos de latitude*?

168. Em que se distinguem os *grãos de latitude*, e quantos se contão?

169. Que é necessario indicar para se saber, com exactidão, a posição de qualquer lugar?

170. Que são *grãos de longitude*?

171. Como se dividem os *grãos*

de *longitude*, e quantos se contão?

172. Que differença ha, quanto á extensão, entre os *grãos de latitude* e os de *longitude*?

173. Que são *zonas*, e quantas se contão?

174. Que é *zona tórrida*?

175. Porque se lhe dá este nome?

176. Como se dividem as *zonas temperadas*, e qual é aquella em que habitão os Portuguezes?

177. Que quer dizer *zonas temperadas*?

178. Como se dividem as *zonas frigiditas*?

179. Porque se chamão *frigiditas*?

180. Quantos *grãos de latitude* sommão as cinco *zonas*?

181. Que se entende por *climas*, e como se dividem?

182. Quantos são os *climas de meia hora*?

183. Quantos *climas de mezes* se contão?

184. Explique a duração dos dias, a começar do primeiro *clima*?

185. Que duração tem o dia, contando do primeiro *clima de mezes*?

186. Que se entende por *anticos*?

187. Que são *periecos*?

188. Que quer dizer *antipodas*?

## MAPPAS OU CARTAS GEOGRAPHICAS

189 Usa-se para o estudo da *Geographia*:

1.º Do **globo terrestre**, em que se achão traçados o *equador*, os *meridianos*, os *grãos de latitude* e *longitude*, os *circulos polares*, etc. (§ 149), e representadas ou deenhadas, em ponto muito pequeno, as diversas partes da Terra em relação umas ás outras, e bem assim á *esphera*, que é aquelle orbe concavo que cerca o nosso globo, e ao qual parecem estar unidos os corpos celestes.

2.º De **mappas** ou **cartas geographicas**.

Convém advertir que não sendo possível rapresentar exactamente as diversas regiões da Terra n'um *globo ter-*

*restre*, em cuja superficie estivessem desenhadas todas as suas partes, porque se esse globo fosse pequeno, não poderia dar exacta e circumstanciadamente conhecimento de um Reino ou de uma Provincia, e se fosse grande, difficilmente se poderia manejar, inventarão-se, para isso, umas figuras planas, chamadas *cartas geographicas*.

Estas, ou são *geraes* ou *especiaes*.

190 Chama-se **mappamundo**, **mappa universal** ou **planispherio** (1), a carta que representa todo o *globo terrestre*, dividido em dois hemisphérios.

191 As *cartas geraes* são aquellas que representam uma grande parte da superficie da Terra, como, por exemplo, a *Europa*, etc.

192 As *cartas particulares* ou *especiaes* são as que representam um só Estado, uma só Provincia, etc., como: *Portugal*, o *Algarve*, etc. A estas dá-se tambem o nome de *cartas chorographicas*. Quando a carta só abrange o termo de uma cidade, ou povoação, como por exemplo: *Lisboa*, chama-se *carta topographica*.

193 Os grãos de latitude estão indicados nos algarismos collocados á direita e á esquerda de cada carta, na extremidade dos parallellos. Os grãos de longitude achão-se marcados de alto a baixo, ou de Norte a Sul, nos algarismos que estão collocados na extremidade dos meridianos (§§ 167, 168, 169, 170, 171, 172).

194 Para achar nas *cartas geographicas* os quatro *pontos cardinaes*, convem advertir que o *Norte* fica na parte superior; o *Sul*, do lado opposto; *Leste*, á direita, e *Oeste*, á esquerda.

195 Chama-se *escala* ou *petipé* uma linha que costuma haver, na parte inferior de cada carta *geographica*, dividida em partes iguaes, representando, cada uma dellas, uma milha, legua ou outra distancia qualquer.

Esta linha serve para indicar a relação em que cada carta, seja qual for a sua dimensão, está para com a grandeza real da Terra.

196 Para se saber a distancia que ha de um ponto a outro, applicão-se as duas extremidades de um compasso a esses pontos. Leva-se depois á *escala* o espaço achado, ou na falta della, a uma das lateraes, e dando-se a cada grão 18, 20 ou 25 leguas, segundo o modo de as contar

(1) *Planispherio* quer dizer *esphera plana*.

antigamente (§ 129), conhecer-se-ha essa distancia em linha recta.

197 Se porém se quizer saber as leguas que ha de caminho entre dois pontos dados, como aquelle raras vezes é em linha recta, ir-se-ha tomando a distancia dos povos intermedios, cada uma de per si, e sommando estas distancias parciaes, ter-se-ha a distancia total (1).

---

## EXAME

189. Que se emprega para o estudo da *Geographia*?

190. Que é *mappamundo*?

191. Que se entende por *cartas geraes*?

192. A que se dá o nome de *cartas particulares* ou *especiaes*?

193. Aonde estão marcados os *grãos de latitude e de longitude*?

194. Como se achão nas *cartas* os quatro pontos cardinaes?

195. Que é *escala* ou *petipé*, e para que serve?

196. Como se póde conhecer a distancia entre dois lugares dados?

197. Qual é o meio de saber quantas leguas ha de caminho de um ponto a outro?

---

## GEOGRAPHIA PHYSICA

1 O **Globo terraqueo** consta de duas partes, uma solida chamada *Terra*, e outra liquida denominada *agua*. Além d'isso, acha-se rodeado de uma parte aeriforme, ou gazoza, a que se dá o nome de *atmosfera* (2).

2 A *Terra* occupa, pouco mais ou menos, a terça parte do globo.

3 As partes da *Terra* ou do mundo conhecidas dos antigos erão tres, a saber: *Europa*, *Asia* e *Africa*. D'ahi vem o nome de **Mundo antigo** ou **Antigo continente** que se lhes deu.

4 Chama-se **Novo mundo** ou **Novo continente** a *America*, por isso que não tendo sido communicada por muitos seculos, só foi descoberta pelos fins do decimo

---

(1) A regra estabelecida por alguns auctores, que pertendem que se deve juntar á distancia tomada, em linha recta, a quinta parte da mesma distancia, não se póde admitir, em geral, pois depende das curvaturas que haja no caminho, e das subidas e descidas que possa ter.

(2) Mais adiante, e debaixo da epigraphe—*Physica*—se tratará dos *phenomenos da atmosfera*, etc.

quinto, isto é, no anno de 1492, por *Christovão Colombo*, genovez, ao serviço de Castella, no reinado de *D. Fernando* e *D. Isabel*.

5 Os geógraphos modernos dividem o globo em cinco partes, a saber: *Europa*, *Asia*, *Africa*, *America* e *Oceania*, de cada uma das quaes se fallará no lugar competente.

6 A população do globo não pôde calcular-se exactamente por falta de dados estatísticos fidedignos; o que porém se pôde avançar é que, depois da *Asia*, a *Europa* é a mais povoada das cinco partes do mundo.

### TERMOS RELATIVOS À TERRA

7 As terras formão os continentes e ilhas, e as aguas, os mares.

**Continente** ou **Terra firme**.—É uma vasta extensão de terra, que comprehende muitas regiões continuadas, e que o mar não separa do seu todo. Ha tres grandes *continentes*, a saber: o *Antigo continente*, o *Novo continente* e a *Nova Hollanda* (1).

**Ilha**.—É uma porção de terra cercada de agua por todos os lados, como a *Ilha da Madeira*, de *S. Miguel*, etc. As *ilhas* são os cumes das montanhas cuja base assenta no fundo de mar.

**Península**.—É uma porção de terra cercada de agua, excepto por um lado, por onde está unida ao continente, como a *Italia*, a *Hespanha* e *Portugal*, a *Crinéa*, etc. Os antigos chamavão ás penínsulas *chersonesos*.

**Archipélago**.—É uma extensão de mar cheia de ilhas, proximas umas das outras, como o *Archipélago dos Açores*, de *Cabo Verde*, das *Canarias*, etc.

**Isthmo**.—É a porção de terra que une uma península ao continente.

**Cabo** ou **Promontorio**.—É uma eminencia de terra que entra pelo mar dentro, como o *Cabo da Boa Esperança*, de *Finisterra*, da *Roca*, de *S. Vicente*, etc.

(1) A *Nova Hollanda* é uma ilha da *Australia*, da *Oceania*, de tanta extensão que, por si só, pôde muito bem merecer o nome de *continente*. Suppõe-se ser o maior do globo, mas em parte alguma se acha civilização tão atrazada.

**Montanhas** ou **montes**.—São as eminencias mais consideraveis da Terra que se elevão acima dos lugares circumvisinhos, a que chamão *Planicies*. Aos montes pequenos dá-se o nome de *collinas* ou *outeiros*.

**Serra**.—É a continuação de montes de penedio, como a *Serra de Cintra* e a da *Estrella*, em Portugal, a *Serra dos orgãos*, na Provincia do Rio de Janeiro, etc.

**Cordilheira** ou **corda de montes**.—É uma longa continuação de montanhas, como a *Cordilheira dos Pyrenéos*, que separão a França da Hespanha; a *Cordilheira dos Andes* na America meridional. Na mesma accepção se costuma frequentemente tomar as palavras *Serra* e *Serrania*.

**Pico**.—É uma montanha muito elevada de fórma cónica, isto é, muito estreita para cima, e acabando quasi em bico, como: O *Pico de Teneriffe*, o *Pico dos Açores*, etc.

**Volcão**.—É um monte que, de tempos a tempos, vomita fogo, como o *Etna*, na Sicilia; o *Vesuvio*, perto de Napoles, e o *Hécla*, na Islandia. Chama-se *cratêra* a boca do volcão, e *lava*, as partes betuminosas misturadas com as escorias mineraes e metallicas que elle arroja de si.

**Valle**.—É uma planicie junto a um monte ou entre montes.

**Limites, confins, raias** ou **fronteiras**.—São a linha de demarcação que separa dois paizes.

**Costas**.—São extremidades da terra banhadas pelo mar, como a *Costa de Caparica*, perto de Lisboa, etc.

**Rochedo**.—É uma especie de monte de pedra bruta á borda do mar.

**Médãos** ou **dunas**.—São umas eminencias ou collinas de arêa que se estendem ao longo das costas.

#### TERMOS RELATIVOS ÀS AGUAS

**8 Mar**.—É a porção de agua salgada que circumda a Terra (1).

Não ha na realidade no nosso globo senão um *mar*, a que se chama *Oceano*. Este, penetrando no interior das

(1) O hemispherio meridional contém a maior parte das aguas.

terras, fórma outros *mares* interiores ou mediterraneos, aos quaes quaes se dá diferentes nomes.

9 O **Oceano** divide-se pois em cinco grandes partes, a saber: 1.º *Grande Oceano*, 2.º, *Oceano atlantico*, 3.º, *Oceano glacial arctico*, 4.º *Oceano glacial antarctico*, 5.º, *Oceano indico* ou *Mar das Indias*.

O **Grande Oceano, Oceano Pacifico** ou **Mar do Sul**, é o mais extenso de todos, e acha-se entre a Asia, a Oceania e a America.

O **Oceano atlantico** está entre a America, Europa e Africa, formando uma especie de canal.

O **Oceano glacial arctico** acha-se entre o circulo polar arctico e o polo do seu nome.

O **Oceano glacial antarctico** está entre o circulo polar e o polo da mesma denominação.

Finalmente o **Mar das Indias** fórma um triangulo entre a Africa, Asia e Oceania.

10 No *mar* distinguem-se: *Estreitos, golfos, portos, enseadas, bahias, etc.*

**Estreito.**—É uma porção de mar entre duas terras muito proximas uma á outra, por onde se communicão dois mares ou duas porções de mar, como o *Estreito de Gibraltar*, entre o Mediterraneo e o Oceano, etc.

**Golfo.**—É um braço de mar que entra muito pela terra dentro, como o *Golfo de Lyão, de Biscaya, etc.*

**Porto.**—É um lugar aonde os navios entrão para se abrigarem e descarregarem. Chama-se *Porto-franco* aquelle aonde qualquer negociante pôde, sem pagar direitos, carregar ou descarregar as suas fazendas, uma vez que lhe não seja preciso despacha-las na Alfandega para consumo.

**Enseada.**—É um golfo pequeno, isto é, um lugar ao longo das costas, aonde os navios podem fundear e estar abrigados de alguns ventos, como a *Enseada de Cascaes, etc.*

**Bahia.**—É um braço de mar que entra pela terra dentro, da qual está quasi cercado, e aonde os navios ficam ao abrigo de certos ventos, como a *Bahia de todos os Santos*, no Brasil; a *Bahia de Cadiz*, em Hespanha; a *de Lagos*, em Portugal, etc.

**Rio.**—É uma porção de agua corrente em grande cópia, entre duas margens, e que vai dar ao mar, como o *Tejo, o Douro, etc.* Chama-se *alveo* ou *leito do rio*, a porção de terra, vasa, barro ou arêa, sobre que as suas aguas

correm quando não vão transbordadas. Dá-se o nome de *thalweg* ao meio da corrente de um rio: faz-se muito uso d'este termo na demarcação das fronteiras.

**Lago.**—É uma porção de agua cercada de terra, como o *Lago Ontario*, na America, etc.

**Bancos de arêa ou Baixos.**—São uns montões de arêa, quasi á flor d'agua, aonde os navios podem tocar e perder-se.

**Recife.**—É uma continuação de rochedos debaixo, ou á flor d'agua.

**Fluxo e refluxo.**—É um movimento alternativo que, no espaço de 24 horas e 40 minutos, pouco mais ou menos, faz subir e descer duas vezes as aguas do mar. O estado em que este se acha quando a maré tem subido ao mais alto ponto, chama-se *preamar*, e *baixamar*, quando cessa de descer, como já se explicou em outro lugar.

**Foz ou embocadura.**—É a entrada de um rio no mar, isto é, o lugar onde termina o seu curso, e perde o nome.

**Barra.**—É o canal, entre baixos, que na sua foz tem um rio.

**Margem direita e margem esquerda.**—Quando se desce um rio n'uma embarcação com a cara virada para a embocadura, a praia que fica para o lado direito, chama-se *margem direita*, e *margem esquerda*, a que fica do lado opposto.

**Confluencia.**—É o lugar onde se juntão dois rios, como o *Zezere* com o *Tejo*, junto da *Notavel Villa da Constancia*, o *Save* com o *Danubio*, em Belgrado, etc.

**Canal.**—É uma especie de rio feito pela mão do homem para abrir comunicação entre dois pontos para facilitar o transporte de mercadorias, ou mesmo entre dois mares, como o *Canal de Suez* entre o mar vermelho e o Mediterraneo, etc.

**Mediterraneos ou mares interiores.**—Esta expressão significa *mar entre terra*, como fica dito: um só mar tem esta denominação como nome proprio, e é o mar entre a *Europa* e a *Africa*, que communica com o *Oceano* pelo *Estreito de Gibraltar*; comtudo podem-se tambem designar debaixo deste nome os mares cercados de terra, como o *Baltico*, o *Mar Vermelho*, etc.

**Mar territorial.**—Dá-se este nome ao mar que banha as costas de uma nação, e lhe serve, por assim dizer, de fronteira.

11 Muitas tem sido as opiniões sobre os limites do *mar territorial*, ou da *linha de respeito*; hoje porém está geralmente assentado que esses limites não passam do alcance de uma balla de artilheria, do maior calibre, lançada de terra (1).

---

## EXAME

- |   |  |
|---|--|
| <p>1. Quaes são as duas grandes divisões do <i>globo terraqueo</i>?</p> <p>2. Que porção do <i>globo</i> occupa a <i>Terra</i>?</p> <p>3. Quaes erão as partes da <i>Terra</i> conhecidas dos antigos?</p> <p>4. Que se entende por <i>Nova mundo</i> ou <i>Novo continente</i>, e a quem se deve a sua descoberta?</p> <p>5. Em quantas partes se divide actualmente o <i>globo</i>?</p> | <p>6. Qual é a população do <i>globo</i>?</p> <p>7. Que formação as terras, e explique os termos que lhes são relativos?</p> <p>8. Que é <i>mar</i>?</p> <p>9. Como se divide o <i>Oceano</i>?</p> <p>10. Que se distingue no <i>mar</i>, e quaes os outros termos relativos ás <i>aguas</i>?</p> <p>11. Que é <i>mar territorial</i>?</p> |
|---|--|

---

## GEOGRAPHIA POLITICA

Antes de passarmos adiante, convem explicar o que é *sociedade*, etc.

1 Entende-se por *sociedade* toda a reunião de homens que vivem juntos.

2 A *sociedade* mais pequena que pôde existir chama-se *familia*.

3 Quando muitas familias vivem unidas, mas sem terem morada fixa, isto é, quando andão de uma parte para outra, conduzindo os seus gados, mantendo-se de pesca, ou do que roubão a seus visinhos, e habitão em choupanas, formão *hordas* ou *tribus*.

4 Varios individuos pertencentes ás *hordas* de que se fallou no § precedente, tomão o nome de *selvagens*, quando estão muito atrazados em civilisação, e o de *antropophagos*, quando comem carne humana.

5 Se os homens, que vivem em sociedade, tem morada

---

(1) Esta mesma doutrina foi adoptada pela Russia, no Regulamento sobre corsarios de 13 de Dezembro de 1787, pela França no Tratado com Tunes de 23 de Março de 1795, etc.; Siegiel, Weiss, Grocio, Hubner, Vattel, Galiani, Azuni, Kluber, Hautefeuille e outros publicistas mais acreditados, são da opinião acima indicada.

certa, isto é, se habitão em cidades, cultivão as artes e as sciencias, e exercem o commercio, então constituem um povo civilizado.

6 Os povos reunidos, sujeitos ás mesmas leis, e governo com os mesmos usos e costumes, fallando o mesmo idioma, constituem uma *Nação* ou *Estado*.

7 Considerada a Terra sob o aspecto politico, divide-se em *Imperios, Reinos, Republicas, etc.*, que se subdividem em *Provincias, Departamentos, Concelhos, etc.*, povoados de *Cidades, Villas, Lugares e Aldéas*.

8 *Imperio* é uma grande extenção de territorio, aonde a suprema auctoridade reside n'um *Imperador*, como acontece na Austria, na Russia, no Brasil, na Turquia, etc.

9 Chama-se *Reino* o territorio governado por um monarca, que toma o titulo de *Rei*, como em Portugal, Italia, Gram-Bretanha, Belgica, etc. (1)

10 A *capital* de uma nação é a cidade em que residem ordinariamente o Chefe do Estado com as auctoridades que governão o paiz; assim, *Lisboa, Madrid, Paris, Londres, etc.*, são as capitães de *Portugal, Hespanha, França, do Reino Unido, da Gram Bretanha e Irlanda, etc.*

11 As povoações que os habitantes de um paiz fundam n'outro distante, chamão-se *colonias*.

12 Em toda a nação, notão-se tres *estados* ou *condições de cidadãos*, a saber: o *estado ecclesiastico*, o *nobre* e o *plebeu*, ou *clero, nobreza e povo*. O *clero* compõe-se dos Ministros da Religião; a *nobreza*, daquelles que se distinguirão por si ou por seus antepassados, e o *povo*, do resto dos habitantes.

13 N'uma nação podem distinguir-se cinco classes, a saber:

1.<sup>a</sup> A *classe productiva* composta de todos aquelles que extrahem da terra e da agua as materias de primeira necessidade; taes são os lavradores, mineiros, pescadores, etc.

2.<sup>a</sup> A *classe industriosa*, que aperfeiçoa as materias primas, ou que, combinando-as, produz outras novas; taes os que se dedicão ás sciencias, artes e officios.

3.<sup>a</sup> A *classe commercial*, composta de negociantes, corretores, logistas e maritimos.

4.<sup>a</sup> A *classe mercenaria*, composta de todos aquelles que

(1) Em Portugal, Hespanha, Inglaterra, etc., podem as senhoras subir ao throno.

alugão o seu trabalho a um individuo, ou ao todo da sociedade.

5.<sup>a</sup> A *classe dos empregados*, em que se comprehendem todos os funcionarios publicos, o exercito e a marinha de guerra.

14 A força de uma nação depende: 1.<sup>o</sup>, da população, isto é, da relação que existe entre a extensão superficial e o numero de almas que n'ella ha; 2.<sup>o</sup>, das forças de mar e terra, cujo augmento depende da população e das rendas do Estado; 3.<sup>o</sup>, da industria, manufacturas e commercio, que de um pequeno Estado podem fazer um poderoso Imperio.

15 O commercio pôde ser *interno* e *externo*.

16 *Commercio interno* consiste em transportar de um ponto para outro do mesmo paiz os objectos necessarios para o consumo, o que se facilita com estradas, principalmente de ferro, pontes, canaes, segurança e liberdade mercantil.

17 As vantagens do *commercio interno* são: facilitar a todos os cidadãos o meio de obterem as cousas de que precisão, o necessario, o util e o agradável; fazer circular o dinheiro, excitar a industria, animar o trabalho, e dando a subsistencia a grande numero de individuos, contribuir para tornar o paiz mais povoado e o Estado mais florescente.

18 O *commercio externo* pôde ser de *exportação*, quando se vão vender aos paizes estrangeiros os generos nacionaes; e de *importação*, quando para um paiz se transportão generos de outros.

19 Diz-se que o commercio é *activo*, quando o valor da exportação, ou da venda, é maior do que o da importação ou da compra; e *passivo*, quando o desta excede o daquella. A comparação da somma do valor das vendas com a somma do valor nas compras, chama-se *Balança do commercio*.

20 *Commercio chamado colonial*. É o que se faz entre um paiz e suas Possessões, como, por exemplo, entre Portugal e Angola, e outras Provincias Ultramarinas.

21 *Companhias de commercio*. São associações de diversos negociantes para certas operações mercantis, com riscos e lucros communs.

22 O estabelecimento de uma sociedade civil suppõe que aquelles de que ella consta, reunirão as suas *vontades* e as suas *forças* para o bem commum: as suas *vontades* para

ordenarem ou prohibirem aquillo que pôde ser util ou prejudicial ao interesse de todos, em geral, ou de cada um, em particular; as suas forças para fazerem executar aquillo que julgão conveniente. Ao resultado dessa reunião de vontades, chama-se *lei*. A *força publica* é o resultado dessa reunião de forças particulares.

23 A *politica*, relativamente ás nações, é a arte de governar: regula o emprego que uma nação faz de todos os seus meios para assegurar a sua conservação e augmentar o seu poder e a sua prosperidade: divide-se em *politica externa*, isto é, a que diz respeito ás outras nações, e *politica interna*, a que se refere ao proprio paiz.

24 A palavra *governo* toma-se em diversos sentidos que convém explicar: 1.º designa as leis fundamentaes, expressa ou tacitamente estabelecidas por uma nação; e é segundo essa acceção que se diz do governo, que é *monarquico*, *aristocratico*, *etc.*; 2.º designa aquelle, ou aquelles que a nação encarregou, quando se constituiu em corpo politico, de lhe proporcionar todas as vantagens que tinha direito a esperar da união das forças e das vontades particulares. É nesse sentido que se diz, por exemplo, o *Governo britannico*, para significar o Rei e o Parlamento, no Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, encarregados do poder executivo e legislativo, isto é, de executar e fazer as leis.

25 Os governos que regem as nações são de duas classes: *monarquicos* e *republicanos*.

O *Governo monarchico* é aquelle em que o poder supremo reside n'um só, que toma o titulo de *Rei*, *Imperador*, *Sultão*, *etc.*; e *Governo republicano*, aquelle em que o poder reside em muitos, entre os quaes ha um com o titulo de *Presidente*, que é eleito pelo povo, como acontece nos Estados Unidos, na Suissa, em varias outras Republicas da America, *etc.*

26 Se o Soberano governa só, segundo as leis estabelecidas, ou promulga outras, chama-se ao seu governo *monarquico absoluto*; se, pelo contrario, não respeita lei alguma, e dispõe a seu grado dos bens, da liberdade e da vida de seus subditos, diz-se *despotico*; por ultimo, chama-se *governo limitado* ou *constitucional* aquelle em que o Chefe do Estado não pôde exercer o poder, sem o auxilio dos Representantes da nação.

A reunião desses Representantes toma differentes nomes; assim, em Portugal e Hespanha chama-se-lhe *Córtes*,

e n'outros paizes, *Camaras dos Representantes, Parlamento, Estados geraes, etc.*

27 A *monarquia é hereditaria*, quando o sceptro passa, por successão, para individuos da mesma familia, e *electiva*, quando a nação elege o Chefe do Estado na occasião de vacatura.

28 O *Governo republicano é aristocratico*, quando o poder supremo se acha nas mãos dos nobres: *democratico*, quando governão os representantes do povo, e *mixto*, quando o poder reside em pessoas de diferentes estados da sociedade.

29 Chama-se *confederação* a reunião de muitos Estados independentes uns dos outros; porém que obedecem a uma só auctoridade por elles eleita, como os *Estados Unidos da America*, a *Suissa* ou *Confederação helvetica, etc.*

---

## EXAME

- |   |  |
|---|--|
| <p>1. Que é <i>sociedade</i>?</p> <p>2. Que é <i>familia</i>?</p> <p>3. A que se dá o nome de <i>hordas</i> ou <i>tribus</i>?</p> <p>4. Que se entende pela denominação de <i>selvagens</i> e <i>antropófagos</i>?</p> <p>5. Que é <i>povo civilisado</i>?</p> <p>6. Explique o que é <i>nação</i> ou <i>estado</i>?</p> <p>7. Quaes são as <i>divisões</i> e <i>subdivisões da Terra</i>, considerada esta sob o aspecto politico?</p> <p>8. Que é <i>Imperio</i>?</p> <p>9. A que se chama <i>Reino</i>?</p> <p>10. Qual é a <i>capital</i> de uma <i>nação</i>?</p> <p>11. Que se entende pela palavra <i>colonias</i>?</p> <p>12. Quantos <i>estados</i> ha n'uma <i>nação</i>?</p> <p>13. Quaes são as <i>classes</i> que se podem distinguir n'uma <i>nação</i>?</p> <p>14. De que depende a <i>força</i> de uma <i>nação</i>?</p> <p>15. Como se divide o <i>commercio</i>?</p> <p>16. Que é <i>commercio interno</i>?</p> | <p>17. Quaes são as vantagens que proporciona o <i>commercio interno</i>?</p> <p>18. Que se entende por <i>commercio externo</i>?</p> <p>19. Em que consiste a <i>actividade do commercio</i>?</p> <p>20. Que é <i>commercio colonial</i>?</p> <p>21. A que se dá a denominação de <i>companhias de commercio</i>?</p> <p>22. Qual é o fim de uma <i>sociedade civil</i>, e que se entende pela palavra <i>lei</i>?</p> <p>23. Que é a <i>politica</i> em relação ás <i>nações</i>?</p> <p>24. A que se dá o nome de <i>governo</i>?</p> <p>25. Em quantas <i>classes</i> se dividem os <i>governos</i> que regem as <i>nações</i>?</p> <p>26. Que é <i>Governo monarchico, absoluto, despotico e limitado</i> ou <i>constitucional</i>?</p> <p>27. A que se chama <i>monarquia hereditaria</i>?</p> <p>28. Que se entende por <i>Governo republicano aristocratico</i>?</p> <p>29. Que é <i>confederação</i>?</p> |
|---|--|

## DA EUROPA

**Nocções geraes.**—A *Europa* fórma uma especie de grande península, que occupa toda a parte do Noroeste do *Antigo continente*. É a mais pequena das cinco partes do mundo; porém a mais civilisada e consideravel, pelo seu poder, riqueza, commercio e industria (1).

**Limites.**—A *Europa* tem por limites, ao Norte, o *Oceano* ou *Mar glacial arctico*;—a Oeste, o *Oceano atlantico*;—ao Sul, o *Mediterraneo*, o *Mar negro* e a *Cordilheira do Monte caucaso*;—a Leste, o *Mar caspio*, o *Rio Ural*, a *Cordilheira dos Montes Urals* e o pequeno *Rio Kara* (2).

**Extensão.**—O maior comprimento da *Europa* conta-se desde o *Cabo de S. Vicente*, em Portugal, até á *Serra do Ural* ao Norte da *Russia* europeá, e anda por 975 leguas, pouco mais ou menos (segundo *A. Balbi*), a maior largura, desde o *Cabo de Matapan*, na *Morêa*, até ao *Cabo de Noss-Kunn*, na *Noruega*, e regula por umas 700 leguas.

**População.**—Consta de 290 milhões de habitantes, pouco mais ou menos.

**Divisão da Europa.**—A *Europa* divide-se em 45 Estados principaes, a saber:

4 Ao Norte ... { RUSSIA COM A POLONIA.  
DINAMARCA.  
SUECIA COM A NORUEGA.  
REINO UNIDO DA GRAM-BRETANHA E IRLANDA.

6 No Centro .. { FRANÇA.  
BELGICA.  
PAIZES BAIXOS.  
AUSTRIA COM A HUNGRIA.  
ALLEMANHA (PRUSSIA, ETC.)  
SUISSA OU CONFEDERAÇÃO HELVETICA

(1) A maior parte da *Europa* está situada na zona temperada septentrional; achando-se uma pequena porção na zona frígida do mesmo nome.

(2) Os limites da *Europa*, a Leste, são mui incertos, como se verá comparando umas *Geographias* com outras

5 Ao Sul.....

}	HESPAHNA.
	PORTUGAL.
	REINO D'ITALIA.
	TURQUIA.
	GRECIA.

**Mares que banhão a Europa.** — Já se viu que esta parte do mundo confina, ao Norte, com o *Oceano glacial arctico*, e a Oeste, com o *Oceano atlantico*. Estes dois Oceanos formão, nas costas da Europa, muitos mares que convém conhecer.

**Mar formado pelo Oceano glacial arctico.** — Este Oceano só fórma um mar, a saber:

O MAR BRANCO, que penetra no Norte da Russia, pelo Estreito de *Waigats*.

**Mares formados pelo Oceano atlantico.** — O Oceano atlantico fórma dois mares, a saber:

O MAR DO NORTE, para o Norte da Europa; o *Mar mediterraneo* para o Sul.

**Mar do Norte.** — Banha as Ilhas britannicas a Oeste, a Noruega e a Dinamarca a Leste; ao Sul os Paizes Baixos e a Allemanha, o que lhe faz dar algumas vezes o nome de *Mar d'Allemanha*. Dá tambem origem a outro mar, a saber:

O MAR BALTICO, entre a Suecia, Dinamarca, Prussia e a Russia: communica com o Oceano atlantico pelos *Estreitos do Grande e do Pequeno Belt*, e pelo *Passo ou Estreito do Sund*, situado entre a Suecia e a Dinamarca.

**Mar Mediterraneo.** — Este mar, que banha a Europa ao Norte, a Asia a Leste, e a Africa ao Sul, fórma sete outros mares, a saber:

- 1.º O MAR DA SICILIA, ao Norte da Sicilia.
- 2.º O MAR JONIO, entre a parte meridional da Italia e a Grecia.
- 3.º O MAR ADRIATICO, entre a Italia e os Estados austriacos e a Turquia.
- 4.º O ARCHIPÉLAGO, entre a Grecia e a Turquia europêa e a Turquia asiatica.
- 5.º O MAR DE MARMARA, entre a Turquia europêa e a Turquia asiatica.
- 6.º O MAR NEGRO, entre a Turquia europêa, a Russia e a Turquia asiatica.
- 7.º O MAR D'AZOFF, cercado por toda a parte pela Russia.

**Golfos.** — Os mares da Europa formão 13 golfos principaes:

Tres formados pelo Mar do Norte, a saber:

- 1.º O GOLFO DE MURRAY. } Nas costas da Escossia.
- 2.º O GOLFO DE FORTH. }
- 3.º O GOLFO DE ZUYDERZÉE, nas costas dos Paizes Baixos.

Quatro formados pelo Mar Baltico, a saber:

- 1.º O GOLFO DE DANTZICK OU DANZIG, (em allemão), ao Norte da Prussia.
- 2.º O GOLFO DE LIVONIA. }
- 3.º O GOLFO DA FINLANDIA. } A Leste da Russia.
- 4.º O GOLFO DE BOTHNIA, entre a Russia e a Suecia.

Um formado pelo Atlantico, isto é:

O GOLFO DE GASCONHA OU DE BISCAYA (OU MAR CANTABRIO), entre a França e a Hespanha.

Dois pelo Mediterraneo, a saber:

- 1.º O GOLFO DE LYÃO, ao Sul da França.
- 2.º O GOLFO DE GENOVA, ao Noroeste da Italia.

Dois pelo Mar Jonio, a saber:

- 1.º O GOLFO DE TARENTO, ao Sul da Italia.
- 2.º O GOLFO DE PATRÁS OU DE LEPANTO, na Grecia.

Um pelo Archipélago, a saber:

O GOLFO DE SALONICA, ao Sul da Turquia.

**Estreitos.** — Os mares da Europa communicão-se por 16 Estreitos principaes, a saber:

Cinco pelos quaes o Mar do Norte communica com o Baltico, e são:

- 1.º O SKAGER-RACK, chamado tambem CANAL DA JUTLANDIA. }
  - 2.º O CATTEGAT. }
  - 3.º O SUND. }
  - 4.º O GRANDE BELT. }
  - 5.º O PEQUENO BELT. }
- Entre a Noruega, a Suecia e as terras e ilhas de que se compõe a Dinamarca.

Cinco no Oceano atlantico, a saber :

- |   |   |   |
|---|---|---|
| 1.º O CANAL DO NORTE.                       | } | Unidos pelo Mar da <i>Irlanda</i> , entre a Gram-Bretanha e a Irlanda.  |
| 2.º O CANAL DE S. JORGE.                    |   |   |
| 3.º O PASSO DE CALAIS OU ESTREITO DE DOVER. | } | Juntando o Atlantico ao Mar do Norte, entre a Gram-Bretanha e a França. |
| 4.º O CANAL DA MANCHA.                      |   |   |
| 5.º O ESTREITO DE GIBRALTAR.                | } | Unindo o Atlantico ao Mediterraneo, entre a Hespanha e a Africa.        |
|   |   |   |

Seis no Mediterraneo (1), e que dão communicação aos mares que esta fórma, a saber :

- |  |   |   |
|--|---|---|
| 1.º O ESTREITO OU a BOCA DE BONIFACIO.                                       | } | Entre as duas Ilhas de Corsega e de Sardenha.                                 |
| 2.º O FARO OU ESTREITO DE MESSINA.   |   |   |
| 3.º O CANAL D'OTRANTO.   | } | Unindo o Mar Jonio ao Adriatico entre a Italia e a Turquia.                   |
| 4.º O ESTREITO DOS DARDANELLOS OU HELLESPOINTO.                              |   |   |
| 5.º O ESTREITO OU CANAL DE CONSTANTINOPLA, a que tambem se chama o BÓSPHORO. | } | Juntando o Mar de Marmara ao Mar Negro, entre as Turquias europêa e asiatica. |
| 6.º O ESTREITO DE IENICALÉ.  |   |   |
|  | } | Unindo o Mar Negro ao Mar de Azoff, na Russia meridional.                     |
|  |   |   |

**Rios.** — Os mares, golfos e estreitos de que se acaba de fazer menção, recebem todos os rios da Europa, cujos

---

(1) O *Mediterraneo* recebe varios nomes, segundo as regiões que banha.

principaes, em numero de 27, se distribuem da seguinte maneira :

Um lança-se no Oceano glacial, a saber :

O PETCHORA, que banha a Russia.

Um no Mar Branco, a saber :

O DWINA, que banha igualmente a Russia.

Quatro no Baltico :

- 1.º O DUNA, que banha a Russia, e se perde no Golfo de Livonia.
- 2.º O VISTULA, que banha a Polonia e a Prussia, e vai lançar-se no Golfo de Dantzick.
- 3.º O NIEMEN, que banha a Russia e a Prussia.
- 4.º O ODER, que banha a Prussia.

Tres no Mar do Norte, a saber :

- 1.º O ELBA, que banha a Allemanha.
- 2.º O RHENO, que nasce na Suissa, separa a França da Allemanha, e banha os Paizes Baixos.
- 3.º O TAMISA, que banha a Inglaterra.

Um na Mancha, a saber :

O SENA, que banha a França.

Sete no Atlantico, isto é :

- |                     |                                     |
|---------------------|-------------------------------------|
| 1.º O LOIRE.        | } Que banhão a França.              |
| 2.º O GIRONDA.      |                                     |
| 3.º O MINHO.        | } Que banhão a Hespanha e Portugal. |
| 4.º O DOURO.        |                                     |
| 5.º O TEJO.         |                                     |
| 6.º O GUADIANA.     |                                     |
| 7.º O GUADALQUIVIR, | que banha a Hespanha.               |

Dois no Mediterraneo, a saber :

- 1.º O EBRO, que banha a Hespanha.
- 2.º O RHODANO, (RHÔNE), que banha a França.

Um no Mar da Sicilia, a saber :

O TIBRE, que banha a Italia central.

Um no Adriatico, isto é :

O Pó, que banha a Italia septentrional.

Tres no Mar Negro, a saber :

1.º O DANUBIO, que banha a Allemanha e a Turquia septentrional.

2.º O DNIESTER, que banha a Gallitzia e a Russia.

3.º O DNIEPER, que banha a Russia.

Um no Mar *d'Azoff*, isto é :

O DON, que banha a Russia.

Dois no Mar Caspio, a saber :

1.º O WOLGA. } Que banhão tambem a Russia.

2.º O URAL. }

**Lagos.** — Entre os lagos da Europa, citaremos os 12 principaes a saber :

Quatro na Russia :

1.º O LAGO SAÍMA, o maior da Finlandia, Provincia toda coberta de *Lagos*.

2.º O LAGO ONEGA, que communica com o

3.º LAGO LADOGA, o maior da Europa, e cujas aguas, misturando-se com as do *Neva*, rio largo mas pouco extenso, se lanção no Golfo da Finlandia.

4.º O LAGO TSCHOUDSKOE, cujas aguas vão dar ao Golfo da Finlandia.

Tres na Suecia, a saber :

1.º O LAGO MELAR. } Que se perdem no Baltico.

2.º O LAGO WETTER. }

3.º O LAGO Wener, que se lança no Cattegat.

Dois na Suissa :

1.º O LAGO LÉMAN, atravessado pelo Rhodano.

2.º O LAGO DE CONSTANÇA, atravessado pelo Rheno.

Dois ao Norte da Italia, a saber:

- 1.º O LAGO MAGGIORE, cujas aguas se perdem no Rio Pó.
- 2.º O LAGO DE GARDE.

Um na Hungria:

O LAGO BALATON, que se perde no Danubio.

**Ilhas principaes da Europa.** — No Oceano atlantico: — A *Gran-Bretanha* e *Irlanda* — A *Islandia* — As *Ilhas dos Açores*.

NO BALTICO: — As *Ilhas de Seeland* e de *Fionia*.

NO MEDITERRANEO: — As *Ilhas Baleares* — A *Ilha de Sardenha* — A *Sicilia* — A *Corsega* — *Malta* — *Corfú* — *Zante* — *Paros* — *Délos* — *Candia* ou *Creta* — *Negroponto*.

**Peninsulas.** — Na Europa, ha seis *Peninsulas* principaes, a saber: tres grandes e tres pequenas.

As tres grandes *Peninsulas* são:

- 1.º A SUECIA COM A NORUEGA E A LAPONIA, ao Norte da Europa, cercadas pelo Golfo de Bothnia, Mar Baltico, Mar do Norte e Oceano atlantico.
- 2.º A HESPAHIA COM PORTUGAL, cercada pelo Golfo de Gasconha, Oceano atlantico e Mar mediterraneo.
- 3.º A ITALIA, ao Sul da Europa, banhada pelo Mediterraneo, Mar Jonio e Mar Adriatico.

As tres pequenas *Peninsulas* são:

- 1.º A JUTLANDIA, ao Norte da Allemanha, cercada pelo Mar do Norte, Canal da *Jutlandia* e o *Cattegat*.
- 2.º A MORÉA, ao Sul da Grecia, cercada pelo Golfo de Lepanto ao Norte, *Mar Jonio* e *Archipelago*.
- 3.º A CRIMÉA, ao Sul da Russia, cercada pelo Mar Negro, Estreito de *Ienikalé* e Mar d'Azoff.

**Isthmos.** — Das *Peninsulas* de que se acaba de fallar, as quatro primeiras estão unidas ao continente por espaços grandes de mais, para se lhes dar o nome de *Isthmos*. Na Europa pois, só se contão dois *Isthmos*, a saber:

- 1.º O ISTHMO DE CORINTHO, que une a *Moréa* ao resto da Grecia.

2.º O ISTHMO DE PERECOP, que une a Criméa ao resto da Rússia.

**Cabos.** — Os cabos mais notaveis da Europa são dez, a saber :

Dois ao Norte :

- 1.º O CABO DO NORTE, ao Norte da Noruega, na Ilha Mageroé.
- 2.º O CABO LINDESNAES, ao Sul da Noruega, á entrada do Mar Baltico.

Seis a Oeste :

- 1.º O CABO CLEAR, ao Sudoeste da Irlanda.
- 2.º O CABO LANDS'END. } Ao Sudoeste da Gram-Bretanha.
- 3.º O CABO LIZARD. }
- 4.º O CABO DE LA HOGUE, ao Noroeste da França.
- 5.º O CABO FINISTERRA, ao Noroeste da Hespanha.
- 6.º O CABO DE S. VICENTE, ao Sudoeste de Portugal.

Dois ao Sul :

- 1.º O CABO DE LEUCA, ao Sueste da Italia.
- 2.º O CABO DE MATAPAN, ao Sul da Moréa.

**Cordilheiras.** — As serranias ou cordilheiras mais notaveis da Europa, são oito, a saber :

- 1.º A CORDILHEIRA DOS MONTES URALS, que separa a Europa da Asia.
- 2.º Os ALPES SCANDINAVOS, a Leste da Noruega.
- 3.º Os PYRENÉOS, entre a França e a Hespanha.
- 4.º Os ALPES, entre a França, a Suissa, a Allemanha e a Italia. Esta Cordilheira, que é a mais elevada da Europa, contém o *Monte Branco*.
- 5.º Os MONTES KARPATOS OU KRAPAKS, ao Nordeste da Allemanha.
- 6.º Os MONTES HEMUS OU DE BALKAN, na Turquia.
- 7.º Os APENNINOS, que atravessão a Italia do Noroeste ao Sueste.
- 8.º O MONTE CAUCASO, entre a Europa e a Asia.

**Volcões.** — Ha na Europa tres principaes :

- Um no Continente, em Italia, a saber :
- O VESUVIO, perto de Napoles.

Dois em ilhas :

- 1.º O HECLA, na Islandia.
- 2.º O ETNA, na Sicilia.

Além d'estes ha ainda outros na *Islandia*, nas *Ilhas de Lipari, etc.*

A Europa não contém, como as outras partes do mundo, vastos desertos, e por isso é, em proporção da sua extensão, a mais povoada e cultivada. Gosa tambem, quasi geralmente, de uma temperatura suave que favorece o desenvolvimento de todas as faculdades do homem, e a produção das riquezas agricolas.

Achão-se na Europa poucas minas de ouro e prata; porém muitas de ferro, chumbo, estanho, carvão de pedra, sal, etc.

## EUROPA SEPTENTRIONAL

### RUSSIA

**Limites.**—Este vastissimo Imperio, que comprehende as *Provincias do Caucaso*, parte das que pertencem á Asia, e o Reino da Polonia, confina ao N. com o Oceano glacial arctico; a O. com a Suecia, o Golfo de Bothnia, o Baltico, a Prussia e a Austria; ao S. com a Turquia européa, o Mar Negro, a Turquia asiatica e a Persia; a L. com o Mar Caspio, o Rio Ural, os Montes Urals, e o pequeno Rio Kara.

**Divisão administrativa.**— A *Russia européa* divide-se em 52 Governos, sendo 19 na *Grande Russia*; 4 na *Pequena Russia*; 10 na *Russia oriental*, comprehendendo os *Kirghis d'Astrakhan*; 4 na *Russia meridional*, comprehendendo o *Paiz dos Cossacos de Don*; 8 na *Russia occidental*; 4 na *Russia baltica*, cuja população total regula por 61.230:000 habitantes; e os 3 Governos da *Nova Zembla, Mar d'Azoff e Lago Ladoga*.

Além destes, ha 12 Governos, Provincias, Territorios ou Districtos do *Caucaso*, com uma população de 4.500:000 habitantes.

Na *Siberia e Asia central*, tem a *Russia* 5 Governos, e 8 Provincias, com uma população de 5.500:000 habitantes.

**Capital.** — *S. Petersburgo*, com 593:000 habitantes, perto da embocadura do Neva, no Golfo da Finlândia, fundada por *Pedro o Grande* em 1703.

**Cidades notaveis.** — *Kronstadt*, no Golfo da Finlândia; *Moskow*, Capital do Imperio antes de *S. Petersburgo*, *Riga*, *Jaroslow*, *Novogorod*, *Odessa* (no Mar Negro), um dos portos mais commerciantes da Russia, *Vilna*, *Kasan*, *Astrakhan*, *Arkangel*, *Kiev*, *Orenburgo*, *Taganrog*, no Mar d'Azoff, onde morreu *Alexandre I*, e *Sebastopol* (1), na Criméa, vasto ponto militar no Mar Negro.

**Ilhas principaes.** — São, no Oceano glacial arctico, a *Nova Zembla*, *Waigatz*, *Kalgouef*, o *Archipélago de Spitzberg*; no Baltico, *Aland*, *Dago*, *Oesel*. Nas Provincias do Caucaso, *Tiflis*, capital do antigo Reino de *Georgia*.

**População e Religião.** — O Imperio da *Russia*, que é o mais consideravel da Europa, tanto em extensão como pela sua população, contém, entrando o antigo Reino de *Polonia*, o *Gram-Ducado de Finlândia* e a *Siberia*, 78.400:000 habitantes, a maior parte dos quaes professão a *Religião grega*; comtudo os da *Polonia* são *Catholicos*, e os da *Finlândia*, *Lutheranos*. Conta além d'isso, grande numero de *Judeus* em todas as Provincias, e de *Mahometanos* nas do Sul e de Leste.

O Imperador é o Chefe Supremo da *Igreja grega*, mas delega a sua auctoridade no *Santo Synodo*, que reside em *S. Petersburgo*.

**Governo.** — Monarquico absoluto. Até 1490, tinham os Soberanos deste Imperio o titulo de *Gram-Duque*; tomáráo depois o de *Czar*, e desde 1721 tem o titulo de *Imperador e Autócrata de todas as Russias*.

**Clima e produções.** — O Imperio da *Russia* compõe-se quasi todo de vastas planicies, cuja temperatura é assás fria, mas geralmente ferteis. A parte meridional, principalmente a *Criméa*, gosa de um clima agradável, produz, com abundancia, trigo, linho, canhamo, tabaco e até mesmo vinho. A parte septentrional, exposta a um frio rigoroso, é esteril. A parte de Leste é coberta de immensos bosques, a do Sueste, de planicies arenosas impregnadas de sal.

---

(1) Resistiu valorosamente, durante um anno, ao cerco que lhe puzêrão os exercitos combinados francez e inglez, sendo a final tomada d'assalto no dia 8 de setembro de 1855, entrando os vencedores pela celebre torre de *Malakoff*.

Os Montes *Urals* contêm minas mui ricas de ouro, ferro, platina, e mesmo de diamantes.

**Possessões.**—Apesar de muito extensos os territorios sujeitos á *Russia*, na Europa, formão, pouco mais ou menos, a quarta parte deste Imperio, que se estende tambem pelo Norte da Asia e da America.

**Exercito.**—Em tempo de paz: 765:879 homens de todas as armas. Em tempo de guerra: 1.213:176 homens, além das tropas irregulares que, segundo a organização de 1870, constão de 155 regimentos de cavallaria, 37 batalhões de infantaria, 28 baterias com 232 peças de artilheria, ao todo, tropas irregulares, 185:084 praças com 4:091 officiaes (1).

**Marinha militar.**—A esquadra do Baltico compõe-se de 160 navios a vapor e de véla, com 1:380 peças de artilheria, entrando neste numero 25 vapores couraçados, a saber: 4 náos, 8 fragatas, 3 baterias fluctuantes, 10 monitores; e no dos navios não couraçados: 5 náos de linha, 5 fragatas, 12 corvetas, 50 canhoneiras, 10 navios de véla, etc.

**Esquadra do Mar Negro.**—32 navios a vapor e de vela com 87 peças.

**Esquadra do Mar Caspio.**—27 navios a vapor e de vela com 147 peças.

**Esquadra do Lago d'Arol.**—6 vapores com 8 peças.

**Esquadra da Siberia.**—32 vapores e 9 navios de vela com 55 peças.

Total geral da esquadra russa: 264 navios com 1:677 peças.

## POLONIA

Pelo *Ukase* ou Decreto de 12 de Março de 1848, foi o antigo Reino da *Polonia* reunido ás outras partes do Imperio da *Russia*, e dividido em 40 Governos.

A sua capital é *Varsovia*, sobre o *Vistula*; foi defendida valorosamente, mas sem exito feliz, pelos Polacos contra os Russos, em 1831.

**Noções historicas.**—A *Polonia* que, antes do fim do seculo passado, formava um dos maiores Reinos da Europa, foi desmembrada em 1792, 1793 e 1795 pela *Russia*, *Prussia* e *Austria*, que dividirão entre si as suas Pro-

(1) *Almanach de Gotha* de 1874.

vincias. Reconstituída pelo Tratado de Tilsitt, de 7 de Julho de 1807, sob a denominação de *Gran-Ducado de Varsovia*, tornou a tomar, em 1815, o nome de *Reino de Polonia*, debaixo da soberania do Imperador da *Russia*, em virtude do accordo do Congresso de Vienna. A população da Polonia consta de mais de 5 milhões de habitantes.

O clima e as produções daquelle paiz são as mesmas que as da *Russia*; tem muitas lagôas e matas consideraveis.

### DINAMARCA

**Posição.**—A *Dinamarca*, situada á entrada do Mar Baltico, compõe-se actualmente de um archipelago, uma península e uma grande ilha.

O archipelago consta das seguintes ilhas: *Seeland*, *Fionia*, *Langeland*, *Laaland*, *Falster*, *Bornholm*, *Femern*, *Mæn* e *Sansæ* no Baltico, *Anholt* e *Lessæ* no Cattegat; *Syllt*, *Romæ*, *Foerp* e *Nordstrand* no Mar do Norte.

A península é a *Jutlandia*.

A grande ilha é a *Islandia*, situada no Oceano glacial arctico.

**Divisão administrativa.**—Consta de cinco Provincias, que se subdividem em bailiados.

**Capital.**—*Copenhague*, na Ilha de *Seeland*, com 156:000 habitantes.

**Cidades principaes.**—Na Ilha de *Fionia*, *Odense*, que é a sua capital; *Elseneur* (1) na Ilha de *Seeland* sobre o *Sund*, *Aalborg* e *Aarhus*, na *Jutlandia*, etc.

**Portos mais importantes.**—*Copenhague*, *Elseneur*, *Korsoer*.

**População, Religião e Governo.**—A população do Reino da Dinamarca regula por 1.800:000 habitantes, não entrando a população das suas dependencias, que consta de 109:000 habitantes, pouco mais ou menos, sem contar os da *Groenlandia*, que, pela maior parte, professão o *Lutheranismo*. O governo é monarchico representativo.

---

(1) Pelo Tratado de 12 de Novembro de 1838, entre Portugal e Dinamarca, ficão os navios portuguezes izentos do pagamento dos direitos do *Sund* e dos *Belts*, mediante a quantia de 30:536 Libras Esterlinas, que o Governo portuguez se obrigou a pagar ao de Dinamarca, a titulo de indemnisação, pela abolição dos referidos direitos. Este Tratado achã-se transcrito no *Diario do Governo* de 9 de Agosto de 1839.

**Clima e produções.**—O *Archipélago dinamarquez* é a parte mais temperada e agradável do Reino, e a mais fértil em cereaes, linho, etc. A *Jutlandia* é geralmente fria e coberta de lagôas e charnecas. A *Islandia* é uma grande ilha, muito montanhosa e fria, aonde não cresce trigo, nem mesmo grandes arvores, e que tira o seu nome dos gelos enormes que a cercão quasi todo o anno: é muito sujeita a tremores de terra, e encontrão-se em muitas partes especies de volcões, que fazem subir a uma altura prodigiosa torrentes de agua a ferver. A batata é a principal cultura desta ilha. O numero de seus habitantes excede a 50:000, os quaes todos sabem ler e escrever.

O *Monte Hécla* é o maior volcão da *Islandia*.

**Possessões.**—A *Dinamarca* possui, na Africa, *Christiansburgo* e algumas outras feitorias na Costa do *Ouro* e dos *Escravos*; na America septentrional, a Ilha de *Santa Cruz*, nas Antilhas, ou Indias occidentaes, e a de *Groenlandia* (1).

**Exercito.**—No pé de guerra 52:656 homens de todas as armas de primeira linha, com a reserva.

**Marinha militar.**—Constava, no anno de 1873, dos seguintes barcos a vapor com 291 peças, a saber: couraçados: 3 fragatas, 2 baterias fluctuantes e 1 navio com casamatas. Não couraçados: 1 náó de linha, 3 fragatas, 3 corvetas, 5 escunas, 5 lanchas canhoneiras de ferro, 4 vapores de rodas, ao todo 27 vapores.

**Navios de vela.**—1 fragata, 1 cutter e 20 chalupas de ferro, servindo de transportes.

**Nocões historicas.**—Em virtude dos actos do Congresso de Vienna de 1815, comprehendia a monarchia dinamarqueza, alem da *Jutlandia* e das *Ilhas*, os *Ducados de Slesvig, Holstein e Lauenburgo*. Como Duque de *Holstein e Lauenburgo*, era o Rei de Dinamarca membro da Confederação germanica. Tendo fallecido em 1863, sem posteridade, *Frederico VII*, ultimo Rei dinamarquez, da Casa de *Oldenburgo*, succedeu-lhe o Principe *Christiano de Glubksburgo*, na conformidade do Tratado de Londres de 1852, sob o nome de *Christiano IX*. Em consequencia de uma serie de circumstancias, que o plano d'esta obra

---

(1) Pelo Tratado, entre a Dinamarca e os Estados Unidos da America, de 24 de Outubro de 1866, forão cedidas pela Dinamarca aos mesmos Estados Unidos as ilhas de *S. Thomaz* e *S. João*, que possuía no Archipélago das Antilhas.

não permite desenvolver, declaráramos-lhe guerra a Prússia e a Austria, e pelo Tratado de paz de 30 de outubro de 1864 (1), forão-lhes cedidos pela Dinamarca os *Ducados de Slesvig, Holstein e Lauenburgo*, etc.

## SUECIA E NORUEGA

**Divisão.**—A *Peninsula scandinava* comprehende os dois Reinos da *Suecia*, a Leste, e o da *Noruega*, a Oeste

### Suecia

**Límites.**—A *Suecia* confina ao N. com o Oceano glacial arctico; a O. com o Atlantico e Mar do Norte; ao S. com o Skager-Rack e o Baltico; a L. com o Baltico, Golfo de Bothnia e a Russia.

**Divisão administrativa.**—O Reino da *Suecia* divide-se em 24 *Lans* ou *Lan*, Governos ou Prefeituras, comprehendidas nas tres grandes divisões geographicas, a saber: *Nordland*, ou paiz do norte; *Svealand*, ou *Suecia* propriamente dita, e *Gothland* ou *Gothia*.

**Capital.**—*Stokholmo*, no Estreito que une o Lago *Mælår* ao Baltico, com 131:400 habitantes.

**Cidades notaveis.**—*Gottemburgo*, *Carlsrona*, *Upsal*, celebre pela sua Universidade, *Lund*, *Calmar*, etc. As duas primeiras tem os melhores portos da *Suecia*.

### Noruega

O Reino de *Noruega* é livre, e não tem de commum com a *Suecia* senão a pessoa do Soberano e o pessoal diplomatico e consular.

**Divisão administrativa.**—O Reino de *Noruega* (2) divide-se em 19 *Amter* ou Prefeituras.

**Capital.**—*Christiania*, excellente porto, no fundo do golfo do seu mesmo nome, com 65:513 habitantes.

**Cidades notaveis.**—*Berghen*, *Drontheim*, *Chris-*

(1) Publicado no *Diario de Lisboa* de 5 de Dezembro do mesmo anno.

(2) A *Noruega* foi cedida em 1814 pela Dinamarca á *Suecia*, pelo Tratado conhecido pelo nome de Tratado de *Kiel*.

*tiansand, Stavanger, Dramen, Hammerfest.* As duas primeiras tem os melhores portos da *Noruega*.

**Ilhas principaes.**—São *Oeland*, ao Sul, *Gotland*, ao Norte, e o Archipélago de *Loffoden* e de *Tromsen*, no Oceano glacial.

**População, Religião e Governo.**—A *Suecia* com a *Noruega*, que é o segundo Estado da Europa em extensão, tem uma população de 5 milhões e meio a 6 milhões de habitantes, sendo 4.444:150 na *Suecia*, e 1.701:760 na *Noruega*, pouco mais ou menos, os quaes professão o *Lutheranismo*. O seu governo é monárquico representativo.

Os dois Reinos de *Suecia* e *Noruega*, posto que reunidos sob o mesmo Soberano, tem as suas Constituições distinctas, e as suas Assembléas ou Camaras independentes.

**Clima, produções e commercio.**—O clima da *Suecia* é geralmente frio, e o terreno pouco fértil, a não ser para a parte do Sul. O Inverno dura nove mezes, e o Verão, posto que mui curto, é summamente quente.

O terreno é cheio de lagos, montes, bosques e charnecas: os rebanhos são abundantes, mas o gado é mui pequeno.

Contém minas de ferro e cobre, e até algumas de ouro e prata.

O seu maior commercio consiste em mastros de navios, pez, rezina, ferro, que alli é muito abundante, e cobre, o melhor do mundo.

A *Noruega* é quasi toda cheia de serras, que produzem com abundancia madeiras para construcção de navios, e que são objecto de grande commercio. Os *Noruegueses* occupão-se muito da pesca, sobretudo do bacalhau e do harrenque, de que tirão grande rendimento.

A parte septentrional deste Reino chama-se *Laponia*. A sua situação, a esterilidade e o frio que alli reina, a tornão digna de attenção. Não tem nem Primavera nem Outono, mas sim Verão e Inverno; sendo os dias de alguns mezes de duração. A chuva alli é rara de Verão, e de Inverno está a terra coberta de neve.

Os *Lapões* ou *Laponios* são notaveis pela sua pequena estatura, pois não tem geralmente mais de 48 pollegadas de altura: reduzem a pó certos peixes seccos de que fazem uma massa que lhes serve de pão. Os *Laponios* são mui feios, selvagens, grosseiros, coléricos e preguiçosos;

mas tem uma predilecção, sem exemplo, pelo paiz que lhes deu o ser.

Tirão grande partido de um animal chamado *renna* ou *rangifer*, que é uma especie de veado, o qual não vive senão nas regiões septentrionaes. Servem-se delles para puxar os carrinhos de que fazem uso para viajar n'aquella terra, quasi todo o anno coberta de neve e géllo; bebem-lhe o leite, e comem-lhe a carne.

**Exercito da Suecia.**—Em 1872 constava de 35:646 homens de todas as armas. Tropas de reserva 86:401 homens; milicias, 29:026 homens; ao todo 150:773 homens.

**Marinha militar.**—No principio de 1873 constava a esquadra sueca de 32 barcos a vapor com 143 peças, a saber: 1 não de linha, 1 fragata, 3 corvetas, 4 monitores da força de 610 cavallos, 10 ditos mais pequenos, 5 dos quaes em construcção, 10 chalupas canhoneiras, 1 transporte e 2 avisos. Navios de véla 8 com 166 peças de artilheria, sendo 1 fragata, 5 corvetas, 1 brigue e 1 escuna (1).

**Exercito da Noruega.**—Em tempo de paz consta de 12:000 homens de tropa de linha, e em tempo de guerra não póde exceder a 18:000 homens, sem o consentimento das camaras (*Storthing*). Ha alem d'isso uma segunda linha.

**Marinha militar.**—Compunha-se, em 1873, de 20 barcos a vapor de diversas dimensões com 160 peças. Embarcações de véla—1 fragata, 1 não para escola.

Esquadilha de remos: 64 chalupas canhoneiras, 5 bombardas, 30 lanchas canhoneiras, etc., com 143 peças.

**Possessões.**—A *Suecia* não possui, fóra da Europa, senão a *Ilha de S. Bartholomeu*, uma das Pequenas Antilhas.

## REINO UNIDO DA GRAM-BRETANHA E IRLANDA

**Posição.**—O *Reino Unido da Gram-Bretanha e Irlanda*, a que tambem se dá o nome de *Ilhas britannicas*, forma ao Noroeste da Europa uma especie de archipélago composto de 2 ilhas principaes, e muitas ilhas pequenas separadas da França pelo *Passo de Calais* e pela *Mancha*.

(1) *Almanach de Gotha* de 1874.

As duas ilhas principaes são :

1.º A **Gram-Bretanha** (que se compõe de Inglaterra, do Paiz de Galles e da Escossia).

2.º A **Irlanda**, separada da *Gram-Bretanha* pelo Canal do Norte, Mar da Irlanda e Canal de S. Jorge.

As pequenas ilhas são:

As **Ilhas Sorlingues** ou **Scilly**, ao S. O. de Inglaterra; a *Ilha de Wight*, ao S.; as *Orcades* na extremidade Norte da Escossia; as *Ilhas de Shetland* ao N., e as *Hebrides* ou *Western*, a O. da Escossia: a *Ilha de Man*, e a *Ilha de Anglesey*, no Mar da Irlanda, etc.

### Gram-Bretanha

Comprehende dois Reinos, a saber: a *Escossia*, ao Norte, e a *Inglaterra* ao Sul.

#### Escossia

**Divisão administrativa.**—A *Escossia* divide-se em 33 Condados, que se classificão do seguinte modo: *Condados do Sul*—*Condados do centro*—e *Condados do Norte*.

A *Escossia* está dividida naturalmente em duas grandes regiões, a saber: a das *Terras altas*, ou *Highlands*, e a das *Terras baixas*, ou *Lowlands*.

**Capital.**—*Edimburgo*, perto do Golfo de Forth.

**Cidades principaes.**—*Glasgow*, a Oeste de *Edimburgo*, e a mais consideravel da *Escossia*: tem uma famigerada Universidade; *Dundee*, *Aberdeen*, notavel por alguns edificios; *Santo André*, *Paisley*, *Inverness*, *Leith*, *Pert*, bella cidade commerciante sobre o Rio *Tayte*.

#### Inglaterra

**Divisão administrativa.**—A *Inglaterra* divide-se tambem em 52 Condados, chamados em inglez *Counties* ou *Shires*, comprehendendo os 12 Condados do *Paiz de Galles*.

**Capital.**—*Londres*, sobre o Tamisa, cidade a mais rica e commerciante do mundo, e a mais povoada depois de Pekin. Conta para cima de 2 milhões de habitantes.

**Principaes portos militares da Gram-Bretanha.**—*Plymouth, Portsmouth e Chatan*.

**Cidades notaveis.**—A Oeste *Liverpool*, um dos portos mais commerciantes das *Ilhas Britannicas*; no centro *Manchester, Birmingham, Leeds, Bristol*, cidades consideraveis pelas suas manufacturas: *New-Castle*, sobre o Tyne, rica em minas de carvão de pedra; *Plymouth, Portsmouth*, porto militar o mais consideravel da Europa; *Southampton*, porto de commercio; *Cambridge e Oxford*, celebres pelas suas Universidades.

### Irlanda

A *Irlanda* forma o terceiro dos *Reinos Unidos*, e é uma das partes mais povoadas das *Ilhas Britannicas*.

**Divisão administrativa.**—Consta de 4 Provincias, a saber: Provincia de *Ulster* ao Norte; Provincia de *Leinster* a Leste; Provincia de *Connaught*, a Oeste; Provincia de *Munster*, ao Sul. Estas provincias subdividem-se em 32 Condados.

**Capital.**—*Dublin*, porto de mar sobre o Rio Liffey, segunda cidade das *Ilhas Britannicas* (1).

**Cidades notaveis.**—*Cork*, porto commerciante, e a segunda cidade de *Irlanda*, *Limerick, Belfast, Galway, Waterford, Londonderry*.

**População, Religião e Governo.**—O *Reino Unido da Gram-Bretanha e Irlanda* continha, em 1867, uma população que excedia a 30 milhões de habitantes, na Europa. A *Religião anglicana* domina em *Inglaterra*, o *Presbyterianismo*, na *Escossia*: a *Irlanda*, que tem perto de 6 milhões de habitantes, é quasi toda *catholica*. O governo da *Gram-Bretanha* é monarchico representativo. O Imperante é ao mesmo tempo Supremo Chefe da Igreja anglicana.

(1) A INGLATERRA chamava-se outr'ora *Albion*, a ESCOSSIA, *Caledonia*, e a IRLANDA, *Hibernia*.

**Clima, produção, commercio, manufacturas.**—Não obstante o clima das *Ilhas Britannicas* ser geralmente humido e nublado, é comtudo fertil o seu terreno. Abundão em minas de ferro, estanho, carvão de pedra e outros mineraes; mas o que constitue a verdadeira riqueza do *Reino Unido da Gram-Bretanha e Irlanda*, é o seu immenso commercio alimentado por numerosas manufacturas, e protegido pela mais poderosa marinha de guerra que existe. A *Gram-Bretanha* é o paiz da *Europa* que tem mais caminhos de ferro. Os telegraphos electricos sub-marinos põem em communição varios pontos d'aquelle Reino entre si, e com a França, Belgica, Portugal e outros Estados da Europa, bem como com a Terra Nova, Estados Unidos da America, etc.

**Exercito.**—Consta de 59:426 homens de infantaria e de 16:159 homens de cavallaria, com 9:783 cavallos. Artilheria 19:331 homens, com 3:828 cavallos. Engenharia 5:247 homens, com 422 cavallos, etc. Estado maior, etc., 1:255 homens com 1:282 cavallos. Total das tropas do Reino Unido da Gram-Bretanha e Irlanda, 106:416 homens de todas as armas com 15:120 cavallos.

Tropas britannicas nas Colonias, 18:588. Na India, 62:924 homens com 11:325 cavallos.

Total geral do exercito britannico, 187:928 homens com 26:445 cavallos.

Alem d'isto ha tropas irregulares, sendo: 1.º *miliicias*, artilheria 14:739 homens, e infantaria 110:264; 2.º *Yeomanry*, 15:086 homens; 3.º *Voluntarios*, artilheria, cavallaria, engenharia e caçadores, 161:038 homens; 4.º *Reserva* do exercito: 1.ª e 2.ª linha, 35:000 homens.

Total das tropas irregulares, 350:000 homens. Na Irlanda ha mais um corpo de policia organizado militarmente, com 13:000 homens e 400 cavallos.

**Marinha militar.**—Consta de 307 barcos a vapor não couraçados com 2:516 peças, e couraçados 54, com 721 peças. Navios de vela 55 com 279 peças; Total dos navios a nado 416, entrando n'este numero 52 náos de linha, 31 fragatas, 23 corvetas, etc.

**Possessões da Gram-Bretanha.**—As principaes são as seguintes:

1.º Na Europa, a *Ilha de Helgoland* ou *Heligoland*, no mar da Allemanha, entre a embocadura do *Elba* e do *Weser*; *Gibraltar* (1) no *Estreito* do mesmo nome; as *Ilhas de Malta* e de *Gozo*, no *Mediterraneo*.

2.º Na Asia, a maior parte do *Indostão* inglez (em que se achão *Calcuttá*, *Bombaim* e *Madrasta*) a *Indo-China* ingleza, comprehendendo as *Ilhas do Principe de Galles* e de *Singhapura*; as *Ilhas de Ling Ting*, e *Hong-Kong*, no Imperio chinéz; a *Ilha de Ceylão* (2), a *Peninsula de Malaca*, etc.

3.º Na Africa, a *Colonia do Cabo da Boa Esperança*, ao Sul; *Bathurst*, a Oeste, na *Senegambia*, e varias outras feitorias na embocadura do *Rio Gambia*; a *Colonia de Serra Leoa* e o *Cabo Corso*, na *Guiné septentrional*; as *Ilhas da Ascensão* e de *Santa Helena*, a Oeste, no *Oceano atlantico*; a *Ilha Mauricia* (antigamente *Ilha de Franca*), a *Ilha de Rodrigues*, as *Ilhas Seychelles* ou *Ilhas de Mahé* e as *Amirantes*, ao Sueste, no *Oceano indico*, etc.

4.º Na America do Norte, a *Nova Bretanha*, comprehendendo o *Alto* e o *Baixo Canadá*; a *Peninsula de Labrador*, a *Região dos Lagos*; a *Nova Galles*; a *Nova Brunswick*; a *Nova Escossia*, a *Ilha da Terra Nova*, a *Ilha do Principe Eduardo*, o *Cabo Bretão*, o territorio de *Hudson-bay*; as *Ilhas Bermudas*, *Lucayas* ou de *Bahama*; a *Jamaica*, uma das *Grandes Antilhas*; *Antigua*, *Dominica*, *Santa Luzia*, *Barbada*, *Tabago*, *Trindade*, etc., nas *Pequenas Antilhas*.

Na America do Sul, *Demerara* ou *Guyana* ingleza, as *Ilhas de Falkland*, etc.

5.º Na Oceania, 1.º a *Nova Galles do Sul*, na costa oriental da *Australia*, aonde os Inglezes fundarão *Sydney*, no porto de *Jackson*; *Botany-bay*, lugar de degredados; na terra de *Diemen*, a *Colonia*, cuja capital é *Hobart-Town*; 2.º quasi todo o *Archipelago da Nova Zelandia*, etc.

(1) No tempo da guerra da successão de Hespanha, no reinado de Filippe V, foi *Gibraltar* tomada aos Hespanhoes pelos Inglezes em 3 de Agosto de 1704.

(2) Veja-se a nota que a respeito de Ceylão se acha mais adiante no lugar competente.

## EUROPA CENTRAL

## FRANÇA

**Limites.**—Este bello paiz tem por limites ao N. a Allemanha e a Belgica; a O. o Passo ou Estreito de Calais, a Mancha e o Atlantico; ao S. os Pyrenéos, o Bidas-soa e o Mediterraneo; a L. os Alpes, o Lago de Genebra, o Jura, o Doubs e o Rheno.

**Divisão administrativa.**—A *França*, que antigamente se compunha de 32 Governos, foi dividida, no anno de 1790, em 83 Departamentos, os quaes, pela maior parte, tomáráo o nome dos rios que os regão. Com as conquistas da *França* chegou a 130 o numero dos Departamentos, que ficou reduzido a 86, em consequencia dos acontecimentos de 1814 e 1815. No numero dos 130 Departamentos não entravão os 24 Departamentos do *Reino de Italia*, governados por um Vice-Rei sob a dependencia do Imperador dos Francezes. Antes da guerra da França com a Prussia, em 1870, erão 89 (não contando com a *Argelia*), por isso que pelo Tratado entre a França e a Sardenha, assignado aos 24 de Março de 1860, forão annexadas á *França* a *Saboia* e o territorio de *Nice*, de que se formáráo mais tres Departamentos, a saber: o *Departamento da Saboia*—o *Departamento da Alta Saboia*—e o *Departamento dos Alpes maritimos*. Hoje são 86 os Departamentos da França, em consequencia de haver cedido ao Imperio Allemão, pelo Tratado de paz de 10 de Maio de 1871, a *Alsacia* e a *Lorena*. A *Alsacia* formava os dois Departamentos do *Haut-Rhin*, capital *Colmar*, e do *Bas-Rhin*, capital *Strasburgo*, ficando do primeiro um pequeno resto á França, ao Sudoeste, a saber: *Belfort*, que se defendeu com valor em 1871 contra os Prussianos, a pequena cidade de *Delle*, e a de *Beaucourt*. A *Lorena*, (antiga Provincia), antes da guerra da França com a Prussia, formava os quatro Departamentos do *Meusa*, *Moselle*, *Meurthe* e dos *Vosges*. Depois do citado Tratado de 1871, que privou a França de uma parte da *Lorena*, e das quatro quintas partes da *Moselle*, ficárão-lhe, na dita antiga Provincia, os tres Departamentos: da *Meurthe* e *Moselle*, formando um só Departamento, capital *Nancy*, o dos *Vosges* e o do *Meusa*.

**População e Religião.**—A *França* conta hoje, entrando a *Argelia*, perto de 40 milhões de habitantes, 36

dos quaes professão a *Religião catholica*: os mais são *Protestantes*, principalmente nas Provincias de Leste e do Meio dia. O numero dos Judeus anda por 186:000.

Todos os cultos são permittidos em *França*, mas a *Religião catholica* é a da maioria dos Francezes.

**Governo.**—É republicano, dirigido por uma Assembléa nacional e um Presidente da Republica.

Depois da quéda do Rei LUIZ PHILIPPE, foi proclamada a Republica em Fevereiro de 1848; o Imperio em fins de 1852, e proclamada novamente a Republica em 1870, depois da quéda de NAPOLEÃO III em Sedan.

**Capital.**—*Paris*, segunda cidade da Europa em população e riqueza: tem 1.830:000 habitantes, pouco mais ou menos.

**Cidades principaes.**—Depois de *Paris*, *Lyão*, na confluencia do Rhodano com o Saone; *Marselha*, no Mediterraneo; *Bordeos*, sobre o Garonna, com um excellente porto; *Rouen*, sobre o Sena; *Nantes*, sobre o Loire; *Lille*; *Strasburgo*, perto do Rheno.

**Portos para a marinha de guerra.**—São: *Cherburgo*, *Brest*, *Lorient*, *Rochefort*, no Oceano; *Toulon*, no Mediterraneo.

Os outros portos principaes são: 1.º, no Oceano, *Dunkerque*, *Calais*, *Boulogne*, *Dieppe*, *le Havre*, *Saint-Malo*, *la Rochelle*, *Bayonna*; 2.º, no Mediterraneo, *Port-Vendres*, *Collioure*, *Cette*, *Agde*, *Fréjus*, *Antibes*.

**Exercito.**—Segundo o orçamento do anno de 1873, e no pé de paz, consta de 282:044 homens de infantaria, 60:044 de cavallaria, 51:308 de artilheria, 9:000 de engenharia, etc. Total geral, entrando os Estados maiores, corpos sanitarios, veterinarios, policia (*gendarmérie*), 454:200 homens.

No pé de guerra, segundo o projecto de reorganisação do exercito, a respectiva commissão propõe dividir o exercito em duas partes:

Tropa combatente.....	756:908	homens
Tropa no interior, na Argelia, e nos depositos.....	347:827	»
Total do exercito activo em tempo de guerra.....	<u>1.104:735</u>	»

**Marinha militar.**—A esquadra, segundo o or-

çamento de 1873, consta de 27 navios couraçados, 129 não couraçados, ao todo 156 navios de diversas dimensões.

Conforme o plano de transformação da esquadra, deve esta constar de 12 náos de linha couraçadas de 1.<sup>a</sup> classe, 12 ditas de 2.<sup>a</sup> classe, 20 canhoneiras, 8 fragatas, 8 corvetas, 38 avisos, 25 transportes, 32 canhoneiras, além dos navios para escola, transporte, etc.

**Clima e produções.**—O clima da *França* é geralmente temperado, e o ar puro e saudavel. As regiões do Noroeste, mais humidas e frias do que o resto da *França*, são, em geral, ferteis em cereaes: abundão em excellentes pastos que sustentão o mais bello gado, mas não produzem vinho.

As regiões de Leste e do Sul produzem, pelo contrario, excellentes vinhos, conhecidos pelos nomes de *Champagne*, *Borgonha*, *Bordeos*, etc.

O Sueste abrigado, pelos montes, dos ventos frios do Norte e humidos do Oeste e Noroeste, produz fructos como os paizes mais quentes, taes são azeitonas, laranjas, limões, romãs, etc.

#### **Possessões:**

Na AMERICA SEPTENTRIONAL, as duas *Ilhotas de Saint-Pierre e Miquelon*, perto da Terra Nova, que servem para a pesca do bacalhau. No Archipélago das Antilhas, a *Martinica*, *Guadeloupe* e algumas outras ilhas dependentes daquellas.

Na AMERICA MERIDIONAL, NO CONTINENTE, a *Guyana franceza*, cuja capital é *Cayenna*.

Na AFRICA, o *Senegal*, a *Ilha de Gorée*, a *Argelia*, etc.

No OCEANO INDICO, a *Ilha de Bourbon* ou da *Reunião*, e a *Ilha de Santa Maria de Madagascar* (descoberta pelo portuguez PEDRO DE MASCARENHAS); no Indostão, as *ciudades de Pondichéry, Chandernagor*, perto de *Calcuttá, Mahé, Karical, Yanaon*, etc.

Na ASIA, na *Baixa Cochinchina*, as Provincias de *Bien-Hoa, Mytho e Giadinh*.

Na OCEANIA, o Archipélago das *Marquezas*, a *Nova Caledonia*, e as *Ilhas dos Pinheiros (des pins)* e da *Lealdade*, o protectorado das *Ilhas de Tahiti*, etc.

#### **BELGICA**

A *Belgica* é um pequeno Reino formado em 1831 da parte meridional dos antigos Paizes Baixos.

**Limites.** — Confina ao N. com o Reino dos Paizes Baixos; a L. com o mesmo Reino e a Prussia; ao S. com a França; a O. com a França e o Mar do Norte.

**Divisão administrativa.** — A BELGICA divide-se em 9 Provincias, a saber:

Provincias	Capitales
Anvers ou Antuerpia . . . . .	Anvers ou Antuerpia.
Brabant meridional . . . . .	Bruxellas.
Flandres occidental . . . . .	Bruges.
Flandres oriental . . . . .	Gand.
Hainaut . . . . .	Mons.
Liège . . . . .	Liège.
Namur . . . . .	Namur.
Limburgo belga . . . . .	Hasselt.
Luxemburgo belga . . . . .	Arlon.

**População.** — Segundo o Almanach de Gotha de 1874, regulava em 1870 por 5.087:160 almas.

**Religião.** — A *catholica romana*, e o *Protestantismo* sendo porém os catholicos em maior numero.

**Governo.** — Monarquico representativo.

**Capital.** — *Bruxellas*, a quatro leguas de *Waterloo*, aldéa celebre pela batalha que alli perdera Napoleão I, em 18 de Junho de 1815, contra a Europa colligada.

**Cidades notaveis.** — *Louvain*, *Anvers* (tomada pelos Francezes aos Hollandezes em 1832, depois de um sitio difficil e glorioso), *Malines*, *Bruges*, *Ostende*, *Gand*, *Mons*, *Liège*, *Verviers*, *Namur*.

**Rios principaes.** — O *Meusa* e o *Escalda*.

**Clima e produccões.** — A *Belgica* gosa de um clima menos humido e mais sadio que a *Hollanda*, e o terreno, que é muito fertil, contém abundantes minas de ferro e carvão de pedra: é muito cultivada e possui muitas manufacturas, distinguindo-se os seus habitantes pela sua industria.

**Exercito.** — Para o caso de guerra, deve constar de 100:000 homens, segundo a lei de 5 de Abril de 1868; em tempo de paz, regula por 40:000, pouco mais ou menos.

#### PAIZES BAIXOS

**Limites.** — A *Hollanda*, a que tambem se dá o nome de *Paizes Baixos* e de *Neerlandia*, confina ao N. e a O.

com o Mar do Norte; a L. com a Prússia e o Hanover; ao S. com a Belgica.

**Divisão administrativa.** — Consta das seguintes Províncias:

Províncias	Capitães
Brabant septentrional.....	Bois-le-Duc.
Drenthe .....	Assen.
Frisa .....	Leeuwarden.
Groningue.....	Groningue.
Gueldre .....	Arnheim.
Hollanda meridional.....	Haya.
Hollanda septentrional .....	Harlem.
Limburgo hollandez.....	Maestricht.
Over-Yssel.....	Zwolle.
Utrecht .....	Utrecht.
Zelandia .....	Middelburgo.

**População.** — A população da Hollanda, na Europa, calcula-se em mais de 3 milhões e meio de habitantes, e nas colonias, em 21 milhões, pouco mais ou menos.

**Religião.** — *Calvinista.*

**Governo.** — Monarquico representativo.

**Capital.** — *Haya*, cuja população regula por 78:000 habitantes.

**Cidades principaes.** — *Amsterdam*, cidade mais importante da Hollanda, construída sobre estacas no Golfo de Zuyderzée; *Rotterdam*, *Harlem*, *Leyde*, *Breda*, *Utrecht*, *Nimègue*, *Groningue*, *Maestricht*, etc.

**Territorio.** — A industria e actividade dos *Hollandezes* tem sabido transformar em fertes campinas e excellentes pastagens as suas regiões pantanosas, cujo terreno é tão pouco elevado acima do nível do mar, que necessario se torna preserva-las da irrupção das aguas por meio de immensos e mui fortes diques.

**Rios principaes da Hollanda.** — O *Rheno*, o *Meusa*, o *Escalda* e o *Ems*.

**Exercito.** — O da Europa constava, em 1873, de 62:068 homens das diversas armas; e o das Indias Orientaes, em 1872, de 27:659 homens.

**Marinha militar.** — Consta, em Janeiro de 1873, de 73 barcos a vapor com 586 peças, e de 40 navios de vela com 385 peças, ao todo 113 navios com 971 peças.

**Possessões:**

Na AFRICA OCCIDENTAL, a *Colonia de S. Jorge da Mina*, a que hoje chamão *Elmina*, e outras feitorias na Costa da Mina.

Na AMERICA SEPTENTRIONAL, as *Ilhas de Saba*, *Curaçao* e de *Santo Eustaquio*, nas Pequenas Antilhas.

Na AMERICA MERIDIONAL, a *Guyana hollandeza*, capital *Paramaribo*.

Na OCEANIA, a grande *Ilha de Java*, cuja capital é *Batavia*, cidade mui commerciante; a *Ilha de Madurá*, parte das *Ilhas de Sumatra*, de *Borneo*, de *Celebes*; as *Molucas*, *Sumbava*, parte de *Timor* e outras ilhas.

## IMPERIO AUSTRO-HUNGARO

O Imperio *Austro-Hungaro* compõe-se de varios Reinos e Estados, e tem por limites, ao N. a *Russia*, a *Polonia* e a *Saxonia*; a O. a *Baviera* e a *Suissa*; ao S. a *Italia*, o *Mar Adriatico* e a *Turquia*; a L. a *Turquia* e a *Russia*.

**Capital.** — *Vienna*, na margem direita do Danubio.

**Divisão administrativa.** — Consta dos seguintes paizes:

## Paizes áquem do Rio Leitha

**Governo da Baixa Austria.** — Capital *Viena*, que o é tambem do Imperio, como fica dito.

Nas immedições desta cidade acha-se o Palacio de *Schœnbrunn* (aonde *Napoleão 1.º*, cercado dos prestigios da gloria, residiu duas vezes, e falleceu seu filho o *Duque de Reichstadt*), e a aldêa de *Wagram*, celebre pela victoria que os Francezes alcançãrão sobre os Austriacos em 1809.

CIDADES NOTAVEIS. — *Baden*, *Neustadt*, *Haimburgo*, *Tuln*, *Neusiedel*, *Rust*, etc.

**Governo da Alta Austria.** — Capital *Lintz*.

CIDADES NOTAVEIS. — *Steyer*, *Rulzburgo*, *Ried*, *Wels*, etc.

**Governo de Salzburgo.** — Capital *Salzburgo*.

**Governo da Styria.** — Capital *Grazz*.

CIDADES NOTAVEIS. — *Marburgo*, *Cilly*, *Indenburgo*, *Bruck* e *Leoben*.

**Governo da Carinthia.** — Capital *Klagenfurth*, importante pelos seus Estabelecimentos litterarios, assim como pelas suas fabricas e pelo seu commercio.

CIDADES NOTAVEIS — *Willach, Hultemberg e Bleiberg.*

**Governo da Carniola.** — Capital *Laybach.*

CIDADES NOTAVEIS. — *Neustädt, Adelsberg, Idria,* celebre pelas suas ricas minas de mercúrio.

**Governo de Goertz, Gradisca, Istria, Trieste.** — Capital *Trieste,* porto no Mar Adriatico, e o principal do Imperio para o commercio.

CIDADES NOTAVEIS. — *Capo d'Istria, Pirano, Pola, etc.*

**Governo do Tyrol e Vorarlberg.** — Capital *Innsbruck.*

CIDADES NOTAVEIS. — *Trento,* celebre pelo ultimo Concilio ecumenico contra os Protestantes que alli teve lugar, e que, principiando em 1545, durou até 1563; *Roveredo, Botzen, Imst, Bruucken, Bregenz, etc.*

**Governo do Reino de Bohemia.** — Capital *Praga.*

CIDADES NOTAVEIS. — *Karlsbad, Eger, Tæplitz, Kuttentberg, Reichenberg, Trautenau, Reichstadt, Koenigingætz, Josephstadt, etc.*

**Governo da Moravia.** — Capital *Brunn,* nas immedições d'*Austerlitz,* celebre pela victoria alcançada por Napoleão I em 1803, sobre os Austriacos e os Russos.

**Governo da Silesia.** — Capital *Troppau.*

**Governo da Galicia.** — Capital *Lemberg* ou *Leopoldo.*

CIDADES NOTAVEIS. — *Brody, Wieliczka, Czernoviez, Tornopol, Jaroslaw, Boschnia, Cracovia.*

Esta ultima cidade, situada sobre o Vistula, ao Sul do Reino da Polonia, de que fazia parte antigamente, e encravada entre a Russia, Austria e Prussia, formava, desde o anno de 1815, com o seu territorio, uma pequena Republica independente, denominada *Republica de Cracovia,* debaixo da protecção dos Soberanos daquellas tres Potencias.

A população da cidade de *Cracovia,* cuja Universidade é uma das mais antigas da Europa, consta actualmente de 25:000 habitantes, e a de todo o territorio, de 116:000, pouco mais ou menos.

Em virtude da Convenção assignada em Vienna pelas referidas tres Potencias, em 6 de Novembro de 1846, tanto a mesma cidade como o seu territorio forão reunidos á monarchia austriaca, e possuidos por esta como antes de 1809.

**Governo da Bukovina.** — Capital *Czernowitz.*

## Paizes além do Leitha

**Governo da Dalmacia.** — Capital *Zara*.

CIDADES NOTAVEIS. — *Ragusa, Spalatro, Cattaro*.

**Governo do Reino de Hungria.** — Capital *Offen* ou *Buda*, na margem direita do Danubio.

CIDADES NOTAVEIS. — *Pesth*, na margem esquerda do mesmo rio, *Dobretzin, Tokai, Presburgo, Rosenberg, Tyrnau, Mangatz, Wesprim, etc.*

**Governo de Croacia e Esclavonia.** — Capital *Agram*.

**Governo de Transylvania.** — Capital *Harmannstadt*.

CIDADES NOTAVEIS. — *Clausenburgo, Carlsburgo, Thorenburgo, Vasarhely, Maros, etc.*

**Governo dos confins militares.** — Capital *Peterwardein*.

**Montanhas.** — Os *Alpes* e os *Karpatos*.

**Rios.** — O *Danubio*, o *Vistula*, o *Oder*.

**População.** — Regula por 36 milhões de habitantes.

**Religião.** — O Catholicismo é a Religião dominante.

**Governo.** — Monarquico representativo.

**Ilhas.** — As numerosas *Ilhas Illyricas*, do Mar Adriatico, ao longo da costa do Reino d'*Illyria*, de que dependem, são as unicas ilhas que a *Austria* possue.

**Clima e produções.** — O Imperio Austro-Hungaro é uma das mais bellas e mais fertes regiões da Europa, principalmente em cereaes e vinhos, entre os quaes se distingue o de *Tokai*, na Hungria.

**Exercito.** — A força effectiva do exercito, em 1873, constava, no pé de paz, de 268:425 homens, e no pé de guerra, de 788:746 de todas as armas. As tropas da *Landwehr*, constão em tempo de paz, de 14:700 homens, e no guerra, de 305:233. Total geral das forças militares 1.093:979 homens.

**Marinha militar.** — Em 1873, constava de 53 navios a vapor, couraçados e não couraçados, com 372 peças, e de 15 navios de vela; ao todo 68 navios a vapor e de vela.

## IMPERIO D'ALLEMANHA (PRÚSSIA)

Em 1871 formou-se o *Imperio d'Allemanha* sob a influencia da Prussia, que tem a direcção geral do corpo germanico. Adverte-se, porém que este Imperio não contém todos os *paizes allemães*, por isso que alguns destes se achão nas possessões austriacas.

Este Imperio é banhado ao Norte pelo Baltico e Mar do Norte, e estende-se a Leste até alem do Niemen; a Oeste, até além do Rheno e até aos Vosges, ao Sul, approxima-se dos Alpes.

O Imperio d'Allemanha comprehende :

	População em 1871
1.º O REINO DA PRUSSIA (1).....	24.656:078
Capital <i>Berlim</i> .	
2.º O REINO DE BAVIERA.....	4.852:026
Capital <i>Munich</i> .	
3.º O REINO DE SAXONIA.....	2.556:244
Capital <i>Dresde</i> .	
4.º O REINO DE WURTEMBERG (2).....	4.818:539
Capital <i>Stuttgart</i> .	
5.º O GRAM-DUCADO DE BADEN.....	1.461:562
Capital <i>Carlsruhe</i> .	
6.º O GRAM-DUCADO DE HESSE.....	852:894
Capital <i>Darmstadt</i> .	
7.º O GRAM-DUCADO DE MECKLEMBURGO-SCHWE- BIN.....	557:897
Capital <i>Schwerin</i> .	
8.º O GRAM-DUCADO DE SAXE-WEIMAR.....	286:183
Capital <i>Weimar</i> .	
9.º O GRAM-DUCADO DE MECKLEMBURGO-STRÉ- LITZ.....	96:982
Capital <i>New-Strélitz</i> .	
10.º O GRAM-DUCADO D'OLDENBURGO.....	312:596
Capital <i>Oldenburgo</i> .	
11.º O DUCADO DE BRUNSWICK.....	311:764
Capital <i>Brunswick</i> .	

(1) A população de todos estes Estados é extrahida do Almanach de Gotha de 1874.

(2) O Eleitorado de *Wurtemberg* foi, pelo Tratado de Presburgo, erigido em Reino, e o Eleitor *Frederico II* foi proclamado Rei em 1806.

12 O DUCADO DE SAXE-MEININGEN.....	187:957
Capital <i>Meiningen</i> .	
13.º O DUCADO DE SAXE-ALTENBURGO.....	142:122
Capital <i>Altenburgo</i> .	
14.º O DUCADO DE SAXE-COBURGO-E-GOTHA..	174:339
Tem duas capitaes: <i>Coburgo e Gotha</i> .	
15.º O DUCADO D'ANHALT.....	203:437
Capital <i>Dessau</i> .	
16.º O PRINCIPADO DE SCHWARZBURGO-RUDOLSTADT .....	75:523
Capital <i>Rudolstadt</i> .	
17.º O PRINCIPADO DE SCHWARZBURGO-SONDERSHAUSEN.....	67:191
Capital <i>Sondershausen</i> .	
18.º O PRINCIPADO DE WALDECK.....	56:191
Capital <i>Arolsen</i> .	
16.º O PRINCIPADO DE REUS, ramo primogenito	45:094
Capital <i>Greitz</i> .	
20.º O PRINCIPADO DE REUS, ramo mais novo	89:032
Capital <i>Gera</i> .	
21.º O PRINCIPADO DE SCHAUMBURGO-LIPPE ..	32:059
Capital <i>Bucheburgo</i> .	
22.º O PRINCIPADO DE LIPPE .....	111:135
Capital <i>Detmold</i> .	
22.º A Cidade livre e hanseatica de LUBEK (1)	52:158
24.º A Dita de BREMEN.....	122:402
25.º A Dita de HAMBURGO.....	338:974
26.º O GOVERNO DA ALSACIA-LORENA.....	1.549:587

Os pontos fundamentaes da Constituição do *Imperio da Allemanha* são baseados na Constituição da *Confederação da Allemanha do Norte* (2).

(1) *Anseatico* ou *Hanseatico* significa *confederado*; assim, quando se diz: *Cidades Anseaticas*, entende-se as 3 de que acima se faz menção, e que outr'ora se tinham unido com muitas outras, em cujo numero entrava Lisboa, em defeza da liberdade do seu commercio, mas debaixo de certas constituições. (Veja-se — *Le grand Dictionnaire Géographique historique et critique par M. BUZEN DE LA MARTINIÈRE* na palavra — *Hanse* —).

(2) Pelo Tratado de alliança celebrado em Berlim, no dia 18 d'Agosto de 1866, entre a Prussia e os outros Estados da *Confederação da Allemanha do Norte*, estipulou-se que ficava contrahida uma alliança offensiva e defensiva para a manutenção da independencia, integridade e segurança interna e externa dos mesmos Estados; obrigando-se todos á defeza commum das suas respectivas possessões, que ficarão reciprocamente garantidas pelo dito Tratado. A Presidencia desta *Confederação* pertencia á côrã da Prussia.

## PRUSSIA

**Divisão administrativa.** — Depois das aneções de varios paizes á Prussia, em 1866, divide-se este Reino nas seguintes Provincias: *Prussia*, propriamente dita, *Posnania*, *Pomerania*, *Silesia*, *Brandeburgo*, *Saxonia*, *Westphalia*, *Prussia Rhenana*, *Hohenzollern*, *Territorio de Jade*, *Slesvig-Holstein*, *Hanover*, *Hesse-Nassau*, *Lauenburgo*.

**Capital.** — *Berlim*, na Provincia de Brandeburgo, nas margens do Rio *Sprée*, que desemboca no Elba. Possui uma excellente Universidade e importantes Estabelecimentos. População 826:341 habitantes.

**Cidades principaes.** — Na PRUSSIA, propriamente dita, *Kœnigsberg*, *Dantzick*, *Marienwerder*, *Gumbinnen*.

Na POSNANINA — *Posen*, *Bromberg*.

Na POMERANIA — *Stettin*, nas margens do *Oder*, *Kœeslin*, *Stralsund*, porto muito commerciante no Baltico.

Na SILESIA — *Breslau*, *Liegnitz*, *Oppeln*.

Na PROVINCIA DE BRANDEBURGO — Alem de *Berlim*, de que já se fallou, ha *Potsdam*, com um soberbo palacio, *Francfort-sobre o-Oder*, cidade muito commerciante, *Brandeburgo*, sobre o *Havel*.

Na PROVINCIA DE SAXONIA PRUSSIANA — *Magdeburgo*, uma das praças mais fortes da Europa, *Erfurt*, *Merseburgo*.

Na WESTPHALIA — *Munster*, *Arnsberg*, *Minden*, importante pelas suas fabricas.

Na PRUSSIA RHENANA — *Colonia*, cidade forte, industria e commerciante, celebre pela sua cathedral, *Coblentz*, *Aix-la-Chapelle*, *Trèves*, *Dusseldorf*.

Na PROVINCIA DE SLESVIG-HOLSTEIN — *Slesvig*.

Na PROVINCIA DE HESSE-NASSAU — *Wiesbaden*, *Cassel*.

Na PROVINCIA DE HANOVER — *Hanover*, *Hildesheim*, *Luneburgo*, *Stade*, *Aurich*, *Osnabruck*, etc.

**Ilhas.** — A Prussia possui no Baltico varias ilhas, cuja principal é a de *Rugen*.

**População.** — Excede a 24 milhões de habitantes.

**Religião.** — Todas as Religiões são toleradas. Os protestantes são em maior numero. Ha mais de 7.000:000 de catholicos e de 300:000 israelitas.

**Governo.** — Monarquico representativo ou constitucional.

**Instrucção publica.**— A *Prussia* é um dos países da Europa aonde ella se acha mais adiantada.

**Clima e produções.**— O clima e as produções da *Prussia* são, com pouca differença, os mesmos que os da *Allemanha* propriamente dita.

**Portos principaes para o commercio.**— *Memel, Pillau, Stralsund, Altona, Harburgo, Dantzick, Stettin, Kiel, Slesvig, etc.*

### Exercito do Imperio d'Allemanha:

#### Infanteria, Caçadores, Landwher

	Em tempo de paz	Em tempo de guerra
	Homens	Homens
PRUSSIA . . . . .	212:944	710:083
BAVIERA . . . . .	32:602	112:016
SAXE REAL . . . . .	16:428	56:385
WURTEMBERG . . . . .	42:737	48:088
TOTAL . . . . .	274:711	926:572

#### Cavallaria

PRUSSIA . . . . .	51:402	83:652
BAVIERA . . . . .	7:199	11:562
SAXE REAL . . . . .	4:212	6:682
WURTEMBERG . . . . .	2:700	4:880
TOTAL . . . . .	65:513	106:776

#### Artilheria

	Em tempo de paz		Em tempo de guerra	
	Homens	Peças	Homens	Peças
PRUSSIA . . . . .	22:197	942	113:013	2:064
BAVIERA . . . . .	3:670	136	18:204	300
SAXE REAL . . . . .	1:678	72	8:406	156
WURTEMBERG . . . . .	1:180	48	6:044	104
TOTAL . . . . .	28:725	1:198	145:667	2:624

**Marinha militar.**— Consta de 44 navios a vapor e 277 peças de artilheria, e de 47 navios de vela de diversas dimensões com 371 peças. Em construcção, no anno de

1873: 5 náos e 3 corvetas couraçadas, com 48 peças ao todo.

### SUISSA OU CONFEDERAÇÃO HELVETICA

A *Suissa* tem por limites ao N. a Allemanha; ao S. a Italia; a L. a Austria; a O. a França.

**Divisão.** — A *Suissa* forma uma Republica composta de Cantões independentes uns dos outros, a saber: *Bále* ou *Basiléa*, *Soleure*, *Argovia*, *Zurich*, *Schaffouse*, *Thurgovia*, *Friburgo*, *Lucerna*, *Unterwalden*, *Zug*, *Schwitz*, *Zug*, *Uri*, *Appenzel (Rhodes int.)*, *Appenzel (Rhodes ext.)*, *Saint-Gall*, *Glaris*, *Vaud*, *Neuchâtel*, *Berne*, *Vallais*, *Genebra*, *Grisões*, *Tessino*, *Oberwald*.

Estes Cantões estão unidos e confederados para manterem a sua liberdade contra qualquer ataque dos estrangeiros, e para a conservação da ordem e da tranquillidade no interior do paiz.

*Berne*, *Zurich* e *Lucerna* são alternativamente, de dois em dois annos, as capitaes da *Confederação* aonde se reune a *Dieta*, ou Assembléa dos deputados dos *Cantões*. O Presidente da *Dieta* tem o titulo de *Landmann*.

**Cidades principaes.** — Ao N. *Basiléa* sobre o Rheno, que é a cidade mais commerciante da *Suissa*, perto das fronteiras de França, e *Zurich*, junto ao lago do mesmo nome; no centro, *Berne* e *Neuchâtel*, sobre o lago deste nome, que reconhecem por Soberano o Rei da Prussia; ao S. *Genebra*, cidade mais consideravel da *Suissa*, e *Laussanna*.

**População.** — Mais de 2 milhões e meio de habitantes.

**Religião.** — As tres quintas partes da população professão o *Calvinismo*, o resto, a *Religião catholica romana*.

**Extensão.** — A *Suissa* é a região mais elevada e pittoresca da Europa. Contém a parte principal das montanhas dos *Alpes* e do *Jura*, e o maior numero de seus pontos culminantes, ou mais altos, taes como, do lado do *Berne*, o *Finster-Aar-Horn* e o *Jung-Frau*, e do lado da Italia, o *S. Gothard*, o *Simplon* e o *Monte Rosa*. O *Monte Branco*, situado no Piemonte, é uma parte desta cadêa dos *Alpes*, e a mais alta montanha da Europa.

Na *Suissa* nascem muitos rios, entre elles o *Danubio* que entra no *Mar Negro*; o *Adige* que entra no *Adriatico*;

o *Rhodano* que entra no Mediterraneo; o *Rheno* que entra no Mar do Norte.

**Governo.** — Cada *Cantão* tem o seu governo particular; mas os negocios que interessão a *Confederação*, são tratados n'uma *Dieta*, presidida pelo chefe do *Cantão* em que ella se reúne.

**Produções e industria.** — Este paiz não abunda em cereaes; tem porém muitos pastos. Exporta, principalmente, gado, manteiga, queijo, relogios, caixas de musica e varias outras manufacturas; importa trigo, sal, etc. O seu commercio de transito é importante e favorecido por caminhos excellentes que communicão com a França, Italia e Allemanha. A sua industria fabril tem-se desenvolvido com grande utilidade para a *Confederação*. Muitos Suissos vão aos paizes estrangeiros ganhar a sua vida pela industria; outros estão ao serviço militar de diversas Potencias da Europa.

**Curiosidades naturaes.** — As montanhas mais elevadas estão cobertas pelo gêlo perpetuo, a que chamão *Mar de Gêlo* ou *Galeiras* (*Glaciers* em francez), o que torna o paiz geralmente frio; comtudo nos valles gosa-se de temperatura agradável durante uma parte do anno.

O *Rheno*, a uma legua de Schaffouse, aonde tem 45 braças de largura, precipita-se de uma grande altura, formando uma magnifica cascata. Outra cascata celebre é a do *Staubach*, cuja agua cahe da altura de 112 braças, e é a mais elevada da Europa. Estas são as curiosidades naturaes mais notaveis da *Suissa*.

**Exercito federal** — Compõe-se: 1.º do exercito regular, com 84:045 homens de todas as armas; 2.º de uma reserva de 51:102 homens; 3.º da *Landweher*, a segunda linha, de 65:562 homens; ao todo 201:578 homens.

## HESPAÑHA

A Hespanha tem por limites: ao N., os *Pyreneos* e o *Mar Cantabrico* ou *Bahia de Biscaya*; a O., o *Atlantico* e *Portugal*; ao S., o *Estreito de Gibraltar* e o *Mediterraneo*; a L., o *Mediterraneo*.

**Extensão.** — Seu maior comprimento, de Norte a Sul, é de 156 leguas, desde o *Cabo Ortegal*, na Galliza, até ao de *Tarifa*, na Andaluzia. De Leste a Oeste, regula por 200 leguas, desde o *Cabo de Creus*, na Catalunha, até ao *Cabo Finisterra*, na Galliza.

**População.**— Anda por 26 milhões de habitantes, segundo os melhores calculos, a saber:

Peninsula e Ilhas adjacentes (1).....	16.600:000
Ilhas Canarias, presidios e outros pontos da Africa.....	300:000
Ilhas de Cuba e Porto Rico, na America se- ptentrional.....	2.300:000
Ilhas Philippinas e demais Possessões na Oceania.....	6.800:000
	26.000:000

**Cabos mais notaveis.**— No Atlantico, começando pelo Norte, são os de *la Higuera, Machicaco, Ajo e Mayor, Penhas, Estacada, Ortegál, Prioro, Finisterra, Corrubedo, Trafalgar* (2) e *Tarifa*. No Mediterraneo, o de *Gata, Palos, Cervera, Santa Pola, Martín e Santo Antonio, Tortosa e Salou, S. Pedro, Maladaire, S. Sebastião, Estandi, Nerfeo e Creus*.

**Rios principaes.**— Os que se lanção no Atlantico são: 1.º, o *Téjo*; 2.º, o *Guadiana*; 3.º, o *Douro*; 4.º, o *Guadalquivir*; 5.º, o *Minho*.

Os outros mais consideraveis que se lanção no Mediterraneo são: 1.º, o *Ebro*; 2.º, o *Jucar*; 3.º, o *Segura*.

**Portos de mar.**— No Oceano Atlantico, *Bilbáo, Passages, S. Sebastião, Guetaria, Santander, Ferrol, Corunha, Vigo, Huelva, Porto de Santa Maria, Cadiz, etc.*

No Mediterraneo, *Algeciras, Marbella, Málaga, Almeria, Cartagena, Alicante, Valencia, Castellon de la Plana, Taragona, Tortosa, Barcelona, etc.*

**Portos para a marinha de guerra.**— *Ferrol, Cadiz e Cartagena*.

**Ilhas.**— As ilhas pertencentes á monarquia hespanhola podem reduzir-se a tres classes; a saber: *Peninsulares*, que estão como unidas á terra firme; destas umas são fluviaes, outras vizinhas das costas; *Adjacentes*, fóra

(1) *Reseña Geografico-Estadística de España*, por D. Fermin Caballero, 1868.

(2) Tendo a Hespanha declarado guerra á Inglaterra, por lhe haver a sua marinha apresado, em 1804, quatro fragatas que conduzião da America sete milhões de pesos duros, forão os hespanhoes vencidos no combate naval dado no dia 24 de Outubro de 1805, no Cabo de Trafalgar, sendo destruidas as esquadras hespanhola e franceza pela esquadra ingleza do commando do celebre almitante Nelson, que morreu de um tiro disparado na náó hespanhola *Trinidad*.

da Península, porém não muito distantes, e *Ultramarias*, quando ha que atravessar grande extensão de mar para se chegar a ellas. As *Ilhas fluviaes* mais notaveis são: as dos *Faisões* ou da *Conferencia*, no Bidassoa; a do *Deserto*, na ria de *Bilbáo*, etc. As Ilhas vizinhas das costas mais notaveis são: a de *Santo Antonio Abade*, em Guipuzcoa; as de *Izaro*, *S. Nicoláo de Bari*, na Biscaya, etc.

**Ilhas adjacentes.**—No Mediterraneo, as *Baleares*, que se compõe das *Ilhas de Mayorca*, *Minorca*, na qual ha o porto de *Mahon*, excellente ancoradouro, *Ivisa*, *Formentera*, etc. A capital destas ilhas é *Palma*, na de *Mayorca*.

No Atlantico, o Archipélago das *Canarias* (1), que comprehende a *Ilha de Teneriffe*, notavel pelo seu elevado pico, *Fuerteventura*, *Gomera*, *Gram-Canaria*, *Hierro* ou *Ferro*, *Lancerote*, etc. A capital do Archipélago é *Santa Cruz*, na *Ilha de Teneriffe*.

**Ilhas ultramarinas.**—São:

NA AFRICA: as *Ilhas de Fernando Pó* (2) e *Anno Bom*, no Golfo de Guiné (3).

NA AMERICA SEPTENTRIONAL:

Nas *Grandes Antilhas*, as *Ilhas de Cuba*, cuja capital é *Havana*; *Puerto Rico*, capital *S. Juan*: é a menor das mesmas ilhas.

Na *Ilha de Cuba*, alem da *Havana*, ha os seguintes portos: *Santiago de Cuba*, *Matanzas*, *Trinidad*, *Cienfuegos*, *Gibara*, *Nuevitas*, *Manzanillo*, *Baracoa*, *Santa Cruz*, *Espirito Santo* e *Remedios*.

NA OCEANIA:

1.º O ARCHIPÉLAGO DAS PHILIPPINAS, que comprehende as seguintes ilhas: *Luzon*, *Mindoro*, *Paragua*, *Panay*, *Maringique*, *Negros*, *Masbate*, *Zebú*, *Bahol*, *Leite*, *Samar* e *Mindanáo*. A capital deste Archipélago é *Manilha*, na *Ilha de Luzon*.

2.º As *Mariannas* ou dos *Ladrões* e as *Carolinas*.

3.º As *Ilhas Paláos*.

**Presidios de Hespanha em Africa.**—São

(1) As *Ilhas Canarias* forão geralmente conhecidas dos antigos pelo nome de *Ilhas Fortunadas*, por causa da sua agradável temperatura.

(2) Tem o nome do Portuguez *Fernando Pó*, que foi quem a descobriu.

(3) Foi tambem descoberta pelos Portuguezes no 1.º de Janeiro de 1471, que por isso chamáráo de *Anno Bom*, e cedida com a de *Fernando Pó* aos Hespanhoes, pelo Tratado do *Pardo* de 24 de Março de 1768.

os seguintes: *Ceuta* (1), *Peñon de la Gomerá*, *Alhucemas*, *Melilla*, etc.

Vendo a Hespanha constantemente ameaçadas as suas Praças de *Melilla*, *Peñon de la Gomera* e *Alhucemas* pelas indómitas tribus que habitão a costa de *Riff*, e não se tendo incluído *Ceuta* no Tratado que celebrára com o Imperador de Marrocos, em 24 d'Agosto de 1859, exigiu do governo marroquino, em consequencia das aggressões que posteriormente ao mesmo Tratado tiverão lugar contra a dita Praça de *Ceuta*, que se procedesse a novos limites da sua jurisdicção, tomando-se por base a demarcação da *Serra Bulhones*.

Negando-se porém o mesmo governo marroquino a levar a effeito aquillo que tão explicitamente havia concedido, viu-se a Hespanha compellida a emprehender a guerra, que deu em resultado o Tratado de paz, pelo qual adquiriu effectivamente augmento de territorio na Barbaria, e uma indemnisação de 20 milhões de pezos duros pelas despesas da guerra; ficando em poder dos Hespanhoes, como garantia, a cidade de *Tetuão*, com todo o territorio da jurisdicção do antigo *Bachálato* do mesmo nome, até se completar o pagamento da sobredita indemnisação (2).

**Lagos.**— Os mais notaveis são os de *Benavente*, *Antequera*, *Albufera*, *Gallo-Canta*, *Caracedo* e o de *Ruideras*.

#### **Canaes importantes:**

**CANAL IMPERIAL D'ARAGÃO.**— Principia perto de *Tudella*, na Navarra, e desagua no *Ebro*, nas immediações de *Zaragoza*. A parte navegavel tem perto de 87 kilómetros de comprimento.

**CANAL DE CASTELLA.**— Alimentado pelas aguas do *Pimer-ga*, e do *Carrion* para a navegação e movimento de maquinas.

**CANAL DA INFANTA, OU DA ESQUERDA DO LLOBREGAT**, perto de *Barcelona*.— Serve para regar 3:230 hectares de terreno, e para conducção de diversos artefactos.

**CANAL DA ALBUFEIRA DE VALENCIA.**— Destinado a estabelecer a navegação desde a *Villa de Sueca* a *Valencia*, atravessando o lago intitulado da *Albufeira*.

**CANAL D'IZABEL II.**— Tem por objecto abastecer *Madrid*

(1) Foi tomada aos Mouros em 1415 por D. João I, e cedida á Hespanha pelo Tratado de paz de 1668.

(2) No *Diario de Lisboa*, de 3 de Abril de 1860, vem transcriptas as bases do sobredito Tratado, datadas de 25 de Março, e approvadas pelo Governo hespanhol. Veja-se o *Diario de um testigo de la guerra d'África*, por D. Pedro Antonio de Alarcon.

d'agua potavel, e regar o seu termo, aproveitando as dos Rios Lozoya y Guadalue: o seu comprimento é de 70 kilómetros. Em 1862 começou a fornecer agua a alguns bairros daquella cidade.

**CANAL D'URGEL (Lérída).** — Serve para rega, e percorre uma linha de 152 kilómetros.

**CANAL DA DIREITA DO LLOBREGAT.** — Destinado a regar mais de 7:188 hectares de terreno, desde perto de Torreyas até passado Castell de Fells, na Provincia de Barcelona.

**Caminhos de ferro.** — Têm tido consideravel augmento nestes ultimos annos. Estão abertas ao publico, as linhas entre *Madrid, Irun, Valladolid, Almansa, Barcelona, Sevilha, Valencia, Miranda, Badajoz, Oviedo, Malaga* e diversos outros pontos, que o plano desta obra não permite enumerar.

**Capital de Hespanha.** — **MADRID**, cuja população regula por 300:000 almas. Está situada junto ao pequeno Rio *Manzanares*, que, em muitas partes, se passa a váo. Esta cidade não é muito grande; tem excellentes edificios, sendo o Palacio Real talvez um dos melhores da Europa; um lindo passeio publico, a que dão o nome de *Prado*, e varios Estabelecimentos litterarios e de Instrução Publica, etc.

**Cidades principaes.** — **BARCELONA**, porto de grande commercio e muita industria; — **SEVILHA**, sobre o Guadalquivir, famosa pelos seus edificios; — **GRANADA**, celebre pelos seus monumentos mouriscos; — **VALENCIA**, cidade muito industriosa, situada n'um territorio extremamente fertil; — **CORDOVA**, sobre o Guadalquivir; — **CADIZ (1)**, edificada pelos Fenicios ha 3:000 annos, famoso porto de mar e praça muito fortificada; — **MÁLAGA**, com um bom porto de mar e muito famigerada pelos seus vinhos; — **ZARAGOZA**, sobre o Ebro, antiga capital de Aragão; — **PALMA**; — **SANTIAGO**, celebre pela sua cathedral; — **CORUNHA**, vasto porto de mar; — **VALLADOLID**, etc.

**Minas.** — As que geralmente se conhecião, antes dos

(1) A alguma distancia de *Cadiz*, perto de Gibraltar, ha o Monte *Calpe*, e em frente, na Mauritania, o Monte *Abyla*. Conta a Fabula que proseguindo *Hercules* nas suas viagens, separou aquellas duas montanhas, quasi unidas, para fazer communicar o Mediterraneo com o Oceano. Julgando que as ditas montanhas erão o fim do mundo, mandou alli levantar duas columnas, nas quaes se suppõe que estava, em grego, a pertendida inscripção: *Non ultra*, para mostrar á posteridade que elle havia levado até alli as suas conquistas, não podendo ir mais ávante.

últimos descobrimentos, chegamão a 132, a saber: 20 de ouro; 48 de prata; 8 de chumbo; 34 de cobre; 16 de ferro; 3 de mercurio; 1 de lapislazulli; 2 de antimonio.

Actualmente são taes as minas descobertas, que na sua exploração se têm applicacado, e estão-se applicando immensos capitaes; formando assim um ramo de industria e especulação, que tem dado nova vida e actividade ás Provincias de Murcia, Cartagena e Andaluzia (1).

**Agricultura.** — Tem feito tantos progressos, ha tempos a esta parte, que só em cereaes tem augmentado mais do duplo do que produzia ha 30 annos.

**Governo.** — Tendo El-Rei D. Amadeu deposto a corôa em 11 de Fevereiro de 1873, foi acto continuo proclamada a *Republica* pelas Côrtes.

**Religião.** — Catholica apostolica romana.

**Lingua.** — A castelhana, idioma mais rico e expressivo de quantos se conhecem derivados do latim. — Algumas Provincias tem dialectos particulares, como: *Vascuense, Valenciano, Catalão, Navarro, Gallego, etc.*

**Industria.** — Ainda que a Hespanha se não pôde comparar neste ponto a outros Estados da Europa, aonde as artes têm chegado á sua maior perfeição, pôde contudo dizer-se affoutamente que está muito acima do estado do atrazo em que a querem suppôr. Tem excellentes fabricas de pannos, espelhos, papel, chitas, porcelana, sedas, luvas, aparelhos navaes, armas, etc.

**Praças de guerra mais notaveis.** — São: *Figueras, a Cidadella de Barcelona com Monjuich, Pamplona, Cartagena, Castello da Mota de S. Sebastião, Santoña, Corunha, Ciudad-Rodrigo, Badajoz, Cadiz, Alicante, etc.*

**Exercito e Marinha.** — Em consequencia dos acontecimentos a que deu lugar a abdicacão d'El-Rei D. Amadeu e a proclamação da Republica, tem soffrido tantas alteraçoes, que não é possível, por ora, apresentar um calculo exacto, tanto pelo que respeita ás forças de terra e de mar, como pelo que toca ao numero de embarcações de guerra.

**Instrucção publica.** — Não está atrazada como pensão os estrangeiros. Ha em Hespanha 10 Universidades, a saber: as de *Barcelona, Granada, Madrid, Oviedo, Salamanca, Santiago, Sevilha, Valencia, Valladolid, Zaragoza*; uma *Escola normal, Seminario de mestres; Collegio*

(1) Veirão-se — *La Revista minera e os Anales de minas.*

*militar; Escolas medico-cirurgicas; Collegio de surdos mudos e cegos; Escola de veterinaria; Conservatorio de musica e declamação; Escola de caminhos e minas; grande numero d'Escolas d'Instrucção Primaria pagas pelo Governo e por diversas corporações; 23 Institutos para o ensino secundario; varias Academias, etc.*

**Divisão territorial.** — A Hespanha dividia-se antigamente em varias Provincias, algumas dellas com a denominação de *Reino*, por terem n'outro tempo seus Soberanos particulares.

A actual divisão de Hespanha consta de 49 Provincias, que tomárão o nome de suas capitaes respectivas, á excepção das de *Navarra, Alava, Guipúzcoa e Biscaya*, que conservárão as suas antigas denominações.

Destas 49 Provincias, 47 são continentaes; as duas insulares são: as *Ilhas Baleares* e as *Ilhas Canarias*.

Estas provincias e capitaes são as seguintes:

Provincias	Capitães	Provincias	Capitães
Alava (PV) (1)...	Victoria.	Logroño (CV)...	Logroño.
Albacete (RM)...	Albacete.	Lugo (G).....	Lugo.
Alicante (RV)...	Alicante.	Madrid (CN)....	Madrid.
Almeria (AN)...	Almeria.	Malaga (AN) ...	Malaga.
Avila (CV) .....	Avila.	Murcia (RM)....	Murcia.
Badajoz (E).....	Badajoz.	Navarra (RN)...	Pamplona.
Barcelona (C)...	Barcelona.	Orense (G).....	Orense.
Biscaya (PV)...	Bilbáo.	Oviedo (PA)....	Oviedo.
Burgos (CV) ....	Burgos.	Palencia (RL)...	Palencia.
Caceres (E) .....	Caceres.	Pontevedra (G).	Pontevedra.
Cadiz (AN).....	Cadiz.	Salamanca (RL).	Salamanca.
Castellon de la } Castellon de la	Castellon de la	Santander (CV).	Santander.
Plana (RV).... }	Plana.	Segovia (CV)....	Segovia.
Ciudad Real (CN)	Ciudad Real.	Sevilha (AN)....	Sevilha.
Cordova (AN) ...	Cordova.	Sória (CV) .....	Sória.
Corunha (G)....	Corunha.	Tarragona (C) ...	Tarragona.
Cuenca (CN)....	Cuenca.	Teruel (RA) ...	Teruel.
Gerona (C).....	Gerona.	Toledo (CN)....	Toledo.
Granada (AN)...	Granada.	Valencia (RV)...	Valencia.
Guadalajara (CN)	Guadalajara.	Valladolid (RL).	Valladolid.
Guipúzcoa (PV).	S. Sebastian.	Zamora (RL)....	Zamora.
Huelva (AN).....	Huelva.	Zaragoza (RA)..	Zaragoza.
Huesca (RA)....	Huesca.	Ilhas Baleares..	Palma.
Jaen (AN).....	Jaen.	Ilhas Canarias. }	Santa Cruz de
Leon (RL).....	Leon		Teneriffe.
Lérída (C).....	Lérída.		

(1) Estas iniciaes significão a Provincia a que antigamente pertencião: PV, quer dizer *Provincias Vascongadas* — RM, *Reino de Murcia* — AN, *Andaluzia* — CV, *Castella a Velha* — CN, *Castella a Nova* — E, *Estremadura* — G, *Catalunha* — RA, *Reino d'Aragão* — RV, *Reino de Valencia* — RL, *Reino de Leão* — RN, *Reino de Navarra* — PA, *Principado das Asturias*.

**Commercio.** — Os principaes artigos d'exportação consistem em vinho, aguardente, azeite, lã, laranjas, limões, passas, figos, amendoas e outros fructos, seda, sal, soda, cortiça, sardinhas salgadas, merinos e cavallos andaluzes, enxofre, mercurio, esparto e chumbo.

**Republica d'Andorra.** — Esta pequena Republica fica na Catalunha, na vertente meridional dos Pyrenéos entre *Foix*, em França, e *Urgel*, em Hespanha. Occupa o valle d'*Andorra*, regado pelo *Balira*, affluente do *Segre*, que entra no *Ebro*.

A população regula por 5:000 almas, pouco mais ou menos.

A mesma Republica acha-se debaixo da protecção da França e do Bispo d'*Urgel*. De dois em dois annos, paga a Republica á França 960 francos, e annualmente ao Bispo d'*Urgel*, 891 francos.

## EUROPA MERIDIONAL

### PORTUGAL

**Situação.** — É o Reino mais occidental da Europa.

**Limites.** — Confina ao Norte e a Leste com a *Hespanha*; a Oeste e Sul com o *Oceano atlantico*.

**Dimensões.** — O seu maior comprimento, de Norte a S., isto é, de Melgaço ao Cabo de Santa Maria, anda por 103 leguas das de 20 ao gráo; e a sua maior largura, de O. a L., isto é, do Cabo da Roca até ao Campo Maior, por 44 leguas (1).

**Governo.** — Monarquico representativo.

**Tratamento do Rei de Portugal.** — Tem

(1) A este respeito ha notavel divergencia da parte dos auctores que tem tratado esta materia. Este calculo pôde dizer-se o mais approximado e provavel, deduzindo-se, em parte, dos trabalhos geodesicos de alguns Governadores Civis, etc.

o de *Magestade Fidelissima* que o Papa Benedicto XIV concedeu, em 1748, a El-Rei D. João V e seus successores.

**Religião.** — Catholica apostolica romana. Ha porém nas Provincias Ultramarinas da Africa, Asia e Oceania subditos portuguezes de outras religiões.

**Divisão geographica ou territorial.** — Consta de oito Provincias no continente, e de quatro nas Ilhas adjacentes, a saber: *Minho, Douro, Traz-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alemtejo e Algarve.*

As Ilhas adjacentes da *Madeira*, em Africa, e as dos *Açóres*, na Europa, formão as quatro *Provincias da Madeira*, e *Oriental, Central e Occidental dos Açóres.*

As Provincias ultramarinas são seis, a saber: 1.º Provincia de *Cabo Verde*; 2.º, de *S. Thomé e Príncipe*; 3.º, de *Angola*; 4.º, de *Moçambique*; 5.º, do *Estudo da India*; 6.º, de *Macau e Timor.*

**Divisão administrativa.** — *Portugal e Ilhas Adjacentes* dividem-se em 21 *Districtos Administrativos*, sendo 17 no Continente e 4 nas *Ilhas Adjacentes.*

Provincias	Districtos Administrativos
MINHO.....	{ <i>Vianna do Castello.</i> <i>Braga.</i> (1)
DOURO.....	{ <i>Porto.</i> <i>Aveiro.</i> <i>Coimbra.</i>
TRAZ-OS-MONTES.....	{ <i>Villa Real.</i> <i>Bragança.</i>
BEIRA ALTA.....	<i>Vizeu.</i>
BEIRA BAIXA.....	{ <i>Guarda.</i> <i>Castello Branco.</i>

(1) Os nomes das cidade que vão em typo diverso, são as capitães das Provincias.

ESTREMADURA.....	{ Lisboa. Santarem. Leiria.
ALEMTEJO.....	{ Portalegre. Evora. Beja.
ALGARVE.....	Faro.

### Ilhas Adjacentes

MADEIRA — Capital, **Funchal**.

ORIENTAL DOS AÇORES — Capital, **Ponta Delgada**.

CENTRAL DOS AÇORES — Capital, **Angra do Heroismo**.

OCCIDENTAL DOS AÇORES — Capital, **Horta**.

A PROVINCIA DA MADEIRA comprehende tres ilhas: *Madeira, Porto Santo e Deserta*.

A PROVINCIA ORIENTAL DOS AÇORES comprehende duas ilhas: *Santa Maria e S. Miguel*.

A PROVINCIA CENTRAL DOS AÇORES comprehende quatro ilhas: *Terceira, S. Jorge, Graciosa e Pico*.

A PROVINCIA OCCIDENTAL DOS AÇORES comprehende tres ilhas: *Fayal, Flores e Corvo*.

Os *Districtos Administrativos* são regidos por Funcionarios denominados *Governadores Civis*; dividem-se em *Concelhos*; cada um destes tem uma *Camara Municipal*. Os concelhos subdividem-se em *freguezias* (1).

**Divisão Militar.**— O territorio do continente do Reino e Ilhas adjacentes divide-se em 5 Divisões militares. A 1.<sup>a</sup> compõe-se dos seguintes Districtos: *Lisboa, Santarem, Leiria e Funchal*; a 2.<sup>a</sup>, *Vizeu, Guarda, Aveiro, Coimbra e Castello Branco*; a 3.<sup>a</sup>, *Porto, Braga, Vianna, Villa Real e Bragança*; a 4.<sup>a</sup>, *Portalegre, Evora, Beja e Faro*; a 5.<sup>a</sup>, *Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Horta* (2).

(1) Veja-se o *Codigo Administrativo*.

(2) Decreto de 13 de Dezembro de 1869, publicado na *Diario do Governo* de 21 do mesmo mez.

**População.**— A dos 21 *Districtos Administrativos*, segundo o *Diário do Governo* de 20 de Julho de 1874, consta de 4.286:995 almas; e junta á das *Provincias Ultramarinas*, excede a 6 milhões d'almas.

**Divisão judicial.**— Comprehende 5 *Districtos*, ou *Provincias judiciaes*, cujas capitães são: *Lisboa, Porto, Ponta Delgada, Góá e Loanda*.

AO DISTRICTO JUDICIAL OU DA RELAÇÃO DE LISBOA competem os 8 *Districtos Administrativos* do continente: *Castello Branco, Leiria, Lisboa, Santarem, Portalegre, Evora, Beja, Faro*; e o do *Funchal* e as *Ilhas de Cabo Verde*.

AO DISTRICTO JUDICIAL OU DA RELAÇÃO DO PORTO competem os 9 *Districtos Administrativos*: *Vianna do Castello, Braga, Porto, Villa Real, Bragança, Aveiro, Coimbra, Vizeu e Guarda*.

AO DISTRICTO JUDICIAL OU DA RELAÇÃO DOS AÇORES pertencem: *Angra do Heroismo, Horta e Ponta Delgada*.

AO DISTRICTO JUDICIAL OU DA RELAÇÃO DE GOA compete todo o mais territorio aqui não especificado.

AO DISTRICTO JUDICIAL DE LOANDA pertencem as Comarcas de *Loanda, Benguella e S. Thomé* (1).

Ha em Lisboa um *Supremo Tribunal de Justiça*, bem como um *Supremo Conselho de Justiça militar*. Ha tambem um *Tribunal de commercio* para julgar os negocios mercantis.

**Divisão ecclesiastica.**— Consta de 1 Patriarcado, que é o de *Lisboa*; 2 Arcebispados: o de *Braga*, cujo Prelado tem o titulo de *Primaz das Hespanhas* (2), e o de *Evora*; e 16 Bispados, a saber: *Porto, Bragança, Coimbra, Aveiro, Lamego, Vizeu, Pinhel, Guarda, Castello Branco, Leiria, Elvas, Beja, Portalegre, Algarve, Funchal e Angra*.

**Instrução Publica.**— Nos 21 *Districtos Administrativos* existem 2:300 escolas (3) de *Instrução Primaria* pagas pelo Governo, e bem assim varias outras, á custa de *Municipalidades* e *Confrarias*, alem de muitas particulares.

Para a *Instrução Superior* existem a *Universidade de*

(1) Veja-se o Decreto de 30 de Dezembro de 1852, transcripto no *Diário do Governo* de 13 de Janeiro de 1853.

(2) O Arcebispo de Toledo tem igualmente o titulo de *Primaz das Hespanhas*, que disputa com o de Braga.

(3) Relatório sobre o Projecto de lei da Instrução Primaria. *Diário do Governo* de 23 de Janeiro de 1872.

Coimbra, a *Escola Polytechnica* e as *Escolas medico-cirurgicas de Lisboa, Porto e Funchal*. Na dita Universidade ha cinco Faculdades, a saber: *Faculdade de Direito, Faculdade de Philosophia, Faculdade de Mathematica, Faculdade de Medicina, Faculdade de Theologia*.

Ha tambem Escolas de *Instrucção Especial*, a saber: 1.º as *Academias de Bellas Artes* em Lisboa e Porto, consagradas ao ensino do *Desenho, Pintura, Architectura e Gravura*; 2.º, o *Conservatorio Real de Lisboa*, a que estão ligadas as *Escolas de declamação e musica*.

Em cada capital de Districto ha um Lyceu de 1.ª ou 2.ª classe: os de *Lisboa, Coimbra e Porto* são de 1.ª classe.

Nas Provincias Ultramarinas, principalmente na de Angola, achão-se estabelecidas muitas Escolas de *Instrucção Primaria*.

**Aspecto do terreno e clima.**—O nosso solo, pela maior parte, é montuoso, e o clima, geralmente fallando, é benigno, temperado e saudavel, e só tem nesta ultima qualidade, excepções em alguns sitios pantanosos.

**Principaes produções.**—Portugal abunda em generos de primeira necessidade, taes como cereaes, vinho, azeite, fructas, carnes, peixe, sal, etc.

**Commercio.**—Infelizmente a falta de boas estradas, de canaes e rios navegaveis é um grande obstaculo para o desenvolvimento do *commercio interno*; comtudo as praças mais importantes para o mesmo commercio, são: *Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, Bragança, Coimbra, Leiria, Covilhã, Portalegre, Elvas e Evora*. Quanto ao *commercio externo*, consistem os generos d'exportação em vinhos do Douro, da Madeira e dos arredores de Lisboa e Setubal, laranja, limão, sal, figos, lã, amendoas, cortiça, cebolas, carne ensacada, azeite, etc. Os principaes portos commerciaes são: *Lisboa, Porto, Setubal, Figueira, Aveiro, Vianna do Castello, Faro, Lagos, Villa Real de Santo Antonio e Villa Nova de Portimão*.

Ha ainda varios outros, mas de pouca importancia para negocio,

Os generos que Portugal principalmente importa são:

DE INGLATERRA, pannos de lã, algodão, linho, chitas, fazendas de seda, bacalhão, manteiga, ferragens, tintas, drogas, cerveja, carvão de pedra, etc.

DE FRANÇA, quinquilherias, sedas, velludos, rendas, pannos, livros, vinhos, licores, etc.

DE HOLLANDA, queijo, manteiga, genebra, madeira de pinho, etc.

DE SURCIA, feito, madeira, linho, etc.

DA RUSSIA, linho, canhamo e madeira.

DE GENOVA, algum papel, queijo parmezão, etc.

DOS ESTADOS UNIDOS, generos coloniaes e farinha.

DO BRASIL, assucar, café, cacáo, salsa parrilha, arroz, couros, (1) etc.

Alguns annos ha em que Portugal necessita importar cereaes, gado vaccum e cavallar.

**Industria.**—É sobre maneira lisongeiro o estado de adiantamento em que se acha a industria manufactureira. Diversas fabricas, especialmente de tecidos de lã e algodão e de fundição de ferro, tem sido, nestes ultimos tempos, estabelecidas no Reino, havendo apparecido diversos artefactos que muito honrão os artistas portuguezes, alguns dos quaes forão premiados na *Exposição Universal de Londres de 1851*, e na de *Paris de 1867* e *Viena em 1873*.

**Exercito.**—A força de terra para o anno de 1874 foi fixada em 30:000 praças de pret de todas as armas; devendo porém ser licenciada toda a que puder dispensar-se sem prejuizo do serviço. O contingente para o exercito foi tambem fixado em 40:000 recrutas. Quanto á reserva, póde, segundo a lei de 9 de setembro de 1868, calcular-se em 70:000 praças.

**Marinha militar.**—A força naval para o referido anno de 1874 foi fixada em 2:850 praças distribuidas por 6 corvetas e 4 canhoneiras a vapor; 1 fragata de vela escola pratica de artilheria naval; 1 corveta e 2 escunas de vela; 1 transporte a vapor e 1 transporte de vela; 2 vapores, 1 hiate e 1 cutter para o serviço da fiscalisação das alfandegas.

Para se fazer uma idéa da força naval portugueza durante a epoca da nossa gloria, bastará dizer que El-Rei D. JOÃO I tomou a praça de Ceuta n'um só dia, a 21 de Agosto de 1485, acompanhado de uma poderosa armada de mais de 200 vasos de guerra e de transporte. Em 13 de Junho de 1515, partiu para o Reino de *Fez*, a fazer uma colonia no *Rio Almanza*, o Capitão Mór, ou Chefe D. ANTONIO DE

---

(1) Os generos que Portugal importa da America, taes como; algodão, assucar, café, poderia te-los das suas Provincias Ultramarinas, se fossem bem governadas.

NORONHA com mais de 400 embarcações. Em 17 de Agosto do mesmo anno, sahiu D. JAIME DE BRAGANÇA para a tomada d'Azamor, Tite e Almedim, levando uma armada de mais de 400 velas, em que ião 18:000 homens de pé e 2:500 cavallos, e a qual foi arranjada em quatro mezes (1). Quando El-Rei D. SEBASTIÃO partiu, em 1578, para a infeliz expedição da Africa, querem uns que fosse seguido de 900 embarcações, entre galés, galeões, urcas, náos, caravelas, etc.; outros de 1:000 (2); finalmente ainda quando o *Principe Real*, depois D. JOÃO VI, embarcou para o Brasil, em 1807, foi acompanhado de 8 náos de linha, 4 fragatas, 3 brigues e 1 escuna; ficando muitas outras embarcações de guerra em Lisboa e nas nossas possessões.

**Cabos mais notaveis de Portugal.**— São o da *Roca*, que é a ponta de terra mais occidental da Europa; o *Cabo Carvoeiro*, na Península de Peniche, de frente do qual estão as *Ilhas Berlengas*, aonde ha um farol e os rochedos chamados *Farilhões*; o *Cabo d'Espichel*, ao Sul do Tejo; o *Cabo de S. Vicente* e o de *Santa Maria*, no *Algarve*.

**Rios principaes.**— São, começando pelo Norte:

1.º O MINHO, cuja nascente é na Galliza, e tem um curso de 60 leguas. Em alguns pontos, serve de fronteira, e entra no mar em Caminha, sendo navegavel até á distancia de 6 leguas para barcas pequenas. As suas margens são populosas e mui pittorescas.

2.º O LIMA nasce na Galliza, e é navegavel desde Viana do Castello (abaixo da qual desemboca no Oceano atlantico) até Ponte de Lima: as suas margens são lindissimas.

3.º O CAVADO nasce na Serra do Gerez, na Provincia do Minho, e fórma em Espozende um porto de pouca importancia: é navegavel até Barcellos.

4.º O DOURO é um dos maiores rios da Península. Nasce no Monte Urbion, na Provincia de Soria (na Castella a Velha). Entra em Portugal junto a Miranda; o seu curso rapido e impetuoso é quasi sempre por entre montanhas e rochedos. É navegavel desde a raia; passa pela Regua, em cuja visinhança se produzem os famosos vinhos ditos

(1) Veja-se — *Panorama* de 1840, pag. 288.

(2) Idem — *Portugal cuidadoso e lastimado com a vida e perda do Senhor Rei D. Sebastião*, pag. 256, pelo Padre JOSÉ PEREIRA BAYÃO.

do *Porto*; fórma o porto da cidade daquelle nome, e entra no mar em S. João da Foz, d'alli a uma legua.

Os seus affluentes são: á direita, o *Sabor*, o *Tua* e o *Tâmega*; e á esquerda, o *Agueda*, que fórma a raia de Hespanha, e o *Coa*.

5.º O *VOUGA* nasce nas montanhas da Beira Alta, e é navegavel desde S. Pedro do Sul até Aveiro, cuja barra se entulha facilmente.

6.º O *MONDEGO* é o maior dos rios que nascem em Portugal. A sua origem é na Serra da Estrella: corta os vastos e fertes campos de Coimbra (sendo alli as suas margens mui lindas), e Monte-Mór-o-Velho, e fórma na Figueira um porto pequeno, mas de não pouco commercio. É navegavel até á Foz-Dão para barcos sem quilha.

7.º O *TEJO* nasce em *Fuente Garcia*, na Serra de Cuenca. É um dos primeiros rios da Península, e o principal de Portugal. No seu curso, de 170 leguas, pouco mais ou menos (1), recebe as aguas de numerosos affluentes, sendo em Portugal os principaes, o *Esla*, o *Zezere*, o *Sever* e o *Sorraya*.

O *TEJO* é navegavel desde a fronteira, porém, com facilidade, sómente de Abrantes para baixo (2), passando por Santarem, Villa Franca e Lisboa, aonde fórma um dos mais vastos e seguros portos do mundo. No reinado de Filippe II, tornou-se o *Tejo* navegavel desde Abrantes até Toledo e Aranjuez, e por um dos affluentes até Madrid.

Em 1828, com o fim de tornar outra vez navegavel o Tejo desde Aranjuez até Lisboa, verificou o architecto *Marco-Artu* o reconhecimento do mesmo rio entre aquelles dois pontos; porém apesar das diligencias e despezas que então se fizerão, ficou tudo em projecto (3).

8.º O *SADO* OU *SADÃO* vem das Serras do Algarve, banha as villas de Alcacer do Sal e Setubal, aonde se lança no Oceano: é navegavel até Porto d'ElRei, isto é, por espaço de 14 leguas

9.º O *MIRA* OU *ODEMIRA* nasce nas serras do Algarve;

(1) São diversas as opiniões dos geógraphos sobre o comprimento deste rio: uns dão-lhe 150 leguas, outros 170, outros 200.

(2) Veja-se *Mappa de Portugal*, por JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, 2.ª edição, tomo 4.º, pag. 99.

(3) Veja-se o *Panorama* de 1840, pag. 214, e a *Memoria que tiene por objeto manifestar la posibilidad y facilidad de hacer navegable el Rio Tejo desde Aranjuez hasta el Atlantico*, por el Brigadier D. FRANCISCO XAVIER DE CABANES, impressa em Madrid em 1829.

fôrma o porto de Villa Nova de Milfontes, e só para hia-tes é navegavel até Odemira.

10.º O PORTIMÃO tem igualmente a sua origem na Serra de Monchique no Algarve. Fôrma o porto de Villa Nova de Portimão, o melhor do Algarve: é navegavel até Silves.

11.º O GUADIANA é um dos grandes rios da Peninsula. Nasce na lagoa chamada *Ruidera*, na Mancha; entra em Portugal, em Jerumenha, atravessa o Alemtejo, separa o Algarve da Provincia de Huelva (segundo a divisão moderna de Hespanha), isto é, desde a sua confluencia com a Ribeira de Chansa até á sua foz entre Villa Real de Santo Antonio e Ayamonte: é navegavel até Mertola. Tem 150 leguas de extensão desde a sua nascente até ao mar.

**Portos principaes.**—Notaremos de N. a S., os seguintes:

Na PROVINCIA DO MINHO: *Caminha*, na foz do Rio Minho; *Vianna do Castello*, na margem direita e perto da foz do Lima.

Na PROVINCIA DO DOURO: *Villa do Conde*, na foz do rio Ave; *Porto*, na margem direita do Rio Douro, a pouca distancia da sua foz; *Aveiro*, na foz do Rio Vouga; *Figueira*, na foz do Rio Mondego.

Na PROVINCIA DA ESTREMADURA: *Lisboa*, na margem direita do Rio Tejo, e a pouca distancia da sua foz; *Setubal*, na margem direita do Rio Sado.

Na PROVINCIA DO ALGARVE: *Sagres*, perto do Cabo de S. Vicente; *Lagos*, com uma vasta bahia; *Villa Nova de Portimão*, sobre o Rio Portimão; *Faro*, perto da foz do Rio Valformoso; *Tavira*, na embocadura do Rio Sequa; *Villa Real de Santo Antonio*, perto da foz do Rio Guadiana, fronteira a Ayamonte.

### **Serras principaes:**

Na PROVINCIA DO MINHO: a *Serra de Suajo* e a do *Ge-rez*.

EM TRAZ-OS-MONTES: a *Serra do Montezinho*, do *Marão* e de *Nogueira*.

Na BEIRA ALTA: a *Serra do Caramulo* e do *Bussaco*.

Na BEIRA BAIXA: a *Serra da Estrella*.

Na ESTREMADURA: a *Serra de Minde*, *Montejunto*, *Cintra* e *Arrabida*.

NO ALEMTEJO: a *Serra d'Ossa*, de *Portalegre* e de *Marvão*.

NO ALGARVE: a *Serra de Monchique*, *Foia*, *Picota*, *Monte-Figo* e *Monte Gordo*.

**Principaes caldas ou aguas thermaes:**

Na PROVINCIA DO MINHO: *as do Gerez, Caldellas, Vizella e Santo Antonio das Taipas.*

Na BEIRA ALTA: *as de S. Pedro do Sul.*

Na ESTREMADURA: *as Caldas da Rainha*, junto a Obidos: são as mais celebres e frequentadas.

No ALGARVE: *as de Monchique* (1).

**Minas.**—Em Portugal encontram-se *Minas de ouro, prata, estanho, cobre, chumbo, ferro, carvão de pedra, etc.* (2).

**Caminhos de ferro.**—Está concluído o da linha do Norte, isto é, de Lisboa ao Porto; o da linha de Leste, de Lisboa a Badajoz, e da linha do Sul, do Barreiro a Beja, e ramaes d'Evora, Estremoz e Setubal

De Beja proseguem os trabalhos na direcção do Algarve.

**Caminhos de ferro pelo systema americano, puxados por cavallos ou muires.**—Achão-se já estabelecidos do Porto a S. João da Foz, e em Lisboa desde a estação do caminho de ferro até Pedrouços.

**Caminhos de ferro Larmanjat.**—Estão abertas ao publico as linhas de Lisboa a Cintra, e de Lisboa a Torres Vedras.

**Telegrapho electrico.**—Acha-se estabelecido para diversos pontos de Portugal, desde 1855, em que se deu principio aos respectivos trabalhos; havendo começado a transmissão dos despachos (taxados), para o paiz, em 20 de Julho de 1857, e para fóra do Reino, em 25 de Setembro do mesmo anno.

## Provincia do Minho

**Produções.**—Esta Provincia produz vinho (verde quasi por toda a parte, maduro em Monção, Melgaço e alguns sitios do Lima), muito milho, linho e laranja,

(1) Veja-se *Mappa de Portugal*, por JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, 2.<sup>a</sup> edição, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 156.

(2) *Idem*, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 469, e *Relatorio do Ministerio do Reino ás Côrtes em 30 de Março de 1849.*

cortiça, gado suino, vaccum, caça grossa e miuda e muito peixe.

### Principaes povoações

**Braga.**—Cidade antiquissima, ao S. do Cávado, em uma planicie regada pelo Rio d'Este, a 8 leguas do Porto, e 60 de Lisboa: é muito industriosa; foi côrte dos Reis Suevos. Tem bons edificios.

**Vianna do Castello.**—Elevada á cathogoria de cidade. (1) Está situada sobre a margem direita do Rio Lima: o seu porto é assás frequentado, e a sua entrada defendida por um bom castello.

**Guimarães.**—Cidade muito industriosa, creada por decreto de 22 de junho de 1853 (2). Foi patria d'El-Rei D. Affonso Henriques, e a primeira côrte dos Reis de Portugal. Tem excellentes arredores: a uma legua ficão as Caldas de Vizella; e tambem, a pouca distancia, os banhos de Santo Antonio das Taipas, ambos estes banhos muito frequentados.

**Valença.**—Sobre o Minho, é uma praça forte com boas fortificações em frente de Tuy.

**Caminha.**—Villa situada a meia legua ao Sul da barra do Minho, defronte da insua que antigamente era península na maré baixa.

Ha ainda outras povoações na *Provincia do Minho* de que dariamos ampla noticia, se o plano desta obra o permittisse; taes são: *Melgaço* e *Monção* (praças fortes), *Ponte de Lima*, *Villa Nova da Cerveira*, *Barcellos*, *Esposende*, *Pocoa de Lanhoso*, *Villa Nova de Famalicão*, etc. (3).

## Provincia do Douro

**Produccões.**—A Provincia do *Douro* abunda em milho, feijão, trigo, centeio, azeite, castanhas, toda a qualidade de fructos, muita hortaliça, e principalmente em excellente vinho, geralmente conhecido pelo nome de *Vinho do Porto*, muito estimado tanto em Portugal como nos outros paizes.

(1) Veja-se o *Diario do Governo* de 3 de Março de 1848.

(2) Publicado no *Diario do Governo* de 5 de Julho de 1853.

(3) Veja-se a obra intitulada *As cidades e villas da monarchia portugueza que tem brazões d'armas*, por I. DE VILHENA BARBOSA.

### Principaes povoações

**Porto.**—Cidade situada na margem direita do Rio Douro, notavel pela sua industria e pelo seu commercio, sendo o principal o dos *Vinhos do Alto Douro*, de que chega a exportar 40:000 (e mais) pipas por anno. Possui Estabelecimentos de beneficencia e scientificos. A sua ponte pensil ou suspensa, é digna de attenção.

**Coimbra.**—Cidade situada sobre o Mondego. Foi côrte dos Reis mouros, e depois de Reis portuguezes. Os arredores são mui fertéis, especialmente em milho e azeite. Tem uma universidade com observatorio, livraria, jardim botanico, museu, etc. Foi nesta cidade que teve lugar o facto cantado por *Camões* no famoso episodio de *D. Ignez de Castro*. Perto de Coimbra está a *Fonte das lagrimas*, que a tradição associa á memoria daquella infeliz Princeza.

**Aveiro.**—Cidade sobre a ria do seu nome, e perto da foz do Vouga. No seculo xvi tinha 150 embarcações proprias. Em alguns annos chegou a armar 60 para a pesca do bacalháo no Banco da Terra Nova. A exportação de *Aveiro* reduz-se a sal, laranja e cortiça. Perto desta cidade está a grande fabrica de vidros e porcellana da *Vista Alegre*.

Além destas povoações, ha ainda a notar: *Penafiel*, cidade, e as villas de *Amarante*, *Povoa de Varzim*, *Villa do Conde*, *Angeja*, *Anadia*, *Feira*, *Oliveira de Azmeis*, *Figueira da Foz*, *Ovar*, *Arganil*, *Louzã*, *Miranda do Corvo*, *Soure*, etc.

### Provincia de Traz-os-Montes

**Principaes produccões.**—A Provincia de *Traz-os-Montes* abunda em excellentes vinho, azeite, trigo, centeio, milho, castanhas, batata, amendoa e mui saborosa fructa, passas d'uvas, figos e pecegos, optima carne de porco, seda, lã, mel, cera, gado vaccum e lanigero, caça grossa e miuda, etc.

### Principaes povoações

**Chaves.**—Praça forte sobre a margem direita do Rio Tâmega. Tem uma ponte ainda do tempo dos Romanos,

e algumas outras antiguidades. É fundação dos mesmos Romanos.

**Bragança.**—Cidade situada junto do pequeno Rio Fervença, que entra no Tabor. É assás commerciante, e possui fabricas de velludos e outros tecidos de seda e algodão. Foi fundada por *D. Sancho I* em 1187.

**Miranda do Douro.**—Cidade sobre a margem direita do Douro, que a separa da Hespanha. Era forte e povoada; hoje está desmantelada e com pequena população. Foi reedificada por *D. Affonso Henriques*.

**Villa Real.**—É situada sobre o Rio Corgo, em paiz fertil em vinho, milho e deliciosas fructas. Póde ser considerada como a terra principal da Provincia. Foi fundada por *D. Diniz*.

**Torre de Moncorvo.**—Esta villa está situada em un espaçoso valle ao pé do Monte Roboredo, entre os dois Rios Douro e Sabor; o primeiro dos quaes corre a duas leguas da povoação, e o segundo, a pouco mais de meia legua. No tempo do *Marquez de Pombal* houve alli uma grande cordoaria para embarcações. Alguns attribuem a sua fundação a *D. Affonso II*, no anno de 1216.

**Mirandella.**—Lindamente situada sobre a margem esquerda do Tua, com bella ponte de 18 arcos. O paiz é doentio, porém mui fertil em trigo, bons melões, excellente hortaliça, etc.

**Pezo de Regoa.**—Perto da confluencia do Corgo e Douro. A extincta *Companhia dos Vinhos do Alto Douro* alli fundou armazens, e o importante ramo de commercio dos vinhos foi em tal augmento, que na feira que se fazia na Regoa, subia o valor das vendas daquelle genero a alguns milhões de cruzados.

As outras povoações desta Provincia, são: *Mondim de Basto, Mezãozrie, Monforte de Rio Livre, Murça (de Panoias), Ruivães, Villa Pouca de Aguiar, Freixo d'Espada à Cinta, Alfandega da Fé, Mogadouro, Villa Flór, Vimioso, Vinhaes, etc.*

## Provincia da Beira Alta

**Produções.**—A Provincia da *Beira Alta* é fertil em vinho, trigo, centeio, milho, laranja, amendoas, castanha, bolota, batatas, sunagre, seda, lã, mel, cera, queijos, gado vaccum e lanigero, gado suino, caça grossa e miuda.

### Principaes povoações

**Vizeu.**—Cidade entre os dois Rios, Mondego e Vouga. A sua cathedral é uma das mais antigas do Reino; a chamada *Cava de Viriato* e outras antiguidades são dignas de admiração. Attribute-se a sua fundação aos Turdulos, 500 antes da Era christã.

**Lamego.**—Cidade a pouca distancia do Douro. É regada pelo Rio Balsemão que se lança no mesmo Douro. Foi côrte de Reis mouros. Pertendem alguns escriptores que na Igreja de Santa Maria de Almacave desta cidade forão celebradas, em 1143, as primeiras Côrtes de Portugal, que por isso se ficarão chamando *Côrtes de Lamego*.

Pertencem tambem a esta Provincia as seguintes villas: *Castro Daire, Mangualde, Oliveira de Frades, S. Pedro do Sul, Tondella, Vouzella, etc.*

### Provincia da Beira Baixa

**Produccões.**—Vinbo, azeite, trigo, milho, centeio, laranja, castanha, linho, seda, lã, m l, cera, queijos, gado lanigero, vaccum, cavallar, porcos, caça grossa e miuda.

**Castello Branco.**—Cidade entre as ribeiras de Ponsul e de Vereza, em distancia de pouco mais de tres leguas do Tejo. Attribute-se aos Templarios a fundação desta cidade.

### Principaes povoações

**Guarda.**—Cidade a pouca distancia da nascente do Mondego, situada em uma parte do antigo Monte *Hermínio*, hoje conhecido pelo nome de *Serra da Estrella*. Diz-se desta cidade que é *farta, feia e fria*. Foi reedificada por *D. Sancho I*, no anno de 1197. Tem uma cathedral de excellente architectura.

**Pinhel.**—Cidade nas margens do rio deste nome, que vai lançar-se no Cóa. Attribute-se aos Turdulos a sua fundação. Faz grande commercio em meias de lã, etc.

**Covilhã.**—Nas abas da *Serra da Estrella*; tem fabrica de pannos.

Outras povoações notaveis ha ainda na mesma Provin-

cia, taes são: *Almeida, Castello Rodrigo e Monsanto* (praças fortes), *Céa, Celorico da Beira, Certã, Fornos de Algodres, Freixo de Numão, Fundão, Gouvêa, S. João da Pesqueira, Penamacór, Sortelha, Trancoso, Villa Nova de Foscóa, Villa de Rei, etc.*

## Provincia da Estremadura

**Produções.**— Muito trigo, milho, azeite, laranjas, peixe, gado vaccum e cavallar, vinhos de que exporta grande quantidade, conhecidos nos mercados estrangeiros pelo nome de *Vinhos de Lisboa*, pinho optimo para construcção de navios, sal, etc.

### Principaes povoações

**Lisboa.**— Cidade famosa que já existia antes da conquista dos Romanos, chamada então *Olysipo* ou *Felicitas Julia*. Está situada em 38° 42' 40'' de latitude septentrional, a 5 leguas do Oceano, e eleva-se em amphitheatro, e com magnifica apparencia, pelas collinas e montes da margem direita do Tejo. Esta cidade, uma das mais bellas do mundo, especialmente o bairro chamado a *cidade baixa*, reedificada depois do terremoto de 1755, e que d'antes era, em geral, mal calçada e pouco acieada, tem-se tornado, nestes ultimos annos, muito mais commoda e limpa. Ha nella varios edificios e estabelecimentos notaveis, taes são: a *Sé* ou *Cathedral*; a igreja de *S. Vicente de Fóra*, jazigo dos nossos Reis da Casa de Bragança; a *igreja da Estrella*, que tem uma soberba cupula; a igreja denominada da *Conceição Velha*, e outras muitas cuja enumeração seria assás extensa. O *Arsenal da Marinha* e a *Cordoaria*, a meia legua de distancia, são magnificos estabelecimentos, assim como a *Alfandega*, que fórma um lado da *Praça do Commercio*, no Terreiro do Paço, sobre o Tejo, que é uma das mais vastas e bellas da Europa; está nella a soberba *Estatua equestre d'El-Rei D. José I.*— Os excellentes *Hospitaes de S. José*, da *Marinha* e *Militar*, a *Casa da Misericordia*, o *Terreiro Publico*, o *Arsenal do Exercito* merecem particular menção.

Foi em Lisboa que se cultivou a primeira laranjeira chamada da China, que, no seculo xvii, trouxe D. Fran-

*cisco Mascarenhas*, e d'ahi se propagou pelo Reino e por algumas outras partes da Europa (1).

Nos arredores de Lisboa apontaremos os seguintes sitios: OEIRAS, com a bella quinta do *Marquez de Pombal*, que chegou a render 150:000 cruzados. Ainda alli se vêem os trabalhos da canalisação do rio d'Oeiras, perto da barra, ao qual tinhão de reunir-se outros; porém o desvalimento do grande homem, não o deixou completar tão util empreza, o que em parte facilitaria o transporte das producções do interior, e até das visinhanças de *Cintra*; CAXIAS, notavel pela linda quinta Real que alli ha; QUELUZ, com um grande Palacio Real e uma soberba quinta e tapada; CINTRA, a quatro leguas de *Lisboa*, famosa pela verdura perpetua que cobre a sua serra, e pela frescura do seu clima. Distingue-se alli o *Palacio Real*, fundado, ou antes reedificado por D. João I: suppõe-se que a primitiva construcção fôra obra dos Mouros; o *Castello* e *Palacio da Pena*, as *Quintas do Marquez de Pombal*, do *Ramalhão*, do *Marquez de Vianna*, da *Regaleira*, *Sitiaes*, *Penha verde*, esta ultima do grande D. João de Castro (2); MAFRA, a 6 leguas de Lisboa, celebre pelo vasto Palacio e soberbo convento fundado por El-Rei D. João V. Este soberbo edificio rivalisa com o *Escorial*.

A *igreja de Belem* é um dos mais bellos monumentos do Reino, edificado por El-Rei D. Manoel no sitio do *Rastello*, a uma legua de Lisboa, e aonde *Vasco da Gama* embarcou para a descoberta da India. Junto á mesma igreja ha a *Casa Pia*, que occupa o edificio que foi convento dos Jeronymos, e a pouca distancia a *Torre de Belem*, notavel pela sua architectura. O *Palacio da Ajuda*, grandioso edificio que não está acabado, attrahe a attenção de nacionaes e estrangeiros. São tambem muito notaveis o *Aqueducto das aguas livres*, talvez o melhor monumento do seu genero, e o seu grande deposito ou casa d'agua (3).

Na margem esquerda do Téjo, toda coberta de povoações, são mais frequentados os sitios do *Alfeite*, aonde ha

(1) Veja-se *Fundação, antiguidades e grandeza da mui insigne cidade de Lisboa*, por LUIZ MARINHO DE AZEVEDO. — *Livro das grandezas de Lisboa*, por FR. NICOLAU DE OLIVEIRA.

(2) Veja-se *Cintra pinturesca, ou Memoria descriptiva da Villa de Cintra, Collares e seus arredores*, publicada em 1838.

(3) Foi construido em 1732 pelo Brigadeiro MANUEL DA MAIA, no tempo d'El-Rei D. João V, e resistiu ao terremoto de 1755.

uma quinta Real, de *Cacilhas, Almada, Caparica, Seixal, Barreiro, etc.*

Todos os arredores de Lisboa produzem excellentes fructos, hortaliças, vinhos estimados, como os de *Collares, Torres, Bucellas, Carcavellos, Cadafaes, Lavradio, Barra a Barra, etc.*

**Alcacer do Sal.** — Villa consideravel sobre o Sado, notavel pelas marinhas de precioso sal que lhe dão o nome.

**Setubal.** — Excellente porto na embocadura do Sado. Exporta laranja, vinho, sal, etc. Foi elevada á cathegoria de cidade (1)

**Villa Franca de Xira ou da Restauração.** — Na margem direita do Tejo: está proxima ás Lezírias, que são as terras baixas e formadas por este rio, muito ferteis em trigo.

**Peniche.** — N'uma península: era uma das primeiras praças fortes do Reino. O seu porto só é accessivel a embarcações de pequeno lote.

**Santarem.** — Cidade sobre o Tejo (2), aonde é sómente navegavel para os barcos sem quilha, chamados *barcos d'agua acima*. Foi Côrte dos Reis de Portugal. Está situada em uma posição fortissima. Os arredores d'esta cidade são mui productivos, principalmente em cereaes e azeite.

**Torres Novas.** — Tem fabrica d'algodão e amenos arredores.

**Obidos.** — Notavel pela sua lagoa, abundante de peixe nas occasiões em que communica com o mar.

**Caldas da Rainha.** — É uma das melhores villas do Reino, muito celebre pelas suas aguas thermaes, ou banhos sulfureos, que são es mais frequentados do Reino, e proveitosos em muitas molestias. O Hospital e o Estabelecimento dos mesmos banhos são obra da Rainha D. Leonor, mulher d'ElRei D. João II.

**Alcobaca.** — Villa aonde existe o magnifico templo e edificio que foi convento dos frades Bernardos, fundado por ElRei D. Affonso Henriques. — Admirão-se no mesmo templo os tumulos d'ElRei D. Pedro I e da Rainha D. Ignéz de Castro.

(1) Veja-se o *Diario de Lisboa* de 24 de Abril de 1860.

(2) Foi elevada á cathegoria de cidade por Decreto de 24 de Dezembro de 1868.

**Batalha.** — N'esta villa existe a soberba igreja e edificio annexo, de admiravel architectura *Normando-Gothica*, levantado por D. *João I* em memoria da victoria que ganhou em Aljubarrota sobre o exercito de Castella, pelo que se ficou chamando *Igreja de Santa Maria da Victoria*, vulgarmente da *Batalha*: é um dos mais bellos monumentos da Europa. São dignas de attenção as *capellas* chamadas *imperfeitas*, notaveis pelo seu primoroso trabalho.

**Thomar.** — Cidade sobre a margem direita do Rio Nabão, a tres leguas do Têjo, em fertil e deliciosa planicie. Diz-se que foi fundada por D. *Gualdim Paes*, Mestre da Ordem dos Templarios, no Reinado d'ElRei D. *Affonso Henriques*: ha porém muita incerteza no anno da sua fundação. Tem fabricas de fiação de algodão, etc.

**Abrantes.** — Na margem direita do Tejo. É praça com boas fortificações.

**Leiria.** — Cidade fundada sobre as ruinas da antiga *Callipo*, perto do Rio Liz, em terreno fertil. Nas suas vizinhanças está o famoso pinhal do seu nome, mandado plantar por ElRei D. *Diniz*, e a grande fabrica de vidro chamada da *Marinha Grande*.

Outras povoações ha ainda nesta Provincia, taes são: *Alemquer*, *Louriçal*, *Lourinhã*, *Pombal*, *Porto de Moz*, *Rio Maior*, *Torres Vedras*, *Villa Nova de Ourem*, etc.

## Provincia do Alemtejo

**Produccões.** — A Provincia do *Alemtejo* é mui fertil em cereaes, mel, cera, queijo e montados d'asinheiros e sobreiros, em que se engordão numerosas manadas de porcos, e donde se tira muita cortiça para exportação.

### Principaes povoações

**Evora.** — Cidade aonde residirão muitos dos nossos Reis. Tem edificios e algumas antiguidades romanas notaveis (1). Entre estas, contão-se o *Aqueducto de Sertorio*,

(1) Veja-se *Historia das antiguidades de Evora*, por AMADOR PATRICIO.

os restos de um *Templo de Diana*. Do tempo dos Arabes, ha a *Torre* chamada de *Giraldo sem pavor*, etc.

**Beja.** — Os arredores desta cidade, situada a pouco mais de duas leguas do Rio Guadiana, são mui ferteis em cereaes, azeite e vinho: os ares muito saudaveis, e recommendados áquelles que padecem affecções pulmonares. Possue algumas antiguidades romanas.

**Estremoz.** — Villa e praça forte situada em terreno fertil e ameno. É conhecida pelos excellentes marmores que se achão na sua visinhança, e pelos preciosos barros que alli se fabricão.

**Monte-Mór o Novo.** — Perto do Rio Canha, patria do celebre viajante e historiador *Fernam Mendes Pinto*.

**Ourique.** — O seu terreno fica bastante superior ao campo deste nome, que foi aonde ElRei *D. Affonso Henriques* ganhou (em 1139) aquella batalha aos Mouros, com que seguroo o titulo de *Rei de Portugal*, que já antes lhe davão.

**Villa Viçosa.** — Situada em uma planicie tão fertil e tão viçosa que veiu a dar nome a esta povoação. Tem um Palacio Real, e a pequena distancia, uma grande tapada povoada de veados, gamos, javalis, etc.

**Elvas.** — Cidade e primeira praça forte do Reino; é protegida pelo *Forte de Lippe*, ou de *Nossa Senhora da Graça*, construido no tempo d'ElRei *D. José*, sob a direcção do Marechal *Conde de Lippe*. Outro forte defende a mesma cidade: é o de *Santa Luzia*.

**Portalegre.** — É uma das melhores cidades do Reino. Tem fabrica de pannos e outros tecidos de lã de excellente qualidade.

Varias outras povoações ha nesta Provincia dignas de memorar-se, taes como: *Almodovar*, *Alvito*, *Arronches*, *Aviz*, *Barrancos*, *Borba*, *Campo Maior*, *Castello de Vide*, *Crato*, *Fronteira*, *Jerumenha* (praça forte), *Marvão*, *Mertola*, *Moura*, *Mourão*, *Niza*, *Ouguella*, *Portel*, *Redondo*, *Souzel*, *Serpa*, *Vianna do Alemtejo*, etc.

## Provincia do Algarve

**Produções.** — Abunda o *Algarve* em muitos generos, sendo os principaes figos, passas amendoas, alfar-

roba, cereaes, obras de esparto, vinho, laranja, castanha, sumagre, sal e obras delicadissimas de pita. Nas suas costas pesca-se muito peixe, principalmente atum.

### Principaes povoações

**Faro.** — Cidade, com porto de mar, a mais commerciante do *Algarve*.

**Tavira.** — Cidade situada na embocadura do Rio Sequa, com uma excellente ponte.

**Lagos.** — Cidade com uma vasta bahia, mas de pouco commercio.

**Silves.** — Cidade situada sobre o Rio Portimão, com boa ponte de pedra. Tomada aos Mouros em 1242; pôde-se dizer que foi a primeira cidade do *Algarve*.

**Sagres.** — Villa fundada pelo Infante D. *Henrique*, filho de D. *João I*, o qual alli estabeleceu uma Academia de astronomia, navegação e commercio. Foi daquelle porto que o dito Infante fez sahir os argonautas que descobrirão a Madeira, os Açores e uma grande parte da costa d'Africa, e que abrirão assim caminho ás grandes descobertas dos Portuguezes e de outras nações.

Outras povoações ha no *Algarve* dignas de serem mencionadas, a saber: *Albufeira, Aljezur, Castro Marim, Loulé, Monchique, Olhão, Villa Nova de Portimão, Villa Real de Santo Antonio, etc.*

### Nomes latinos de algumas povoações de Portugal no tempo dos Romanos (1)

ASSUMAR OU ALEGRETE.....	<i>Ad septem Aras.</i>
PORTALEGRE.....	<i>Amæa.</i>
CHAVES.....	<i>Aquæ Flavia.</i>
BENAVENTE.....	<i>Aritium Prætorium.</i>
MOURA.....	<i>Arucitana.</i>
TAVIRA.....	<i>Balsa.</i>
BRAGA.....	<i>Bracara Augusta.</i>

(1) Extrahidos do *mapa de Portugal*, por JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, 2.<sup>a</sup> edição, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 28.

VIANNA DO MINHO . . . . .	<i>Brætoleum.</i>
BÓTOVA OU OUGUELLA . . . . .	<i>Budua.</i>
ARRAYOLLOS . . . . .	<i>Calantica.</i>
PORTO . . . . .	<i>Calem.</i>
AGUALVA OU AGUA DE MOURA . . . . .	<i>Ceciliana.</i>
CEICE, JUNTO DE THOMAR . . . . .	<i>Cellium.</i>
SETUBAL . . . . .	<i>Cetobriga.</i>
LEIRIA . . . . .	<i>Callipo.</i>
MIRANDA DO DOURO . . . . .	<i>Concia.</i>
CONDEIXA A VELHA . . . . .	<i>Conimbrica.</i>
EVORA . . . . .	<i>Ebora ou Liberalitas Julia</i>
EVORA D'ALCOBAÇA . . . . .	<i>Eburobritium.</i>
ALTER DO CHÃO . . . . .	<i>Elteri.</i>
AGUEDA . . . . .	<i>Eminium.</i>
COÏNA . . . . .	<i>Equabona.</i>
PONTE DE LIMA . . . . .	<i>Forum Limicorum.</i>
ALPALHÃO OU GAVIÃO . . . . .	<i>Fraxinum.</i>
ELVAS . . . . .	<i>Helvii.</i>
POVOS OU ALEMQUER . . . . .	<i>Jerabrica.</i>
IDANHA OU GUARDA . . . . .	<i>Igædita.</i>
LAGOS . . . . .	<i>Lacobrica.</i>
LAMEGO . . . . .	<i>Lama ou Lameca.</i>
FEIRA . . . . .	<i>Lancobrica.</i>
MARATECA . . . . .	<i>Malceca.</i>
PONTE DE SOR . . . . .	<i>Matusaro.</i>
ARAMENHA . . . . .	<i>Medobrica.</i>
SANTIAGO DE CACEM . . . . .	<i>Merobriga.</i>
ALMOROL OU PUNHETE . . . . .	<i>Moro.</i>
MERTOLA . . . . .	<i>Myrtilis Julia.</i>
NEIVA . . . . .	<i>Næbia.</i>
LISBOA . . . . .	<i>Olysipo ou Felicitas Julia.</i>
ESTOY, JUNTO DE FARO . . . . .	<i>Ossonoba.</i>
BÉJA . . . . .	<i>Pax Julia.</i>
VILLA NOVA DE PORTIMÃO . . . . .	<i>Portus Annibalis.</i>
ALGACER DO SAL . . . . .	<i>Salacia ou Urbs Imperatoria.</i>
SOURE . . . . .	<i>Saurium.</i>
SANTAREM . . . . .	<i>Scalabis ou Julium Præsidium.</i>
SERPA . . . . .	<i>Serpa.</i>
AVEIRO . . . . .	<i>Talabrica.</i>
ABRANTES . . . . .	<i>Tubuci.</i>



## Ilhas adjacentes

### Provincia e Archipélago da Madeira

Compõe-se das Ilhas de PORTO SANTO, MADEIRA e DESERTAS; a maior d'estas ultimas, chamada propriamente *Deserta*, tem perto de 1 legua de comprimento; tendo ao Norte o ilheo *Chão*, e ao Sul outra ilhota de pedra chamada *Bugio*. As *Desertas* produzem muita urzella.

**Porto Santo.**—Esta ilha tem 4 leguas de comprimento, meia de largura, e uma só villa. O seu porto é melhor que o do *Funchal*; em torno da ilha, ha tres ilhotas. Produz cereaes e algum vinho; porém carece de lenhas, e depende em quasi tudo da *Madeira*.

A *Ilha de Porto Santo* foi descoberta no anno de 1418. É notavel na Historia moderna por ser a primeira descoberta dos Portuguezes, os quaes depois successivamente se fizerão conhecidos em todas as partes do mundo (1).

Foi em *Porto Santo* que os Portuguezes estabelecerão a primeira colonia ultramarina.

*Porto Santo* tambem é notavel por ter sido a residencia do famoso CHRISTOVÃO COLOMBO, que havia casado com uma portugueza desta ilha, no tempo em que servia na marinha de Portugal, então a melhor escola de navegação, e nella se ensaiava para ir demandar a India, navegando para o Oeste, donde resultou a descoberta do *Novo continente*.

**Madeira.**— Foi descoberta em 1419 por JOÃO GONÇALVES ZARCO e TRISTÃO VAZ TEIXEIRA, portuguezes.

O nome lhe deriva da muita madeira que tinha, isto é das grandes mattas que então a cobrião.

Esta ilha tem 18 leguas de comprimento, e 8 na sua maior largura: a sua capital é o *Funchal*.

Tem as villas de *Santa Cruz*, *Machico*, *Calheta* e *Ponta do Sol*, na costa do Sul, e *S. Vicente*, na costa do Norte.

A população total da *Ilha da Madeira*, com a de *Porto Santo*, anda por 100:000 habitantes.

As rochas que constituem a ilha, indicão origem volca-

(1) Veja-se mais adiante—*Relação chronologica, summaria das navegações, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes*, por D. FRANCISCO DE S. LUIZ.

nica. Segundo as observações de Mr. LOWE, naturalista inglez, a ilha possui 743 espécies de plantas.

Ao famoso Infante D. HENRIQUE deve a *Madeira* a canna de assucar, que da Sicilia fez transplantar, e a malvasia de que mandou buscar bacellos á Ilha de Candia.

A cultura da mesma canna foi tão bem recebida do terreno, que em 1501 se participava a El-Rei D. MANOEL haverem-se fabricado, nesse anno, na ilha, 63:800 arrobas de assucar. Quando BARROS escrevia as suas *Décadas*, diz elle, que uma porção de terra de 3 leguas dava ao quinto mais de 60:000 arrobas. BLUTEAU, nos principios do seculo passado, escrevia que na ilha houvera algum tempo 150 engenhos de assucar, os quaes rendião 400:000 arrobas.

Foi da *Madeira* e *S. Thomé* que os Portuguezes levárão ao Brasil a canna de assucar que, cultivada na Capitania de S. Vicente (hoje S. Paulo), se propagou de lá pelas demais colonias estabelecidas naquella vasta região: foi tambem da *Madeira* que o *Cabo da Boa Esperança* tirou muitos bacellos para as suas vinhas.

Esta ilha produz as fructas da Europa, e muitas dos trópicos; algumas destas tem excellente sabor.

O inhame sustenta parte do anno os habitantes do campo; os cereaes que produz não chegam para consumo, e por isso importa alguns. A producção do café chega para consumo: acha-se tambem alli muita urzella que se exporta. A grande cultura porém consiste em vinhos famosos em todo o mundo.

Na *Madeira*, achão-se os animaes domesticos da Europa, que são mais pequenos do que em Portugal. Isto acontece em todas as colonias europeas, porque os primeiros povoadores, levárão, por economia, animaes de raça inferior por serem mais baratos. As especies de aves são numerosas, assim como as de peixes do mar: de agua doce, apenas ha a enguia. De reptis, ha a lagartixa e a rã; o unico animal venenoso que alli existe, é uma especie de aranha. Mr. LOWE achou 70 especies de molluscos marinhos, e 1 só de agua doce; destas especies, 44 são novas.

O clima, reputado um dos mais saudaveis do mundo, é delicioso, principalmente para os estrangeiros que, deixando no Inverno a nublosa atmosphaera do Norte da Europa, aportão á *Madeira*. A residencia nesta ilha é muito recommendada ás pessoas que soffrem molestias pulmo-

nares, especialmente de pthysica. Não ha molestias endemicas, isto é, particulares ou proprias do paiz.

A cidade do *Funchal* tem bons edificios, e é defendida por varias fortalezas: situada na base de uma serra elevada, cujas encostas, cobertas de vinhas e outras plantas, conservão uma verdura constante, sómente interrompida por bellas casas de campo e pela igreja de Nossa Senhora do Monte, apresenta ao navegante um dos mais lindos paineis.

Os Estabelecimentos de caridade mais importantes que ha no *Funchal* são os seguintes: o *Hospital da Misericordia*, bello edificio com boas enfermarias e grandes accommodações, aonde se acha a *Escola medico-cirurgica*; o *Recolhimento das orfãs*, annexo ao mesmo Hospital, o do *Bom Jesus*; o *Hospital de S. Lazaro*, o *Asylo de mendicidade*, o da *Infancia desvalida* e o *Hospicio da Princesa D. Maria Amelia*, fundado por Sua Magestade a Imperatriz do Brasil, VIUVA, DUQUEZA DE BRAGANÇA.

Ha tres conventos de freiras: o de *Santa Clara*, de *Nossa Senhora da Encarnação* e de *Nossa Senhora das Mercês*. Havia quatro conventos de frades no *Funchal*, *Santa Cruz*, *Calheta* e *Camara de Lobos*, alem do *Collegio dos Jesuitas*, que serve hoje de quartel. A igreja está bem conservada, e é a primeira da ilha depois da Sé.

Alem da *Escola medico-cirurgica*, do *Lyceu e Seminario episcopal*, ha muitas aulas publicas e particulares de Instrucção Primaria. Só a Camara Municipal sustenta não pequeno numero de escolas de um e outro sexo.

A *Ilha da Madeira*, toda montanhosa, e cortada por valles profundos, apresenta pontos de vista sublimes. Apesar da devastação que tem soffrido os arvoredos, ainda se encontrão nas serras mais remotas do *Funchal* alguns restos de mattas notaveis pela belleza e altura de suas arvores, entre as quaes se distinguem o vinhatico e o til.

Nestes ultimos annos, alguns proprietarios se tem dedicado á cultura florestal, merecendo especial menção LUIZ DE ORNELLAS E VASCONCELLOS, cujas vastas plantações, no sitio da *Choupana*, se tornão dignas de ser vistas.

Nas visinhanças do *Funchal* ha muitas quintas de recreio, com optimas casas de residencia, como são a do *Palheiro do Ferreiro*, pertencente ao CONDE DE CARVALHAL, a de RUSSEL GORDON, no Monte, e a de RICARDO DAVIES, nas Angustias.

Desde que se manifestou a molestia das vinhas, que tão

grande prejuizo causou áquella ilha, tem-se dado os seus habitantes á cultura da canna de assucar, em grande escala, e com mui feliz resultado.

A *Madeira*, pela sua posição geographica para o commercio, pela grandeza da sua população, pela riqueza das suas producções, e pela bondade do seu clima, é uma das mais importantes e mais bellas Provincias de Portugal.

### Provincias oriental, central e occidental dos Açores

O ARCHIPÉLAGO DOS AÇORES, a que os primeiros povoadores derão este nome, por confundirem com os açóres os muitos *milhafres* que allí encontrárão, pertence á Europa, por isso que o continente desta parte do mundo é o mais proximo daquellas Ilhas (1).

As mesmas ilhas são nove em numero, as quaes, pela ordem em que se presume haverem sido descobertas, tem os seguintes nomes: *Ilha de Santa Maria*, *Ilha de S. Miguel*, *Ilha Terceira*, *Ilha de S. Jorge*, *Ilha Graciosa*, *Ilha do Fayal*, *Ilha do Pico*, *Ilha das Flores* e *Ilha do Corvo*.

As sobreditas ilhas deve juntar-se o grupo das *Formigas*, que se compõe de sete ou oito rochedos, os quaes se achão espalhados por mais de 2 leguas, na distancia de 5 leguas ao Nordeste de *Santa Maria*, e a 8 Sueste de *S. Miguel*: o mais elevado destes rochedos terá 9 braças acima do nivel do mar; situado mais ao Norte, e separado dos outros, offerece ao longe a apparencia de um navio á véla.

Ao sabio e magnanimo Infante D. HENRIQUE, filho 3.º, d'ElRei D. João I, a quem tanto deve o commercio e a navegação do mundo inteiro, deve Portugal igualmente a descoberta das suas *Ilhas de Porto Santo*, *Madeira* e *Cabo Verde*, e dessas occidentaes, a que os primeiros povoadores chamarão dos *Açóres*, pela razão que acima se deu.

Foi no anno de 1431, no reinado de D. João I, que o Commendador de Almourol, GONÇALO VELHO CABRAL, (já conhecido pelos seus feitos de armas nas fortalezas d'África e por varias excursões maritimas feitas á sua custa sobre as costas occupadas por mouros d'aquem e d'além mar),

(1) Veja-se — *Historia Insulana das Ilhas a Portugal sujeitas no Oceano occidental*, composta pelo PADRE ANTONIO CORDEIRO.

emprehendeu, por ordem do mesmo Infante D. HENRIQUE, a descoberta de novas terras, para a banda do Occidente; porém neste anno só descobriu os rochedos que denominou *Formigas*, e dos quaes acima se fez menção. No anno seguinte (1432), no dia 15 de Agosto, o mesmo GONÇALO VELHO CABRAL descobriu a ilha a que deu o nome de *Santa Maria*. Quanto ás demais *Ilhas dos Açores*, ignora-se o anno preciso da sua descoberta; mas pela proximidade em que estão umas das outras, deve suppôr-se que forão descobertas quasi ao mesmo tempo.

A *Ilha de S. Miguel*, que foi a segunda na ordem de colonisação, começou a ser povoada em 1444, e a *Ilha Terceira*, em 1450.

A população das nove *Ilhas dos Açores* calcula-se em 250:000 almas, pouco mais ou menos.

**Ilha de Santa Maria.**—Esta ilha tem 4 leguas de comprimento e 3 de largura; está toda assente em rocha viva, com mui pouca altura de terra; é abundantissima de trigo e cevada. Tem a *Villa do Porto*, tres aldéas e varias povoações; sendo a sua população total de 7 a 8:000 habitantes.

**Ilha de S. Miguel.**—É tão notavel pela abundancia de seus fructos e grandeza de sua povoação, como pelos fogos subterraneos que nella existem. Tem umas 18 leguas de comprimento e 2 a 4 de largura. A sua capital é a cidade de *Ponta Delgada*. As principaes villas são: *Alagóá*, *Agua de Pão*, *Villa Franca do Campo*, *Nordeste* e *Ribeira Grande*.

Tem esta ilha algumas lagôas, a mais bella das quaes se acha no *Valle das sete cidades*, na parte occidental da mesma ilha. Tem tambem varias nascentes d'aguas mineiras, frias e thermaes; sendo as mais importantes as que existem no romantico *Valle das Furnas*, no centro da ilha; d'estas aguas, umas são ferruginosas, quentes e frias, outras contêm diversos saes. D'algumas das nascentes sahem repuxos de agua a ferver.

A população de *S. Miguel* anda por 98 a 100:000 habitantes. Esta ilha produz cereaes com abundancia, excellente laranja, limão, feijões e favas, e tem vinho e gado para consumo. A sua exportação principal consiste em laranja, cereaes, favas e feijão.

**Ilha Terceira.**—Tem 7 leguas de comprimento e 4 de largura. A sua população regula por 42:000 habitantes.

Tem a cidade de *Angra do Heroismo*, que é a capital, e as duas villas, de *S. Sebastião* e da *Praya da Victoria*.

Em toda a ilha, quasi não ha serra, monte ou pico, aonde se encontrem vestigios de algum volcão extincto em tempos anteriores á descoberta; todavia, já depois de povoada, tem-se sentido terriveis tremores de terra, um dos quaes, no anno de 1614, reduziu a ruinas todos os edificios da *Villa da Praya*. Em 1761, rebentou o fogo com espantoso furor junto ao Pico da *Bagacina*, e d'alli sahio um rio de lava ardente que correu por mais de uma legua: no sitio chamado *Furnas de enxofre*, o fumo e vapor ardente, que sahe pelas aberturas da terra, e o estado de decomposição em que estão as pedras e terreno adjacente, attestão a presença constante de fogos subterraneos. Em 1844, um horroroso terremoto destruiu inteiramente a *Villa da Praya* e outras povoações.

O *Monte Brasil*, um dos objectos mais notaveis dos Açóres, é uma península cujo isthmo tem de largura 260 braças: nelle se acha edificada a fortaleza de *S. João Baptista*, que domina a cidade de Angra, e é a cidadella da Ilha Terceira; esta praça póde tornar-se uma das mais fortes da monarchia.

Esta ilha produz trigo e laranja, que exporta. De todas as outras fructas, ha grande abundancia, bem como de porcos de um tamanho extraordinario, cuja carne é excellente, e de gado vaccum: fabrica-se allí optima man-teiga.

Para se dar uma idéa da fertilidade, abundancia e recursos da *Terceira*, bastará dizer que, de 1828 a 1831, depois de dois annos e meio de bloqueio, quando nella existião muitos milhares de pessoas de fóra, nenbuma falta se experimentou nos generos de primeira necessidade; tendo continuado a exportação do trigo e laranja, como antes do bloqueio acontecia.

A *Ilha Terceira* foi doada pelo Infante D. HENRIQUE a JACOME DE BRUGES em 2 de Março de 1450.

**Ilha de S. Jorge.**— Tem umas 12 leguas de comprimento e 2 de largura, pouco mais ou menos: é abundante de trigo, excellentes fructas, bosques e gado vaccum. Faz-se nella muito bom queijo. Os melhores vinhos dos Açóres fabricão-se no *Lugar da Urzelina*. Os tremores de terra tem allí sido funestos, havendo rebentado por vezes espantosos volções, Tem a *Villa das Vellas*, que é a

capital, e as da *Calheta* e do *Topo*, além de outras povoações.

A ilha tem para consumo cereaes e inhames; e vai-se augmentando nella a cultura das laranjeiras. A sua população anda por 20:000 habitantes.

**Ilha Graciosa.**— Foi assim chamada pelo plano e aprazível do seu terreno: tem 4 leguas de comprimento e 2 de largura; 2 villas: *Santa Cruz*, que é a capital, e *Praya*; 2 aldéas e outras povoações; regulando a sua população total de 11 a 12:000 almas. O solo desta ilha é mui fértil: produz muito trigo, milho e principalmente vinho e aguardente (que exporta) e gado em quantidade.

**Ilha do Fayal.**— O seu nome deriva-se das muitas *fayas* que nesta ilha havia quando se descobriu. É quasi redonda: tem 5 leguas de comprimento e 4 de largura. A sua população consta de 24:000 habitantes, pouco mais ou menos, divididos na cidade da *Horta* e muitas povoações.

A ilha produz vinho de inferior qualidade, cereaes para consumo seu e dos habitantes do *Pico*, batatas, inhames, muita laranja, que exporta, e bastante gado. Seus habitantes fabricão muita manteiga, panno de linho e louça de barro ordinaria. O commercio principal desta ilha consiste em vinhos do *Pico*, cuja exportação andou já por 12:000 pipas. O porto da *Horta* é o melhor dos *Açores*.

**Ilha do Pico.**— Esta ilha é formosa pelo seu elevado *Pico*, cuja altura, acima do nivel do Oceano, é de 1:096 braças; podendo avistar-se, em dias claros, de 24 a 25 leguas ao mar (1): serve de barómetro seguro para prever o tempo, cobrindo-se ou não com o seu capello de nuvens. Tem 16 leguas de comprimento e 5 de largura; 3 villas: *Lages*, *Magdalena* e *S. Roque*, e muitas outras povoações com uma população de 30:000 habitantes, pouco mais ou menos. O solo é pedregoso, mas fértil para vinhas, que alguns annos tem dado 25:000 pipas de vinho: produz alguns cereaes, legumes, boas fructas e as melhores madeiras dos *Açores*, de que é muito abundante.

**Ilha das Flores.**— Tem 5 leguas de comprimento e 3 de largura: foi chamada das *Flores* pelas muitas e grandes que nella havia. Dizem que é a mais bonita do Archipélago: ha nella um *Pico* notavel, e em tempo claro, tanto a Ilha das *Flores* como a do *Corvo* se avistão de 10 a 12 leguas ao mar.

(1) *Folhinha da Terceira* para o anno de 1832.

Esta ilha, em que se encontrão mananciaes de aguas sulfureas, e aonde não consta que tenha havido tremores de terra ou erupções volcanicas, abunda em agua e arvo-redos, que dão excellentes madeiras, cereaes e toda a qualidade de legumes, porém não produz vinho. Os seus habitantes, que andão por 10:000, pouco mais ou menos, fabricão panno de linho e de lã, exportão bois, cereaes, e supprem de refrescos os navios que tocão naquella ilha. Ha nas *Flores* duas villas, a de *Santa Cruz* e a das *Lages*, e varias povoações.

**Ilha do Corvo.** — É a mais pequena de todas as ilhas: tem 2 leguas de comprimento e 1 de largura; a sua população não chega a 1:000 habitantes, que cultivão bastantes cereaes, e abunda em gado. Refere GOES, na *Chronica do Principe D. João*, que quando se descobrira esta ilha, se achára alli uma estatua equestre apontando com a mão para o Occidente, como indicando o Novo mundo, que depois COLOMBO descobriu em 1492.

El-Rei D. MANOEL mandou á Ilha do Corvo DUARTE DE ARMAS, seu debuxador, para desenhar aquella estatua, que era de marmore.

Esta ilha foi tambem chamada *do Marco*, por isso que a sobredita estatua estava collocada no cume da serra, que servia de marco ou baliza aos navegantes.

## Provincias ultramarinas

Por decreto de 2 de Dezembro de 1869, foi dividido em seis Provincias o territorio portuguez da Africa Asia, e Oceania (1).

### Africa occidental

#### Provincia de Cabo Verde

A PROVINCIA DE CABO VERDE comprehende o Archipelago deste nome, e as Possessões da Senegambia ou Guiné portugueza.

Uma expedição sahida de Lagos, em Maio de 1446, constante de uma caravela do Infante D. HENRIQUE, de ou-

(1) *Diario do Governo* de 9 de Dezembro de 1869.

tra em que ia LUIZ DE CADAMOSTO, e de uma em que ia ANTONIO DE NOLA descobriu quatro ilhas do Archipélago de *Cabo Verde*, a saber: as da *Boa Vista* e *S. Thiago*, nomeadas por CADAMOSTO na sua Relação, e outras duas a que elle não dá nome, mas que serão provavelmente a de *S. Philippe* e a de *S. Christovão*, que depois se chamou do *Sal*.

Esta Provincia consta do Archipélago de *Cabo Verde* e dos pontos situados na costa de *Guiné* e suas dependencias.

As ilhas de que se compõe o mesmo Archipélago, e que distão pouco mais de 100 leguas de *Cabo Verde*, dividem-se em dois grupos: o do Norte, a que chamão de *Barlavento*, compõe-se das Ilhas de *Santo Antão*, *S. Vicente*, *Santa Luzia*, *S. Nicoláo*, *Sal* e *Boa Vista*, e das ilhotas *Branca* e *Raza*; o de Sul, ou de *Sotavento*, consta das Ilhas de *Maio*, *S. Thiago*, *Fogo* e *Brava*. Ha na proximidade destas ilhas varias outras ilhotas e alguns baixos; sendo o mais notavel destes ultimos o chamado de *João Leitão*, entre a *Boa Vista* e *Maio*. Este mesmo baixo abunda em peixe, assim como o mar destas ilhas, aonde ha muitas baleias, de cuja pesca se poderia tirar muitas vantagens.

**Iha de Santo Antão.**—Esta ilha é a segunda em grandeza, muito montuosa, e em dias claros, pôde avistar-se na distancia de 16 a 18 leguas. Produz vinho, anil, canna de assucar, algodão, café, muito sal, fructas, e abunda em gados e mantimentos com que suppre os navios que alli toção para tomar refrescos. Os seus portos principaes são: o dos *Carvoeiros*, da *Ponta do Sol* e o do *Tarrafal*: neste ultimo, podem os navios supprir-se d'agua com abundancia, A *Ribeira Grande* é a sua povoação principal, perto da qual está a *Ribeira do Paul*, que se compara a Cintra pela sua verdura e belleza.

**Iha de S. Vicente.**—Tem 3 leguas de comprimento e 2 de largura. Esta ilha possui um excellente ancoradouro denominado *Porto Grande*, tão espaçoso, que nelle podem ancorar de 200 a 300 navios. Por Decreto de 11 de Junho de 1838, se determinou que junto do mesmo porto se fundasse uma cidade com o nome de *Mindello* para capital do Archipélago.

Tem agua em abundancia, uma salina, bellas planicies, excellentes pastagens, terreno proprio para a producção,

do algodão e outros generos que se cultivão nas outras ilhas; finalmente tem muita urzella, gado vaccum e lanigero, cabras, jumentos. etc. Nas suas praias colhe-se algum ambar, e apanhão-se tartarugas.

**Ilha de Santa Luzia.** — Esta pequena ilha e as ilhotas *Branca* e *Raza*, a ella proximas, são despovoadas e estão entre *S. Vicente* e *S. Nicoláo*. O porto de *Santa Luzia* tem uma praia muito vistosa, toda de arêa. Póde-se colher nella algum ambar que o mar alli lança, assim como tartarugas. Com pouco trabalho, poderia produzir muito mais algodão do que aquelle que agora produz: na *Ilha de Santa Luzia* e ilhotas ha alguns bois e cabras bravas.

**Ilha de S. Nicoláo.** — Tem ao Sul o porto da *Preguiça*. Ha outro porto chamado do *Tarragal*, que é limpo e de boa aguada, e outros dois: o da *Furna da Lapa* e o *Porto Velho*, que é o principal e muito fertil: produz os fructos dos trópicos, e começa a crear a cochonilha. Esta ilha tem a *Villa da Ribeira Brava*, no interior.

**Ilha do Sal.** — Tira o seu nome do muito sal que nella ha, e que se extrahê de um lago salgado que se acha em um pequeno monte da mesma ilha. O terreno é muito esteril, e apenas tem alguns arbustos. Esta ilha, que não era habitada, foi occupada pelo Governador Militar da Provincia, no anno de 1837, fundando nella uma Alfandega, e fazendo-a entrar na cathegoria das outras ilhas. A *Bahia da Mordeira*, na costa do Sudoeste, é uma das melhores destas ilhas.

**Ilha da Boa-Vista.** — Chama-se assim pela boa apparencia que mostrou aos descobridores. Tem um porto ao Sueste chamado *Curralinho*, além de outros. O sal é o principal objecto do seu commercio; tem má aguada para navios, e é esteril.

**Ilha de Maio.** — Terreno secco e esteril; tem ao Sueste uma bahia de arêa. Em torno da villa ha extensas marinhas; as suas costas abundão em peixe: tem uma só fonte de agua doce, Exporta muito sal.

**Ilha de S. Thiago.** — Esta ilha é a maior de todas. E alta e montanhosa com valles mui extensos e fer-teis, susceptivel de grandes melhoramentos. A *Villa da Praya*, hoje denominada *Cidade da Praya de S. Thiago*, considerada ainda a capital do *Archipélago de Cabo Verde*, tem uma bella bahia, que é segura para os navios no tem-

po das brizas, e mui perigosa no tempo das chuvas. Por Decreto de 29 de Abril de 1858, foi elevada á cathegoria de cidade a *Villa da Praya*, em consequencia do grande augmento de população e edificios que nella se encontram (1).

A producção desta ilha consiste em laranja, limão, limas, côcos, ananazes e outras fructas; milho, café, assucar, algodão e anil. É a mais povoada e a mais productiva e rica de todas as *Ilhas de Cabo Verde*.

**Ilha do Fogo.** — É notavel pelo elevado pico que nella se vê, e está a 1:348 braças acima do nivel do Oceano. Sobre este pico, que se acha no centro da ilha, para o Norte 7 leguas da *Villa de S. Philippe*, que é a capital da ilha, junto ao *Porto da Luz*, ha um volcão que tem tido varias erupções, sendo a ultima em 1817. Esta ilha, apesar de ser muito quente, é tanto ou mais saudavel do que qualquer das outras. Nella prospera tudo quanto nas mesmas se cria, e melhor ainda o vinho, tabaco, repolho, alface, peras, etc.

**Ilha Brava.** — É uma das mais pequenas ilhas, porém muito fertil, povoada e bem cultivada. A sua fertilidade é tal, que, em alguns annos, um alqueire de milho lançado á terra tem produzido quatrocentos alqueires (2). Produz varias fructas; tem gados, etc. Exporta muito milho.

As *Ilhas de Cabo Verde* são de formação volcanica. Acha-se n'ellas a melhor urzella (*lichen roccella*), depois da das Canarias. O anil é indigena; estas mesmas ilhas são abundantes em coqueiros, palmeiras (das tamaras), mamona, dragoeiro, tamarindos, purgueira, sene, coloquintida, varias qualidades de bananas, ananazes, melancias, optimo café, tabaco, algodão, laranja, limão, cidras, vinho, que não é inferior ao de Teneriffe; havendo uvas duas vezes por anno na *Ilha Brava*, etc. Produzem, com muito pouco trabalho, grande quantidade de feijão e milho; tem muitas fructas dos dois Hemispherios e varias plantas medicinaes. Achão-se nestas ilhas todos os animaes domesticos de Portugal.

A população de todas estas ilhas, que tem tido grande augmento, regula por 90:000 a 100:000 habitantes.

(1) Veja-se *Diario do Governo* de 3 de Maio de 1858.

(2) *Folhinha da Terceira* para o anno de 1832.

## Costa de Guiné

Este Governo, sujeito ao de *Cabo Verde*, estende-se no continente africano, e os seus limites são considerados, ao Norte o Rio *Casamansa*, não estando marcados os do Sul. Os rios consideráveis: *Casamansa*, *S. Domingos* e *Geba* communicão entre si por canaes formados pela natureza. Tem adjacentes as Ilhas de *Bissão*, *Cacheu*, etc.

**Bissão.** — É uma ilha consideravel, aprazivel e fertil. Nella ha uma villa com uma fortaleza de boa construcção, guarnecida de tropa destacada de *Cabo Verde*. O seu porto, que tem alguns baixos, é formado pelo Rio de *Geba*, e nelle podem entrar embarcações de grande lote.

Os povos negros da visinhança são, entre outros, os *Balandras*, *Bijagós* e *Papeis*, que frequentão o mercado de *Bissão*; são de boa raça, andão nus, mas sempre armados.

Os negros de *Bissão* e visinhanças cultivão muito arroz e inhames; tem bois mui pequenos, cuja carne é excellente, porcos e gallinhas; apanhão-se tartarugas nas praias, e o rio tem muito peixe. Ha nos mattos macacos muito grandes e varios outros animaes. Foi elevada, por decreto de 29 de abril de 1858, á categoria de villa a povoação de *Bissão*, capital da Guiné portugueza.

**Cacheu.** — Ilha situada na bocca do rio do seu nome; a villa é mais pequena que *Bissão*: tem um porto soffriavel.

Entre *Bissão* e *Cacheu* está a Ilha de *Bossis*, que tem boas madeiras, e aonde se fabrica azeite de palma. A Ilha de *Bolama* (1), mais ao Sul de *Bissão*, está defronte das boccas do Rio de *Geba* e do Rio Grande, o qual alli tem duas leguas de largo, e fundo para grandes navios. Defronte está o Archipélago de *Bijagós*, aonde Portugal tem a Ilha das *Gallinhas*.

As mais notaveis feitorias no continente são: *Geba*, no interior, sobre o rio do seu nome, a 60 leguas de *Bissão*: é porto importante para o commercio; *Fá*, sobre o mesmo

---

(1) Havendo o governo inglez contestado a Portugal o direito á posse da Ilha de *Bolama*, foi esta questão submettida á arbitragem do Presidente dos Estados Unidos da America, que decidiu a favor do Governo portuguez.

Veja-se *Resposta do Governo portuguez á Exposição a favor dos direitos que a Gram-Bretanha pertende ter á Ilha de Bolama, e de uma porção de territorio na terra firme, etc.*

rio; *Farim*, *Zinguichor* na margem esquerda do *Casamansa*.

A população é toda de negros, mais ou menos submissos á auctoridade portugueza, segundo a força que esta tem.

O paiz é muito fértil; produz arroz, madeiras de construção e de tinturaria, boas fructas, o melhor anil e algodão da Africa; commerceia nestes generos e em cêra, marfim, couros, arroz, etc. Bem governado, poderia dar muito proveito a Portugal.

A estação das chuvas é de Novembro até Maio. Então occorrem as febres a que chamão *carneiradas*.

### Provincia de S. Thomé e Príncipe

Esta Provincia comprehende as ilhas deste nome e o Estabelecimento de *Ajudá*.

As ilhas portuguezas no Golfo de Guiné, são as do *Príncipe*, *S. Thomé* e *das Rolas*. O seu clima é geralmente máo para os europeus.

**Príncipe.**—Esta ilha é mui bella pelos seus arvores; o seu solo é fertilissimo.

A capital é a Villa de *Santo Antonio*, cujas ruas são mui limpas, correndo agua em todas ellas. O seu porto é excellente.

Os habitantes, quasi todos negros, são a gente mais asseada das terras africanas.

**S. Thomé.**—É de figura oval, com 8 leguas de comprimento; os montes basalticos que constituem a ilha, são altos e cónicos; um delles tem de elevação mais de 900 braças, e distingue-se, ás vezes, a 30 leguas ao mar (1). O terreno é mui fértil; a canna de assucar, de superior qualidade, e o café comparado no commercio ao de Moka.

A sua população consta quasi toda de negros. Estas ilhas commerceião com a *costa d'Africa* em marfim, páo de tinctura e outros objectos. Exportão excellentes madeiras de construção e muita casca de tartaruga, de que abundão as suas costas.

**Rolas.**—Pequena ilha separada de S. Thomé por um canal, que tem pouco mais de meia legua de largura, o qual fórma um excellente e seguro ancoradouro para os maiores navios: é notavel por se se achar debaixo do Equador.

(1) *Folhinha da Terceira* para o anno de 1832.

Estas ilhas poderião ser de grande proveito á nação portugueza, uma vez que fossem cultivadas quanto são susceptiveis, pelo que toca á canna de assucar, cacáo, café e outros generos.

O forte de *S. João Baptista de Ajudá*, situado na costa da Mina, na enseada de *Benin* (1), é uma feitoria commercial.

### Provincia de Angola

A PROVINCIA DE ANGOLA comprehende todo o territorio portuguez na Africa occidental, ao Sul do Equador. Compõe-se dos Reinos de *Angola*, *Benquella* e outros. Segundo a Convenção addicional de 28 de Julho de 1817, ao Tratado de 22 de Janeiro de 1815, entre Portugal e a Gram-Bretanha, ácerca do trafico da escravatura, reconheceu esta ultima Potencia que a costa da dita Provincia se estende desde o 8.º gráo até ao 18.º de latitude meridional, perto de *Cabo Frio*; admittindo porém a reserva dos direitos da corôa de Portugal sobre os territorios de *Molembo* e de *Cabinda*, (2) desde o 5.º gráo e 12' até ao 8.º gráo de latitude meridional, nos quaes corre o grande Rio *Zaire* ou *Congo*, que tem mais de 500 leguas de curso, e desagua no Golfo de Guiné.

Alguns dos fortes ou presidios do *Governo Geral de Angola* distão perto de 150 leguas da costa.

O paiz, em geral, é montuoso. Os cabos mais notaveis são: o *Cabo Ledo*, o *Cabo Negro* e o *Cabo Frio*.

Os rios principaes ao Sul do Zaire são: o *Loge*, que fórma o porto de *Ambriz*, a 70 leguas ao Norte de Loanda, muito apto para o commercio, e suas visinhanças mui fertes; o *Dande* e o *Bengo*, navegaveis para canoas; o *Coanza*, que é o mais importante, fórma o porto de *Catumbo*, e navega-se até *Muxima*, *Massanganano* e *Cambambe*.

Segundo para o Sul, acha-se o Rio *Longo* e o *Cuvo*

(1) Veja-se *Uma viagem ao Estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá em 1865*, por CARLOS EUGENIO CORREIA DA SILVA, Tenente de Marinha — e *Diccionario geographico das villas, aldeias, praças e presidios que Portugal actualmente tem em Africa, Asia e Oceania*, por JOSÉ MARIA DE SOUSA MOSTEIRO.

(2) Veja-se *Démonstration qu'a la Couronne de Portugal sur les territoires situés sur la côte occidentale d'Afrique entre le 5º degré et 12 minutes et le 8º de latitude meridionale, et par conséquent sur les territoires de Molembo, de Cabinda et d'Ambriz*, par le VICOMTE DE SANTAREM.

perto do presidio de *Novo Rodondo*, depois o *Catumbella*, o *Copororo*, o *Cobol* que fórma o porto de *Mossamedes* e outros.

A cidade de *S. Paulo d' Assumpção de Loanda* é a capital do Governo Geral; calcula-se hoje a sua população em mais de 16:000 habitantes, brancos, pretos e mulatos. Está situada no continente entre os Rios *Bengo* e *Coanza*. Compõe-se de duas partes, a alta aonde residem as auctoridades, e a baixa aonde se faz o commercio; o seu porto, seguro para as maiores embarcações, é formado pelo continente, e pela *Ilha de Loanda*, que é baixa, e tem 2 leguas de comprimento e meia de largura.

O clima é, em geral, máo para os estrangeiros, principalmente durante a estação das chuvas que cahem de Novembro a Abril, em que apparecem as *carneiradas*. A cidade tem alguns edificios: Hospital, Casa da Misericordia, Passeio publico, e boas fortificações que defendem o porto. O seu commercio é importante; é a melhor povoação de toda a costa austral atlantica da Africa até ao Cabo da Boa Esperança.

O paiz sujeito directamente a Portugal, divide-se em Districtos e Presidios, além do que, ha muitos chefes negros, uns feudatarios, outros alliados, que, em caso de guerra, concorrem com os seus contingentes de homens armados.

Alguns dos Regulos tomão os titulos portuguezes de *Duques* e de *Marquezes*; outros conservão os de *Dembos* e de *Sovas*. Mais de 500 *Sovas* estão sujeitos ás auctoridades portuguezas.

A população total desta Provincia não se póde calcular ao certo. Além da tropa ás ordens das auctoridades, os *Sovas*, que governão a população indigena, são obrigados a dar para a guerra 20:000 *Empacaceiros* ou negros armados.

Em *Angola* ha os seguintes Districtos: *Barra do Dande*, *Barra do Bengo*, *Barra de Calumbo*, na foz do *Coanza*: estes são os maritimos: os seguintes são no interior: *Dande*, *Icolo* e *Bengo*, *Golungo*, *Zenza*, *Dembos* e os Presidios de *Muxima*, *Massangano*, fundados em 1583, e *Cambambe*, em 1603, todos tres nas margens do *Coanza*; *Ambaca*, fundado em 1614, *Pedras de Pungo-Andongo*, em 1671, *Duque de Bragança*, *S. José d' Encoge*, fundado em 1759, e o de *Novo Rodondo*, perto do mar, ao Sul do *Coanza*.

Em *Pungo-Andongo* o clima é excellente; faz alli quasi tanto frio como em Portugal.

Os animaes da Europa dão-se bem em *Angola*; ha mui poucos cavallo, e no interior do paiz usão, para montar, de bois de raça pequena, que tem uma gibba ou corcova entre as espadoas, e são guiados por meio de uma argola posta entre as ventas; porém o seu trote é incommodo. Em 1839, e já depois forão mandados para alli da Ilha de Teneriffe, uma das *Cánarias*, alguns camellos para propagarem.

Entre os animaes silvestres que ha no interior, notão-se o leão, o tigre, o javali, o porco espinho, diversas especies de macacos, o rhinoceronte, elefantes e zebras que pastão em grandes manadas.

Os rios abundão em hippopotamos ou cavallo marinhos, de que se tira excellente marfim, e em jacarés.

Ha muitas cobras venenosas, taes como a juraraca, coral, cascavel, giboia ou bóa, cuspideira e o surucucu, a mais terrivel, porque á sua mordedura, segue-se em pouco a morte.

Nos mares de *Angola* ha excellente peixe de variadas especies, entre ellas a do bacalhau: tambem ha muitas baleias. Nos mattos ha grande quantidade de abelhas silvestres que produzem muita cêra.

A Provincia de *Angola* abunda em madeiras de construcção de superior qualidade; o tabaco e o anil crescem espontaneamente; o algodão, igual ao de Pernambuco, vegeta até nas arêas: ha mattas de cannas de assucar tão boas como as de Cayenna ou de Otahiti: no Districto de *S. José d'Encoge* ha grande quantidade de café silvestre. Nos terrenos pantanosos produz perfeitamente o arroz, e nelles o cacão deveria igualmente prosperar. Plantas de chá e de canfora, produzidas por sementes enviadas da Asia, vegetarão alli com vigor: no paiz montuoso de *Pungo-Andongo* cultiva-se muito trigo. Ha em *Angola* muitos mineraes uteis e preciosos, taes como ferro, pedra calcarea, salitre, enxofre, estanho, prata, ouro, etc. (1) Nos morros de *Libongo*, no *Dande*, são, ha muitos annos, conhecidas as fontes de *petroleo*. Em 1839, reconheceu o Dr. *Lang*, Suisso, outras nos sitios de *Cabengama* e *Quitátua* (2).

---

(1) Sobre a cultura do algodão em Angola, veja-se a Memoria do Dr. FREDERICO WELWITSCH, appensa ao *Diario de Lisboa* n.º 230 de 10 de Outubro de 1861, mandada publicar por ordem superior.

(2) Veja-se *Ensaio sobre a Estatística das possessões portuguezas* por JOSÉ JOAQUIM LOPES DE LIMA, Livro III, pag. 29.

**S. Flippe de Benguella.**—Esta cidade, que é edificada em extensa planície, tem uma grande bahia aberta. Os habitantes são negros, com excepção de poucos brancos: a agua, em geral, é má; as casas são, pela maior parte, cobertas de palha. Tem uma fortaleza em máo estado, e o clima é doentio para os brancos.

A *Benguella* pertence, no interior, o Presidio de *Caconda*, fundado em 1682, o de *Quilengues*, e os Districtos mais ou menos dependentes de *Bihé*, *Bailundo* e outros. O clima de *Caconda* é excellente: o terreno produz trigo e todos os fructos da Europa.

**Mossamedes.**—Colonia fundada em 1840, e que vai em grande augmento: a sua bahia é vasta, o clima é bom, e o paiz visinho fertil e abundante em gado.—Póde prosperar se fôr bem governada. Em 1850, fôrão muitas familias portuguezas de Pernambuco para *Mossamedes*, e levárão dois engenhos de assucar, cuja plantação estabelecerão nas margens do Rio *Bero*.

## Africa oriental

### Provincia de Moçambique

A PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE jaz entre 10° 41' e 26° e 30' de latitude Sul, estendendo-se, pelo litoral, desde *Cabo Delgado* até á *Bahia de Lourenço Marques*.

Comprehende, além das *Ilhas de Cabo Delgado*, a *Ilha de Moçambique*, os vastos territorios dos *Rios de Sena* ou *Zambezia*, e os de *Sofala*, *Inhambane*, *Lourenço Marques*, etc.

**Bahia de Lourenço Marques.**—Descoberta por um Portuguez deste nome pelos annos de 1545, a 26 grãos e 30 minutos de latitude Sul, é um dos melhores portos de toda a costa. Nella entra o rio do seu nome, o do *Espirito Santo* e o *Maputo*, todos navegaveis.

Ha alli um pequeno forte portuguez mal situado. Nunca se tirou della o proveito de que é susceptivel. Abunda em baleias que os Americanos e os Inglezes vão pescar. Acha-

se no paiz marfim, dentes de hippopotamo, bois, carneiros e muitas aves (1).

**Inhambane.**—Villa com um porto proximo ao *Cabo das Correntes*: é a povoação mais consideravel depois de *Moçambique*; o seu territorio é fertil.

Perto dos sertões de *Inhambane* e *Lourenço Marques* existem os *Boers* ou *Hollandezes de Africa*, que constituem a Republica de *Trans-Vaal-Boers*, ou Republica do *Sul da Africa*, com a qual Portugal celebrou um Tratado de commercio em 1871, em que se designou o limite Sul do territorio portuguez (2). Os *Boers* tem diligenciado, debalde, obter um porto de mar para poderem exportar os productos do seu paiz. Por ora recebem pelos nossos portos de *Lourenço Marques* e *Inhambane* os generos de que tem absoluta necessidade, e que não sabem ou não podem fabricar nos seus Districtos (3).

**Sofala.**—Foi n'outro tempo capital dos Estabelecimentos portuguezes n'esta costa; hoje é uma pequena povoação, cujo porto as arêas fazem mudar. Tem alguns habitantes mouros que das arêas do rio extrahem ouro, mas em pequena quantidade. Tambem recebe algum de *Quiteve*, que está no interior.

**Rios de Sena ou Zambezia.**—Territorio mais vasto que Portugal, situado ao Norte de *Sofala*: é regado em todo o seu comprimento pelo grande Rio *Zambeze* ou *Cuama*. O seu curso parece exceder a 300 leguas, e nelle affluem varios rios consideraveis, como o *Aroangua*, o *Revugo* e o *Chire*, que banhão as terras portuguezas: nellas ha tambem serras consideraveis, como a que corre a *Sofala*, a da *Caroeira*; sendo a de *Lupata* a mais alta de todas.

O paiz é dividido em territorios ou comarcas, a que cha-

(1) Veja-se nos *Despachos e correspondencia* do DUQUE DE PALMELLA, Tom. III, as suas Notas de 23 de Maio de 1827, e 22 de Maio de 1828 ao Governo inglez, que nos quiz sofismar o nosso direito á posse de toda a *Bahia de Lourenço Marques*, não obstante have-lo reconhecido no Artigo 2.º do Tratado de 28 de Julho de 1817.

(2) Suscitando-se novamente a questão entre o Governo Britannico e o de Portugal, a respeito do dito territorio, foi este negocio submettido á arbitragem do Presidente da Republica franceza, sob proposta do Governo Britannico.

Veja-se *Questão entre Portugal e a Gram-Bretanha, sujeita á arbitragem do Presidente da Republica franceza*, Memoria apresentada pelo governo portuguez.

(3) Veja-se *Ensaio sobre a estatistica de Moçambique e suas dependencias*, por FRANCISCO MARIA BORDALLO, pag. 271.

mão *Prazos da coróa*; e em que ha povoações de negros, cada uma das quaes tem por chefe um *Fumó*.

Os europeus habitão, principalmente, na villa de *Quilimane*, que está situada a 6 leguas do mar, e é o porto da *colônia*; na de *Sena* e na de *Tete*, todas na margem do *Zambeze*. A ultima é a capital deste Governo, e está edificada nas abas da Serra da *Caroeira*; o seu clima é melhor do que o das outras duas villas, que é muito doentio. Continuando a subir o rio, acha-se a cataracta de *Cabrabaca*, que por algumas leguas interrompe a navegação; as aguas cahem alli com grande ruido: acima está *Chicova*, e mais alem o Presidio de *Zumbo*, a mais de 100 leguas de *Quilimane*. O rio abunda em jacarés ou crocodilos, e causa grandes inundações, a que attribuem a fertilidade do paiz e muitas doenças.

Em *Nanica*, no interior, e em outros lugares extrahe-se ouro. Diz-se que em *Chicova* se poderá obter prata: quanto ao ferro, existe alli em abundancia, e os *Maraves*, que habitão ao Norte do *Zambeze*, fabricão com elle enxadas, machados e outros objectos.

A canna de assucar, o café, o algodão, anil e mais plantas dos trópicos dão-se alli perfeitamente. O trigo cultivava-se nos terrenos elevados, assim como outras plantas da Europa. O marfim é abundante. Os negros fabricão pannos de algodão.

**Tete.**—Tem-se communicado com *Angola* por via do *Cazembe*, potentado do sertão, cuja capital é *Lunda*.

**Mocambique.**—A cidade deste nome, capital do Governó Geral, está situada em uma pequena ilha que tem de comprimento menos de meia legua, a qual, com outras ilhotas e o continente, de que dista quasi uma legua, fórma o porto de *Mocambique*, que recebe navios do maior lote. A cidade é defendida pela fortaleza de S. Sebastião, bem construida e provida de artilheria. O palacio do Governador Geral é o maior edificio da cidade. A sua população regula por 6:000 habitantes; o seu commercio principal faz-se com o sertão de Africa e os portos portuguezes da India, especialmente com *Diu* e *Damão*, donde são naturaes, e aonde tem suas familias os *Banians*, negociantes gentios, em cujas mãos está quasi todo o commercio da cidade.

Tambem commerceia com os Arabes de *Zanzibar* e com a *Ilha de Madagascar*. Defronte desta, no continente, estão as povoações de *Mossuril*, *Cabaceira grande* e *Cabaceira*

*pequena*, cujos terrenos são fertéis e bem cultivados, e d'onde se provê a cidade.

Nos territorios do Governo Geral ha, ao Norte da cidade, o Xeque de *Quitangonha*, e ao Sul, o de *Sanculo*.

Ao Sul de *Moçambique* está a bella bahia de *Mocambo*, em que entra o rio do mesmo nome.

**Ilhas de Cabo Delgado ou de Querimba.**—Fórmão um archipélago de pequenas ilhas, situadas defronte daquelle cabo: a principal é a de *Ibo*, em que se acha a villa deste nome, que é a capital, com um porto muito bom. A povoação está em decadencia. No mar destas ilhas pescão-se tartarugas, cuja casca é a melhor que se conhece no commercio. Destas mesmas ilhas se exportava d'antes café e maná; porém hoje o seu commercio é mui diminuto. Grande parte dos territorios que fórmão o Governo Geral de *Moçambique*, são proprios á cultura de todos os generos que se dão na America e na Asia, e com facilidade poderião os proprietarios ter grandes colheitas e adquirir riquezas; mas estão como se fossem estêreis, e foi o commercio em escravos que produziu estes effeitos, porque, dando maiores lucros aos traficantes, não empregavão o seu dinheiro na agricultura, concorrendo para a tornar impossivel: os braços que nella se poderia empregar erão vendidos e exportados para a America.

O trafico da escravatura, hoje terminado, alem de horrivel, era o maior inimigo da prosperidade dos Dominios portuguezes na *Africa*.

Não se póde calcular exactamente a população desta Provincia.

## Asia occidental

### Provincia do Estado da India

A PROVINCIA DO ESTADO DA INDIA abrange o territorio de *Goa*, e igualmente os de *Damão* e *Diu*.

O territorio de *Goa* estende-se a umas 20 leguas, desde a fortaleza de *Tiracol*, ao N., até alem do Cabo da *Rama*, ao S.; e umas 15 leguas, desde a costa occidental do *Indostão* até ás serranias dos *Gates*, confinando com as *Possessões britannicas* e com o mar.

Consta o mesmo territorio de parte continental e de ilhas formadas por braços de mar ou rios, e divide-se nas pequenas Provincias de *Pernem*, *Bardez*, *Sanquelim*, *Bixo-*

*lim, Pondá, Canácona, Zambaulim, Ilhas de Góa e Salsete* com o territorio de *Tiracol*, e a *Ilha d'Anchediva* ou *Angediva*, que tambem tem uma fortaleza. A *Ilha de Tissuari*, em que está *Góa*, é a principal, e fórma, com o continente, dois grandes portos, capazes de receber náos de linha. O do Norte, entre a ilha e o territorio de *Bardez*, tem neste, á entrada da barra, a fortaleza da *Aguada*; o do Sul, formado pelo territorio de *Salsete*, tem alli, junto á foz, a fortaleza de *Mormugão*.

**Goa.**—Acha-se situada na parte do Norte da *Ilha de Tissuari*.—Esta cidade, capital do *Estado da India*, foi grande, povoada e rica nos tempos da gloria portugueza no Oriente—Hoje ainda alli se nota o *Palacio do Vice-Rei*, a *Cathedral*, o *Palacio do Arcebispo*, a *Casa da Relação*, a *Igreja da Misericordia*, com um *Recolhimento* para viúvas e filhas de militares, fundade pelo *Grande Affonso de Albuquerque*, o magnifico templo do *Bom Jesus*, aonde se acha o sumptuoso tumulo de prata de *S. Francisco Xavier*, denominado o *Apostolo das Indias*, em grande parte das quaes derramou, com tanto proveito, a benefica luz do *Evangelho*.

O *Arcebispo de Góa* toma o titulo de *Primaz do Oriente*, e tem um numeroso cabido. Ha alli uma *Academia militar* e varias *escolas*. A população da cidade e de *Pangim* anda por 14:000 habitantes.

**Pangim.**—É uma povoação proxima de *Góa*, na *Ilha de Tissuari*.

**Salsete.**—Capital *Margão*, villa regular e florescente, com 10:000 habitantes.

**Bardez.**—Capital *Mapuçá*, com 9:000 almas.

**Ilhas de Anchediva.**—Fórmão, ao Sul de *Góa* no *Oceano indico*, um pequeno archipélago que tem poucos habitantes. Nellas se formou o primeiro *Estabelecimento portuguez* na *Asia*.

**Damão.**—Cidade situada na costa de *Decan* e nas margens do rio do seu nome, ao Norte da cidade britanica de *Bombaim*. O seu porto é bom, com estaleiros aonde se tem construido algumas fragatas da marinha portugueza e muitos navios de commercio. A cidade é pequena; tem varios navios mercantes, e faz algum commercio com os portos visinhos, e com o de *Moçambique*: a sua *Alfandega* rendeu muito quando no seu porto se embarcava grande porção de opio para a *China*, commercio que alli está hoje mui decahido.

*Damão* tem um pequeno territorio que, no litoral, confina, ao Norte, com o Rio *Coileque*, e ao Sul, com o Rio *Callem*. No interior, mas separado de *Damão* por Possesões britannicas, está sobre o rio que passa pela cidade outro territorio mais vasto, chamado *Provincia de Nagar-Avelly*.

A população de *Damão* e seu districto andarão por 40:000 habitantes.

**Diu.**—Cidade situada em uma ilha que terá 3 leguas de comprimento, defronte da costa de *Guzarate*, fôrma, com esta, um excellente porto para nãos de linha. No continente, em frente da ilha, tem um quarto de legua de terreno que lhe pertence, cercado com uma muralha chamada a *Praia de Gogolá*.

As fortificações de *Diu*, feitas pelos Portuguezes, são formidaveis, e achão-se em bom estado e com excellente artilheria.

Ha na ilha teares de fazenda de algodão, a que os fabricantes dão boas tintas. O commercio é feito quasi inteiramente pelos *Banians*, alguns dos quaes são muito ricos; estes tem navios com que commercião, principalmente com *Moçambique*, aonde muitos delles tem casas de negocio, como se disse.

A posição de *Diu*, entre a costa occidental da India, o Golfo da Persia e o Mar Vermelho, pôde ser importante para o commercio.

A população da ilha andarão por 40:000 habitantes, quasi todos gentios.

## Asia oriental e Oceania

### Provincia de Macau e Timor

A PROVINCIA DE MACAU E TIMOR comprehende *Macau* e todo o territorio portuguez da Ilha de *Timor*.

**Macau.**—Cidade situada em uma pequena península montuosa da Provincia de *Cantão*, na parte meridional da China (1), e que tem perto de uma legua de comprimento, e um quarto de legua de largura. Está na latitude septen-

---

(1) Os Portuguezes, depois de terem estabelecido o assento do seu commercio em *Liampó* e *Chincheu*, abandonarão estes lugares, e forão fundar *Macau* em 1557.

trional de 22° e 12'. O seu clima é muito saudavel, e o paiz visinho, mui fertil. No isthmo da península, ha uma muralha que communica com o territorio chinez por uma porta chamada do *Cerco*, que os europeus não podem ultrapassar.

Ha perto de tres seculos que os Portuguezes lançarão os fundamentos da mesma cidade. Conta-se que quando elles ião de *Malaca* commerciar com a China, surprehendidos os seus navios da tempestade, naufragavão muitas vezes, por não terem um bom porto nas ilhas que se achão nas immediações de *Macau*. Pedirão um lugar seguro aonde pudessem invernar, até que a estação lhes permitisse voltar ao seu paiz, e os Chinas derão-lhe esse angulo de terra, cheio de rochedos, habitado unicamente por ladrões, que forçoso foi desalojar, o que os Portuguezes conseguirão; depois construirão solidos edificios e até fortalezas.

*Macau* é portanto uma colonia de Portuguezes alli estabelecidos por uma antiga concessão feita pelo Imperador da China, em signal de reconhecimento por elles terem exterminado os piratas que infestavão as costas do Imperio.

No terreno de *Macau* ha tres pequenas aldeias de Chinas, que se entregão á agricultura.

A cidade está edificada nas encostas com tres fortes e tres baterias, sendo o do *Monte* e o da *Guia* os principaes. Tem alguns edificios espaçosos e de boa architectura europêa. Vista do mar, de qualquer dos lados da península, offerece bella apparencia.

Tem um Bispo com seu cabido. A jurisdicção do Bispo de *Macau* e o Padroado na China, segundo o Tratado com o Summo Pontifice Pio IX, de 21 de Fevereiro de 1857 (1), comprehende *Macau*, e Provincia de *Kuang-tong*, (Cantão), e as ilhas adjacentes, exceptuadas sómente a Provincia de *Quam-Si* e a *Ilha de Hon-Kong*.

O porto de *Macau*, hoje franco a todas as nações em virtude do Decreto de 20 de Novembro de 1845, é vasto e seguro; a sua praça, que possui varios navios, faz um commercio importante.

Todos os lucros dos habitantes provém do commercio. É do territorio chinez que recebem a maior parte dos viveres que consomem. Em casos de desintelligencia com os

(1) Publicado no *Diario de Lisboa* de 23 de Fevereiro de 1860.

Mandarins, tem estes prohibido a entrada de mantimentos.

Na cidade ha um Governador, uma Camara Municipal, Juiz de Direito, Alfandega, Casa de Misericordia, Hospital, Seminario e outros Estabelecimentos: ha tambem um batalhão que a guarnece.

Existe em *Macau* a *Cruta de Camões*, assim chamada, porque a tradição diz que o grande poeta, depois do seu naufragio, ia alli matar as saudades da patria, e compozera parte da epopêa que tornou immortal o seu nome.

**Timor.**—Esta grande ilha tem 60 leguas de comprimento e 18 de largura: corre de Nordeste a Sudoeste, e é dividida por uma alta serra em duas partes. Acha-se nella o ouro e outros metaes; tem sal e petroleo. Abunda em sandalo, cuja madeira se exporta para a China. Produz todas as especiarias. A ilha é dividida em varios pequenos Estados.

O Governador portuguez reside na cidade de *Dilly*, (1) na costa do Norte, povoação insignificante, cuja situação é má e insalubre; n'outro tempo residia na *Bahia de Lifão*, que tem melhor ar.

Tres quartas partes da ilha, com 55 Reis, reconhecção, ha poucos annos, a auctoridade do Governador portuguez, e usavão da bandeira portugueza.

Pelo Artigo 5.º do Tratado com o Rei dos Paizes Baixos, de 20 de Abril de 1859 (2), cedeu a Neerlandia a Portugal o *Reino de Maubara* (na Ilha de Timor) e a parte de *Ambenu*, que desde muitos annos arvorava a bandeira portugueza. Pelo Artigo 7.º do referido Tratado cedeu Portugal á Neerlandia, na ilha das Flores, os Estados de *Larantuca*, *Sicca* e *Payas*, com suas dependencias: na *Ilha de Adenara*, e Estado de *Wouré*; na *Ilha de Solor*, o Estado de *Pamung Kaju*. Em compensação do que Portugal poderia perder com a troca daquellas Possessões, recebeu do Governo neerlandez a quantia de duzentos mil florins.

Os limites entre as Possessões portuguezas e neerlandezas, na *Ilha de Timor*, ficarão sendo, em virtude do referido Tratado, ao Norte, as fronteiras que separão *Cova de Juanilo*, e ao Sul, as que separão *Suar* de *Lakecune*.

(1) Foi elevada á cathogoria de cidade por decreto de 47 de Setembro de 1863.

(2) Publicação no *Diario de Lisboa* de 22 de Setembro de 1860.

Entre estes dois pontos pertencem a Portugal os seguintes Estados: *Cova, Balibó, Lamakitu, Tafakay*, ou *Takay, Tatumea, Laukeu, Dacolo, Tamiru Eulálang (Eulaleng), Suai*.

### SANTA SÉ

Em consequencia da occupação dos *Estados pontificios* ou da *Igreja* pelas tropas italianas, em setembro de 1870, ficou o Papa privado de facto do poder temporal. Depois do plebiscito de 2 de Outubro do mesmo anno, pelo qual a população se pronunciou pela annexação, foi o territorio dos Estados Pontificios incorporado no Reino de Italia por decreto de 9 de Outubro. Em 13 de Maio de 1871 promulgou o Governo Italiano a lei chamada *das garantias*, que o Summo Pontifice não quiz reconhecer, renunciando assim á dotação annual de tres milhões e duzentos e vinte e cinco mil francos, que o mesmo Governo Italiano lhe arbitrara.

Antes da annexação da *Romanha*, das *Marchas* e da *Ombria* ao antigo Reino de Sardenha, em 1860, compunhão-se os Estados Pontificios de 5 Legações, a saber: A *Romanha*, a *Comarca de Roma* (1), a *Ombria*, as *Marchas* e a *Campania*, e das 20 Delegações: *Bolonha, Ferrara, Forli, Ravenna, Viterbo, Civita Vecchia, Orvieto, Spoleto, Perugia, Rieti, Ancona, Urbino e Pesaro, Macerata, Loretto, Fermo, Ascoli, Camerino, Velletri, Frosinome, Benevento*. Em Outubro de 1870 porém achavão-se reduzidos os Estados da Igreja á *Legação de Roma* e a *Comarca*, e ás *Delegações de Viterbo, Civita Vecchia, Velletri* e *Frosinone* (sem *Pontecorvo*).

**Cidades principaes dos antigos Estados Pontificios.**—*Velletri*, importante por alguns bons edificios e por suas antiguidades: *Viterbo*, ao Sul do Lago de Bolsena, n'uma bella situação, tendo nas suas visinhanças lindas casas de campo, aonde as familias distinctas costumão passar o Verão; *Civita Vecchia*, porto principal dos referidos Estados, importante por suas fortificações, estaleiros, arsenal e principalmente pelo seu commercio; *Terracina*, pouco saudavel por causa da sua

(1) A *Comarca de Roma* corresponde, pouco mais ou menos, aos territorios denominados, durante muito tempo, *Patrimonio de S. Pedro*.

proximidade das Lagoas pontinas: tem alguns edificios notaveis, e restos importantes de antiguidades romanas, e entre elles os da *Via-Appia*; *Trascati* (a antiga *Tusculum*), com muitas antiguidades e deliciosas quintas nas suas immediações, etc.

### REPUBLICA DE S. MARINO

A REPUBLICA DE S. MARINO é um dos mais antigos Estados da Europa. Consta de quatro aldéas e uma cidade, que é *S. Marino*, com 5:000 habitantes pouco mais ou menos. Esta Republica acha-se encravada nos antigos Estados da Igreja, e está debaixo da protecção do Santo Padre.

A população total desta Republica regula por 8:000 almas.

A origem de *S. Marino* data do seculo v. Nessa época um pobre canteiro, chamado *Marino*, retirou-se para aquelle lugar, então solitario, e construiu uma choupana. A sua vida pobre e exemplar, e a sua reputação de santidade, chamáráo a attenção de grande numero de devotos, que se forão estabelecer nas immediações, augmentando-se o seu numero a ponto de formar uma cidade.

A independencia dos habitantes foi sempre respeitada, e deve a sua consolidação á obscuridade em que se mantiverão.

Em 1797, mandou *Bonaparte* propôr a esta Republica um augmento de territorio, que ella porém não aceitou.

### ITALIA

A parte da Europa chamada ITALIA (1), estava dividida, antes de 1859, ou dos acontecimentos de que resultou a criação do *Reino d'Italia*, em 9 Estados, a saber, de Norte a Sul:

---

(1) A *Italia* foi denominada *Hesperia*, pelos Gregos, porque, segundo a *Fabula*, alli se refugiou *Hespero*, quando expulso por seu irmão *Atlas*. A *Hespanha* depois teve a mesma denominação, por ser o paiz mais occidental da Europa, do nome do Planeta *Hespero* (ou *Venus*) que á noite apparece para o lado do occidente.— Quando porém se fallava da *Italia*, dizia-se—*HESPERIA MAGNA* OU PRIMEIRA—e da *Hespanha*—*HESPERIA ULTIMA*.

A *Hespanha* chamava-se tambem *Iberia*, por causa do Rio Ebro, que banha uma parte do seu territorio, e vai lançar-se no Mediterraneo.

1.º O REINO DE SARDENHA OU OS ESTADOS SARDOS, compostos de um territorio no continente, e da Ilha de Sardenha, no Mediterraneo, com uma população de 5 milhões de habitantes. Capital *Turin*.

2.º O PRINCIPADO DE MÓNACO, encravado nos Estados sardos.—População 6:000 ou 7:000 almas. Capital *Mónaco* (1).

3.º O REINO LOMBARDO VENEZIANO, que pertencia ao Imperio d'Austria.—População 2.300:000 habitantes. Capital *Milão*.

4.º O DUCADO DE PARMA.—População 500:000 habitantes. Capital *Parma*.

5.º O DUCADO DE MODENA.—População 600:000 habitantes. Capital *Modena*.

6.º O GRAM-DUCADO DE TOSCANA.—População 1.800:000 habitantes. Capital *Florença*.

7.º OS ESTADOS DA IGREJA.—População 3.200:000 habitantes. Capital *Roma*.

8.º A REPUBLICA DE S. MARINO, encravada nos Estados da Igreja.—População 8:000 habitantes. Capital *S. Marino*.

9.º O REINO DAS DUAS SICILIAS, composto do Reino de Napoles e da Ilha de Sicilia.—População 8.700:000 habitantes. Capital *Napoles*.

#### REINO D'ITALIA

Em virtude dos Tratados de *Villafranca* de 11 de Julho de 1859, e de *Zurich* de 40 de Novembro do referido anno (2), ficou a *Lombardia*, á excepção das praças de *Peschiera* e *Mantua*, e da cidade de *Monza*, pertencendo aos Estados sardos, conservando a Austria unicamente na Italia as ditas praças e cidade, e a *Venezia*, que hoje tambem pertence á Italia.

As cidades pois de *Milão*, *Crema*, *Brescia*, *Bergamo*,

---

(1) Pelo Tratado de 2 de Fevereiro de 1861, cedeu o *Principe de Mónaco* á França os territorios de Roquebrun e de Mentone, mediante uma indemnisação de 4 milhões de francos. A superficie actual limita-se ao territorio da cidade de *Mónaco*, cuja população regula por 2:000 habitantes, pouco mais ou menos. Este Principado acha-se sob a protecção da mesma França.

(2) *Diário de Lisboa* de 22 de Julho de 1859, e de 14 de Dezembro do mesmo anno.

*Pavia, Como e Lodi*, ficarão assim pertencendo aos mesmos Estados.

Pouco depois a Sardenha, pela sua parte, cedeu á França, pelo Tratado de 11 de Junho de 1860, a *Saboia* e o territorio de *Nice*, como dito fica.

El-Rei de Sardenha, VICTOR MANUEL II, de accordo com o voto do Parlamento italiano, assumiu para si e seus descendentes o titulo de *Rei d'Italia*. Neste novo Reino, forão incluídos o *Reino das Duas Sicílias* (1), os *Ducados de Parma* e de *Placencia, de Módena*, o *Gran-Ducado de Toscana* e a *Romanha*, parte septentrional dos Estados do Papa, comprehendendo as quatro Delegações de *Bolonha, Ferrara, Ravenna e Forli*.

**População do Reino d'Italia.** — Constava em 1871, em virtude das annexações, de 26.801:154 habitantes.

**Capital do Reino d'Italia.** — *Roma*, sobre o Rio *Tibre*, é a cidade mais rica em monumentos historicos antigos e modernos. É tambem a residencia do Papa, e considerada como a metropole do culto catholico.

**Religião.** — A catholica apostolica romana é a dominante em toda a *Italia*.

#### **Cidades notaveis :**

NO ANTIGO REINO DE SARDENHA. — *Turim*, sobre o Rio *Pó*; *Génova*, patria de CHRISTOVÃO COLOMBO, no golfo daquelle nome; *Alexandria*, cidade mui fortificada, a pouca distancia da qual se acha a aldêa de *Marengo*, celebre pela victoria que os Francezes obtiverão em 1800 sobre os Austriacos, e que os tornou senhores do Piemonte e da Lombardia; *Cagliari*, na Ilha de Sardenha, etc.

NA LOMBARDIA. — *Milão*, a maior cidade do Norte da *Italia*, no meio de uma immensa planicie, celebre pela sua admiravel fertilidade.

NA VENEZIA. — *Veneza, Verona, Padua, Treviso, etc.*

NO ANTIGO GRAN-DUCADO DE TOSCANA. — *Leorne*, porto mui commerciante no Mediterraneo, *Florença*, uma das mais lindas cidades de *Italia*, etc.

NO EXTINGTO REINO DAS DUAS SICÍLIAS. — *Napoles*, edificada em amphitheatro no fundo de um golfo do Medi-

(1) Tanto o Papa, como a Duqueza de Parma, o Duque de Modena, o Gran-Duque da Toscana e El-Rei das Duas Sicílias, protestarão contra a annexação dos seus Estados aos do Rei de Sardenha.

terraneo, perto do *Vesuvio*, volcão terrível que, nas suas erupções, causa grandes estragos: esta é a maior cidade de *Italia*. Nas immediações desta capital, achão-se as ruínas de Herculanium, cidade que foi submergida por uma erupção de lavas deste volcão, aos 79 annos da Era vulgar.

*Tarento*, no golfo deste nome, *Otranto*, no canal que dá entrada ao Mar Adriatico: na *Sicilia*, *Palermo*, ao Norte, capital da mesma ilha, *Messina*, porto sobre o Pharo de Messina, etc.

**Divisão administrativa.** — Consta actualmente de 69 Provincias, a saber:

	1 Alexandria.		39 Arezo.
	2 Coni ou Cumea.		40 Florença.
NO PIEMONTE E	3 Genova.		41 Grosseio.
LIGURIA.....	4 Novara.	NA TOSCANA...	42 Leone.
	5 Porto Mauricio.		43 Luca.
	6 Turim.		44 Pisa.
			45 Siena.
NA SARDENHA..	7 Cagliari.	NO LACIO.....	46 Roma.
	8 Sassari.		47 Abruzzo cite- rior.
			48 Abruzzo ulte- rior I.
	9 Bergamo.	NOS ABRUZZOS E	49 Abruzzo ulte- rior II.
	10 Brescia.	MOLISA.....	50 Molisa.
	11 Como.		51 Benevento.
NA LOMBARDIA	12 Crémona.		52 Napoles.
	13 Mantua.		53 Principado ci- terior.
	14 Milão.	NA CAMPANIA..	54 Principado ul- terior.
	15 Pavia.		55 Terra de La- voro.
	16 Sondrio.		56 Capitanata.
			57 Terra de Bari.
	17 Belluno.	NAS PULHAS...	58 Terra de Otran- to.
	18 Padua.		59 Potenza.
	19 Rovigo.	NA BASILICATA	60 Calabria cite- rior.
NA VENEZIA ...	20 Treviso.		61 Calabria ulte- rior I.
	21 Udino.	NA CALABRIA..	62 Calabria ulte- rior II.
	22 Veneza.		63 Caltasinetta.
	23 Verona.		64 Catania.
	24 Vicenza.		65 Girgenti.
			66 Messina.
	25 Bolonha.		67 Palermo.
	26 Ferrara.	NA SICILIA....	68 Syracusea.
	27 Forli.		69 Trapani.
	28 Massa e Carrara.		
NA EMILIA.....	29 Modena.		
	30 Parma.		
	31 Piacenza.		
	32 Ravena.		
	33 Reggio.		
	34 Ancona.		
NAS MARCHAS.	35 Ascoli Piceno.		
	36 Macerata.		
	37 Pesaro e Urbino		
NA OMBRIA ...	38 Perugia.		

**Clima e produções.**— A *Italia* é a região da Europa que goza o clima mais aprazível e mais suave; contudo é algum tanto quente para a parte do Meio dia. O lado do Norte, cercado de altas montanhas que dão nascimento a grande numero de lagos e rios, não é a parte mais quente, mas sim a mais fértil em cereaes, vinhos e excellentes pastos. Mais para o Sul, acha-se a oliveira, a laranjeira, o limoeiro, a romeira, o algodoeiro e a canna de assucar. Entre Roma e Napoles, ha uns pantanos que causão muitas molestias. Finalmente, o lado meridional coberto, em muitas partes, de montanhas e bosques, e mal cultivado, ainda que fértil, é sujeito a violentos tremores de terra.

**Exercito.**— As forças de terra em 31 de Março de 1873, constavão :

1.º Do exercito permanente em effectivo serviço : 183:205 homens; reserva 358:370 homens, total 541:575 homens.

2.º Da milicia provincial licenciada : 202:081 homens. Total geral 743:656 homens.

**Marinha Militar.**— No 1.º de Janeiro de 1872, constava a esquadra italiana de 76 navios a vapor, couraçados, a helice e de rodas, entrando neste numero tambem 17 transportes, com 653 peças de artilheria ao todo.

## TURQUIA OU IMPERIO OTTOMANO

As Possessões do Gran-Senhor ou o Imperio ottomano, constão da *Turquia europea*, *Turquia asiatica* e *Turquia africana*.

**A Turquia europea.**— Tem por limites : ao N., a *Russia* e a *Austria*; a O., a *Austria* e o *Adriatico*; ao S., a *Grecia*, o *Archipelago* e o *Mar de Marmara*; a L., o *Canal de Constantinopla* ou o *Bosphoro* e o *Mar Negro*.

**Capital.**— *Constantinopla*, no Estreito do mesmo nome (ou *Byzancio* dos antigos), tem um dos melhores portos do mundo. É uma das maiores cidades da Europa.— Na parte asiatica do Canal de Constantinopla, está *Scutari*, que é considerada como arrabalde da capital.

*Constantinopla*, outr'ora christã, é a sêde do *Islamismo* desde 1453, em que foi tomada pelos Turcos.

**Cidades notaveis.**— *Belgrado*, sobre o Danubio, mui fortificada; *Bukharest*, a maior cidade das regiões

situadas ao Norte do Danubio; *Andrinopla* ou *Adrinopoli*, antiga capital da *Turquia*; *Salónica*, porto mui commerciante, no golfo deste nome.

**Clima e produções.**— O clima da *Turquia europea* é temperado, e o terreno fértil; produz com abundancia cereaes, legumes, vinhos e fructas.

**Governo.**— Monarquico. O Soberano, cujo titulo é o de *Padichah*, *Gram-Senhor* ou *Sultão*, já não é tão despótico como outr'ora, isto é, senhor absoluto da vida e bens de seus subditos. O seu Governo diz-se *Sublime Porta*.

**Divisão territorial.**— A *Turquia europea* divide-se em duas partes principaes, uma sujeita e a outra tributaria. A parte sujeita, situada para o Sul, comprehende cinco Próvincias, a saber: 1.º *Romelia*, ao Sueste; 2.º *Bulgaria*, a Leste, entre os montes Balkans e o Danubio; 3.º *Bosnia*, ao Noroeste; 4.º *Albania*, ao Sudoeste; 5.º *Thessalia*, ao Sul.

Estas Provincias sub-dividem-se em 11 *Eyalets* ou *Governos* geraes. A parte tributaria comprehende os tres Principados danubianos de *Moldavia*, *Valaquia* e *Serbia*, bem como o de *Montenegro*.

**Ilhas.**— A *Turquia europea* possui varias ilhas importantes, a saber: 1.º as *Ilhas de Tasso*, *Samotraki*, *Imbro* e *Lemos*, na parte Septentrional do Mar do Archipelago; 2.º a grande *Ilha de Creta* ou de *Candia*, no Mediterraneo, á entrada do Mar do Archipelago, e ao Sueste da Grecia.

**Religião.**— O *Islamismo* ou *Mahometismo* é a religião dos Turços que pertencem á *Seita de Omar*. O *alcorão* é o seu unico código civil e religioso. O principal ministro do seu culto tem o titulo de *Musti*. Ha tambem no *Imperio ottomano*, principalmente na *Turquia europea*, grande numero de *christãos do rito grego*, que tem Patriarcas, Arcebispos, Bispos e Padres, e muitos *christãos* de diversas seitas, bem como *judeus*, que são tolerados mediante um pezado tributo.

**População.**— A do *Imperio ottomano*, nas tres partes do mundo, anda por 40.353:000 de habitantes, sendo na Europa mais de 17 milhões.

**Exercito.**— As forças de terra do IMPERIO DA TURQUIA dividem-se em *exercito regular*, *tropas irregulares* e *tropas auxiliares*.

Segundo a lei de 22 de Junho de 1869 e decreto impe-

rial de data mais recente, essas forças devem ser elevadas a 700:000 homens até ao fim de 1878, dos quaes o exército activo deverá apresentar 150:000: o mais deve ser fornecido pela 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> reserva. As *tropas auxiliares* constão dos contingentes das Províncias que não estão sujeitas ao *Nizam*, e dos Estados sob o protectorado da Turquia, que devem fornecer: a *Alta Albania* 10:000 homens, a *Bosnia*, 30:000; o *Egypto*, 15:000; Tunis e Tripoli, 4:000.

**Marinha Militar.**—Em 1872, compunha-se a esquadra turca, entrando 5 navios couraçados em construção, de 83 embarcações a vapor, com 796 peças, entre naus de linha, fragatas, corvetas, monitores, etc., e 1 fragata e 13 transportes de vela.

**Turquia asiatica.**—Veja-se a pag. 436.

**Turquia africana.**—Compõe-se dos paizes sujeitos ao Khediva do Egypto, assim como dos outros territorios que dependem d'elle na região do Nilo.

Veja-se a pag. 451, 452, 453.

#### PRINCIPADOS DANUBIANOS

Os PRINCIPADOS DA SERBIA OU SERVIA, capital *Belgrado*; da VALAQUIA, capital *Bukharest*, e da MOLDAVIA, capital *Jassi*, denominados PRINCIPADOS DANUBIANOS, são Estados tributarios do *Imperio ottomano*, e independentes na sua administração com regimens internos.

O Governo da *Valaquia* e da *Moldavia* é constitucional sobre a base do Tratado de Paris de 1856, e da Conferencia de 19 de Agosto de 1858. A *Valaquia* e a *Moldavia* foram declaradas *Principados unidos* em 1861. São governados por Principes vitalícios, eleitos pelas Assembléas nacionaes dos dois *Principados*. Os *Principados danubianos* estão sob a protecção das Potencias signatarias da paz do Oriente.

#### PRINCIPADO DE MONTENEGRO

Acha-se encravado na Turquia, a Oeste e separado do Mar Adriatico. É coberto de altas montanhas e tem uma população de 130:000 habitantes mui valorosos.

Está collocado sob a suzerania da Turquia, e é governado por um Principe hereditario e um Senado.

Capital *Cettigne*.

## GRECIA

**Posição.**— Tem por limites : ao N., a *Turquia* ; ao S., o *Mediterraneo* ; a L., o *Archipelago* ; a O., o *Mar Jonio*.

A *Grecia*, tão celebre nos seculos modernos, anteriores e posteriores ao christianismo, pela sua civilisação, pelo estudo e gosto das sciencias, das letras e das artes, e pelos homens eminentes que produziu, acha-se hoje mui decahida do seu antigo esplendor.

Este pequeno Estado formava parte do *Imperio ottomano* ; porém no anno de 1820 sacudirão os Gregos o jugo dos seus oppressores, e depois de uma cruenta e renhida guerra de sete annos, protegidos então pela França, Inglaterra e a Russia, conseguirão a sua independencia. Constituiu-se em Republica. Em 1832, foi erigida em Reino. O primeiro Rei foi o Principe *Othon*, de Baviera, que subiu ao throno em 1833, conservando-se até 1862, anno em que foi declarada desthronada a dynastia do mesmo Reino. A corôa foi então offerecida ao Principe *Alfredo*, filho segundo da Rainha d'Inglaterra, o qual a não aceitou ; sendo depois conferida ao Principe *Guilherme*, filho segundo do Rei de Dinamarca, que subiu ao throno debaixo do nome de Jorge I, com a condição porém de que as *Ilhas Jonias* seriam annexadas á Grecia, como com effeito o forão em 1864.

**Capital.**— *Athénas*, uma das mais celebres cidades do mundo pelo seu antigo esplendor, quando ella dirigia os destinos da *Grecia*, e quando, ainda muito tempo depois, era o foco das sciencias, das letras e das bellas artes. Hoje vai-se levantando das suas ruinas, e apesar das frequentes revoluções por que tem passado e de seus ultimos desastres, apresenta ainda maior copia de antiguidades do que qualquer outra cidade da *Grecia*. Está situada a duas leguas do *Pireo*, actualmente *Porto Leone*.

**Divisão administrativa.**— A Grecia divide-se em dez *Nomarchias* ou *Prefeituras*, a saber :

- 1.º ACHAIA e ELIDA ; capital *Patras*.
- 2.º MESSENA ; capital *Calamata* ou *Calamai*.
- 3.º ARCADIA ; capital *Tripolitza*.
- 4.º LACONIA ; capital *Esparta*.

- 5.º ARCOLIDA e CORINTHIA, com as Ilhas de *Hydra e Spe-tzia*; capital *Nauplia*.
- 6.º ATTICA e BEOCIA com as Ilhas *Colouri* (Salamina) *Egíria*; capital *Athénas*.
- 7.º PHTIOTIDE e PHÓCIDA; capital *Lamia*.
- 8.º ACARCANIA e ETOLIA; capital *Missolonghi*.
- 9.º EUBÉA OU ILHA DE NEGROPONTO, com as *Sporades septentrionaes* (Skiato, Scopelo, Selidromi, Sky-ro, etc.); capital *Chalcis*.
- 10.º CYCLADES; capital *Syra*.

**Cidades e lugares mais notaveis da Grecia continental.**—São NAUPLIA OU NAPOLI DI ROMANIA, que era a capital do Estado antes do Rei *Othon* transferir para Athénas a séde do governo; — MISSOLONGHI, celebre pela defeza heroica de seus habitantes em 1826; — ARGOS, uma das cidades mais antigas do mundo; NAVARINO, porto famoso pela victoria alcançada em 20 de Outubro de 1827 pelas esquadras combinadas, franceza, ingleza e russa, sobre a esquadra turco-egypcia, que foi aniquilada dentro em poucas horas, soffrendo uma perda para cima de 3:000 homens; — MODON e CORON, cidades fortes; LEPANTO, pequena praça bem fortificada no golfo do mesmo nome, celebre pela victoria que *D. João d'Austria* alcançou sobre a esquadra turca em 1571; — BOONITZA, pequena cidade em cujas immediações se acha a passagem das *Thermópilas*, aonde *Leónidas*, á frente de 300 Espartanos, se oppoz á passagem do exercito de *Xerxes*; e finalmente THEBAS, outr'ora tão florescente, no tempo de *Pelópidas* e *Epaminondas*.

**Religião.**—Os habitantes da *Grecia* seguem, pela maior parte, a *Religião christã*, e apenas se differencião da *catholica romana* em alguns pontos, meramente disciplinares, mas não reconhecem a primazia do Romano Pontífice.

**População.**—Passa de 4.300:000 habitantes.

**Governo.**—Monarquico representativo.

**Exercito.**—Uma lei votada pelas camaras em 1873 fixou a effectividade do exercito activo em 12:397 homens e o contingente, em 1:500.

**Marinha militar.**—Em 1871 constava de 2 fragatas couraçadas, 8 barcos de vapor a helice, e 41 navios de vela.

**Ilhas Jonias.**—Situadas na costa occidental e

meridional da *Grecia*, formavão uma Republica debaixo da protecção de Inglaterra, que tinha o direito de mandar guarnições para as suas praças. As principaes são 7 : 1.<sup>a</sup>, *Corfu*, cuja capital tem o mesmo nome: era a séde do Governo; 2.<sup>a</sup>, *Paxo*, a mais pequena das sete, capital *Porto-Gai*; 3.<sup>a</sup>, *Santa Maura*, outr'ora unida ao continente, capital *Amaxichi*; 4.<sup>a</sup>, *Tiaki*, antiga *Íthaca*, patria de *Ulysses*, capital *Vathi*; 5.<sup>a</sup>, *Cephalonia*, capital *Argostoli*; 6.<sup>a</sup>, *Zante*, chamada a *Flor do Levante*, em razão da sua fertilidade, capital *Zante*; 7.<sup>a</sup>, *Cérigo*, antiga *Cythera*, ao Sul da Morêa, capital *Capsali*.

## DA ASIA

A ASIA occupa toda a parte oriental do Antigo continente. É um pouco mais pequena do que a *America*, mas de todas as cinco partes do mundo é a que conta maior numero de habitantes, e fornece ao commercio produções mais preciosas.

Foi o berço do genero humano, das sciencias e das artes, e a séde das primeiras monarchias.

Tem por limites ao N., o *Oceano glacial arctico*; a O., o *Rio Kara*; a cordilheira dos *Montes-Poyaz* ou *Urals*, o *Rio Ural*, o *Mar Caspio*, a cordilheira do *Caucaso*, o *Mar Negro*, o *Estreito de Constantinopla*, o *Mar de Marmara*, o *Estreito dos Dardanellos*, o *Archipelago*, o *Mediterraneo*, o *Isthmo de Suez* e o *Golfo arabico*; ao S., o *Mar das Indias*; a L., o *Grande Oceano* e os mares que este fórma.

**Divisão da Asia.**— A ASIA divide-se em 11 partes principaes, a saber :

1 Ao Norte, a SIBERIA OU RUSSIA ASIATICA.

2 A Oeste... { A TURQUIA ASIATICA.  
A ARABIA.

4 Ao Centro. { A TARTARIA INDEPENDENTE.  
A PERSIA.  
O AFGHANISTAN.  
O BELUTCHISTAN.

2 Ao Sul.... { O INDOSTÃO.  
A INDIA ALEM DO GANGES.

2 A Leste... { A CHINA.  
O JAPÃO.

**Religiões.**—As dominantes são 4, a saber: *Budhismo, Brahmanismo, Mahometismo, Christianismo.*

**Mares que banhão a Asia.**—Além do *Mar Caspio, Mar Negro, Mar de Marmara, Archipélago e Mediterraneo*, que se nomearão como servindo de limites occidentaes da Asia, o *Grande Oceano*, que banha a sua costa oriental, fórma nesta mesma costa os seis seguintes mares, a saber, de Norte a Sul:

1.º, o *Mar de Behring*; 2.º, o *Mar d'Okhotsk*; 3.º, o *Mar do Japão*; 4.º, o *Mar Amarello*; 5.º, o *Mar Azul*; 6.º, o *Mar da China*, ao Sueste da China e da India, áquem do Ganges.

**Golfos.**—Os mares da Asia formão, nas suas costas, 9 golfos principaes, a saber:

1 O formado pelo Oceano arctico, a saber: o *Golfo de Obi*, na costa septentrional da Siberia.

5 formados pelo Mar das Indias, a saber: 1.º, o *Golfo de Oman*; 2.º, o *Golfo de Aden*; 3.º, o *Golfo arabico*; 4.º, o *Golfo persico*; 5.º, o *Golfo de Bengala*.

3 formados pelo Grande Oceano, a saber: 1.º, o *Golfo de Siam*; 2.º, o *Golfo de Tonquim*; 3.º, o *Golfo d'Anadir*.

**Estreitos.**—Além dos *Estreitos de Constantinopla* e dos *Dardanellos*, de que já se fallou, notão-se na Asia 5 Estreitos principaes, a saber: 1.º, o *Estreito de Bab-el-Mandel*; 2.º, o *Estreito d'Ormuz*; 3.º, o *Estreito de Malaca*; 4.º, o *Estreito de la Peyrouse*; 5.º, o *Estreito de Behring*.

**Rios.**—Os rios da Asia, em numero de 12 principaes, distribuem-se da seguinte maneira, entre os mares que banhão as suas costas, a saber:

3 que se lanção no Oceano glacial arctico:

1.º o <i>Lena</i>	} que banhão a Siberia.
2.º o <i>Ienissei</i>	
3.º o <i>Obi</i>	

5 que se lanção no Mar das Indias, a saber: 1 pelo *Golfo persico*: o *Chat-el-Arab*; 1 pelo *Golfo d'Oman*: o *Sind* ou *Indus*; 3 pelo *Golfo de Bengala*: o *Ganges*, o *Bramapouter* e *Dzangbo* ou *Iraouady*.

1 no *Mar da China*: o *May-Kang* ou *Camboje*.

3 no *Grande Oceano*: o *Rio Azul* ou *Yang-Tseu-Kiang*; o *Rio Amarello* ou *Hoang-Ho*, o *Rio Amor*.

**Peninsulas.**—Distinguem-se na Asia 7 peninsulas: 4 grandes e 3 menos consideraveis.

As 4 grandes são: — 1.º, a *Anatolia*; 2.º, a *Arabia*; 3.º, o *Indostão*; 4.º, a *Indo-China*.

As 3 pequenas peninsulas são: — 1.º, a de *Malaca*; 2.º, a *Coréa*; 3.º, o *Kamtschatka*.

**Cabos.**— Os principaes cabos da *Asia* são 6, a saber: — 1.º, *Cabo oriental*; 2.º, *Cabo Severo-Vostochnoi*; 3.º, *Cabo Fartash*; 4.º, *Cabo-Ras-al-Gate*; 5.º, *Cabo-Moçandon*; 6.º, *Cabo Comorim*.

## SIBERIA OU RUSSIA ASIATICA

**Limites.**— Ao N., o *Oceano glacial arctico*; a L., o *Estreito e Mar de Behring*; ao S., o *Mar d'Okhotsk*, o *Imperio chinez*, o *Turkestan*; a O., a *Russia européa*.

**Cidades notaveis.**— *Tobolsk*, *Irkutsk*, *Okhotsk*, *Hiakhta*, *Tomsks*, *Omsk*, *Petro paulosk*, etc.

**Ilhas pertencentes á Siberia.**— São: as de *Liaikof*, no *Oceano arctico*, e as *Kuriles septentrionaes*.

**População.**— Não chega a 4 milhões de habitantes.

**Clima e produções.**— O lado do Norte é excessivamente frio, e está coberto de lagoas, quasi sempre geladas, e de immensos desertos; o Meio dia é muito fertil. Os Verões são alli muito curtos.

Nos montes do Oeste e do Sueste encontrão-se ricas minas de ouro, prata, ferro, iman, cobre, chumbo e zinco. Achão-se tambem alli diamantes, esmeraldas, topazios, pórfiro, etc.

## TURQUIA ASIATICA

Tem por limites ao N., a *Russia* e o *Mar Negro*; a O., o *Canal de Constantinopla*, o *Mar de Marmara*, o *Estreito dos Dardanellos*, o *Archipelago* e o *Mediterraneo*; ao S., a *Arabia*; a L., a *Persia*.

Toda a parte occidental da TURQUIA ASIATICA fôrma uma grande peninsula, celebre na antiguidade sob a denominação de *Asia menor*.

Pertencem á TURQUIA ASIATICA a *Armenia*, ao N. E.; o *Kurdistan* a L.; a *Mesopotamia* e *Irak-Arabi* ao S. E.; a *Syria*, ao Sul.

A TURQUIA ASIATICA divide-se em seis regiões geographicas, a saber: 1.º, *Asia Menor* ou *Anatolia*; 2.º, *Ar-*

mema; 3.º, o *Kurdistan*; 4.º, o *Irak-Arabi*; 5.º, o *Aldjazyreh* ou *Mesopotamia*; 6.º, a *Syria*.

**Cidades notaveis.** — Na ARMENIA *Ergoreum*, aonde se fabricão as melhores armas brancas da *Turquia*; *Diarbekir* ou *Amid*, com celebres manufacturas de sedas e marroquim.

No KURDISTAN, *Mossul*, perto da antiga Ninive, cujos vestigios forão descobertos em 1843 por Mr. *Botta*, Consul de França na aldêa de *Khorsabad*.

Na MESOPOTAMIA (1), *Reha*, *Harran*, *Nisibe* celebre por uma victoria d'*Ibrahim-Pachá* sobre os Turcos em 1839.

Na IRAK-ARABI, *Bagdad*, sobre o Tigre, outr'ora séde brilhante do Império dos Kalifas. Apesar de ter decahido muito do seu antigo esplendor, contém bellos bazares ou mercados. Ao Sul de *Bagdad*, está *Helleh* ou *Hillah*, perto das ruinas da antiga *Babylonia*; finalmente ao S. E. *Bassora* ou *Basra*, cidade de grande commercio.

Na SYRIA, *Alexandreta* ou *Scanderoun*; *Latakieh*, ou *Ladikieh*, (a antiga *Laodicéa*), *Tripoli*, bella cidade denominada *Tripoli do Oriente*, para a distinguir de outra cidade do mesmo nome, situada na Africa; *Beyruth*, um dos portos da *Syria* mais frequentados pelos europeus; *Sour*, hoje pequena cidade, mas outr'ora celebre sob o nome de *Tyro*; *S. João d'Acre*, famosa pelos longos e terribes assedios que sustentou; *Jaffa*; *Alepo* ou *Haleb*, que foi muito tempo a cidade mais rica e mais importante da *Turquia asiatica*; *Antakieh*, que, sob o nome de *Antioquia*, foi outr'ora uma das mais bellas cidades da Asia e capital da *Syria*, no tempo dos *Seleucidas*, e um dos lugares mais interessantes na historia do principio do christianismo; *Damasco*, celebre pelas suas fabricas de folhas d'espada, sedas e algodão; *Jerusalem*, antiga capital da *Palestina* ou *Judêa*, berço do genero humano, e aonde se operarão os principaes mysterios da nossa Religião.

É na Asia menor que se acha o *Monte Ararat*, tão celebre na Historia Sagrada.

Na ANATOLIA acha-se *Smyrna* ou *Ismir*, no golfo do mesmo nome: é a cidade mais commerciante da *Turquia asiatica*.

**População e Religiões.** — A *Turquia asiatica* conta 16 milhões de habitantes, pouco mais ou menos. Os

(1) A palavra *Mesopotamia* quer dizer em lingua grega: no meio dos rios.

Turcos formão apenas uma fraca porção da sua população, em que se comprehende grande numero de *Gregos, Arabes, Armenios, Judeus, etc.*

O *Islamismo* é a religião dominante nesta região. Os Gregos e os Armenios são christãos, mas os seus ritos differem da Religião catholica. Os maronitas professão tambem o christianismo, e reconhecem a auctoridade do Papa, sem comtudo adoptarem todas as fórmãs do catholicismo.

## ARABIA

A ARABIA confina ao N., com a *Turquia asiatica*; a O., com o *Mar Vermelho*; ao S., com os *Golfos d'Aden* e de *Oman*; e a L., com o *Golfo d'Oman*, o *Estreito d'Ormuz* e o *Golfo persico*.

**Cidades notaveis.**— A Oeste, a *Meca*, berço do mahometismo, patria de *MAFOMA*, cujo tumulo ainda hoje se vê em *Medina*, na Provincia de *Hedjaz*.

Ao Sul, *Sana*, capital da Provincia d'*Yemen* (1), aonde se acha *Moka*, bom porto, celebre pelo excellente café que dalli se exporta, e *Aden*, que dá o seu nome ao golfo sobre o qual está situada.

A Leste, *Maskate*, bom porto, e capital da Provincia d'*Oman*, que dá o seu nome ao golfo visinho: é a cidade mais commerciante da *Arabia*.

**População.**— Calcula-se em 11 ou 12 milhões de habitantes, parte dos quaes andão errantes com os seus rebanhos, e são chamados *Beduinos*.

**Religião.**— Os Arabes seguem quasi todos a de *Mafoma*. Achão-se tambem muitos judeus na *Arabia*.

## TURKESTAN

O TURKESTAN (impropriamente chamado Tartaria independente) tem por limites ao N., a *Siberia*; a O., o *Mar Caspio*; ao S., a *Persia* e o *Afghanistan*; a L., o *Imperio chinez*.

**Cidades notaveis.**— Ao Sul, *Khokand*, capital de um poderoso Estado ou Khanato do mesmo nome;

---

(1) O terreno d'*Yemen* é de uma fecundidade tal, que se den n'outro tempo a esta região o nome de *Arabia feliz*.

*Bukhara*, a maior cidade do *Turkestan*, muito industriosa; *Samarkand*, outr'ora florescente, e capital que foi, no seculo xv, do vasto Imperio do famoso *Tamerlão*.

**População.**—Calcula-se em 8 ou 9 milhões de habitantes.

**Religião.**—Os seus habitantes professão, pela maior parte, o *mahometismo*.

**Nocões diversas.**—Ao Norte, habitão os *Kirghiz*, divididos em tres tribus, cujas duas menos consideraveis se collocarão sob a protecção da *Russia*. A Oeste acha-se a *Turcomânia*, d'onde provêm os *Turcos*.

O *TURKESTAN* contém, em grande parte, immensas planicies e desertos, a que se dá o nome de *Steppes*, percorridos por tribus nómades ou errantes, que conduzem os seus gados aonde se achão as melhores pastagens. A região meridional, chamada a *Gram-Bukharia*, é a mais fértil e a mais povoada do *TURKESTAN*. É governada por um Soberano que toma o titulo de *Principe dos crentes*. As montanhas do Sueste contém minas de ouro, prata e pedras preciosas.

## PERSIA

A *PERSIA*, chamada *Iran* pelos orientaes, tem por limites ao N., o *Turkestan*, o *Mar Caspio* e a *Russia*; a O., a *Turquia asiatica*; ao S., o *Golfo persico* e o *Estreito d'Ormuz*; a L., o *Belutchistan* e o *Afghanistan*.

**Capital.**—*Teheran*, residencia do Soberano durante o inverno.

**Cidades notaveis.**—No centro, *Ispahan*, outr'ora capital, e ainda hoje a maior cidade da *Persia*. Ao Sul, *Chyrax*, n'um valle celebre pelos seus deliciosos vinhos.

**População.**—Calcula-se em 5 milhões de habitantes, pouco mais ou menos (1).

**Religião.**—Os Persas são *mahometanos schyitas*, ou da seita *d'Ali*, inimiga da de *Omar*, ou dos *sunnitas*, á qual pertencem os *Turcos*.

**Nocões diversas.**—O Soberano tem o titulo de *Schah*, a que accrescenta o de *Schahynschah*, que quer dizer *Rei dos Reis*, e gosa de uma auctoridade absoluta.

(1) *Almanach de Gotha* de 1874.

Em 1741, por morte de *Thomaz Kuli-Khan*, ficou a *Persia* reduzida aos seus limites actuaes; separando-se della o *Afghanistan* e o *Belutchistan*.

#### AFGHANISTAN

O AFGHANISTAN, a que tambem se dá o nome de *Reino de Cabul*, ou *Persia oriental*, tem por limites ao N., o *Turkestan*; a O., a *Persia*; ao S., o *Belutchistan*; a L., o *Indostão*.

**Capital.**—*Cabul*, residencia actual do soberano.

**Cidades notaveis.**—*Khandahar*, antiga capital do *Afghanistan*, *Ferrab*, *Bamian*, etc.

**População.**—Anda por 5 milhões de habitantes.

**Religião.**—O *mahometismo* é a dominante.

**Nocões diversas.**—O *Afghanistan* foi invadido em 1839 pelos Inglezes, mas a influencia destes cessou em consequencia dos revezes que alli experimentarão em 1842.

#### BELUTCHISTAN

O BELUTCHISTAN confina ao N., com o *Afghanistan*; a O., com a *Persia*; ao S., com o *Golfo d'Oman*; a L., com o *Indostão*.

**Capital.**—*Kelat*, para o Norte, na provincia do mesmo nome, cidade industriosa e commerciante.

**Cidades notaveis.**—*Goudava*, ao Sueste de *Kelata*, *Bela*, *Hedge*, etc.

**População.**—Calcula-se em perto de 3 milhões de habitantes.

**Religião.**—A *mahometana schyyla*.

**Nocões diversas.**—Esta região é extensa, mas pouco conhecida. Os habitantes obedecem a varios chefes ou *Kans*, que reconhecem a auctoridade do de *Kelat*.

#### REINO DE HERAT

Este pequeno Reino foi creado por um soberano que perdeu o throno do *Afghanistan*.

**Capital.**—*Herat*, cidade muito commerciante, que possui excellentes fabricas d'espadas, tapetes, etc.

**População.**—Anda por 1.800:000 almas.

## INDOSTÃO

O INDOSTÃO tem por limites ao N., o *Imperio chinéz*; a L., o *Golfo de Bengala* e a *India alem do Ganges*; ao S., o *Mar das Indias*; a O., o *Afghanistan*, o *Belutchistan* e o *Golfo d'Oman*.

**Divisão politica.**—O *Indostão*, a que tambem se dá o nome *d'India áquem do Ganges* e de *Peninsula occidental da India*, formava outr'ora um só e poderoso Imperio, cujo soberano era conhecido pelo nome de *Gram-Mogol*. Hoje divide-se da seguinte maneira, a saber:

- 1.º POSSESSÕES IMMEDIATAS DOS INGLEZES.
- 2.º POSSESSÕES MEDIATAS OU ESTADOS TRIBUTARIOS OU ALLIADOS DOS INGLEZES.
- 3.º POSSESSÕES PORTUGUEZAS E POSSESSÕES FRANCEZAS.
- 4.º ESTADOS INDEPENDENTES.

### Possessões immediatas dos Inglezes

Os Inglezes possuem quasi todas as provincias maritimas, e estendêrão o seu dominio sobre muitos pontos dos mais ricos do interior. Comtudo uma terrivel insurreição, manifestada em 1857, poz em perigo, durante algum tempo, o seu poder na India.

As Possessões inglezas na India, hoje tão vastas, não datão comtudo senão do seculo passado. Forão, durante muito tempo, concedidas a uma companhia de negociantes inglezes, conhecida pela denominação de *Companhia das Indias orientaes*, que dividiu a sua administração em tres Governos ou *Presidencias*, a saber: 1.º, *Presidencia de Calcuttá* (antiga Provincia de *Bengala*); 2.º, *Presidencia de Bombaim*; 3.º, *Presidencia de Madrasta*.

**Presidencia de Calcuttá.**—Capital *Calcuttá*, vasta e importantissima cidade sobre o *Hougly*, um dos braços do *Rio Ganges*. É a séde do Governo Geral das Possessões inglezas no *Indostão*.

As outras cidades notaveis desta *Presidencia* são: *Dakka*, *Mourchidabad*, *Patna*, *Benares*, *Delhi*, etc.

**Presidencia de Madrasta.**—A sua capital tem o mesmo nome, e está situada na Costa de *Coromandel*.

As outras cidades notaveis desta *Presidencia* são: *Ma-*

*sulipatan, Tritchinopoli, Kuddalore, Tandjavre, Seringapatam, etc.*

**Presidencia de Bombaim.** — Capital *Bombaim*, na costa occidental da Índia. É o grande Estabelecimento da marinha militar ingleza na India.

As outras cidades importantes são: *Surrate, Ahmedabad, Viziadrug, etc.*

**A Ilha de Bombaim.** — Pertenceu aos Portuguezes, que a cedêrão á Inglaterra, em 1661, assim como *Tanger*, pelo Tratado de casamento da Infanta *D. Catharina*, filha d'El-Rei D. João IV, com *Carlos II*, Rei d'Inglaterra (1).

**Noções diversas.** — No principio do seculo passado, a *India ingleza* formava, em grande parte, o poderoso Imperio do Gram-Mogol, como já se disse, cujo soberano, pelas derrotas que soffreu, se tornou tão desprezível a seus subditos, que os *Nababos* e *Soubahs*, que erão os Governadores das Provincias, se rebellárão contra a sua auctoridade, e declarárão independentes os seus Governos. Muitas nações disputárão uma parte d'aquelle Imperio; mas os Inglezes, auxiliados pelo concurso de muitas circumstancias felizes, ficárão quasi unicos senhores de toda a India.

A *Companhia das Indias orientaes*, que residia em Londres, nomeava os Governadores da India, aonde tinha um exercito de mais de 200:000 homens, 30:000 dos quaes europeus. Esta *Companhia*, posto que gozasse dos direitos da realza, apenas tinha uma auctoridade temporaria, que devia ser confirmada de 20 em 20 annos pelo Rei d'Inglaterra, cuja soberania reconhecia.

Hoje toda a India ingleza é administrada directamente pelo Governo britannico.

### Possessões mediatas ou Estados tributarios ou aliados dos Inglezes

OS ESTADOS TRIBUTARIOS DOS INGLEZES SÃO: *Radjastan*, ou territorio occupado pelos *Radjputs*, povo pouco civilizado e mui guerreiro; o Estado da dynastia de *Sindhjah*, capital *Gualior*; o da dynastia de *Guykavar*, capital *Ba-*

(1) Veja-se mais adiante o que a este respeito se diz no reinado de D. AFFONSO VI.

rode; o da dynastia de *Holkar*, capital *Indour*. O *Ráo de Koth* é um Príncipe tributario, assim como o *Nababo de Cambaya*, e o Príncipe de *Nizan*, que reside em *Hayderabad*, capital dos seus Estados, perto de *Golconda*, outr'ora capital de um reino do mesmo nome, etc.

As *Ilhas Laquedivas* ou *Lake-Dive*, ao S. O. da costa de Malabar, chegam ao numero de 32, todas mui pequenas, e obedecem a um Príncipe vassallo dos Inglezes.

A grande Ilha de *Ceylão*, proxima do Indostão, e mais conhecida dos antigos pelo nome de *Taprobana*, foi descoberta em 1505, pelo portuguez D. LOURENÇO D'ALMEIDA. É mui fertil e rica em mineraes e pedras preciosas, e celebre pelas perolas que alli se pescão, pela sua canella e pelos elefantes de que abunda, e de que se tira marfim em grande quantidade.

Passou ao dominio hollandez em 1656. Os Inglezes tomárão parte da ilha em 1796; mas só vierão a ficar senhores de toda ella desde 1802, em virtude do *Tratado d'Amiens*, de 27 de Março do mesmo anno (1). A sua capital é *Columbo*, na costa occidental. *Candy*, situada no centro da mesma ilha, era antigamente a capital.

No anno de 1597 achando-se varios fidalgos portuguezes na Ilha de *Ceylão*, jurárão solememente, assim como os principaes senhores naturaes da mesma ilha, Rei de *Ceylão* a El-Rei de Portugal, em virtude das disposições testamentarias do ultimo Rei daquella ilha chamado D. JOÃO PAREA PANDAR.

### Possessões portuguezas

São: *Diu*, *Goa*, *Damão* e *Ilhas de Anchediva*, de que já se fallou.

---

(1) Convem advertir que pelo Artigo 14.º do Tratado de 23 de Junho de 1661, entre Portugal e a Gram-Bretanha (roborado pelo Artigo 3.º do *Tratado de Vienna* de 22 de Janeiro de 1815) ficou estipulado que no caso eventual de vir a *Ilha de Ceylão* ao dominio da Gram-Bretanha, esta Potencia se obrigava a restituir effectivamente a Portugal a cidade e porto de *Columbo*; devendo comtudo o commercio de canella ficar alli commum aos subditos de ambas as nações.

Até hoje porém ainda a *Gram-Bretanha* está de plena posse da referida cidade.

### Possessões francezas

*Chandernagor*, ao Norte de Calcuttá. Na costa de Coromandel, *Pondichéry*: é o principal porto para o commercio francez da India; — *Mahé*, na Costa de Malabar; *Karical*, na mesma costa; *Yanaon*, no Golfo de Bengala.

Os Dinamarquezes possuem no Indostão, até 1854, *Tranquebar e Serampore*, que vendêrão á Companhia das Indias orientaes.

### Estados independentes

O mais septentrional dos Estados independentes é o de *CACHEMIRA*, ou antes *KACHMYR*, governado por um Príncipe *Seyk*, e cuja capital, do mesmo nome, é celebre pelos excellentes chailes que alli se fabricão.

O Segundo Estado independente é o de *Neypal*, ou *Ne-paul*, capital *Katemandu* ou *Catemandu*, famosa pelos seus bellos templos.

As *Ilhas Maldivas* ou *Malé-Dive*, ao Sueste das Ilhas *Laquedivas*, e, como estas, cercadas de bancos de coral, são tambem independentes. Pescão-se alli certos buzios que fazem as vezes de moeda no *Indostão*. — Estas ilhas são numerosas; mas a maior dellas não tem uma legua de circuito. A ilha principal é *Malé*, residência do Soberano ou Sultão daquelle archipélago.

### INDO-CHINA, INDIA TRANSGANGETICA OU INDIA ALEM DO GANGES

Limites: ao N., o *Imperio chinez*; a L., o *Mar da China* e o *Golfo de Tonquim*; ao S., o *Estreito de Malaca*, o *Golfo de Siam* e o *Mar da China*; a O., o *Indostão* e o *Golfo de Bengala*.

**Divisão e cidades notaveis.** — A *Indo-China* compõe-se de cinco partes principaes, a saber:

1.º A *INDO-CHINA INGLEZA*, a O., na qual se distingue *Arakan*, capital do antigo Reino do seu nome; *Malaca*, na extremidade da península do mesmo nome; finalmente *Singapura*, n'uma pequena ilha proxima da costa, e que

parece destinada, pela sua prosperidade commercial, a vir a ser capital da *Indo-China ingleza*. Os Inglezes tomáráo ultimamente posse das *Ilhas de Andaman*.

2.º MALACA INDEPENDENTE, que comprehende os Reinos de *Perak*, *Salangor*, *Djoore*, *Pahang* e de *Rumbo*, assim chamados das suas capitães.

✍ MALACA, foi descoberta em 1509 pelo Portuguez DIOGO LOPES DE SEQUEIRA.— Os Hollandezes, para cujo dominio passou em 1641, cederão-na aos Inglezes pelo Tratado de 17 de Março de 1824; ficando estes tambem com *Singhapura* e *Pulo-Pinang*, adjacentes á península de *Malaca*, modernamente importantes pelo seu grande commercio.

3.º O IMPERIO BIRMAN, a L. da *Indo-China ingleza*, capital *Ava*.

4.º O REINO DE SIAM, ao S. E. do Imperio Birman, capital *Bangkok*, porto muito commerciante. Em 10 de Fevereiro de 1859 celebrou-se entre Portugal e *Siam* um Tratado de amizade, commercio e navegação (1).

Pelo Artigo 11.º do mesmo Tratado é permitiido aos Portuguezes entrarem no Reino de *Siam*, e commerciaarem livremente em todos os portos do dito Reino; porém só poderão residir permanentemente em *Bangkok*, e em roda desta cidade, dentro de um circuito de raio, igual á distancia andada em 2½ horas por um barco do paiz. No mesmo Artigo se achão designados os limites desse raio.

5.º O IMPERIO D'ANNAM, o mais oriental e mais poderoso da *Indo-China*, e que comprehende muitos Reinos, cujos mais notaveis são os seguintes:

O *Laos*, do qual os Reinos de *Siam* e o Imperio dos *Birmans* possuem varias provincias.

O *Cambodje*, ao S. do *Laos*. — A sua antiga capital, do mesmo nome, foi substituida por *Saigon*, que é a cidade mais commerciante do Imperio.

A *Cochinchina* ou *Annam meridional* (descoberta em 1516 pelo Portuguez DUARTE COELHO), na qual se acha a capital de todo o Imperio, chamada *Hué* ou *Foutchuan*, cujas immensas fortificações a tornão a praça mais forte da Asia. Pelo Tratado de Junho de 1859, entre a França e o Imperador *Tu-Duc*, cedeu-lhe este as Provincias de *Bien-hoa*, *Saigon* e de *Mithó*.

(1) Publicado no *Diario de Lisboa* de 24 de Dezembro de 1860.

*Tonquim* ou *Annam septentrional*, capital *Backing* ou *Kécho*.

**Noções diversas.** — A *India além do Ganges*, ou *Transgânetica*, chamada também *Península oriental da India*, tem uma população de 26 milhões d'almas, pouco mais ou menos. O seu clima é, em geral, humido e quente, e o terreno mui fértil em arroz, assucar, café, chá, algodão, anil, especiarias. Contém minas de ouro, prata, estanho, rubins, saphyras e marmore.

## CHINA

O IMPERIO CHINEZ tem por limites ao N., a *Siberia*; a L., o *Mar da China*, o *Mar Azul*, o *Mar Amarello* e o do *Japão*; ao S., o *Indostão* e a *India além do Ganges*; a O., o *Turkestan* e o *Indostão*.

**Divisão.** — Este Imperio compõe-se da *China*, propriamente dita, e dos *Paizes tributarios*.

### China propriamente dita

**Capital.** — *Pekin*, cidade tres vezes maior que *Paris*. Calcula-se em mais de 3 milhões de habitantes a sua população.

**Cidades notaveis.** — No centro, *Nankin*, antiga capital da *China*, celebre pela torre de nove andares, guardada de porcelana de côres, e pelo algodão amarello que nasce nas suas visinhanças, e com o qual se faz a ganga.

Ao Sul, *Cantão*, cidade aonde os europeus tem sido admitidos a commerciar, etc.

### Paizes tributarios da China

São 4, a saber:

1.º A *Coréa*, a L. da *China*; capital *Hanyang-Tching*, no centro.

2.º A *Mongolia*, ao N. da *China*, de que está separada por uma muralha de 600 leguas de comprimento, levantada pelos Chinas para se preservarem das incursões dos *Tartaros Mogols*. A sua cidade principal é *Ourga*.

3.º A *Pequena Bukharia*, ao O. do *Grande Deserto*, e cuja principal cidade é *Yarkiang*.

4.º O *Thibet*, capital *Lassa*, residencia do Governador

chinez e do *Dalai-Lama*, Summo Pontifice da religião de Budha.

### Ilhas dependentes da China

São as seguintes: *Tarrakai*, *Formosa*, *Hai-Nan* e o Archipélago de *Liou-Tchou*.

Na entrada do *Rio de Cantão*, está a Ilha de *Hiamnam*, aonde se edificou a cidade de *Macau*, de que já se fallou a pag. 421.

*Hong-Kong* é uma pequena ilha cedida aos Inglezes em 1842, depois da sua expedição contra a *China*.

**Noções diversas.** — As costas da *China* fôrão descobertas em 1517, pelo Portuguez FERNÃO PERES DE ANDRADE.

O IMPERIO DA CHINA, o mais poderoso da Asia, é o mais vasto do mundo, depois do da Russia. Comprehende mais gente que toda a Europa. Convém os escriptores que este Imperio subsiste ha mais de 4:000 annos sem interrupção. A sua população anda por 400 milhões de habitantes, segundo um documento official achado em Cantão no palacio do Vice-Rei, quando a esquadra ingleza, ás ordens do Almirante *Seymour*, atacou aquelle porto (1).

Na *China*, a pequenez do pé é reputada como uma das principaes bellezas das damas, e para lhes darem *esta perfeição*, apertão-lh'os muito com ligaduras na sua mocidade, de modo que, quando chegão a uma idade mais avançada, quasi não podem dar um passo.

Os *Chinas* fizeram uso, antes dos europeus, da artilheria, da imprensa e da bússola ou agulha de marear; mas não tem levado as artes ao mesmo grão de perfeição que os europeus.

A litteratura chinesa é, sem duvida alguma, a primeira da Asia. Nenhuma nação da Europa possui tantos livros e tão baratos como a chinesa.

O terreno é mui fertil em trigo, milho, café e arroz, cuja cultura é a principal, em excellentes fructos de todas as qualidades e bons pastos. Contém minas de ouro, prata, rubins, topazios, iman ou pedra de cevar, azougue, cobre, estanho e ferro; e acha-se ali uma arvore que produz cebo, cujo fructo fornece a materia das suas velas. Tambem produz quasi todo o chá que se consome na Europa e Ame-

(1) *Diario do Governo* de 10 de Junho de 1837.

rica; assucar, sal, almiscar, alambre e toda a qualidade d'especiarias; linho, algodão e seda, que pertendem ser uma producção originaria do paiz, d'onde foi levada á India e á Persia.

O Imperador da *China* tem o titulo de *Filho do Ceo* e de *Augusto Imperador*, e os seus dominios são chamados pelos Chinas o *Celeste Imperio*.

## JAPÃO

O IMPERIO DO JAPÃO, situado a L. da China, da qual está separado pelo mar a que dá o seu nome, compõe-se de cinco ilhas e um archipélago, a saber:

1.º A ILHA TARRAKAI ao N., da qual o *Japão* só possui o lado meridional.

2.º YESO OU YEDSO, ao S. E. da precedente.

3.º NIPHÃO, no centro; é a maior ilha do *Japão*.

4.º SIKOK.

5.º KIOU-SIOU. } Ao S. de *Niphão*.

O ARCHIPÉLAGO DAS KURILES, cujo lado do Norte pertence á Siberia, e a parte meridional, ao *Japão*.

**Capitães.** — Ha duas, porque ha dois Imperadores. Uma é *Yedo*, na ilha de *Niphão*, uma das mais bellas cidades da Asia, e residencia do *Kubo* ou *Imperador temporal*. A outra capital é *Myaco*, ao S. de *Niphão*, residencia do *Mikado* ou *Imperador espiritual e ecclesiastico*. Fabrica-se alli a melhor porcelana do *Japão*.

**Cidades notaveis.** — *Osaka*, uma das cidades maritimas mais florescentes do Imperio; *Nara*, *Sakai* e *Fyogo*, portos de mar no Golfo d'*Osaka*. Na Ilha de *Kiou-Siou*, acha-se *Nangasaki* ou *Nagasaki*, com excellente porto de mar, unico do Imperio, aonde durante muito tempo, só era permittido aos Chinas e aos Hollandezes commercialem.

**Nocões diversas.** — Este imperio foi descoberto, em 1542, pelos Portuguezes ANTONIO DA MOTTA, FRANCISCO ZEIMOTTO e ANTONIO PEIXOTO. A sua população calcula-se em 50 milhões de habitantes, pouco mais ou menos. As religiões dominantes são duas: a de *Sinto* e o *Budhismo*.

O Governo do *Japão* fei outr'ora theocratico: o *Mikado* era o unico soberano; mas tendo sido desthronado pelo *Kubo* (General em chefe dos exercitos), apenas conserva hoje uma sombra da sua auctoridade, ainda que rodeado de grande prestigio. Desde essa revolução, que data do se-

culo xvii, o *Kubo* ou *Taikoun* possui só o poder civil; e póde-se considerar o governo do *Japão* como uma monarchia hereditaria absoluta, sustentada por um grande numero de *Principes hereditarios*.

Em 3 de Agosto de 1860, celebrou-se entre Portugal e o *Japão* um Tratado de paz, amizade e commercio.

Pelo Artigo 3.º do referido Tratado (1), forão abertos aos Portuguezes os portos e cidades de *Hakodadi*, *Kanagawa*, *Nagasaki*, *Nee-egata*, ou, se este não servir, outro na costa occidental de *Niphão* e *Hiojo* ou *Hiogo*; designando-se no mesmo Artigo os pontos até aonde elles poderão ir nos prazos, e dentro dos limites marcados.

## DA AFRICA

A AFRICA é a terceira parte do *Antigo continente*, e uma grande península unida á *Asia* pelo *Isthmo de Suez*.

**Limites:** ao N., o *Mar Mediterraneo*; a O., o *Oceano Atlantico*; ao S., o *Grande Oceano*; a L., o *Mar das Indias*, o *Mar Vermelho* e o *Isthmo de Suez*.

**Divisão.**—A *Africa* divide-se em 14 partes principaes, a saber:

3 ao nordeste	{ EGYPTO. NUBIA. ABYSSINIA.
3 ao noroeste	{ BARBARIA. SAHARA. SENEGAMBIA.
2 ao sueste..	{ GUINÉ SEPTENTRIONAL OU COSTA DA MI- NA. GUINÉ MERIDIONAL OU CONGO.
2 no centro..	{ SOUDAM OU NEGRCIA. CAFRRERÍA.
3 ao sueste..	{ AJAN. ZANGUEBAR. MOÇAMBIQUE.
1 ao sul.....	{ GOVERNO DO CABO, COM O PAIZ DOS HOT- TENTOTES.

(1) Publicado no *Diario de Lisboa* de 26 de Junho de 1861.

A respeito da Embaixada Japoneza que veio a Portugal, veja-se o *Diario de Lisboa* de 20 de Outubro de 1862.

**Ilhas.**— A *Africa* acha-se cercada de grande numero de ilhas espalhadas no Oceano Atlantico e no Mar das Indias; a mais consideravel é a grande Ilha de *Madagascar*, situada ao S. E.

**Golfos.**— Além do Golfo de *Aden*, notão-se na costa d'*Africa* seis golfos principaes, a saber:

1 formado pelo *Mar Vermelho*, isto é, o *Golfo de Suez*, a L. do *Egypto*.

2 pelo *Mediterraneo*, a saber:

O GOLFO DE CABÉS }  
O GOLFO DE SIDRA } AO N. DA BARBARIA.

1 formado pelo *Atlantico*, a saber: o *Golfo de Guiné*, que entra pela *Guiné septentrional* e a *Guiné meridional*, e fórma os 2 outros golfos seguintes:

O GOLFO DE BENIN }  
O GOLFO DE BIAFRA } nas costas da *Guiné septentrional*.

**Estreitos.**— Além dos Estreitos de *Gibraltar* e de *Bab-el-Mandeb*, acha-se ainda ao S. E. da *Africa* outro Estreito a saber: o *Canal de Moçambique*, entre a costa deste nome e a grande ilha de *Madagascar*.

**Rios.**— Os seis principaes rios da *Africa* são os seguintes:

1 que se lança no *Mediterraneo*, a saber: o *Nilo*, que banha a *Abyssinia*, a *Nubia* e o *Egypto*.

1 no *Atlantico*, a saber:

O SENEGAL }  
O GAMBIA. } que banhão a *Senegambia*.

O *NIGER* OU *DIALLI-BA*, que rega uma parte do *Soudam*, se lança no *Golfo de Guiné*.

O *CONGO* OU *ZAIRE* que vem do interior da *Africa*, e rega a *Guiné meridional*.

1 no *Canal de Moçambique*, a saber:

O *ZAMBEZE* que banha a *Cafreria* e a antiga *Capitania de Moçambique*.

**Cabos.**— A *Africa* tem 11 cabos notaveis, a saber:

1 ao Norte, isto é: o *Cabo Bom*, ao N. da *Barbaria*.

5 a Oeste, e são os seguintes:

O CABO BOJADOR }  
O CABO BRANCO } a O. de *Sahara*.

O CABO VERDE, a O. da *Senegambia*.

O CABO DAS PALMAS, ao S. da Guiné septentrional.

O CABO DE LOPO GONÇALVES, entre as duas Guinés.

2 ao Sul:

O CABO DA BOA ESPERANÇA } ao S. do Governo do Cabo.  
O CABO DAS AGULHAS. . . . }

3 a Leste, a saber:

O CABO DAS CORRENTES, na costa de Moçambique.

O CABO DELGADO ao N. de Moçambique.

O CABO GUARDAFUI, ao N. E. da costa d'Ajam.

**Serranias.**—As tres principaes são:

O ATLAS (1), na Barbaria.

Os MONTES DE KONG, ao S. O. do Soudam.

Os MONTES DA LUA, ao S. O. da Abyssinia.

**Nocções diversas.**—A *Africa*, mais pequena que a *Asia*, e maior que a *Europa*, é menos povoada do que uma e outra. Uma grande parte da sua extensão, para o lado do Norte, consiste em vastos desertos arenosos, aonde apenas se encontram alguns pequenos terrenos férteis, a que chamão *oasis*, espalhados como ilhas no meio desses oceanos de arêa movediça, levantados de tempos a tempos pelos ventos ardentes, e que submergem as caravanas de negociantes, que se expõem a atravessal-os para irem commerciar no interior do paiz.

Cortada pelo Equador, acha-se quasi toda debaixo da Zona tórrida, e tem por isso, em geral, uma temperatura muito quente. É rica em minas de ouro e prata. Acha-se allí o tigre, o leão, o leopardo, o elefante, o rhinoceronte, o camelo, o búfalo, a girafa, a avestruz, o hippopotamo, ou cavallo marinho, a hyena, a panthéra, etc.; nos rios, enormes erocodilos. Os matos apunhão em monstruosas serpentes, entre as quaes se nota, particularmente, a giboia ou boa.

#### EGYPTO

**Limites.**—Ao N. o *Mediterranea*; a O. o *Deserto de Lybia*; ao S., a *Nubia*; a L., o *Mar Vermelha* e o *Isthmo de Suez*.

---

(1) O nome de *Atlas* deriva-se de *Atlante*, filho de Jupiter e de Climeas que, segundo a Fábula, foi transformado no monte daquella nome, o qual é tão alto que os antigos poetas, por ficção, o fazião sustentar o ceo com os hombros.

**Capital.**—O *Cairo*, perto da margem direita do Nilo.

**Cidades principaes.**—Ao Norte, *Alexandria*, no Mediterraneo, fundada por Alexandre Magno, porto o mais commerciante do *Egypto*; *Roseta* e *Damieta*, portos de mar importantes, nas duas embocaduras principaes do Nilo; *Suez*, máo porto no *Mar Vermelho*, que dá o seu nome ao Isthmo.

Ha ainda outras povoações notaveis como: *Mansurah*, *Aboukir*, *Gizeh*, *Minich*, *Syout*, *Girgeh*, *Assuan*, *Louqsor*, *Denderah*, etc.

**População.**—Regula por 5 milhões de habitantes, pertencentes á diversas raças, a maior parte dos quaes profissão o *Mahometismo*.

**Noções diversas.**—O *Egypto* é a região mais conhecida da *Africa*, e a mais interessante, principalmente pelos numerosos monumentos da antiguidade que alli se encontram a cada passo, e entre os quaes se distinguem, com particularidade, as pyramides a pouca distancia do *Cairo*, que entram no numero das maravilhas do mundo, e existem ha perto de 4:000 annos.

A parte do *Egypto* que se acha nas margens do Nilo, é muitissimo fertil, principalmente em arroz e trigo, e esta fertilidade deve-se mais ás innundações annuaes e periodicas daquelle rio do que á chuva, que alli é mui rara.

A gigantesca empreza auctorizada pelo Vice-Rei do *Egypto*, e dirigida por Mr. FERDINAND LESSEPS, para abrir atravez do *Isthmo de Suez* um canal, a fim de estabelecer a communicação entre o Mediterraneo, o *Mar Vermelho*, o *Mar das Indias* e da *China*, abreviando-se assim 3:000 leguas de navegação da Europa ao *Mar das Indias*, inaugurou, com grande pompa, a abertura do mesmo canal no dia 17 de Novembro de 1869, á qual assistirão a Imperatriz dos Francezes, o Imperador de Austria e varios outros Principes.

O poder do *Egypto* é exercido por um Principe tributario da *Turquia*, o qual tem, desde 1867, o tratamento de Alteza e titulo de *Khediva*.

O Imperador da *Turquia* concedeu ultimamente novas e importantes prerogativas ao *Khediva* do *Egypto*, de fórma que este Estado ficou, desde Julho de 1873 em diante, nas mesmas condições que os Principados Danubianos.

Este bello paiz, em que se vai introduzindo a civilização européa, promette um alto gráo de prosperidade.

Perto de *Louqsor* havia duas pyramides de granito, de 72 a 75 pés d'altura, a mais pequena das quaes foi transportada a Paris, e se acha collocada na *Praça da concórdia*.

Havia antigamente um corpo muito poderoso no *Egypto*: era o dos *Mamelukos*, que, a principio, se não compunha senão d'escravos georgianos e circassianos. Pouco a pouco porém formáráo toda a força militar do *Egypto*, e acabáráo por exercer um poder tyrannico sobre os habitantes. Os Francezes, na expedição de 1798, commandada por *Bonaparte*, puzerão termo a esse poder, e o corpo foi inteiramente destruido em 1811.

### NUBIA

A NUBIA, situada ao Sul do *Egypto*, é um paiz muito quente, rodeado de extensos desertos.

Foi conquistada em 1822 pelas tropas do Bachá do *Egypto*.

**Capital.**—*Marakah*.

**Cidade notavel.**—*Senaar*.

**População.**—2 milhões de habitantes.

### ABYSSINIA

A ABYSSINIA está situada ao Sul da Nubia. *Gondar* é uma das suas povoações mais importantes. O paiz é fértil, e possui muitas igrejas e monumentos da antiguidade. Achão-se naquella região leões, leopardos, pantheras, crocodilos, hyenas, girafas, hippopotamos, etc.

**População.**—4 milhões de habitantes.

**Nocões diversas.**—Este era o Imperio do denominado *Preste João das Indias*. De mandado d'ElRei D. JOÃO II, partirão em 1487 para a India, por terra, JOÃO PERES DA COVILHÃ e AFFONSO DE PAIVA, não só com o fim de descobrirem a *Abyssinia*, mas tambem para saberm se pelo Oceano se poderião trazer a Portugal as especiarias que vinhão da India pelo Mediterraneo e Veneza.

### BARBARIA

A BARBARIA, a que se dá tambem o nome d'*Estados barbarescos*, é denominada, com mais propriedade, *Ber-*

beria, por causa dos *berberes*, seus primitivos habitantes.

Tem por limites ao N., o *Mediterraneo*; a O., o *Atlantico*; ao S., o *Sahara*; a L., o *Egypto*.

Comprehende as Regencias de *Tripoli* e de *Tunes*, a *Argelia* e o *Imperio de Marrocos*.

**Tripoli.**—Tem por capital a cidade do mesmo nome, com um porto assás commerciante. É governada por um Bey, nomeado pelo Imperador da Turquia, do qual dependem tambem os *Oasis* do *Fezzan*.

**Tunes.**—A sua capital tem o mesmo nome, e possui um excellente porto: é uma das cidades mais bem edificadas da *Africa*, a pouca distancia da celebre *Carthago*.

Este Estado tem varias povoações importantes, e é governado por um Bey, cuja nomeação deve ser sancionada pelo Imperador da Turquia (4).

**Argelia.**—Esta colonia franceza divide-se em tres Departamentos, a saber: *Departamento d'Argel*, *Departamento de Constantina* e *Departamento d'Oran*.

**Argel.**—Capital do Departamento do seu nome. É uma cidade importante, com bom porto artificial, e de consideravel commercio. Foi conquistada pelos Francezes em 1830; tendo sido antes uma povoação de piratas, que atacavão os navios das diversas nações da Europa, com quasi todas as quaes estavam em guerra, ou de quem recebião presentes.

**Constantina.**—Conquistada tambem pelos Francezes em 1837; é uma grande cidade bem fortificada.

**Oran.**—Occupada igualmente pelos Francezes: é um bom porto de mar.

**Bone.**—Porto em cujas immediações se pesca muito coral.

**Imperio de Marrocos.**—Capital *Marrocos*, ao Sudueste, em uma planicie fertil.

#### **Cidades e povoações diversas:**

**Fez**, capital de uma provincia, e grande cidade, aonde de ordinario reside o Imperador.

**Mequinez**, aonde o Imperador estabelece tambem algumas vezes a sua residencia.

**Mogador**, porto sobre o Atlantico, e o mais commerciante do Imperio.

(4) O Soberano de *Marrocos* tem o titulo de *Imperador*; os de *Tunes* e *Tripoli*, o de *Bey*.

**Mazagão**, praça forte sobre o Atlantico. Pertenceu aos Portuguezes, que a abandonarão em 1769 depois de terem feito saltar as fortificações.

**Saffim** ou **Saffi**, cidade maritima sobre o Atlantico. Foi tomada em 1506 por **DIAGO D'AZAMBUJA**, crecta em Bispado (1), e abandonada aos Mouros no anno de 1544.

**Azamor**, cidade sobre a costa septentrional do Atlantico. Pertenceu aos Portuguezes, que a abandonarão no sobredito anno de 1544.

**Larache**, cidade com bom porto sobre o Atlantico, e cujos mares frequentão os algarvios para a pesca da cavalla. É o ancoradouro da marinha do Imperador.

**Tanger**, excellente porto á entrada do Estreito de Gibraltar, e a 60 leguas N. N. O. de *Fez*. Esta cidade, tomada por **D. AFFONSO V** em 1474 (2), foi dada em dote em 1661 á Infanta **D. Catharina**, filha d'ElRei **D. João IV**, ao casar com **CARLOS II**, Rei de Inglaterra. Sabendo ElRei **D. PEDRO II**, em 1684, que o mesmo monarca queria arrazar e abandonar aquella praça, mandou-lhe propôr a compra della, a fim de restituir a Portugal aquelle antigo padrão da sua glória: o Parlamento porém oppoz-se a isso, preferindo mandar fazer a despeza da demolição á vantagem de a vender.

**Alcaocer-Ceguer**, praça no Estreito de Gibraltar entre *Tanger* e *Ceuta*. Foi conquistada por **D. AFFONSO V** em 1458, e mandada abandonar por **D. João III**, em 1549, depois de arrazada.

**Arzilla**, cidade maritima sobre o Atlantico, tomada de assalto por **D. Affonso V**, em 1474, e mandada igualmente arrazar e abandonar em 1549.

**Tetuão**, porto sobre o Mediterraneo, que ficou em reffens aos Hespanhoes, em quanto o Imperador de Marrocos não satisfizer á Hespanha a indemnisação a que se obrigou pelo Tratado de paz celebrado em 1860 entre os dois paizes.

**Ceuta**, no Estreito de Gibraltar: pertence aos Hespanhoes. Aquella praça foi tomada em um só dia, a 21 de Agosto de 1415, por **D. João I** de Portugal, acompanhado de seus tres filhos **D. DUARTE**, **D. PEDRO** e **D. HENRIQUE**, e de uma poderosa armada de 220 vasos de diferentes

(1) *Agiologio lusitano*, tomo 4.º, nas advertencias, pag. 31.

(2) Veja-se *Historia de Tanger*, por **D. FERNANDO DE MENEZES**, Conde da Ericeira.

grandezas, de guerra e de transporte. Foi cedida á Hespanha pelo Tratado de 1668, como já se disse.

Quanto aos outros presidios que a Hespanha possui na costa do Norte de Marrocos, já foram mencionados a pag. 374.

**Rif**, região montanhosa ao longo do Mediterraneo, e cuja população é conhecida pelos seus costumes barbaros e a sua inclinação para a pirataria.

**População do Imperio.**—Anda por 8 a 9 milhões de habitantes. Os povos da *Barbaria* dividem-se em tres raças principaes, a saber: *Berberes*, *Arabes* e *Mouros*.

**Noções diversas.**—A *Barbaria* contém todos os animaes nocivos da Africa, sendo o leão do Atlas o mais terrivel de todos. Entre os uteis, nota-se o dromedario, cujo ligeireza é espantosa.

## SAHARA

SAHARA OU O GRANDE DESERTO, cujo lado oriental tem o nome de *Deserto de Lybia*, é pouco habitado por causa do calor, algumas vezes insupportavel, que alli reina. Ha tanta falta d'agua nesta região, que se andão, muitas vezes, cinco e seis dias sem se encontrar uma só fonte.

Acha-se nesta região o celebre *Cabo Bojador*, dobrado, em 1429 ou 1430, pelo Portuguez GIL EANNES.

**Noções diversas.**—*Sahara* occupa uma extensão que se calcula ser a sexta parte da Africa. É neste deserto que se encontrão os *oasis* mais notaveis, em que vivem tribus de Arabes nómades e independentes. O interior desta região é pouco conhecido. Não se pôde calcular ao certo a sua população.

## SENEGAMBIA

A SENEGAMBIA (1), cujo nome lhe vem dos Rios *Senegal* e *Gambia*, que regão este paiz, tem por limites ao N., *Sahara*; ao O., o *Atlantico*; ao S., a *Guiné*; a L., o *Soudan*.

(1) Os Francezes dão tambem o nome de *Senegal* a esta região, por que os seus principaes Estabelecimentos são nas margens deste rio.

**Nocões diversas.**— Os Portuguezes, primeiros descobridores desta região, a dominarão por largos annos, e nella fundarão varios Estabelecimentos.

S. Luiz, em uma ilha perto da embocadura do *Senegal*, pertence hoje aos Francezes, assim como *Daghana*, o *Forte de Charles*, sobre o Senegal, e a *Ilha de Gorée*, perto de Cabo Verde.

*Bathurst*, *Forte de James* e varios Estabelecimentos no Rio *Gambia*, pertencem aos Inglezes.

Ao Sul deste rio, estão os Estabelecimentos portuguezes de *Cacheu*, *Bissáo*, etc., e mais ao S., a colonia ingleza da *Serra Leoa*, capital *Free-town*, etc.

### GUINÉ SEPTENTRIONAL OU COSTA DA MINA

A GUINÉ SEPTENTRIONAL tem por limites ao N., o *Soudan* e a *Senegambia*; a O., o *Atlantico*; ao S., o Golfo de *Guiné* e a *Guiné meridional*; a L., a *Cafreria*.

As suas cidades principaes são: no interior, *Cumassia*, capital dos *Aschantis*, que passam pelo povo mais industrioso e intelligente de toda a Africa: *Abomey*, *Ouary* e *Benin*, sobre o rio deste nome: *Biafra*, no centro do Golfo de *Guiné*, capitães dos Reinos dos mesmos nomes (1).

**Nocões diversas.**— Na costa, achão-se os Estabelecimentos europeus seguintes: *Christiansborg*, que pertence aos Dinamarquezes; *Cabo-Dorso*, *Dixcove* e *Acará*, aos Inglezes; *S. Jorge da Mina*, praça forte, aos Hollandezes, e é chamada por elles *Elmina*, *S. João Baptista de Ajudá*, aos Portuguezes.

**Liberia**, antiga colonia na *Guiné septentrional*, entre o 4.º e 7.º grãos de latitude, perto de *Cabo Mesurado*, e que tem por capital *Monrovia*, foi fundada pela *Sociedade de colonisação*, creada nos Estados Unidos, em 1821, para a admissão dos pretos livres, ou forros dos mesmos Estados.

Constituiu-se em Republica independente em 1847; e acha-se reconhecida por diversos paizes, taes como a Gram-

(1) O nome de *Guiné* foi dado a uma moeda ingleza cunhada, a principio, com o primeiro ouro procedente da *Guiné*.

Bretanha, França, Belgica, Portugal, etc.; com as quaes tem celebrado Tratados de commercio. (1)

### GUINÉ MERIDIONAL OU CONGO

A GUINÉ MERIDIONAL OU CONGO confina ao N. com a *Guiné septentrional*; a O., com o *Atlantico*; ao S., e a L., com a *Cafreria*.

Compõe-se de muitos Reinos independentes. Não ha paiz que produza tantos animaes ferozes como este.

As suas povoações mais notaveis são: *S. Salvador*, capital do *Reino do Congo*, situada no cume de uma montanha, a 50 leguas do mar; neste Reino exercêrão os Portuguezes grande influencia, mas ha muito que é independente; *Loango*, capital do Reino deste nome; *Cabinda*, povoação maritima e commerciante, perto da foz do Zaire, pertencente a Portugal; *Boma*, no interior, na margem d'este rio; *S. Paulo de Assumpção de Loanda*, capital da Provincia d'*Angola* e dos Estabelecimentos dos Portuguezes, que dominão em toda esta parte da Africa, e *Novo Redondo* e *Benguella* ou *S. Filippe de Benguella*, que tambem pertencem aos Portuguezes.

### SOUDAN OU NEGRICIA

Tem por limites ao N., *Sahara*; a O., a *Senegambia*; ao S., a *Cafreria*; a L., a *Nubia*.

Designão-se pelo nome de *Soudan* ou *Negricia* umas vastas regiões no interior da Africa, habitadas pelos negros, que vivem em um estado quasi selvagem.

**Cidades notaveis.**—*Tombuctu*, *Sackatu*, *Kuka*, *Cobbeh*.

**Produções.**—O ouro em pó, o marfim e a pimenta são as principaes produções destas regiões, donde se tem transportado para diversos pontos da America.

### CAFRERIA OU REGIÃO DOS CAFRES

A CAFRERIA confina, ao N., com o *Soudan*; a O., com as *Guinés septentrional*, *meridional* e o *Atlantico*; ao S.,

(1) O Tratado de commercio entre Portugal e a Liberia acha-se transcripto no *Diario de Lisboa* de 23 de Junho de 1868.

com o Paiz dos *Hottentotes* e o *Mar das Indias*, a L., com a *Provincia de Moçambique*, o *Zanguebar* e a costa de *Ajan*.

**Cidades notaveis.**—*Zimbaoé*, antiga capital do desmembrado Reino de *Monomotapa*, *Kurritchané*; *Porto-Natal*, na costa do *Mar das Indias*, e a principal cidade da *Terra de Natal*, colónia florescente que pertence aos Ingleses.

**Noções diversas.**—O *Soudan* e a *Casreria* contém uma população de 40 milhões de habitantes, pouco mais ou menos, e occupão toda a parte central da Africa. Estas duas regiões dividem-se em grande numero de Reinos mais ou menos extensos, e pouco conhecidos dos europeus. A parte septentrional da *Casreria* é inteiramente desconhecida.

A palavra *Casre* significa *Infel a Muhomet*, nome que foi dado pelos Arabes aos habitantes desta região.

## AJAN

Comprehendem-se ordinariamente debaixo da denominação de COSTA DE AJAN os paizes que tem por limites ao N. o *Golfo d'Aden*; a O., a *Abyssinia* e a *Casreria*; ao S., o *Zanguebar*; a L., o *Mar das Indias*.

**Cidades notaveis.**—*Zeilah*, no Estreito de *Babel-Mandeb*, porto commerciante, e reputado como a capital deste paiz; *Barbora*, porto no *Golfo de Aden*.

*Aussagarel*, no interior, aonde raras vezes chove.

## ZANGUEBAR

ZANGUEBAR tem por limites ao N., a *costa de Ajan*; a O., a *Casreria*; ao S., *Moçambique*; a L., o *Mar das Indias*.

**Cidades notaveis.**—*Mayuloxo*, *Brava*, *Melinde*, *Mombaça*, *Quilou*.

**Noções diversas.**—A costa de *Zanguebar* divide-se em diversos Estados, cujos chefes tomão o titulo de Sultão, a saber: os de *Quiloa*, *Zanzibar*, *Mombaça*, *Melinde*, etc. O Sultão de *Mascate* possui alli *Quiloa* e as *Ilhas de Pomba*, *Zanzibar* e *Socotorá*.

## MOÇAMBIQUE

(Desta parte da *Africa* já se tratou a pag. 416.)

## GOVERNO DO CABO DA BOA ESPERANÇA

Este GOVERNO tem por limites a N., o Paiz dos *Hottentotes*; a O., e ao S., o *Atlantico*; a L., o *Canal de Moçambique*.

**Capital.**—*Cap-Town*, cidade importante, cujo porto situado ao Norte do *Cabo*, é muito frequentado pelos navios que da Europa vão para a Asia e Oceania. Em 1836, mais de 30:000 dos colonos do *Cabo* abandonarão o paiz, e forão estabelecer-se na costa oriental, na *Terra de Natal* ou *Natalia*.

**Clima e produções.**—No *Cabo da Boa Esperança* goza se de um clima saudavel e temperado; contudo esta colonia acha-se exposta, durante o Verão, a um vento ardente que destroe algumas vezes toda a vegetação; e desde o mez de Maio até Agosto é inundada por chuvas continuas. As suas produções são as mesmas que as da Europa e Africa. A mais famigerada é o *vinho de Constancia*, lugar situado nas immediações do *Cabo*.

**Nocões historicas.**—Este *Cabo* foi descoberto em 1486, de mandado d'ElRei D. João II, pelo intrépido navegador BARTHOLOMEU DIAS, portuguez, que passou ainda além d'elle até ao Rio do Infante. Denominou-o *Cabo das Tormentas*, e depois ficou-se chamando *Cabo da Boa Esperança*, nome que lhe deu o mesmo monarca, pela esperança que o seu descobrimento causou de em breve se descobrir a India. Este famoso *Cabo* foi dobrado pela armada commandada pelo heroe VASCO DA GAMA, que foi o primeiro que, em 1498, logrou a gloria de chegar á India por mar, tocando a costa de Malabar e a cidade de Calecut, termo da sua navegação, a 20 de Maio do referido anno de 1498; tendo sahido de Portugal para esta estupenda navegação em 1497. É este o grande *Cabo* que inspirou a CAMÕES o soberbo episodio da apparição do *Gigante Adamastor*. (1)

(1) No anno de 1500, indo BARTHOLOMEU DIAS commandando uma das naões da armada com que PEDRO ALVARES CABRAL foi mandado á India, per-

Esta importante descoberta deu a Portugal quasi todo o commercio da Asia, com que se enriqueceu, tirando-o aos Venezianos, que até então o fazião por via do Egypto.

O *Territorio do Cabo* foi colonizado pelos Hollandezes, e pertence hoje á Inglaterra. A população desta colonia consta das raças europêa, negra e dos hottentotes. Estes ultimos, que habitão uma parte do *Governo do Cabo*, e toda a região que se estende ao Norte deste paiz, são de côr acobreada, e se achão divididos em muitas tribus. (1)

### ILHAS DA AFRICA

As ilhas da *Africa* dividem-se naturalmente em ilhas situadas no *Oceano Atlantico*, e ilhas situadas no *Mar das Indias*

**Ilhas situadas no Oceano Atlantico.**— Achão-se no Oceano Atlantico 4 archipélagos e 3 ilhas notaveis. Os 4 archipélagos são:

1.º *As Ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas*, pertencentes a Portugal.

2.º *As Ilhas Canarias*, cujas mais notaveis são a *Gran-Canaria, Teneriffe* e a *Ilha do Ferro*, pertencentes á Hespanha.

3.º *As Ilhas de Cabo Verde*, pertencentes a Portugal.

4.º *As Ilhas do Golfo de Guiné*, cujas principaes são: *Fernando Pó* e *Anno Bom* (2) pertencentes á Hespanha; *S. Thomé e Príncipe*, a Portugal.

As 3 ilhas são:

*S. Matheus.* (3)

*Ascensão.*

*Santa Helena.* } a Inglaterra.

deu-se no *Cabo da Boa Esperança*, verificando-se assim a profecia do fero *Adamastor*, quando disse:

« *Aquí espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobriu summa vingança.* »

Foi este o primeiro naufragio que os Portuguezes tiveram na carreira da India.

(1) A respeito da população desta colonia ha diversidade de opiniões: uns dão-lhe 150:000 almas, outros 267:096, outros 500:000, etc.

(2) As Ilhas de *Fernando Pó* e *Anno Bom* forão cedidas por Portugal á Hespanha pelo Artigo 13.º do Tratado de 1778.

(3) Nesta Ilha, a O. da de *Anno Bom*, tiverão outr'ora os Portuguezes uma pequena Feitoria. É de pouca extensão. Hoje está deserta.

Veja-se *Dictionnaire de géographie* par CH. DEZOBRY et TH. BACHELET.

**Ilhas no Mar das Indias.**— Achão-se no Mar das Indias 1 grande ilha, 3 archipélagos e 2 ilhas menos consideráveis. A *grande ilha é Madagascar* ou *Ilha de S. Lourenço*, descoberta em 1506, e separada de Africa pelo Canal de Moçambique: divide-se em varios Reinos, o mais poderoso dos quaes parece ser o dos *Seclaves*, ao Noroeste. Os Francezes possuem, na costa oriental, a pequena *Ilha de Santa Maria*.

Os 3 archipélagos são:

1.º *As Ilhas de Mascarenhas*, cujas principaes são: a *Ilha de Bourbon* ou da *Reunião*, pertencente á França, e que tem por capital *S. Diniz*; a *Ilha de França* ou *Mauricia* (1), e a *Ilha de Rodrigues*, ambas pertencentes a Inglaterra.

2.º *As Ilhas Seychelles*, divididas em dois archipélagos, a saber: as ilhas a que os Francezes chamão *Amirantes*, e as *Ilhas de Mahé*, todas pertencentes a Inglaterra.

3.º *As Ilhas Comores* ou de *Comoro*, na entrada septentrional do *Canal de Moçambique*.

As 2 ilhas menos consideráveis são: *Zanzibar*, na costa de Zanguebar; *Socotorá*, defronte do *Cabo Guardafui*. Os Inglezes tem alli um Estabelecimento.

## DA AMERICA

A AMERICA OU O NOVO CONTINENTE é a maior das cinco partes do mundo. Chama-se tambem *Hemispherio occidental* ou *Novo mundo*.

A AMERICA divide-se naturalmente em duas grandes peninsulas unidas pelo *Isthmo de Panamá*; a que se acha situada para o Norte, chama-se *America septentrional*, e a que se acha situada para o Sul, *America meridional*.

**Noções historicas.**— No seculo 15.º CHRISTOVÃO COLOMBO (2), natural de Genova, que havia servido na ma-

(1) A *Ilha Mauricia*, descoberta pelo Portuguez JOÃO PIMENTEL; chamava-se, a principio, *Ilha do Cirne*: os Hollandezes dêrão-lhe depois o nome de *Ilha Mauricia*, e os Francezes o de *Ilha de França*.

(2) Pertendem alguns auctores que o celebre Piloto AFFONSO SANCHES, natural de Cascaes, navegando n'uma caravela, foi arrojado por temporal, em 1486, a uma remota longitude occidental, aonde avistou terra até então desconhecida, que hoje parece ser a America do Norte. Arribando depois á Ilha da Madeira com mais 9 ou 6 marinheiros, desfallcidos pe-

rinha portugueza, então a mais atrevida do mundo, tendo concebido o temerario projecto de achar o caminho, com o auxilio da bússola, para ir á India pelo Oeste atravez do Oceano Atlantico, communicou os seus projectos, e offereceu os seus serviços á sua patria que lh'os não accitou; forão igualmente rejeitados por HENRIQUE VII, Rei d'Inglaterra, D. João II, Rei de Portugal, e por ElRei de França; e não conseguiu que a córté de Hespanha lh'os accitasse, senão depois de passados oito annos em sollicitações e a rogos da Rainha D. IZABEL a Catholica, mulher de D. FERNANDO, Rei de Aragão.

Em 1492, fez-se pois de vela de Andaluzia com uma frota de tres navios. Durante a viagem, teve de vencer mil difficuldades; a sua tripulação, atemorizada da extensão do caminho e da incerteza da viagem, levantou-se contra elle, e esteve a ponto de o precipitar no mar; finalmente, depois de uma navegação de seis semanas avistou, na noite de 11 para 12 d'Outubro, uma luz n'uma terra desconhecida. Era a ilha a que chamou *S. Salvador*, uma das de *Bahama* ou *Lucayas*, nas *Antilhas*. O vôo das aves o havia guiado para a *America*, e o clarão da fogueira de um selvagem lhe fez descobrir o *Novo mundo*. (1)

O nome de *America* vem de AMERICO VESPUCCIO, navegante florentino, que alli aportou cinco annos depois, e que a maior parte dos geógraphos increpão de ter usurpado a CHRISTOVÃO COLOMBO a gloria de haver dado o seu nome ao Novo mundo. Parece porém que AMERICO não merece o máo tratamento que geralmente se lhe dá. Elle de facto correu e explorou as costas da *America meridio-*

los trabalhos das tormentas e pelas privações que soffrêrão, morrerão todos em casa de CHRISTOVÃO COLOMBO, na mesma ilha, e em cujo poder ficou o Diário nautico de AFFONSO SANCHES, do qual se julga ter-se o mesmo Colombo aproveitado para achar a *America* em 1492.

Veja-se a palavra *Cascaes* no *Diccionario geographico de Portugal e suas Possessões Ultramarinas*, por ANTONIO FERNANDES PEREIRA, e bem assim o *Memorial historico*, por JOÃO CARDOZO DA COSTA.

(1) Querem alguns que a AMERICA fosse descoberta pelos Scandinavos no decimo seculo. Veja-se: *Antiquitates Americanae*. — *Memorias publicadas pela Sociedade Real dos antiquarios do Norte*, e o *Jornal — The New-Yorker*, de 31 de Março de 1838.

O VISCONDE DE SANTAREM, todavia, na sua obra: *Essai sur l'histoire de la cosmographie*, diz a pag. 257, que em todas as cartas marinhas anteriores ao descobrimento da America, em 1492, por CHRISTOVÃO COLOMBO, se não acha o menor indicio da America, e por conseguinte que esse vasto continente era inteiramente desconhecido aos geógraphos antes que Coloubo o descobrisse.

nal, e não consta nem que se fizesse auctor de pertendidos descobrimentos, nem que usurpasse a gloria de dar o seu nome ao Novo mundo; antes se presume que outros lh'o derão, sem que se saiba que elle o tomasse ou pertendesse.

## AMERICA SEPTENTRIONAL

AMERICA SEPTENTRIONAL confina ao N., com o *Oceano glacial Arctico*, e os mares que este fórma; a O., com o *Grande Oceano*; ao S., com o *Isthmo de Panamá* e o *Mar das Antilhas*; a L., com o *Oceano Atlantico*.

**Divisão.**—A *America septentrional*, divide-se em 7 partes principaes:

- |                 |   |                   |
|-----------------|---|-------------------|
| Ao Norte....    | { | TERRAS ARCTICAS.  |
|                 |   | AMERICA RUSSIANA. |
|                 |   | NOVA BRETANHA.    |
| No centro....   |   | ESTADOS UNIDOS.   |
| 2 Ao Sul.....   | { | MEXICO.           |
|                 |   | AMERICA CENTRAL.  |
| 1 No Atlantico. |   | AS ANTILHAS.      |

**Mares que banhão a America septentrional.**—Os 3 Oceanos que servem de limites á *America septentrional*, e de que acima se fallou, formão, nas suas costas, alem do *Mar de Behring*, 3 outros mares, a saber:

1 formado pelo Oceano Arctico, isto é, o *Mar de Baffin*, entre as *Terras Arcticas*.

1 pelo Atlantico, a saber: o *Mar das Antilhas*, entre as duas *Americas*.

1 pelo Grande Oceano, isto é, o *Mar Roxo ou de Cortez*, chamado tambem *Golfo da California*, a O. do *Mexico*.

**Golfos e Bahias.**—Ha 5 principaes, a saber:

- |                          |   |                             |
|--------------------------|---|-----------------------------|
| A Leste da Nova Bretanha | { | 1.º A BAHIA DE HUDSON.      |
|                          |   | 2.º O GOLFO DE S. LOURENÇO. |
|                          |   | 3.º A BAHIA DE FUNDI.       |

4.º O GOLFO DO MEXICO a L. do *Mexico*.

5.º O GOLFO DE HONDURAS ao N. E. de *Guatemala*.

**Estreitos.**—Além do *Estreito de Behring*, de que já fallámos, notão-se ainda na *America septentrional* 4 *Estreitos* principaes, por onde communica o Atlantico, a saber:

Pelo ESTREITO DE DAVIS, com o Mar de *Baffin*.

Pelo DE HUDSON, com a *Bahia de Hudson*.

Pelo DE BELLE-ILE, com o *Golfo de S. Lourenço*.

Pelo DE FLORIDA, chamado tambem *Canal de Bahama*, com o *Golfo do Mexico*.

**Rios.**—Os principaes rios da *America septentrional*, são os seguintes:

1 que desagua no Oceano Arctico, isto é, o *Makensie*, que banha a *Nova Bretanha*.

2 no Atlantico, a saber: 1.º, o *S. Lourenço*, que banha a *Nova Bretanha*, e vai desaguar no *Golfo de S. Lourenço*; 2.º, o *Mississipi*, que banha os *Estados Unidos*, e desagua no *Golfo do Mexico*.

**Lagos.**—O norte da *America septentrional* é cheio de *lagos*, entre os quaes se distinguem 12 principaes, a saber: 6 Na *Nova Bretanha*.

1.º O LAGO DO GRANDE URSO; 2.º, O LAGO DO ESCRAVO; 3.º, O LAGO DAS MONTANHAS; 4.º, O LAGO DOS RANGIFERS; 5.º, O PEQUENO WINNIPEG; 6.º, O GRANDE WINNIPEG.

5 entre a *Nova Bretanha* e os *Estados Unidos*, a saber:

1.º O LAGO SUPERIOR; 2.º, O LAGO MICHIGAN; 3.º, O LAGO HURON; 4.º, O LAGO ERIE; 5.º, O LAGO ONTARIO.

4 nos *Estados Unidos*, a saber: O LAGO CHAMPLAIN, que vai dar ao Oceano pelo *Rio de S. Lourenço*.

**Peninsulas.**—Distinguem-se na *America septentrional* 6 notaveis, a saber:

1.ª O LABRADOR, ao N. E. da *Nova Bretanha*; 2.ª, a NOVA ESCOSSIA, a L. da *Nova Bretanha*; 3.ª, a FLORIDA, ao S. E. dos *Estados Unidos*; 4.ª, O YUCATAN, ao S. E. do *Mexico*; 5.ª, a VELHA CALIFORNIA, a O. do *Mexico*; 6.ª, O ALASKA, ao S. E. da *America russiana*.

**Cabos.**—Os mais notaveis são 5, a saber:

1.º O CABO FAREWELL, ao S. O. da *Groenlandia*; 2.º, O CABO COD, a L. dos *Estados Unidos*; 3.º, O CABO CATOCHE, ao N. E. do *Yucatan*; 4.º, O CABO DE S. LUCAS, ao S. da *Velha California*; 5.º, O CABO GELADO, ao N. da *America russiana*,

## TERRAS ARCTICAS

Comprehendem-se debaixo do nome de TERRAS ARCTICAS a *Groenlandia* ou *America dinamarqueza*, o *Spitzberg*, e muitas terras pouco conhecidas ao Norte e Nordeste da *America*. Os Dinamarquezes tem varios Estabelecimentos na *Groenlandia*.

Uma seita denominada os *Irmãos Moravos* tem convertido ao Christianismo parte dos habitantes da *Groenlandia*.

No *Spitzberg* possuem os Russos alguns Estabelecimentos para a pesca da baléa.

Ha pouco descobriu-se que um mar, quasi sempre gelado, serve de limites á *America* pela parte do Norte.

## AMERICA RUSSIANA

A AMERICA RUSSIANA compõe-se de parte continental e parte insular, e tem por limites ao N., o *Oceano glacial Arctico*; a O., o *Estreito* e o *Mar de Behring*; ao S., o *Grande Oceano*; a L., a *Nova Bretanha*.

**Ilhas.**— Nos limites que acabamos de indicar, não se comprehendem muitas ilhas que formão a parte mais importante da *America russiana*, e que compõe tres archipélagos, a saber:

1.º As *Ilhas Aleutas* ou *Aleucianas*, que parecem unir a *America* á *Asia*; 2.º, o *Archipélago do Rei Jorge*, aonde se distinguem a *Ilha de Sitka*, em que se acha a *Nova Arkangel*, capital das Possessões russianas na *America*; 3.º, o *Archipélago do Principe de Galles*, ao Sul do precedente.

**Noções diversas.**— Os habitantes destas tristes regiões são conhecidos pelo nome d'*Eskimós*. Alli dura o Inverno 8 mezes, e a parte mais septentrional conhecida tem uma noite de 4 mezes (1).

## NOVA BRETANHA

A NOVA BRETANHA é assim chamada pelos Inglezes, aos quaes pertence.

---

(1) A Russia venden aos Estados Unidos as suas Possessões na *America septentrional* por 7.200:000 pesos duros. Veja-se o extracto do Tratado da venda no *Diario de Lisboa* do 1.º de Maio de 1867.

Tem por limites ao N., o Estreito e a *Bahia de Hudson* e o *Oceano glacial Arctico*; a O., a *America russiana* e o *Grande Oceano*; ao S., os *Estados Unidos*; a L., o *Atlantico*.

**Nocões diversas.**— Este vasto paiz póde dividir-se em 7 partes, a saber: 1.<sup>a</sup>, a *Região dos Lagos*; 2.<sup>a</sup>, a *Nova Galles*, junto da *Bahia de Hudson*; 3.<sup>a</sup>, a *Península de Labrador*, ao Norte, muito importante pelas preciosas pelles que produz, e a pesca da balêa e do bacalhão que se faz nos seus mares; 4.<sup>a</sup>, o *Alto Canadá*, capital *Toronto*, antigamente *York*; 5.<sup>a</sup>, o *Baixo Canadá*, capital *Quebec*; 6.<sup>a</sup>, *New-Brunswick*, capital *Frederiktown*; 7.<sup>a</sup>, *Nova Escossia*, capital *Hallifax*.

O *Canadá* foi colonizado pela França, e cedido á Inglaterra em 1763: o interior deste paiz é habitado por varias tribus selvagens.

A *Nova Bretanha* comprehende tambem um numero consideravel de ilhas situadas na costa do *Oceano atlantico*, e na do *Grande Oceano*, a saber:

1.<sup>o</sup> A *Ilha da Terra Nova*, capital *S. John*, mui notavel pelo banco d'arêa situado a Leste, aonde se faz a pesca do bacalhão: esta grande ilha é pouco fertil. Foi descoberta por GASPAR CORTE REAL, portuguez, em 1500 (1). Os seus cães são muito estimados, tanto pela força como pela sua astucia em salvar os naufragados.

2.<sup>o</sup> As *Ilhas Bermudas*, no *Atlantico*, a 200 leguas da costa dos *Estados Unidos*.

3.<sup>o</sup> As *Ilhas da Rainha Carlota* e a de *Quadra* e *Vancouver*, no grande *Oceano*, no archipélago do mesmo nome (2).

## ESTADOS UNIDOS

Os ESTADOS UNIDOS tem por limites: ao N., a *Nova Bretanha*; a O., o *Grande Oceano* e o *Mexico*; ao S., o *Golfo do Mexico* e o *Mexico*; a L., o *Oceano Atlantico*.

(1) Consta por um Alvará d'El-Rei D. MANOEL, de 4 de Outubro de 1506, que se mandou cobrar o dizimo das pescarias da *Terra Nova* nos portos d'Entre Douro e Minho. Foi em tanto progresso a pesca do bacalhão feita pelos Portuguezes, que só para ella sahão de Aveiro 60 navios cada anno. Veja-se — *Corographia portugueza*, tomo 2.<sup>o</sup>, pag. 117. — *Panorama* de 1839, pag. 10.

(2) As *Ilhas de S. Pierre* e *Miquelon*, perto da *Terra Nova*, forão cedidas pela Gram-Bretanha á França. Ainda que mui pequenas, são uteis para a pesca do bacalhão.

**Capital.**—*Washington*, residencia do Presidente, e séde do Congresso. Deu-se-lhe o nome do Libertador da Confederação.

**População.**—Anda por 39 milhões de habitantes, pouco mais ou menos.

**Divisão politica.**—Na época da declaração da independencia, em 1776, os Estados que compunhão a *União* erão tão sómente 13; hoje chegão a 37, alem de 9 Territorios. Estes diversos Estados formão outras tantas Republicas distinctas, que têm as suas leis particulares, e a sua administração para todos os negocios puramente locaes.

Os 37 Estados são: *Alabama, Arkansas, California, Connecticut, Delaware, Flórida, Georgia, Illinois, Indiana, Iowa, Kansas, Kentucky, Luiziana, Maine, Maryland, Massachusetts, Michigan, Minnesota, Mississippi, Missouri, Nebraska, New-Hampshire, New-Jersey, New-York, Ohio, Oregon, Pensylvania, Rhode-Island, Tennessee, Texas, Vermont, Virginia oriental e Virginia occidental, Wiscousin, Carolina do norte, Carolina do Sul.*

Os 9 Territorios são: *Arizona, Colorado, Dakotah, New Mexico, Utah, Washington, Wyoming, Idaho, Montana, Districto de Columbia.* (1)

**Cidades principaes.**—*New-York*, cidade mais commerciante e povoada dos ESTADOS UNIDOS; *Philadelphia*, séde do Congresso antes da fundação de *Washington*; *Nova Orleans*; *Baltimore*; *S. Francisco*, porto no *Oceano Pacifico*, tornado o mais commerciante daquella costa, depois da descoberta da *California*, etc.

**Rios principaes.**—São: o de *S. Lourenço*, *Mississippi*, *Missouri*, *Ohio*, *Potomac*, etc.

**Produções.**—O immenso territorio dos *Estados Unidos* offerece quasi todas as produções da Europa, e além d'isso assucar, algodão, anil, etc. O ferro, cobre, chumbo e carvão de pedra são alli abundantes.

**Commercio.**—É mui vasto e a sua prosperidade vai em grande augmento.

**Religião.**—A dominante é o *Protestantismo*, que se divide em grande numero de seitas. Todas as outras são alli admittidas e protegidas.

**Exercito federal.**—Segundo uma resolução tomada em 28 de Julho de 1866, deve o exercito dos Estados Unidos constar de 80;258 homens de todas as ar-

(1) *Almanach de Gotha* de 1874.

mas em tempo de paz, mas em serviço effectivo 54:614 homens. Alem do exercito federal, ha ainda em cada Estado uma milicia de que devem fazer parte, com poucas excepções, cada cidadão capaz de pegar em armas, desde a idade de 18 a 45 annos.

**Marinha militar.**—Em 1873 a totalidade dos navios de vela e a vapor era de 236, com 1:344 peças de artilheria.

**Nocões historicas.**—Estas antigas colonias inglezas sacudirão o jugo da mãe patria, e declararão-se independentes por Acto de Congresso de 4 de Julho de 1776, sendo reconhecida a sua independencia pela mesma Inglaterra em 1783. Fómão uma *Republica federativa*, tendo cada Estado o seu governo particular, mas cujos interesses geraes são regulados e administrados por um Congresso que se reúne em Washington, composto de um Senado, uma Camara de Representantes e um Presidente, eleito de quatro em quatro annos.

A origem da guerra civil que, em 1861, rebentou entre os *Estados Unidos do Norte* ou *Federaes*, e os do Sul ou *Confederados*, foi, segundo alguns, o antagonismo que existia entre os primeiros e os segundos, em relação á escravidão dos negros.

O Norte prohibia-a, e queria supprimi-la; o Sul queria sustenta-la, e fez mais de uma tentativa para augmenta-la.

Segundo outros, a verdadeira causa da guerra era a natureza dos interesses oppostos das duas regiões.

Declararão-se contra o Governo da *União*, para formarem uma Confederação separada, os seguintes Estados do Sul, aonde era tolerada a escravidão, a saber: *Carolina do Sul, Georgia, Alabama, Mississipi, Luiziana, Florida, Texas, Virginia oriental, Carolina do Norte, Tennessee, Arkansas* e o Territorio d'*Arizona*, e tendo começado, com encarniçamento, as hostilidades de parte a parte, acabou a guerra civil em Abril de 1865, com a derrota dos Estados do Sul, depois da batalha de Richmond.

N. B. A escravidão foi abolida nos *Estados da União* por uma proclamação do Presidente *Lincoln* do 1.º de Julho de 1863.

## MEXICO

O MEXICO era uma antiga colonia hespanhola. Tem por limites: ao N., os *Estados Unidos*; ao O., o *Grande Ocea-*

no; ao S., o *Grande Oceano e Guatemala*; a L., o *Mar das Antilhas e o Golfo do Mexico*.

**Capital.**—*Mexico*, ao Sul, uma das mais bellas cidades do Novo continente, conta 200:000 habitantes.

**Cidades notaveis.**—*Campeche*, muito famigerada pela qualidade de pão que tem o mesmo nome, e serve para a tinturaria; *Vera-Cruz*, mui commerciante; *Guanaxuato*, *Queretaro*, *La Puebla de los Angeles* e *Acapulco*, porto no Mar pacifico.

**População e Religião.**—Calcula-se em perto de 8 milhões de habitantes, todos *catholicos*.

**Nocões historicas.**—O *Mexico*, antes chamado *Nova Hespanha*, e descoberto por *Fernam Cortez*, era a mais bella e rica das colonias hespanholas, não só pelas suas minas, que produzem mais ouro e prata do que todas as outras da *America*, mas pelas producções preciosas do seu terreno fertil em trigo, assucar, cacão, baunilha, tabaco, madeira de estimação, cochonilha, etc.

O *Mexico*, que desde 1810 se havia sublevado, foi declarado independente de Hespanha em 1821, e formava uma Republica governada por um Presidente, a qual se dividia em Estados federativos com um Congresso. A sua independencia foi reconhecida pela Hespanha pelo Tratado de 28 de Dezembro de 1836.

Havendo a França, Hespanha e Inglaterra declarado guerra em 1862 a *Juarez*, Presidente da *Republica do Mexico*, a fim de obterem reparação dos prejuizos causados aos seus respectivos subditos, e sobrevindo desintelligencias entre os chefes dos tres exercitos, retirarão-se as tropas hespanholas e inglezas. Os francezes continuarão a expedição, e entrarão na capital a 10 de Junho de 1863. Convocada uma assembléa dos principaes cidadãos, declararão estes a 14 de Julho do mesmo anno, por uma maioria de 231 votos contra 49, que o *Mexico* se constituia em monarchia hereditaria, governada por um Imperador catholico. A Assembléa offereceu depois a corôa ao Archiduque *Maximiliano*, (irmão do imperador d'Austria) que a accetou.

Vencido porém por *Juarez*, que não cessou de o combater, foi fuzilado em Queretaro a 19 de Junho de 1867, desaparecendo com elle o Imperio. O mesmo *Juarez*, reassumiu então o poder como Presidente da Republica, que assim ficou restabelecida.

## AMERICA CENTRAL

A AMERICA CENTRAL comprehende os 5 seguintes Estados ou Republicas, hoje independentes, a saber:

**Republica de Guatemala.**—É a maior destas 5 Republicas.

POPULAÇÃO.—Calcula-se em 1.180:000 habitantes.

CAPITAL.—*Guatemala*, conta 40:000 almas.

**Republica de Honduras.**

POPULAÇÃO.—350:000 almas.

CAPITAL.—*Comayagua*, com 7:000 ou 8:000 habitantes.

**Republica de S. Salvador.**

POPULAÇÃO.—600:000 almas.

CAPITAL.—*S. Salvador*, com 20:000 habitantes.

**Republica de Nicaragua.**

POPULAÇÃO.—400:000 almas.

CAPITAL.—*Managua*, com 10:000 habitantes.

**Republica de Costa Rica.**—Este Estado deve o seu nome a algumas minas de ouro e prata que alli foram achadas.

POPULAÇÃO.—165:000 almas.

CAPITAL.—*S. José de Costa Rica*, com 25:000 habitantes. (1)

**Nocões historicas.**—A *America central* formava, até 1821, com o territorio mexicano de Chiapa, uma grande divisão administrativa da America hespanhola, sob o titulo de *Capitania Geral de Guatemala*. N'aquelle anno declarou-se independente e incorporou-se ao Mexico. Em 1823, separou-se da *Confederação mexicana* para constituir a *Republica federativa de Centro-America*, a qual, annos depois, se dissolveu para formar as cinco *Republicas* de que acima se fez menção.

## ANTILHAS OU INDIAS OCCIDENTAES

Este grande archipélago, situado entre as duas *Americas*, ao N., a L. e ao S. E. do mar a que dá o seu nome,

(1) A respeito da população destas cinco Republicas há diversidade de opiniões, e grande differença entre umas e outras.

A população que aqui se dá é extrahida do *Almanach de Gotha* de 1874.

divide-se naturalmente em 3 grupos principaes, a saber: as *Ilhas Lucayas* ou de *Bahama* ao N.; as *Grandes Antilhas*, no centro; as *Pequenas Antilhas*, ao S. E.

AS ILHAS DE BAHAMA pertencem aos Inglezes. A mais notavel é a de *S. Salvador*, primeira descoberta feita no Novo mundo por CHRISTOVÃO COLOMBO em 1492.

As *Grandes Antilhas* são 4, a saber:

1.<sup>a</sup> A ILHA DE CUBA, ao N. E., rica e fértil: é hoje a Possessão mais importante que a Hespanha tem no Novo mundo. Conta mais de 1.500:000 habitantes. A sua capital é *Havana*, uma das mais ricas, férteis e commerciantes cidades da *America*.

2.<sup>a</sup> A JAMAICA, ao S. de Cuba, capital *Kingston*, pertencente a Inglaterra.

3.<sup>a</sup> A REPUBLICA DE HAITI, ao S. E. de Cuba, capital *Port-au-Prince*, e a REPUBLICA DOMINICANA, capital *S. Domingos*.

Esta ilha, descoberta por CHRISTOVÃO COLOMBO, em 1492, foi chamada *Hespanhola* pelo seu descobridor; e posteriormente, *Rainha das Antilhas*. Esteve dividida em dois Estados diferentes, a saber: a O., a *Republica de Haiti*; a L., a *Republica Dominicana* (1). A mesma ilha pertencia antigamente aos Francezes e Hespanhoes.— Aquelles tinham a parte occidental, isto é, *Haiti*; e os Hespanhoes, a oriental, ou *S. Domingos*. O negro *Faustino Soluque*, eleito Presidente da *Republica de Haiti*, em Março de 1847, proclamou-se a si mesmo Imperador, em 1849, e governou até 1859, anno em que aquelle Imperio se converteu novamente em *Republica*.

4.<sup>a</sup> A ILHA DE PUERTO RICO, a L. de *Haiti*, capital *S. João de Puerto Rico*, pertencente aos Hespanhoes.

AS PEQUENAS ANTILHAS dividem-se em *Ilhas de Barlavento*, ao S.E. das *Grandes Antilhas*, e *Ilhas de Sotavento*, ao longo do continente da *America meridional*.— Pertencem aos Francezes, a *Guadalupe* com as pequenas ilhas dependentes della, chamadas: *La Désirade*, *Marie Galante*, *Les Saintes*, *la Martinique*, cuja capital é *Le Fort-Royal*, a maior cidade e séde do Governo das *Antilhas francezas*, e parte de *S. Martin*; aos Inglezes, *Antigoa*,

(1) Pelo Tratado celebrado ultimamente entre os *Estados Unidos* e a *Republica de S. Domingos*, renunciou esta a todo o direito e soberania como nação independente, e cedeu estes direitos aos *Estados Unidos*, ficando incorporada como parte integrante da União, e sujeita ás mesmas clausulas constitucionaes que os demais territorios dos *Estados Unidos*.

*Dominica, Santa Luzia, Barbada, Tabago e Trindade; aos Hollandezes, Saba, Santo Eustaquio, Curaçao, e a parte meridional de S. Martin; aos Estados Unidos S. Thomaz, S. João (1) e Santa Cruz; aos Suecos, S. Bartholomeu; aos Hespanhoes, Santa Margarida, uma das Ilhas de Sotavento.*

As *Antilhas*, depois das *Terras arcticas*, formão o archipelago mais consideravel da America septentrional.

## AMERICA MERIDIONAL

**Limites.**—Ao N., o *Mar das Antilhas* e o *Isthmo de Panamá*, que a une á *America septentrional*; a O., o *Grande Oceano*; ao S., o *Estreito de Magalhães*, que a separa da *Terra do Fogo*, aonde se acha o *Cabo Horn*, o mais meridional da *America*; a L., o *Oceano Atlantico*.

**Divisão.**—A *America meridional* divide-se em 10 partes principaes, a saber:

- |   |           |   |                                |
|---|-----------|---|--------------------------------|
| 2 | Ao Norte  | { | ESTADOS UNIDOS DE COLOMBIA.    |
|   |           | { | GUYANA.                        |
| 3 | A Oeste.. | { | PERU.                          |
|   |           | { | BOLIVIA OU ALTO PERU.          |
|   |           | { | CHILL.                         |
|   |           | { | BRASIL.                        |
| 4 | A Leste.. | { | CONFEDERAÇÃO ARGENTINA.        |
|   |           | { | REPUBLICA DO PARAGUAY.         |
|   |           | { | REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY. |
| 1 | Ao Sul..  |   | PATAGONIA.                     |

**Golfos e Bahias.**—Contão-se 10 principaes, a saber:

- |     |   |                      |
|-----|---|----------------------|
| 1.º | A BAHIA DE TODOS OS SANTOS, a L. do Brasil. |                      |
| 2.º | O GOLFO DE SANTO ANTONIO.                   | } a O. da Patagonia. |
| 3.º | O GOLFO DE S. JORGE.                        |                      |
| 4.º | A GRANDE BAHIA OU GEELVINK.                 |                      |
| 5.º | O GOLFO DE LOS CHONOS.                      |                      |
| 6.º | O GOLFO DE PENHAS.                          |                      |
| 7.º | O GOLFO DE GUAYAQUIL, ao S. O. da Colombia. |                      |

(1) Já se disse a pag. 351 que a Dinamarca vendeu aos *Estados Unidos da America* as Ilhas de *S. Thomaz* e *S. João*.

- 8.º O GOLFO DE PANAMÁ, ao S. do Isthmo.  
 9.º A BAHIA DE DABIEN.  
 10.º O GOLFO DE MARACAIBO. } ao N. da Colombia.

**Estreitos.**—Podem citar-se 2, a saber:

1.º O *Estreito de Magalhães*, que separa a *America da Terra do Fogo*.

2.º *Estreito de Lemaire*, entre a *Terra do Fogo* e a *Ilha dos Estados*.

**Rios.**—Ha 5 principaes, a saber:

1.º O *Orenoco*, que banha parte da *Colombia*.

2.º O *Amazonas* ou *Maranhão*, que banha o *Peru* e o *Brasil*.

3.º O *S. Francisco*, que banha o *Brasil*.

4.º O *Rio da Prata*, formado do *Paraguay*, *Paraná* e *Uruguay*, que banha o *Brasil* e a *Republica Argentina*.

5.º O *Tucantis* ou *Pará*, que banha o *Brasil*.

**Montanhas.**—A serrania mais consideravel é a *Cordilheira dos Andes*, que se estende por toda a costa occidental da *America meridional*.

## ESTADOS UNIDOS DE COLOMBIA

Esta Republica federal, que ultimamente tomou a denominação de ESTADOS UNIDOS DE COLOMBIA, consta dos tres seguintes Estados independentes, a saber:

**1.º Republica de Venezuela**, capital *Caracas*.

CIDADES MAIS NOTAVEIS.—*Maracaibo*, *Valencia*, *Cumana*, *Puerto Cabello*, *Aragua*, *Varinas*, etc.

POPULAÇÃO DA REPUBLICA.—1.400:000 habitantes, pouco mais ou menos.

**2.º Republica de Nova Granada**, capital *Santa Fé de Bogotá*.

CIDADES MAIS NOTAVEIS.—*Panamá*, *Carthagena*, *Santa Martha*, etc.

POPULAÇÃO.—Perto de 2.800:000 habitantes.

**3.º Republica do Equador**, capital *Quito*.

CIDADES MAIS NOTAVEIS.—*Manta*, *Guyaquil*, *Cuenca*, *Loxa*, etc.

POPULAÇÃO.—1.040:000 habitantes.

## GUYANA

Divide-se em 3 partes, a saber :

**1.<sup>a</sup> Guyana Inglesa ou Demerara**, ao N.O., capital *George-Town*, outr'ora *Straboek*.

**2.<sup>a</sup> Guyana Hollandeza**, no centro, capital *Paramaribo*.

**3.<sup>a</sup> Guyana Franceza**, ao S. E., capital *Cayenna*, em uma ilha do mesmo nome.

 A população da *Guyana Inglesa* calcula-se em 165:000 almas; a da *Guyana franceza*, em 21:000 habitantes, e a da *Guyana hollandeza* em 65:000 almas.

## REPUBLICA DO PERU

Tem por capital *Lima*, uma das mais opulentas cidades da America.

**Cidades notaveis.**— *Calhão, Arequipa, Puno, Huamanga, Truxillo, Micuipampa e Cuzco*, capital do Imperio dos *Incas* antes da conquista dos *Hespanhoes*.

**População.**— 2.500:000 habitantes, pouco mais ou menos.

## REPUBLICA DE BOLIVIA OU ALTO PERU

A sua capital é *Chuquisaca*.

**Cidades notaveis.**— *La Paz d' Ayacucho, Potosi, Oruro, Cochabamba, Santa Cruz de la Sierra e Cobija*, ou *Puerto de la Mar*, unico porto da *Bolivia*.

**População.**— 1.988:000 habitantes.

## REPUBLICA DO CHILI

Tem por capital *Santiago*.

**Cidades notaveis.**— *Concepcion, Valparaizo* porto principal, *S. Philippe, Coquimbo, Valdivia*. Este paiz é dos mais saudaveis da America.

**População.**— Perto de 2.000:000 habitantes.

## IMPERIO DO BRASIL

**Posição astronómica ou situação.** — O *Imperio do Brasil* fica entre 4° 20' de latitude septentrional, e 33° 55' de latitude meridional (1).

**Limites.** — Ao Norte, o Oceano Atlantico, as Guyanas, franceza, hollandeza e ingleza, e as Republicas de Venezuela e de Nova Granada, actualmente Estados Unidos de Colombia; ao Sul, a Republica oriental do Uruguay; ao Nordeste, a Leste e ao Sueste, o Atlantico; a Oeste, as Republicas do Equador, Peru, Bolivia, Paraguay e a Confederação Argentina.

**Extensão.** — De Norte a Sul, isto é, do *Forte de Maribatanas*, no Rio Negro, no Pará, ao *Morro de Castilhos*, na fronteira da Republica oriental do Uruguay, anda por 785 leguas, das de 20 ao grão; e a sua maior largura, ou de Leste a Oeste, isto é, desde o *Cabo Branco*, na *Parahyba*, ao *Rio Javary*, regula por 727 leguas, pouco mais ou menos.

**Religião.** — Catholica apostolica romana; sendo porém tolerados os outros cultos em casas para isso destinadas sem fórma alguma exterior de templo.

**Governo.** — Monarquico hereditario, constitucional e representativo, segundo a Constituição politica dada pelo Imperador D. Pedro I, jurada em 25 de Março de 1824, e addicionada em 1834. Os Poderes politicos são: o Legislativo, Moderador, Executivo e Judicial. A nação é representada por uma Camara de Senadores ou Senado, e por uma Camara de Deputados que é electiva e temporaria. Os Senadores são vitalicios. Os Principes da Casa Imperial são Senadores por direito, logo que chegam á idade de 25 annos. O Imperador é menor até á idade de 18 annos completos.

**Titulo do Imperante.** — O de *Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil*, que lhe é dado pela mesma Constituição.

---

(1) Tanto a respeito da situação como dos limites deste Imperio, não estão concordes alguns auctores que sobre o assumpto tem escripto.

**Divisão territorial.**—O *Imperio do Brasil* divide-se em 20 Provincias, a saber :

Provincias	Capitales	População
1 Amazonas.....	Manaós .....	400:000
2 Pará .....	Santa Maria de Belem.....	350:000
3 Maranhão .....	S. Luiz.....	500:000
4 Piahy. ....	Theresina.....	250:000
5 Ceará .....	Fortaleza.....	550:000
6 Rio-Grande do Norte	Natal .....	240:000
7 Parahyba.....	Parahyba.....	300:000
8 Pernambuco.....	Recife.....	1.220:000
9 Alagoas .....	Maceió.....	300:000
10 Sergipe.....	Aracajú .....	320:000
11 Bahia.....	Bahia ou cidade de S. Salvador..	4:450:000
12 Espirito-Santo.....	Nossa Senhora da Victoria.....	400:000
13 Rio de Janeiro.....	Nitheroy .....	4:400:000
Municipio neutro ou da corte .....	Rio de Janeiro .....	450:000
14 S. Paulo.....	S. Paulo .....	900:000
15 Paraná.....	Curitiba.....	420:000
16 Santa Catharina....	Desterro.....	200:000
17 S. Pedro do Rio-Gran- de do Sul.....	Porto Alegre.....	580:000
18 Minas-Geraes.....	Ouro Preto .....	4:600:000
19 Goyaz.....	Goyaz.....	250:000
20 Mato-Grosso.....	Cuyahá.....	400:000
		44.780:000

**Divisão administrativa.**—Cada Provincia é administrada por um Presidente nomeado pelo Imperador, e tem uma Assembléa que representa o poder legislativo provincial. Compete a esse Presidente convocar as Assembléas legislativas Provinciaes, e na abertura da sessão, fazer a exposição do estado em que se achão os negocios da Provincia, apontando as providencias que julgar necessarias para a sua prosperidade e engrandecimento. Sanciona as leis provinciaes, e tem o direito de adia-las por um voto suspensivo.

**Divisão ecclesiastica.**—Comprehende 1 Metropolitano, que é o Arcebispo da Bahia, e 11 Bispos suffraganeos, a saber : do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambu-

(1) Extrahido do *Atlas do Imperio do Brasil*, por CANDIDO MENDES DE ALMEIDA, publicado no Rio de Janeiro em 1868.

co, Rio de Janeiro, S. Paulo, S. Pedro do Rio Grande do Sul, Marianna (parte da Provincia de Minas), Diamantina (parte da mesma Provincia de Minas), Goyaz e Cuiabá.

**Divisão judicial.** — Comprehende 1 Supremo Tribunal de Justiça, e pela divisão ultimamente decretada, devem ser 11 os Tribunaes de Relação do Imperio, comprehendendo:

O 1.º Tribunal as Provincias do Pará e Amazonas, devendo ter a sua séde na cidade de Belem.

O 2.º As Provincias do Maranhão e Piahy, continuando a ter a sua séde na cidade de S. Luiz do Maranhão.

O 3.º As Provincias do Ceará e Rio Grande do Norte, sendo a sua séde a cidade da Fortaleza.

O 4.º As Provincias de Pernambuco, Parahybá e Alagoas, conservando a sua séde na cidade do Recife.

O 5.º As Provincias da Bahia e de Sergipe, continuando a sua séde na cidade de S. Salvador.

O 6.º O Município da córte, onde continua a ter a sua séde, e as Provincias do Rio de Janeiro e do Espirito-Santo.

O 7.º As Provincias de S. Paulo e do Paraná, devendo a sua séde ser estabelecida na cidade de S. Paulo.

O 8.º As Provincias de S. Pedro do Rio-Grande do Sul e de Santa Catharina, sendo a sua séde na cidade de Porto Alegre.

O 9.º A Provincia de Minas Geraes, tendo a séde na cidade de Ouro Preto.

O 10.º A Provincia de Mato-Grosso, tendo a séde em Cuyabá.

O 11.º A Provincia de Goyaz, sendo a séde na cidade do mesmo nome.

**Lingua.** — A portugueza.

**Capital do Imperio.** — *Rio de Janeiro* com um dos mais bellos portos do mundo; cidade bem defendida; fundada pelos Portuguezes em 1567, no reinado de *D. Sebastião*, e por isso, em memoria daquelle Soberano, se ficou chamando *Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro*.

A Cidade do *Rio de Janeiro*, com o seu Município engravado no territorio da Provincia do mesmo nome, formão o que se chama *Município neutro* ou *da córte*.

**População.** — Calcula-se em mais de 11.780:000 de habitantes. A falta de arrolamentos regulares é a causa de se não poder conhecer exactamente a população do Imperio.

**Exercito.** — As forças de terra forão fixadas pela ul-

lima lei, para o anno de 1873-1874, em 16:000 praças de pret (1), em cir umstancias ordinarias, e 32:000 em circumstancias extraordinarias (2).

Na Republica do Paraguay mantem o Brasil uma divi-são composta de 1:500 homens das tres armas. A força da guarda nacional do Imperio, incluída a reserva, é, segundo as ultimas informações officiaes, de 741:782 homens, sendo 616:596 de serviço activo, e 125:186 da reserva.

**Marinha Militar.**—Segundo o *Almanach de Gotha* de 1874, consta de 55 navios a vapor, dos quaes 16 couraçados e 6 transportes. Navios de véla, 1 corveta e 5 embarcações de pequeno lote, com 236 peças ao todo. Navios desarmados: 2 fragatas, 2 corvetas, 1 não escola, e 1 brigue dos Aspirantes. Em construcção, varios navios a vapor couraçados, nos arsenaes do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

**Instrucção publica.**—Divide-se em *Primaria*, *Secundaria* ou *Preparatoria*, e *Scientifica* ou *Superior*. Para a *Instrucção Primaria*, havia em 1857 1:880 Escolas em todo o Imperio. Em 1873 chegava o seu numero a 4:566. Para a *Instrucção Secundaria*, o *Imperial Collegio de Pedro II*, estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, as *Escolas militares* do Rio Grande do Sul e da côrte, e mais 19 *Collegios* ou *Lyceus* publicos nas Provincias, a cargo destas. Para a *Instrucção Superior*, ha as duas *Universidades* ou *Faculdades de Direito*, a de S. Paulo e a do Recife, as *Faculdades medicas* da Bahia e do Rio de Janeiro, a *Escola central de Engenheiros militares*, a *Academia de Marinha* da côrte e os *Seminarios theológicos*.

**Ordens Militares.**—Ha seis, tres, creadas pelo Imperador D. Pedro I, e as tres Ordens antigas portuguezas, a saber:

**Ordem Imperial do Cruzeiro.**—Creada pelo Imperador D. PEDRO I, por Decreto do 1.º de Dezembro de 1822, para assignalar de um modo solemne e memoravel a época da sua aclamação, sagração e coroação como Imperador constitucional do *Brasil* e seu perpetuo defensor.

(1) Veja-se: *O Imperio do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Vienna d'Austria* de pag. 262 a 281.

(2) O effectivo do exercito da expedição contra o Paraguay estava calculado, em 1868, em 42:817 homens. A guerra entre o Brasil e aquella republica acabou no combate do 1.º de Março de 1870, com a morte do Dictador Lopez.

Os quatro grãos desta Ordem são os seguintes: *Gram-Cruz*, *Dignitario*, *Official* e *Cavalleiro*.

**Ordem de D. Pedro I.**— Foi fundada por Decreto de 16 de Abril de 1826, para marcar de uma maneira distincta a época do reconhecimento da independência do *Brasil*.

Compõe-se de *Gram-Cruzes*, *Commendadores* e *Cavalleiros*.

**Ordem da Rosa.**— Fundada por D. PEDRO I, por Decreto de 17 de Outubro de 1829, para perpetuar a memoria do seu faustissimo consorcio com a Princeza D. AMELIA DE LEUCHTENBERG.

Esta Ordem compõe-se de seis cathogorias: *Gram-Cruz*, *Grande Dignitario*, *Dignitario*, *Commendador*, *Official* e *Cavalleiro* (1).

**Ordem de S. Bento de Aviz.**— Foi instituida por ElRei D. AFFONSO HENRIQUES em 13 de Agosto de 1162; porém só começou a ser conhecida por este nome no anno de 1214, quando D. AFFONSO II a fez trasladar para o Castello de Aviz. Ficou separada da *Ordem de Catalrava*, em Castella, por Bulla do Papa EUGENIO IV, no reinado de D. João I.

**Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.**— Fundada e instituida, a pedido de El-Rei D. DINIZ, pelo Papa João XXII, em Avinhão aos 14 de Março de 1319, para substituir a *Ordem militar dos Templarios*, que durou desde 1096 até 1314.

**Ordem militar de S. Thiago da Espada.**— Foi instituida por ElRei D. AFFONSO HENRIQUES em 1177; izenta da obediencia da Ordem de Castella por ElRei D. DINIZ, e por Bulla do Papa NICOLAU IV de 17 de Setembro de 1288, sendo separada completamente por Bulla do Papa João XXII em 1320.

Estas tres Ordens militares portuguezas tem os seguintes grãos: *Gram Cruz*, *Commendador* e *Cavalleiro*.

O Decreto de 9 de Setembro de 1843 declarou não serem d'alli em diante consideradas como religiosas as Ordens militares de Christo, S. Bento de Aviz e S. Thiago da Espada.

---

(1) Pelo Aviso do Ministerio da Guerra, do 4.º de Setembro de 1842, foi declarado que somente a Ordem do Cruzeiro, em todos os seus grãos, e a da Rosa, até ao de Official, competem por lei honras militares.

**Clima.**—Variado, segundo as diferentes latitudes: ao Sul, é bastante temperado; ao Norte, quente, porém refrigerado pelas brizas. É saudavel, em geral, sendo raras vezes accommettido de epidemias, comtudo pela invasão da febre amarella, desde 1850, em alguns pontos do litoral, e da cholera morbus, veiu a soffrer quebra nos creditos de que gosava antes daquelles flagellos.

**Natureza do solo e produções.**—As terras do *Brasil*, cobertas de florestas virgens, cortadas de immensos rios, são de uma fertilidade assombrosa, não só em productos indigenas, mas tambem em productos estranhos, que facilmente tem sido aclimatados. A sua riqueza productiva estende-se aos tres reinos da natureza: animal, vegetal e mineral.

**Rios.**—Começando pelo Norte:

O **Amazonas** (o maior rio do mundo), depois de percorrer 500 leguas no territorio do Pará, entra no Oceano, entre o Cabo do Norte e a Ilha de Marajó.

O **Tocantins**, que vem de Goyaz, e desagua no Oceano, 45 leguas abaixo da cidade de Belem.

O **Itapicuru-Grande**, que nasce ao Sul do Maranhão, e vai lançar-se na Bahia de S. José, perto de S. Luiz.

O **Parnahyba**, que desce da Serra de Mangabeira, na Provincia de Goyaz, passa pelo Maranhão e Piauí, banha a cidade de Teresina, lançando-se no Oceano por seis bocas, em que fórma cinco ilhas.

O **Jaguaribe**, que nasce na serra da Boa Vista, no Ceará, e vai entrar no Oceano junto de Aracaty.

O **Potangi** ou **Rio-Grande do Norte**, que vai lançar-se no Oceano, a poucas leguas do Sul do Cabo de S. Roque.

O **Parahyba do Norte** que, passando na Serra de Jabitacá, se lança no Oceano depois de atravessar a Provincia do mesmo nome.

O **S. Francisco**, um dos maiores rios do Brasil, que vai en-

trar no Oceano abaixo da cidade do Penedo nas Alagôas.

O **Itapicuru**, da Bahia, que vem da Comarca de Jacobina, e se lança no Oceano.

O **Paraguassu**, que, tendo a sua origem perto da Villa de Santa Izabel, banha a cidade da Cachocira, tendo a sua foz na Bahia de Todos os Santos.

O **Rio de Contas** ou **Jussipe**, que nasce na Serra das Almas, na Provincia da Bahia, e desagua no Oceano.

O **Parahyba do Sul**, que procede da Serra de Bocaina, no Rio de Janeiro, e vai desaguar no Oceano, passando pela cidade de Campos.

O **Paraná**, cuja origem é em Minas Geraes, corre entre as Provincias de Mato Grosso, Goyaz e S. Paulo, separando o Imperio do Brasil da Confederação Argentina e do Paraguay.

Finalmente o **Uruguay**, que nasce na Provincia do Rio-Grande do Sul, e separa a Comarca de Missões dessa Provincia da Republica do Uruguay, etc., e da sua união com o Rio Paraná, fórma o Rio da Prata.

**Ilhas.**—Chegão ao numero de 23 as ilhas que se con-

tão no litoral do Imperio: as mais notaveis são as seguintes:

**Iha de Marajó**, na foz do Amazonas.

A **Itaparica**, na Provincia da Bahia.

A **Iha Grande**, na do Rio de Janeiro.

As de **S. Sebastião** e de **Santos**, na de S. Paulo.

A de **Santa Catharina**, na Provincia do mesmo nome.

As de **Itamaracá** e de **Fernando de Noronha**, na de Pernambuco.

A da **Trindade**, na altura da cidade da Victoria, na Provincia do Espirito-Santo.

### **Cabos principaes.**—São sete:

**Orange**—**Cabo do Norte**  
—de **Santo Agostinho**—**S.**

**Roque**—**S. Thomé**—**Cabo Frio** e de **Santa Martha**.

### **Portos principaes de Norte a Sul:**

**Belem**, no Pará.

**S. Luiz e Itaqui**, no Maranhão.

**Parnahyba**, no Piauhy.

**Granja, Fortaleza e Aracati**, no Ceará.

**Macão e Natal**, no Rio Grande do Norte.

**Bahia da Traição e Parahyba**, na Parahybá.

**Recife, Tamandaré, Barra Grande**, em Pernambuco.

**Jaraguá e Cururipe**, nas Alagoas.

**Catindiba**, em Sergipe.

**Todos os Santos, Camamu, Ilheus, Porto Segu-**

**ro e Caravellas**, na Provincia da Bahia.

**S. Matheus e Espirito-Santo**, na Provincia deste ultimo nome.

**Campos, Macahé e Paraty**, na Provincia do Rio de Janeiro.

**S. Sebastião, Bertoga, Santos, Cananica** em S. Paulo.

**Paranaguá**, no Paraná.

**S. Francisco, Santa Catharina, Laguna**, em Santa Catharina.

**Rio Grande, S. José do Norte, Porto Alegre** (na Lagoa dos Patos), em S. Pedro do Sul.

 Ocupa o primeiro lugar por sua capacidade e segurança, o porto da capital do Imperio. A excepção das Provincias do Amazonas, Minas-Geraes, Goyaz e Mato-Grosso, todas as outras são maritimas.

**Caminho de ferro D. Pedro II.**—É destinado a ser tronco principal do systema geral da viação aperfeiçoada do Imperio, communicando a sua capital com quasi todas as provincias (1).

**Caminho de ferro de Mauá.**—Liga o porto de Mauá, na bahia do Rio de Janeiro, á raiz da serra de Petrópolis. Foi o primeiro caminho de ferro que se construiu no Brasil.

**Caminho de ferro de Cantagallo.**—Co-

(1) Veja-se a obra intitulada *O Imperio do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Vienna d'Austria*.

meça em Villa Nova, perto do Rio Macacu, navegavel a vapor até alli, e deve chegar á Nova Friburgo, em uma extensão de 98,2 kilómetros.

**Caminho de ferro da Bahia.**— Deve atravessar a provincia até chegar ao Rio S. Francisco. A parte já entregue á circulação começa na Bahia e acaba em Alagoinhas.

**Caminho de ferro central da Bahia.**— Primitivamente denominado *Paraguassu*, começa na cidade de Cachoeira e dirige-se a Chapada Diamantina, naquella provincia.

**Caminho de ferro de Santos a Jundiahy.**— Depois do caminho de ferro de Pedro II, é esta a via ferrea mais importante do Imperio pelo desenvolvimento do tráfego, que acompanha a progressiva producção de uma das mais ricas provincias do Imperio.

**Caminho de ferro de S. Paulo.**— É destinado a ligar o porto de Santos com o interior da provincia.

**Caminho de ferro de Pernambuco.**— Destinado a communicar o porto da cidade do Recife com o porto superior do Rio S. Francisco. A parte deste caminho, aberta á circulação liga a Estação das Cinco pontas, arrabalde da cidade do Recife, á de Una, na margem do rio do mesmo nome.

**Caminho de ferro da Madeira.**— Está contratada, e já começada, a construcção de um caminho de ferro desde a povoação de Santo Antonio até acima da queda do Guajará-Mirim, na margem direita do Rio Madeira.

**Caminho de ferro D. Pedro I.**— Está contratada a construcção desta linha ferrea entre a Provincia de Santa Catharina e a de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Varias outras linhas ferreas estão auctorisadas, contratadas e abertas á circulação em algumas provincias de Imperio, a respeito das quaes o plano desta obra não permite ser mais extenso.

**Telégraphos electricos.**— Foi no Rio de Janeiro que teve lugar o ensaio de pequenas linhas telegraphicas entre diversas Repartições do Estado.

Em 1863, ligárão-se as ditas linhas, por meio de cabos submarinos, ás fortalezas da barra do Rio de Janeiro. Em seguida levou-se uma até ao Municipio de Cabo-Frio, para o serviço de avisos promptos ao commercio. No anno de 1865, decretou-se uma linha telegraphica desde o Rio de Janeiro até á Provincia de S. Pedro do Rio Grande do

Sul, n'uma extensão de 1.450 kilometros. Esta linha acha-se servindo quasi toda.

**Pezos e medidas.**—Em 1874, deve ser posta em vigor a lei sobre os padrões de pezos e medidas, que teve por fim uniformisa-los em todo o Imperio pelo systema metrico decimal francez.

**Commercio de exportação.**—É consideravel, principalmente no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Ceará e S. Luiz do Maranhão: consiste em café, assucar, algodão, arroz, cacáo, gomma elastica, tabaco, urucu, oleo de copahiba, tapioca, couros, aguardente, salsa parrilha, mandioca, anil, madeira de construcção, diamantes e outras pedras preciosas (1).

**Commercio de importação.**—Os artigos que o Brasil importa dos paizes estrangeiros, principalmente de Inglaterra, Estados Unidos, Portugal e França, são os seguintes: trigo, vinho, licores, tecidos d'algodão, lã, seda, maquinas e instrumentos de ferro, quinquilharias, ferragens, carne ensacada, prezuntos, ferro, obra de ourives, bijoutarias, etc.

**Manufacturas.**—Contão-se no Rio de Janeiro, e em muitas partes do Imperio, importantes fabricas de tecidos d'algodão, lã, fiacção, panno de linho, papel pintado e branco, de vidro, sabão, oleado, galão, charutos, cortumes, etc. O Governo sustenta as fabricas de polvora da Estrella e de fundição de ferro de Ipanema.

**Noções historicas.**—O *Brasil* foi descoberto em 1500 por PEDRO ALVARES CABRAL, Portuguez, que ia por Capitão Mór da segunda armada que ElRei D. MANOEL mandou á India. Partiu de Lisboa em 9 de Março do dito anno; porém, obrigado por um grande temporal a correr muito para a parte occidental, descobriu as costas do *Brasil* aos 22 de Abril. Surgiu, a 24 do mesmo mez, no lugar a que deu o nome de *Porto Seguro*, por lhe parecer seguro dos perigos do mar, e á terra, o de *Santa Cruz*, que depois se ficou chamando *Brasil*, nome de uma ar-

(1) Pouco depois do terremoto de 1755, creou o Governo em Lisboa uma companhia para a pesca da baléa nas costas do Brasil, que deu grandes ueros. Ignora-se o motivo de se ter abandonado aquelle importante ramo de industria aos Ingлезes e Americanos do Norte que o desfructarão por muitos annos. Havia pela companhia armações nas costas da Bahia, nas do Rio de Janeiro, e principalmente na Ilha de Santa Catharina.

Veja-se: *Recordações* de JACOME RATTON sobre occorrencias do seu tempo em Portugal, a pag. 243, § 59.

vore, cuja madeira é propria para tinturaria, e de que abunda aquelle paiz. Seguiu viagem para a India a 2 de Maio do mesmo anno.

No tempo em que os FILIPPES de Hespanha dominarão Portugal, apoderarão-se os Hollandezes do lado do Norte do *Brasil*; mas os Portuguezes, depois de sacudirem o jugo hespanhol, acabarão de recobrar, com muita gloria, em 1654, tudo quanto os Hollandezes alli senhoreavão. Em 1807, invadido Portugal pelo exercito de NAPOLEÃO, retirou-se a Familia Real para o *Rio de Janeiro*, donde voltou em 1821. No anno de 1822, declarou-se o *Brasil* Imperio independente de Portugal; seguiu-se a guerra, e pelo Tratado de 29 de Agosto de 1825, foi a sua independencia reconhecida pelo Senhor D. JOÃO VI.

Deve-se a ElRei D. João III a colonisação do *Brasil*, começada pelos annos de 1530.

### CONFEDERAÇÃO ARGENTINA

O territorio da CONFEDERAÇÃO OU REPUBLICA ARGENTINA, com outros Estados visinhos, pertenceu á Hespanha, e formava parte do Vice-reinado do *Rio da Prata* até 1810, em que se separou da metrópole. Em 1815, constituirão-se em Republica federada as 14 Provincias ou Estados independentes, de que se compõe a mesma *Confederação Argentina*, a saber: *Jujuy, Salta, Catamarca, Tucuman, Sant'Iago del Desterro, Corrientes, La Rioja, Cordova, Santa Fé, Entre Rios, S. João, S. Luiz, Mendoza e Buenos Ayres*. Todas estas provincias tem por capitaes as cidades do seu nome, á excepção da provincia d'*Entre Rios*, cuja capital é *Paraná*.

**Capital da Confederação.** — *Buenos-Ayres*, com uma população de 180:000 almas. Esta cidade, bem edificada, occupa uma excellente posição na margem meridional do *Rio da Prata*. Antes era *Paraná* a capital da *Confederação Argentina*.

**População.** — Entrando a da Provincia de *Buenos-Ayres*, regulava em 1869 por 1.877:490 habitantes. A da mesma Provincia de *Buenos-Ayres* consta de 495:107, (1) pouco mais ou menos.

(1) *Almanach de Gotha de 1874.*

**Produções.**—O territorio da *Confederação* é mui proprio á cultura de todos os generos europeus e tropicaes, e abunda em gado vaccum, cavallar e lanigero.

**Buenos-Ayres.**—Esta Provincia, a maior das 14 da *Confederação Argentina*, separou-se em 1853, tendo sido reconhecida a independencia daquelle Estado pelos Estados Unidos da America, Brasil, Franca, Inglaterra e algumas outras nações. Um conflicto de interesses em relação ás Alfandegas de *Buenos-Ayres*, occorrido naquelle anno, entre a Provincia deste nome, e as outras treze confederadas, deu causa a essa separação, que durou até 1859. Pelo Tratado porém de 17 de Novembro, do referido anno de 1859, concluido entre *Buenos-Ayres* e a *Confederação Argentina*, declarou o mesmo Estado que ficava fazendo parte integrante da dita *Confederação*. Aceitou a Constituição nacional, e prestou juramento solemne; devendo mandar Deputados ao Congresso proporcionalmente á sua população.

**Exercito.**—O exercito da REPUBLICA ARGENTINA consta, não entrando a guarda nacional, de 6:482 homens, a saber: 2:909 homens de infantaria, 2:861 de cavallaria e 712 de artilheria.

**Marinha militar.**—Consta de 7 navios, um dos quaes armado com 12 peças de artilheria.

#### REPUBLICA DO PARAGUAY

Este paiz foi conquistado pelos Hespanhoes em 1535. Os Jesuitas que alli estabelecerão mais tarde as suas missões, e conseguirão civilisar um grande numero de selvagens, forão expulsos no anno de 1768.

O *Paraguay* recusou, em 1810, fazer causa commum contra a mãe patria, com as *Republicas do Rio da Prata*, a cujo Vice-reinado pertencia. Declarando-se depois independente de Hespanha, estabeleceu-se alli uma Republica em 1811, dirigida por dois Consules. Em 1814, foi eleito Dictador o Doutor *Francia*, e nomeado Dictador vitalicio em 1817. Morto este em 1840, passou o governo a uma especie de Junta, governada por um Presidente constitucional.

A independencia deste Estado foi reconhecida em 15 de Julho de 1852, pelo Director provisorio da *Confederação Argentina*, o General *Urquiza*; pelo Brasil e pelas Republicas de Bolivia, Venezuela, etc., e em 3 de Janeiro de

1853, pela Gram-Bretanha, Austria, França, Sardenha, Prussia, etc. Em virtude da Convenção concluída em 13 de Fevereiro de 1858, entre o Brasil e o *Paraguay*, o rio deste nome foi declarado aberto, em todo o seu curso, aos navios mercantes das nações amigas.

**Capital.**—*Assumpção*, porto a grande distancia do mar: consta de 48:000 habitantes. Depois da *Assumpção*, a cidade principal é *Itapúa*, na margem do Paraná, aonde tem uma Alfandega.

**População.**—Em consequencia da guerra entre o Brasil e o *Paraguay*, que acabou no combate de 1.º de Março de 1870, com a morte do Dictador LOPES, ficou reduzida, quando muito, a um milhão de habitantes, a população, que em 1857 se calculava em um milhão e trezentas mil almas.

#### REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY

Este paiz, quando sujeito a Hespanha, fazia parte do *Vice-Reinado da Prata*. Na occasião da guerra da independencia da America hespanhola, seguiu o movimento da insurreição geral contra a mãe patria, e entrou na *Confederação Argentina*, de que logo o separou um aventureiro por nome ARTIGAS. Invadido por um exercito portuguez este paiz, então chamado *Banda Oriental*, foi occupada militarmente a praça de Montevideu pelo mesmo exercito, depois de uma guerra encarniçada contra o referido ARTIGAS. Na emancipação do Brasil, uniu-se a este Imperio, com o nome de *Provincia Cisplatina*, até 1828. Foi então reconhecido como Republica independente pelo Tratado de Montevideu, cujos preliminares forão assignados em 27 de Agosto de 1828 pelo Brasil e por Buenos Ayres.

**População.**—São mui diversas as opiniões a este respeito. Póde porém calcular-se em 350:000 habitantes, pouco mais ou menos (1).

**Capital.**—*Montevideu*, na margem esquerda do Rio da Prata. Tem um bom porto de mar, vantajosamente situado para o commercio, e conta hoje 60:000 habitantes (2).

**Exercito.**—Permanente 2:000 ou 3:000 homens, dos quaes 1:300 na capital. Guarda nacional em todo o paiz, 20:000 homens.

(1) Almanach de Gotha de 1874.

(2) Idem.

**Produccões.**—A vegetação é, em geral, a mesma que as dos paizes meridionaes da Europa; mas a cultura dos cereaes é a que mais convem á natureza do terreno; o que porém constitue a principal riqueza dos seus habitantes, são as immensas manadas de gado cavallar e vacum, de que exportão grande quantidade de carne para embarque, e de couros para diversos usos.

### PATAGÓNIA

A PATAGÓNIA é uma vasta região na extremidade Sul da America meridional. Chama-se tambem *Terra de Magalhães*, por ter sido descoberta pelo portuguez FERNAO DE MAGALHÃES, em 1519, ao serviço de Hespanha.

A *Patagónia* está separada pelo *Estreito de Magalhães* da *Terra do Fogo*, ilha volcanica e inhabitada. Os seus habitantes do Sul, mais particularmente chamados *Patagões*, são notaveis pela sua elevada estatura. O clima da *Patagónia* é frio; o terreno arido, cortado pela Cordilheira dos Andes. Ao Sul, achão-se algumas pequenas ilhas, uma das quaes forma o *Cabo Horn*, que os navegantes dobrão para passar do Oceano Atlantico para o Grande Oceano.

### DA OCEANÍA

A OCEANÍA é a quinta parte do mundo, entre a America a Leste, e a Asia a Oeste.

Debaixo da denominação de *Oceania*, ou de *mundo maritimo*, comprehendem os geógraphos modernos uma successão de archipélagos mais ou menos consideraveis, na extensão de 4:000 léguas n'um sentido, e de 2:000 n'outro, entre o 91° de longitude oriental, e o 105° de longitude occidental, e entre o 35° de latitude boreal, e o 56° de latitude austral.

A *Oceania*, segundo a divisão de DURMONT D'URVILLE, geralmente adoptada, comprehende:

- 1.º MALASIA, MALESIA OU OCEANÍA OCCIDENTAL (1).
- 2.º MELANESIA OU OCEANÍA MERIDIONAL.
- 3.º MICRONESIA OU OCEANÍA SEPTENTRIONAL.
- 4.º POLYNESIA OU OCEANÍA ORIENTAL.

---

(1) MALASIA é assim chamada por ser habitada por MALAIOS; a palavra MELANESIA significa *Ilha dos negros*; MICRONESIA, *pequenas ilhas*; POLYNESIA, *muitas ilhas*.

**Noções historicas.** — O historiador portuguez JOÃO DE BARROS já havia pertendido que destas ilhas se formasse uma nova parte do globo; e um escriptor hespanhol, da mesma época, lembrára que a *Oceania* se denominasse *Magallanica*, porque *Magalhães* a havia, em grande parte, descoberto.

O calculo de 20 ou 22 milhões de habitantes, que alguns auctores lhe dão, e tão falto de exactidão como o que se faz relativamente á população da Africa: são, principalmente, da raça *malaia*, e de uma raça de pretos, a que se dá o nome de *negros oceánicos*.

### MALASIA

A MALÁSIA comprehende as ilhas desde muito tempo conhecidas pelo nome de *Ilhas das Indias orientaes*, e que formão 5 archipélagos principaes a saber:

AS FILIPPINAS ao N.

O ARCHIPÉLAGO DA SONDA, ao S. E.

O ARCHIPÉLAGO DE BORNÉO } no centro.

O ARCHIPÉLAGO DAS CELEBES }

AS MOLUCAS, a L.

**O Archipélago das Filipinas.** possuido pelos Hespanhoes, comprehende muitas ilhas volcanicas, cujas principaes são 9: *Luçon* é a maior; n'ella está a capital, que é a grande e commerciante cidade de *Manilha* com um magnifico porto. *Mindanáo* é outra grande ilha deste *archipélago*, rica e populosa. Forão descobertas por FERNAM DE MAGALHÃES, em 1520 ou 1521, o qual foi morto pelos indigenas na Ilha de *Zebu*, sendo o seu navio o primeiro que fez o giro á roda do mundo, como já se disse.

**O Archipélago da Sonda** comprehende muitas ilhas pequenas, e duas grandes ilhas: a de *Sumatra*, possuida, em grande parte, pelos Hollandezes, e a de *Java*, toda hollandeza: nesta está *Batavia*, cidade muito importante e de consideravel commercio, capital de todas as Possessões hollandezas nesta parte do globo. No numero das pequenas ilhas entrão as de *Solor* e *Timor*.

**O Archipélago de Bornéu** consta da grande ilha que lhe dá o nome, sujeita, em parte, aos Hollande-

zes, e de varias outras muito pequenas: a *Ilha de Dornéo*, depois da *Australia*, é a maior do globo.

**O Archipélago das Celebes** compõe-se da ilha deste nome, que é a principal; *Macassar*, ao Sul, pertence aos Hollandezes, que dominão sobre os diversos soberanos da ilha.

**O Archipélago das Molucas**, chamado tambem *Ilhas das especiarias*, pela grande abundancia dellas que produz, pertence aos Hollandezes. *Gilolo* é a maior das *Molucas*.

## MELANESIA

A MELANÉSIA comprehende 3 grandes territorios e 8 archipélagos principaes. Os 3 grandes territorios são:

**1.º A Australia** chamada, a principio, *Nova Hollanda* (1), é quasi tão vasta como a *Europa*. Só se conhece bem o lado do Sueste, aonde os Inglezes tem Estabelecimentos ou colonias.

Dividem os Inglezes a *Australia* em cinco partes, a saber: 1.º *Nova Galles meridional*, cuja capital, e dos Estabelecimentos inglezes na *Australia*, é *Sidney*, no porto de *Jakson*, ao Norte de *Botany-Bay*: é para esta colonia que elles mandão os seus degredados; 2.º *Provincia de Victoria*, capital *Melbourne*, fundada em 1837; 3.º *Australia meridional* ou do Sul, capital *Adelaide*; 4.º *Australia occidental*, capital *Perth*; 5.º *Australia septentrional*, capital *Victoria*.

**2.º A Nova Guiné ou Papuasias** ao N. E. da *Australia*, habitada pelos negros *Papuas*. Esta ilha é uma das maiores do globo. Achão-se alli as aves chamadas do *Paraizo*. Os Hollandezes têm nella uma feitoria.

**3.º A Tasmania ou terra de Biemen**, ao Sul da *Australia*, de que está separada pelo *Estreito de Baas*; tem por capital *Hobart-Town*, importante colonia ingleza.

Os 8 principaes archipélagos são os seguintes:

**1.º O Archipélago da Nova Bretanha** ao N. E. da *Nova Guiné*, e cujas principaes ilhas são: a *Nova Bretanha*, a *Nova Irlanda* e o *Novo Hanover*.

(1) No anno de 1525, ou ainda antes, foi descoberta pelos Portuguezes a grande terra que depois se chamou *Nova Hollanda*, por serem os Hollandezes aquelles que em 1605 reconhecerão aquelle continente.

**2.º As Ilhas do Almirantado,** ao N. O. do Archipélago da Nova Bretanha.

**3.º As ilhas de Salomão.** As principaes são: as *d'Izabel, Choiseul, Bougainville e Georgia.*

**4.º O Archipélago da Lusitana,** cujas principaes ilhas são: as de *Trobriand, d'Entrecasteaux, Saint-Aignan.*

**5.º O Archipélago de la Pérouse:** ilhas principaes: *Nitendi ou Santa Cruz, Vanikoro;* chama-se tambem *Archipélago da Rainha Carlota.*

**6.º As Novas Hébrides,** ou Archipélago de *Quiros.* A principal ilha do mesmo Archipélago é a do *Espirito Santo.*

**7.º A Nova Caledonia, dependencia da França, desde 1853:** compõe-se de varias ilhas, sendo as principaes: a *Ilha da Nova Caledonia,* a *Ilha de Beupré* e a *Ilha do Observatorio,* propriamente dita, ou *Ilha Balade.*

**8.º Archipélago de Viti ou Fidji,** o mais oriental da *Melanésia.*

Ao S. E. da Nova Bretanha

## MICRONÉSIA

A MICRONÉSIA OU OCEANIA SEPTENTRIONAL compõe-se, como o seu nome indica, de pequenas ilhas, cujo numero é consideravel, e entre as quaes se distinguem 6 archipélagos principaes, a saber: de N. O. a S. E.

**1.º Archipélago de Bonin-Sima ou de Magalhães,** ao S. E. do *Japão.*

**2.º Archipélago das Mariannas,** chamadas *Ilhas dos Ladrões* por FERNAM DE MAGALHÃES, que as descobriu (1). A principal destas ilhas é a de *Guaham,* aonde os Hespanhoes tem uma feitoria.

**3.º As Ilhas de Pelew ou Palaos,** cuja principal, denominada *Baubelthuap,* é a mais consideravel da *Micronésia:* pertence aos Hespanhoes.

**4.º As Carolinas ou Novas Filipinas,** possuidas pelos Hespanhoes. É um dos maiores archipélagos

(1) Forão chamadas *Ilhas dos Ladrões,* pela inclinação dos seus habitantes para o roubo, e por estes haverem furtado uns instrumentos de ferro ao seu descobridor.

da *Oceania*. Ao S. E. destas ilhas, acha-se o grupo das *Ilhas de Monteverde*, em numero de 29, proximas das *Ilhas Mariannas*, descoberto em 1806 por JOÃO BAPTISTA MONTEVERDE: são as mais meridionaes deste archipélago.

**5.º As Ilhas de Marschal** } a L. das *Carolinas*.  
**6.º As Ilhas de Gilbert** }

## POLYNÉSIA

A POLYNÉSIA OU OCEANIA ORIENTAL divide-se em *Polynésia septentrional* e *Polynésia meridional*.

A **Polynésia septentrional**, de muito menor extensão que a *meridional*, apenas contém um archipélago notavel, a saber:

**O Archipélago d'Hawaii**, a que tambem se dá o nome de *Ilhas de Sandwich*, descobertas pelo famoso Capitão Cook, Inglez, que ali foi morto pelos natuaes.

A ilha mais consideravel deste archipélago é a de *Hawaii*, aonde reside o Rei.

Na **Polynésia meridional** distinguem-se 6 archipélagos compostos de um numero infinito de pequenas ilhas, e 1 contendo 2 grandes territorios.

Os 6 primeiros archipélagos, são:

**1.º As Ilhas de Hamoa**, chamadas tambem o *Archipélago de Bougainville e dos Navegantes*, pela pericia dos indigenas na construcção das suas embarcações.

**2.º As Ilhas de Tonga ou dos Amigos**, habitadas por um povo activo e industrioso: assim chamadas pelo Capitão Cook, em attenção ao bom acolhimento que alli encontrou.

**3.º O Archipélago de Cook** com as *Ilhas Mangia e Tabuai*, que são mui pouco conhecidas.

**4.º O Archipélago de Taiti ou da Sociedade**, cujos povos se convertêrão ao Christianismo; tendo-se a sua Rainha collocado em 1843 sob a protecção da França. A fertil e bella *Ilha de Taiti* ou *O Taiti*, é a mais importante.

**5.º O Archipélago de Pomatu** é chamado tambem *Archipélago perigoso*, ou das *Ilhas baixas*, porque

se compõe de um grande numero de pequenas ilhas cheias de recifes.

**6.º O Archipélago de Nuka-Hiva, de Mendanha** ou das **Marquezas**, cujos habitantes são os mais bellos da *Polynésia*.—A França tomou posse do mesmo archipélago em 1842.

O *archipélago* que contém dois grandes territorios é:

O da **Nova Zelândia**, cujas duas principaes ilhas chamadas *Ika-na-mawi* e *Tawai Punamu*, separadas pelo *Estreito de Cook*, entrão no numero das maiores terras do globo. Os seus habitantes tem grande aptidão para as artes.

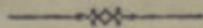
☞ Quatro nações da Europa, como se viu, formãrão Estabelecimentos na Oceania: os *Portuguezes, Hollandezes, Hespanhoes* e *Inglezes*. São os *Hollandezes* os que possuem os paizes mais povoados. Os *Inglezes* dominão em territorios mais vastos, mas menos povoados. Os *Hespanhoes* dominão uma população inferior sómente á das *Posseções hollandezas*. Os *Portuguezes* possuem apenas os restos do vasto Imperio fundado na *India* e na *Malásia* por AFFONSO DE ALBUQUERQUE, e pelos seus valentes successores.

A *Oceania hollandeza* comprehende as *Ilhas de Java* e de *Madura*, grande parte das de *Sumatra* e de *Celebes*, parte da de *Bornéo*, os *Archipélagos de Sumbava-Timor* e das *Molucas*, e uma parte da *Papuasias*.

A *Oceania hespanhola* comprehende grande parte do *Archipélago das Filippinas*, das *Mariannas* e das *Carolinas*.

A *Oceania ingleza* comprehende as *colonias da Australia*, hoje mui importantes pelo descebrimento e exploração das suas ricas minas de ouro; a *Ilha de Van-Diemen*, as de *Norfolk*, parte da *Nova Zelândia*.

A *Oceania portugueza* comprehende parte da *Ilha de Timor*.



## DA CHRONOLOGIA

A *CHRONOLOGIA*, cujo nome se deriva de duas palavras gregas, *chronos*, tempo, e *logos*, discurso, significa: *Discurso sobre os tempos*, ou *sciencia das épocas*. O objecto pois da *Chronologia* é apresentar, na ordem em que se

sucedêrão, os acontecimentos pertencentes à História (1).

**Tempo.**—É a duração successiva das cousas, medida pelo movimento e revolução apparente do Sol. Divide-se em *Eras, Seculos, Lustrros, Olympiadas, Annos, Mezes, Semanas, Dias, Horas, Minutos, etc.*

**A Chronologia** divide-se em *mathematica* e *historica*

**A Chronologia mathematica.**—Tem por objecto a divisão do tempo em *Annos, Mezes, Dias, Horas, etc.*

**A Chronologia historica.**—Tem por fim pôr cada successo no tempo em que teve lugar.

**Fundamentos da Chronologia mathematica.**—Consistem no conhecimento dos fenómenos celestes, pois foi segundó as observações astronómicas que se regulou a divisão do tempo.

**Fundamentos da Chronologia historica.**—Existem no testemunho dos historiadores, nas inscrições antigas, medalhas, etc. Estas conservão a lembrança de uma infinidade de successos que, sem ellas, serião hoje ignorados. O Egypto, por exemplo, a Grecia, e Roma, senhora, por assim dizer, do mundo conhecido dos antigos, nenhuma cousa fizerão notavel na paz e na guerra, cuja representação se não conserve nas medalhas, etc.

**Dia.**—É o tempo que a Terra gasta no seu movimento diurno ou de rotação, isto é, sobre o seu eixo. Consta de 24 horas, divididas entre nós em duas vezes doze.

**Dia natural ou luminoso.**—É o tempo que vai do nascer até ao pôr do Sol.

**Dia astronómico.**—É o espaço de 24 horas, que comprehende o dia e a noite, e principia e acaba ao meio dia (2).

(1) A *Chronologia* só começou a ser explicita sob os successores d'*Alexandre*. O pouco accordo que reina entre os antigos escriptores, deu origem, entre os modernos, a *Systemas de Chronologia* mais ou menos contradictorios.

(2) O *dia maior* e a *noite mais curta* do anno tem lugar, nas nossas regiões, a 21 ou 22 de Junho, no *Solsticio de Verão* ou estival, o *dia mais curto* e a *noite maior* a 21 ou 22 de Dezembro, no *Solsticio d'Inverno* ou *hyemal*. Para os que habitão a parte septentrional da Terra, são os dias iguaes ás noites no *Equinoccio da Primavera*, a que se chama *Equinoccio verno* ou *vernal*, aos 21 ou 22 de Março, e no do *Outono*, a que se dá o nome de *Equinoccio outonal*, aos 22 ou 23 de Setembro.

**Dia civil.**—Conta-se desde a meia noite até á meia noite seguinte.

Os Portuguezes, Hespanhoes, Francezes, Inglezes, etc., contão pelo *dia civil*, isto é, a começar da meia noite.

**Hora.**—É o tempo que a Terra gasta a percorrer quinze grãos no seu movimento diurno ou de rotação, isto é, a vigesima quarta parte do dia. Divide-se em 60 *minutos*; cada *minuto*, em 60 *segundos*; cada *segundo*, em 60 *terços* ou *terceiros*.

**Semana.**—É uma divisão do mez: consta de 7 dias. Os antigos Gregos dividião o mez em tres *décadas*, cada uma das quaes se compunha de dez dias; mas *Pythagoras*, segundo pertendem alguns, em relação aos 7 Planetas então conhecidos, reduziu a semana a 7 dias, cujos nomes e significação se seguem:

SEGUNDA FEIRA.....	Dies LUDÆ.....	Dia da Lua.
TERÇA FEIRA.....	Dies Martii.....	Dia de Marte.
QUARTA FEIRA.....	Dies Mercurii.....	Dia de Mercurio.
QUINTA FEIRA.....	Dies Jovis.....	Dia de Jupiter.
SEXTA FEIRA.....	Dies Veneris.....	Dia de Venus.
SABBAO.....	Dies Saturni.....	Dia de Saturno.
DOMINGO.....	Dies Solis.....	Dia do Sol.

Os Romanos contavão, a princípio, as *semanas* por *novenas*, isto é, de 9 dias. *Numa Pompilio*, á imitação de *Pythagoras*, reduziu-as a 7 dias.

Os Christãos começam a *semana* pela *Segunda feira*, sendo o *Domingo* para elles o *dia de descanso*, ou do *Senhor*, em memoria da Resurreição.

Os Judeus descansão ao *Sabbado*, em memoria da Creação do mundo. Foi o Imperador romano *Constantino* o primeiro que ordenou se guardasse o *Domingo* em todo o Imperio. Até alli, tanto os Judeus como os Christãos da Igreja primitiva, guardavão o *Sabbado*.

**Mez.**—É a duodecima parte do anno.

Os antigos Romanos dividião os seus mezes em tres partes, a saber: *Calendas*, *Nonas* e *Idos*.

Dava-se ao primeiro dia de cada mez o nome de *Calendas* (1), que em grego significa *chamar*, *convocar*, porque os sacerdotes ou pontifices chamavão ou convocavão

(1) Veja-se—*Vocabulario portuguez e latino*, pelo Padre RAFAEL BLUTEAU, na palavra—*Calendas*—em que se acha a redução do antigo *Calendario* romano ao nosso modo de contar os dias de cada mez, — e *Magnum lexicon latinum et lusitanum*, na palavra *Calenda*.

o povo nesse dia para lhe annunciar o dia da Lua, e as principaes festas no mez que principiava.

As *Nonas* começavão nos dias 7 dos mezes de *Março*, *Maio*, *Julho* e *Outubro*, e no dia 5 dos outros mezes, cahindo porém sempre ao oitavo dia antes dos *Idos*.

Os *Idos* começavão nos dias 15 dos referidos mezes de *Março*, *Maio*, *Julho* e *Outubro*, e no dia 13 dos outros mezes.

Segundo esta divisão, dizia-se: *Tal dia antes das Calendas, antes das Nonas, ou finalmente antes dos Idos*. Deste modo contava-se retrogradando.

☞ Como os Gregos não tinham *Calendas*, d'ahi veio o proverbio que remette para as *Calendas gregas*, as cousas que nunca tem de acontecer.

**Mez solar.**—É o tempo que a Terra emprega em descrever um Signo inteiro na sua orbita, ou a duodecima parte do Zodiaco.

**Mez lunar.**—Póde ser *synódico*, ou *periódico*.

**Mez lunar synódico, ou lunação.**—É o espaço de tempo que decorre entre duas *conjuncções da Lua* com o Sol, isto é, entre duas *Neoménias*, ou de *Lua nova* a *Lua nova*, e consta, termo medio, de 29 dias, 12 horas, 44 minutos, 2 segundos e  $\frac{8}{10}$ .

**Mez lunar periódico.**—É o tempo que a Lua gasta a voltar ao mesmo ponto da sua órbita donde partiu, isto é, aquelle que emprega em percorrer o Zodiaco. Este *mez* é de 27 dias, 7 horas, 45 minutos e  $\frac{1}{4}$  segundos, com mui pouca differença.

**Anno.**—É o espaço de tempo que a Terra gasta a fazer a sua revolução á roda do Sol.

**Anno solar ou trópico.**—É o tempo que decorre desde um Equinoccio até outro Equinoccio, isto é, 365 dias, 5 horas, 49 minutos.

O *Anno solar* divide-se em 4 Estações, a saber: *Primavera* (1) que principia, nos nossos climas, a 20 ou 22 de Março; *Verão* ou *Éstio*, a 21 ou 22 de Junho; *Outono*, a 22 ou 23 de Setembro, e *Inverno*, a 21 ou 22 de Dezembro.

N. B. Nas regiões meridionaes, é *Inverno* quando para

(1) A razão por que a *Primavera*, sendo a primeira Estação, começa no mez de Março, é porque quando os Romanos, no tempo de Romulo, derão aquelle nome a primeira Estação, principiava o seu anno pelo sobredito mez.

nós *Verão*, etc.; por exemplo, no Brasil começa o *Outono* em Março; o *Inverno*, em Junho; a *Primavera*, em Setembro; o *Verão*, em Dezembro.

**Anno lunar.**—Consta de 12 *lunações*, ou *mezes synodicos*, fazendo ao todo 354 dias e algumas horas. O *anno lunar* é o dos Judeus e Mahometanos. Chama-se *anno lunar commun* aquelle de que se acaba de fazer menção; e *anno embolismico*, ou *intercalar*, quando, de tres em tres annos, consta de 13 *mezes lunares*, ou 384 dias.

Dá-se tambem o nome de *anno astronómico*, tanto ao *anno solar* como ao *anno lunar*, para os distinguir do *anno civil*.

**Anno civil.**—É aquelle de que quasi todas as nações se servem para contar o tempo e as idades; e divide-se em *commun*, de 365 dias, e *bissexta*, de 366 dias. Começa no 1.º de Janeiro e acaba em 31 de Dezembro.

**Calendario.**—Deriva-se da palavra *Calenda*: é a taboa ou livro que contém a distribuição do tempo, accommodada aos usos da vida, indicando a ordem dos dias, das semanas, dos mezes, das festas, etc.

**Calendario romano.**—*Romulo*, primeiro Rei de Roma, dividiu o anno em 10 mezes sómente, fazendo ao todo 304 dias, a saber: *Março* 31 dias, *Abril* 30, *Maió* 31, *Junho* 30, *Quintilis* 31 (1), *Sextilis* 30, *Seteybro* 30, *Outubro* 31, *Novembro* 30, *Dezembro* 30.

N. B. Esse anno tinha 50 dias menos que o *Anno lunar*, e 64 que o *Anno solar*.

**Anno de Numa Pompilio, segundo Rei de Roma.**—Reconhecendo este os inconvenientes da divisão do anno como *Romulo* a havia disposto, augmentou-o com os mezes de *Janeiro* e *Fevereiro*, e eis-aqui a duração de cada um dos 12 de que então se compunha: *Janeiro* 29 dias, *Fevereiro* 28, *Março* 31, *Abril* 29, *Maió* 31, *Junho* 29, *Quintilis (Julho)* 31, *Sextilis (Agosto)* 29, *Seteybro* 31, *Outubro* 29, *Novembro* 29, *Dezembro* 29, ao todo 355 dias.

**Calendario ou anno juliano.**—É assim chamado de *Julio Cesar*. Vendo este que o *Calendario romano* ainda era vicioso, e tendo consultado um insigne astrónomo, por nome *Sosigenes*, cuja opinião era que o

(1) Os nomes de *Julho* e *Agosto* substituirão depois os de *Quintilis* e de *Sextilis*.

*anno solar* constava de 365 dias e 6 horas exactas (quando na realidade tem 11 minutos menos) fez o *anno civil* de 365 dias; e ordenou que, de 4 em 4 annos, com as 6 horas completas, que suppunha excederem a cada anno, se formasse um *dia intercalar*, que se accrescentasse ao mez de Fevereiro, ficando então este com 29 dias, e esse *anno*, que os Romanos denominarão *bissexto*, com 366.— A este *Calendario*, assim reformado, que se começou a pôr em prática 45 annos antes de J. C., chama-se tambem *Antigo Estylo*.

**Correcção gregoriana ou novo estylo.**—

Beconheceu-se com o tempo que o *anno solar* se compunha de 365 dias, 5 horas e 49 minutos, e que em cada anno, segundo *Julio Cesar*, se contavão de mais 11 minutos. Por esta razão, tendo sido fixada a Pascoa em 21 de Março, dia do Equinoccio da Primavera, pelo Concilio de Nicêa, celebrado no anno de 325 da Era christã, já no Pontificado de *Gregorio XIII*, esta festa se tinha antecipado 10 dias, e com ella todo o cyclo das festas moveis. Mandou pois aquelle Papa, em 1582, que o dia 5 de Outubro fosse chamado 15, a fim de restituir o Equinoccio vernal, ou da Primavera, aos 21 de Março, que então cahia a 11 do mesmo mez; e que dos annos seculares, que até alli erão todos bissextos, só o fosse um em cada periodo de 400 annos, isto é, que em cada 400 annos se tirassem 3 bissextos; por isso que os 11 minutos de mais fazião 3 dias no espaço de 400 annos, com pouca differença. A esta *Correcção* dá-se tambem o nome de *Calendario gregoriano*.

**Differença entre o antigo e o novo estylo.**— É de 12 dias; assim 17 de Janeiro, segundo o *Antigo Estylo*, corresponde a 29 do mesmo mez, segundo o *Novo Estylo*.

**Povos que seguem o antigo estylo.**— Os Russos e os Christãos do rito grego são os unicos que, na Europa, tem conservado o *Calendario juliano*. Está pois em uso, na correspondencia com aquelles povos, indicar as duas datas deste modo:  $17/29$  ou  $\frac{17}{29}$  de Janeiro, isto é, segundo o *Novo* e o *Antigo Estylo*.

**Povos que seguem a correcção gregoriana.**— Todos os Estados *catholicos* a adoptarão; porém os *Protestantes* não quizerão sujeitar-se a ella senão em 1751 e 1752.

**Nomes e etymologia dos mezes que compõem o anno civil.**

**Janeiro** (em Latim *Januarius*). — Deriva-se de *JANO*, antigo Rei d'Italia, a quem os Romanos o havião consagrado. Consta de 31 dias.

**Fevereiro** (*Februarius*). — Deriva-se de *februare*, que significa *fazer libações, purificar-se*, por isso que este mez, entre os Romanos, era consagrado aos sacrificios expiatorios em honra dos defunctos. Tem 28 dias nos *annos communis*, e 29 nos *bissextos*. Este dia, que então se junta ao mez de Fevereiro, chama-se *dia intercalar*, como dito fica (1).

**Março** (*Mars*). — *Romulo* deu-lhe este nome, em honra de *Marte*, deus da guerra, de quem pertendia descender, e sob cuja protecção poz o povo romano. — Tem 31 dias.

**Abril** (*Aprilis*). — Deriva-se do latim *aperire*, que significa *abrir*, porque neste mez parece a terra abrir o seu seio para nos franquear os seus thesouros. Alguns etymologistas o derivão da palavra grega *Aphrodite*, que significa *Venus*, deusa do amor e da fecundidade, a quem este mez era consagrado. — Tem 30 dias.

**Maió** (*Maius*). — Este mez, segundo alguns auctores, era consagrado a *Maia*, mãe de *Mercurio*; e segundo outros, aos *anciãos*, e por isso era denominado: *mensis maiorum*, que significa *mez das pessoas de idade provecta*. Fundão a sua opinião em que *Romulo* havia dividido o povo romano em duas classes: os *anciãos* para o conselho, e os *moços* para a guerra, consagrando aos primeiros o mez de *Maió*, e aos segundos, o de *Junho*. — Tem 31 dias.

**Junho** (*Junius*). — Deriva-se de *juvenes* ou *juniores*, que significa *pessoas moças*, por isso que este mez era consagrado á *mocidade romana*, como se acaba de dizer. Al-

(1) Para se saber se o anno é ou não *bissexto*, bastará dividir por 4 o numero millesimo, isto é, os algarismos significativos do *anno*. Se não houver resto algum, o anno será *bissexto*; mas se o resto for 1, 2 ou 3, o anno será *communis*, e o algarismo do resto indicará o numero de *annos* decorridos depois do *bissexto*. Sirva de exemplo o anno de 1874: — dividindo-se por 4, o resto será 2; d'onde concluremos que este anno é *communis*, e o segundo depois do *bissexto*; consequentemente o anno de 1876 será *bissexto*, porque dividindo-se por 4 não ficará resto algum.

guns auctores porém pertendem que se deriva de *Juno*.—Tem 30 dias.

**Julho** (Julius).—Chamou-se, a principio, *Quintilis* por ser o quinto mez do *anno de Romulo*. Deu-se-lhe depois o nome de *Julius*, em honra de *Julio Cesar*.—Tem 31 dias.

**Agosto** (Augustus).—No *Calendario de Romulo*, dava-se a este mez o nome *Sextilis*, por ser então o sexto do anno; conservou-o no tempo dos Reis e da Republica; porém desde os principios do Imperio romano, foi chamado *Augustus*, em honra do Imperador *Augusto*.—Tem 31 dias.

**Setembro** (September).—Deriva-se da palavra latina *septem* ou *septimus*, que significa *septimo*, porque era o septimo mez do *anno de Romulo*.—Tem 30 dias.

**Outubro** (October).—Foi assim chamado da palavra latina *octo* ou *octavus*, que significa *oitavo*, por isso que este mez, a principio, era o oitavo do *anno de Romulo*.—Tem 31 dias.

**Novembro** (November).—Vem da palavra latina *novem*, que significa *nove*, e era o nono mez do anno, como *Romulo* o havia disposto.—Tem 30 dias.

**Dezembro** (December).—Deriva-se da palavra latina *decem*, que significa *dez*, porque era o decimo mez do *anno de Romulo*.—Tem 31 dias.

**Cyclo solar**.—É um período, ou uma revolução de 28 annos, no fim dos quaes as *Letras dominicaes*, ou que indicão o Domingo, e as que designão os outros dias da semana, se reproduzem (bem como as festas moveis) na mesma ordem que 28 annos antes.

Convém advertir que se deu a este periodo o nome de *Cyclo solar*, não porque o Sol concorresse para essa revolução, mas porque os Romanos chamavão ao Domingo *Dies Solis*, *Dia do Sol*. Com effeito este *Cyclo* serve para achar a *Letra dominical* de cada anno.

**Letra dominical**.—A palavra *dominical* deriva-se do latim *Dominus*, que significa *Senhor*; ora, sendo o Domingo o *Dia do Senhor*, chamarão-se *dominicaes* as letras que servem para indica-lo.

Na *Folhinha ecclesiastica*, *Breviario*, ou *Calendario*, marcão-se pois os Domingos de cada anno com alguma das 7 primeiras letras do alphabeto (A, B, C, D, E, F, G.); devendo advertir-se que ao 1.º de Janeiro corresponde a letra A, ao dia 2, a letra B, e successivamente até a letra

G, visto que estas 7 letras correspondem aos 7 dias da semana. Assim, a letra que corresponder ao Domingo será a *Letra dominical*.

*Exemplo*:—No anno de 1865, que principiou ao Domingo, a *Letra dominical* foi A, isto é, todos os dias em frente dos quaes ella se achava, forão Domingo. Se o anno houvesse começado ao Sabbatho, teria sido B a *Letra dominical*; se á Sexta feira, C, etc.

É necessario advertir que as letras não se tornão *dominicaes*, segundo a ordem que occupão no alphabeto, mas n'uma ordem inversa, ou retrógrada, isto é, se for G a *Letra dominical* n'um anno, sê-lo-ha F no que se lhe seguir; depois E, seguindo-se D; depois C; depois B, e finalmente A; tornando a letra G a ser *dominical*, etc.

Eis-aqui a razão desta ordem retrógrada: se o anno começar á Segunda feira, o Domingo cahirá a 7, a que corresponde a letra G, que será nesse anno a *Letra dominical*; mas no anno seguinte, começará á Terça feira, e o Domingo cahirá a 6, ao lado do qual se porá F, que então será a *Letra dominical*. Pela mesma razão, E, D, C, B, A, tornar-se-hão successivamente *Letras dominicaes*.

Nos *annos bissextos*, ha sempre duas *Letras dominicaes*; a primeira regula desde o principio do anno até 24 de Fevereiro, dia de S. Mathias, e a segunda, desde esse dia inclusivamente até ao fim do anno.

**Cyclo lunar.**—É um periodo de 19 annos, no fim dos quaes torna a ser Lua nova e Lua cheia nos mesmos dias em que o fôra 19 annos antes, com a differença de hora e meia, pouco mais ou menos, por isso que o Sol e a Lua se achão novamente, em relação á Terra, nos mesmos pontos do ceo que 19 annos antes. Deve-se ao astrónomo METON a descoberta deste *Cyclo*.

**Aureo numero.**—Deu-se este nome ao numero que indica o anno do *Cyclo lunar*, ou porque os Athenienses o gravavão em letras de ouro n'um lugar publico para uso dos cidadãos, ou porque nos seus Calendarios o marcavão com letras de ouro. O *Aureo numero* foi introduzido no *Calendario* no tempo do Concilio de Nicêa, no anno 325 da nossa Era, para indicar os dias da Lua cheia.

**Epacta.**—É a idade da Lua no fim do anno precedente, ou o numero de dias decorridos desde a ultima Lua nova até ao fim de Dezembro. Dizendo-se, por exem-

plo, que o anno de 1855 teve 12 *d'Epacta*, entende-se que a Lua tinha 12 dias quando o mesmo anno começou.

A *Epacta* provém pois do numero de dias que o *Anno Solar commum* excede o *Anno lunar*.

A *Epacta* de cada anno acha-se sempre indicada em letra de conta romana no principio da *Folhinha*, ou *Calendario*. A Igreja serve-se da *Epacta* para achar o dia da Lua nova, a idade da Lua, o dia de Pascoa, e regular as festas moveis. Hoje porém tem os astrónomos outros meios de o conseguir com a maior exactidão, sem recorrerem á theoria das *Epactas*: o Cyclo destas expira com o *Aureo numero*, e torna a começar com este.

Meio de saber, á primeira vista, as *Epactas* até ao anno de 1899 *inclusivè*; advertindo que quando a *Epacta* é 30, marca-se tambem com uma cifra ou um asterisco.

Aureo Numero	Epacta correspondente	Aureo Numero	Epacta correspondente
1.....	XXX, ou 0, ou *	11.....	XX
2.....	XI	12.....	I
3.....	XXII	13.....	XII
4.....	III	14.....	XXIII
5.....	XIV	15.....	IV
6.....	XXV	16.....	XV
7.....	VI	17.....	XXVI
8.....	XVII	18.....	VII
9.....	XXVIII	19.....	XVIII
10.....	IX		

**Seculo.**—É o espaço de 100 annos, isto é, de 100 revoluções da Terra á roda do Sol. O primeiro *seculo*, depois do Nascimento de Christo, durou desde o anno 1 até 100 *inclusivè*: o segundo *seculo*, desde 101 até 200, etc.; por conseguinte, desde o anno de 1801, estamos no *seculo dezenove*, que durará até o anno de 1900 *inclusivamente*.

**Indicção.**—Era uma revolução de 15 annos julianos completos, que estava em uso entre os Romanos, e que ainda se aponta nos *Calendarios*, ou *Folhinhas*. A palavra *indicção* significava um tributo que os mesmos Romanos percebiam todos os annos nas Provincias, debaixo do nome de *Indicio tributaria*, para a subsistencia dos soldados, e particularmente daquelles que tinham servido o Estado pelo espaço de quinze annos. No tempo dos ul-

timos Imperadores, empregou-se este termo para significar simplesmente um espaço de quinze annos.

**Lustro.**— É um espaço de cinco annos. Este termo já não é usado senão na poesia. Vem da palavra latina *luere*, que significa *pagar*, porque no principio de cada quinto anno, pagava-se certo tributo, e fazia-se o recenseamento dos cidadãos romanos.

**Olympíada.**— Era o espaço de quatro annos, assim chamado, dos *Jogos olympicos*, que os Gregos celebravão, de quatro em quatro annos, perto da cidade de *Olympia*, na Élida, em honra de *Jupiter*. Consistião em diferentes exercicios, como a lucta, o pugilato, a carreira a pé, em carros, a cavallo, etc., e duravão cinco dias (1). Os Gregos contárão por *Olympiadas* até o anno 312 antes de Jesus Christo. Desde então começárão as *Indicções*.

**Marmores d'Arundel.**— Estes preciosos *monumentos de Chronologia* erão umas taboas de marmore, em que estavam gravadas as principaes épocas da Historia da Grecia, desde *Cecrops*, fundador do reino d'Athénas, até ao Archonte *Diognelo*, comprehendendo uma serie de 1348 annos, isto é, desde o anno 1582 até 264 antes de Jesus Christo.

Tendo sido achados na Ilha de Paros, na Grecia, forão comprados, no principio do seculo xvii, por *Lord Howard*, *Conde d'Arundel*, e por isso chamados *Marmores d'Arundel*. O que porém se deve lamentar, é que durante as guerras que perturbárão Inglaterra, cahisse uma boa parte daquellas preciosidades em poder de ignorantes que as empregárão em reparar portas e chaminés; tendo o que escapou de tão indignas mãos sido depositado na *Bibliotheca d'Oxford*, e feito parte daquillo a que chamão *Marmores d'Oxford* (2).

(1) Além dos *Jogos olympicos*, tinhão os Gregos os seguintes, a saber: Os *Jogos pythios*, que se celebravão em Delphos, de 4 em 4 annos, instituidos em honra de *Apollo*, que matou a serpente *Python*. Os *Jogos isthmios*, assim chamados do *Isthmo de Corintho*, aonde tinhão lugar de 5 em 5 annos: forão instituidos por *Theseo* em honra de *Neptuno*. Finalmente os *Jogos nemeos*, instituidos por *Hercules*, ou pelos sete *Chefes*, ou *Capitães* que *ADASTRO*, Rei de Argos, mandou em soccorro de seu genro. Erão consagrados a *JUPITER NEMEO*.

(2) O Sabio *SELDEN* escreveu uma obra intitulada—*Marmora Arundelliana, cum aliquot inscriptionibus veteris Latii*, impressa em Londres em 1628. O Dr. *HENPHREY PRIDEAUX* inseriu aquella obra de *SELDEN* na que intitulou *Marmora Oxoniensia*, Oxford, 1676.

**Era** ou **Epoca**.— Significa um ponto, ou tempo fixo assinalado na *Historia* por algum acontecimento memoravel, e desde o qual se começa a contar os annos.

A *Historia* ensina-nos que tem havido muitas *eras* diferentes, isto é, muitas *epocas* pelas quaes os povos principiarão a compular os annos.

**Era dos Judeus**.— Data da Creação do mundo.

**Era de Nabonassar, Rei de Babylonia**.— Os chronólogos fixão esta *Era* em 26 de Fevereiro do anno 747 antes de Jesus Christo.

**Era dos Gregos**.— Data da 1.<sup>a</sup> *Olympiada*, 776 annos, segundo alguns, antes da nossa *Era*.

Quando se designa pelas *Olympiadas* o tempo em que um acontecimento teve lugar, diz-se no primeiro, segundo ou no terceiro anno de tal *Olympiada*.

**Era dos Romanos**.— Data da fundação de Roma, 753 annos antes de Jesus Christo, conforme a opinião mais geralmente seguida.

**Era dos Seleucidas ou do Reinado do Grande Seleuco**.— Delli começárão os Macedonios a contar os seus annos, 311 antes de Jesus Christo.

**Era de Jesus Christo, Era christã ou Era vulgar**.— Conta-se desde o Nascimento de Jesus Christo. Ha diversas opiniões ácerca do anno em que o Filho de Deus veio ao mundo.

A Igreja romana fixa esse acontecimento no dia 25 de Dezembro do anno 753 da fundação de Roma (1).

**Era de Cesar ou Hispanica**.— Esta *Era* começou a contar-se no anno de Roma 745, isto é, 38 annos antes de Jesus Christo, quando a Hespanha foi conquistada e sujeitã á obediencia de *Julio Cesar*.

**Era de Diocleciano**.— Foi tambem chamada *Era dos martyres*, ou da *ultima perseguição da Igreja*; data do anno 300, segundo alguns auctores, ou 302 da *Era christã*.

**Era da paz da Igreja**.— Conta-se desde o anno 312 da *Era vulgar*, em que *Constantino*, Imperador romano, professou a Religião christã.

**Era dos Mahometanos ou Hegira**.— Data, segundo alguns chronólogos europeus, do dia em que MAHOMET, perseguido pela sua falsa doutrina, foi obrigado a

---

(1) Nos *Elementos da Historia* pelo Abade de VALLEMONT, traduzidos por PEDRO DE SOUSA CASTELLO BRANCO, tomo 4.<sup>o</sup>, a pag. 36, pôde ver-se a relação dos auctores que não concordão no anno em que veio o *Messias*.

fugir de Meca; o que parece ter tido lugar na noite de 15 para 16 de Julho do anno 622 da *Era christã*.

**Computação dos annos pelo Nascimento de Jesus Christo.**— O Abade *Dionysio exiguus*, ou pequeno, assim cognominado em razão da sua pequena estatura, e que vivia em 527, no tempo do Imperador *Justiniano*, foi quem introduziu o uso de computar os annos pelo do Nascimento ou *Encarnação de Jesus Christo*. Até então, a maior parte dos Christãos contava os seus annos, ou desde a fundação de Roma, ou segundo a ordem dos Consules, ou Imperadores, e conforme os povos entre os quaes vivião.

**Modo de contar os annos.**— Desde a Creação do mundo até ao Nascimento de Christo, conta-se por *Annos do mundo* ou *Annos antes de Jesus Christo*, e d'ahi por diante, por *Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo*.

O mundo, segundo a *Vulgata* (ou traducção da Biblia em latim approvada pela Igreja), existia, havia 4004 annos, quando Jesus Christo nasceu.

Os Portuguezes começaram a contar os annos pela epoca do Nascimento de Christo, desde 1420, em que ElRei D. João I ordenou que, deixada a *Era de Cesar*, se contasse pela *Era vulgar*.

**Período.**— Esta palavra, além de outras significações, exprime tambem o tempo que medeia entre duas epochas; assim, o espaço de tempo que decorreu desde a Creação do mundo até ao Diluvio é um *período*. Ha diversos *períodos*, quasi todos os quaes tem os nomes de seus inventores; porém só nos occuparemos do *período juliano*.

**Período Juliano.**— É assim chamado, por isso que foi adaptado ao Calendario de *Julio Cesar*. Quem o inventou foi *Scaliger* para conciliar as differentes opiniões dos chronólogos sobre a duração do tempo decorrido desde o principio do mundo, e tornar mais facil a redução dos annos de uma época aos de outra qualquer. Alguns pretendem que até ao Nascimento de Christo só se devem contar 4004 annos; outros dão mais extensão a esse espaço, e augmentão o numero de annos que o mede. Esta variação porém desaparece quando se usa do *período juliano*.

**Divisão do tempo em duas partes.**— A primeira comprehende todo o tempo que decorreu da Creação do

mundo até ao Nascimento de Christo, isto é, 4004 annos. Este é propriamente o que se chama *tempo do Velho Testamento*, em cuja larga duração se fundarão e arruinarão os tres grandes Imperios dos *Assyrios*, *Persas* e *Gregos*, que precederão o dos *Romanos*.

A segunda parte abrange todo o tempo decorrido desde o Nascimento de Christo até ao presente. N'este espaço de tempo se acha incluído tudo quanto aconteceu no *Imperio romano*, no do *Oriente*, do *Occidente*, em *Portugal*, *Hespanha*, *França*, *Inglaterra*, e n'outros Estados e Republicas na *Europa*, *Asia*, *Africa* e *America*.

**Divisão que alguns chronólogos fazem do tempo decorrido desde o principio do mundo.** — *Varro*, por exemplo, divide-o em *Tempo obscuro e incerto*, *Tempo fabuloso* e *Tempo historico*.

**Tempo obscuro e incerto.** — É o que decorreu desde a origem do genero humano até ao Diluvio, acontecido na *Attica*, no reinado d'*Ogyges*, pelos annos do mundo 2208 e 1796 antes da Era vulgar. Chama-se assim, porque se ignora a historia de quanto succedeu n'aquelle espaço de 22 seculos.

**Tempo fabuloso.** — Começa desde o Diluvio d'*Ogyges*, e continua até ás *Olympiadas*, isto é, até o anno 3228 do mundo, e 776 annos antes da Era vulgar. Chama-se *fabuloso*, porque tudo quanto os historiadores profanos referem d'aquelle tempo, é confundido com muitas fabulas. O que se conta pois dos *Argonautas*, de *Ulysses*, *Helena*, *Hercules*, etc., é quasi tudo devido á invenção dos poetas. O mesmo quasi se póde dizer quanto ao incendio de *Troya*.

**Tempo histórico.** — Começa nas *Olympiadas*. Chama-se *histórico*, porque só depois das *Olympiadas* é que resplandece na *Historia* a verdade das cousas succedidas.

**Divisão do tempo segundo os poetas antigos.** — Dividirão-no em quatro *Idades*: chamarão á primeira *Século* ou *Idade de ouro*; á segunda, *Idade de prata*; á terceira, *Idade de bronze*; á quarta, *Idade de ferro*. Derão-lhe estes nomes, segundo os differentes grãos a que a malicia dos homens foi subindo successivamente.

**Idade de ouro.** — Attribute-se ao reinado de *Saturno*, porque, dizem os poetas, n'esse tempo reinava a paz, e a terra produzia sem ser cultivada; reinava tambem *Astrea*,

ou a justiça, e tudo entre os homens era commum. Os mesmos poetas fazem durar esta *Idade* até ao tempo em que *Saturno* foi lançado fóra do seu Reino.

Pelo que fica dito, facil é conhecer que a *Idade de ouro* significa a innocencia de *Adão* e de sua mulher, até que forão expulsos do paraizo terrestre, aonde achavão sem fadiga o que lhes era necessario.

**Idade de prata.**— Refere-se ao reinado de *Jupiter*, a quem *Virgilio* accusa de haver introduzido peçonha nas serpentes, e mandado aos lobos e outras feras fazer guerra aos homens. Então não produzia a terra sem ser cultivada.

Esse tempo significa aquelle em que *Adão* e *Eva* perderão a sua innocencia; sendo os primeiros fructos que colhêrão do peccado, o trabalho e a dor.

**Idade de bronze.**— Principia na época em que os homens se levantárão uns contra os outros, isto é, no tempo da sua corrupção, e no qual tivera lugar o *Diluvio de Deucalião*, Rei da Thessalia, em que *Jupiter*, para castigar os homens, os submergiu todos, exceptuando o mesmo *Deucalião* e sua familia.

Quem não vê que aquillo que se refere á *Idade de bronze* é copiado do Diluvio universal, de que apenas escapou *Noé* e sua familia?

**Idade de ferro.**— Começão os poetas esta *Idade* na primeira Olympiada. — Diz *Óvidio* na sua descripção, que naquelle tempo começou a tomar força toda a especie de abominação; que a modestia e a justiça desapparecêrão para darem lugar á insolencia, aos roubos, ás violencias e aos assassinios.

Nesta *Idade* se podem contemplar as desgraças do Povo de Deus, depois de acabados os felizes reinados de *David* e *Salomão*, até ao captiveiro de *Babylonia*. Destas quatro *Idades* diz FRANCISCO DE SÁ DE MENEZES, na *Satyra* 9.<sup>a</sup>, *Estancia* 47:

Foi sem malicia e sem erro  
A boa Idade dourada.  
Seguiu-se logo a prateada,  
Não tardou muito a de ferro,  
Que tudo trouxe á espada.

**Divisão do tempo conforme as sete Idades do mundo.**—(Veja-se o que a este respeito se disse a pag. 30 deste *Manual*.)

**Anachronismo.**— É um erro de *Chronologia*, isto é, no calculo ou computação dos tempos.

**Synchronismo.**— É a co-existencia de factos na mesma época, ou a boa coordenação dos successos com o tempo em que realmente tiverão lugar (1).

---

## DA HISTORIA

A Historia, geralmente fallando, é a narração de todos os acontecimentos mais notaveis que tem tido lugar nas diversas partes do globo, segundo a ordem dos tempos. É um quadro que offerece a nossos olhos a perspectiva dos seculos passados; um codigo em que se achão escriptas as accões dos homens, tanto boas como más. É na Historia que se pôde estudar successivamente a origem das nações, a fundação dos imperios, o seu progresso ou decadência, as revoluções do globo, etc.

A Historia compõe-se d'uma infinidade de sciencias parciaes. A sciencia dos acontecimentos, das épocas, ou datas, chama-se *Chronologia*, como já se disse; a sciencia que se occupa especialmente das instituições, dos costumes, das leis, do culto, etc. é a *sciencia das antiguidades*, de que depende a *Archeologia*, que abrange os objectos materiaes, como a *Architectura*, as *Inscrições*, a *Glyptographia*, a *Numismatica*, etc.

As fontes da Historia são, ou falladas, ou escriptas, monumentaes, ou tradicionaes.

As fontes escriptas são os archivos, as chronicas, os jornaes, os escriptos philosophicos e litterarios e as memorias.

As fontes monumentaes são os monumentos d'Architectura, as medalhas e as inscrições.

As fontes falladas ou tradicionaes são as tradições populares e as lendas, os hymnos, as festas, os usos, as etymologias, etc.

**Estudo que deve preceder o da Historia.**— É indispensavel ter conhecimento da *Chronologia* e *Geogra-*

---

(1) Veja-se *Compendio das épocas e successos mais illustres da Historia geral*, por ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO.

*phia*, para se saber quando, e aonde tiverão lugar os acontecimentos.

Daria provas de supina ignorancia pois a pessoa que referisse um acontecimento importante a uma época muito differente daquella em que effectivamente teve lugar, como se dissesse, por exemplo, que o Nascimento de Jesus Christo fôra anterior á fundação de Roma, etc.

Estudar os acontecimentos sem conhecer os lugares em que se passarão, é cançar a imaginação quasi sem fructo, porque, ou esquecem facilmente, ou apenas se conserva delles uma leve idéa; quando com o auxilio da *Geographia* é quasi impossivel que se apaguem da memoria. É com razão portanto que se diz que a *Chronologia* e a *Geographia* são os olhos da *Historia*.

O conhecimento da *Geographia antiga* é muito necessario, para se poder tirar proveito do estudo da *Historia* dos povos da antiguidade.

**Necessidade de estudar a Historia.**— Sendo esta o assumpto ordinario da conversação entre as pessoas instruidas, ficaria sujeito a passar por grande vexame aquelle que a ignorasse; pois havia de guardar um silencio vergonhoso, mostrando assim não ter instrucção, ou não haver tirado proveito dos seus estudos. *Cicero* dizia: «*Não conhecer o que se passou no mundo antes de nós, é permanecer na infancia.*»

Dá-se o nome de *Historia universal* áquella que abrange o mundo inteiro, em opposição á *Historia particular*, que só trata de uma parte do mundo, de um Estado, de um só individuo, etc.

**Divisão da Historia universal.**— Os historiographos modernos dividem-na em tres partes, a saber: *Historia antiga*, *Historia da Idade media* e *Historia moderna*.

**Historia Antiga.**— Começa na Criação do mundo, e acaba na destruição do Imperio romano do Occidente, no anno de 476 de Jesus Christo.

**Historia da Idade media.**— Principia na destruição do Imperio romano do Occidente, em 476 de Jesus Christo, e acaba na tomada de Constantinopla pelos Turcos, no anno de 1453.

**Historia moderna.**— Começa na tomada de Constantinopla pelos Turcos no referido anno de 1453, e dura desde essa época.

Povos mais celebres de que faz menção a His-

toria antiga.— São os *Hebreus*, os *Egyptios*, os *Assyrios*, os *Persas*, os *Gregos* e os *Romanos*. Convém advertir que a *Historia romana* fórma a parte principal da *Historia antiga*, por isso que os Romanos successivamente sujeitáráo e domináráo quasi todos os povos do mundo conhecidos dos antigos.

Por onde se deve começar o estudo da *Historia*?—Pelo da *Historia dos Judeus*, a qual tem o nome particular de *Historia Sagrada*, e principia na Creação do mundo.

#### HEBREUS OU JUDEUS (1)

Os *Hebreus* ou *Judeus* merecem ser distinguidos em razão das graças que Deus derramou sobre elles com abundancia. Escolheu-os, entre todas as nações, para seu povo, e foi entre elles que se operáráo todas as maravilhas da Religião, e que *Jesus Christo* passou a sua vida mortal.

No tempo do Imperador *Tito*, cahirão os *Judeus* em poder dos Romanos, tomando o mesmo Imperador e destruindo *Jerusalem* e o famoso Templo que *Salomão* havia edificado. Desde essa época, espalháráo-se pela Europa, Asia, Africa, e em parte alguma tem formado nação inteira.

 Veja-se o Resumo da *Historia Sagrada* de pag. 29 a 42 desta obra.

#### EGYPCIOS

A monarquia dos *Egyptios* passa por uma das mais antigas do mundo, e a sua historia, que principia pouco depois do Diluvio, é summamente obscura (2).

Citão-se povos muito mais antigos que os *Egyptios*, taes como os *Chaldeos* e os *Povos da India*; porém tudo são recordações confusas, e mesmo duvidosas: não ha um só monumento que confirme a sua antiguidade; quando, pelo contrario, a gloria do *Egypto* subsiste, por assim dizer, nas magnificas ruinas que cobrem o seu territorio, e principal-

(1) *Hebreus* era o nome original deste povo; o nome de *Judeus* veio-lhes mais tarde pela separação das dez Tribus.

(2) A *Historia dos Egyptios* só começa a ser um tanto positiva no anno 670 antes de *Jesus Christo*, em que *Psammetico* franqueou os seus portos aos estrangeiros, e principiou a commerciar com os *Gregos*.

mente nessas enormes *pyramides* que tem resistido a tantos seculos.

Depois da divisão dos homens, *Cham*, filho de *Noé*, dirigiu-se áquella região, com a sua familia; e crê-se que *Menés* ou *Misraim*, seu filho, fôra o primeiro Rei do *Egypto*. Por morte deste, foi aquelle paiz dividido em quatro Reinos, a saber: o de *Thébas* ou *Egypto superior*; o do *Egypto inferior* ou *Delta*; o de *This* e o de *Memphis*. Assim permaneceu muitos seculos; e pelos annos 1926, antes de *Jesus Christo*, *Amenófis*, Rei do *Egypto inferior*, subjugou todo o paiz (1). *Sesostris*, successor de *Amenófis*, augmentou o Imperio com grandes conquistas, conservando-se na sua posse os seus descendentes, até que *Cambyses*, Rei da Persia, se senhoreou d'elle, sendo infructuosas as varias tentativas dos *Egypticos* para sacudirem o jugo dos Persas.

No anno 327, antes de *Christo*, conquistou *Alexandre Magno* o *Egypto* aos mesmos Persas; e por morte daquelle famoso conquistador, dividirão os seus Generaes entre si o seu vasto Imperio, tocando o *Egypto*, a *Lybia*, a *Cyrenaica* e uma parte da *Arabia* a *Ptolomeu* (2), cujos successores o gozarão até que se tornou Provincia romana, depois da morte da famosa Rainha *Cleópatra*, quando *Augusto* venceu a *Marco Antonio* na batalha de *Accio*, e de que resultou o atravessar-se este ultimo com a sua espada, quasi trinta annos antes do nascimento de *Jesus Christo*.

O mesmo *Ptolomeu* (3) augmentou muito os Estados que lhe tocárão, e deixou o Reino aos seus descendentes. Este Principe, amante das sciencias, foi quem fundou em *Alexandria* uma Academia, á qual se dava o distincto nome de *Museon*, e onde frequentemente se juntavão os sabios que se applicavão a aperfeiçoar todas as sciencias (4).

Para melhor lh'as facilitar, ordenou uma formosa livra-

(1) Depois de *Menés*, passarão-se muitos seculos de que não ha historia, e nos quaes se crê terem vivido os *Reis pastores*.

(2) *Ptolomeu* era o nome commum a todos os Reis desta dynastia; o de *Cleópatra*, a todas as Rainhas.

(3) Tendo *Ptolomeu* feito guerra a dois irmãos seus, que lhe disputavão a coróa, venceu-os, e mandou-lhes tirar a vida. Por esta occasião, derão-lhe, por antiphrase ou ironia, o cognome de *Philadelpho*, isto é, *amigo de seus irmãos*.

(4) Desde então deu-se o nome de *Musso*, tanto a reuniões semelhantes de sabios, como a collecções de objectos d'arte, ou de antiguidade.

ria, que já no tempo de seu filho se compunha de cem mil volumes; seus successores a augmentarão até setecentos mil. Esta livraria estava dividida; uma parte achava-se collocada em um lugar da cidade chamada *Bruchion*, e esta era a primeira, composta de quatrocentos mil volumes, a outra estava no *Serapeon*, e continha trezentos mil. Quando *Cesar* fez guerra ao *Egypto*, pegou infelizmente fogo na de *Bruchion*, e todos os livros forão pasto das chaminas.

A de *Serapeon* conservou-se até ao sefimo seculo, em que foi queimada pelos *Sarracenos*, quando tomáráo *Alexandria*, no Anno da Graça 642. Estes barbaros derão todos os livros para servirem nos banhos publicos (1) em lugar de lenha. Desta sorte acabou este thesouro inestimavel da sciencia. É esta a mais antiga livraria de que a Historia faz menção.

O *Egypto* de hoje é bem diverso do que antigamente foi. Era respeitado entre os antigos como a escola mais famosa em materia de politica e de sciencia, e como o berço da maior parte das artes e sciencias: no que o *Egypto* particularmente se distinguia, era em aperfeiçoar os homens, e disto estava tão persuadida a *Grecia*, que os seus maiores sabios, taes como *Homero*, *Pythágoras*, *Platão*, *Lycurgo*, *Solon*, *Demócrito*, *Euripides*, *Eudoxio*, e outros muitos forão expressamente ao *Egypto* para se aperfeiçoarem em todo o genero de erudição.

## ASSYRIOS

A Historia dos *Assyrios*, pela sua muita antiguidade, é tão confusa como a do *Egypto*. Os *Assyrios* tiverão por fundador do seu Imperio a *Nemrod* ou *Belo*, e florescerão sob *Nino* e *Semiramis*. Morto o Rei *Nino*, *Semiramis*, sua mulher, tomou as redeas do governo, e estendeu os limites dos seus Estados até á *Ethiopia* e *India*. Foi ella quem edificou os muros e jardins de *Babylonia*, uma das maravilhas do mundo; contudo esta Rainha denegriu a sua gloria com factos que fazem horror ás almas castas.—*Ninias* succedeu a sua mãe *Semiramis*, a quem havia man-

(1) Pertendem alguns escriptores que esses volumes forão empregados, durante seis mezes, para aquecer os banhos. Veja-se *Manna Chronologico*, por *Lucas Moniz Cerafino*.

dado tirar a vida; e dos seus successores apenas se sabe os nomes até SARDANÁPALO. Este, para não cahir nas mãos de ARBACÉS, seu inimigo, mandou largar fogo ao seu palacio, e quiz morrer queimado, com todas as suas riquezas e pessoas que com elle vivião licenciosamente. Assim acabou este Imperio, de cujas ruinas surgirão os tres Reinos: dos *Medos*, dos *Babylonios* e dos *Ninivitas*, que CYRO juntou ao Imperio dos *Persas*.

### PERSAS

A Historia dos *Persas*, antes de CYRO, está, como a do Egypto, igualmente envolta nas mais densas trevas. Attribue-se geralmente ao mesmo CYRO a fundação da *monarquia dos Persas*. CAMBISES, seu filho, juntou o Egypto ao seu vasto Imperio.

Vencido porém DARIO, seu ultimo Rei, por ALEXANDRE MAGNO, Rei de Macedonia, ficarão os Gregos senhores da *Persia*. Assim acabou a primeira monarchia dos *Persas*.

Os *Persas* adoravão o Sol, os astros e o fogo. As suas leis erão mui severas. Reputavão a justiça como a principal das virtudes, e a ingratição como o peor dos vicios.

### GREGOS

A *Grecia* dividia-se em varios Estados independentes uns dos outros, e a sua fórma de governo, ora foi *monarquica*, ora *republicana*.

Os *Gregos* dos tempos primitivos estavam n'um estado mui proximo da barbaria. Forão os *Phenicios* e os *Egyptios* os que levarão á *Grecia* selvagem a civilisação e as luzes do Oriente.

A *Historia grega* dos tempos fabulosos, e daquelles a que chamão heroicos, contém ficções misturadas com a verdade, que muito a desfigurão. Os principaes povos da *Grecia* forão os *Athenienses*, *Lacedemonios*, *Corinthios*, *Macedonios*, *Thebanos*, etc.

Crê-se que *Sicione*, cidade de Peloponeso, foi o Reino mais antigo da *Grecia*, contando-se nelle doze Reis até *Agamemnon*.

**Argos**— Foi outro Reino em que dominarão quinze

soberanos até ACRYSIQ, cujo neto *Perséo* fundára o Reino de *Mycénas*.

**Athénas.**—Teve por fundador a CECROPS, que trouxe do Egypto uma colonia. Foi governada por varios Reis até que se converteu em Republica, sob a auctoridade de uns Governadores chamados *Archontes*. Com as leis estabelecidas por SOLON, chegou a *Republica de Athénas* a um alto grão de prosperidade.

Tendo os *Lacedemonios* conquistado *Athénas*, estabelecerão o governo de trinta magistrados, conhecidos pelo nome dos *Trinta tyrannos*. Estes forão expulsos, passados tres annos, por TRASÍBULO, voltando a *Republica* ao seu antigo esplendor, até que, no tempo do Imperador VESPASIANO, passou a ser uma das Provincias romanas.

**Lacedemonia ou Esparta.**—Foi governada por varios Reis, desde LELEX, que se crê ter sido o primeiro, até CLEÓMENES, que foi o ultimo. Extincta a monarchia, erigiu-se *Lacedemonia* em *Republica*, e depois de haver sido uma das mais florescentes do orbe, assim pelas suas leis, como pelo valor dos seus capitães, ficou reduzida a Provincia romana, 146 annos antes da nossa Era.

**Corintho.**—Foi outro Reino da Grecia, que teve por fundador a SISYPHO, e passou a ser Republica, 749 annos antes de Jesus Christo.

O seu commercio e as suas riquezas augmentarão consideravelmente; porém 143 annos antes da Era christã, forão os *Corinthios* subjugados pelos Romanos, que arrazárão *Corintho*, sua capital.

**Macedonia.**—Este Reino foi fundado por CARANO, 895 annos antes de Jesus Christo. Tendo sido acclamado FILIPPE Rei de Macedonia, tornou-se senhor de toda a *Grecia*. Seu filho ALEXANDRE MAGNO invadiu a Asia; venceu os Persas e outras nações do Oriente, e formou o maior Imperio que n'aquelles tempos se conheceu.

Tendo um pobre lavrador, chamado GORDIO, sido proclamado Rei de *Phrygia*, pendurou, em memoria daquelle acontecimento, n'um Templo de APOLLO, as corréas que prendião a canga á lança do carro em que ia, quando lhe annunciarão tão agradável nova, e nas quaes fizera um nó com tal artificio, que se não sabia por onde começar para o desfazer. A esse nó deu-se o nome de *nó gordio*.

Sendo porém fama entre os Gordianos, e vaticinio do

oraculo, que aquelle que o desatasse seria senhor da Asia, a primeira cousa que ALEXANDRE fez, quando tomou a cidade de *Gordio*, foi ir ao Templo, e havendo debalde procurado desfaze-lo, puxou pela espada, e cortou-o, illudindo assim o vaticinio do oraculo.

 D'ahi vem o dizer-se: *Cortar o nó gordio*, para significar que se toma um partido que remove toda e qualquer difficuldade aparentemente invencivel.

Depois da morte de ALEXANDRE, tornou-se a *Macedonia* Provincia romana.

**Thebas.**—Reino fundado por CADMO; teve quatorze Reis. Por morte do ultimo, converteu-se em Republica.

Os *Thebanos* rivalisárão durante algum tempo em poder com os *Espartanos* e *Athenienses*, até que forão subjugados por FILIPPE, Rei de Macedonia, e por seu filho ALEXANDRE MAGNO; passando depois, assim como os demais povos da *Grecia*, a ficar sujeitos aos Romanos.

Nenhum povo excedeu os Gregos em bom gosto nas Bellas Artes.

As ruinas de seus edificios ainda servem de regra para a Architectura, e as estatuas que delles nos vem; são o que ha mais perfeito neste genero.

Aos grandes talentos, ao espirito e ao bom gosto união o valor que os conservou tanto tempo na sua independencia; sendo famigerados pelo amor que consagravão á sua patria.

Ainda não erão conhecidos, e já possuião os maiores poetas que tem existido.—HOMERO, que ninguem igualou na poesia, illustrava a sua lingua, ha perto de tres mil annos.

Os seus melhores escriptores tem sido modelos, que os homens eruditos de todos os tempos tem procurado imitar.

## Os sete sabios da Grecia

Deu-se o nome de *Sabios da Grecia* a sete Gregos que se distinguirão pelo conhecimento profundo que tinham, tanto da moral, como das sciencias, a saber: THALES DE MILETO, assim chamado por ser natural daquella cidade, SOLON, CHILON, PITAECCO, BIAS, CLÉOBULO e PERIANDRO.

**1.º Thales de Mileto.**— Era aquelle que gozava de maior consideração. Nasceu em Mileto 640 annos antes de Jesus Christo. As suas maximas moraes são :

- Não pratiques aquillo que não gostas de ver praticar aos outros.
- Ama teus pais : se te causarem alguns pequenos desgostos, aprende a soffre-los com paciencia.
- Para bem viver, é necessario abster-se de praticar tudo quanto achamos digno de censura nos outros.
- A felicidade do corpo consiste na saude, e a do espirito, no saber.

**2.º Solon.**— Nasceu em Athênas pelos annos de 639 antes de Jesus Christo. As suas maximas moraes são :

- Procura instruir-te em quanto viveres : não cuides que a velhice traz comsigo a razão.
- Teme os prazeres sensuaes, pois trazem comsigo não pequenos pezares.
- Ou te não chegues aos Reis, ou dize-lhes o que é do seu interesse e utilidade que saibão.

**3.º Chilon.**— Floresceu em Esparta pelos annos 556 antes de Jesus Christo. Dizia :

- Vale mais perder do que fazer um ganho vergonhoso.
- Desconfia do homem apressurado que procura sempre ingerir-se nos negocios alheios.

Foi este mesmo sabio quem mandou gravar em letras de ouro estas maximas no Templo de Delphos : *Conhece-te a ti mesmo, e não ambiciones nada que seja vantajoso de mais.*

Tambem dizia : *O ouro experimenta-se pelo fogo, e o homem, pelo ouro.*

**4.º Píttaco.**— Nasceu na Ilha de Lesbos de uma familia obscura. Foi elevado á soberania pelo voto de seus concidadãos, e morreu no anno 579 antes de Jesus Christo. Dizia :

- Espera de teus filhos, na tua velhice, aquillo mesmo que tiveres praticado para com teu pai.
- Gosto da casa aonde nada vejo que seja superfluo, e aonde acho tudo quanto é necessario.
- Antes de governares os outros, aprende a governar-te a ti mesmo.

**5.º Bias.**— Segundo a opinião de muitos, era aquelle que passava pelo maior de todos os sete Sabios : floresceu pelos annos 608 antes de Jesus Christo. Os seus concida-dões consagrarão-lhe um templo depois da sua morte. Dizia :

- O mais infeliz dos homens é aquelle que não sabe supportar a desgraça.
- A boa consciencia é a unica cousa superior ao receio.
- Ouve muito, e não falles senão a tempo.

**6.º Cleóbulo.**— Era pouco conhecido pelas suas maximas : morreu no anno 560 antes de Jesus Christo, na idade de 70 annos. Dizia :

- Enche de beneficios os teus amigos para que te estimem ainda mais : derrama-os pelos teus inimigos para que se tornem a final teus amigos.
- Muitas palavras, é ainda mais ignorancia, eis o que se encontra na maior parte dos homens.

**7.º Periandro.**— Tyranno de Corintho, foi collocado pela lisonja no numero dos *Sete Sabios da Grecia*. Opprimiu a liberdade da sua patria, e usurpou a soberania no anno 638 antes da Era christã. Julgão alguns que naquella mesma época existião dois individuos com o nome de PERIANDRO, o sabio e o tyranno ; mas a opinião geral não admite senão um. Dizia :

- Os prazeres não durão senão um momento ; a virtude é immortal.
- Não te contentes em reprehender os que commettêrão erros ; detêm aquelles que os vão commetter.
- Queres reinar com segurança ? Não te faças cercar de satelites armados de ferro ; não tenhas outra guarda senão o amor de teus subditos.

## ROMANOS

Contão-se muitas fabulas sobre a origem dos *Romanos*, e no meio de tantos erros e tantas falsidades, como acertar com a verdade ?

A opinião mais geralmente seguida é que ROMULO e REMO, filhos de RHEA SYLVIA, e de pai desconhecido, fundarão *Roma* nas margens do Tibre, 753 annos antes de Jesus Christo. ROMULO tirou a vida a seu irmão, e reinou

sobre um bando de vagabundos, que havia reunido no recinto da sua nova cidade.

A Historia romana divide-se em tres grandes épocas, a saber: a da *Realeza*, a da *Republica* e a do *Imperio*.

**A Realeza** durou 244 annos, durante os quaes forão os *Romanos* governados por sete Reis, a saber: ROMULO, NUMA POMPILIO, TULLO HOSTILIO, ANCO MARCIO, TARQUINIO, PRISCO, cognominado ANTIGO, SERVIU TULLIO e LUCIO TARQUINIO, cognominado SOBERBO.

Com a expulsão deste ultimo, por causa da violencia que seu filho SEXTO TARQUINIO fizera a LUCRECIA, mulher de COLLATINO, foi abolida a realeza entre os *Romanos*, no anno de 509 antes de Jesus Christo.

**A Republica** seguiu-se á *Realeza*; dois Magistrados annuaes, chamados *Consules* (1), exercião o poder executivo: LUCIO JUNIO BRUTO e COLLATINO, marido de LUCRECIA, forão os dois primeiros; todavia em casos urgentes, nomeava-se um *Dictador* investido de poder illimitado, pelo espaço de seis mezes, que se prorogava quando era necessario.

Concedeu-se ao povo o direito de eleger *Tribunos* para contrabalançarem o poder do *Dictador* e do *Senado*. A lei que estabeleceu os *Tribunos* foi chamada *Lei sagrada*.

Os *Romanos*, trezentos annos depois da fundação de *Roma*, tinham apenas uma legislação incompleta: para remediar porém este inconveniente, mandarão tres Deputados a Athénas pedir as leis de SOLON.

Dez Magistrados chamados *Decemviros*, formárão dessas leis um codigo a que se deu o nome de *Leis das doze taboas*, base do Direito romano.

Os *Romanos*, para recompensarem as acções de valor, tinham as seguintes coróas:

1.<sup>a</sup> **Corôa triumphal**.—Era composta, a principio, de ramos de loureiro, e depois, de ouro. Dava-se aos Generaes que logravão as honras do triumpho.

2.<sup>a</sup> **A Oval**.—Era de murta, e destinada áquelles que erão honrados com um pequeno triumpho, a que se chamava *ovação*.

3.<sup>a</sup> **A Obsidional**.—Dava-se-lhe tambem o nome de

(1) Veja-se *Compendio historico dos Magistrados romanos*, em que, para melhor intelligencia dos auctores classicos, se dá noticia da sua creação, poder, insignias e regalias.

*graminea*, por ser de grama, e conferia-se ao General que tinha feito levantar um cerco, isto é, libertado alguma praça sitiada, ou algum corpo de exercito encurralado pelo inimigo.

4.<sup>a</sup> **A Civica.**—Era para aquelle que tinha salvado a vida a algum cidadão no combate. Compunha-se de ramos de carvalho com o seu fructo. Era tão honrosa em Roma, que quando aquelle a quem era conferida, se apresentava nos espectaculos publicos, tanto o Senado como o povo se levantavão á sua chegada, dando-se-lhe lugar entre os Senadores.

5.<sup>a</sup> **A Mural.**—Conferia-se a quem primeiro escalava a muralha de uma praça sitiada. Era de ouro, ornada de ameias, que ainda se vêem nas antigas fortalezas.

6.<sup>a</sup> **A Castrense ou Vallaria.**—Servia para galardoar aquelles que primeiro penetravão nos entrincheiramentos inimigos. Os raios desta corôa erão de ouro e representavão uma estacada.

7.<sup>a</sup> **A Naval ou Rostral.**—Dava-se ao general que ganhava uma batalha naval. Era de ouro ornada com próas de navios chamadas *rostra*.

● **Imperio** succedeu á *Republica*, e durou perto de cinco seculos. OCTAVIO, que depois recebeu o nome d'AUGUSTO (1), foi o primeiro *Imperador romano*, e desde então o governo era monarchico absoluto.

Os *Romanos* estavam no fim do quarto seculo quasi senhores do mundo então conhecido; porém as guerras civis, o luxo, os vicios e a fraqueza da maior parte dos successores de AUGUSTO, forão contribuindo para a decadencia do Imperio.

Os doze primeiros Imperadores, conhecidos pelo nome dos *Doze Cesares*, são, segundo Suetonio, que estreveu a vida delles, JULIO CESAR e os onze Imperadores, que se lhe seguirão, a saber: AUGUSTO, TIBERIO, GALÍGULA, GLAUDIO, NERO, GALBA, OTHÃO, VITELLIO, VESPASIANO, TITO e DOMICIANO.

---

(1) JULIO CESAR, tendo ganhado a batalha de Actium, no anno 31 antes do nascimento de Christo, viu ceder tudo á sua fortuna: foi vencedor de todos os lados e reconhecido como senhor de Roma, com o titulo de Dictador perpetuo, por isso é geralmente contado entre os Imperadores, posto que Augusto fosse effectivamente o primeiro: Os Romanos davão o nome de *Imperator* ao General que se assignalava com alguma grande victoria, como aconteceu a JULIO CESAR, e foi somente depois da sua morte que a Republica tomou o nome de *Imperio Romano*.

CONSTANTINO MAGNO transportou a séde Imperial, de *Roma* para *Byzancio*, depois *Constantinopla*, assim chamada do nome daquelle Imperador. Por sua morte, foi dividido o Imperio romano em *Imperio do Occidente* e *Imperio do Oriente*.

O *Imperio do Occidente*, que comprehendia a *Italia*, a *Gallia*, *Hespanha*, *Bretanha* (ou *Inglaterra*) e parte da *Africa*, tocou a HONORIO.—O *Imperio do Oriente*, que constava da *Grecia*, *Asia Menor*, *Syria* e *Egypto*, e tinha por capital *Constantinopla*, era regido por ARCADIO.

Feita esta separação, decahiu rapidamente o Imperio. Uns povos barbaros, procedentes da *Germania* (*Allemanha*) e do Norte da Europa, atacarão o Imperio por diversos pontos. Os *Franços* apoderarão-se da *Gallia*; os *Vandalos* passarão á *Hespanha*, e d'alli a *Africa*; os *Hunos*, commandados por ÁTILA, chamado o *flagello de Deus*, vindos das fronteiras da China, destruirão uma grande parte do Imperio do Occidente; os *Godos*, oriundos das margens do Baltico, e divididos em dois grupos, os *Visigodos*, ou *Godos occidentaes*, e os *Ostrogodos*, ou *Godos orientaes*, invadirão, os primeiros a *Gallia* e a *Hespanha*, e os segundos, a *Italia*, aonde se estabelecerão, tendo por seu Rei a THEODORICO.

O Imperio do Occidente acabou na pessoa de AUGUSTULO, no anno de Christo de 476 (1).

Aqui finalisa a Historia Antiga.

## IDADE MEDIA

Entende-se por *Idade media* o periodo historico decorrido desde o fim da sociedade pagã ou romana, até á constituição definitiva das sociedades modernas sobre a influencia do *Christianismo*, isto é, desde o anno 476, época da destruição do *Imperio do Occidente*, até á tomada de *Constantinopla*, ou destruição do *Imperio do Oriente* pelos Turcos em 1453.

O Imperio do Oriente subsistiu, ainda que debil, até

---

(1) CARLOS MAGNO, filho de PEPINO, Rei de França, venceu na Allemanha os Saxonios, na Italia os Lombardos, e entrando triunfante em *Roma*, foi coroado Imperador do Occidente, no anno de 800, renovando assim o Imperio dos Césares.

ao anno de 1453, em que, como acima fica dito, Constantinopla foi tomada pelos Turcos, morrendo nessa occasião CONSTANTINO PALEÓLOGO, ultimo Imperador (1).

Neste facto termina a Historia da Idade media, e principia a Historia moderna.

Convém advertir que os differentes Estados da Europa se forão successivamente formando desde a invasão dos barbaros, isto é, depois da decadencia do *Imperio romano*.

### TEMPOS FEUDAES

A constituição feudal tem a sua origem na policia militar das nações septentrionaes ou celticas. Os Godos, os Hunos, os Vandalos e os Lombardos, que se espalhárão por todas as regiões da Europa, no momento da decadencia do Imperio romano, a trouxerão do seu paiz, e estabelecerão nas novas colonias que formárão como meio proprio para segurar a sua conquista. O Chefe Supremo ou General, dividiu pelos officiaes superiores do exercito as terras conquistadas; e estes, pela sua parte, distribuirão algumas pequenas porções dellas pelos officiaes inferiores e soldados que consideravão mais dignos. Estas divisões ou partilhas forão chamadas *feudos*, e impunhão a condição de servir fielmente na paz ou na guerra aquelle que as fazia. Quando se faltava a essa condição, não prestando o serviço estipulado, ou abandonando o Senhor n'uma batalha, revertião as terras doadas para aquelle de quem procedião.

Chamão-se **Tempos feudaes** os tempos da *Idade media*, em que os possuidores dos *feudos*, isto é, os Senhores de terras, etc., se tornarão soberanos, cada um no seu dominio; e erão quasi outros tantos *Reis pequenos* de facto, no meio de realezas nominaes, que apenas tinham sobre elles uma suzerania, as mais das vezes illusoria.

O *Systema feudal* consistia pois n'uma especie de confederação de *Senhores* investidos, cada um delles, de auctoridade soberana nos seus proprios dominios, mas des-

(1) O *latim* era a lingua do Occidente, e o *grego*, a do Oriente. D'ahi vem o nome de *Imperio latino* dado ao do Occidente, e de *Imperio grego*, ao do Oriente.

O Imperio do Oriente foi tambem chamado *Baixo Imperio* ou *Imperio Byzantino*.

iguaes em poder, subordinados entre si, e com direitos e deveres reciprocos. D'ahi vem a distincção entre *Senhores suzeranos*, e *vassallos* ou *feudatarios*.

O *vassallo* (1) era aquelle que, tendo recebido em recompensa de serviços, uma propriedade territorial, chamada *feudo*, ficava por esse facto sob a dependencia do *Senhor* ou *Doador*, a quem devia *fidelidade* e *homenagem*, alem do mais que se convencionava na respectiva escriptura.

O *Suzerano* era aquelle que, havendo conferido o *feudo*, tinha direito a ser obedecido pelo *vassallo*.

O mesmo *Senhor* podia ser *Suzerano*, em razão de *feudos* que tivesse conferido, e *vassallo*, em razão de outros que houvesse recebido.

A *hierarchia feudal* comprehendia o *Rei*, ou o *Imperador*; os *Grandes feudatarios*, tanto civis como ecclesiasticos, ou *vassallos immediatos do Soberano*; os *feudatarios*, ou *vassallos subalternos*; *homens livres*, ou proprietarios de terrenos isentos de direitos senhoriaes, e os *servos*, ou *villãos*, ligados com as suas pessoas ás terras que cultivam para seus *Senhores*.

Os principaes deveres do *vassallo* consistião em não offender o *Senhor* no seu corpo, nem permittir que fosse offendido por outrem; não refer cousa alguma do *Senhor*, sem seu consentimento; nada suggerir-lhe que pudesse ser-lhe desvantajoso, ou causar-lhe deshonra; respeitar a honra de sua familia; aconselha-lo lealmente; ficar em refens por elle, se estivesse endividado, ou prisioneiro; dar-lhe o seu cavallo quando se achasse desmontado, etc.

A isto deve-se junlar: 1.º o *serviço militar*, de vinte até sessenta dias, á sua custa, só, ou acompanhado de certo numero de homens d'armas, ou no territorio do *feudo*, ou em qualquer outro ponto, para a defeza, ou para o ataque; 2.º, a *fidelidade*, que obrigava a servir o seu *Senhor* na

(1) Esta palavra, que é hoje synonymo de *subdito*, era antigamente um titulo, e não honroso, que o Chronista d'ElRei D. PEDRO diz que no seu tempo não costumava ser *vassallo* senão o filho, neto ou bisneto de fidalgo de linhagem.

Vejam-se as seguintes obras: — *Origem da nobreza politica, brasões de armas, appellidos, cargos e titulos nobres*, por ALVARO FERREIRA DE VERA. — *Privilegio da nobreza e fidalguia em Portugal*, por LUIZ DA SILVA PEREIRA D'OLIVEIRA. — *Noticias de Portugal*, por MANUEL SEVERIM DE FARIA. — *Nobiliarchia Portugueza*, por ANTONIO DE VILLAS-BOAS E SAMPAYO, etc.

guerra, nas demandas, etc.; 3.º, a *justiça*, que consistia em reconhecer a sua jurisdicção, e a não declinar o seu tribunal; 4.º, finalmente os *subsídios* que o *vassallo* pagava pelo resgate do *Senhor* quando ficava prisioneiro; para o casamento de sua filha primogenita; para a armadura do filho, quando era creado *Cavalleiro*, etc.

Em quanto durou a *Feudalidade*, ou o conjunto das leis, regulamentos e usos que constituia o *regimen feudal*, não cessou de opprimir os fracos, exaltar a ambição dos grandes, provocar a revolta, a pilhagem, a guerra civil; assim fácil é conceber o serviço que fizeram aquelles que o destruirão.

A Revolução franceza de 1789 foi quem fez desaparecer os seus ultimos vestigios n'aquelle paiz.

#### DAS CRUZADAS

As **Cruzadas** são as expedições religiosas e militares conduzidas pelos Christãos do Occidente contra os infieis do Oriente, para restaurarem os Santos Lugares do poder de seus barbaros conquistadores, que são os Mahometanos, ou por outras palavras, forão as guerras heroicas da Idade media.

Debaixo do ponto de vista religioso, formou a Europa, no tempo das *Cruzadas*, uma especie de Republica christã ou federação de Principes, presidida pelo Papa.

Todos os annos perecia um grande numero de peregrinos pela mão daquelles barbaros, e a narração de seus soffrimentos, feita ao Papa URBANO II por PEDRO o *Ermittão*, á sua volta da Terra Santa, excitou em toda a Europa a maior indignação e o desejo da vingança. A esta indignação juntava-se o terror causado pelos progressos ameaçadores dos Turcos *Seldjoneidas*, e pela seita tenebrosa e fanatica dos *Ismaelitas* ou *assassinos*, que, sob a auctoridade de um chefe mysterioso, denominado o *Velho da montanha*, residente na fortaleza de *Alamut*, estendia o seu dominio pela maior parte dos castellos e lugares fortes das montanhas, entre o Mar Caspio e o Mediterraneo.

Deu-se-lhes o nome de *Cruzadas*, porque aquelles que fazião parte dellas, são denominados *Cruzados*, das cruces de diferentes côres que trazião no hombro direito e

nas bandeiras; sendo a dos Francezes vermelha; branca a dos Inglezes; verde a dos Flamengos; preta a dos Allemaes, e amarella a dos Italianos.

Data a primeira *Cruzada* do anno 1095, em que foi resolvida no Concilio de Clermont, convocado pelo referido Papa URBANO II. Quasi todos os Principes da Europa derão o seu contingente de tropa para esta expedição, que foi commandada por GODOFREDO DE BOUILLON, filho d'EUSTACHIO, Conde de Bolonha; e senhoreando-se da Palestina aquelle Generalissimo, no anno de 1099, foi eleito *Rei de Jerusalem*, titulo porém de que não quiz usar n'uma cidade aonde o Rei dos Reis fôra tratado como escravo.

Os que mais se distinguirão n'esta *Cruzada*, forão HUGO, Conde de Vermandois, e irmão de PHILIPPE I, Rei de França; ROBERTO, Duque de Normandia; ROBERTO, Conde de Flandres; RAIMUNDO, Conde de Tolosa, e sobre todos GODOFREDO DE BOUILLON, Duque de Lorena.

Na mesma *Cruzada* ia PEDRO o *Ermitão*, descalço, á frente de quarenta mil homens de Infantaria e de numerosa cavallaria. Aquelle homem porém que tinha tanta gente alistada sob o estandarte da cruz, foi o primeiro que desertou.

Vendo isto TANCREDO, lançou-lhe em rosto a sua inconstancia, e conseguiu que PEDRO o *Ermitão* lhe promettesse que nunca abandonaria uma empreza para que tanto contribuíra. Com effeito, cumpriu a sua palavra, e muito se assignalou no cerco de Jerusalem em 1099, vindo a morrer em França no Mosteiro de Neu-Moutiers.

A respeito do numero de *Cruzadas*, e das épocas em que tiverão lugar, ha divergencia entre alguns auctores, pertendendo uns que fossem seis, outros sete, e outros oito.

Seguindo esta ultima opinião, eis-aqui as épocas das oito *Cruzadas*:

- 1.<sup>a</sup> *Cruzada* desde 1095 a 1099 no Pontificado d'Urbano II.
- 2.<sup>a</sup> > desde 1145 a 1148 no Pontificado d'Eugenio III.
- 3.<sup>a</sup> > desde 1188 a 1192 no Pontificado de Clemente III.
- 4.<sup>a</sup> > desde 1195 a 1198 no Pontificado de Celestino III.
- 5.<sup>a</sup> > desde 1198 a 1204 no Pontificado de Innocencio III.
- 6.<sup>a</sup> > desde 1220 a 1240 no Pontificado de Honorio III e de Gregorio IX.
- 7.<sup>a</sup> > desde 1248 a 1255 no Pontificado d'Innocencio IV e de Alexandre IV.
- 8.<sup>a</sup> > desde 1268 a 1270 no Pontificado de Clemente IV.

Os *Cruzados*, em vez de reunirem as suas forças sob um só chefe, dividirão as suas conquistas, e enfraquecerão-so com as suas continuadas dissensões. Os Mahometanos, aproveitando-se dellas, os atacarão, e em menos de um seculo, destruirão os pequenos Estados que elles tinham creado.

A ultima *Cruzada* foi, como se viu, no anno de 1270, commandada por S. LUIZ, (nono do nome) Rei de França, o qual, tendo desembarcado em Tunes, foi acommetido de peste, assim como grande parte do seu exercito, e morreu sem ver realisados os seus desejos.

Durante a segunda *Cruzada*, sahiu d'Inglaterra, com destino a Constantinopla, uma grande armada de mais de cem velas das nações ingleza, allemã, flamenga e franceza levando cerca de quatorze mil homens. Sobrevindo-lhes ventos contrarios, arribou a Lisboa, ao tempo em que D. AFFONSO HENRIQUES tinha o seu exercito acampado em frente dos muros desta cidade, occupada então pelos Mouros. Achando aquelles guerreiros o que ião buscar na Asia, a saber: guerra contra os inimigos da fé, ajudarão os Portuguezes na exterminação dos Mouros; e como já era tarde para continuarem a sua viagem para a Palestina, alguns delles voltarão para a sua patria, outros assentarão em Portugal a sua vivenda.

A Europa, ainda que barbara no tempo das *Cruzadas*, apresentava um espectaculo unico na Historia, a saber: *o fervor ardente e a união de todos os povos christãos n'uma mesma fé, e n'um mesmo pensamento: a fé de Christo, e o pensamento de libertar o seu sepulcro, cahido em poder dos infieis, e de proteger os peregrinos que alli ião tributar as suas homenagens.* A primeira época do commercio, e da navegação dos europeus na Asia, data das *Cruzadas*, as quaes forão fontes de riquezas prodigiosas para as cidades commerciantes da Italia, principalmente para Veneza, que, no fim das mesmas *Cruzadas*, se tornou um Estado maritimo, possuidor de vastos territorios, e com um commercio muito extenso e importante.

Finalmente, apezar d'alguns criticos do seculo passado se terem pronunciado contra taes expedições, está comtudo demonstrado que, longe de terem sido estereis, contribuirão poderosamente para a civilisação do Oriente e do Occidente, e que forão obra de uma intelligencia politica, e não aconselhadas pela demencia.

## Ordens militares e religiosas fundadas durante as primeiras Cruzadas

As Ordens militares e religiosas a que derão origem as primeiras *Cruzadas*, são as seguintes, a saber: 1.<sup>a</sup> a *Ordem dos Cavalleiros Hospitaleiros de S. João de Jerusalem*, 2.<sup>a</sup> a *Ordem dos Templarios ou Cavalleiros do Templo*; 3.<sup>a</sup> *Ordem Teutonica*.

A *Ordem dos cavalleiros hospitaleiros de S. João de Jerusalem*, a que vulgarmente chamão de *Malta*, foi fundada na Palestina, sendo os seus estatutos, segundo uns, confirmados em 1118 pelo Papa GELASIO II, e segundo outros, em 1120 por CALISTO II. Tinhão por fim, não só agasalhar os peregrinos christãos que ião visitar os Santos Lugares, e curar os doentes n'um hospital que haviam construido, mas tambem pelejar pela fé. O nome de *Cavalleiros de S. João*, veiu-lhes de uma igreja com a invocação de *S. João Baptista*, que os *Hospitaleiros* edificarão com o dinheiro das esmolas que de toda a Europa affluirão a Jerusalem, conquistada que foi esta cidade pelos *Cruzadas*. Depois da perda da Terra Santa, em 1291, refugiárão-se os *Cavalleiros de S. João de Jerusalem* na Ilha de Ghypre, aonde permanecerão até ao anno de 1310, em que tomárão a Ilha de Rhodes, e nella se conservárão até 1522; d'ahi veiu o chamar-se-lhes *Cavalleiros de Rhodes*. Em 1530, chegarão á Ilha de Malta, que o Imperador CARLOS V lhes deu para se estabelecerem, com o fóro de um falcão cada anno aos Reis de Hespanha, a quem reconhecêrão como seus protectores. Desde então forão chamados *Cavalleiros de Malta*, se bem que a sua verdadeira denominação é a de *Cavalleiros de S. João de Jerusalem*.

Esta Ordem adoptou por insignia, em habito preto, uma cruz branca de oito pontas, representando as oito bem-aventuranças.

ElRei D. AFFONSO HENRIQUES deu entrada em Portugal aos *Cavalleiros de S. João de Jerusalem*, e os honrou com varios privilegios e doações de terras. Pouco a pouco se foi augmentando a Ordem ueste Reino, e os *Cavalleiros* que tinhão nelle o governo, se intitulavão *Priores do Hospital*, até aos annos de 1340, pois já d'alli em diante se achão designados os *Priores do Hospital* com o titulo de

*Priores do Crato* (1). Esta Ordem acha-se extincta em Portugal, convindo advertir que pelo § 4.º do Decreto de 22 de Agosto de 1833, forão mandadas administrar pela Junta dos Juros todas as Commendas da mesma Ordem.

Em 1798, quando NAPOLEÃO BONAPARTE ia com uma expedição para o Egypto, tomou a Ilha de Malta, em nome da Republica franceza, que a conservou até 1799, em que cahiu em poder dos Inglezes, que ainda a possuem; e não tendo a Ordem nenhum outro dominio, espalharão-se os Cavalleiros pelas diversas partes da Europa. Depois da morte do Imperador da Russia PAULO I, a quem havia sido conferido, no mesmo anno de 1798, o Gram-Mestrado de Malta, em consequencia da abdicacão de FERNANDO DE HONSPECH, elegeu o Papa o Gram-Mestre THOMASI, ultimo que teve este titulo, o qual fixou em Catania a séde da Ordem.

Desde 1805 a 1831 forão os Cavalleiros governados por Lugar-Tenentes, ou Gram-Mestres interinos, nomeados pelo Papa. O Papa GREGORIO XVI auctorisou a installação definitiva da mesma Ordem em Roma no dito anno de 1831. Em 1834 foi o Balio CARLOS CANDIDÁ elevado á dignidade de Lugar-Tenente do Mestrado.

Uma Bulla do Papa Pio IX, datada de 28 de Julho de 1854, indica as alteracões a fazer nas fórmulas prescriptas nos Estatutos da Ordem, para os votos solemnes das pessoas que desejarem fazer a sua profissão nesta milicia.

A séde da Ordem de Malta é, como fica dito, em Roma no Palacio de Malta. — O Chefe da mesma Ordem é o Papa, mas todas as graças são feitas pelo Gram-Mestre com os Capitulares, que residem no referido Palacio, aonde se achão os archivos e chancellaria respectivos.

A Ordem de S. João de Jerusalem foi restabelecida na Prussia, por decreto de 15 de Outubro de 1852 (2).

(1) Veja-se *Memorias da ordem militar de S. João de Malta*, por Frei LUCAS DE SANTA CATHARINA. — *Nova Historia da militar Ordem de Malta, e dos srs. Gram-Priores della em Portugal*, por JOSÉ ANASTACIO DE FIGUEIREDO. — *Catálogo dos Gram-Priores do Crato*, por Frei LUCAS DE SANTA CATHARINA: ainda impresso na collecção de documentos da Academia Real das Sciencias, anno de 1724, n.º 7. — *Mappa de Portugal*, por João BAPTISTA DE CASTRO, 2.ª edição, tomo 2.º, pag. 32.

(2) Veja-se a obra intitulada — *Ordres de Chevalerie et marques d'honneur*, a qual contém, não só uma interessante noticia das ordens militares dos diversos paizes, mas tambem os desenhos das respectivas insignias.

Foi publicada em Bruxellas.

A *Ordem dos Templarios*, ou os *Cavalleiros do Tempo*, erão assim chamados, porque tinham o seu convento e hospital junto do lugar aonde antigamente estivera o Templo edificado por SALOMÃO em honra do Senhor. O fim desta Ordem, que foi instituida em 1118, era defender da crueldade dos infieis os peregrinos christãos que emprendião, por devoção, a viagem a Jerusalem, segurando-lhes assim o caminho para os Santos Lugares. Foi divisa da *Ordem dos Templarios* uma cruz vermelha sobre habito branco.

Distribuida por toda a christandade, entrou em Portugal em 1125, aonde foi seu primeiro mestre D. GUALDIM PAES.

No anno de 1312, foi extincta pelo papa CLEMENTE V, a pedido de FILIPPE o *Bello*, Rei de França. Dos bens dos *Templarios* em Portugal, instituiu ElRei D. Diniz, em 1318, a *Ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo* (1).

A *Ordem Teutonica*, estabelccida na Palestina, depois das de *S. João de Jerusalem* e dos *Templarios*, foi confirmada pelo Papa em 1191. Quando o Imperador FREDERICO II regressou á Allemanha, da sua peregrinação á Terra Santa, levou consigo os *Cavalleiros Teutonicos*, e estes alli se distinguirão, tanto pelo seu valor, como pelas conquistas que fizerão.

Os seus votos principaes erão: defender a Religião christã e a Terra Santa; exercer a hospitalidade com todos os Christãos, especialmente com os da sua nação (os Allemaes), e empregar todo o seu zelo em propagar a mesma Religião. Foi divisa desta Ordem uma cruz preta sobre habito branco.

O Lutheranismo arruinou-a inteiramente, e NAPOLEÃO I decretou a supressão della no anno de 1809.

(1) Leia-se: *Supplemento historico, ou Memorias e noticia da celebre Ordem dos Templarios para a Historia da admiravel Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo*, por ALEXANDRE FERREIRA. — *Escudo das Ordens militares*, por Frei JACINTHO DE DEUS. — *Memorias sobre o Convento da Ordem de Christo em Thomar*, pelo Dezembargador JOÃO DA CUNHA NEVES E CARVALHO PORTUGAL, publicada em 1843 pela Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis. — *Elucidario das palavras, etc., que antigamente se usavão em Portugal*, por Frei JOAQUIM DE SANTA ROZA DE VITERBO, das palavras. — *Tempreiros e Balsa*. — *Catálogo dos Mestres da Ordem do Templo portuguezes, etc.*, por Frei LUCAS DE SANTA CATHARINA: anda impresso do tomo 2.º da Collecção de documentos da Academia Real das Sciencias, anno de 1722, n.º 44.

## DA ANTIGA CAVALLARIA

A antiga Cavallaria era uma especie de confraria, instituida na Idade media (nos principios do seculo XI), ou fosse para melhor distinguir, como dizião uns, o nobre do vilão, ou, como pertendião outros, para proteger o fraco contra o forte, e oppór assim uma barreira ás violencias da anarquia feudal.

Tomou o nome de *Cavallaria*, porque aquelles de que a mesma instituição se compunha, pelejavão geralmente a cavallo.

Para obter o titulo de *Cavalleiro*, era indispensavel ter completado 20 annos de idade, e passar por um noviciado, em que se aprendião os exercicios tendentes a desenvolver a força e a agilidade, bem como os deveres de *Cavalleiro*.

O aspirante áquella honra entrava, desde a idade de 7 annos, ao serviço de algum illustre *Barão*, ou *Cavalleiro*. Então era *Pagem*, e tinha por obrigação acompanhar o seu Senhor, servi-lo á meza, etc. Todavia o desempenho de taes funções não era deshonoroso, visto que alguns Reis forão *Pagens* na sua infancia.

Aos 14 annos, passava a *Escudeiro*, era encarregado das cousas mais importantes do castello; seguia o Senhor nas suas viagens e nas guerras; cuidava-lhe das armas e dos cavallos, e velava pela segurança dos prisioneiros.

Chegado á idade de 20 annos, e antes de ser armado *Cavalleiro*, preparava-se, para isso, o candidato por meio de jejum, da confissão e da communhão, e passava a noite n'uma capella *velando suas armas*. No dia seguinte, depois de purificado pelo banho, entrava na igreja com a espada pendente ao pescoço, e ajoelhava, depois da benção do sacerdote, diante do Senhor que o devia armar.

Os padrinhos punhão-lhe as esporas douradas, entregavão-lhe successivamente a cotta de malha, a couraça, os braceletes, etc., e cingião-lhe a espada.

Feito isto, o Senhor que lhe conferia tão alta dignidade, dava-lhe com a espada nua tres pancadas no hombro, ou no capacete, e algumas vezes tocava-lhe com a palma da mão na face, proferindo estas palavras: *Em nome de Deus, de S. Miguel e de S. Jorge, faço-te Cavalleiro*. Alguns accrescentavão: *Sé piedoso, valente e leal*.

Em seguida, abraçava-o, e dava-lhe a paz, isto é, fa-

zia-lhe beijar a cruz ou uma reliquia; praticando outro tanto o novel *Cavalleiro* para com os que se achavão presentes.

Depois de armado, trazião-lhe o seu cavallo de batalha, em que elle montava para mostrar a sua pericia, brandindo ao mesmo tempo a lança, e manejando a espada na presença dos concorrentes, sempre avidos de taes espectaculos.

O *Cavalleiro* gozava das mais brilhantes prerogativas: sentava-se á meza do Rei; estava izento de certas fintas que a nobreza pagava com o povo; á sua chegada abrião-se-lhe todas as barreiras, todos os castellos para honra-lo. As damas ião ao seu encontro. Se voltava dos combates, desarmavão-no, e tornavão a arma-lo para novas pelejas. Erão os unicos que podião trazer lança, comparecer nos torneios ou justas militares, para disputar os premios, usar de collar de ouro, armadura dourada, e ter um cata-vento sobre a sua habitação.

Em troco de todas estas regalias, jurava o *Cavalleiro* combater, em toda a parte, a injustiça, defender a viuva e o orfão, obedecer ás ordens da sua dama, do seu Rei e do seu Suzerano, e affastar-se dos lugares aonde visse traição de vassallo contra o seu Senhor, se não se sentisse com força para a impedir.

Quando o *Cavalleiro* se tornava culpado de traição ou rebellião, era sentenciado pelos seus pares, e conduzido a um cadafalso, aonde, á sua vista, se destruião e calcavão aos pés as armas com que tinha envilecido a nobreza da sua profissão.

O escudo, depois de apagado o brazão d'armas (1), era atado á cauda de uma egoa, e arrastado na lama.

O *Cavalleiro* ouvia as maiores injurias da bôca dos arautos, ao proclamarem o seu crime, e as maldições dos padres, que cantavão o *Psalmo* CVIII, cheio de anáthemas.

A final, depois de lhe lançarem com um jarro agua

(1) Nos principios da monarchia, e ainda muito tempo depois, fazião os Portuguezes grande estimação dos escudos das armas ganhadas por feitos proprios; convindo advertir que podendo pintar nella os brazões e divizas de seus antepassados, ião á guerra com os escudos brancos, tendo-se sómente por honrados, quando chegavão a illustra-los com os brazões heroicos das suas façanhas.

O Conde D. HENRIQUE, quando vein a Hespanha servir na guerra contra os Mouros, podendo usar das armas da Casa de Borgonha, d'onde procedia, trouxe o escudo branco, em que ao depois pintou uma cruz azul, quando por seus feitos entendeu que já o podia fazer.

quente pela cabeça, como para lhe tirarem de todo o character sagrado que tinha, descião-no do cadafalso com uma corda passada por baixo dos braços, e mettido n'um caixão, coberto com um panno funebre, era levado á igreja, aonde lhe rezavão o officio de defuntos.

Por faltas menos graves, ficava excluido da meza dos outros *Cavalleiros*, não tornando a ser nella admittido, sem estar purificado pelo juramento, ou pelo combate, segundo a exigencia do caso.

A época mais brilhante da *Cavallaria* foi a das primeiras cruzadas. Estas expedições abrião uma carreira honrosa, e, por vezes, com vantagem.

Depois das Cruzadas, e principalmente pelo seculo XIV, cahiu a *Cavallaria* em decadencia: a destruição do feudalismo, a invenção das armas de fogo, a ignorancia e os vicios dos *Cavalleiros* forão as principaes causas dessa revolução. Contribuiu tambem muito para redicularisar até as suas recordações o — *Dom Quichote* — obra do celebre MIGUEL DE CERVANTES, sobre a *Cavallaria andante*. — Chamavão-se *Cavalleiros andantes* aquelles que percorrião terras buscando occasião de assignalarem o seu valor, ou fosse em batalhas, ou em desaggravo de damas offendidas. Depois do seculo XV, só restou da *Cavallaria* o seu ceremonial parodiado pelos *Cavalleiros andantes*.

Em quasi todas as nações, houve *Cavalleiros*, sendo porém a França o principal theatro da *Cavallaria*.

Muitas vezes erão armados *Cavalleiros*, no campo da batalha, aquelles que havião praticado gentilezas de valor.

ElRei D. JOÃO I, depois da batalha d'Aljubarrota, em 1385, armou *Cavalleiro* a LOPO DIAS DE AZEVEDO; fazendo outro tanto, depois da tomada de Ceuta, em 1415, a seus filhos D. DUARTE, D. PEDRO e D. HENRIQUE; o mesmo praticou D. AFFONSO V, depois da conquista d'*Arzilla*, em 1471, armando *Cavalleiro* ao filho do CONDE DE MARIALVA. Os proprios Reis não se dedignavão de serem armados *Cavalleiros*. Assim, em 1389, CARLOS VI, Rei de França, creou *Cavalleiros* o Rei da Sicilia e Conde de Maine. FRANCISCO I, tambem Rei de França, fez-se armar *Cavalleiro*, depois da batalha de *Marignan*, pelo valoroso BAYARD, cognominado o *Cavalleiro sem temor e sem macula*.

— Algumas vezes conferia-se aquelle honroso titulo antes da batalha, para assim estimular os combatentes a obrarem acções de valor, como praticou ElRei D. FERNANDO o formoso, armando *Cavalleiro* ao invicto D. NUNO ALVARES

PEREIRA DE MELLO, quando este se offereceu para combater os Castelhanos que estavam cercando Lisboa.

O prazo durante o qual os Portuguezes tocárão a meta do espirito cavalleiroso, e o conservárão em toda a sua pureza e vigor, prolongou-se por obra de um seculo, desde os ultimos annos do reinado d'ElRei D. FERNANDO, até ao d'ElRei D. AFFONSO V.

Foi na luzida côrte do Mestre d'Aviz, que a *Cavallaria* de toda a Europa achou o seu *Homero* em VASCO DE LOBEIRA, e a sua obra intitulada—*O Amadis de Gaula*—é a primeira e principal novella no extensissimo catálogo dos contos de *Cavallaria*. O dito VASCO DE LOBEIRA foi tambem armado *Cavalleiro* por D. JOÃO I, antes da batalha d'Aljubarrota.

## RESUMO DA HISTORIA DE PORTUGAL

A historia antiga dos povos que habitavão a terra, chamada *Portugal*, está tão ligada com a de Hespanha, que não é possível separa-la. Antes que esta ultima formasse uma só monarquia, estava dividida n'uma infinidade d'Estados, cada um dos quaes tinha o seu governo particular. Se se quizer remontar á época em que os Carthaginezes a dominarão, que foi pelos annos 236 até 219 antes de Jesus Christo, ver-se-ha os seus habitantes divididos em trinta ou quarenta povos, cujos principaes erão: ao Norte, os *Cantabrios*, *Astures*, *Vascões*, *Ilergetes*, *Colaicos*; ao Sul os *Bastitanos*, *Turdetanos*, os *Celtas*, vindos da *Gallia*; a Leste, os *Edetanos*, *Contestanos*; a Oeste, os *Lusitanos*; no Centro, os *Celtiberos*, *Carpetanos*, *Oretanos*, etc.

A Hespanha era chamada *Hesperia ultima*, e tambem *Iberia* (1) pelos Gregos, e *Hispania*, pelos Romanos, que depois de haverem vencido completamente os Carthaginezes, a tiverão sujeita ao seu poder desde os annos 149 antes de Jesus Christo, até ao principio do v seculo, e a dividirão em duas Provincias, a saber: *Hespanha Ulterior* e *Hespanha Citerior*; na *Ulterior*, comprehendia-se a Be-

(1) Dos tempos immediatos á primitiva povoação de Hespanha, até que os Carthaginezes e Romanos a conquistarão, nada póde a Historia avançar positivamente, por ser tudo muito confuso e duvidoso.

*tica*, isto é, a *Andaluzia* e a *Lusitania*; na *Citerior*, o resto da Hespanha.

Mais de seculo e meio se defendêrão os *Lusitanos* contra as tremendas legiões romanas.

Os capitães que então mais se distinguirão, forão *VI-RIATO* e *SERTORIO*. O primeiro, Lusitano de nação, era um humilde pastor que, tendo-se posto á frente dos seus concidadãos em defeza da patria, foi o terror dos Romanos, os quaes, tendo sido vencidos por elle em varias sanguinolentas batalhas, resolvêrão desfazer-se de um inimigo tão temivel, mandando-o matar á traição, quando estava dormindo, pelos annos 140 antes de Christo.

*SERTORIO*, desterrado de Roma, e fugindo de *SYLLA*, seu inimigo, veiu a Hespanha, acompanhado de alguns amigos, e pondo-se á frente dos Lusitanos, venceu a *POMPEO* e a muitos outros capitães da orgulhosa Roma; sendo a final assassinado por *PERPENNA*, de mandado dos Romanos, no anno 75 antes de Jesus Christo.

No principio do v seculo, foi o Imperio romano invadido pelos barbaros do Norte da Europa, oriundos, principalmente, da Scandinavia e da Germania; e que, depois de terem saqueado Roma, e destruido grande parte da França, invadirão a Hespanha, que foi dividida entre os *Alanos*, *Vandalos* e *Suevos*, ficando estes ultimos dominando a maior parte da Lusitania. No fim do mesmo seculo, os *Visigodos* (1), sob o commando de *Eurico*, vierão fundar em Hespanha uma nova monarchia, a qual acabou em 714 com a irrupção dos Arabes ou Sarracenos, pela traição do CONDE D. JULIÃO, ressentido, segundo se pensa, de uma affronta que a uma pessoa da sua familia fizera D. ROBERTO, ultimo Rei Godo que, entregue a toda a qualidade de vicios, parecia insensivel aos perigos que o cercavão. Uns poucos de guerreiros, tendo-se então subtraído ao jugo d'aquelles barbaros, e refugiado nas montanhas das Asturias, aclamarão Rei a *PELAYO* ou *PELAGIO*, o qual, depois de vencer algumas batalhas contra os Sarracenos, fundou os Reinos de *Asturias*, *Oviedo* e *Leão*.

A Hespanha foi regida por varios Governadores que os Califas para alli mandavão com um poder illimitado. Ao

(1) A *Gotia*, Provincia da Scandinavia, communicou o seu nome aos *Godos*, os quaes, divididos em *Ostrogodos*, ou *Godos orientaes*, e em *Visigodos*, ou *Godos occidentaes*, occupavão, os primeiros, a Italia no mesmo tempo que os segundos se estendião pela Hespanha.

diante, tornarão-se independentes os mesmos Governadores, e virão-se surgir diversos Reinos ao Sul da Hespanha, taes como os de *Valencia, Cordova, Granada, etc.* No Norte ganharão os Hespanhoes, palmo a palmo, o terreno que tinham perdido, e formárão, a exemplo dos Arabes, varios pequenos Estados, como os supracitados Reinos de *Asturias, Leão, Oviedo, etc.*

A expulsão dos Arabes de Hespanha, e a reunião de todos esses Estados particulares, n'um só, teve lugar no fim do xv seculo; podendo dizer-se, propriamente fallando, que é do reinado de D. IZABEL e D. FERNANDO o *Catholico* que data a monarchia hespanhola. ~

### Origem do nome de Portugal

O nome *Portugal* tira a sua origem de uma povoação na foz do Rio Douro chamada *Cale*, dos antigos, e *Gaya*, dos modernos, com alguma corrupção. Como esta povoação estivesse n'um sitio eminente, o que tornava a sua serventia trabalhosa, tratárão alguns de seus moradores de edificar uma nova povoação da outra parte do rio, que ao depois se chamou *Portus Cale*, ou *Porto de Cale*, por estar defronte do lugar deste nome, e ser verdadeiramente porto sobre o Douro. Esta nova povoação creceu tanto com o tempo, que veio a formar a famosa Cidade do *Porto*, e della passou o nome de *Portucale*, e depois *Portugal* a todo o Reino. Querem porém alguns que esta terra tivesse sido povoada por *Gallos*, ou habitantes das *Gallias*, que derão ao mesmo porto o nome de *Portus Gallorum*, ou *Portus Gallia*. Esta opinião contudo não é a mais seguida. ~

### Dynastias que têm reinado em Portugal

As *Dynastias* que em Portugal tem reinado são tres, a saber:

1.<sup>a</sup> A que principiou com o *Conde D. Henrique*, e acabou em D. *Fernando* em 1383.

2.<sup>a</sup> A do *Mestre d'Aviz*, D. *João I*, o heroico e valoroso Rei escolhido pelo povo, a qual acabou no Cardeal Rei D. *Henrique* em 1580.

3.<sup>a</sup> A de *Bragança*, que principiou em 1640 no 8.<sup>o</sup> Duque do mesmo titulo, depois D. *João*, 4.<sup>o</sup> do nome, e hoje felizmente reinante (1). - 24

## DO CONDE D. HENRIQUE

Reinando D. *Affonso VI* de Leão e I de Castella, entre alguns Principes estrangeiros que lhe trouxerão soccorro, para o ajudarem, pelos annos de 1080, na guerra contra os Mouros, achava-se *Henrique*, neto de *Roberto*, Duque de Borgonha (2), e bisneto de *Roberto*, o *Devoto*, Rei de França. — Forão taes os serviços feitos por *Henrique* a El-Rei de Leão, que este, sabendo avalia-los, lhe conferiu o titulo de *Conde*, que naquelles tempos era maior que o de *Duque* nas Hespanhas (3); e casando-o em 1095 com sua filha D. *Thereza* ou *Tareja* (4), lhe deu em dote a parte de Portugal que já estava conquistada, e se comprehendia nas cidades de *Coimbra*, *Lamego*, *Vizeu*, *Porto*, *Braga*, *Villa de Guimarães*, e outras nas Provincias do Minho, Beira e Traz-os-Montes, e todas as terras de Galliza até o Castello de Lobeira, uma legua pouco mais ou menos de Pontevedra, com a liberdade de ganhar tudo mais aos Mouros do restante da Lusitania até o Reino do Algarve (5).

Entrando pois o Conde D. *Henrique* em novas conquistas, ganhou muitas terras aos Mouros, com que dilatou seus Estados.

Pelos annos de 1101 a 1103, levado aquelle Principe da sua devoção e piedade, ou movido de algumas outras razões que nos são desconhecidas, emprehendeu e executou

(1) Não se falla da *Dynastia* dos tres *Filippes*, 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> de Hespanha, e 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> de Portugal, por ter sido intrusa.

(2) Seis opiniões houve acerca da origem do Conde D. *Henrique*, das quaes faz menção *Duarte Ribeiro de Macedo* nas suas obras. A que é tida por mais certa é a que aqui se dá. Veja-se a *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 30.

(3) *Compendio Historial de España*, por *Garibay*, tomo 4.<sup>o</sup>, pag. 94.

(4) A época do casamento do Conde D. *Henrique*, e o começo do seu governo em Portugal, deve fixar-se no anno de 1095. (*Memorias historicas e chronologicas do Conde D. Henrique*, por Frei *Francisco de S. Luiz*.)

Alguns escriptores pertendem que a *Seahora D. Thereza* era filha illegitima; outros porém, de boa nota, são de opinião contraria. Veja-se *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 33 e seguintes.

(5) *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 36.

a sua viagem á Terra Santa, pouco antes conquistada pelos Cruzados (1).

Falleceu no 4.º de Novembro de 1112, no cerco de Astorga, tendo de idade 77 annos. O *Conde D. Henrique* foi o verdadeiro fundador da nossa nacionalidade. -

D. AFFONSO HENRIQUES (O Conquistador) — 1.º Rei.

D. *Affonso Henriques*, 1.º Rei de Portugal, filho do *Conde D. Henrique*, nasceu em Guimarães no anno de 1109, como consta do Livro da *Noa* (ou das *Eras*) do extincto Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Ficando, por morte de seu pai, em idade de 3 annos, tomou a Rainha D. *Therêza*, sua mãe, o governo dos Estados portuguezes, como tutora do seu filho menor.

Até á idade de 12 annos esteve D. *Affonso* entregue ao seu ayo *Egas Moniz*, antigo e mui respeitavel fidalgo; depois começou a seguir a profissão das armas, na qual se fez respeitado.

Pelos annos de 1120, ou 1121, contrahiu a Rainha viuva relações tão particulares com D. *Fernando Perez de Trava*, (a quem muitos historiadores chamão *Conde de Trastamara* (2), grande Senhor em Galliza, que derão occasião ás murmurações dos grandes e do povo, e parecião auctorisar a opinião do segundó casamento da Rainha com aquelle fidalgo (3). -

Em 1128, tendo já o Infante D. *Affonso* 19 annos de idade, não só a Rainha sua mãe lhe não dava parte alguma nos negocios do governo, mas até chegou a presumir-se que ella pertendia ou intentava despoja-lo do direito á successão, preferindo o mesmo D. *Fernando Perez de Trava*.

As cousas vierão a termos, que o filho lhe fez guerra declarada, e venceu e derrotou o partido da Rainha na celebre batalha de S. Mamede, junto a Guimarães, dada a 24

(1) Documento extrahido do *Livro Preto* do Cabido de Coimbra, e produzido na *Memoria* de F. R. DOS GUIMARÃES á Academia Real das Sciencias.

(2) GABIRAY chama-lhe D. *Fernando Paez de Trastamara*, observando que nas *Chronicas* portuguezas é denominado *Conde de Trastamara*.

(3) O Doutor FR. ANTONIO BRANDÃO, no 3.º tomo da *Monarchia Lusitana*, DUARTE NUNES DE LEÃO, e o Padre JOSÉ BARBOSA, no *Catálogo das Rainhas de Portugal*, dão como falso tal casamento.

de Junho do dito anno de 1128, e deste dia data o governo d'ElRei D. *Affonso Henriques*. 10

Os Portuguezes começarão logo, ou quando menos por morte da Rainha D. *Thereza*, acontecida em 1130, a chamar *Rei* ao Senhor D. *Affonso Henriques* em escriptos e monumentos publicos. Elle porém, segundo a opinião de alguns auctores, nunca tomou esse titulo nos diplomas authenticos lavrados em seu nome, senão depois da memoravel batalha de Campo de Ourique (1). 18

D. Gomes Nunes e D. Rodrigo Velloso, porque não querião por seu Rei a D. *Affonso VII*, primo de D. *Affonso Henriques*, vierão a Portugal offerecer a este ultimo uma grande parte da Galliza, offerta que elle aceitou, disputando a posse della ao dito D. *Affonso VII*, ao qual venceu em duas sanguinolentas batalhas, uma a da Cerneja, e outra a dos Arcos de Val-de-Vez em 1128; nesta, fez prisioneira a melhor e a mais nobre gente do seu inimigo, e o feriu com a sua lança. 23

Sustentou o cerco de Coimbra contra o Rei mouro *Eujuni*, que trazia um numeroso exercito, e ganhou duas vezes Leiria, Torres Novas e outros muitos lugares. No anno de 1139, desbaratou no Campo d'Ourique a *Ismario*, poderosissimo Rei Mouro, que se tinha confederado com outros quatro da sua nação, e depois da batalha foi D. *Affonso* aclamado pelos soldados Rei de Portugal. Em 1147, conquistou Santarem, e depois Lisboa, o que D. *Affonso* effeituou a 21 de Outubro do mesmo anno, ajudado de uma armada de Cruzados que, tendo sabido d'Inglaterra para a Terra Santa, arribou ao porto desta cidade, como já se disse. 25

Foi o esforçado cavalleiro D. *Martim Moniz*, progenitor da familia dos Vasconcellos, de que são descendentes os Condes e Marquezes de Castello Melhor, quem se sacrificou n'essa occasião, atravessando-se na porta do Castello de Lisboa, para impedir que ella se fechasse, e pela qual, sobre o seu cadaver penetrarão os guerreiros christãos, que se fizeram senhores do mesmo castello e da cidade.

Para eterno brazão de tão illustre feito, se mandou collocar o seu busto em pedra, que ainda hoje se conserva

---

(1) JOÃO PEDRO RIBEIRO, nas suas *Dissertações chronologicas*, diz que D. *Affonso Henriques* tomou o titulo de *Infante* até ao mez de Novembro de 1136, o de *Principe* até ao de 1140, e o de *Rei*, d'ahi em diante.

sobre a dita porta, que fica fronteira, no lanço da muralha, ao extincto convento de Nossa Senhora da Graça. —

No dia 21 de Novembro seguinte, ElRei D. *Affonso Henriques*, em cumprimento do voto que antes fizera, lançou a primeira pedra fundamental no alicerce da capella mór da igreja de S. Vicente de fóra, que fundou para jazigo dos cavalleiros que morrêrão na conquista de Lisboa, no mesmo sitio em que teve o seu acampamento, e aonde se achava o cemiterio, que ficou dentro da mesma igreja. —

Depois (pertendem alguns) foi D. *Affonso* á parte occidental da cidade, aonde os Cruzados tiverão o seu campo e cemiterio, e havião erigido uma ermida a Nossa Senhora, e alli lançou igualmente outra pedra fundamental para se edificar uma igreja, que os mesmos Cruzados quizerão que fosse da invocação de *Nossa Senhora dos Martyres*, por crerem piamente que seus companheiros que alli jazião sepultados, podião ser tidos em conta de martyres, por darem as suas vidas pelejando contra os inimigos da nossa Religião. —

D. *Affonso*, sempre inimigo e sempre victorioso dos Mouros, tomou-lhes as Villas de Palmella, Almada e Cintra, e em poucos annos se fez Senhor de todas as terras entre o Mondego e o Tejo. Em 1157, tomou Alcacer do Sal; em 1142, Beja, e em 1166, Evora-Monte, Serpa e Cezimbra, aonde desbaratou o Rei mouro de Badajoz só com sessenta de cavallo. Perto de Santarem, derrotou a *Albarraque*, Rei Mouro de Sevilha. Sendo já de bastante idade, destroçou o *Miramolim* de Marrocos, *Aben Jacob*, e outros tres Reis que tinham cercado em Santarem ao Infante\* D. *Sancho*, seu filho, o qual com a sua lança feriu mortalmente o Rei mouro na passagem do Tejo. A felicidade que D. *Affonso* sempre teve nas guerras dos Mouros, não o acompanhou na que fez a D. *Fernando II* de Leão, pois em 1169 D. *Affonso* não só foi vencido, mas tambem feito prisioneiro, por ter, ao sahir as portas de Badajoz, caído do cavallo e quebrado o osso da coxa; em consequencia do que se viu obrigado a restituir as terras que tinha tomado a Galliza, e por este preço cobrou logo a sua liberdade. Este magnanimo Rei fundou e dotou os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, de Santa Maria de Alcobaça, de S. João Baptista, de Tarouca, e o de S. Vicente de fóra, em Lisboa, já mencionado.

6 Antes de concluir esta breve noticia sobre o reinado de D. Affonso Henriques, convém observar, que *Estevan de Garibay*, *Damião Antonio de Lemos Faria e Castro* e mais alguns historiadores, negão a ida d'*Egas Moniz* a Toledo offerecer-se á morte a ElRei de Leão; outros porém pertendem sustental-a, e citão, para corroborar a sua opinião, o sepulcro daquelle illustre varão, em que se acha esculpida a representação desse successo (1). >

Dizem pois estes ultimos que, havendo os Castelhanos, commandados por ElRei de Leão e de Castella, cercado o Infante D. Affonso Henriques em Guimarães, em 1129, soffreu este todos os incommodos occasionados por um sitio sustentado com vigor; porém não estando apercebido, corria imminente risco de cahir nas mãos de seu inimigo. Então conhecendo seu Ayo *Egas Moniz*, melhor do que D. Affonso Henriques, a triste situação em que este se achava, foi secretamente ao campo dos sitiantes, e comprometteu-se a que o Infante seu amo annuiria a certas clausulas exigidas por ElRei de Leão; sendo de tal peso para os proprios inimigos a palavra daquelle honrado Portuguez, que promptamente levantarão o cerco. Admirado ficou D. Affonso Henriques ao ver tão inesperada retirada, e não sabia a que attribui-la, até que lhe foi revelado o segredo. Não querendo elle porém estar pelo ajuste, tomou *Egas Moniz* a resolução de se dirigir a Toledo, acompanhado de sua mulher e filhos, com a corda ao pescoço, descalço, e com habitos de condemnado, para se apresentar a ElRei de Leão, a fim de receber a morte, que outra cousa não esperava (2). —

26 Maravilhado D. Affonso VII de tanta lealdade da parte d'*Egas Moniz*, mandou-o voltar para o Reino, declarando illibada a sua honra.

ElRei D. Affonso Henriques casou em 1146 com D. *Mafalda*, filha d'*Amadeo III*, Conde de Saboya, e falleceu em Coimbra aos 6 de Dezembro de 1185, de 76 annos de idade (3). <

(1) *Anno Historico*, tomo 1.º, pag. 658. — *Parallelos de Principes e Va-  
rões illustres*, por FRANCISCO SOARES TOSCANO, pag. 84.

(2) O immortal CAMÕES cita um tal rasgo de lealdade no Canto III do seu poema *Lusíadas*.

(3) Quando se disse acerca do dia do nascimento deste Rei era muito duvidoso antes de sahir á luz a *Monarquia lusitana* de Fr. ANTONIO BRANDÃO, aonde deixa, com escripturas, bem tratado este ponto, e patenteado o erro dos antigos chronistas.

## D. SANCHO I (O Povoador)—2.º Rei

Nasceu em 1154, e ainda não contava 14 annos de idade, quando se achou na jornada, ou batalha do Arganhall, em que, capitaneando o exercito portuguez contra o d'ElRei de Leão, deixou ao menos indecisa a victoria, e defendido seu pai. Casou aos 20 annos de idade, em 1174, com D. *Dolce* (ou *Aldonça*), irmã de *Affonso*, Rei de Aragão; e logo no anno de 1178, penetrou com um exercito de doze mil homens pelas terras da Andaluzia, até chegar á vista de Sevilha, cidade a mais bem presidiada dos Mouros, sobre os quaes conseguiu um glorioso triumpho.

Por morte d'ElRei seu pai, sollicito D. *Sancho* em introduzir a paz no seu reinado, cuidou em convertel-a em utilidade publica; fez guarnecer muralhas, preparar edificios, fundar villas, reedificar cidades e cultivar as terras, acções que lhe grangearão os honrosos cognomes de *Povoador* e *Pai da Patria*.

Com o soccorro de uma armada de Cruzados sahida dos portos do Norte com destino á Palestina, e que, forçada de um rijo temporal, veio abrigar-se no Tejo, intentou D. *Sancho* conquistar o *Algarve*, e tomando *Silves*, continuou a conquista de outras terras daquelle reino, intitulado-se *Rei de Portugal e do Algarve*, desde o anno de 1188, ou 1189. Não durou porém muito este titulo, porque no anno de 1191 recuperarão os Sarracenos o que tinham perdido no *Algarve*; sem ser possivel a D. *Sancho* resistir-lhes por lhe ter naquella occasião uma grande peste e fome attenuado muito as forças. Morreu em Coimbra aos 27 de Março de 1211. —

## D. AFFONSO II (O Gordo)—3.º Rei

D. *Affonso II* nasceu em Coimbra em 23 de Abril de 1185. Apenas subiu ao throno, deu a villa de Aviz aos Cavalleiros da ordem militar deste nome que havião residido em Evora; e como pelos annos de 1212 se havia alterado a paz estabelecida entre D. *Affonso IX* de Castella e *Mahomet IV*, intentando este a conquista de Hespanha, e empenhando todas as forças, foi tambem preciso a ElRei de Castella valer-se, alem de outros, do adjutorio d'ElRei de Portugal, que lhe mandou grande numero de soldados, os quaes tiveram uma boa parte no triumpho que dos Arabes

alcançou o dito Rei de Castella na celebre batalha chamada *das Navas*, em 16 de Junho de 1212. —

Intentou D. *Affonso* tirar a suas irmãs as villas e terras que seu pai lhes havia deixado; do que resultarão graves litigios que, em parte, fez serenar o Pontifice com censuras, e ElRei de Leão, com as armas; e temendo igual perseguição seus irmãos, D. *Fernando*, desamparando a patria, passou-se para Castella, e D. *Pedro*, para Marrocos.

D. *Affonso II* teve, como seu pai, graves desavenças com o clero; e para se terminarem foi necessario que o Santo Padre interviesse. —

No anno de 1217, havião partido de varios portos diferentes navios com uma expedição de Cruzados para a conquista da Terra Santa, os quaes, chegando a incorporar-se na altura do Algarve, compunhão uma fortissima armada de trezentas vélas. Quizerão dobrar o Cabo de S. Vicente, e levantando-se furiosa tormenta, vierão demandar o abrigo da barra de Lisboa. Aproveitando-se o Bispo D. *Sueiro* da vinda dos mesmos Cruzados, ajudado com alguns Commendadores das Ordens militares, e das recrutas de gente que ElRei havia mandado conduzir, forão tomar a villa de Alcacer do Sal, praça d'armas fortissima, presidiada dos Mouros, e uma das mais importantes que elles conservavão em Hespanha. A planicie aonde D. *Affonso* deu a batalha ficou-se chamando *Valle da manca*.

Casou com D. *Urraca*, filha de D. *Affonso IX* de Castella, e falleceu em Coimbra aos 25 de Março de 1223. —

#### D. SANCHO II (O Capello) (1) 4.º Rei

Foi Coimbra patria de D. *Sancho*, aonde nasceu em fins de 1209, ou principios de 1210, começando a governar em 25 de Março de 1223.

Continuou a guerra contra os Mouros, sempre victorioso, até o anno de 1242, recobrando delles a força d'armas muitas praças e villas do Alemtejo e Algarve: Elvas, Juromenha, Serpa, Aljezur, Mertola, Cacella e Tavira. Ven-

(1) Este Principe foi muito doente na sua infancia, pelo que sua mãe o dedicou a Santo Agostinho, fazendo-lhe trazer o habito dos Conegos Regrantes com o *Capello* de que usavão, d'onde lhe ficou o cognome de *Capello*.

do o Pontifice *Innocencio IV* baldadas as suas admoestações acerca dos vexames ao clero de que *D. Sancho II* era arguido, arguição que muitos julgavão destituida de fundamento, depô-lo do throno pelo Decreto que anda incerto no Livro 6.<sup>o</sup> das Decretaes, Capitulo 2.<sup>o</sup>, que principia—*Grandi non immerito*;—conferindo o governo a seu irmão *D. Affonso*, Conde de Bolonha, que então se achava em França. —

18 Chegou o Infante Regente novamente nomeado, e foi acceito por commum consentimento dos Tres Estados do Reino; porém vendo-se *D. Sancho* infelizmente deposto do governo, valeu-se de seu primo ElRei *D. Fernando* de Castella, o qual, formando um exercito em seu favor, marchou contra Portugal; mas intimando-se aos Generaes castelhanos as censuras e Decretos pontificios contra os que embaraçassem a Regencia de *D. Affonso*, e desenganado *D. Sancho* da sua pertença, se recolheu a Toledo, aonde acabou cheio de desgostos a 4 de Janeiro de 1248. —

20 A noticia da elevação do Infante *D. Affonso*, primeiro, como Regente, e depois como Rei, foi em geral bem acolhida; comtudo foi necessario empregar as armas para obrigar alguns senhores de villas acastelladas a prestarem preito e homenagem ao Regente, reconhecendo a destituição de *D. Sancho II*. Entre todos porém, o que se fez mais celebre, foi *Martim de Freitas*, Governador do Castello de Coimbra, que o não quiz entregar a *D. Affonso*, sem ir a Toledo certificar-se da morte de *D. Sancho II*. —

21 Alguns escriptores de boa nota, e entre estes o da *Historia Genealogica da Casa Real*, e o do *Catálogo das Rainhas de Portugal*, impugnão o seu casamento com *D. Meicia Lopes de Haro*, sua parente em 4.<sup>o</sup> grão, filha de *D. Iopo Dias de Haro*. —

#### D. AFFONSO III (O Bolonhez)—5.<sup>o</sup> Rei

*D. Affonso*, irmão segundo d'ElRei *D. Sancho*, nasceu a 5 de Maio de 1210. Sendo chamado para governar Portugal pelos defeitos que attribuirão a *D. Sancho*, jurou, primeiramente em França, na presença de certos prelados portuguezes que alli se achavão, alguns artigos pertencentes ao bom governo. Em 1246, entrou no Reino

com o intento de conquistar o Algarve, empreza que no anno de 1250 conseguiu quasi plenamente, e em que se distinguio o insigne *Payo Peres Corrêa*, Mestre da Cavallaria de S. Thiago. —

Como as conquistas de Portugal, e todas as mais terras de Hespanha, erão sem limite, e ficavão no dominio daquelles Príncipes christãos que primeiro as conseguirão, intentou D. *Affonso*, depois de sujeitar o Algarve, reduzir tambem a seu dominio algumas terras da Andaluzia, e conquistou effectivamente as villas de Aroche e Arcena, que ao depois passarão para o senhorio de Castella.

D. *Affonso* estabeleceu leis mui uteis para o bom governo; porém no meio da paz de que se gozava, constituiu-se causa de geral escandalo e perturbação do Reino com o repudio que fez de sua legitima esposa a Condessa *Mathilde*, casando com D. *Brites*, filha bastarda d'ElRei D. *Affonso o Sabio*, de Castella.

ElRei D. *Affonso* adiantou o commercio; reedificou muitos lugares do Reino; fundou alguns conventos; limpou o paiz de facinorosos, e estabeleceu feiras publicas. Morreu em Lisboa aos 16 de Fevereiro de 1279. —

#### D. DINIZ (O Lavrador) — 6.º Rei

Nasceu a 9 de Outubro de 1261.

Como este monarca era muito amante das letras, e sahia cultiva-las, instituiu a primeira *Universidade*, ou os *Estudos geraes*, em Lisboa em 1290, d'onde forão transferidos para Coimbra no anno de 1308.

Foi D. *Diniz* Principe insigne em muitas virtudes. Eleito juiz arbitro, em companhia d'ElRei d'Aragão, para sentenciar a causa d'ElRei D. *Fernando* de Castella e D. *Affonso de Lacerda* sobre a corôa de Castella e de Leão, proferiu a sua sentença, sem queixa de nenhuma das partes, e compoz outras desavenças que havia entre os Reis de Castella e de Aragão. —

A fortuna que tanto favoreceu a ElRei D. *Diniz* não deixou, nos ultimos annos da sua vida, de lhe causar alguns dissabores, sendo de todos o mais sensivel a desobediencia de seu filho o Infante D. *Affonso* (depois 4.º do nome) que preocupado de um perigoso ciume que lhe causava a estimação que ElRei fazia de *Affonso Sanches*, tambem seu filho, ainda que bastardo, cego de cobiça,

intentou despojar violentamente do sceptro a seu pai. — Tratou ElRei de castigar esta ousadia, e posto em campanha, se viu obrigado a uma guerra civil, de que podião resultar fataes consequencias; porém a Rainha *Santa Isabel*, sendo medianeira da paz e da obediencia do filho, o restituiu á graça d'ElRei, de quem depois veio a conseguir o que tanto desejava, como era ver fóra do Reino a seu irmão *Affonso Sanches*, que se passou a Castella. —

D. *Diniz* instituiu a *Ordem militar de Christo* dos bens dos *Templarios*, que se extinguirão no seu tempo. Da Agricultura teve um especial cuidado, pelo que obteve o cognome de *Lavrador*, chamando a estes: *Nervos da Republica*. Este monarca deixou algumas poesias, e outras obras de sua composição, e foi quem mandou semear o grande pinhal de Leiria. Delle se costuma dizer que fóra *grande Rei, esposo afortunado e pai infeliz*.

Morreu em Santarem a 7 de Janeiro de 1325. —

#### D. AFFONSO IV (O Bravo) — 7.º Rei

Nasceu em Coimbra em 8 de Fevereiro de 1291, e desde tenra idade, mostrou o aspero natural de que era dotado. Desposou-se em 1297 com a Senhora D. *Brites*, filha d'ElRei D. *Sancho IV* de Castella, sendo elle e ella meninos; celebrárão-se porém os desposorios com grande fausto e pompa em Lisboa no anno de 1309.

Rodeado de homens estragados, e dando-se todo ao exercicio da caça, tomava por occupação o que só devia ser divertimento. Em certa occasião em que voltava de uma caçada, na qual gastára um mez inteiro, sem se lembrar de outra cousa, expozerão-lhe os Ministros respeitosa-mente quaes erão os deveres de um monarca. D. *Affonso*, julgando temerarias aquellas admoestações, respondeu desabridamente aos ditos seus Ministros. Estes porém, longe de se alterarem, accrescentárão que se ElRei não tomasse em consideração o que elles havião tido a honra de humildemente lhe representar, se verião obrigados... A que? perguntou D. *Affonso*, já muito fóra de si. *A escolher outro Rei*, responderão elles. Ouvindo esta resposta, sahiu furioso do Conselho; porém tendo reflectido mais socegadamente, voltou, approvou e honrou a conducta de seus Ministros, e emendou a sua. Desde então entregou-se inteiramente aos negocios do Estado, e conservou toda a

sua vida grande estima por aquelles que tinhão tido o valor de se opporem aos seus caprichos. —

O que lhe causou maior affronta na sua memoria foi, além da desobediencia a seu pai, o consentir que, no anno de 1355, tirassem a vida, com tanta crueldade, á formosa D. *Ignez de Castro*, que clandestinamente estava casada com o principe D. *Pedro*, seu filho.

Este monarcha assistiu á grande batalha do *Salado*, dada em 30 de Outubro de 1340, na qual os Mouros forão vencidos pelos exercitos reunidos de Castella e de Portugal. —

Tendo ElRei D. *Affonso IV* sido convidado por seu Genro ElRei de Castella para o ajudar a expulsar os Mouros da Andaluzia, e havendo com o seu exercito contribuido, em grande parte, para se ganhar a memoravel batalha do *Salado*, dada em 30 de outubro de 1340, ficando os Mouros completamente derrotados, offereceu-lhe o Soberano de Castella o despojo do inimigo, que todo tinha ficado em seu poder; porém D. *Affonso*, desenteressado e desprezador de tudo que pudesse indicar paga ou recompensa, respondeu a seu genro: «*Eu não vim de Portugal para voltar carregado de despojos: para mim, é de sobejo a gloria de ter vencido.*»

Falleceu na cidade de Lisboa aos 28 de Maio de 1357.

#### D. PEDRO I (O Justicoeiro) — 8.º Rei

Nasceu no dia 8 de Abril de 1320, segundo a opinião mais geral. Logo que tomou posse do governo, cuidou em se vingar dos que forão cúmplices na morte de D. *Ignez de Castro*. Tendo elles fugido para Castella, e estando tambem refugiados em Portugal tres Castelhanos criminosos, ajustou ElRei com o de Castella que lh'os entregaria com a condição deste lhe dar *Alvaro Gonçalves*, Meirinho mór, *Pedro Coelho* e *Diogo Lopes Pacheco*, que erão os assassinos daquella infeliz Senhora. Verificou-se a entrega com grande escandalo, porque dizem que elle havia promettido, com juramentos, a ElRei seu pai que perdoaria áquelles réos. Na villa de Santarem mandou D. *Pedro* justificar a dois (porque *Diogo Lopes* salvou-se em consequencia de ter sido avisado por um pobre, antes de se prenderem os outros) ordenando que lhes arrancassem os corações, a um pelas costas, a outro pelo peito, e que depois os

queimassem. Esta horrivel execução teve lugar em frente do Paço d'onde ElRei a viu estando á meza. —

No anno de 1364, fez reconhecer publicamente o seu consorcio com D. *Ignez*; e mandando-a tirar do tumulo em que jazia, e vestir com todas as Insignias Reaes, ordenou que a côrte lhe beijasse a mão. Depois desta cerimonia, mandou trasladar o corpo, desde Santa Clara de Coimbra para o mosteiro de Alcobaca, com umas honras funebres nunca até áquelle tempo vistas, e alli jaz em um soberbo mausoléo, junto ao qual quiz que se edificasse outro para elle.

O rigor com que executava as leis, lhe adquiriu o epitheto de *Justiceiro*, que o vulgo mudou para o cognome de *Cruel*, ou *Cru*, de que os deixou desenganados o Plató portuguez *Sá de Miranda*, quando disse elle:

«*Pedro que amores teve com a justiça  
Real, e não cruel inclinação.*»

Costumava D. *Pedro* dizer: «*Que um Rei que passa um dia sem fazer bem, não é digno de ser Rei.*»

Adoecendo mortalmente, e certificado de que *Diogo Lopes Pacheco* não fôra cúmplice na morte de D. *Ignez*, não só lhe perdoou, mas mandou que lhe fossem restituídos os seus bens.

Falleceu aos 18 de Janeiro de 1367.

Sendo ainda Infante, havia casado em 1336 com D. *Constança*, filha de D. *João Manoel*, e neta do Infante D. *Manoel*, Senhor d'Escalona, a qual morreu em 1345. Della teve, entre outros filhos, D. *Fernando*, seu successor. —

D. FERNANDO (O Formoso) — 9.º Rei

Nasceu em 31 de Outubro de 1345. A natureza o dotou de tão gentil presença, que os seus subditos lhe derão o cognome de *Formoso*.

Mal aconselhado, intentou a conquista de Castella, por morte de D. *Pedro* o Cruel, tendo por injusto possuidor a ElRei D. *Henrique*, e pertendendo aquella corôa, como bisneto d'ElRei D. *Sancho*. Para esta guerra, confederou-se com o Rei de Granada, e tambem com ElRei D. *Pedro* de Aragão, a quem pediu sua filha D. *Leonor* por mulher; e durando algum tempo a mesma guerra, veio a cessar por

intervenção do Papa *Gregorio XI*, fazendo-se o Tratado de paz em 1374. —

Buscando pretexto para annullar o casamento de D. *Leonor Telles de Menezes*, mulher de *João Lourenço da Cunha*, Senhor de Pombeiro, desposou-a não fazendo caso da murmuração do povo amotinado. *João Lourenço da Cunha* partiu para Castella, e de lá se oppoz, quanto pôde, a El-Rei, já militando nas tropas inimigas, já intentando dar-lhe veneno, pelo que lhe forão confiscados os bens que tinha neste Reino.

Vendo El-Rei de Castella o repudio que D. *Fernando* havia tambem feito de sua filha, e a infracção da paz, porque novamente se alliara com o *Duque de Lencastre*, filho d'El-Rei D. *Duarte III* de Inglaterra, que se intitulava Rei de Castella, por ser casado com D. *Constança*, filha de El-Rei D. *Pedro*, o cruel, e pertendia a corôa, entrou em Portugal com grande exercito, e chegou até Lisboa, deixando primeiramente devastadas muitas povoações da Provincia da Beira.

Alojou-se El-Rei de Castella no convento de S. Francisco; e a cidade e seus habitantes padecerão tanta oppressão que, já como desesperados, largarão fogo a parte della, e os Castelhanos ajudarão a executar e augmentar o incendio. Achava-se então El-Rei D. *Fernando* na villa de Santarem vendo mui socogadamente correr para Lisboa as bandeiras inimigas, e subir ao ceo o fumo e as lavaredas de grande parte desta cidade abrazada.

O Papa *Gregorio XI* que, neste tempo, ainda residia com toda a Curia romana em Avinhão (França), atalhou, com a sua intervenção, tantas hostilidades, fazendo-se composição em 1373 entre El-Rei D. *Henrique* de Castella e D. *Fernando*, para o que se avistarão ambos os monarcas no meio do Tejo defronte de Santarem, com grande e vistosa comitiva de pequenas embarcações, jurando a observancia dos artigos das pazes, e ajustando os casamentos da irmã e da filha de D. *Fernando*.

Renovando porém este ultimo a liga com a Inglaterra, e rompendo a paz, continuou a guerra contra Castella no anno de 1384; padecendo Portugal tanto damno dos amigos Inglezes, como dos inimigos Castelhanos. Finalmente, no Tratado de paz, ficou pactuado o casamento de D. *Brites* com o filho 2.<sup>o</sup> do Rei de Castella; porém como logo depois fallecesse a Rainha de Castella, propoz-se ao Rei o casar elle mesmo com D. *Brites*, e este casamento foi o

que se concluiu em 1383, anno em que falleceu ElRei D. *Fernando* em Lisboa, aos 22 de Outubro. —

30  
D. JOAO I (De Boa Memoria) — 10.º Rei

Nasceu a 11 de Abril de 1357 (1).

Com a morte d'ElRei D. *Fernando*, se originarão no Reino grandes inquietações pela falta de Principe legitimo que succedesse na corôa. A maior parte dos Portuguezes receiavão que o Reino fosse recahir no dominio dos Castelhanos; e ainda que a Rainha D. *Leonor* ficou por Governadora e Regente de Portugal, em quanto sua filha D. *Brites*, que havia casado com ElRei de Castella, não tinha filho capaz de empunhar o sceptro, ella, usando de toda a jurisdicção e poder, mandou acclamar, em algumas cidades e villas de Portugal, a ElRei de Castella e sua mulher por legitimos successores. —

32  
Por esta causa, se fez a todos odiosa a Rainha, e muito mais pela grande attenção que dava ao Conde de Ourem, *João Fernandes Andeiro*, seu escandaloso valido, por cujas mãos corrião todos os negocios, não sem murmuração do povo e inveja dos grandes, que induzirão o Infante D. *João*, *Mestre d'Aviz*, irmão d'ElRei D. *Fernando*, e filho natural d'ElRei D. *Pedro*, a salvar a monarquia dos perigos que corria, matando a *João Fernandes Andeiro*, pedra de tanto escandalo; o que com effeito verificou dentro dos proprios Paços da Rainha (hoje a Cadêa do Limoeiro) em 6 de Dezembro de 1383. —

5  
Executou-se este terrivel projecto com grande alvoroço e contentamento do povo, o qual estava tão affeiçãoado ao Infante *Mestre d'Aviz*, que publicamente, e com grandes vivas, o declarou *Defensor e Governador* do Reino, em 16 de Dezembro do mesmo anno de 1383.

Tomando Castella o partido da Rainha, e intentando os seus exercitos entrar com violencia pelas fronteiras deste Reino, conseguirão os Portuguezes algumas victorias sobre os Castelhanos, em que teve grande parte o valor do famoso D. *Nuno Alvares Pereira de Melto*, e estando na cidade de Coimbra o Infante Regente D. *João*, *Mestre de*

---

(1) Ha diversas opiniões quanto ao dia do nascimento de D. *João I*. Seguimos porém a do Academico JOSEPH SOARES DA SILVA, e a de FREI MANOEL DOS SANTOS, na 8.ª parte da *Monarquia lusitana*.

*Aviz*, foi, em acto de Côrtes, eleito e aclamado *Rei de Portugal* a 6 de Abril de 1385, na idade de 28 annos; concorrendo muito para esta aclamação o talento do insigne Jurisconsulto *João das Regras* com as efficazes razões que allegou.

Depois de tão gloriosa exaltação, passou ElRei a occupar aquellas praças fortes que conservavão o partido de Castella, reduzindo-as á sua antiga obediencia. Para occorrer ás despesas da guerra, valeu-se dos bens daquelles que seguião a facção de Castella, denominados *Chamorros*; apossou-se da prata das igrejas, e obrigou o clero a contribuir para as mesmas despesas. Vindo ElRei de Castella atacar Portugal com um formidavel exercito, foi completamente desfeito por D. *João I*, na celebre batalha d'*Aljubarrota* em 1385, em que este Rei triunfou de mais de trinta mil homens, sendo os nossos em numero de seis a sete mil. Dizem que fôra tal o sentimento do Rei de Castella, que se vestiu de lucto, e deu outras demonstrações de dôr, não pela perda da batalha, mas por se ver vencido por tão pouca gente.

Foi nesta memoravel batalha que se distinguiu a celebre *Brites de Almeida*, por alcunha a *Pesqueira*, decantada padeira d'*Aljubarrota*; a qual, segundo a tradicção, sahindo á rua com a pá do forno, com ella matou sete Castelhanos (1).

D. *João I* levantou, perto do lugar da acção, uma primorosa fabrica para convento de S. Domingos, a que chamou *Igreja de Santa Maria da Victoria*, vulgarmente da *Batalha* (2).

Em 2 de Fevereiro de 1387, recebeu-se na cidade do Porto com a Senhora D. *Filippa*, filha do *Duque de Lencaestre*, e com esta alliança pôde recuperar todas as povoações e praças que nos tinha usurpado ElRei de Castella. Tendo o *Duque* ajustado com o mesmo Rei um Tratado de paz, houve tambem entre nós e os Castelhanos uma suspensão d'armas; mas interrompida depois com alguns successos, veiu finalmente a firmar-se a paz, no anno de 1411, entre os dois Reinos.

Achando-se restabelecida a tranquillidade em Portugal, resolveu ElRei ir pessoalmente expugnar *Ceuta*, e para esta

(1) *Theatro heroico, Abecedario historico, e Catálogo das mulheres illustres em armas, letras, acções heroicas e artes liberaes*, por DAMIÃO DE FREOS PEREIRA, tomo 1.º, pag. 131.

(2) Veja-se *Chronica de S. Domingos*, por Frei LUIZ DE SOUSA, Parte 1.ª, folio 328, aonde se acha a descripção deste sumptuoso templo.

gloriosa acção mandou compôr uma armada de 220 vélas que, com grande astrago dos Mouros e credito da nação portugueza, conseguiu tomár em 1445, em um só dia, abrindo assim o caminho para maiores conquistas. (Veja-se mais adiante — *Relaçãõ chronologica summaria das navegações, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes.*

Foi no tempo deste Rei, em 1390, que aconteceu aquelle grande feito d'armas dos *Doze d'Inglaterra*, isto é, de doze esforçados cavalleiros portuguezes que forão expressamente a Londres desaffrontar algumas Damas o Paço.

Tinhão ellas sido offendidas por uns cavalleiros inglezes que, entre outras cousas, as motejárão de muito feias e de pouco para serem amadas, accrescentando que nenhum cavalleiro, por força d'armas, lhes ousaria contradizer isto. Não se achando na sua cõrte quem quizesse tomar o pãrtido dellas, lembrou-se o Duquẽ de Lencastre de escrever a ElRei D. *João I*, seu genro, pedindo-lhe licença para que doze cavalleiros portuguezes, com que contava, e a quem, tanto elle como cada uma das referidas Damas, escrevêrão, pudessem ir a Inglaterra defende-las. Esses doze cavalleiros, que alegremente aceitãrão o convite, e se batêrão com a maior valentia, ficando victoriosos, erão: 1.º, Alvaro Gonçalves Coutinho, o *Magrico*; 2.º, Alvaro Vaz d'Almada, Conde d'Abranches; 3.º, João Pereira Agostinho; 4.º, Ruy Gomes da Silva; 5.º, Alvaro Mendes Cerveira; 6.º, Ruy Mendes Cerveira; 7.º, Martim Lopes d'Azevedo; 8.º, Luiz Gonçalves Malafaya; 9.º, Lopo Fernandes Pacheco; 10.º, Sueiro da Costa; 11.º, Alvaro d'Almada; 12.º, Pedro Homem da Costa (1).

Palleceu em 14 de Agosto de 1433 (2). —

#### D. DUARTE (O Eloquentes) — 11.º Rei

ElRei D. *Duarte* nasceu a 31 de Outubro de 1391, e succedeu a seu pai a 14 de Agosto de 1433. Havia casado

(1) Veja-se: *Lusiadas*, de LUIZ DE CAMÕES, Canto VI. *Diálogos de varia historia*, por PEDRO DE MARIZ, tomo 1.º, pag. 380. *Mappa de Portugal*, por JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, tomo 2.º, pag. 401. *Anno historico*, tomo 2.º, pag. 432.

(2) Veja-se — *Memorias para a Historia de Portugal*, que comprehendem o governo d'ElRei D. *João I*, por JOSEPH SOARES DA SILVA.

a 22 de Setembro de 1428 com a Rainha D. *Leonor*, irmã d'ElRei d'Aragão. Foi Príncipe muito douto e muito virtuoso. Continuou a empresa da compilação das leis portuguezas em lingua vulgar, a qual só foi acabada e promulgada em tempo d'ElRei D. *Affonso V*, d'onde tomou o nome de *Codigo Affonsino*. —

Formou a outra empresa de um corpo de chronicas dos Reis portuguezes, e encarregou a sua execução ao digno Chronista *Fernam Lopes*.

Fez uma pragmatica contra o luxo, tanto dos vestidos como das mezas, dando elle mesmo e os nobres o exemplo da sua observancia.

Com o fim de pôr uma barreira aos excessivos gastos dos grandes, ordenou que fossem residir nãs suas terras para os livrar da permanencia na côrte, que os obrigava a empenho; excepto aquelles fidalgos que por turno lhe haviam de assistir em razão de seus cargos. —

Neste monarca não houve que desejar senão melhor fortuna, porque os unicos cinco annos que reinou forão todos cheios de desgraças; e bastava, para fazer infausto o tempo do seu reinado, o captiveiro do Infante D. *Fernando*, seu irmão; porque emprehendendo os Infantes D. *Henrique* e D. *Fernando* conquistar a cidade de *Tanger*, e ficando vencidos e prisioneiros no anno de 1437, para salvarem as vidas, promettêrão aos Mouros entregar-lhes *Ceuta*, de cuja palavra ficou em refens dos mais o Infante D. *Fernando*; porém como os Conselheiros de Portugal forão de parecer que não convinha entregar todo um povo christão ao furor dos barbaros pela liberdade de um só homem, de cujo accordo dizem que tambem fôra o Papa, e o mesmo Infante generoso, determinou-se, em Côrtes, que para isso fez convocar em *Leiria* ElRei D. *Duarte*, que ficasse o Infante no captiveiro, aonde morreu depois de fallecido o mesmo Rei, que todavia no seu testamento mandava se resgatasse por todo o dinheiro, e ainda a troco da mesma cidade de *Ceuta*. —

Foi amigo dos sabios e das sciencias, e compoz varias obras, que ainda hoje existem, algumas dellas de notavel merecimento. O *Leal Conselheiro*, e *livro da ensenança de bem cavalgar toda sella*, etc., são obras d'ElRei D. *Duarte*. Este monarca não só compoz em prosa, mas tambem em verso.

Era dotado de extrema força, e mui dextro em andar

a cavallo. Morreu em Thomar aos 9 de Setembro de 1438.

Foi este Rei quem promulgou a celebre *Lei mental* (1).

28  
D. AFFONSO V (O Africano) — 12.º Rei

Nasceu em Cintra aos 15 de Janeiro de 1432; e foi o primeiro Infante herdeiro que teve o nome, ou titulo de *Principe*. Por morte de seu pai, ficou o governo á Rainha D. *Leonor*, sua mãe e tutora, com o Infante D. *Pedro*, irmão d'ElRei D. *Duarte*, com o titulo de *Defensor do Reino*, Regencia de que foi depois escusa a Rainha.

Fazendo 14 annos ElRei, e sendo preciso entregar-se-lhe o sceptro, seu tio, Regente, o fez com a solemnidade de Côrtes, no anno de 1446. D. *Affonso* lhe agradeceu muito o bem que servira, e acabado o acto da entrega, lhe ordenou que fosse continuando na mesma fórma. —

31  
25  
A inveja porém dos émulos lhe conseguiu o desgosto d'ElRei, o qual, passado um anno, mandou dizer ao Infante que o dava por exonerado do governo. D'aqui procedeu recolher-se o Infante ás suas terras; e declarado ElRei seu inimigo por crimes falsos que lhe imputarão, inconsideradamente o foi buscar com mão armada, e pondo-se o mesmo Infante em defesa, foi morto no sitio da *Alfarrobeira*, a 20 de Maio de 1449. —

4  
Querendo ElRei dar provas do seu zelo pela fé, annuiu ao convite que o Papa *Calisto III* lhe fez, e tambem a varios Principes christãos, de ir contra os Turcos, para o que mandou para este Reino a *Bulla da Cruzada*, no anno de 1457. Escusárão-se os outros Principes; porém ElRei, não resfriando da idéa que havia concebido, transferiu a guerra para Africa, aonde tomou *Alcacer Ceguer*, no anno de 1458. Em 24 de Agosto de 1471, se lhe entregou *Tan-*

---

(1) ElRei D. *João I*, vendo que os Reis seus antecessores haviam dado, no tempo da guerra, muitos bens da corôa com grave prejuizo do Estado, fez mentalmente uma lei sobre a Ordem de dar e fazer succeder nos mesmos bens somente os filhos legitimos, com exclusão das filhas; e como esta lei não ficou escripta, nem impressa, mas só feita segundo a vontade e mente daquelle monarcha, foi chamada *Lei mental*. — ElRei D. *Duarte*, seu filho, publicou-a em fórma de Ordenação, com algumas explicações, ampliações, etc., a que ElRei D. *Affonso V* e seus successores foram ajuntando outras, como se vê da *Ordenação*, Liv. 2.º, Tit. 35.º

*ger e Arzilla*, victorias estas que lhe adquirirão a antonomasia de *Africano*. — 8

Morto ElRei de Castella, *Henrique IV*, que tinha sido casado com a Rainha D. *Joanna*, irmã do nosso Rei D. *Affonso V*, lhe ficou uma unica filha chamada D. *Joanna*, herdeira daquelle Reino. Com ella se dispoz a casar ElRei D. *Affonso V*, seu tio, viuvo da Senhora D. *Izabel*. Para isso, passou a Castella com um exercito de vinte mil homens, porque assim o pedião as pertencções que sobre esta successão se levantarão; e em Placencia se desposou com a dita sobrinha, no anno de 1475. Os Castelhanos, pertendendo não ser a Senhora D. *Joanna* filha d'ElRei D. *Henrique*, nomearão herdeira D. *Izabel*, irmã do mesmo Rei, e a casarão com D. *Fernando* d'Aragão.

D. *Affonso*, querendo porém defender o que era seu, como de sua sobrinha e esposa, foi justamente demandar a D. *Fernando* d'Aragão para litigarem este ponto em argumento de armas, mas ficou desbaratado na batalha de Toro em Maio de 1476. — 13

Depois desta memoravel batalha, passou a França no mez d'Agosto, onde se deteve até Outubro do seguinte anno de 1477, deixando o governo do Reino entregue a seu filho D. *João*; e vendo que *Luiz XI* faltára á promessa que lhe havia feito de o ajudar, resolveu-se a deixar o mundo, e ir perigrinando até Jerusalem. Desta resolução deu parte a seu filho (depois D. *João II*) por uma carta em que lhe ordenava se fizesse logo jurar Rei de Portugal, o que elle executou.

Quatro dias depois desta solemnidade, sabendo o novo Rei que seu pai se resolvêra a voltar para Portugal, porque ElRei de França lhe embaraçava politicamente a jornada, o foi buscar a Oeiras, e com solemne procissão entrou em Lisboa, e continuou a governar como d'antes, sem o generoso Principe se intrometter em cousa alguma. 16

D. *Affonso* fez tantas mercês, que o seu successor dizia: *Meu pai me deixou feito Rei das estradas e caminhos de Portugal*, porque quasi todos os lugares e terrenos tinha dado.

Foi D. *Affonso* o primeiro que, no Palacio de Evora, ajuntou copiosa livraria, e que'n determinou se escrevesse na lingua latina as *Historias portuguezas*.

Finalmente, vendo ElRei que as suas pertencções não tinham a solução que desejava, e achando-se quasi obrigado a convir n'um Tratado de paz que se publicou em Outu-

bro de 1479, por todas estas razões, e pelo sentimento que tinha de ver a Senhora D. *Joanna*, sua esposa, obrigada a entrar em Religião com o unico tratamento de *Excellent Senhora*, titulo que as suas virtudes e desgraças fizêrão dar a esta Princeza, retirou-se melancolico para Cintra, aonde morreu aos 28 de Agosto de 1481.

D. JOÃO II (O Príncipe perfeito) — 13.º Rei

Este monarcha nasceu a 3 de Maio de 1455, e a 25 de Junho do mesmo anno foi jurado Príncipe herdeiro do Reino. Teria 16 annos, quando na villa de Setubat, a 22 de Janeiro de 1471, recebeu por esposa a Senhora D. *Leonor de Lencastre*, sua prima co-irmã, e a 15 de Agosto acompanhou seu pai ElRei D. *Affonso V* na gloriosa conquista d'Arzilla, aonde obrou acções maiores que a sua idade permittia; depois do que foi armado cavalleiro. Por morte de seu pai, foi aclamado Rei, em 31 de Agosto do anno de 1481, sendo esta a segunda aclamação que teve. Applicou-se a conhecer as pessoas que se sabião distinguir pela sua capacidade e talento, e as honrava e premiava.

ElRei, para abater a altivez dos grandes, que se conjuravão contra elle, mandou degolar na praça d'Evora, aos 21 de Junho de 1483, o *Duque de Bragança* D. *Fernando*, seu primo segundo, e casado com sua cunhada; não sendo o infeliz Duque, conforme a opinião mais geral, digno de tão rigoroso castigo (1).

Nascendo uma conjuração das cinzas do *Duque de Bragança*, escapou ElRei matando em Setubal, aos 23 de Agosto de 1484, o *Duque de Vizeu* D. *Diogo* (irmão de D. *Manoel*, que depois foi Rei), seu primo co-irmão e cunhado; tendo o procedimento d'ElRei para com estes

(1) Referem diversos chronistas, para caracterisarem D. *João II*, que achando-se este a passear nas margens do Tejo com o *Duque de Bragança* e o *Cardeal* D. *Jorge da Costa*, no mesmo dia em que recebeu a noticia da chegada de D. *Affonso V* a Cascaes, voltando de França, surprehendido, perguntou-lhe como o havia de receber, ao que o Duque respondeu: «*Como vosso pai e Rei.*» D. *João* ficou callado por alguns instantes, e depois pegando n'uma pedra, a atirou com força contra o rio; o que sendo bem considerado pelo *Cardeal*, disse em voz baixa ao mesmo Duque: «*Aquelle seião nunca me ha de dar na cabeça.*», e dentro em pouco partiu para Roma, resolução que o tempo mostrou acertada, conhecendo-se o tragico fim do infeliz Duque.

dois Duques dado lugar a muitos discursos e a diversas opiniões.

25 No dia e anno pois, acima referidos, entrando o Duque no Paço, já de noute, lhe perguntou ElRei, com muito socego: *Que farieis, Primo, a quem vos quizesse matar?* O Duque, algum tanto perturbado, respondeu: *Procuraria mata-lo primeiro. Vós mesmo*, lhe tornou ElRei, vos julgastes, e logo o matou ás punhaladas (1).

Attendeu muito ao bem publico, e fez com que se evitassem as casas de jogo, mandando queimar uma aonde concorria mais gente. Publicou tambem leis contra o luxo. Deu muitas provas de que amava a Religião christã; fez todos os esforços para que os Judeus que, expulsos de Castella, vierão refugiar-se em Portugal, se reduzissem á Fé de Christo. —

47 Fundou o Castello de *S. Jorge da Mina*, em Africa, no anno de 1482.

Mandou por *Diogo Cam* continuar os descobrimentos na costa occidental de Africa, aonde o illustre navegador descobriu o *Reino do Congo*, e o grande Rio *Zaire*, e chegou até aos 22 graus austraes. No *Congo* fundou a primeira igreja christã em 1491. —

Em 1492, andando a corso alguns navios francezes nos nossos mares, tomãrão uma caravela que vinha da *Mina* com uma preciosa carregação de fazendas e muito ouro. Apenas esta noticia chegou ao conhecimento d'ElRei, ordenou a Vasco da Gama, primeiro Almirante da India, que fizesse embargar todas as embarcações francezas surtas nos portos destes Reinos, achando-se só no de Lisboa dez navios de grande lote e varios outros menores, o que poz na maior consternação a seus donos. Estes recorrêrão á França a sollicitar o modo e brevidade da composição entre os dous monarcas. Tendo *Carlos VIII* escripto a *D. João II* em termos taes, que ElRei não só se deu por satisfeito, mas tambem por obrigado, e ordenado a restituição a Portugal da caravela com toda a sua carga, mandando ao mesmo tempo castigar os auctores de tal attentado, aconteceu

---

(1) Veja-se no Tomo III das provas da *Historia genealogica da Casa Real*, a pag. 773 e 775: 1.º, traducção da Supplica feita ao Papa por ElRei *D. João II*, pedindo absolvição pelas mortes dos *Duques de Vizeu e de Bragança*, do *Bispo d'Evora*, e de varias outras pessoas; 2.º, *Breve tratado* que escreveu o PADRE PAULO sobre a morte do *Duque de Bragança D. Fernando II*, e que enviou á Duqueza, sua mulher *D. Izabel*, depois da morte d'ElRei *D. João II*.

que, informado ElRei D. *João II* de que na restituição que se fizera, faltava um papagaio, deu ordem para se não levantar o embargo dos navios francezes, em quanto não fosse restituído o dite papagaio; querendo assim mostrar que a grandeza de seu real animo se não empenhava pelas riquezas, mas pelo respeito com que devia ser attendida a sua bandeira (1).

Em seu tempo descobriu *Bartholomeu Dias* o cabo mais meridional da Africa, que ElRei denominou *Cabo da Boa Esperança*.

Em 7 de Julho de 1494, concluiu D. *João II* com os Reis Catholicos o celebre *Tratado de Tordesilhas*, pelo qual se assentou que, contando-se 370 leguas ao occidente das Ilhas ds Cabo Verde, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos polos da terra, e dividisse o globo em dois hemispherios, ficasse o occidental aos Reis de Castella, e o oriental aos Portuguezes, para nelles continuarem livremente os seus descobrimentos e conquistas (2).

Tão grandes brados tinha dado a fama das accões de D. *João II*, que alguns Principes estrangeiros vierão a Portugal de proposito para terem o gosto de o ver. Morreu em 25 de Outubro de 1495, na villa d'Alvor, com suspeitas de lhe terem dado veneno.

#### D. MANOEL (O Venturoso) — 14.º Rei

Nasceu na villa de Alcochete do Riba-Tejo aos 31 de Maio de 1469.

Era D. *Manoel*, Duque de Beja, (3) filho do Infante D. *Fer-*

(1) Veja-se *Historia Genealogica da Casa Real*, Tomo 3.º, pag. 113.

(2) Com este *Tratado* ficou cessando a *Linha de demarcação* que o Papa *Alexandre VI* havia estabelecido pela *Bulla Inter cætera* no anno de 1493, primeiro do seu pontificado, com a condição de que cada uma destas nações procuraria o estabelecimento da Fé catholica nas suas respectivas conquistas.

Por essa linha dividiu *Alexandre VI* o mundo em dois hemispherios, fazendo passar o primeiro meridiano, que os repartia, a cem leguas dos Açores: o hemispherio oriental coube aos Portuguezes, e o occidental, aos Castelhanos, como acima se disse. Não se conformando porém D. *João II* com essa demarcação, mandou logo protestar contra ella, e foi para compôr a desavença que a tal respeito existia entre as duas corôas, que se celebrou o referido *Tratado de Tordesilhas*.

(3) D. *Manoel* não teve o titulo de *Duque de Vizeu*, como muitos auctores pertendem. ElRei deu-lhe a casa de seu irmão *Duque de Vizeu*, mas mudou-lhe o titulo, e quiz que se nomeasse *Duque de Beja*.

nando, e neto d'ElRei D. *Duarte*, e havendo nascido sem esperança de reinar, succedeu no Reino depois de ter visto fallecer aquelles a quem tocava a successão.

Sollicitou do Papa *Alexandre VI* a impetra para que os cavalleiros das ordens militares pudessem casar, o que com effeito lhes foi concedido. —

Se pertendessemos narrar todas as acções memoraveis deste monarcha, seria necessario um grande volume: o certo é que no reinado d'ElRei D. *Manoel*, foi o Reino de Portugal elevado ao maior gráo de esplendor. Então se virão quebrantadas as forças dos Reis africanos, e se acabou de descobrir a navegação da *India oriental*, que ElRei D. *João II* havia premeditado; sendo o inclito *Vasco da Gama* o primeiro que, no anno de 1498, logrou a gloria de abordar ás praias de *Calecut*, e introduzir o commercio das suas preciosas especiarias em Portugal, não obstante a grande resistencia e embaraço que a isso fizeram os Venezianos. —

Accrescentou D. *Manoel* a seu Imperio não pequena parte da *Ethiopia*, *Persia* e *India*, dentro e fóra do Rio *Ganges*; o *Brasil*, descoberto a 22 de Abril de 1500 por *Pedro Alvares Cabral*, e innumeraveis ilhas do Oceano até ali incognitas. Sujeitou muitos Reis; e não obstante a immensa distancia a que se achavão de nós, os fez tributarios; outros se fizeram confederados e amigos. Plantou a Religião christã na *Ethiopia*, *India* e outras partes do mundo. —

29 Tendo ElRei D. *Manoel* pedido em casamento a Princesa D. *Izabel* de Castella, filha mais velha dos Reis Catholicos D. *Fernando* e D. *Izabel*, annuirão estes com a condição de que o monarcha portuguez havia de entrar na liga contra a França, e expulsar dos seus Estados os Judeus n'elles admittidos por ElRei D. *João II*. Não acceitou a primeira; mas cedendo á segunda, contra o parecer dos seus Ministros, ordenou que os Judeus se convertessem á Fé, ou saíssem do Reino. A maior parte delles tomou o ultimo arbitrio, levando consigo immensas riquezas de que D. *Manoel*, por má politica, se privára; e aquelles que ficãõ em Portugal, submittêrão-se ás praticas catholicas.

O povo chamava, por desprezo, aos novos conversos *Christãos novos*, *Judeus*, *Marranos*, ou *Confessos*, e a indisposição que assim se manifestou contra elles, deu lugar ao seguinte tragico acontecimento.

No Domingo da Pascoela, no anno de 1507, pareceu a algumas pessoas que no peito de um crucifixo que existia

na igreja de S. Domingos de Lisboa, vião um clarão milagroso. Um Christão novo, que por desgraça alli se achava, observou que aquelle pertendido milagre não era mais do que o reflexo do vidro do relicario. Tanto bastou para que fosse immediatamente arrastado pelos cabellos para fóra da igreja, morto e queimado no Rocio. Accudindo a população, amotinada por dois frades, discorreu por toda a cidade, destruiu, roubou e matou a quem quiz por espaço de tres dias, passando de duas mil o numero de victimas.

Informado ElRei do que se passou na capital, mandou proceder com todo o rigor contra os sediciosos, muitos dos quaes forão enforcados, e queimados os ditos frades; privando ao mesmo tempo a cidade de alguns de seus fóros, por não ter embarçado o motim (1).

O grandioso Templo de *Santa Maria de Belem*, mosteiro que foi de religiosos da ordem de S. Jerouymo, erigiu D. *Manoel* em 1499, em acção de graças ao céu pela felicidade do descobrimento da India.

Foi levantado no sitio que antigamente se chamava *Rastello* ou *Restello*, aonde o Infante D. *Henrique* havia fundado uma ermida para d'ahi se administrarem os sacramentos aos navegantes que partião para os novos descobrimentos, e um hospital para tratamento dos enfermos. — Ainda hoje se vê a estatua do illustre Infante na porta lateral, e as d'ElRei D. *Manoel*, e da Rainha D. *Maria*, sua mulher, de joelhos, entre as liguras que adornão a porta principal (2).

(1) FARIA E SOUSA — *Europa* — Tomo 2.<sup>o</sup>, Parte 4.<sup>a</sup>, Capitulo 4.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> 34.

(2) D. *Manoel* falleceu sem ver terminada esta sua grande obra. ElRei D. *João III* ampliou-a com igual magnificencia, como se vê dos disticos latinos compostos por *André de Rezende*, que estão gravados em pedra por cima da portaria do convento.

Houve uma ordem, no tempo d'ElRei D. *Sebastião*, para cessarem todas as obras publicas do Reino, a fim de se empregar o que com ellas se despendia na fortificação de varios pontos que occupavamos em Africa. — No numero dessas obras entrava a fabrica da capella mór da igreja de *Santa Maria de Belem*, aonde havião de collocar-se os tumulos d'ElRei D. *Manoel*, da Rainha D. *Maria*, sua mulher, e de D. *João III*. — A Rainha D. *Catharina*, mulher deste ultimo, offereceu-se a continua-la á sua custa, e a 14 de Outubro de 1572 forão, com a maior solemnidade, depositados os ossos dos mesmos Soberanos naquelles em que hoje se achão; não sem grande desgosto a Rainha D. *Catharina*, que, assistindo a esse acto, e fundando-se em que a capella era sua, pertendia que o tumulo d'ElRei D. *João III* fosse o do lado do Evangelho; ao que se oppoz o Infante Cardeal D. *Henrique* (depois Rei), que tambem se achava presente,

Com o primeiro ouro que ElRei D. *Manoel* recebeu em tributo d'ElRei de Quiloa, mandou lavrar uma custodia primorosa que offereceu a Nossa Senhora de Belem, como primicias das victorias do Oriente, applicando de mais ás obras daquelle mosteiro, de que era fundador, todas as prezas que lhe pertencessem, e avantajados rendimentos daquella conquista (1).

A pouca distancia do admiravel templo supracitado, mandou o mesmo Rei D. *Manoel* edificar dentro d'agua a *Torre de S. Vicente de Belem* (projectada por ElRei D. *João II*), de estrutura quadrada, com duas baterias, alta e baixa, bem artilhadas para defender o porto de Lisboa, e cruzar o fogo com a *Torre de S. Sebastião* de Caparica, vulgarmente chamada *Torre Velha*. Foi o illustre chronista *Garcia de Rezende*, criado d'ElRei D. *João II*, quem, por ordem do mesmo Soberano, fez o dezenho para a *Torre de Belem*, que depois mandou executar ElRei D. *Manoel*.

A dita Torre foi construida proximo ao sitio em que o Infante D. *Henrique* havia fundado a ermida de Nossa Senhora do *Rastello* transformada depois em convento dos Jeronymos.

Em 1503, deu ElRei D. *Manoel* principio ao mosteiro da Pena ou Penha, edificado no mais alto pico da Serra de Cintra, e no espaço de oito annos ficou acabada a pequena igreja, que mandou fazer de cantaria e abobadas de pedra lavrada, assim como o claustro e mais officinas. Concluida a obra, chamou os monges da ordem de S. Jeronymo para alli habitarem (2).

D. *Manoel* foi jurado em Toledo, em 1498, *Principe herdeiro* de Castella, por ser casado com a Rainha D. *Izabel*, herdeira daquelle Reino; e passando a Saragoça para serem jurados por Aragão, alli deu a Rainha á luz o Principe D. *Miguel*, fallecendo ella de parto.

---

assim como D. *Sebastião*, dizendo que não era justo que se tirasse o lugar mais digno ao fundador da casa.

Este soberbo edificio havia resistido fortemente ao terremoto do 1.º de Novembro de 1755; mas como ficasse abalado, e se lhe não applicassem reparos convenientes para sua maior segurança, cahiu no mez de Dezembro do seguinte anno a abobada da Igreja, e se arruinarão muitas das suas partes. — Hoje acha-se o extinto convento occupado pelos alumnos da Casa Pia.

(1) *Historia Genealogica da Casa Real*.

(2) ElRei D. *João III* mandou fazer o retabulo da capella mór de alabastro, obra de um tal artificio e delicadeza, que dizem ser a melhor cousa neste genero que ha no Reino. Hoje pertence este monumento a Sua Ma-

No anno de 1509 infestadas as costas de Portugal por uma esquadra franceza de quatro fragatas, ordenou ElRei D. *Manoel* ao valoroso *Duarte Pacheco* que sahisse com outras tantas velas a buscar os inimigos; e encontrando-se na altura do Cabo de Finisterra, batêrão-se furiosamente, e sendo, na força do combate, mettida a pique uma das fragatas francezas, tiverão as outras que render-se; ficando prisioneiro o seu commandante *Mondragon*, e com este triumpho entrou *Duarte Pacheco* em Lisboa, com indisivel prazer dos seus habitantes.

Fundou templos magestosos, fez nadar em ouro o Reino, e chover perolas e diamantes em tal copia, que se chamou a *Idade de ouro* ao tempo em que reinou. Mandou ao Papa *Leão X* as primicias das riquezas da India. Para isso dispoz uma Embaixada que, a 12 de Março de 1514, fez *Tristão da Cunha* com tanta magestade, pompa e grandeza que nunca se viu outra igual em Roma. Entre os presentes que ElRei D. *Manoel* enviou ao Pontifice, via-se uma onça muito mansa, e um enorme elefante, o primeiro que appareceu na Europa.

Foi ElRei D. *Manoel* quem mandou pôr no tecto de uma das salas do palacio de Cintra, além das armas de Portugal, do Principe e dos Infantes, os brazões de 74 familias que parece estão empregadas no serviço da côrte (1).

Ordenou que se escrevesse a Historia dos seus antepassados, reformando-se as *Chronicas antigas*; pelo que fez particulares mercês a *Duarte Galvão* e *Ruy de Pina*, chronicistas do Reino.

Por Decreto de 22 de Janeiro de 1500 mandou ElRei que se não pagasse aos moços fidalgos sem certidão do Mestre da Grammatica *Diegalveres* (2).

Amparou as letras grandemente; publicou as *novas Ordenações do Reino*; fez muitos e importantes Regulamentos, e falleceu em Lisboa aos 13 de Dezembro de 1521.

Jaz na igreja do extincto mosteiro dos Jeronymos em Belem, ao qual, entre outras cousas, deixou a preciosis-

gestade ElRei D. *Fernando* que, conservando a igreja tal qual existia, tem augmentado e embellezado o resto do edificio e suas immediações a um ponto tal, que não pôde deixar de merecer a particular attenção de quem vai gosar as delicias da encantadora Cintra.

(1) Veja-se *Historia Genealogica da Casa Real*, Tomo 1.º, pag. cxci e seguintes. Dá-se alli uma noticia dos *Livros d'armaria* que ElRei D. *Manoel* mandou compôr, e das obras a que para isso foi necessario recorrer, etc.

(2) *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, Tomo 2.º, pag. 381.

sima Biblia manuscripta, que andava na sua guarda-roupa, encadernada em velludo carmesim e guarnecida de prata (1).

Foi-lhe mandada pelo Papa *Leão X*, em agradecimento do presente que aquelle Soberano lhe fez, e de que fôra portador o Embaixador *Tristão da Cunha*, acima referido. A obra é admiravel, diz o Escriptor da *Historia Genealogica da Casa Real*, primorosamente escripta e com soberbas illuminações, onde se vêem diversas figuras de ElRei D. *Manoel* com allusões diversas. O 1.º volume foi acabado em 1495 por *Sigismundo de Sigismundis*, Ferrariense; o 2.º, no mesmo anno, por *Alexandre Verzanus*; os outros não declárão por quem forão escriptos, e pelo 7.º se vê que esta obra se concluiu em 1497 (2).

#### D. JOÃO III (O Piedoso) — 15.º Rei

Sucedeu no throno a ElRei D. *Manoel* seu filho D. *João III*, que havia nascido a 6 de Junho de 1502; sendo acclamado a 19 de Dezembro de 1521. Forão os seus primeiros cuidados proseguir vivamente as conquistas da In-

(1) Esta famigerada Biblia acha-se actualmente no Archivo da Torre do Tombo.

(2) Havendo-se *Junot* apoderado della no tempo da invasão franceza, foi reclamada logo depois da restauração dos Bourbons, e restituída em 1814; praticando ElRei *Luiz XVIII* a generosa acção de a comprar por 80:000 francos (e não por 40:000 como alguns pertendem) aos herdeiros daquelle General, em cujo espolio foi encontrada, e de a mandar entregar ao nosso Representante em Paris, sem retribuição alguma, segundo consta de documentos officiaes que examinei.

Os 7 volumes comprehendem o texto da Biblia, e nos intervallos dos versiculos a paraphrasi ou gloza de *Nicolão de Lira*. (Veja-se o que a respeito da mesma Biblia diz o Padre *Luiz Duarte Villela da Silva*, que tambem labora em erro quanto ao preço por que diz foi comprada) nas suas *Observações criticas sobre alguns artigos do Ensaio Estatico do Reino de Portugal*, por *ADRIANO BALBI*, em que avança que a dita Biblia, a principio, não era destinada para ElRei D. *Manoel*, e que as miniaturas e allusões a este monarcha, forão accrescentadas varios annos depois de escriptas.

No *Archivo pittoresco*, Tomo 1.º, pag. 393 a 395, vem transcripto um interessante artigo a este respeito, assignado por J. C. de F., acompanhado da correspondencia que mediou entre o governo do Reino e o Representante de Portugal em Paris, de que resultou a louvavel entrega da mesma Biblia por parte d'ElRei *Luiz XVIII*.

Os autós originaes da restituição da referida Biblia ao Mosteiro de *Santa Maria de Belem*, achão-se hoje reunidos áquelle valioso manuscripto, a pedido do Guarda Mór do Archivo nacional da Torre do Tombo.

dia, em que os Portuguezes obrárão façanhas de eterna memoria. Este grande projecto lhe fez relaxar aos Mouros de Africa quatro praças principaes, *Alcacer*, *Arzilla*, *Çafim*, e *Azamor*, o que foi considerado como o maior desacerto do seu reinado.

Foi este Rei quem impetrou, em 1531, do Papa *Clemente VII* o *Tribunal da Inquisição*, ou do *Santo Officio*, e admittiu em Portugal a *Companhia de Jesus*, ou os *Jesuitas*. A *Inquisição* porém, não se estabeleceu n'este Reino senão em 1536.

No reinado de D. *João III*, apoderárão-se os Mouros de alguns lugares da Africa, pertencentes a Portugal, ajudados pelos Turcos, que alli tinhão mandado o celebre renegado, e destemido corsario *Barbaroxa*, para fazer todo o mal que pudesse aos Christãos. Este ultimo tinha-se senhoreado de Tunes, e juntando alli grande força, com que se fazia formidavel a Portugal e a Hespanha. Resolvendo-se o Imperador *Carlos V* a passar á Africa, para se desfazer de tão incommodo vizinho, pediu, para esse fim, auxilio a Portugal, que lhe mandou tres galeões com uma boa esquadra em que ia o famoso D. *João de Castro* e o Infante D. *Luiz*, filho d'ElRei D. *Manoel*, que furtivamente tinha embarcado, desejoso de honrar seu nome com algum illustre feito. Foi nesta expedição que se viu empregada a maior náó que até então sulcára os mares; chamava-se *S. João Baptista*. Montava 360 peças de bronze, e levava a bordo, além da tripulação, 600 fuzileiros, 400 soldados de broquel e adaga e 300 artilheiros. Na prôa tinha uma serra, ou talhamar de aço para cortar a grossa corrente de ferro que fechava a entrada do porto de Tunes. Na primeira experiencia, não correspondeu aos fins que se tinhão em vista; ordenando porém o Infante D. *Luiz* ao piloto que se fizesse mais ao largo, e içasse todas as vélas, foi tal o impulso, que a corrente não pôde resistir; e entrando logo a náó, lançou tão prodigiosa quantidade de projectis para terra, que d'alli em diante se ficou chamando *Botafogo*.

Vendo os inconvenientes que resultavão de haver na côrte estudos publicos, removeu a Universidade outra vez para Coimbra, para onde mandou vir os melhores Professores da Europa, e estabeleceu na India escolas para artes e sciencias.

A este Principe se deve a colonisação do *Brasil*, começada no anno de 1530.

ElRei D. João III derogou algumas leis que lhe pareciam muito severas, como a que mandava marcar na cara os ladrões, ainda por furtos leves.

Amou muito a paz, e por isso dizia: «*Que mais perdia no que se gastava na guerra, do que lucrava com o que alcançava na victoria.*» Morreu em Lisboa aos 11 de Junho de 1557.

#### D. SEBASTIÃO (O Desejado) — 16.º Rei

Foi ElRei D. *Sebastião* neto d'ElRei D. *João III*. Nasceu em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554, e d'alli a tres annos, morrendo seu avô, ficou herdando o sceptro, mas sujeito á tutoria da Rainha D. *Catharina*, sua avó, e aos preceitos de seu ayo D. *Aleixo de Menezes*. Começou logo a idear empresas verdadeiramente temerarias para a sua idade, de sorte que, chegando aos 14 annos, resolveu tomar posse do governo; e então dando-se todo ao exercicio das armas e da caça, fazia brio de se mostrar intrepido e destemido em todas as occasiões.

Quando o mar estava mais agitado, e com tempestuosa furia ameaçava naufragios, sahia fóra da barra a lutar com a tempestade; e quando estava em maior perigo, discorria por entre os que o acompanhavão, e zombando dos riscos que corrião, lhes perguntava: *Que cousa é medo? Que cousa é temor?* E tanto confiava em seu valor, que tinha para si que podia conquistar o mundo inteiro; augmentando-se-lhe cada vez mais os desejos de principiar pela conquista de Africa.

Tendo *Muley Maluco* despojado dos Reinos de Marrocos e Fez a seu sobrinho *Muley Hamet ou Mahamet*, veiu este valer-se do nosso Rei, offerecendo sua pessoa e os que o seguião. *Muley Maluco*, sabedor dos designios de D. *Sebastião*, empregou todos os meios para o dissuadir e alcançar a paz, porém não foi ouvido. Determinou ElRei a viagem, e recusando o Cardeal Infante D. *Henrique*, filho d'ElRei D. *Manoel*, a Regencia do Reino, nomeou cinco Governadores, pessoas benemeritas e dignas da sua confiança, e sahio do porto de Lisboa em 24 de Junho de 1578. Compunha-se o exercito d'ElRei de 18:000 homens dos quaes 3:000 erão Castelhanos, 3:000 Allemães, 900 Italianos e os mais Portuguezes.

Chegou a Arzilla, e logo achou na mostra que alli man-

dou passar diminutos os Regimentos, que ao todo não excedião a 12:000 homens. O exercito inimigo constava de 150:000, a maior parte de cavallo. Sendo vencidos os nossos, em 4 de Agosto do mesmo anno de 1578, nos campos d'Alcacer-Quibir, ficarão estes memoraveis pelos tres Reis que alli morrerão, a saber: MULEY MALUCO, da sua doença, ainda que outros affirmão que foi uma bala de mosquete; MULEY MAHAMET, affogado em um rio, indo-se retirando, e D. SEBASTIÃO. É bem verdade que ninguem verifica ter visto morrer na batalha o nosso monarcha, d'onde alguns tomárão motivo para se declararem com o seu nome, pelo que forão punidos pela justiça (1).

A noticia daquella fatalidade trouxe a Portugal grande confusão, pela perda geral de um Reino sem successão, e de um Rei no verdor da mocidade, e com ella a flor da nação.—Passados 4 annos (1582), chegou a Lisboa, enviado pelo Xerife, o corpo que dizião ser d'ElRei D. Sebastião, e que se mandou sepultar no convento dos Jeronymos, em Belem, pondo-se o seguinte epitaphio, que bem indica a incerteza de ser o daquelle soberano:

Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,  
 Quem tulit in Lybijs mors proferata plagis.  
 Nec dicas falli Regem qui vivere credit,  
 Pro lege extincto mors quasi vita fuit.

A traducção é a seguinte:

*Aqui jaz, se é verdadeira a fama, ElRei D. Sebastião, a quem a morte tirou a vida nas Ribeiras da Lybia. Não digas que se engana o que julha viver ainda este Rei; porque, pagando o tributo universal, a morte lhe deu mais gloriosa vida.*

ElRei D. Sebastião, querendo oppôr-se ao demasiado luxo que no seu tempo se desenvolveu, promulgou a Pragmatica de 28 de abril de 1570, em que entendeu dever regular os pratos que se servirião á meza dos particulares (2).

(1) Veja-se *Portugal cuidado e lastimado com a vida e perda do Sr. Rei D. Sebastião*, pelo Padre José PEREIRA BAYÃO, a pag. 730. — *Memórias para a Historia de Portugal*, que comprehendem o governo d'ElRei D. Sebastião, por Diogo BARBOSA MACHADO.

(2) O § 2.º dessa Pragmatica é concebido n'estes termos: *Item, pessoa alguma não poderá comer, nem dar a comer á sua meza mais que um assado, e um cozido, e um picado, ou desfeito, ou arroz, ou cur-cuz, e nenhum doce, como manjar branco, bolhos de rodilha, ou os mexidos, ou outras cousas desta qualidade, etc.*

## D. HENRIQUE (O Casto) — 17.º Rei

D. *Henrique*, Cardeal, filho d'ElRei D. *Manoel* e da Rainha D. *Maria*, nasceu em Lisboa a 31 de Janeiro de 1512. Foi Prior Commendatario de Santa Cruz de Coimbra, Inquisidor Geral, Arcebispo, de Braga, Evora e de Lisboa, e começou a governar o Reino a 22 de Agosto do anno de 1578, com o titulo de *Protector*; mas dando-se logo por certa a morte d'ElRei seu sobrinho, foi aclamado seis dias depois, tendo de idade 66 annos e meio.

Como nem a idade nem o estado de D. *Henrique* lhe permittião cuidar em successão propria (posto que depois para quietação do povo affectasse que a procurava), tratou só de averiguar a quem legitimamente pertencia a corôa portugueza. Ajuntou para isso Côrtes em 1579, e nomeou juizes que decidissem a causa, depois de ter mandado notificar os pertendentes, para que, por si ou por outrem, viessem allegar seu direito. Erão elles os seguintes:

1.º D. *Catharina*, Duqueza de Bragança, neta d'ElRei D. *Manoel*, por seu pai, e filha do Infante D. *Duarte*.

2.º *Filippe II* de Hespanha, tambem neto d'ElRei D. *Manoel*, por sua mãe a Infanta D. *Izabel*, que perdera o direito por casar com estrangeiro.

3.º *Manoel Philisberto*, Duque de Saboya, neto do referido Rei, por sua mãe a Infanta D. *Brites*, que perdera o direito pela mesma razão.

4.º D. *Antonio*, Prior do Crato, neto do dito Rei, por seu pai o Infante D. *Luiz*, excluido por bastardo, ou ao menos por não constar, com certeza, o casamento de seu pai com *Violante Gomes*, chamada a *Pelicana*.

5.º *Rainuncio*, Príncipe de Parma, filho de D. *Maria*, irmã de D. *Catharina*, excluido porque sua mãe, posto que neta de Rei, tinha perdido o direito por casar com estrangeiro.

6.º *Maria de Medicis*, Rainha de França, não admittida, porque nem provava a existencia do filho de D. *Affonso III* e da Condessa *Mathilde*, de quem pertendia descender.

Esta variedade de pertendentes deixou perplexo a ElRei, que falleceu no dia 31 de Janeiro de 1580, tendo encarregado o governo do Reino a cinco pessoas, para decidirem a quem pertencia a corôa. Por morte d'este Príncipe, acerescérão novas pertençações como foi a do Papa

*Gregorio III*, que quiz provar ser a corôa portugueza, do tempo do seu primeiro monarca, feudataria á Sé Apostolica, e que, acabando em um Cardeal, devia ficar vaga ao Pontifice. Tambem a Rainha *Izabel* de Inglaterra pertendeu mostrar que tinha direito a esta corôa. Tanto estas como as primeiras pertenções tiveram em fim facil repulsa, menos as do *Prior do Crato*, que intentava mostrar (sem prova alguma authentica) os desposorios clandestinos do Infante D. *Luiz* com sua mãe; as de *Filippe II*, e as da Senhora D. *Catharina*, pela qual estava a justiça, como o declarou a Universidade de Coimbra.

Foi no reinado de D. *Henrique* que se concluiu a Torre de S. Gião ou S. Julião da barra (1), a que deu principio ElRei D. *João III*, para maior segurança do porto de Lisboa.

Depois da morte de D. *Henrique*, e no tempo dos cinco Governadores do Reino, foi começada a Fortaleza da *Cabeça Secca* ou de S. *Lourenço*, vulgarmente *Torre do Bugio*.

18.º, 19.º e 20.º — Reis intrusos — D. FILLIPE II, III e IV de Castella, e em Portugal I, II e III

Por fallecimento do Cardeal Rei, convocou o Governo Córtes para Almeirim.

Em 19 de Junho, foi tumultuariamente aclamado Rei em Santarem o *Prior do Crato*, D. *Antonio*, filho do Infante D. *Luiz*, de quem pertendia ser legitimo. Os Governadores, que estavam em Almeirim, julgáráo prudente transportar-se a Setubal.

D. *Antonio* passou a Lisboa, e ahi foi aclamado Rei por alguns grandes, varios ecclesiasticos e pela plebe, e bateu moeda.

De Lisboa passou a Setubal, e os Governadores fugirão para S. Lucar.

Por Alvará de 17 de Julho de 1580, declarárão rebeldes a D. *Antonio* e seus sequazes, e por legitimo Rei a D. *Filippe*. Este Alvará publicou-se e imprimiu-se com as assignaturas dos tres Governadores: D. *João Mascarenhas*, *Francisco de Sá e Menezes*, e *Diogo Lopes de Sousa*, e tem a data de Castromarim. O impresso era sellado com as ar-

(1) Veja-se nas *Noticias de Portugal* por MANOEL SEVERIM DE FARIA, o *Elogio historico* de D. *João III* por ANTONIO DE CASTILHO, pag. 394.

mas de Portugal, e referendado por *Nuno Alvares Pereira*, Secretario d'ElRei, em Badajoz a 7 de Agosto.

D. *Antonio* ainda fez alguma resistencia ao exercito castelhano commandado pelo Duque d'Alba; mas sendo destroçado em Alcantara, fugiu de Lisboa, e andou vagando occulto pelo Reino, e por ultimo, depois de muitos e varios casos, falleceu mui pobre em Paris em 1595; dando-se-lhe no epitaphio o titulo de Rei, como se mostra no que aqui se cita, tirado d'entre outros que na lingua Latina e Portugueza se lhe fizerão:

*Se quereis saber quem sou,  
Sou hum Rei, a quem a cubica  
Com rebuço de justiça  
Da Patria, e Reino privou.*

*Em Lusitania nascido.  
E nella Rei coroado  
Jazo em França sepultado,  
Onde fui bem recebido.*

*Aqui descança a memoria,  
Os ossos, e a terra pobre;  
Mas a alma que he mais nobre,  
Tem seu descanço na gloria.*

O Prior do Crato escreveu da sua propria mão a sua historia em 2 volumes.

D. *Filippe* prohibiu o curso da moeda de D. *Antonio*, por Alvará de 4 de fevereiro de 1581.

Subjugado o Reino, veiu D. *Filippe* a Lisboa, e convocando Córtes para Thomar, n'ellas, a 16 de Abril de 1581, jurou guardar os sóros, liberdades e privilegios do Reino, etc.; e os Estados lhe jurarão obediencia e fidelidade.

Falleceu este Principe a 13 de Setembro de 1598, no convento do Escorial, que elle havia fundado, e aonde jaz em soberbo mausoléu.

Sucedeu-lhe seu filho D. *Filippe* (3.<sup>o</sup> de Castella e 2.<sup>o</sup> de Portugal) o qual veiu a este Reino em Maio de 1619. Celebrou Córtes em Lisboa em Julho, e voltando em Outubro para Castella, falleceu aos 31 de Março de 1621.

Foi elle quem promulgou a Ordenação chamada *Filippina*, por lei de 11 de Janeiro de 1603.

Sucedeu D. *Filippe IV* (3.º de Portugal) que reinou até á manhã do dia 1.º de Dezembro de 1640, em que se fez a fausta e feliz acclamação d'ElRei D. *João IV*.

D. *Filippe IV* havia nascido a 8 de Abril de 1605. Poucos dias depois da morte de seu pai, começou a governar com grandes annuncios de felicidade, mas com mui pouca para Portugal.

Não escapou artificio algum em ordem a consumir o Reino, que deixassem os seus Ministros e Conselheiros de lhe apontar para a nossa ruina. A mesma experimentou a India e as mais conquistas, que tanto nos custarão a ganhar. Dilatadissima seria a narração destas desordens, se pertendessemos renovar dellas a memoria.

Impaciente já todo o Reino com tanta vexação, e desejosos todos da commum liberdade da Patria, começaram a pôr os olhos no *Duque* (8.º) de *Bragança*, D. *João*, no qual concorrião razão e justiça para o acclamarem Rei de Portugal.

Determinarão pois os Portuguezes ajustar o modo mais conveniente para se emanciparem de tão pezado jugo. Achava-se presidindo no governo de Portugal, desde 1635, a Duqueza de Mantua, *Margarida de Saboya*, prima d'El-Rei *Filippe IV*, a qual tinha por Secretario a *Miguel de Vasconcellos*, aborrecido geralmente pelas suas violencias e extorsões, e a quem ella muito favorecia.

A oppressão e violencia tanto do referido *Miguel de Vasconcellos*, como do *Conde Duque d'Olivares*, primeiro Ministro do mesmo *Filippe IV*, acabou de exasperar todos os Portuguezes, até que no dia 1.º de Dezembro de 1640, os fidalgos verdadeiros patriotas, e outros individuos que entravão na conjuração, se achárão no Terreiro do Paço, e assim que derão nove horas, e se ouviu um tiro de pistola disparado por *João Pinto Ribeiro*, accommetteu cada um o posto que se lhe destinou. Tudo o que se havia premeditado se poz em execução com tanta felicidade e maravilha que, dentro em tres horas, se viu na cidade de Lisboa morto *Miguel de Vasconcellos*, deposto *Filippe IV*, e acclamado o Duque de Bragança, D. *João*, por legitimo Rei de Portugal, que no espaço de 60 annos havia gemido debaixo da sujeição de Principes estrangeiros (1).

---

(1) João Pinto Ribeiro era Intendente do Duque de Bragança. Foi elle quem, pela sua prudencia e consummada politica, soube conduzir a conjuração que poz a corôa na cabeça do Duque de Bragança.

## D. JOÃO IV (O Restaurador) — 21.º Rei

Restituído com tanta gloria e justiça o sceptro da monarchia a ElRei D. João IV, o qual havia nascido em Villa Viçosa a 19 de Março de 1604, e casado com a Senhora D. Luiza Francisca de Gusmão em 1633, expedirão-se avisos para todos os pontos de Portugal para o acclamarem, o que se verificou dentro de quinze dias, com as maiores demonstrações de prazer, apesar de todas as praças se acharem guarnecidas e governadas por militares castelhanos. Comtudo, tendo nós mandado vir armas do Norte, fortificámos as ditas praças, fizemos confederação com os Reis de França, Inglaterra, Hollanda, Suecia e Dinamarca, que todos nos ajudarão com gente, dinheiro, munições e navios de tal fórma, que quando os Hespanhoes quizerão accommetter-nos por Olivença, forão bem rechaçados; experimentando a mesma adversa fortuna em todos os recontros e batalhas que tiverão com os nossos exercitos, e ficando mais memoravel a de Montijo, que, no anno de 1644, conseguiu com tanta gloria portugueza o intrepido *Mathias d'Albuquerque*.

Apenas se soube em Madrid a noticia da acclamação d'ElRei D. João IV, expedirão-se correios para Allemanha, em cujo exercito servia, com muita distincção, o Infante D. Duarte, irmão do mesmo Rei, pedindo ao Imperador *Fernando III* que segurasse aquelle Principe.

A razão por que os Hespanhoes se empenhavão tanto na sua prisão, era por se persuadirem que, logrado este intento, se tirava a Portugal toda a defensão, por ser o Infante D. Duarte um General experimentado, e tão instruido na arte da guerra como na politica, o que poderia causar grandes dissabores e damnos aos Hespanhoes. Morreu aquelle infeliz Principe no Castello de Milão (1).

Vendo a Hespanha que, á força d'armas, não podia tomar vingança da nossa liberdade, procurou corromper al-

(1) Veja-se *Historia Genealogica da Casa Real*, Tomo 6.º de pag. 577 a 630.

*El Principe vendido, ó venta del inocente y libre Principe D. Duarte*, Infante de Portugal, celebrada em Vienna, a 25 de Junio de 1642 años: *El Rey de Ungria vendedor — El Rey de Castilla comprador* — traduzido do latim em 1643.

No anno de 1871 publicou-se em Milão um folheto intitulado *Don Duarte di Braganza, prigioniero nel Castello de Milano*, episodio storico del secolo xvii.

gumas pessoas suas affectas, com esperança de maiores augmentos; porém, descobrindo-se o seu trama, forão presas, sentenciadas e degoladas, a 29 de Agosto de 1641, na Praça do Rocio de Lisboa. Erão ellas o *Marquez de Villa Real*, o *Duque de Caminha*, o *Conde de Armamar* e D. *Agostinho Manoel de Vasconcellos*; sendo principal motor da conjuração contra D. *João IV* o Arcebispo de Braga D. *Sebastião de Mattos*, que foi mandado metter em segura custodia. Tambem foi apprehendido o perverso *Domingos Leite*, comprado por quatrocentos escudos para tirar a vida a ElRei, e castigado como merecia.

Foi este Rei quem, nas Côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1646, declarou que tomava NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, por *Padroeira e Defensora do Reino e Senhorio de Portugal*, e ordenou que os Estudantes da Universidade de Coimbra, antes de tomarem algum gráo, jurassem defender a Immaculada Conceição da Mãe de Deus (1).

Este monarca era dado á musica com excesso; chegando mesmo a compôr varias obras neste ramo, que são ainda de grande estimação. — Falleceu em Lisboa em 6 de Novembro de 1656.

A Rainha D. *Luiza*, mulher d'ElRei D. *João IV*, como fica dito, era dotada de uma coragem tão varonil, e sabia fazer della tão acertado uso, que, longe de se amedrontar, quando seu marido lhe communicou o que em Lisboa era passado a respeito da sua aclamação, e parecia inquieto por ter que abandonar e dirigir-se á capital, consta lhe dissera: *Não hesiteis em seguir o caminho que a honra, o dever e o amor da patria vos offerecem; em quanto porém a mim, não vos contristeis, porque tenho por mais gloria ser Rainha uma hora do que Duqueza toda a vida.*

#### D. AFFONSO VI (O Victorioso) — 22.º Rei

Antecipada a morte do Principe D. *Theodosio*, ficou sendo herdeiro da corôa D. *Affonso*, que nasceu a 21 de Agosto de 1643, e subiu ao throno a 6 de Novembro de 1656. Como ainda não tivesse a idade legal, foi governando o Reino, na sua menoridade, a Rainha D. *Luiza*,

(1) No Tomo 7.º da *Historia Genealogica da Casa Real*, a pag. 204, se acha a Provisão que ElRei D. *João IV* mandou passar por essa occasião.

sua mãe. Esta regencia durou até ao anno de 1662, em que ElRei tomou a si o governo, tendo 19 annos de idade.

O Conde *d'Atouguia*, Sebastião Cesar de Menezes, e o de *Castello Melhor* erão os validos que governavão pelo Rei.

No tempo deste monarca, conseguirão os Portuguezes assignaladas victorias contra Hespanha, confederada com a França, nas celebres batalhas do *Ameixial*, do *Canal*, de *Montes Claros*, etc.

Não correspondião as felicidades da guerra ao governo politico da cõrte, porque ElRei desgostou a Rainha sua mãe, e todo o Reino com excessos e desordens que dizião proceder da paralyisia que tivera na idade de 3 annos; e como o principal motor de suas reprehensiveis acções, era um *Antonio Conti*, pessoa humilde, mas muito de seu agrado, que lhe inspirava perniciosos conselhos, foi este desterrado para a Bahia.

Mortificada e inquieta a Rainha, ao prever as consequencias que da conducta de D. *Affonso* podião resultar, tratou de realisar o casamento de sua filha D. *Catharina* com *Carlos II*, Rei de Inglaterra, assim como de dar casa ao Infante D. *Pedro*, immediato successor da corõa, para depois entregar o governo do Reino a ElRei D. *Affonso VI*, e retirar-se para um convento.

Em 1661 concluiu-se o Tratado de casamento de D. *Catharina*, e no anno de 1662 embarcou esta Senhora, já Rainha da Gram-Bretanha, n'uma armada que ElRei seu esposo enviou a Lisboa para a conduzir. Estipulou-se no mesmo Tratado, entre outras cousas: que ElRei de Portugal entregasse a cidade e fortaleza de *Tanger* e territorios a ElRei da Gram-Bretanha com tudo o que lhe pertencesse, depois de celebrado o casamento; concedendo-se aos soldados e moradores, ou a passagem livre para Portugal, ou ficarem vivendo em *Tanger*, com exercicio livre da Religião catholica romana, e todos os bens que na dita cidade possuisses: que ElRei de Portugal concedia a ElRei da Gram-Bretanha a *Ilha de Bombaim*, na India oriental, com todas as suas pertenças e senhorios, para ficarem daquelle porto mais promptas as suas armadas para soccorro das praças de Portugal na India, ficando livre aos moradores que não quizessem sahir das suas casas, o uso da Religião catholica romana: que em consideração de tantas vantagens que ElRei da Gram-Bretanha recebia no casamento da Rainha, promettia e declarava trazer sem-

pre no intimo do coração as conveniencias de Portugal e de todos os seus dominios, (1) e defende-los de seus inimigos com as maiores forças do seu Reino, assim por mar como por terra: que o mesmo Rei promettia igualmente assistir a Portugal com dez navios de guerra, os de maior força e mais bem aparelhados da sua armada, todas as vezes que fosse invadido de quaesquer nações; e que dado o caso que ElRei de Portugal fosse mais estreitamente apertado das armadas de seus inimigos, todas as náos d'ElRei da Gram-Bretanha que em qualquer tempo estivessem no Mediterraneo, ou no porto de Tanger, terião ordem para obedecerem a tudo o que ElRei de Portugal lhes mandasse, assistindo nos portos aonde fossem necessarios para a sua ajuda e soccorro; e em virtude das sobreditas concessões, os herdeiros d'ElRei da Gram-Bretanha e seus successores, em tempo algum pedirião satisfação por estes soccorros: que além da faculdade que ElRei de Portugal tinha de alistar gente em Inglaterra, em virtude dos Tratados passados, obrigava-se ElRei da Gram-Bretanha, no caso que Lisboa, a cidade do Porto, ou outra qualquer praça marítima fosse sitiada ou apertada pelos Castelhanos, ou outros quaesquer inimigos, a dar soccorros convenientes de soldados e náos, conforme os accidentes que sobreviessem e a necessidade de Portugal o pedisse, etc.

Casou em 1666 com a Princeza D. *Maria Francisca Izabel de Saboya*, e a 2 de Novembro de 1667 resolveu esta recolher-se ao mosteiro da Esperança, d'onde começou a tratar a nullidade do matrimonio, por causa da inhabilidade physica d'ElRei. Logo que se deu principio ao litigio, se teve por certa a sentença de separação; e com este fundamento, os zelosos da real successão convencêrão o Infante D. *Pedro*, irmão de D. *Affonso*, de que devia casar com a Rainha, e tomar as rédeas do governo.

Assim se verificou, e recluso ElRei D. *Affonso* em um quarto do Paço, aos 23 de Novembro de 1667, foi o mes-

---

(1) O Marquez de Pombal, nos seus Despachos ao Ministro de Portugal em Londres, de 4, 5 e 29 de Agosto de 1774, lhe fazia ver, por occasião da imminente guerra com Hespanha, em razão das hostilidades e usurpações dos Hespanhoes ao Sul do Brasil, que a Gram-Bretanha, estava obrigada, pelo Tratado de alliança defensiva perpetua, de 16 de Maio de 1703, a auxiliar-nos tanto no continente como nos nossos dominios. Veja-se o referido Tratado, e *Historia do reinado d'ElRei D. José e da administração do Marquez de Pombal*, por Simão José da Luz Souto, Tomo 2.º, pag. 576.

mo Infante jurado Príncipe Regente e herdeiro da corôa, em Córtes, a 27 de Janeiro de 1668. Passarão depois a El-Rei D. Affonso para o castello da Ilha Terceira, aonde esteve seis annos, no fim dos quaes veiu para o Paço de Cintra, e alli continuou prezo, fallecendo, a 12 de Setembro de 1683, de uma apoplexia, quando estava ouvindo missa (1).

#### D. PEDRO II (O Pacifico) — 23.º Rei

Nasceu em Lisboa a 26 de Abril de 1648.

Emquanto El-Rei D. Affonso foi vivo, não tomou o Príncipe D. Pedro outro titulo senão o de Regente do Reino. Julgada a nullidade do matrimonio entre El-Rei D. Affonso e a Senhora D. Maria Francisca Izabel de Saboya, por sentença de 24 de Março de 1668, alcançou-se Breve para o Príncipe D. Pedro se poder receber com a Rainha, de cujo consorcio não houve outro fructo mais que a Infanta D. Izabel; e fallecendo a mesma Rainha a 27 de Dezembro de 1683, passou El-Rei a segundas nupcias, em 1687, com D. Maria Sophia Izabel de Neuburgo.

Pelo Tratado de paz de 13 de Fevereiro de 1668, celebrado entre Portugal e Hespanha, por mediação de Carlos II, Rei da Gran-Bretanha, e cunhado de D. Pedro II, foi reconhecida a independencia de Portugal, acabando assim a desastrosa guerra que durante 28 annos assolou os dois paizes.

No anno de 1701, fez Portugal uma liga offensiva e defensiva com a França e Hespanha contra a Casa d'Austria, a qual se desfez depois a 16 de Maio de 1703, entrando El-Rei D. Pedro no Tratado da grande alliança com o Imperador Leopoldo I, Inglaterra e Hollanda sobre a successão de Hespanha contra Philippe V, a fim de collocarem no throno o Archiduque Carlos, filho segundo do Imperador d'Austria, o qual havia de entrar naquelle Reino pelas nossas terras; pelo que se promettêrão grandes conveniencias a Portugal. Chegou D. Carlos a Lisboa a 7 de Março de 1704, e depois de assistir algum tempo

(1) Vejam-se as obras intituladas — *Catastrophe de Portugal na deposição d'El-Rei D. Affonso VI*, etc., em que se procura justificar o procedimento havido para com aquelle infeliz soberano; e *Anti-catastrophe*, escripta em sentido contrario.

U O Padre Frei Jeronymo Viana, no poema heroico que compoz com o titulo de — *Alphonscada* — elogia as acções e virtudes de D. Affonso VI.

na côrte, partiu com ElRei D. *Pedro* para a Provincia da Beira, a fim de se introduzir por alli em Hespanha.

Poz-se ElRei D. *Filippe V* em campanha contra Portugal; porém o nosso exercito, de que era General o Marquez das Minas, fez render varias praças de Hespanha até Madrid, aonde penetrou o dito nosso exercito, e fez acclamar Rei a *Carlos III*, em 2 de Julho de 1706.

D. *Pedro II* falleceu em Lisboa a 9 de Dezembro do mesmo anno de 1706.

#### D. JOÃO V (O Magnanimo) — 24.º Rei

Por fallecimento d'ElRei D. *Pedro II*, succedeu no throno seu filho ElRei D. *João V*, na idade de 17 annos, sendo acclamado no 1.º de Janeiro de 1707.

Ratificou a grande alliança que ElRei seu pai celebrára contra Hespanha; e esta guerra chamada *Guerra da successão*, acabou em 1713 pelo Tratado d'*Utrecht*, sendo então reconhecido como Rei de Hespanha o mesmo D. *Filippe V*; depois de haver sido chamado á successão da Casa d'Austria o *Archiduque Carlos*, de que acima se fez menção.

Em 1708, elegeu D. *João V* para esposa a Archiduzesza D. *Maria Anna d'Austria*, filha do Imperador *Leopoldo I*.

A rogos do Pontifice *Clemente XI*, mandou o nosso monarca duas vezes soccorrer Italia contra o formidavel poder ottomano; devendo-se á esquadra portugueza a gloria de embarçar, ella só, a terrivel força de vinte e duas sultanas, e outras tantas nãos da Barbaria com que o Gram-Bachá vinha sobre Corfu e Veneza, e deixar desassombrados e seguros os portos, não só daquella Republica, mas de toda a Italia, em Agosto de 1717.

Erigiu a *Academia de Historia*, que teve o seu principio em 8 de Dezembro de 1720, compondo-a dos homens mais eruditos do Reino, e a cujas conferencias concedeu a honra da sua Real presença repetidas vezes. Para a celebre *Academia dos Arcades*, que havia em Roma, comprou novo domicilio, a fim de celebrarem as suas assembléas com mais commodidade. Em todas as Provincias do Reino ordenou que houvesse Academias militares para que flore-

cesse a sciencia mathematica; e para a de jurisprudencia, erigiu tambem na Universidade de Evora tres cadeiras de Direito civil e duas do canonico.

Os maravilhosos templos, como Mafra (1), etc., palacios e casas do campo, a utilissima e sumptuosa construcção do aqueducto de Lisboa, mais conhecido pelo nome de *Arcos das aguas livres* (2), e o desafogo de algumas das suas ruas, a melhor commodidade da navegação do Tejo, a introducção de novas fabricas, o augmento dos Arsenaes, e a recta observancia da justiça, fazem muita honra a tão grande monarcha.

Por uma Bulla do Papa *Clemente XI*, do anno de 1737, foi creado Cardeal o Patriarca de Lisboa; declarando-se na mesma Bulla que esta dignidade seria perpetua nos Patriarcas seus successores, os quaes, sendo preconizados no consistorio, serão immediatamente creados Cardeaes no seguinte.

O Papa *Benedicto XIV* concedeu a ElRei D. *João V*, em 22 de Dezembro de 1748, para si e seus successores, o titulo de *Fidelissimo*.

Falleceu em Lisboa a 31 de Julho de 1750.

#### D. JOSÉ I (O Reformador) — 25.º Rei

Nasceu a 6 de Junho de 1714, e foi acclamado Rei na cidade de Lisboa a 7 de Setembro de 1750. Casou em 19 de Janeiro de 1729 com a Princeza das Asturias D. *Marianna Victoria*, filha d'ElRei Catholico D. *Filippe V*, e da Rainha D. *Izabel Farnesi*.

Mostrou fortaleza d'animo na occasião do attentado contra a sua Real pessoa em a noite de 3 de Setembro de 1758, em que esteve a ponto de ser assassinado. O *Duque d'Aveiro*, o *Marquez* e a *Marqueza de Tavora*, a outros accusados deste crime, forão justicados na praça de Belem a 13 de Janeiro de 1759.

Os Reis de Hespanha *Carlos III* e *Luiz XV* de França,

(1) Veja-se *Monumento sacro da fabrica e solemnissimaa sagração da Santa Basílica do Real Convento de Mafra*, por Frei João de S. José do Prado.

(2) Veja-se a interessante noticia que a respeito do aqueducto das aguas livres se dá no *Mappa de Portugal* por João Baptista de Castro, segunda edição, tomo 1, pag. 100 e seguintes.

com o *Pacto de Família* (1) que entre si estipularão, em 15 de Agosto de 1771, querendo por força que nos declarassemos contra Inglaterra, invadirão e atacarão em 1762, com cavilosos pretextos, algumas das nossas praças transmontanas; porém ElRei mandando apromptar as suas tropas, confiou o commando dellas ao *Conde de Lippe*, General allemão de distincta reputação e reconhecido valor, e nomeou-o Marechal General dos seus exercitos.

Celebrada a paz pelo Tratado de Paris de 10 de Fevereiro de 1763, restituirão os Hespanhoes quanto nos haviam usurpado.

Foi no reinado deste monarca que appareceu o grande *Sebastião José de Carvalho*, a quem, no anno de 1759, creou *Conde de Oeiras*, e no de 1770, *Marquez de Pombal*.

Tomando as redeas do governo este habil Ministro, tratou com todas as côrtes; fez conhecer aos Reis da Europa que Portugal tornava a ser Potencia. Restabeleceu a disciplina militar, que os precedentes reinados haviam deixado enfraquecer. Depois de haver estabelecido o governo politico, passou ao estado economico.

Animou a agricultura: mudou os dois terços das vinhas em searas; procreveu os autos da fé; acabou com o odio existente entre os *christãos novos e velhos*; abrogou leis inuteis, e creou outras necessarias; diminuiu o poder dos grandes; restabeleceu a subordinação; reguio a policia interna; augmentou as rendas do Estado; protegeu as artes, e commercio, e restabeleceu novas manufacturas.

Da Europa, lançou os olhos para o Novo mundo; animou a navegação; augmentou os productos do Brasil; deu a liberdade aos Indios; regulou e reformou a administração desperdiçadora desta rica colonia. No 1.º de Novembro de 1755, foi Lisboa abysmada por um tremor de terra, porém aquelle grande Ministro tirou-a do abysmo em que este fenómeno a lançara. Restabeleceu a ordem

(1) Chama-se *Pacto de família*, por ter sido celebrado entre os diferentes ramos da *Casa de Bourbon*: os Reis de França, de Hespanha, das Duas Sicilias e o Duque de Parma, a fim de obstem a preponderancia maritima de Inglaterra.

Este pacto porém não teve todos os resultados que delle se esperavam. Estipulava para todos os ramos da mesma Casa a obrigação de se socorrerem, em caso de necessidade, e declarava inimigo de todas as partes contratantes quem quer que o fosse de uma dellas.

no meio da perturbação e da confusão que tão horrível acontecimento causára; restituiu a vida a todos os restos de uma sociedade fisicamente dissolvida, e moralmente decomposta. Ranchos de malfeitores sahirão da terra como as chammas, sua mão os apprehendeu e castigou. Edificou uma cidade soberba sobre as ruinas da perdida Lisboa, e que é conhecida hoje pelo nome de *Cidade baixa*.

Deteve a sedição no Porto, e puniu os culpados. Descobriu os auctores do attentado contra ElRei, de que já se fallou, e não deixou escapar senão um, que foi o celebre *José Polycarpo de Azevedo* (1).

Expulsou, em 1759, os *Jesuitas* de Portugal, concorrendo mui activamente para que elles fossem expulsos da Europa inteira, e ainda mais para a extincção desta ordem regular.

Oppoz-se aos designios e vistas de Hespanha; reparou as praças do Reino, e poz as principaes Provincias em segurança.

Estabeleceu novos Regulamentos de commercio; diminuiu o numero de padres e de frades; fez restituir os bens usurpados á corôa; limitou o poder de Roma; reformou a Universidade de Coimbra, creou estudos em todas as villas do Reino; estabeleceu feiras e tornou-as florescentes; reparou os negocios da India; supprimiu os Tribunaes inuteis em Gôa; protegeu os devedores que não podião pagar; fundou a Aula do commercio; tratou da paz com o Rei de Marrocos, para tornar livre a navegação da Africa.

São estes, em resumo, os trabalhos do *Marquez de Pombal* em menos de trinta annos.

Seria difficil encontrar, na historia dos Ministros famosos, um homem que tenha dado tão grandes golpes em tão pouco tempo; mas de todos os actos da sua administração, a expulsão dos *Jesuitas* foi o que mais contribuiu para popularisar o seu nome, porque as suas consequencias se estendêrão a toda a Europa. Finalmente nenhum Ministro celebre menos deveu á fortuna do que o *Marquez de Pombal*; nenhum talvez, em todas as monarquias, triunfou de maiores difficuldades.

---

(1) Considerão-se como cúmplices na tentativa contra ElRei D. *José* varios *Jesuitas*, e entre elles o Padre *Gabriel Malagrida*, que depois foi justicado por crime de heresia.

Em 1775, por justa gratidão ao Senhor D. José I, erigiu-se-lhe a estatua equestre de bronze, que se vê no Terreiro do Paço em Lisboa, obra aquella de grande primor, e que excita a admiração de nacionaes e estrangeiros. Foi fundida de um só jacto por *Bartholomeu da Costa*; porém tudo quanto é obra de esculptura na mesma estatua e seus ornamentos, pertence ao insigne estatuario *Joaquim Machado de Castro* (1).

ElRei D. José I falleceu em Lisboa, aos 24 de Fevereiro de 1777.

#### D. MARIA I (A Piedosa) e D. Pedro III — 26.<sup>os</sup> Reis

D. Maria I, Rainha e herdeira do Reino, nasceu a 17 de Dezembro de 1734, e casou em 6 de Junho de 1760 com seu tio o Infante D. Pedro, depois terceiro deste nome, irmão segundo d'ElRei D. José. A mesma Augusta Senhora começou a reinar aos 24 de Fevereiro de 1777, tomando logo seu esposo o titulo de Rei, por haver já nascido o seu primeiro filho.

Um dos primeiros actos do governo da Rainha, foi concluir um Tratado preliminar de paz, e de limites com a Hespanha, no 4.<sup>o</sup> de Outubro de 1777, pelo qual forão restituídos a Portugal o Forte e Ilha de Santa Catharina; conservando porém os Hespanhoes a Colonia do Sacramento com a Ilha de S. Gabriel, e as duas Ilhas de Anno Bom e Fernando Pó, no Golfo de Guiné; e dando a Portugal, em troca, uma parte do Paraguay, situada a Leste do Uruguay.

O *Marquez de Pombal*, cujas fadigas e genio incansavel tinham levantado a monarquia moribunda, já estava demittido antes da conclusão deste Tratado.

Depois de alguns dias de dissimulação, e durante os quaes ainda foi ao Paço, deu-se-lhe a demissão do lugar de Minjstro d'Estado. D'alli a pouco, forão reintegrados todos os que elle havia demittido, e tratados como innocentes muitos dos que em outro tempo tinham sido presos como cumplices, ou suspeitos de cumplicidade na conspi-

(1) Veja-se — *Descripção analytica da execução da Real estatua equestre de D. José I*, por JOAQUIM MACHADO DE CASTRO, volume em quarto com 25 estampas.

ração contra o monarca. Todos os padres moderados e sábios que tinham conseguido a confiança daquelle Ministro, forão perseguidos com encarniçamento.

Dentro em pouco, foi o *Marquez de Pombal* despojado de todos os seus empregos, e arrancado o seu retrato da base do monumento erigido no Terreiro do Paço a ElRei D. José (1).

A tormenta annunciada por tão extraordinarios acontecimentos rebentou finalmente. O Marquez foi processado como culpado de uma multidão de crimes atrozes, e soffreu longos interrogatorios, sem deixar escapar a menor queixa. Precipitou-se a conclusão do processo de revisão sollicitada pelos presos, e forão declaradas innocentes todas as pessoas, tanto mortas, como as vivas que tinham sido conservadas nos carcerees; sendo para notar que muitos dos juizes que proferirão a sentença, tinham, em outro tempo, votado pela condemnação dos mesmos presos.

Pelo que toca porém ao *Marquez de Pombal*, foi declarado criminoso e digno de um exemplar castigo; mas a Rainha, tendo em consideração a sua avançada idade e enfermidades, lhe perdoou as penas afflictivas, e se contentou em o desterrar para vinte leguas da côrte.

Este grande Ministro, que falleceu em 1782 na sua casa da Villa de Pombal, deixou no Thesouro *quarenta e oito milhões de cruzados*, e *trinta milhões* no cofre das decimas; convindo advertir que Portugal, antes do *Marquez de Pombal* entrar para o Ministerio, não só nada tinha, mas devia alguns milhões a Inglaterra.

A Rainha creou Aulas para o ensino das *Artes liberaes e mechanicas*, a *Cordoaria*, a *Casa Pia* e alguns outros Estabelecimentos não menos uteis; formou *Bibliothecas*, instituiu *Academias*, etc. Atacada em 1792 de uma molestia mental, foi marchando o governo em nome da Soberana (Viuva desde 25 de Maio de 1786) ainda que todos os seus actos publicos erão assignados por seu filho o Principe do Brasil D. João, sem que para isso estivesse previamente auctorisado como Regente, titulo que só tomou em 1799, e conservou até á morte da Rainha, que teve lugar no Rio de Janeiro aos 20 de Março de 1816.

---

(1) Por Decreto de 10 d'Outubro de 1833 do Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, Regente em nome da Rainha a Senhora D. Maria II, foi aquelle retrato restituído ao seu antigo lugar.

## D. JOÃO VI (O Clemente)—27.º Rei

Sucedeu a D. *Maria I* seu filho D. *João*, que havia nascido a 13 de Maio de 1767. Começou a reinar aos 20 de Março de 1816, tomando o novo título de *Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves*. Casou, em quanto Infante, com a Senhora D. *Carlota Joaquina de Bourbon*, filha d'ElRei de Hespanha D. *Carlos IV*, e da Rainha D. *Maria Luiza de Bourbon*.

Em 1793, por occasião da morte de *Luiz XVI* no cadafalso, entrou Portugal na liga com Inglaterra e Hespanha contra a Republica franceza.

Em 1801, a côrte de Madrid e a França declararão guerra a Portugal, por não ter querido o Principe Regente manifestar-se contra a Inglaterra. As tropas daquellas duas nações, commandadas pelo Principe da Paz, D. *Manoel Godoy*, atacarão Portugal, tomárão *Oliveira*, e entrárão no *Alemtejo*; mas esta guerra foi de curta duração, e a paz concluiu-se no mesmo anno pelo Tratado de Badajoz.

*Napoleão*, convencido de que jamais conseguiria que o Principe Regente de Portugal cedesse francamente ao denominado *Systema continental*, fechando os portos ás embarcações inglezas, tomou o partido de riscar este Reino da carta politica da Europa; e pelo Tratado de Fontainébleau, assignado a 27 de Outubro de 1807, entre a França e Hespanha, foi Portugal repartido: a *Lusitania do Norte* (Entre Douro e Minho) devia pertencer ao Rei d'Etruria; o *Alemtejo* com os *Algarves*, ao Principe da Paz, valido de *Carlos IV*, que tomaria o titulo de *Rei dos Algarves*. Quanto ao resto do Reino, o seu destino devia ser adiado até á paz geral, ficando no entretanto em poder dos Francezes. Para a execução deste Tratado puzerão as duas potencias em movimento um exercito de quarenta a cincoenta mil homens combinados sob o commando em chefe do General *Junot*, que entrárão em Portugal por differentes pontos a um tempo. Quando o Principe Regente se viu ameaçado pelo exercito francez (1), embarcou-se na sua esquadra no dia 29 de Novembro de 1807, com a Familia Real, uma parte da côrte, e muitos dos

---

(1) Veja-se o Decreto de 26 de Novembro de 1807, assignado pelo Principe Regente na sua retirada para o Brasil.

seus fieis subditos que o quizerão acompanhar, e dirigiu-se ao Brasil. A 30, entrárão os francezes em Lisboa, e o General *Junot*, depois *Duque de Abrantes*, foi nomeado Governador de Portugal (1).

Vendo porém a Hespanha que *Napoleão* lhe arrebatava seus Reis, sublevou-se quasi a um tempo contra os francezes. Portugal fez então causa commum com ella.

Havendo-se generalisado o levantamento na Hespanha, e estando os Inglezes deliberados a enviar um exercito a Portugal, multiplicárão-se as insurreições contra o General *Junot*. O exercito inglez, commandado pelo General *Arthur Wellesley*, depois *Duque de Wellington*, desembarcou na costa de Portugal. *Junot* tentou obrigar-o a retirar-se, mas debalde; as suas tropas forão rechaçadas com grande perda nas duas acções de *Roliça* e do *Vimeiro*, dadas em Agosto de 1808, e elle foi obrigado a capitular. Seguiu-se a 30 do mesmo mez a celebre *Convenção* chamada de *Cintra*, proposta por *Junot*, assignada pelo General *Dalrymple*, que havia succedido no commando a *Wellington*, para a total evacuação de Portugal pelo exercito francez, e a 15 de Setembro seguinte arvorou-se em Lisboa a bandeira portugueza.

Esta *Convenção*, em que não figurárão os Portuguezes, foi só vantajosa para os Francezes, cujo exercito estava perdido sem remedio, se o General inglez houvera sido mais perspicaz e reflectido. Permittiu-se aos Francezes que se retirassem com armamento e bagagem, a qual, pela maior parte, tinhão roubado neste Reino. Uma tal *Convenção* foi não sómente reprovada pela nação portugueza, mas pelo proprio Governo britannico, que mandou metter em processo o General que a assignou.

Os Francezes, commandados pelo Marechal *Soult*, invadirão de novo Portugal pelo Minho, em Março de 1809, com um exercito de vinte e cinco a trinta mil homens, e entrárão no Porto a 29 do mesmo mez: porém em 29 de Maio seguinte, foi restaurada aquella cidade pelo exercito Anglo-luso, ás ordens do *Duque de Wellington*, que expulsou o inimigo do Norte de Portugal. Em 1810, fizerão os Francezes terceira tentativa: um poderoso exercito

---

(1) Veja-se as obras intituladas — *Observador portuguez, historico e politico de Lisboa, desde o dia em que embarcou para o Brasil o Principe Regente, até ao dia 15 de Setembro de 1808.* — *Dezeza dos Direitos Nacionais e Reaes da monarchia portugueza, etc.*

commandado pelo Marechal *Massena* entrou em Portugal, e depois de haver tomado a praça d'Almeida (que voou pelos ares na noite de 24 d'Agosto, por uma explosão do deposito de polvora) marchou até ao *Bussaco*, aonde o esperava o exercito combinado. Deu-se a batalha a 27 de Setembro do mesmo anno; a mortandade foi horrivel; o inimigo afrouxou e pertendia chegar a Lisboa por diferentes caminhos; mas o General *Wellington*, fazendo alto em *Torres Vedras*, nas fortificações que defendião a capital, chamadas *Linhas de Lisboa* (as quaes occupavão 7 leguas de extensão desde o Tejo ao mar), oppoz ao inimigo uma barreira de bronze.

Reconhecendo o General francez a impossibilidade de romper as mesmas Linhas, retirou-se para Santarem. Dalli fez algumas tentativas para passar ao Sul do Tejo; porém a Divisão alliada, do commando do General *Hill*, obstou a todos os seus planos. A final, viu-se *Massena* obrigado a retirar-se em a noite de 5 de Março de 1811; e assim ficou este Reino livre de seus oppressores.

Esta guerra contra a França, aonde o exercito Anglo-luso chegou a penetrar além do Rio Garonna, durou até 1814; em que, vencido *Napoleão* pelos exercitos dos Soberanos alliados, e regressando os *Bourbons* áquelle Reino, se concluiu a paz geral, pelo Tratado assignado em Paris, aos 30 de Maio, entre a França e as Potencias belligerantes.

Pelo artigo 32.º desse Tratado, convencionou-se que os Soberanos alliados mandarião, dentro de dois mezes, seus Plenipotenciarios a Vienna d'Austria para alli regularem, em um Congresso geral, os arranjos necessarios para a estabilidade da paz e socego da Europa.

Remnindo-se pois em um Tratado commum o resultado das conferencias e negociações dos Plenipotenciarios, o ratificárão com as suas assignaturas aos 9 de Junho de 1815, á excepção do *Hespanhol*. Pelo artigo 105.º do mesmo Tratado, ou Acto final daquelle Congresso, obrigárão-se as Potencias alliadas a empregar todos os bons officios para que, o mais brevemente possivel, se restituisse a Portugal a *Villa de Olivença e mais territorios cedidos á Hespanha pelo Tratado de Badajoz de 1801*; porém até ao presente ainda a Hespanha se acha de posse da referida villa: convindo advertir que Portugal, que havia combatido seis annos, e soffrido muito, foi obrigado a restituir á França a *Guyana*, que lhe havia conquistado.

No dia 24 de Agosto de 1820, rebentou no Porto uma revolução, que tinha por fim dar a Portugal um Governo constitucional, e no dia 15 de Setembro seguinte formou-se um *Governo provisório*; mas apenas se reunirão as *Córtes* geraes constituintes, foi substituído por um *Governo executivo*, com o título de *Regencia*, durante a ausência d'ElRei.

O Congresso encarregou uma commissão escolhida, entre os seus membros, de estabelecer as bases da Constituição.

ElRei D. *João VI* aceitou as mesmas bases: deixou o Príncipe Real, o Senhor D. *Pedro*, seu Lugar Tenente no Brasil, e embarcando com o resto da Real Família para a Europa, entrou no Tejo a 3 de Julho de 1821.

Feita a Constituição, foi jurada pelo Soberano no dia 1.º de Outubro de 1822.

Esta fórma de governo prevaleceu até ao anno de 1823, em que se formou uma insurreição, á testa da qual sa poz o Infante D. *Miguel*, que sahindo na noite de 27 de Maio para Villa Franca, alli attrahiu ElRei, seu pai, e o fez acclamar Rei absoluto: entrando este em Lisboa no dia 5 de Junho seguinte.

As letras, as artes, o commercio e a agricultura são devedoras ao Senhor D. *João VI* de mui decidido favor, e é mui estreito este lugar para enumerar todos os estabelecimentos e fundações que illustrarão os 34 annos do seu governo. A propria marinha de guerra tomou um tão distincto lugar entre a das outras nações que, no fim do seculo passado, ella parecia caminhar ao ponto de grandeza que ostentava nos tempos da nossa gloria naval.

O Brasil sublevou-se contra a mái patria, e proclamando a sua independencia, constituiu-se Império, tomando o Príncipe Real o título de *Imperador*.

Pelo Tratado de 29 de Agosto de 1825, reconheceu o Senhor D. *João VI* a independencia do Brasil, reservando para si o título de *Imperador*, e passando-se dalli em diante todos os diplomas em nome de *Sua Magestade o Imperador e Rei*.

Falleceu aquelle monarca a 10 de Março de 1826, deixando sua filha a Serenissima Senhora Infanta D. *Isabel Maria*, Regente do Reino, em quanto o legitimo herdeiro e successor da corôa não providenciava a tal respeito.

Batalhas, cercos e assaltos principaes em que, durante a guerra da Peninsula, entrárão as tropas portuguezas e inglezas

**Batalha da Roliça**

Em 17 de Agosto de 1808.

**Batalha do Vimieiro**

Em 21 de Agosto de 1808.

**Batalha da Corunha**

Em 20 de Janeiro de 1809.

**Batalha de Talavera**

Em 27 e 29 de Julho de 1809.

**Batalha do Bussaco**

Em 27 de Setembro de 1810.

**Batalha de Fuentes  
de Honor**

Em 3 de Maio de 1811.

**Batalha de Albuera**

Em 16 de Maio de 1811.

**Batalha de Fuente  
Grinaldi**

Em 27 de Setembro de 1811.

**Assalto de Ciudad  
Rodrigo**

Em 19 de Janeiro de 1812.

**Assalto de Badajoz**

Em 6 de Abril de 1812.

**Batalha de Salamanca**

Em 22 de Julho de 1812.

**Batalha de Victoria**

Em 21 de Junho de 1813.

**Batalha dos Pyreneos**

Em 25 de Julho a 2 de Agosto de 1813.

**Assalto de S. Sebastião**

Em 31 de Agosto de 1813.

**Batalha de Nivelles**

Em 11 de Novembro de 1813.

**Batalha de Nive**

Em 13 de Dezembro de 1813.

**Batalha de Orthez**

Em 27 de Fevereiro de 1814.

**Batalha de Toulouse**

Em 12 de Abril de 1814.

D. PEDRO IV — 28.º Rei

Nasceu este Principe a 12 de Outubro de 1798: forão seus pais o Senhor R. D. *João VI* e a Senhora D. *Carlota Joaquina de Bourbon*.

Por morte do Principe D. *Antonio*, no anno de 1800, ficou o Senhor D. *Pedro* immediato successor ao throno, e como tal denominado *Principe da Beira*.

A invasão franceza de 1807 fez tomar, como já se disse, o partido ao Senhor D. *João*, Principe Regente, de passar ao Brasil com a Familia Real, aonde chegou a 7 de Março de 1808.

Alli foi confiada a educação do Principe da Beira aos cuidados de *José Rademaher*, que possuía todas as linguas da Europa, e era dotado de luzes mui vastas e de rarissimas virtudes. Os progressos do joven discipulo corres-

ponderão aos talentos de seu sabio preceptor; porém morte infeliz e precoce o veiu roubar ao augusto educando que, quasi entregue a si mesmo, aperfeiçoou seus talentos, exercitando-os no estudo das linguas, nas artes liberaes e mechanicas, em que era superiormente entendido, e com particularidade na musica, sua paixão dominante.

Havendo o Brasil sido elevado á cathogoria de Reino, por Alvará de 16 de Dezembro de 1816, passou o Senhor D. *Pedro* a ter o titulo de *Principe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves*.

Em 1817, casou com a Senhora D. *Maria Leopoldina*, Arquiduqueza d'Austria, filha do Imperador *Francisco I*; e tendo enviuvado em 11 de Dezembro de 1826, passou a segundas nupcias, em 1830, com a Senhora D. *Amelia Augusta*, Princeza de Baviera, filha do Principe *Eugenio de Beauharnais*. Quando o Senhor D. *João VI* voltou á Europa, em 1821, deixou o Principe Real seu Lugar Tenente naquelle vasto Reino, como fica dito.

Declarando-se o Brasil Imperio independente, em 1822, e instado pelos votos do povo, assumiu o Senhor D. *Pedro* o titulo de *Imperador constitucional e seu perpetuo defensor*.

Tendo chegado ao Rio de Janeiro a infausta noticia da morte do Senhor D. *João VI*, e havendo sido enviada á mesma corte uma deputação composta de Representantes dos tres Estados do Reino, outorgou o Senhor D. *Pedro IV*, em 29 de Abril de 1826, a *Carta constitucional da monarchia*, e abdicou em sua filha primogenita, a Senhora D. *Maria da Gloria*, depois D. *Maria II*.

Passaremos em silencio todos os successos de que a nossa malfadada patria foi theatro desde o anno de 1828 até 1833, não só porque, por mui recentes, são sobejamente conhecidos de todos, mas porque a sua narração viria despertar tristes lembranças que se não desejão avivar.

Acontecimentos inopinados determinarão o Senhor D. *Pedro* a abdicar, em 7 de Junho de 1831, a corôa do Brasil em seu filho o Senhor D. *Pedro II*, e a dirigir-se á Europa, tomando o titulo de *Duque de Bragança*.

Havendo passado a França e Inglaterra, conseguiu preparar uma expedição contra seu irmão D. *Miguel*, a quem havia nomeado seu *Lugar Tenente*, e que se fizera acclamar Rei. Essa expedição, tendo sahido de Belle-Ile para

Angra, no dia 20 de Fevereiro de 1832, fez-se de vela da Ilha de S. Miguel aos 23 de Junho seguinte para o Porto: compunha-se de sete mil e quinhentos homens, commandados pelo proprio *Duque de Bragança*; que desembarcou á frente delles nas praias do *Mindello*, no dia 8 de Julho.

Depois de um apertadissimo cerco sustentado na cidade do Porto pelo espaço de um anno, veiu a fortuna coroar seus heroicos esforços, aclamando-se na capital, no dia 24 de Julho de 1833, o Governo da Rainha e a Carta constitucional; e poucos mezes depois, em todo o Reino; mas apenas havia sido confirmado pelas Córtes no Lugar de Regente do Reino, durante a menoridade de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. *Maria II*. (Lugar que o mesmo Augusto Senhor havia exercido desde a sua chegada ás Ilhas dos Açores) foi acommettido de grave molestia que o arrebatou, no dia 24 de Setembro de 1834, dos braços de uma esposa terna e virtuosa, e a uma filha que duas vezes lhe deveu o throno. Legou o seu coração á memoravel cidade do Porto, e ordenou que o seu funeral tivesse lugar sem aquella pompa devida á sua alta jerarquia, querendo que se lhe fizessem tão sómente as honras de General.

#### D. MARIA II — 29.º

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. *Maria II* nasceu na corte do Rio de Janeiro á 4 de Abril de 1819, e foi a primogénita do Senhor D. *Pedro IV*, então Principe Real de Portugal, Brasil e Algarves, e de sua esposa a Senhora D. *Maria Leopoldina*, Archiduqueza d'Austria. Teve o titulo de *Princesa da Beira*, e depois o de *Rainha Reinante de Portugal*, desde 3 de Maio de 1826, pela abdicção de seu pai.

Em 29 de Outubro do mesmo anno, assignou-se em Vienna, na presença do Imperador d'Austria, o contracto de esponsaes entre a joven Rainha, que nesse acto foi representada pelo Ministro Portuguez *Barão de Villa Secca*, e seu tio o Senhor Infante D. *Miguel*, que alli se achava.

Tendo o mesmo Senhor Infante conseguido que seu irmão o investisse na Regencia do Reino, que estava sendo exercida por S. A. R. a Serenissima Senhora Infanta D. *Izabel Maria*, foi effectivamente nomeado, por Decreto

de 3 de Setembro de 1827, Regente e Lugar Tenente do Senhor D. *Pedro IV*.

Regressando a Lisboa, em 22 de Fevereiro de 1828, prestou, no dia 26, o juramento prescripto pela Carta constitucional com as devidas formalidades perante as Côrtes, as quaes porém dissolveu em 13 de Março seguinte, convocando em seguida os *Tres Estados Antigos do Reino* para decidirem a quem pertencia a corôa.

No entretanto sahiu a Rainha do Rio de Janeiro para Lisboa em 5 de Julho; mas sabendo em Gibraltar a mudança que tinha havido na politica em Portugal, dirigiu-se a Inglaterra.

D'alli, acompanhada da sua excelsa e virtuosa madrastra, S. M. I. a Senhora D. *Amelia Augusta*, Princeza de Bavyera, Imperatriz do Brasil, partiu em 30 de Agosto de 1829 para o Rio de Janeiro, aonde chegou a 16 de Outubro, ficando sem effeito o contrato de esponsaes com seu tio.

Em consequencia dos acontecimentos politicos que tiveram lugar no Porto e Lisboa, entrou a Rainha nesta capital a 22 de Setembro de 1833, sendo recebida no meio de vivas e entusiasticas aclamações.

Declarada maior pelas Côrtes, em consequencia da molestia que, quatro dias depois, poz termo á existencia de seu augusto progenitor, começou a exercer a Regia auctoridade em 20 de Setembro de 1834.

Acatando os conselhos de seu fallecido pai, recebeu-se, no 1.º de Dezembro de 1834, com o Principe D. *Augusto*, Duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz, de quem ficou viuva em 28 de Março do anno seguinte, sem descendencia.

Passou a segundas nupcias, no 1.º de Janeiro de 1836, por procuração, com o Principe o Senhor D. *Fernando Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha*, o qual chegou a Lisboa em 9 de Abril do mesmo anno, e tomou o titulo de Rei, depois do nascimento do primeiro filho.

No particular, foi S. M. a Senhora D. *Maria II* esposa exemplarissima, e pôde dar-se por modelo de mãis na sollicitude e desvelo com que dirigiu, vigiou, e por si propria auxiliou a educação e instrucção da sua regia prole.

Tendo tido lugar, inesperadamente, em 9 de Setembro de 1836, uma revolução popular, e que desde então foi conhecida pela denominação de *Revolução de Setembro*,

adheriu a Rainha a esta mudança politica; e no dia 10, quando os animos se achavão no maior auge de agitação, dirigiu-se, com toda a placidez, á Camara Municipal, e ali prestou juramento á Constituição de 1822, proclamada na vespera. O Ministerio, então nomeado, assumiu o poder dictatorial, de que se serviu para decretar muitas reformas, algumas das quaes a experiencia mostrou não se poderem levar a effeito.

Promulgou-se a Constituição de 1838, concluida pelas Córtes constituintes, a qual vigorou até que foi proclamada no Porto, a 27 de Janeiro de 1842, a restauração da Carta constitucional.

Rebentando em 1846 uma revolução no Minho, que em breve se estendeu a todo o Reino, viu-se a Rainha na necessidade de nomear outro Ministerio em Maio daquelle anno, a fim de evitar as tristes consequencias que ao paiz podião resultar de uma guerra civil, já encetada.

Seguindo-se o movimento de 6 de Outubro, a cuja frente appareceu o Marechal Duque de Saldanha, trouxe em resultado a substituição daquelle Ministerio, e a reacção de 9 do dito mez na cidade do Porto, que, accendendo no paiz a guerra civil, só veio a terminar pela intervenção estrangeira, e Convenção de Gramido, em Junho de 1847.

Quatro annos depois, teve lugar na mencionada cidade um pronunciamento a favor do mesmo Marechal, que havia tempo se achava affastado dos negocios publicos, e nessa occasião forão proclamadas, entre outras medidas, a Carta constitucional, com as reformas que a experiencia tinha mostrado necessarias; sendo a consequencia desse movimento a queda do Ministerio, que então se guerreava, e a nomeação de outro, cuja Presidencia, e Pasta dos Negocios da Guerra, Sua Magestade confiou áquelle distincto General.

Se nas virtudes domesticas tanto resplandeceu a Senhora D. *Maria II*, não se mostrou S. M. menos excellente nas que praticou como Soberana. Á sua extrema caridade devem a existencia os Asylos de mendicidade e da infancia desvalida que, com tanto proveito da moralisação das classes mais infelizes da sociedade, vão em progressivo melhoramento.

Ao seu amor pelas sciencias, em geral, se deve igualmente a abertura de novas Escolas de ensino primario, secundario e superior; reformas importantes na Univer-

sidade de Coimbra e na Academia Real das Sciencias de Lisboa; a criação das Escolas polytechnica e medico-cirurgica de Lisboa e Porto; do Conservatorio das artes e officios; das Escolas industriaes; das Escolas e Institutos agricolas, e dos Lyceus nos diversos Districtos do Reino.

Á sua piedade e sincero zelo pelo esplendor e gloria da Religião catholica apostolica romana, e ao ardente desejo de tranquillisar as consciencias, e de ver em boa união e concordia todos os portuguezes, se deve tambem a sollicitude com que procurou e conseguiu o acabamento das desintelligencias que infelizmente se havião suscitado entre a Santa Sé e a Córte de Lisboa.

Além disso, restabeleceu Seminarios para a educação regular da mocidade dedicada á vida ecclesiastica, destinando varios recursos para a sua manutenção, e auctorizando, por lei, a aquisição de bens de qualquer natureza por parte destes pios Estabelecimentos.

Impetrou a continuação das graças da Bulla da cruzada em Portugal e Províncias ultramarinas, restringindo inteiramente a applicações pias o producto das esmolas da mesma Bulla.

Procurou remedio para a stricta observancia dos recursos determinados pela Igreja nas causas do fóro ecclesiastico.

Decretou o meio de concurso previo para maior acerto e justiça nas apresentações de todos os beneficos curados.

Auctorizou e protegeu diferentes associações pias e religiosas, como é sabido, e se mostrou sempre disposta para tudo quanto se lhe representava por conveniente á Religião e ventura de seus povos.

Finalmente, tendo muito a peito o melhoramento e construcção de boas estradas, dessas arterias da vida industrial, sem as quaes nenhum paiz póde prosperar, empregou para tão louvavel fim tudo quanto estava ao seu alcance, e as circumstancias do Thesouro permittirão; tendo tido a satisfação de dar principio ao primeiro caminho de ferro em Portugal: o de *Lisboa a Badajoz*, passando por *Santarem*.

Taes são, em rapido esboço, os principaes actos da Rainha a Senhora D. *Maria II*, a quem a morte inexoravel arrojou á sepultura no dia 15 de Novembro do anno de 1853.

Durante o seu reinado, passou por bem dolorosos transe; mas no meio dos seus grandes desgostos, e nas épocas mais agitadas, soube unir a firmeza á brandura, e mostrar um espirito varonil e uma constancia superior.

Por isso, o sentimento pela perda de uma Rainha dotada de tão eximias virtudes foi geral, tanto dentro como fóra do paiz; sentimento de que não ha exemplo, e que bem se patenteou, principalmente no dia do funeral.

Em virtude da lei de 7 de Abril de 1846, confirmada pelo *Acto adicional á Carta constitucional*, entrou S. M. ElRei o Senhor D. *Fernando*, tão sympathico aos Portuguezes pela sua ineffavel bondade, e dedicação á sua patria adoptiva, no exercicio da Regencia do Reino durante a menoridade de seu excelso filho ElRei o Senhor D. *Pedro V*, cujos sublimes dotes, raro talento e variada instrucção promettião a seus leaes subditos um venturoso e esclarecido reinado.

#### D. PEDRO V — 30.º Rei

Nasceu a 16 de Setembro de 1837, e reconhecido herdeiro da corôa, pelas Côrtes, aos 26 de Janeiro de 1838, prestou juramento, como Príncipe Real, em 8 de Julho de 1852. Succedeu no throno em 15 de novembro de 1853, ficando Regente, durante a sua menoridade, ElRei o Senhor D. *Fernando*, como dito fica.

Sahindo de Lisboa, no anno de 1854, com seu augusto irmão o Serenissimo Senhor Infante D. *Luiz* (hoje Rei de Portugal) para viajar pela Europa, foi o Senhor D. *Pedro* entusiasticamente recebido nas diversas côrtes aonde se dirigiu, deixando a todos os encantados pelas suas affaveis maneiras, e máis ainda pela grande somma de conhecimentos que possuia, e que revelava sem ostentação.

De volta á Portugal, e tendo completado 18 annos de idade, assumiu, na conformidade das leis do Reino, as rédeas do governo com geral satisfação de um povo que o idolatrava, e sabia fazer a devida justiça ás eminentes qualidades e rarissimas virtudes de que era dotado.

Na governação do Estado nunca o Senhor D. *Pedro V* fez sentir a vontade real, antes, pelo contrario, era o primeiro a acatar a lei, não mostrando pridilecção nem odio por nenhum dos partidos politicos, em que via o paiz infelizmente dividido.

Mostrou-se valente diante do perigo n'uma das epochas de maior calamidade para a capital, a da terrivel epidemia da febre amarella; e comprazia-se em levar a consolação aos que se achavão no leito da dôr, e o auxilio aos desvalidos.

Foi cordato no exercicio das regias prerogativas, e decidido protector das artes e sciencias. Tinha o estudo como o melhor passatempo, e pôde dizer-se que o Senhor D. *Pedro V* foi um propagador incansavel de civilisação.

Casou, a 9 d'Abril de 1858, em Berlim, por procuração, com a Princeza *Estephania*, filha do Principe de *Hohenzollern Sigmaringen*, e em pessoa, em Lisboa, a 18 de Maio do mesmo anno; mas por fatalidade, veio a morte roubar-lhe, dentro de pouco mais de um anno, a 17 de Julho de 1859, aquella que fazia toda a sua ventura, e que devia partilhar com elle as doçuras da realeza e as suas amarguras.

A providencia porém, que não abandona o homem nas horas da sua maior angustia, deu a Sua Magestade ElRei, naquella tão triste conjunctura, a necessaria resignação para supportar um golpe tão cruel como inesperado.

O Senhor D. *Pedro V* dedicou-se todo ao importante ramo da Instrucção publica, sendo muito para sentir que Sua Magestade deixasse incompleto, entre outros interessantes escriptos do seu real punho, um bem elaborado *Tratado sobre a Instrucção e educação popular*.

Occupava-se não menos do bem estar dos seus povos, procurando elle proprio, nas suas digressões pelas Provincias, informar-se das suas necessidades, e dos melhoramentos materiaes que podião concorrer para a prosperidade do paiz.

Na sua virgem ao Porto, no anno de 1860, inaugurou a Exposição agricola, e no anno de 1861, presidiu a abertura da Exposição industrial, e lançou a primeira pedra para a construcção do Palacio de crystal.

Partindo pouco depois para o Alemtejo com os Serenissimos Senhores Infantes D. *Fernando* e D. *Augusto*, e recolhendo á capital, começarão todos tres a sentir-se incommodados.

Succumbindo o Senhor Infante D. *Fernando*, no dia 6 de Novembro de 1861 a uma febre typhoide, conheceu-se logo que este funesto acontecimento muito affectára o Senhor D. *Pedro V*, já então em convalescença. No fim de

tres dias, peorou Sua Magestade a ponto de se perder de todo a esperanza de salvar tão preciosa vida.

Com effeito, no fatal dia 11 do sobredito mez, deu aquelle bondoso Rei a alma ao Creador, sendo geral o sentimento, tanto dentro como fóra do paiz pela lamentavel perda de um Soberano, que se havia tornado acedor de geral sympathia e consideração (1).

Couvocado o Conselho d'Estado apenas o Senhor D. *Pedro* expirou, resolveu unanimemente que se convidasse o Senhor D. *Fernando* a assumir a Regencia do Reino, em quanto Sua Magestade ElRei o Senhor D. *Luiz I*, que tinha embarcado em Inglaterra, em companhia do Serenissimo Senhor Infante D. *João*, não chegava a Lisboa, o que teve lugar no dia 14 do citado mez de Novembro.

Praza ao ceo que o novo monarca, não menos querido que seu virtuoso irmão, conte um longo e glorioso reinado, para ventura sua e da nação a cujos destinos preside!

---

 Quem quizer ter conhecimento dos auctores portuguezes, e de alguns estrangeiros domiciliados neste Reino que tratarão da historia civil, politica e ecclesiastica de Portugal e seus dominios, e cujas obras andão impressas, recorra á muito interessante **Bibliographia historica portugueza**, por Jorge Cesar de Figaniere — 1850.

### Tratamento dos Reis de Portugal

Nos primeiros seculos da monarchia portugueza, dava-se aos Reis o modesto tratamento de *Mercé*, a que se seguiu o de *Senhoria*. Deste tratamento usárão os Reis das Hespanhas até os Reis Catholicos de Castella, e D. Manoel de Portugal. Veiu depois o de *Alteza*, a que, dentro em pouco, se seguiu o de *Magestade*, trazido da Allemanha pelo Imperador Carlos V; mas com aos Reis de Portugal, na correspondencia privada, sempre os de Castella se tratarão reciprocamente por *Alteza*, até que nas vistas de

---

(1) Veja-se o obra intitulada *Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V*, por JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.

Guadalupe ElRei de Castella, *Filippe II*, logo no primeiro encontro se apressou a tratar por *Magestade*, a ElRei D. *Sebastião* de Portugal, talvez para assim obstar a que este, no meio da sua côrte, lhe desse o mais modesto tratamento entre elles usado. Com os *Filippes* radicou-se em Portugal este Real tratamento, o qual ainda se conserva geralmente em toda a Europa, e conservará provavelmente; porque nas linguas conhecidas não ha outro maior que lhe possa ser substituído sem usurpação dos attributos da Divindade.

### Titulos do filho primogenito d'ElRei de Portugal

Desde ElRei D. *Affonso Henriques* até ElRei D. *Duarte*, os primogenitos dos Reis chamarão-se *Infantes*, assim como todos os seus irmãos legitimos.

D. *Affonso V* foi o primeiro que, em vida de seu pai, teve o titulo de *Principe*. ElRei D. *João IV* ordenou, no anno de 1645, que o herdeiro do Reino, em quanto não succedesse na corôa, fosse *Duque de Bragança*, e possuisse e administrasse todas as terras, jurisdicções, rendas e officios que pertencião aos Duques daquella casa, declarando-o tambem *Principe do Brasil*, para possuir este Estado em titulo sómente, mandando que se intitulasse *Principe do Brasil e Duque de Bragança*.

Em 1817, foi este titulo trocado pelo de *Principe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves*; conservando porém sempre o primogenito do Rei tambem o titulo de *Duque de Bragança*. E como hoje o Brasil fórma um Imperio independente, vem o titulo do herdeiro presumptivo da corôa a ficar reduzido ao de *Principe Real de Portugal e dos Algarves e Duque de Bragança*.

Quanto ao primogenito do herdeiro da corôa, este intitula-se, desde 1734, *Principe da Beira*.

### Ordens militares ou de cavallaria

Na primitiva, isto é, na *Idade media*, erão as *ordens de cavallaria* umas confrarias ou corporações que reunião aos votos religiosos as funcções da guerra.

Ao diante porém instituirão-se as *ordens de cavallaria*, umas em memoria de alguma victoria assignalada, outras

por occasião de casamento ou coroação de algum monarca, etc.

Com o decurso do tempo, decahirão em toda a parte esses votos e exercicios, e as insignias das *ordens militares* convertêrão-se em moeda honorifica para remunerar serviços.

Em Portugal, forão, na sua origem, instituidas e admittidas as *ordens militares* para defeza de seus habitantes, e para ajudarem a libertar do poder dos Mouros as terras que estes tinham usurpado, militando contra os infieis, tanto por mar como por terra, segundo se vê das Bullas da sua instituição.

Tendo sido decretada, em 30 de Junho de 1872, a extincção dos dizimos, que formavão o rendimento das comendas, ficarão estas sendo, desde aquella época, umas mercês puramente honorificas.

### Algumas ordens militares que houve em Portugal, e já não existem

**Da Ala ou da Aza de S. Miguel.** — Perdem alguns nossos historiadores que fôra instituida por ElRei D. *Affonso Henriques*, em memoria da victoria que alcançou em Santarem sobre *Albarraque*, Rei mouro de Sevilha, em 8 de Maio de 1167, dia da apparição de *S. Miguel Archanjo*, mas que acabára em vida de seu instituidor (1).

Na interessante *Memoria sobre a instituição da ordem militar da Ala*, apresenta porém o seu erudito auctor Bispo Conde D. FRANCISCO S. DE LUIZ (depois Cardeal SARIVA e PATRIARCA DE LISBOA) razões taes, que fazem duvidar da existencia da mesma ordem (2).

**Da Torre e Espada.** — Tendo o Papa *Calixto III* proclamado, em 1457, uma cruzada contra os Turcos, mandou ElRei D. *Affonso V* preparar uma forte armada para concorrer na empreza, o que porém não teve effeito pela morte do Pontifice; havendo-se para aquelle fim cunhado

(1) Veja-se *Historia Genealogica da Casa Real*, Tomo 1.º, pag. 55 — *Mapa de Portugal* por JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, Tomo 2.º, pag. 47.

(2) Esta *Memoria* foi mandada publicar em 1843 pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.

*cruzados*, pela primeira vez em Portugal, do primeiro ouro vindo de Guiné. Querendo porém aproveitar as grandes despesas feitas com esse armamento, resolveu D. Afonso emprega-lo contra os Mouros de Africa, e nessa occasião (1459), instituiu esta ordem, tomando por divisa uma *torre* com uma *espada* no alto, com allusão a uma torre que havia na cidade de *Fez*, por cujo capitel, ou remate, passava uma espada, que os Mouros crião que havia de ser tirada por um Principe christão; e admitindo 27 cavalleiros, em memoria de outros tantos annos que contava, quando fôra conquistar a dita cidade. (Veja-se mais adiante — *Antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito.*)

**Da Frecha.** — Foi instituida por ElRei D. Sebastião em 1576, em commemoração do santo do seu nome, denominado *Defensor da Igreja romana*, pela qual soffrêra cruel martyrio no anno de 228, em que foi asseteado pelas guardas do Imperador *Maximiano*. Desta ordem existe alguma memoria, diz o Padre *João Baptista de Castro*, na sumptuosa Igreja de S. Vicente de fóra, em Lisboa, aonde pelos frizos se notão algumas frechas e espadas.

**De S. Julião do Pereiro.** — Teve por auctor a um ermitão portuguez, chamado *Amando*, no tempo do Conde D. *Henrique*, que vivia em uma pequena ermida junto ás ribeiras do Rio Coa e da villa do Pereiro, termo de Pinhel, que aconselhou a erecção desta ordem de cavallaria a um nobre mancebo por nome D. *Soeiro*, o qual foi seu primeiro Superior. Passou esta ordem para Castella com o titulo de *Alcantara*.

**Da Madresilva.** — Teve principio no reinado d'El-Rei D. *João I*, em alguns moços fidalgos que, com beneplacito d'ElRei, tomárão por divisa a *madresilva*, e com este distinctivo de união se assignalárão em acções valorosas (1).

**Da Ala dos Namorados.** — Era uma companhia ou sociedade de fidalgos portuguezes, aventureiros e andantes que, na batalha de Aljubarrota, se formou tomando por distinctivo uma *bandeira verde*, que symbolisava com os seus pensamentos cheios de esperanças, e que consistião em defender sempre valorosamente o posto que

---

(1) É opinião de muitos escriptores nossos que tanto esta ordem como a da *Ala dos namorados*, não devem ser consideradas como ordens militares.

na campanha se lhes confiasse. Acabou com seus proprios instituidores.

**Dos cavalleiros hospitaleiros de S. João de Jerusalem ou de Malta.** — (Veja-se a pag. 526.)

**Dos Templarios.** — Esta ordem, que tanto brilhou em valentia e opulencia, foi fundada em Jerusalem no anno de 1118. Distribuida por toda a christandade, foi introduzida em Portugal em 1126, e extincta em 1311. (Veja-se mais adiante — *Ordem de Christo.*)

A *ordem dos Templarios*, ou dos *Cavalleiros do Templo*, foi a mais celebre que houve no orbe christão. Tendo-se-lhe porém assacado os maiores crimes, actos immoraes e grande numero de absurdos, taes como: serem atheos e feificeiros ao mesmo tempo; cuspirem no Crucifixo; adorarem a cabeça do idolo chamado Baphometo, etc. *Filippe o Bello*, Rei de França, que lhes não era affeiçãoado, e a quem causavão grande ciúme, prevalecendo-se da occasião, extinguiu a mesma ordem em 1307; apossando-se porém da maior parte dos seus bens, e applicando o resto para a ordem de *S. João de Jerusalem*.

Em Paris, forão queimados vivos 59 cavalleiros com o seu Gram-Mestre *Jacques Molay*, protestando todos a sua innocencia; sendo para notar que tendo-se julgado n'outros paizes a causa dos *Templarios*, declarou-se em alguns delles improcedente a accusação, e só em França forão suppliciados.

A Bulla que aboliu aquella ordem é do anno de 1312.

Pertendem muitos auctores que o maior crime dos *Templarios* erão as immensas riquezas que possuão, o seu poder, uma especie de independencia de todo o governo, e algumas sedições que havião excitado, pelo motivo da alteração da moeda em que tinham perdido muito.

### Ordens militares portuguezas existentes

**De S. Bento d'Aviz.** — Foi instituida por D. *Afonso Henriques* em 13 de Agosto de 1162, ficando sujeita á ordem de *Calatrava*, de Castella, de que se separou no tempo d'ElRei D. *João I.* (Veja-se a pag. 480.)

**Antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago do Merito Scientifico, Litterario e Artis-**

*tico*. — Por Alvará de 31 de Outubro de 1862 (1), foi reformada a ordem de *S. Thiago da Espada*, instituída em Portugal por ElRei D. *Affonso Henriques* no anno de 1177; adoptando-se novas insignias para os membros da nova ordem; e determinando-se que os da antiga continuarião a usar sómente das insignias que já tinham.

**De Nosso Senhor Jesus Christo.** — Depois de extinta a ordem dos *Templarios*, foi instituída a de *Christo* por ElRei D. *Diniz*, no anno de 1318, e confirmada em 1319 por Bulla do Papa *João XXII*. (Veja-se a pag. 544.)

**Antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito.** — ElRei D. *Affonso V*, como já se viu a pag. 594, creou a *Ordem da Torre e Espada*, em 1459, para condecorar os cavalleiros que fossem ás conquistas d'África, e a qual conferiu effectivamente aos que com elle assistirão á tomada de *Arzilla* e de *Tanger*. Sendo porém extinta, pouco depois, ou não se fazendo mais uso della para os fins para que se instituiu, foi de novo instaurada pelo Principe Regente (depois D. *João VI*) em 29 de Novembro de 1808, para remunerar os militares não catholicos, a quem a differença de religião não permittia usar das insignias das outras ordens.

Na Regencia do Senhor D. *Pedro*, Duque de Bragança, e por Alvará de 28 de Julho de 1832, foi de novo reformada a mesma ordem, a qual, desde então, se ficou intitulado: — *Antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito*.

**De Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.** — Esta ordem foi creada pelo Senhor D. *João VI*, em 6 de Fevereiro de 1818, por occasião da sua aclamação, e por serem mui frequentes os beneficios que a nação portugueza recebeu sempre do patrocinio da Santissima Virgem da Conceição, declarada Protectora do Reino, pelo Senhor D. *João IV*, por Decreto de 24, e Carta Regia de 25 de Março de 1646. O Alvará de 10 de Setembro de 1819, contendo os respectivos Estatutos, dá-lhe Gram-Cruzes effectivos, que são todas as Pessoas Reaes de um e outro sexo; 12 Gram-Cruzes honorarios, 40 Comendadores, 100 Cavalleiros e 60 Serventes, além dos Comendadores e Cavalleiros natos que o Imperante, que é o

(1) Transcripto no *Diario de Lisboa*, de 3 de Novembro de 1862.

Gram-Mestre da ordem, houver por bem nomear, e que serão reputados extraordinarios (1).

Os grãos das ordens militares de S. Bento de Aviz, Nosso Senhor Jesus Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, são tres: *Gram-Cruz, Commendador e Cavalleiro*.

Os grãos da antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito, e da antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago, etc., são quatro: *Gram-Cruz, Commendador, Official e Cavalleiro*.

### Ordem para Senhoras

**Santa Izabel.** — A Senhora D. *Carlota Joaquina de Bourbon*, esposa do Senhor D. *João* (depois VI deste nome), instituiu, com auctorisação regia, concedida por Decreto de 17 de Dezembro de 1801, quando Princeza do Brasil, a ordem das *Damas Nobres de Santa Izabel*, unicamente para 26 Damas de alta nobreza.

O Alvará da sua instituição é datado de 25 de Abril de 1804.

### Das antigas Côrtes em Portugal

Dava-se este nome a uma Assembléa dos tres Estados do Reino, a saber: clero, nobreza e povo. Nellas reconhecção os Reis tão grande auctoridade, que as fazião reunir por cartas convocatorias, para resolverem os negocios de maior pezo, como o da successão da corôa, imposição de novos tributos, e outros de grande interesse para o Estado.

Estas Assembléas juntavão-se no lugar aonde residia a côrte, e a ellas costumavão assistir os Reis com o manto Real e o sceptro de ouro na mão. Ia adiante do Soberano o Condestavel do Reino com o estoque levantado, e mais adiante o Alferes Mór com a Bandeira Real enrolada, precedendo os Reis d'armas, Arautos e Passavantes vestidos de cottas, aonde se via bordado o escudo de Portugal. — A estes antecedião os Porteiros com maças de prata, e se o acto era para o juramento de algum Principe, precedião a tudo os tymbaleiros e clarins.

---

(1) Veja-se *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal*, por MANUEL BERNARDO LOPES FERDES, Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa — 1861.

Pelo Estado ecclesiastico tinham lugar os Arcebispos e Bispos; por parte da nobreza, os titulares e Senhores das terras, e pela do povo, os Procuradores das villas e cidades.

A preferencia destes ultimos regulava-se pela numeração dos bancos em que se sentavão; assim o banco N.º 1 era destinado aos Procuradores do Porto—Evora—Lisboa—Coimbra—Santarem—Elvas.

O N.º 2 para os de Tavira, Guarda, etc. (1).

**Côrtes em que se tratárão negocios mais importantes para Portugal, desde o principio da monarchia até ao anno de 1698**

- 1143 — **Côrtes de Lamego**, em que ElRei D. *Affonso Henriques* foi reconhecido como tal, e se fizerão as leis fundamentaes do Reino (2).
- 1211 — **Côrtes de Coimbra**, em que se fizerão leis geraes no reinado de D. *Affonso II*.
- 1385 — **Côrtes de Coimbra**. Excluem-se por diversas razões os pertendentes ao throno portuguez. Julga-se devoluta a corôa: elegem as Côrtes o *Mestre de Avis* D. *João* para Rei: elle aceita a eleição, e começa a reinar chamando-se D. *João I*.
- 1438 — **De Leiria**, em que propondo-se, se conviria entregar Ceuta aos Mouros para se resgatar o Infante D. *Fernandô*, se determinou que não, por se não dever perder uma praça para conservar a vida de um homem, ainda que Principe.
- 1438 — **De Torres Novas**, em que se repartiu o Governo do Reino durante a menoridade d'ElRei D. *Affonso V*, e se determinou que andassem na côrte dous prelados, cinco fidalgos, e oito cidadãos, annualmente nomeados. Era como um Conselho permanente, para melhor resolução dos negocios publicos importantes.
- 1439 — **De Lisboa**, em que se encarregou o governo e

(1) Veja-se *Mappa de Portugal*, por JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, tomo I, pag. 445, 2.ª edição.

(2) Ha muitos auctores que duvidão da existencia destas Côrtes. O exacto Chronista Brandão, que primeiro deu á luz as suas leis, confessa a perplexidade em que estivera ácerca da sua publicação, e os motivos que para isso tinha. A data de 1143 é arbitraria, e não tem fundamento solido na nossa historia antiga.

- Regencia do Reino, e a tutoria e curadoria d'El-Rei D. *Affonso V* ao Infante D. *Pedro* seu tio.
- 1481 } De *Evora*, em que se estabeleceu e executou  
 1482 } a fórma de homenagem que os Grandes ficarão  
 prestando ao Rei (1).
- 1499 — Córtes de *Lisboa*, em que foi jurado o Príncipe D. *Miguel*, filho d'El-Rei D. *Manoel*. Nellas se tratou da fórma em que havia de ser governado o Reino de Portugal, caso El-Rei chegasse a entrar na successão de Castella, o que deu occasião á mui notavel lei de 18 de Janeiro deste anno de 1499.
- 1562 — Córtes de *Lisboa*. A Rainha D. *Catharina* demitte a Regencia do Reino, e a tutoria d'El-Rei D. *Sebastião* seu neto. Encarrega-se uma e outra cousa ao Infante Cardeal D. *Henrique*. Trata-se do casamento d'El-Rei em França.
- 1579 — Córtes de *Lisboa*. Tratou-se do importante negocio da successão para o caso em que El-Rei D. *Henrique* fallecesse sem filhos. Proposerão 15 pessoas, das quaes El-Rei escolheu 5 para governarem o Reino, e 24 Jurisconsultos, dos quaes S. M. escolheu 11 para discutirem o negocio da successão, caso não tivesse sido decidido, durante a sua vida. Os nomes dos escolhidos ficarão em cofre de tres chaves guardadas com grande recato.
- 1581 — Córtes de *Thomar*, em que os tres Estados jurarão obediencia a D. *Filippe II*, e elle jurou guardar os fóros do Reino, e as amplas promessas que lhe fazia, em grande parte conformes á lei de 18 de Janeiro de 1499.
- 1641 — Córtes de *Lisboa*. Ratifica-se o juramento já prestado a El-Rei D. *João IV*. — É jurado o Príncipe D. *Theodosio*. El-Rei ha por levantados todos os tributos impostos pelos Reis castelhanos. — Nestas Córtes se allegarão como fundamentaes as leis de *Lamego*.
- 1642 — Córtes de *Lisboa*. Assentou-se serem necessarios para a guerra dois milhões e quatrocentos mil cruzados annuaes, que havião de ser pagos pelas decimas. — Foi accusado *Francisco de Lucena*. —

(1) Estas Córtes começarão em *Evora* e acabarão em *Vianna* a par de *Alvito*.

Propoz-se que para o futuro, tendo o Rei o governo de dous Estados, seriam governados, um pelo primogenito, e o outro pelo filho segundo d'ElRei, etc.

- 1645 } Córtes de Lisboa. Assentou-se serem necessa-  
 1646 } rios para guarnecer as fronteiras do Reino 16:000  
 infantes e 4:000 soldados de cavallaria, e para a  
 manutenção destas tropas, dois milhões e cento e  
 cinquenta mil cruzados que devião tirar-se das  
 decimas, do real d'agua e de outras consignações.  
 Foi declarada Padroeira do Reino *Nossa Senhora  
 da Conceição*.
- 1668 — Córtes de Lisboa, convocadas pelo Infante  
 D. Pedro. É este Principe jurado Governador do  
 Reino. Trata-se do seu casamento com a Rainha  
 D. Maria Francisca Izabel de Saboya, divorciada  
 de seu irmão ElRei D. Affonso VI. — Pede-se a  
 conclusão da paz, e estabelecem-se subsidios para  
 a fortificação das fronteiras, etc.
- 1674 — Córtes de Lisboa, em que se regulou a fórma  
 da Regencia do Reino, e tutoria dos Reis durante  
 a sua menoridade, ou incapacidade.
- 1679 } Dispensarão-se (em Córtes de Lisboa) as leis de  
 1680 } Lamego para que a Princeza D. Izabel, filha de  
 D. Pedro II, pudesse casar com Principe estran-  
 geiro, sem por isso perder o direito á corôa.
- 1697 } Córtes de Lisboa. É jurado como successor o  
 1698 } Principe D. João, filho de D. Pedro II. — Deroga-  
 se o capitulo das Córtes de Lamego, que ordenava  
 que o filho do irmão do Rei não fosse Rei sem ser  
 eleito em Córtes.

### Relação chronologica summaria das navegações, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes (1)

#### Reinado de D. João I

1412 — Principio das navegações e descobrimentos do  
 grande *Infante D. Henrique*.

(1) O Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarca, D. FRANCISCO DE S. LUIZ, a quem se deve, como é sabido, este tão importante trabalho, dignou-se permitir que o *Manual Encyclopedico* fosse com elle enriquecido.

1415 — Conquista de *Ceuta*: primeira expedição dos Portuguezes a Africa, commandados por ElRei D. João I.

1418 — Descobrimto da *Ilha de Porto Santo*, por *Bartholomeu Perestrello*.

1419 — Descobrimto da *Ilha da Madeira*, por *João Gonçalves Zarco* e *Tristão Vaz Teixeira*.

1425 — Povoação das *Ilhas da Madeira, Porto Santo e Deserta*: plantação da canna do assucar mandada vir da *Sicilia* para a *Madeira*, e da malvasia vinda da *Ilha de Candia*.

1429, ou 1430 — Dobrão os Portuguezes o *Cabo Bojador*, e fica aberta a costa occidental da Africa ás suas navegações e ulteriores descobrimentos. Alguns põem esta passagem do *Bojador* em 1433. Foi executada por *Gil Eannes*, natural de Lagos.

1431-1432 — Descobrimto da *Ilha de Santa Maria*, a primeira do Archipélago dos Açores, por *Gonçalo Velho Cabral*, Commendador de Almourol.

1438 — Attribuem alguns a este anno a organização da famosa Escóla de Astronomia, Cosmographia e Náutica, estabelecida pelo *Infante D. Henrique* em Sagres.

### Reinado de D. Duarte

1440 — Descobrimto do *Senegal*, por *Diniz Fernandes*.

### Reinado de D. Affonso V

1444 — Descobrimto de *Cabo Verde*, por *Diniz Fernandes*.

1444 — Estabelecimento da *Companhia de Lagos*, para continuar os descobrimentos, e fazer o commercio de Africa, debaixo da direcção do *Infante*, e com as condições por elle ordenadas.

1444? — Descobrimto da *Ilha de S. Miguel*, segunda do Archipélago dos Açores.

1445 — Descobrimto desde o *Rio Barbacim*, sessenta milhas além de *Cabo Verde*, até o *Gambia*. Nesta viagem foi *Cadamosto* quem a descreveu na sua primeira relação. Já erão conhecidas quatro ilhas no *Golfo de Arguim*.

1445 — Descobrimto da *Angra de Gonçalo de Cintra*, adiante do *Rio do Ouro*.

1446 — Segunda viagem, em que foi *Cadamosto*. Descobre-se a costa até o *Rio Grande*, e quatro das Ilhas de *Cabo Verde*, e outras quatro que parece serem as de *Bisnagos*.

1446-1447 — Descobrimto do *Rio de Nuno*, e do *Rio de Tabile*.

1449 — Fundação do *Castello de Arguim*, primeiro que levantámos na África occidental.

1449 — Povoação de algumas das *Ilhas dos Açores*, e provavel descobrimto da *Terceira* que, no anno seguinte, se dizia *ter sido descoberta pouco tempo antes*. Alguns attribuem tambem a este anno o descobrimto da *Ilha de S. Jorge*, outra dos Açores.

1453 — Neste anno, doou ElRei D. *Affonso V* ao Duque de Bragança a *Ilha do Corvo*, ainda despovoada, prova de que tinha sido descoberta pouco antes, e acaso em 1452, porque a doação é de Janeiro de 1453.

1458 — Conquista da praça de *Alcacer-Ceguer*, na Mauritania Tingitana, por ElRei D. *Affonso V*, que tomou então o dictado de «*Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceuta e de Alcacer em Africa*».

1460 — Fallecimento do Grande *Infante D. Henrique*, a 13 de novembro, na sua villa «*Villa-nova do Infante*» por elle mesmo fundada no promontorio de *Sagres*. Tinham os Portuguezes chegado quasi a *Serra Leoa*, em 8 grãos septentrionaes.

1460-1461 — *Pedro de Cintra* continúa o descobrimto da costa occidental da Africa, desde o *Rio Grande* até ainda além do *Cabo Mesurado*, espaço de mais de 629 milhas da costa para o Sul.

1469 — Descobrimto do *Resgate do Ouro*, a que chamarão a *Mina*. Alguns escriptores dizem que neste anno chegarão os navegadores portuguezes ao *Cabo de Santa Catharina*, que os nossos antigos arrumavão aos 2 grãos austraes.

1469-1471 — A estes annos se devem referir os descobrimtos do *Cabo de Lopo Gonçalves*; da *Ilha Formosa*, que depois se chamou de *Fernando Pó*, e das Ilhas do *Corisco*, *Anno Bom*, *S. Thomé* e *Principe*.

1471 — Conquista de *Arzilla* e *Tanger*, na Mauritania, por ElRei D. *Affonso V*, que desde então se intitulou «*Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa*».

## Reinado de D. João II

1481-1482 — Fundação do Castello e povoação de *S. Jorge da Mina*, por *Diogo de Azambuja*, de mandado d'ElRei D. *João II*, que depois, no anno de 1486, deu aquella povoação o nome e fôro de cidade. Paz e commercio com *Casamanza*, Rei, ou Senhor daquella costa.

1484-1485 — *Diogo Cam*, despachado por ElRei D. *João II* á costa d'Africa, descobre o grande *Rio Zaire*, e o *Reino do Congo*, e chega, na segunda viagem, até os 22 grãos austraes. Por este tempo accrescenta ElRei ao seu dictado o de *Senhor de Guiné*.

1486 — *João Affonso de Aveiro* descobre o Reino e terras de *Benin*, em *Guiné*.

1486 — Os habitantes de *Azamor*, na Mauritania, se mandão submeter á obediencia d'ElRei de Portugal, obrigando-se a um tributo annual.

1486 — Famosa e fausta expedição do insigne *Bartholomeu Dias*, mandado por ElRei ao descobrimento do grande *Cabo*, que termina a *Africa* ao Sul. *Bartholomeu Dias* passou ainda além do *Cabo* até o *Rio do Infante*, já na costa oriental da *Africa*. O nome que deu ao *Cabo*, chamando-lhe das *Tormentas*, foi mudado pelo grande Rei no de *Cabo da Boa Esperança*.

1487 — Viagem de *João Peres da Covilhã* e *Affonso de Payva* á *India* e *Abyssinia*, por terra, mandados pelo mesmo Rei D. *João II*.

1491 — Fundação da primeira *Igreja christã e catholica* no *Congo* pelos Portuguezes.

1493 — Dá ElRei a Capitania da *Ilha de S. Thomé*, a *Alvaro de Caminha*, Cavalleiro da sua casa, e a manda povoar.

1495 — Fallece o grande Rei D. *João II*, deixando quasi prompta a armada que havia de ir ao descobrimento da *India*.

## Reinado de D. Manoel

1497-1499 — Descobre o illustre *Vasco da Gama* a *India*, mandado por ElRei D. *Manoel*, e volta a Portugal. ElRei toma o titulo de «*Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de Guiné e da*

*Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.»*

1500 — *Pedro Alvares Cabral*, mandado com segunda expedição á India, é arrojado a um continente então desconhecido, aonde tomou terra, e esteve por alguns dias. Chamou-lhe *Terra da Vera-Cruz*, hoje *Brasil*.

1500 — *Gaspar Corte Real*, nobre Portuguez, toma a direcção do Norte, e vai descobrir a *Terra de Corte Real*, correndo (segundo um geographo estrangeiro) a vasta extensão das costas comprehendidas entre os 57 e 77 grãos de longitude a Oeste de Paris, e entre os 52 e 62 de latitude septentrional.

1501 — *João da Nova*, mandado á India, descobre a *Ilha da Ascensão* no Oceano ethiopico; outra, que se ficou chamando de *João da Nova*, ao Oriente da África, e ultimamente, quando já no anno seguinte voltava a Portugal, a *Ilha de Santa Helena*, tão famosa nos nossos dias.

No mesmo anno de 1501, mandou ElRei D. *Manoel* tres náos ao descobrimento e exploração das terras achadas e tocadas por *Cabral*. Nesta expedição fez *Americo Vespuccio* a sua primeira viagem, em serviço de Portugal.

1502 — Volta *Vasco da Gama* á India, e na costa oriental da Africa faz tributario o Rei de *Quilóa*, primeiro Principe daquellas regiões que pagou páreas a Portugal.

1503 — *Antonio de Saldanha*, indo para a India, dá o seu nome á *Aquada de Saldanha*.

1503 — Manda ElRei segunda armada a explorar as costas e terras de *Santa Cruz (Brasil)*, e nella faz segunda viagem *Americo Vespuccio*.

1505 — Vai á India, por primeiro Vice-Rei, o illustre D. *Francisco d'Almeida*, acompanhado de uma poderosa armada. Funda algumas fortalezas, e corôa solememente o Rei de *Cochim*. Seu filho D. *Lourenço d'Almeida* descobre *Ceylão*; e *Pedro de Anhaia* funda a fortaleza de *Çofala*, na Africa oriental.

1506 — Descobrimto das *Ilhas de Tristão da Cunha*.

1506 — Descobrimto da grande *Ilha de S. Lourenço (Madagascar)*.

1506 — O grande *Albuquerque* emboca o *Estreito do Golfo arabico*.

1506 — Funda *Diogo de Azambuja*, por ordem de ElRei, o *Castello Real (Mazagão)* na Mauritania.

1506 — Neste anno veiu da India a Portugal o primeiro elefante, mandado a ElRei pelo illustre *Almeida*.

1507 — *D. Lourenço d'Almeida* descobre as *Ilhas Maldivas*.

1507 — *Duarte de Mello* funda a fortaleza de *Moçambique*, e nella uma igreja e um hospital.

1507 — *Tristão da Cunha* corre a costa de *Ajam*, destroe *Oja* e *Braba*, submete *Lamo*, e toma e reforma a fortaleza de *Socotorá*.

1507 — *Affonso de Albuquerque* corre a costa da *Arabia* e *Persia*, entra em *Ormuz*, faz o seu Rei tributario, e começa a levantar fortaleza.

1508-1509 — *Diogo Lopes de Sequeira* é mandado por ElRei a reconhecer a *Ilha de S. Lourenço*, e a descobrir *Malaca*. No caminho para *Malaca*, tocou *Pedir* e *Pacém*, na *Ilha de Sumatra*, e em ambas as cidades assentou paz com os Reis, e levantou padrões portuguezes.

1510-1511-1515 — Fundação do imperio portuguez no Oriente pelo heroico *Affonso de Albuquerque*, que nestes annos conquistou *Goa*, *Malaca* e *Ormuz*.

1511 — Conquistada *Malaca*, despachou *Albuquerque* descobridores e Embaixadores para *Sião*, *Pegú*, *Maluco*, *Jauha* e *China*.

1511 — Entrão os Portuguezes nas *Molucas* (*Ilhas do Cravo*).

1512-1513 — *Albuquerque* recebe Embaixadores de varios Principes do Oriente.

1513 — Recebe tambem o Embaixador do *Abexi*, que vinha da *Ethiopia* para passar a Portugal com cartas daquelle Principe.

1513 — Ajusta capitulação de paz com *Calecut*.

1513 — Restitue o Rei das *Maldivas*, que se faz tributario a Portugal.

1513 — Entra no Golfo arabico, toma a *Ilha de Camaram*, levanta um padrão na *Ilha de Mehum*, ás portas do Estreito, etc.

1513 — A este anno reduzimos o descobrimento da *Ilha de Mascarenhas*, que os Francezes depois denominarão de *Bourbon*.

1513 — Os Portuguezes, commandados pelo Duque de Bragança, conquistão *Azamor*, *Tite* e *Almedina*, na *Mauritania*, sobre a costa do Atlantico.

1514 — Recebe ElRei em Lisboa o Embaixador da *Abyssinia*, de que acima fallámos, e outro do Rei de *Ormuz*.

1514 — Vem a Lisboa um *Naire*, mandado pelo Rei de

*Calicut*, para aprender a lingua e os costumes portuguezes. Converte-se, e recebe o baptismo.

1515 — Recebe *Albuquerque* o Embaixador da *Persia*, e envia a *Ispahan* *Fernam Gomes de Lemos*, que foi muito bem recebido, e já estava de volta em *Cochim* em 1517.

1515 — Fallece o grande *Albuquerque* no mar, á vista de *Goa*, aos 16 de Dezembro deste anno. Nunca a inveja e a ingratitude sacrificarão mais illustre victima!

1516 — *Duarte Coelho* descobre a *Cochinchina*.

1517 — *Fernam Peres de Andrade* faz ajustes de paz com o Rei de *Patane*. Aporta á Ilha de *Tamou*, perto do continente da *China*. Ajusta paz e commercio com os Governadores de *Cantam*, e põe em terra *Thomé Pires*, Embaixador áquelle Imperio.

1517 — *Jorge Mascarenhas* vai ao descobrimento da *Lequia* (*Ilhas de Liew*).

1517 — *Duarte Galvão*, Embaixador d'ElRei á *Abysinia*, fallece na Ilha de *Camaram*, no Golfo arabico.

1518 — *Duarte Coelho* ajusta paz e commercio com o Rei de *Siam*, e levanta o padrão portuguez na côrte de *Hodiá*.

1518 — Fundão os Portuguezes a fortaleza de *Columbo*, em *Ceylão*.

1518 — Vai D. *Tristão de Menezes* a *Maluco*, com cartas e presentes para os Reis daquellas ilhas, encarregado de assentar com elles o trato do cravo.

1519 — *Antonio Corrêa* ajusta paz e amizade com o Rei de *Pegú*.

1519 — Famosa expedição do illustre cavalleiro portuguez *Fernam de Magalhães*. Primeira viagem á roda do globo da terra.

1521 — Fallecimento d'ElRei D. *Manoel* a 13 de Dezembro.

### Reinado de D. João III

1522 — Fundação da fortaleza de *Ternate* nas *Molucas*. Lanção os Portuguezes os primeiros fundamentos á cidade de *S. Thomé*, a pouca distancia da antiga *Meliapor*, na costa de *Coromandel*.

1522 — Principio das viagens de *Antonio Tenreiro*.

1524 — Vai terceira vez á *India*, com o titulo de Vice-Rei, o grande D. *Vasco da Gama*, e fallece em *Cochim* a 25 de Dezembro.

1525 — Neste anno, ou ainda antes, foi descoberta pelos Portuguezes a grande terra, que depois se chamou *Nova Hollanda*. (Veja-se *Malte Brun, Hist. da Geograph.* liv. 23.)

1527 — 1530 — O Rei de *Bintão* se faz tributario a Portugal, por ter sido restituído aos seus Estados pelas armas portuguezas. — *Nuno da Cunha* faz tributario o Rei de *Mombaça*. — *Belchior de Sousa Tavares* vai em auxilio do Rei de *Boçorá*, e é o primeiro Portuguez que entra pelos rios *Tigré e Eufrates*.

1530 — Primeiro principio, e plano da colonisação do Brasil por ElRei D. *João III*. — *Martim Affonso de Sousa* vai com uma armada reconhecer e explorar as costas daquelle continente. Seu irmão *Pero Lopes de Sousa* escreveu o *Roteiro* da viagem, que agora, pela primeira vez, sahiu á luz da Imprensa.

1534—1535 — O Rei de Cambaya cede a Portugal *Bacaim* com todas as suas terras e portos, e permite que os Portuguezes fundem fortaleza em *Diu*. — Em 1534, navegou para a India *Garcia de Horta*, Portuguez que, em Goa, escreveu e imprimiu o seu *Colloquio sobre as drogas e simplices do Oriente*, em 1563.

1536 — Gloriosos trabalhos do virtuoso *Antonio Galvão* nas *Molucas*; seu zelo pela propagação do Christianismo. Fundação de um *Seminario* para educação e instrução dos meninos que viessem daquellas diversas gentes doutrinar-se na Religião christã.

1537 — Principio das estupendas peregrinações de *Fernão Mendes Pinto*.

1538 — Primeiro cerco de *Diu*, defendido heroicamente por *Antonio da Silveira*.

1540 — Fundação do Collegio de Santiago de *Crãnganor* para educação dos filhos dos gentios convertidos, ordenado por Fr. *Vicente de Lagos*, frade menor de S. Francisco.

1541 — O Governador da India, D. *Estevão da Gama* navega com uma grande armada por todo o *Golfo arabico* até *Suez*. O illustre D. *João de Castro* escreve o *Roteiro* desta viagem, denotando e arrumando os portos, enseadas, rios, costas e lugares daquelle mar com uma exacção, miudeza e verdade, que não tem sido excedida dos modernos. — No mesmo anno, foi a expedição de D. *Christovão da Gama* com 500 Portuguezes em soccorro do *Abexi*.

Fundou-se tambem em 1541 o *Seminario da Santa Fé de Goa*, para instrucção dos meninos christãos e dos neófitos gentios. Nos papeis primitivos desta instituição, se nomeavão os meninos dos *Canarins, Decanis do Norte, Malabares, Chingalas, Bengalas, Pegús, Malaios, Jáos, Chinas e Abexis*. Que tão extenso era já o trato civil e religioso dos Portuguezes com aquellas gentes e regiões!

1542 — Primeiro conhecimento das costas do *Japão* pelos Portuguezes.

1542 — Por este tempo, tinham já os Portuguezes um consideravel estabelecimento em *Liampó* (ou *Nimpó*) na costa oriental da *China* a 30 gr. septentrionaes. D'ahi passarão a *Chincheu*, pelos annos de 1549, e ultimamente a *Macau* em 1557, como se dirá em seu lugar.

1545 — Passando neste anno a governar a India o illustre D. *João de Castro*, escreveu de *Moçambique* a ElRei, annunciando-lhe o recente descobrimento da bahia e rios que, do nome do seu descobridor, se ficarão chamando de *Lourenço Marques*.

1546 — Neste anno escrevia ElRei ao Imperador de Abyssinia, e aos Portuguezes que lá andavão, recommendando-lhes o descobrimento de algum caminho pelo interior para a costa de *Melinde*, e tambem do *Abexi* para a costa occidental da Africa por terra.

1546 — No mesmo anno foi o 2.º famoso cerco de *Diu*, defendido heroicamente por D. *João de Mascarenhas*, e rematado com uma assignalada victoria por D. *João de Castro*. Este grande homem falleceu em *Góa* em 1548.

1549 — *Thomé de Sousa* lança os fundamentos á cidade de *S. Salvador da Bahia*, que ElRei mandava fundar para capital dos vastos Estados do Brasil.

1549 — *S. Francisco Xavier* prêga o Evangelho em diversas cidades do *Japão*, demorando-se ahi dois annos e quatro mezes. Em 1552, falleceu na ilha de *Sanchoan*, ás portas da *China*, aonde o levava o seu ardente zelo apostolico.

1550-1551 — Fundação dos dois seminarios de *Salcete do Norte e Punicale* pelos Jesuitas.

1550-1551 — Os Portuguezes tomão *Geilólo*, capital da Ilha do mesmo nome, no Archipelago das Molucas.

1556 — Neste anno prêgava a Fé christã na *China* o Dominicano Fr. *Gaspar da Cruz*, que depois escreveu um *Tratado das cousas da China*.

1557 — Por estes annos, tendo os Portuguezes debellado e afugentado os piratas que infestavão os portos da China, se estabelecêrão em Macau com aprazimento e grande satisfação dos Chinezes. Este foi o primeiro principio daquella colonia, que até hoje se conserva no dominio portuguez, e regida pelas leis portuguezas.

1557 — Neste anno, falleceu ElRei D. *João III.*, a 11 de Junho, succedendo-lhe no throno seu neto D. *Sebastião.*

### Reinado de D. Sebastião

1559 — O Vice-Rei da India D. *Constantino de Bragança* toma neste anno a cidade de *Damão*, e logo no seguinte, a *Ilha de Manar*, principal pescaria das perolas de *Ceylão*, aonde levantou fortaleza.

1560 — Descobrimto da *Ilha de S. Paulo*, denotada em 37° e 45'. Descobrimto da *Ilha de S. Francisco* no Brasil por *Duarte d'Albuquerque Coelho*, donatario da capitania de Pernambuco, que, com seu irmão *Jorge de Albuquerque*, andava na conquista e defeza das terras da capitania.

1567 — *Mem de Sá*, Governador geral do Brasil, lança os fundamentos á cidade do *Rio de Janeiro*, que chamou «de S. Sebastião» em memoria d'ElRei.

1569 — Fundão os portuguezes a fortaleza de *Amboino*.

1569 — *Francisco Barreto* vai á expedição de *Monomotapa*, e *Minas de Çofala*, etc.

1569 — Foi por este tempo a grande conspiração dos mais poderosos Reis da India contra os Portuguezes. O insigne Capitão D. *Luiz de Athaide* defende aquelles Estados com admiravel valor, constancia, pericia militar e fortuna.

1574-1575 — Fundação definitiva do Reino de *Angola* pelo illustre *Paulo Dias de Novaes* (digno descendente de *Bartholomeu Dias*) de mandado d'ElRei D. *Sebastião.*

### Reinado de D. Henrique

1580 — O Rei de *Ceylão* faz doação de seus Estados a ElRei de Portugal, por não ter filhos que lhe succedessem.

## Reinado de D. Filippe I, Rei intruso

1582 — Submette-se aos Portuguezes a Ilha de *Labua* no Archipelago das *Molucas*.

1583 — O Rei de *Chale* se faz tributario a Portugal.

1587 — Os Portuguezes levantão fortaleza em *Mascate*.  
D. *Paulo de Lima* expugna a cidade de *Jor*, e entra triunfante em *Malaca*.

1590 — *Candy*, capital de *Ceylão*, é tomada pelos Portuguezes.

1595 — Levantão os Portuguezes fortaleza em *Solor*.

1597 — Por fallecimento do Rei de *Columbo*, sem successão, é aclamado Rei o de Portugal, a quem elle doára os seus Estados.

## Reinado de D. Filippe II, Rei intruso

1599 — D. Fr. *Aleixo de Menezes*, Arcebispo de *Gôa*, visita a Christandade das *Serras do Malabar*, e celebra Synodo.

1600 — Fundação de uma casa forte no *Pegú* pelo celebre Portuguez *Salvador Ribeiro de Sousa*, que chegou a ser aclamado Rei do *Pegú* em 1603.

1602 — Viagem do Jesuita portuguez *Bento de Goes* ao descobrimento do *Gram-Catayo*.

1606 — Tentativa do Governador de *Angola*, D. *Manoel Pereira Forjaz* para o descobrimento de um caminho de comunicação com a contracosta pelo interior da *Africa*.

1606-1607 — Viagem de *Nicolão de Orta*, de *Gôa* a Portugal por terra.

1607 — O *Monomotapa* doa a ElRei de Portugal as minas que se achassem nos seus Estados.

1609 — Conquistão os Portuguezes a Ilha de *Sundiva*, dependente do Reino de *Aracan*, e situada a pouca distancia da terra firme de *Bengala*.

1610 — Publicação das viagens de *Pedro Teixeira*.

1613 — Viagens de exploração á Ilha de *S. Lourenço*, ordenadas, neste anno e seguintes, pelo Vice-Rei da India D. *Jeronymo de Azevedo*.

1614-1615 — *Jeronymo de Albuquerque Coelho* lança do *Maranhão* os Francezes, e funda a nova colonia, que deu principio áquelle Estado.

1619-1620 — Avassallão os Portuguezes o Rei de *Dongo* no sertão de *Angola*.

### Reinado de D. Philippe III, Rei intruso

1624 — O P. *Antonio de Andrade*, Jesuita Portuguez, faz a sua primeira viagem ao *Tibet*, entra na capital daquelle Reino, e funda alli missão christã.

1637 — Viagem de *Pedro Teixeira* desde o Pará até *Quito*.

1648 — *Salvador Correia de Sá* lança os Hollandezes do Reino e Possessões africanas de *Angola*. O Rei de *Congo*, que com elles se alliára, obtem a paz, cedendo a Portugal a Ilha de *Loanda*.

### Reinado de D. Affonso VI

1660 — Empreza da navegação de um Portuguez desde o Japão pelos mares do *Polo arctico*. (Veja-se Mr. de *Bua-che*, *Parallèle des fleuves*, na *Hist. e Memoir. da Acad. R. das Scienc. de Paris*, anno de 1753.)

1668? — Manda ElRei de Portugal Embaixador á *China*, que obtem algumas liberdades para a Religião e para o commercio.

1668? — Tentativa do Governador de *Angola*, *Ayres de Saldanha*, para abrir communicação por terra para a contracosta de *Sena*.

1682 — Principal descobrimento das terras de *Goiazes*, no Brasil, por *Bartholomeu Bueno da Silva*.

### Reinado de D. Pedro II

1696 — Descobrem os Portuguezes o aljofar e perolas nos mares de *Çofala*, e as minas de prata no Reino de *Maranga*.

### Reinado de D. João V

1719 — Descobrimto das novas minas de ouro de *Cuiabá* e *Goiazes*, sendo a mais preciosa a do *Serro do Frio*. Já no reinado de ElRei D. *Pedro II* se tinha começado a descobrir minas de ouro no Brasil.

1722 — Vem a Portugal Embaixadores de um Príncipe poderoso da Ilha de S. *Lourenço*, offerecendo a ElRei os portos do seu Reino para nelles mandar levantar fortalezas.

1723 — É despachado pelo Governo do Pará o Capitão *Francisco de Mello Palheta* com uma tropa de exploração, para correr e examinar o Rio *Madeira*, aonde já em 1716 tinha ido outra expedição portugueza.

1725 — Manda ElRei a *Alexandre Metello* por seu Embaixador á *China* a cumprimentar o Imperador pela sua exaltação ao throno. O Embaixador entra em *Pekin* em 1727.

1741-1743 — Primeira exploração do Rio *Aporé* pelos moradores de *Matto-Grosso*.

1749-1750 — Viagem mandada fazer por ElRei de Portugal desde o *Gram-Pará* pelo *Amazonas* e *Madeira* até *Matto-Grosso*.

#### Reinado de D. José I

1774-1775 — Viagem pelo *Amazonas* e *Rio Negro* feita por *Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio*, Ouvidor da Capitania de S. *José de Rio Negro*.

#### Reinado de D. Maria I

1783 — Viagens de alguns naturalistas, mandados pela Rainha a Senhora D. *Maria I* aos sertões da America e a *Moçambique*, para examinarem as producções naturaes dos differentes paizes.

1796 — Viagem no Reino de *Dahomé*, em Africa, feita por *Vicente Ferreira Pires*, natural da Bahia, mandado Embaixador ao Rei daquelle paiz.

1798 — *Francisco José de Lacerda e Almeida*, Doutor em Mathematica, Governador dos *Rios de Sena*, emprehende, por ordem do Governo de Portugal, a viagem á contracosta occidental pelo interior da Africa, e chega ás terras do Rio *Cazembe* (ponto que se julga central entre as duas costas) aonde falleceu.

1807-1810 — O Capitão General e Governador de Angola, *Antonio de Saldanha da Gama* (depois Conde de Porto Santo) manda primeira e segunda expedição desde *Loanda* á contracosta, com feliz successo; vindo por esta

via cartas de *Moçambique*, que se recebêrão em Angola, governando já aquelle Reino *José de Oliveira Barbosa*.

---

## LITTERATURA PORTUGUEZA

Póde dividir-se a historia da lingua e da litteratura portugueza em varios periodos. O 1.<sup>o</sup> desde o principio da monarchia até ao reinado d'ElRei D. DINIZ. O 2.<sup>o</sup> desde D. DINIZ até D. JOÃO I. O 3.<sup>o</sup> desde D. JOÃO I até quasi aos fins do seculo XVI. O 4.<sup>o</sup> d'ahi até á restauração e reforma dos Estudos por ElRei D. JOSÉ I.

Pouco se póde dizer do 1.<sup>o</sup> periodo, em quanto á lingua portugueza, por nos faltarem escriptos em que possamos fundar os nossos juizos; e porque todos os documentos publicos desse periodo são lavrados no latim barbaro, que era commum em toda a Europa. Algumas razões contudo nos fazem crer que nesse mesmo tempo foi a lingua portugueza ganhando, não só copia de vocabulos, mas tambem alguma maior regularidade nas suas fórmas e syntaxe.

Pelo que respeita porém á litteratura, sabemos que não foi de todo desprezada, e que havia no Reino algumas Escolas de ensino publico e particular, a que davão proveitoso auxilio os Portuguezes que ião instruir-se nas mais celebres Escolas estrangeiras, ou os estrangeiros que vinhão estabelecer-se entre nós. Devemos porém confessar que estes estudos não podião deixar de ser proporcionados ao estado geral da ignorancia e barbarie que ainda dominava nos differentes paizes da Europa.

O 2.<sup>o</sup> periodo foi mais feliz; porquanto, começando a reinar ElRei D. DINIZ, em 1279, logo as letras recebêrão o grande impulso que se devia esperar da boa educação e natural genio deste illustre Príncipe. Foi elle o primeiro que entre nós, com sabia e judiciosa politica, ordenou que os documentos publicos se escrevessem na lingua portugueza, abandonando o latim barbaro que então estava em uso, e que ainda por muito tempo se continuou em outras nações. Fez traduzir em portuguez varias obras, e entre ellas o Codigo chamado *das partidas*, e muitas leis antigas de seus predecessores, que depois se compilarão no Codigo nacional. Fundou a Universidade, primeira Escola geral do Reino, de que pelos tempos adiante sahirão tan-

tos homens doutos, como é notorio. Finalmente, cultivou com particular esmero as Musas portuguezas, dando assim util exemplo e estimulo aos Senhores da sua côrte, e a outros Portuguezes que o imitarão na mesma gloriosa carreira.

Seu filho o Conde de Barcellos, D. PEDRO, pôde reputar-se um dos primeiros creadores da Historia portugueza. Em Alcobaça, estabeleceu o Abade D. ESTEVÃO uma Escola de latinidade e logica. D. DOMINGOS ANNES JARDO, Bispo de Evora, e depois de Lisboa, Chanceller e valido d'ElRei D. DINIZ, fundou e dotou um Collegio de estudos em Lisboa, etc.

ElRei D. AFFONSO IV e seu filho D. PEDRO, 1.<sup>o</sup> deste nome, continuarão a amar e a favorecer as letras, á imitação de seu grande pai e avô D. DINIZ.

O proprio Rei D. FERNANDO, sem embargo dos graves defeitos que teve como Rei, não foi indifferente á cultura dos estudos. Transferiu a Universidade de Coimbra para Lisboa, para contentar os Lentes estrangeiros, que para ella havia convidado, e que preferião a habitação de Lisboa, por ser porto de mar. As leis deste Principe, que vem compiladas no *Codigo Affonsino*, parecem notaveis pela sua linguagem, e dão algum indicio de que em seu tempo se não tinha em pouca conta a elegancia e polidez do idioma patrio. Finalmente, no seu reinado e no precedente se crearão os homens distinctos, que logo achámos figurando com dignidade no seguinte Reinado d'ElRei D. JOÃO I. Taes, são, por exemplo, o douto e eloquente JOÃO DAS REGRAS; o Arcebispo de Braga, D. LOURENÇO VICENTE; D. JOÃO AFFONSO DE AZAMBUJA, que depois foi Arcebispo de Lisboa e Cardeal; o Agostiniano Fr. JOÃO DE S. THOMÉ, grande Letrado; D. ANTÃO MARTINS DE CHAVES; o Doutor MANGAANCHA, e os illustres jurisconsultos, que lançarão as primeiras linhas do novo Codigo, etc.

3.<sup>o</sup> periodo. O reinado d'ElRei D. JOÃO I abre, com o seculo 15, um novo periodo de gloria á litteratura portugueza, que d'ahi em diante foi sempre subindo até chegar ao alto grão em que a vemos quasi pelos fins do seculo 16.

ElRei D. JOÃO I, não obstante os trabalhos e cuidados de uma guerra aturada, não deixou nunca de promover e favorecer as letras. Elle mesmo fez algumas traducções em portuguez, e mandou começar a compilação do Codigo em lingua portugueza, que depois se promulgou no reinado de seu neto D. AFFONSO V. Na sua côrte andavão

homens mui distinctos na eloquencia patria, como se pôde colligir da menção que delles fez FERNAM LOPES. Os filhos deste grande Rei forão todos muito instruidos. Ninguem ignora o grande cabedal de doutrina e instrucção que o Infante D. PEDRO trouxe de suas extensas viagens, e da communicacão com muitos homens doutos, que então illustravão a Italia; a sua grande paixão pela Poesia, de que temos preciosos fragmentos; as outras suas obras ou traducções em portuguez, e as cartas de *avisamentos* que dava a ElRei, seu irmão, para o governo do Reino, dignas por certo das suas virtudes e da sua prudencia politica.

Da mesma sorte ninguem ignora os grandes e assignalados serviços que fez ás letras, ás sciencias e á civilisacão geral do mundo o outro Infante D. HENRIQUE, *a cujo genio e diligencias* (dizem os auctores da HISTORIA UNIVERSAL) *se devem todas as vantagens procedidas do descobrimento da maior parte da Africa e das Indias, oriental e occidental, e todas as que dellas se derivarem até ao fim dos seculos.*

ElRei D. DUARTE, irmão mais velho dos dois Principes que deixámos nomeados, e successor de seu pai no throno, foi um raro exemplo de saber e de virtude. As suas obras moraes são a pintura da sua bella alma, e o melhor elogio do seu reinado. A elle, especialmente, deve Portugal o corpo de Chronicas dos Reis antigos que mandou colligir, e a judiciosa escolha que para isso fez do douto e veridico FERNAM LOPES, com razão appellidado o *Pai da prosa e do periodo portuguez.*

Seríamos infinito se quizessemos aqui individuar os progressos que neste seculo feliz fizeram os Portuguezes nas sciencias, nas artes e na litteratura. Basta lembrar a publicacão do nosso primeiro Codigo, de que já fallámos; as outras empresas d'ElRei D. AFFONSO V, e o seu amor ás sciencias e aos sabios; a singular pericia d'ElRei D. JOÃO II em varias artes, e principalmente na ardua e difficil arte de reinar; e por ultimo, os muitos e grandes homens que no reinado do venturoso D. MANOEL, levárão o nome, a fama e a gloria dos Portuguezes até ás mais remotas extremidades do mundo.

ElRei D. JOÃO III, que succedeu no throno a seu pai D. MANOEL, tomou grande interesse pelas letras; e um de seus maiores empenhos, foi a reforma (ou antes nova creacão da Universidade) que executou no anno de 1537, con-

vidando para ella os mais distinctos sabios, tanto nacionaes, como estrangeiros.

A Imprensa, que foi uma nova creação para o mundo intellectual, e que se introduziu em Leiria, segundo a opinião de alguns escriptores portuguezes de boa nota, pelos annos de 1470 a 1474, começou a espalhar entre nós seus beneficios. Apesar da imperfeição da typographia que se estreava, bem depressa começaram a ver a luz as inspirações poeticas, excedendo a todas as de BERNARDIM RIBEIRO, de que adiante se fallará. GARCIA DE REZENDE as colligiu no seu *Cancioneiro*, que fez imprimir no anno de 1516.

Póde-se dizer que o seculo 16 foi para Portugal o que para Roma foi o seculo de Augusto, e para França o de Luiz XIV. A elocução portugueza adquiriu então grande magestade e perfeição, pelas obras que produzirão grandes escriptores, assim em prosa, como em verso.

## PRINCIPAES CLASSICOS PORTUGUEZES

Chamão-se auctores classicos aquelles que, pela pureza da linguagem, propriedade da frase e elegancia do estylo, servem de modelo nas classes.

### PROSADORES

**Fernam Lopes** — Occupa o primeiro lugar entre os chronistas do seculo xv. É reputado o *Pai da nossa historia*; e apesar de muito distante da belleza dos bons quinhentistas, tem certa energia e propriedade que o caracterisão entre os seus contemporaneos. A obra mais notavel deste auctor é a *Chronica d'ElRei D. Pedro I.*

**João de Barros** — Foi chamado o *Tito Livio portuguez*. Legou uma grande obra á posteridade, qual a que tem por titulo *Décadas da Asia*. Nesta producção, escripta com a maior pureza e elegancia, deu elle as primeiras noções da India a toda a Europa. Póde, com razão, ser chamado o primeiro *Mestre da lingua*.

**Diogo de Couto** — Pelo seu talento e pericia, foi escolhido por ElRei D. *Filippe* para continuar as *Décadas de BARROS*, que completou até o numero de doze, principiando da quarta.

**Damião de Goes** — Foi varão illustre e insigne em todo o genero de erudição. Escreveu as *Chrônicas do*

*Principe D. João*, depois Rei 2.<sup>o</sup> deste nome, e a *d'ElRei D. Manoel*.

**Fernam Lopes de Castanheda** — Escreveu a *Historia da India, seu descobrimento e conquista pelos Portuguezes*.

**André de Rezende** — As suas obras, assim em latim, como em portuguez, que explicação tantos pontos obscuros da nossa historia, são muito estimadas, ainda dos sabios estrangeiros. A sua linguagem é pura, correctá e até elegante.

**Jeronymo Osorio** — Foi sublime em erudição, estylo e eloquencia. Quasi todas as suas obras são escriptas em latim. Todavia deixou-nos uma preciosidade na que tem por titulo: *Collecção de cartas portuguezas de D. JERONYMO OSORIO*.

**Fernam Mendes Pinto** — O livro das suas *famosas peregrinações* é digno de toda a estimação: o que bem se prova pelas muitas traducções que delle ha em varias linguas.

**Duarte Nunes de Leão** — Illustrou, pelos seus escriptos, o seculo mais brilhante da nossa litteratura. Seu estylo é puro, simples, e ás vezes muito nobre.

**Fr. Heitor Pinto** — Escreveu *Diálogos* muito estimados, assim pela pureza da lingua, como pelo encanto do estylo.

**Fr. Amador Arraes** — Os seus *Diálogos* são cheios d'excellentes conceitos, e agradaveis pela elegancia da expressão. Entre estes, distingue-se o que versa sobre os triunfos dos Portuguezes.

**O Padre João de Lucena** — Escreveu com tal propriedade, energia e pureza de lingua a *Vida de S. Francisco Xavier*, que as suas obras podem citar-se como modelo.

**Fr. Bernardo de Brito** — Lançou os alicerces á grande obra da *Monarquia lusitana*, que escreveu em estylo puro e correcto. Compoz tambem a *Chronica de Cister, Elogio dos Reis de Portugal, etc.*

**Fr. Antonio Brandão e Fr. Francisco Brandão** — Continuarão a *Monarquia lusitana*. O primeiro é *escriptor* digno d'alto apreço, e que não vai muito longe de Fr. BERNARDO DE BRITO em pureza de linguagem. Os outros chronistas que continuarão aquella grande obra, especialmente Fr. RAFAEL DE JESUS, tem entre os criticos menos merecimento que os dois BRANDÕES.

**Gomes Eannes de Azurara** — Foi Chronista mór do Reino, no tempo de D. Affonso V. Escreveu os feitos de D. João I e a tomada de Ceuta; e começou os *Annaes* de D. Affonso V sobre a expedição d'Africa, os quaes forão concluidos pelo Chronista Ruy de Pina. João de Barros, que estava no caso de avaliar o merecimento d'*Azurara*, dizia que elle bem merecia o titulo de *Chronista mór*, não só pelo seu estylo, mas tambem pelo desvelo com que exercia o seu emprego.

**Fr. Luiz de Sousa** — A nenhum classico cede em pontos de pureza de linguagem e energia d'expressões. Compoz a *Chronica de S. Domingos*, a *Vida do grande Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres* e os *Annaes d'El-Rei D. João III*.

**Jacinto Freire de Andrade** — Tem, pela sua purissima locução, um lugar distincto entre os classicos da nossa lingua. Escreveu a *Vida de D. João de Castro*, que é um perfeito modelo da força, gravidade e energia de legitima linguagem portugueza.

**Duarte Ribeiro de Macedo** — Escreveu pouco, mas o que d'elle temos, foi sufficiente para se lhe conceder um lugar entre os classicos de primeira nota. Bastava a sua obra intitulada *Vida da Princeza Theodora*, para o constituir *Mestre da lingua*.

**Manuel Severim de Faria** — Nas suas obras mostra bastante pureza no fallar; e alguns criticos o censurão por empregar vocabulos que já no seu tempo não estavam em uso.

**D. Francisco Manuel de Mello** — Não obstante haver affectado os archaismos, é auctor pelo qual se deve estudar.

**Padre Antonio Vieira** — É o classico mais auctorizado da lingua portugueza. Foi considerado como o melhor prégador do seu tempo. Escreveu *Cartas*, *Vozes saudosas*, *Historia do futuro*; mas os seus *Sermões* formão a parte mais volumosa das suas obras.

**O veneravel Padre Bartholomeu do Quental** — Fallou com grande propriedade, não admittindo jamais em seus escriptos vozes, ou expressões roubadas a outras linguas.

**O Padre Manoel Bernardes** — Foi acerrimo imitador de VIEIRA. As suas *Meditações sobre os novissimos do homem* immortalisão a sua penna.

**Conde da Ericeira D. Luiz de Mene-**

**zes** — Teve clareza, gravidade de locução, mas não concordão os rigoristas em lhe conceder no seu *Portugal restaurado* perfeita e constante pureza de linguagem. Nos termos porém que são facultativos, e pertencentes á milicia, ninguem ha que o não tenha por texto.

## POETAS

Corre um erro, commummente recebido de muitos, e vem a ser, que os poetas, em razão das liberdades da sua linguagem, não pódem fazer em prosa auctoridade segura em pontos de pureza de locução: comtudo deve-se dizer que ainda para a prosa, são textos classicos os bons poetas.

No XVI seculo, quatro homens se distinguirão, e abrem o passo aos poetas originaes que tanto illustrarão a nação, a saber: BERNARDIM RIBEIRO, GIL VICENTE, SÁ DE MIRANDA e ANTONIO FERREIRA.

**Bernardim Ribeiro** — É o pai da nossa poesia bucolica. CAMÕES chamava-lhe o seu *Ennio*. Os seus versos offerecem a candida expressão de seus sentimentos. Escreveu tambem em prosa um romance intitulado *Menina e moça*, mais notavel pelo estylo e novas fórmas que deu á locução prosaica do que pelos conceitos.

**Gil Vicente** — Foi fundador do Theatro portuguez e derão-lhe o nome de *Plauto*. Não obstante a extravagancia dos assumptos tão proprios daquelles tempos, descobre-se em GIL-VICENTE um grande talento dramatico, locuções energicas e engraçadas, boas metáphoras, etc.

**Francisco de Sá de Miranda** — Os escriptos mais notaveis deste classico, são as suas duas comedias *Os Estrangeiros* e as *Vilhalpandos*. Tambem deixou algumas poesias pastoris, aonde se mostra uma naturalidade, graça e locução até ao seu tempo desconhecidas.

**Antonio Ferreira** — Ainda hoje é considerado como um classico de primeira ordem. Compoz obras dramaticas e varias poesias, e é admiravel, quer no tragico, quer no comico. Mas de todas as producções deste insigne poeta, a mais justamente gabada, é a *Tragedia de D. Ignez de Castro*, se bem que pecca no interesse dramatico, etc.

**Luiz de Camões** — Principe dos poetas portu-

guezes, a quem a lingua portugueza deve as suas maiores bellezas, e a nação, a sua gloria. Temos d'elle muitos *Sonetos*, varias *Odes*, *Éclogas*, *Dramas*, etc., mas a sua obra prima, é o excellente poema *Os Luziadas*, em 10 cantos, (impressos pela primeira vez em 1572) cujo assumpto é o descobrimento da *India*, por um novo caminho aberto por VASCO DA GAMA; poema que tem sido traduzido em muitas linguas, e em que brilha a nobreza e gala da locução.

**Fr. Bernardo de Brito** — Nos poucos versos que nos deixou, conserva o mesmo lugar de classico que lhe adquirirão as suas obras em prosa.

**Gabriel Pereira de Castro** — É igualmente contado no numero dos classicos. Compoz o poema intitulado: *A Ulysséa*, em 10 cantos, cujo assumpto é a fundação de Lisboa, attribuida a *Ulysses*. O seu estylo fôra mais agradavel se não offerecesse algumas incorrecções.

**Antonio Barbosa Bacellar** — É um dos primeiros poetas que tem o nosso Parnaso, ou se attenda a todas as qualidades poeticas, ou á purissima locução.

Não menos honrão e patria que lhes deu o berço os seguintes:

**Balthazar Estação** — nas suas *Rimas*.

**Francisco de Sá e Menezes** — na sua *Malaca conquistada*.

**Antonio de Sousa de Macedo** — na sua *Ulyssipo*.

**Manuel de Galhegos** — na sua *Gigantomachia*, e no seu *Templo da Memoria*.

**Diogo Bernardes** — na sua obra *O Lima*, que contém *Éclogas* e *Cartas*, aonde brilha a pureza de estylo.

**Pedro d'Andrade Caminha** — nas suas *Poesias*.

**Jeronymo Corte Real** — no *Naufragio de Sepulveda*, e no *Segundo cerco de Diu*.

**Francisco Rodrigues Lobo** — (appellidado o *Théocrito portuguez*), nas suas *Éclogas*.

**Vasco Mouzinho de Quevedo** — no seu *Afonso Africano*.

**Braz Garcia de Mascarenhas** — no seu *Viriato tragico*.

**Pedro Antonio Corrêa Garcão** — (appellido o *Horacio portuguez*), nas suas *Odes*, *Epistolas*, *Sátyras* e *Sonetos*.

**Antonio Diniz da Cruz e Silva** — (cognominado o *Píndaro portuguez*), nas suas *Odes Pindáricas*, e no seu *Hyssope*, poema heroi-comico.

**Domingos dos Reis Quita** — nas suas *Poesias bucolicas*.

**Francisco Dias Gomes** — na *Poesia elegiaca*.

**Francisco Manoel do Nascimento** — na *Arcadia* (1) *Filinto Elysió*, talvez o primeiro lyrico da Europa moderna, nas suas *Odes*, *Sátyras*, *Epistolas*, etc. Não obstante a sua grande erudição e bom gosto, releva confessar que foi extremoso, arrancando das trévas da mais remota antiguidade, vocabulos e frases que caducarão inteiramente, e já desdizem dos nossos usos e costumes.

**Domingos Maximiano Torres** — nas suas *Éclogas*.

**Nicoláo Tolentino de Almeida** — nas suas *Sátyras*, *Odes*, *Epistolas*, *Dramas*, etc.

**Antonio Ribeiro dos Santos** — nas suas *Odes* e *Epistolas*, originaes, e na sua traducção das *Odes* de *Horacio*.

**Mannel Maria Barbosa du Bocage** — nas suas *Éclogas*, *Elegias*, *Sonetos*, *Tragedias*, etc.

Os estudiosos que quizerem ter uma noção mais ampla acerca dos nossos principaes escriptores, tanto em prosa como em verso, devem recorreer ás seguintes obras: *Bibliotheca lusitana*, por DIOGO BARBOSA MACHADO — *Mappa de Portugal*, por JOÃO BAPTISTA DE CASTRO — *Bosquejo historico da litteratura classica, grega, latina e portugueza*, para uso das Escolas, por A. CARDOSO BORGES DE FIGUEIREDO — *Parnaso lusitano* — *Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*, pelo Conego FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO, e principalmente ao muito interessante e acreditado *Diccionario bibliographico portuguez*, por INOENCIO FRANCISCO DA SILVA.

(1) *Arcadia* era uma Academia muito celebrada em Roma; outra tambem houve em Lisboa do mesmo nome, composta de sabios e mui conspícuos varões, e que muito contribuiu para o bom gosto da litteratura portugueza.

Principaes poemas épicos portuguezes com as datas  
das primeiras edições

- 1572 — **Os Lusíadas**, por Luiz de Camões.  
 1574 — **Segundo cerco de Diu** } por Jeronymo  
 1594 — **Naufragio de Sepulveda** } Córte Real.  
 1588 — **Elegíada**, por Luiz Pereira Brandão.  
 1607 — **Lusitania transformada**, por Fernam  
 Alvares do Oriente.  
 1610 — **O Condestabre**, por Francisco Rodrigues  
 Lobo.  
 1611 — **Affonso Africano**, por Vasco Mouzinho de  
 Quevedo.  
 1634 — **Malaca conquistada**, por Francisco de  
 Sá e Menezes.  
 1636 — **Ulysséa**, por Gabriel Pereira de Castro.  
 1640 — **Ulyssipo**, por Antono de Sousa de Macedo.  
 1641 — **Lusitania restaurada**, por Vicente de  
 Gusmão Soares.  
 1671 — **Destruicão de Hespanha**, por André  
 da Silva Mascarenhas.  
 1699 — **Viriato tragico**, por Braz Garcia Mascare-  
 nhas.  
 1712 — **El-Alfonso**, por Francisco Botelho de Moraes  
 e Vasconcellos.  
 1741 — **Henriqueida**, por Francisco Xavier de Me-  
 nezes, *Conde da Ericeira*.  
 1782 — **Joanneida**, por José Correia de Mello e Brito  
 de Alvim Pinto.  
 1814 — **Oriente**, por José Agostinho de Macedo.

---

NOÇÕES GERAES DE PHYSICA

A palavra *Physica* deriva-se do Grego *Phusis*, que si-  
 gnifica *natureza* — A *Physica* é pois a sciencia que se oc-  
 cupa dos principios, causas e effeitos naturaes, proprie-  
 dade dos corpos, movimento e acção reciproca, fenómenos  
 do ceo e da terra, etc. Quando porém se diz: *Estudo da*  
*natureza*, não se deve tomar esta expressão em toda a  
 sua extensão, pois a *Chimica*, a *Historia natural*, etc., tem  
 igualmente por objecto o estudo de uma parte da mesma  
 natureza.

**Corpo.** — Em Physica, é tudo quanto pôde fazer impressão nos nossos sentidos.

Os *corpos* que existem, ou sejam *simples* ou *compostos*, chamão-se *solidos*; *fluidos liquidos*; *fluidos aeriformes*, etc.; *solidos*, se tem uma fôrma compacta, como os *ossos*, etc.; *fluidos liquidos*, os que se dilatão, ou soltão facilmente como: a *agua*, o *vinho*, o *azeite*, etc.; *fluidos aeriformes*, ou *gazes*, os que são mais ligeiros, fugaces e impalpaveis, isto é, aquelles que tem a apparencia do ar atmospherico, e a maior parte das suas propriedades physicas, como: transparencia, elasticidade, invisibilidade, compressibilidade, etc.

**Elementos.** — *Aristóteles* e os philosophos antigos da sua Escola contárão só quatro *elementos*, a saber: *Fogo*, *ar*, *terra* e *agua*. Hoje porém chamão-se *elementos*, ou *corpos simples*, as substancias que se não podem decompôr. Decompôr qualquer substancia, é achar aquillo de que ella é formada.

A força de experiencias, tem-se já reconhecido 61 *substancias* que se não podem decompôr, e estes são os verdadeiros *elementos*. Entre ellas, achão-se o *ouro*, a *prata*, o *estanho*, o *cobre*, *ferro*, *chumbo*, *enxofre*, etc.

**Calórico.** — O principio do fogo, ou a materia do calor é attribuida, pelos physicos, a um fluido, isto é, a um corpo extremamente subtil, que se não pôde ver, nem tocar, e a que chamão *calórico*. Esse fluido acha-se no ar que respirâmos, na terra, no nosso proprio corpo, como em todos aquelles que existem sobre o globo. N'uma palavra, está espalhado por toda a parte.

Batendo com uma pedra n'outra, salta uma faisca; esfregando com força dois pedaços de páo um contra o outro, aquecem-se, e acabão por inflammam-se; pondo um vidro de oculo, ou uma lente ao Sol, e esta, reunindo os seus raios, pega fogo.

O *calórico* é necessario para a vida de tudo quanto existe, e segundo alguns, parece ter no Sol a sua origem.

**Calor.** — É a sensação que um corpo produz nos nossos orgãos, quando a sua temperatura é mais elevada do que a nossa; pelo contrario, o *frio* é a sensação que nos faz experimentar um corpo cuja temperatura é mais baixa do que a nossa. Todas as vezes que um corpo é mais quente, ou mais frio do que aquelles que o cercão, perde, ou absorve calor, e põe-se com elles em equilibrio de temperatura.

O *calórico* dilata os corpos, e fa-los passar do estado de *solidos* ao de *liquidos*, ou de *fluidos*; mas muitas vezes produz um effeito muito notavel: dissipa e cõsome os corpos sobre os quaes obra. Neste caso, annuncia a sua presença pela luz e pela chamma: dá-se-lhe então mais particularmentê o nome de *fogo*.

**Thermómetro.** — É um instrumento que servê para medir a temperatura do ar, ou o seu grão de calor, que é mui variavel: compõe-se de um pequeno tubo de vidro terminando, na extremidade inferior, por uma esphera cheia de mercurio, ou espirito de vinho, tinto de vermelho para melhor se ver. Collocando este instrumento em lugar quente, ver-se-ha subir no tubo o espirito de vinho, ou o mercurio; pelo contrario, se se collocar n'um lugar frio, ver-se-ha descer. Diz-se que a temperatura de um corpo é *elevada*, quando está quente, e *baixa*, quando frio.

**Thermómetro centígrado.** — É aquelle cuja escala marca 100 grãos de calor, ou de temperatura, desde um ponto chamado *zéro*, que se indica assim: 0, até outro marcado assim: 100. O intervallo separado por estes dois pontos está pois dividido em 100 partes iguaes, designadas com uns traços, cada um dos quaes corresponde a um grão. Pondo o *Thermómetro* no gêlo fundente, desce o mercurio, ou o espirito de vinho até *zéro*; e mergulhando-o em agua a ferver, sobre até o ponto marcado 100; pelo que se vê que ha 100 grãos de calor desde a neve, ou gêlo fundente até á agua a ferver.

Convém advertir que abaixo de *zéro* tambem se marção grãos. A 6 grãos abaixo de *zéro*, por exemplo, gelou o Rio *Sena*, etc. — Em Dezembro de 1871, marcou o *Thermómetro* 25 grãos abaixo de *zéro* em Paris. Foi um dos invernos mais rigorosos que se tem sentido naquella cidade.

**Thermómetro de Réaumur.** — É assim chamado do nome do seu inventor; a sua escala divide-se em 80 partes iguaes, ou grãos, em lugar de 100; marcando 80 quando se mergulha em agua a ferver, e *zéro*, quando collocado entre o gêlo que principia a derreter-se.

**Thermómetro de Fahrenheit.** — Marca 32 grãos, quando mettido no gêlo fundente; 212 quando se mergulha em agua a ferver; de modo que na divisão da escala deste *Thermómetro* se comprehendem 180 grãos,

desde a temperatura do gèlo fundente até á da agua a ferver.

Os *Thermómetros* mais em uso são o *centigrado*, e o de *Réaumur*.

**Correspondencia dos Thermómetros centigrado e de Réaumur.**—Como 100 grãos do *centigrado* correspondem a 80 de *Réaumur*, bastará, para transformar os grãos *centigrados* em grãos de *Réaumur*, multiplicar os primeiros por  $\frac{4}{5}$  ou 0,8; e para transformar em grãos *centigrados* os grãos de *Réaumur*, multiplicar este ultimos por  $\frac{5}{4}$  ou 1,25. Assim, querendo saber a quantos grãos de *Réaumur* correspondem 95 do *centigrado*, multiplicaremos 95 por 0,8, e veremos que correspondem a 76 de *Réaumur*. Se pelo contrario, quizermos saber a quantos grãos *centigrados* correspondem 24 de *Réaumur*, multiplicaremos 24 por 1,25, e veremos que correspondem a 30 do *centigrado*.

**Ar.**—É esse fluido invisivel e impalpavel que sentimos em roda de nós, e respiramos sem cessar.

**Atmosfera.**—Designa-se ordinariamente por este nome a massa de *ar* que cerca a terra, e fórma á roda desta uma camada de 16, ou 20 leguas de altura. É neste grande espaço que se obrão os fenómenos, de que se fará menção quando se tratar da *Meteorologia*.

**Composição do ar.**—O *ar* que é proprio a alimentar a vida é a combustão, isto é, o *ar* puro, compõe-se de uma quinta parte de *gaz oxygeneo*, perto de quatro quintas partes de *gaz azote*, e uma mui diminuta quantidade de *acido* ou *gaz carbónico*. Um corpo inflammado apaga-se logo que fica privado do *ar*: se nos acontecesse ficarmos tambem privados do *ar*, morreriamos immediatamente.

**Pezo do ar.**—Segundo as experiencias que se tem feito, é 840 vezes mais leve do que a agua. Este *ar* compõe-se de alta, mediana e baixa região. O *ar* da alta região é mais subtil e mais frio do que a da mediana, e este ainda mais do que a da baixa região.

**Efeitos do ar.**—O *ar* propaga o som, e o leva até grande distancia: é ainda a elle que devemos os sublimes efeitos da musica, o ecco, o som dos sinos, etc.

**Barómetro.**—É um instrumento que serve para se conhecer a gravidade ou o pezo da atmosfera. Consta geralmente de um tubo de vidro tapado por cima, e aberto

pela outra extremidade, a qual mergulha em uma capsula cheia de azougue.

O *Barómetro* é destinado commummente a fazer conhecer as mudanças de tempo, e tem na sua escala as indicações do tempo que as observações tem mostrado corresponderem, em geral, ás diversas alturas barometricas. Uma subida progressiva do mercurio, é signal de bom tempo; uma descida gradual, é indicio de chuva; uma baixa rapida indica, geralmente, tempestade; comtudo, convém advertir que as suas indicações podem falhar.

A razão da subida do *Barómetro* quando faz bom tempo, é porque o ar, sendo então secco e mais pesado, exerce maior pressão no mercurio contido na capsula. Desce quando faz máo tempo, porque o ar, sendo então humido e mais leve, exerce menos pressão na mesma capsula.

Serve tambem o *Barómetro* para medir a altura das montanhas; esta conhece-se pela quantidade de grãos que o mercurio desce, quando a ellas se sobe. A pressão atmospherica, ou o peso do ar é menor no cimo do que na base das montanhas.

Ha varias especies de *Barómetros*: os que actualmente estão mais em uso são os de mercurio, metallicos e aneroides. Os principaes *Barómetros* são os de *Gay-Lussac*, *Fortin*, *Bunten* e *Bourdon*. O *Barómetro* aneróide foi inventado em 1847 por *M. Vedy*, tendo sido adoptado para uso dos maritimos e dos aeronautas.

**Maquina pneumática.** — Chama-se assim o instrumento de *Physica* que serve para fazer o vácuo.

Se se collocar a fabrica de uma pendula debaixo do bocal da maquina em que se fez o vácuo, isto é, donde se exirahiu o ar quanto foi possível, quando a campainha der horas, não produzirá som algum.

**Aerostate ou balão.** — É uma maquina, de feitio ovado, de tafetá, ou de qualquer outro tecido mui ligeiro e preparado, a qual subirá aos ares, quando se lhe introduzir um gaz chamado *gaz hydrogeneo*, que é quatorze ou quinze vezes mais leve do que o *ar*.

Attribue-se geralmente a invenção das actuaes *maquinas aerostaticas* aos irmãos *Mongólfier*, francezes, que fizeram as suas primeiras experiencias em 1783; porém deve-se advertir que já antes delles, muitos havião tentado subir aos ares, e que um Padre portuguez, por nome *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, irmão do celebre Ministro d'Estado *Alexandre de Gusmão*, construiu, nos principios

do seculo passado, uma maquina á qual pertendia dar direcção, e por tão importante descoberta foi premiado pelo Sr. Rei D. João V, no anno de 1709 (1).

Tem-se feito numerosas tentativas para achar um meio de dar direcção ás *maquinas aerostaticas*, o que alguns sabios julgáráo possível; comtudo ainda se não conseguirão os resultados que muito seriáo para desejar.

Na batalha de Fleurus, os Francezes, para saberem o movimento do exercito inimigo, fizeram subir em um *balão*, preso por cordas, alguns militares que, por meio de signaes, daváo a conhecer tudo quanto se passava no seu campo.

**Composição da terra.** — As descobertas feitas desde muitos annos, tem demonstrado que a terra não é um elemento, como d'antes se julgava, mas sim composta de grande numero de materias mui diversas, quasi todas as quaes se podem dividir.

**Agua.** — É um fluido composto de dois gazes, a saber: de uma parte de *gaz oxygeneo*, e de duas partes de *gaz hydrogeneo*, a que se chama tambem *gaz inflammavel*.

A *agua da chuva* é quasi tão pura como a *agua* distillada; e, neste estado, é um liquido insipido, ou sem sabor, sem côr e sem cheiro; mas as *aguas* que brotáo da terra, que dão origem ás fontes, aos rios, etc., que se perdem no mar, essas contêm quasi sempre algumas substancias terrosas, ou salinas em dissolução. Quando as mesmas substancias são abundantes para lhes dar certo gosto, ou influir na saude daquelles que fazem uso dellas, tomáo o nome de *aguas mineraes*; e sendo quentes, naturalmente, o de *caldas* ou *aguas thermaes*, como os banhos das *Alcaçarias* em Lisboa; os das *Caldas da Rainha*, etc.

A *agua salgada* é mais abundante do que a *agua doce*, por isso que fórma todos os mares. Torna-se potavel distillando-a.

A *agua* apresenta-se debaixo de tres differentes fórmas, a saber: *sólida*, *liquida* e em *vapores*: quando está solida chama-se *gêlo*, *neve*, ou *geada*; quando liquida, é a *agua* propriamente dita, isto é, a *agua de chuva*, *de rio*, *de mar*; em vapores, ora é visivel, e fórma as *nuvens*, a *nevoa*; ora invisivel, e então produz simplesmente *humidade* no ar.

(1) No *Recreio Journal das Familias*, de Abril de 1839, a pag. 80 e seguintes, vem o dezenho e a descripção daquella maquina.

**Vapor.** — Em Physica, entende-se por esta palavra toda a substancia liquida, ou solida reduzida a gaz.

De duas maneiras se formão os vapores, a saber: pela *ebullição*, isto é, quando o liquido ferve, e por *evaporação lenta*, quando o liquido espalha vapores visiveis, ou invisiveis em todas as temperaturas. A *agua*, por exemplo, evapora-se mesmo ao ar frio.

A *agua* convertida em vapor, pela ebullição, occupa um espaço 1:700 vezes maior do que no estado liquido, e tende sempre a dilatar-se em todos os sentidos. Ora, se se comprime esse vapor em um lugar muito menor do que aquelle que ella pôde occupar, o esforço que faz para dilatar-se é tão grande, que pôde fazer rebentar os corpos mais espessos, e vencer tudo quanto lhe resistir. Em geral, a força será tanto maior quanto mais se reduzir o lugar que o vapor contiver.

Tapando-se, por exemplo, uma panella de ferro hermeticamente, e pondo-se-lhe em cima um pezo qualquer, a *agua* que ella contiver, convertendo-se em vapor, fará saltar a tampa, ou rebentar a mesma panella.

A observação deste facto se deve a invenção das *maquinas de vapor*. Applicadas ás diversas industrias, mórmente nas fabricas de tecidos, tornão-se estes mui communs, e permitem que se vendão por um preço muitissimo diminuto comparativamente com aquelle que d'antes tinhão.

A utilidade pois das *maquinas de vapor* está universalmente reconhecida. Em Inglaterra, principalmente, tem-se de tal modo multiplicado, que hoje fazem o trabalho de muitos milhões de homens.

Nos caminhos de ferro, uma unica *maquina de vapor*, pôde fazer andar cincoenta, e mais carruagens, presas umas ás outras, e todas carregadas.

Quanto a *Barcos de vapor*, ha-os até da força de 3:000 cavallos, como o barco de vapor inglez *Great-Eastern* ou *Leviathan*, que é o maior que até hoje se conhece (1).

(1) Para provar que a invenção dos *Barcos movidos a vapor* não é tão recente, como geralmente se pensa, bastará citar o seguinte facto, extrahido dos *Jornaes dos Estados Unidos* e da *Revista Britannica*.

Em 1543, achando-se presente, em Barcelona, o Imperador Carlos V e seu filho Philippe (depois 2.º do nome), fez o Capitão Blasco de Garay, da marinha hespanhola, a experiencia de um Barco a vapor que inventára. Seguindo o costume, tão útil descoberta achou opposição: comtudo, Carlos V gratificou generosamente o auctor, e houvera mandado continuar as experiencias se, naquella época, não tivesse tanta cousa em que occupar-se.

**Cavallo-vapor.** — É a unidade adoptada para medir a força das maquinas a vapor, e designa a força necessaria para levantar, com um movimento continuo, um pezo de 75 kilogrammas, a um metro de altura, n'um segundo. Assim, diz-se que tal maquina é da força de 600 cavallos, por exemplo, quando, n'um segundo, póde levantar 600 vezes um pezo de 75 kilogrammas, ou 45:000 kilogrammas, a um metro de altura.

O *cavallo-vapor*, segundo a avaliação geralmente admitida, representa a força trabalhadora de tres cavallos de tiro. Ora, representando o cavallo de tiro a força de sete homens, segue-se que a força do *cavallo-vapor* corresponde á de vinte e um homens.

**Meteorologia.** — Dá-se este nome á sciencia que trata das causas, formação, natureza e apparencia dos *meteóros*; á applicação de todos os conhecimentos que a *Physica* e a *Historia natural* proporcionão, para a observação e explicação dos fenómenos que tem a sua origem na *atmosfera*.

**Meteóros ou fenómenos da atmosphera.** — É tudo quanto se passa na atmosphera, isto é, no ar que nos circumda. Ha quatro especies de *meteóros*; a saber: *igneos, lucidos, aqueos e aereos*.

**Os meteóros igneos.** — São: O *fogo fatuo*, os *relampagos*, os *trovões*, os *raios*, o *fogo de Santelmo*, as *estrellas volantes*, os *aerolites*, as *auroras boreaes*, e a *luz zodiacal*. Tem quasi todos a sua origem na electricidade.

**Fogo fatuo.** — É assim que se chamão os jactos de chamma que se vêem de noite seguindo differentes direcções, principalmente no Verão, nos cemiterios, campos de batalha, e outros lugares aonde se achão substancias animaes e vegetaes em estado de putrefacção ou decomposição. São produzidos pelas exhalacões inflammaveis que provém da mesma putrefacção, isto é, pelo gaz hydrogeneo fosforisado que a electricidade inflamma, quando é assás abundante para produzir esse effeito. Os *fogos fatuos* forão n'outro tempo objecto de uma superstição muito extravagante; julgavão os ignorantes que erão almas do outro mundo.

**Relampago.** — Dá-se este nome ao clarão que precede ordinariamente o estampido dos trovões. Tem lugar todas as vezes que o *fluido electrico* passa de um lugar para outro, ou que duas nuvens, carregadas de electricidade, chegão a encontrar-se.

**Trovão.** — É o estrondo produzido pelo abalo que o ar resente no momento em que o *fluido electrico* se descarrega sobre uma nuvem, ou sobre a terra.

Póde ajuizar-se da distancia de uma trovoada, pelo espaço que ha entre o *relampago* e o *trovão*. Se este se ouvir muito depois de vermos o relampago, a trovoada será longe; mas se se seguir immediatamente ao relampago, então estará perto de nós.

**Raio.** — E o *fluido electrico* espalhado na atmosphaera, que sahe com estrondo, e sob a fórma de fogo, da parte da atmosphaera em que estava accumulado, e derruba, mata, e, ás vezes, pulverisa aquillo em que toca.

**Pára-raios ou conductores.** — São uns appparelhos que se empregão para preservar os edificios e os navios dos terriveis effeitos do raio. Deve-se esta utilissima descoberta ao celebre Franklin, cidadão dos Estados Unidos.

Quanto aos edificios, colloca-se nos telhados uma barra metallica terminada em ponta: do pé desta barra parte uma corrente de bronze, a qual desce encostada á parede até um poço, ou cova profunda. O fluido electrico das nuvens, attrahido pela extremidade do *Pára-raios*, desce pela corrente até á cova, ou poço sem causar damno algum (1).

**Fogo de Santelmo.** — Dá-se este nome a uns fogos volantes que se notão, principalmente, durante as grandes tempestades, em roda de tope dos mastros, dos cabos, e geralmente das partes mais salientes dos navios, apresentando algumas vezes uma côr azulada. Este fenómeno, verdadeiro effeito da electricidade, procede do alcatrão e outras materias electróphoras de que os mastros e vergas estão untados.

**Estrellas cadentes ou volantes.** — Dá-se este nome a uma especie de fogo que parece cahir do ceo, ou atravessa-lo de um ponto a outro. Este fogo manifesta-se, principalmente durante o Outono e a Primavera, quando o ceo está sereno.

**Aerolithe, meteorolithe, uranolithe ou pedras que cahem do ceo.** — Dá-se este nome a certas massas mineraes que cahem das altas regiões da atmosphaera,

---

(1) Se um edificio for extenso, convirá guarnece-lo de mais de um *Pára-raios*, distantes uns dos outros 50 a 60 pés, porque um só não seria sufficiente para o preservar dos effeitos dos raios. É necessario examinar, de tempos a tempos, se os *Pára-raios* estão ou não em bom estado.

acompanhadas de um meteóro luminoso: ignora-se a sua origem ou procedencia.

A opinião do celebre *Laplace* é que pódem ser pedras lançadas da Lua por algum volcão.

**Aurora boreal.** — Este fenómeno, cuja causa ainda se ignora, é assim chamado, diz *Mr. Lalande*, por isso que costuma apparecer do lado do Norte, ou da parte boreal do ceo, e a sua luz, quando está proxima do horisonte, se assemelha á do romper do dia ou da aurora.

Alguns viajantes fidedignos assegurão terem observado igual fenómeno para o Polo do Sul; pelo que pôde dizer-se que a existencia das *Auroras australes* parece tão certa como a das *Auroras boreales*.

A duração da *aurora boreal* é irregular. Viu-se uma em Lisboa em 1764, que durou mais de quatro horas.

**Luz zodiacal.** — Dá-se este nome á apparencia luminosa, cuja côr esbranquiçada se assemelha assaz á da *Via lactea*. Esta luz apparece em fórma cónica, ou de pyramide ao longo do *Zodiaco*. Considerão alguns este fenómeno como parte da atmosphera solar; porém até hoje ignora-se inteiramente a causa que o produz. Vê-se em certos tempos depois do occaso do Sol, ou antes deste nascer, e é mais notavel no fim do Inverno e principio da Primavera.

**Meteóros lucidos.** — São os que tem a sua origem na luz, a saber: o *crepusculo*, o *arco Iris*, os *parélios*, os *paraselenes*, as *corôas*, e o que os Francezes chamão *mirage*, e nós *miragem*, etc.

**Crepusculo.** — Designa-se por este nome a luz que precede o nascer do Sol, e a que se segue ao seu occaso, a qual provém da reflexão das partes superiores da atmosphera.

**Arco Iris**, vulgarmente chamado *Arco da velha*. — É um arco que apparece na atmosphera, com as 7 côres primitivas, ou do espectro solar: *Roxo, alaranjado, amarello, verde, azul, indigo e vermelho*, todas as vezes que o Sol radia sobre uma nuvem que se desfaz em chuva, e que o observador se acha voltado para a mesma nuvem com as costas para o Sol. Algumas vezes observa-se um unico *arco*; porém é mais ordinario haver dois, um interior, cujas côres são mais vivas, e outro exterior de côres mais fracas. Outras vezes, mas raramente, distinguem-se tres *arcos*, e as theorias indicão que pôde haver ainda mais: porém então são tão fracas as suas côres, que apenas se percebem.

Vê-se muitas vezes o fenómeno do *Arco Iris* reproduzido nas gotas de agua de um repuxo.

Quanto ás côres primitivas, podem-se ver claramente em um *prisma de cristal*, de figura triangular, exposto a um raio solar introduzido em um quarto escuro.

**Parélio.** — É a representação de uma, ou mais imagens do Sol, em uma nuvem. As imagens situadas para o mesmo lado que o Sol, apresentam as côres do *Arco Iris*.

**Paraselené.** — É um meteóro que representa, uma ou muitas imagens da Lua em uma nuvem, e se fórma da mesma materia que o *parélio*.

**Corôa.** — As *corôas* são uns meteóros formados por um, ou mais anneis luminosos e de varias côres, que apparecem ao redor do Sol e da Lua.

**Miragem.** — É um fenómeno d'optica que faz apparecer acima do horisonte os objectos que estão por baixo d'elle. Acontece algumas vezes que olhando-se para um objecto remoto, em lugar de se perceber uma unica, distinguem-se duas imagens do mesmo objecto, uma ás direitas, outra ás avessas: a impressão que então se experimenta assemelha-se áquella que tem lugar quando, collocados á borda de uma agua estagnada, vemos no fundo desse liquido a representação das arvores, ou outros corpos situados nas immediações. Este fenomeno não se observa ordinariamente senão á superficie do mar, ou dos lagos, e nas planicies áridas e arenosas, aonde a temperatura é muito elevada. Nessas planicies, distinguem-se, a uma distancia de tres quartos de legua, pouco mais ou menos, todos os objectos ás direitas e ao mesmo tempo ás avessas; apresentando assim o aspecto de uma immensa lagoa, etc.

**Meteóros aqueos.** — São todos aquelles produzidos pelos vapores, isto é, pelas substancias que tem a natureza da agua, e se elevão na atmosphaera, como as *nuvens*, a *chuva*, a *neve*, o *granizo* ou *saraiva*, o *orvalho*, os *nevoeiros*, as *trombas*, etc.

**Nuvens.** — Não são outra cousa mais do que uma grande quantidade de vapores, mais ou menos espessos, suspensos e accumulados na atmosphaera, algumas vezes immoveis, outras levados pelas correntes d'ar, ou pelos ventos impetuosos. Sendo a atmosphaera mais quente nas regiões inferiores do que nas superiores, atrahê á superficie do globo grande quantidade de vapores, os quaes, por serem mais leves que o ar, se elevão e condensão nas

regiões superiores, visto que o ar vai sendo cada vez mais frio á medida que se sobe.

As aguas dos rios e dos mares tem a propriedade de evaporar-se (1), mórmente quando o Sol dardeja seus raios sobre a sua superficie.

As nuvens são tanto mais densas, quanto maior é o numero de particulas terrestres que se uniu ás particulas aquosas que se elevão na atmosphera. Nem sempre andão muito elevadas, e algumas vezes estão mesmo mais baixas do que o cume de certas montanhas.

**Chuva.** — Dá-se este nome ás particulas d'agua de que se formão as nuvens que, sendo mais pesadas do que o ar que as sustenta, cahem na terra em gotas maiores, ou menores, segundo as mesmas nuvens se achão mais, ou menos baixas.

A *chuva* filtra-se nas terras, alimenta as fontes, estas vão dar aos rios, e os rios ao mar; tornando o Sol a fazer subir as mesmas aguas aos ares, d'onde são restituídas á terra; de modo que estão, sem cessar, em movimento, e girando por toda a parte, ora levadas pelos ventos, ora arrebataadas pelo declive dos terrenos.

A origem, ou nascimento dos rios é ordinariamente nas montanhas.

**Neve e granizo ou saraiva.** — A *neve* fórma-se quando os vapores que cahem de uma nuvem se convertem, durante a sua quéda, pelo frio que os surprehende, em fibras compridas que fórmão frocos, ou folhecas differentes umas das outras.

Se estes vapores tem tempo de formar pingas, que o frio condensa immediatamente, então diz-se *chuva de pedra* ou *saraiva*.

**Orvalho.** — É um vapor subtilissimo que se observa durante as manhãs e as noites da Primavera, do Verão e do Outono, e que se deposita em fórma de gotas d'agua, principalmente nas folhas das plantas. Em alguns paizes, por exemplo na Italia meridional, é tão abundante que suppre a chuva e mantém a verdura.

A causa do *orvalho* é o resfriamento que a terra experimenta, quando cessa de estar exposta á influencia dos raios solares.

---

(1) Pondo-se uma bacia cheia d'agua ao ar, evaporar-se-ha insensivelmente até á ultima gota. O mesmo acontecerá a um panno molhado: estendendo-se ao Sol, desapparecerá a humidade, e tornará a ficar enxuto.

Quando o *orvalho* se congela com o frio, chama-se *geada*.

**Nevoeiro.** — Este meteoro é formado de vapores, mais ou menos subtis, que estão em contacto com a superficie da terra, espalhados na baixa atmosphaera, cuja transparencia perturbão. Pertendem alguns que um *nevoeiro* é uma especie de nuvem que o Sol não tem a força de elevar a grande altura, por isso que contém menos particulas aquosas do que as nuvens.

Os *nevoeiros* são pois *nuvens terrestres*; as nuvens, *nevoeiros aereos*.

**Trombas.** — Dá-se este nome a um montão de vapores semelhantes a uma nuvem muito densa que desce, ou sobe, as mais das vezes, em fórma de cylindro ou de columna vertical ou inclinada.

Estes meteóros consistem n'uma columna de agua que, descendo das nuvens em redemoinho, com certo rumor semelhante ao do mar agitado, communica com o mar, e algumas vezes com os lagos, como aconteceu nos annos de 1741 a 1742 no *Lago de Genebra*. Outras vezes são uma columna d'agua do mar que, elevando-se em redemoinho, se une ás nuvens. Estes fenómenos são electricos, e mais raros em terra do que no mar.

Quando uma *tromba* se approxima de um navio, tem a tripulação o cuidado de a romper a tiros de peça, para evitar que cáia sobre elle e o metta no fundo. Se tiver lugar em terra, pode causar os maiores prejuizos, taes como arrancar arvores, derrubar casas, levar telhados, etc.

Ordinariamente do centro destas columnas nebulosas sahem raios como das outras nuvens carregadas de fluido electrico.

**Electricidade.** — É um nome generico que se dá á reunião dos fenómenos que apresentão certos corpos nos quaes se desenvolve, pelo contacto, compressão, calor, ou fricção, a faculdade de attrahir ou repellir os corpos leves. Existe pois em toda a natureza um principio invisivel, especie de corpo tão subtil, que escapa á vista, e que não é conhecido senão pelos seus effeitos. Este principio foi chamado *fluido electrico* ou *electricidade*, porque se descobriu n'um mineral a que em latim se dá o nome de *electrum*, que significa *ambar*. Eis-aqui como se prova a existencia do *fluido electrico*, ainda que este se não veja: esfregando um páo de lacre, um pedaço de succino, vidro, resina, ou enxofre com um estofa de lã, ou uma pelle de gato, e approximando-os dos corpos leves como a rama de

uma penna, aparas de papel, serradura, etc., veremos estes precipitarem-se sobre aquellas materias, e uns ficarão adherindo a ellas, outros serão repellidos depois de as haverem tocado. Se a fricção tiver lugar na escuridade, os corpos electrizados parecerão algum tanto luminosos, principalmente esfregando um pedaço de resina com uma pelle de gato.

**Maquina electrica ordinaria.** — Consiste n'uma chapa de vidro arredondada, atravessada por um eixo que, movido por uma manivella, lhe communica um movimento de rotação. Contra a superficie da chapa de vidro, estão applicadas, por meio de uma mola, quatro almofadas de couro estofadas de crina. A fricção do vidro contra as almofadas desenvolve nellas a *electricidade*, que d'ali passa para uns cylindros de metal em communicação com a chapa de vidro, e nos quaes se accumula a *electricidade*.

Alem desta maquina, produzem-se fenómenos electricos com outras a que se deu o nome de *Botelha de Leyde*, *Bateria electrica*, ou reunião de muitas *Botelhas de Leyde*, postas em communicação, as quaes produzem uma commoção capaz de matar animaes, derreter metaes, etc., e servem para explicar os effeitos do trovão, e dar uma idéa do *pára-raios*.

**Meteóros aereos.** — São os *ventos*, isto é, os movimentos de translação do ar, pelos quaes uma porção bastante consideravel da atmosphera é levada de um lugar a outro com uma rapidez maior, ou menor, e em direcções que varião em todos os sentidos. Póde-se dizer que os *ventos* são correntes de ar, assim como os rios são correntes d'agua.

**Calor interior da terra.** — Tem-se achado que o calor augmenta á medida que se vai penetrando na terra, o que corrobora a opinião de alguns geólogos, que pretendem que o interior do globo está em fusão, e que a sua superficie é apenas uma crusta, ou capa resfriada. Este fogo pois do interior do globo, cuja origem se ignora, chama-se *fogo central*, e é a causa dos volcões e, segundo alguns, dos tremores de terra, de que adiante se fallará.

Segundo as observações feitas no Observatorio de Paris, bastaria penetrar até 2:505 metros no interior do globo para se achar a temperatura da agua a ferver.

**Luz.** — É o fluido que torna os objectos visiveis: os

physicos não concordão sobre a causa que produz a *luz*, uns pensão que esta dimana directamente do Sol; outros, que se acha espalhada no espaço, e ondeia até nós, como o som, pelas vibrações que lhe imprime o foco luminoso. *Newton* é o auctor da primeira opinião, chamada *Systema d'emanção*; *Descartes* é o auctor da segunda, chamada *Systema d'ondulação*, que tem sido adoptado pelos astrónomos e physicos de maior nomeada, taes como: *Huyghens*, *Euler*, *Arago*, *Fresnel*, *Young*, etc.

**Côr.** — Dá-se este nome ás impressões diversas que produzem diferentes corpos sobre o orgão da vista. Geralmente consideramos as côres como propriedades dos corpos, isto é, como existindo nelles; comtudo parece certo que pertencem á *luz*, e que cada uma dellas resulta do effeito de um raio luminoso de uma especie particular.

Convém advertir que a *luz artificial* tem a propriedade de alterar algumas côres, como o azul, que á luz de uma vela, parece verde, etc.

**Daguerreotypo.** — É esta a denominação pela qual é conhecido o sublime invento de um Francez, por nome *Daguerre*, — e que consiste em apresentar, dentro em poucos minutos, pela acção da *luz*, dezenhos com uma exactidão admiravel. — Expõe-se ao vapor do iodo uma lamina de cobre e prata, bem limpa por meio de agua forte, e depois á acção da *luz* no foco da camara obscura, donde se tira passados alguns minutos. Aquecida então até 60 grãos ao vapor do mercurio, apparecem as miniaturas quasi por encanto.

**Photographia.** — É um aperfeiçoamento do *Daguerreotypo*, isto é, uma arte recente que consiste em fixar, pela acção da luz, a imagem dos objectos em papel, vidro, ou outra qualquer substancia. A *Photographia*, alem de servir para tirar retratos, vistas, copias de quadros, etc., emprega-se com muita vantagem nas sciencias, principalmente na Historia natural e na Astronomia.

**Terremotos.** — São uns abalos súbitos e fortes movimentos de oscillação, mais ou menos rapidos, pelos quaes algumas partes consideraveis do nosso globo se commovem de uma maneira mais ou menos sensivel. Este fenómeno, quando se desenvolve com energia, causa terror a todos os entes. Segue tão de perto os seus indicios, que muitas vezes não ha tempo para fugir, e ainda quando o houvesse, para onde, e em que direcção?

Ainda até hoje se não descobriu qual é a sua verdadeira causa.

Os geólogos modernos pensão, como Mr. de *Buffon*, que havendo no interior da terra cavernas cheias de ar, ou d'agua, quando esses fluidos, pela proximidade de um fogo subterraneo, augmentão de volume, achando-se comprimidos, fazem esforços mais ou menos violentos para se dilatarem, e commovem os terrenos immediatos.

Os *terremotos* tem causado terriveis estragos; submergido cidades inteiras e elevadas montanhas, deixando em seu lugar um lago; torcido o curso dos rios, produzido ilhas, etc., etc.

No 1.º de Novembro de 1755, houve em Lisboa um memoravel terremoto, que se sentiu em muitos outros pontos da Europa, e destruiu grande parte da cidade, causando a morte de milhares de pessoas (1).

**Magnetismo.** — É o nome generico que se dá ás propriedades do *iman* ou *pedra de cevar*, que é um mineral composto, em grande parte, de ferro. As tres principaes propriedades do *iman*, são: 1.º a *attracção*, ou a virtude pela qual atrahê o ferro, etc.; 2.º a *directão*, ou a virtude pela qual se volta para os polos do mundo; 3.º finalmente, a *inclinação*, ou a virtude pela qual uma agulha tocada no *iman*, suspensa em um pequeno eixo, se inclina para o horisonte, voltando-se para o polo.

**Magnetismo animal ou mesmerismo.** — É assim chamado do nome de seu auctor. — É um estado particular do systema nervoso, apresentando uma serie de fenómenos physiologicos, até aqui assás diversamente apreciados, e de ordinario determinados pela acção de um individuo sobre outro, por meio do tacto, etc.

É porém conveniente advertir que tudo quanto *Mesmer* e seus sequazes avançarão em relação á *virtude magnetica animal*, para operar certas curas, é tido como charlatanismo, e um dos maiores embustes do seculo passado e do actual. (Veja-se — *Panorama* de 1840, pag. 203.)

---

(1) Veja-se *Historia geral dos terremotos*, por JOAQUIM JOSÉ MOREIRA DE MENDONÇA, a pag. 413 e seguintes, e a *Memoria das principaes providencias que se derão no terremoto que padeceu Lisboa no anno de 1755*, por AMADOR PATRICIO (nome que se julga supposto).

## DA MYTHOLOGIA

**A Mythologia.** — É a explicação da *Fabula*, isto é, da antiga religião dos Gregos e dos Romanos, ou a historia supposta das divindades do paganismo.

Este nome compõe-se de duas palavras gregas: *Mythos* e *logos*, que significação *discurso fabuloso*; com effeito não é senão um tecido de *fabulas* ou *ficções* que os povos da antiguidade acreditavão como verdades religiosas, e hoje já não servem senão para proporcionar á Poesia, Pintura e Esculptura as suas mais bellas allegorias, e mais riso-nhas ficções; o que faz com que toda a pessoa que deseja instruir-se, se dê ao seu estudo.

**A Fabula.** — Póde dizer-se pois uma collecção informe e extravagante de successos acontecidos naquelles tempos obscuros que se seguirão ao Diluvio, quando os filhos de Noé lançarão os primeiros estabelecimentos em diversos paizes. Assim, bastará comparar a *Fabula* com algumas passagens do *Velho Testamento*, para se conhecer que teve sua origem na Historia, principalmente na Historia sagrada.

Com effeito, o cahos, a separação dos elementos, a formação do homem por *Prometheu*, por onde *Ovidio* começa as suas *Metamorphoses*, não são outra cousa mais do que uma copia do *Génesis*. O *Diluvio* de *Deucalião* é a narração desfigurada do *Diluvio* do tempo de Noé. A historia de *Saturno* e de seus tres filhos, é a do mesmo Noé, segundo tronco da especie humana. A fabula dos gigantes escalando o ceo é um resto da tradição do insensato projecto concebido pelos filhos dos homens de edificar a Torre de Babel.

A *Fabula* dá-nos instrucções uteis e necessarias: as aventuras de *Phaetonte* e de *Icaro* representão-nos as funestas consequencias do orgulho. A historia de *Tantalo* e a das *Harpías* podem applicar-se aos avarentos. A metamorphose de *Narciso* applica-se áquelles homens que por uma louca vaidade, nada amão mais do que a si mesmos.

**Principio da religião pagã.** — Julga-se que a *Fabula* e a *Idolatria* ou *religião pagã*, nascêrão na familia de *Cham*, cujos descendentes se estabelecêrão na Phenicia e no Egypto. Estes dirigirão primeiramente seus cultos aos astros e animaes, mas tendo depois *Nino*, Rei dos Assyrios, feito levantar em Babylonia a estatua de

*Belo*, seu pai, e ordenado a seus vassallos que a adorassem, seguirão as nações visinhas o exemplo dos mesmos Assyrios, e deificarão os seus Reis, os seus guerreiros, os instituidores de artes e todos aquelles que pelo seu genio, ou mesmo por seus crimes, se elevarão da obscuridade. Os pagãos reconhecião varias especies de deuses, a saber: *Celestes, terrestres, aquaticos e infernaes.*

Para bem estudar a *Mythologia*, convém dividir as suas personagens em quatro classes, a saber: 1.º *Deuses supremos ou divindades de 1.ª ordem.* 2.º *Deuses inferiores ou divindades de 2.ª ordem.* 3.º *Divindades allegoricas.* 4.º *Semideuses ou Heroes*, os quaes, ou erão nascidos de um deus e uma mortal, ou mortaes que, pelas suas boas acções, tinhão merecido um lugar distincto entre os deuses.

#### Divindades de 1.ª ordem ou do conselho celeste

Erão 21, a saber: *Saturno, Jano, Cybele* ou *Tello, Jupiter, Juno, Neptuno, Amphitrite, Plutão, Ceres, Mercurio, Vulcano, Marte, Venus, Minerva, Apollo, Diana, Baccho, Vesta, o Sol, o Genio e a Lua.*

**Saturno.** — Era filho de *Urano* e de *Tithéa*, ou do ceo e da terra. A ambição que tinha de reinar fez com que seu irmão *Titan* lhe cedesse os direitos de primogenito, com a condição porém de não conservar nenhum filho do sexo masculino, que devia devorar á nascença, para que o soberano poder viesse a recahir nas mãos do mesmo *Titan*, e passasse á sua posteridade. Todavia *Cybele*, mulher de *Saturno*, achou meio de subtrahir *Jupiter*, *Neptuno* e *Plutão* á crueldade de seu marido. —

Tendo *Saturno* sido expulso do ceo por seu filho *Jupiter*, refugiou-se na Italia, aonde reinava *Jano*, que o acolheu benignamente. Alli ensinou a agricultura aos homens, e o tempo que *Saturno* passou naquelle paiz, chamou-se *Idade de ouro.* —

Representa-se a *Saturno*, umas vezes, sob a figura de um velho com a barba comprida, azas, uma ampulheta na mão, e na outra uma foice: então é o symbolo do *Tempo*, que é antiquissimo, passa depressa, e tudo destroe; outras vezes com uma criança na bôca, como se vê na estampa I, n.º 1. —

**Cybele.** — Era filha do ceo e da terra, e mulher de *Saturno*. Chamavão-lhe tambem a *mãe dos deuses*. Sua mãe





Saturno



Jupiter



Cybele



Juno

expo-la, logo depois do seu nascimento, em um bosque, aonde foi creada por animaes ferozes.

Representa-se a *Cybele* sob a figura de uma mulher robusta, com a cabeça coroada de torres e folhas de carvalho; tendo na mão esquerda uma chave, e na outra, uma cornucopia, com o vestido semeado de flores, e sentada n'um carro puxado por dois leões. Veja-se a estampa I, n.º 3.

**Jupiter.** — Filho de *Saturno* e de *Cybele*, tinha o primeiro lugar entre os deuses; foi creado na Ilha de *Creta*, nas cavernas do Monte *Ida*, pelos *Coribantes* ou *Curetes* (sacerdotes de *Cybele*). A cabra que o creou chamava-se *Amalthea*, e foi transformada em *nympha*.

*Jupiter* livrou seu pai da tyrannia dos *Titans*, e, expulsando-o do ceo, repartiu o imperio do universo com seus irmãos *Neptuno* e *Plutão*.

*Neptuno* teve o imperio do mar; *Plutão*, o dos infernos, e *Jupiter* reservou para si o ceo ou *olympo*.

*Jupiter* transformou-se muitas vezes: em *Touro* para roubar a *Europa*, filha d'*Agenor*; em *Chuva de ouro* para seduzir a *Danae*; em *Cisne* para surprehender a *Leda*; em *Nympha* para enganar a *Calixto* ou *Helice*; e em *Agua* para arrebatrar a *Ganymédes*.

Representa-se ordinariamente a *Jupiter* sob a figura de um homem magestoso, com barba comprida, corôa na cabeça, sentado n'um throno entre nuvens, tendo raios na mão direita, na esquerda a estatua da victoria, e uma aguia ao lado, como se vê na estampa I, n.º 2.

**Juno.** — Era filha de *Saturno* e de *Rhea*, e irmã e esposa de *Jupiter*, por conseguinte Rainha dos deuses. Presidia aos casamentos e partos, e então chamavão-lhe *Pronuba*, *Lucina* e *Ilithya*.

Representão-na como uma mulher mui formosa, sentada n'um throno, entre nuvens, com uma corôa na cabeça, um sceptro em uma das mãos, e na outra um fuso com uma maçaroca de fiado. Estampa I, n.º 4. A ave favorita de *Juno* era o pavão.

**Neptuno.** — Era irmão de *Jupiter*: teve o imperio do mar. O seu sceptro era um tridente, que lhe servia para agitar ou acalmar as ondas do oceano; o seu carro, uma grande concha, puxada, algumas vezes, por cavallos marinhos, que tinham na parte inferior do corpo a fórma de peixe, e acompanhado de *Tritões* e *Nereides*, que annunciavão a sua vinda, tocando um buzio de que andavão

munidos. *Nereides* erão as nymphas que vivião no mar, e dava se o nome de *Naiades* áquellas que vivião nos rios e nas fontes. Veja-se a estampa II, n.º 5.

Havia, alem destas, outras nymphas denominadas *Napeas*, *Dryades* e *Hamadryades*, que vivião nos bosques e nos prados.

**Amphitrite.** — Filha do *Oceano* é de *Doris*, era a deusa do mar e mulher de *Neptuno*.

Havendo-se retirado para os valles do Monte Atlas, para não casar, expediu *Neptuno* dois delfins que, dando com ella, conseguirão vencer a sua pertinacia, e, conduzindo-a n'um carro em fórma de concha, aquelle deus a desposou. Veja-se a estampa II, n.º 6.

**Plutão.** — Deus dos Infernos. Era tão negro e tão feio que, por mais diligencias que fizesse, não pôde achar mulher, pelo que resolveu roubar a *Prosérpina*, na occasião em que ella estava colhendo flores nos prados da Sicilia. Representão-no, umas vezes, com uma corôa de ébano, tendo a seu lado *Cerbéro*, cão com três cabeças, que guardava a porta dos Infernos; outras, como se ve na estampa II, n.º 7.

OS INFERNOS, següendo os poetas, erão uns lugares subterraneos onde ião as almas para serem julgadas, e dividião-se em duas partes: *Campos Elysios* e o *Tártaro*. Os *Campos Elysios* erão jardins deliciosos, habitados pelas almas dos justos. O *Tártaro* era um lugar horrendo, aonde penavão as almas dos máos. Os Juizes encarregados de julgar os mortos, logo que entravão nos Infernos, erão tres: a saber: *Eaco*, *Minos* e *Rhadamanto*. Havia alli tambem tres *Furias* ou *Euménides*, que atormentavão sem cessar os criminosos, e erão: *Alecto*, *Megera* e *Tisiphone*; — e as tres *Parcas*, a saber: *Clotho*, que pegava na roca; *Lachésis*, que fiava os dias dos homens, e *Atropos*, que cortava o fio com a tesoura fatal. Antes de chegar á córte de *Plutão* e ao tribunal de *Minos*, era necessario passar o *Rio Acheronte*, em uma barca governada por *Charonte*, ao qual as sombras davão uma pequena moeda pela passagem.

**Ceres.** — Era irmã de *Jupiter* e de *Juno*, é deusa das searas e das ceifas.

Roubando-lhe *Plutão* sua filha *Prosérpina*, accendeu dois fachos no cimo do Monte *Etna* para a procurar, tanto de dia como de noite. Tendo descido aos Infernos, e encontrando alli sua filha, esta não a quiz acompanhar. — *Jupiter*, para a consolar, ordenou que *Prosérpina* passasse



Neptuno



Amphitrite



Plutão



Ceres







Mercurio



Marte



Venus



Vulcano

seis mezes do anno em companhia de sua mãe, e outros seis na de seu marido *Plutão*. Representão-na, algumas vezes, com uma foice na mão direita, e na esquerda, um molho d'espigas; outras do mesmo modo, com a differença porém de que, em lugar de foice, traz na mão um facho. Veja-se estampa II, n.º 8.

**Mercurio.**—Filho de *Jupiter* e de *Maia*, era o deus da eloquencia, do commercio e dos ladrões, e o mensageiro dos deuses, principalmente de *Jupiter*, o qual lhe havia pegado azas na cabeça e nos calcanhares para, com mais presteza, executar as suas ordens. — Roubou a lyra a *Apollo*, e serviu-se della para adormecer e matar a *Argos*, pastor a quem *Juno* confiara a guarda de *Io*, transformada em vacca, o qual tinha cem olhos, cincoenta dos quaes estavam abertos durante o somno dos outros cincoenta.

Representão-no com azas na cabeça e nos calcanhares, e um caducéo em uma das mãos, isto é, uma vara com duas serpentes enroscadas; na outra, uma bolsa, e algumas vezes com um gallo ao lado. Estampa III, n.º 9.

**Marte.**—Filho de *Juno*, era o deus da guerra. *Juno* resentida de *Jupiter* haver feito sahir do seu cerebro a *Pallas*, resolveu ir ao Oriente procurar o meio de vir a ser mãe sem o auxilio de seu marido. Cançada porém do caminhar, parou perto do templo de *Flora*, a qual lhe perguntou o motivo da sua jornada, e declarando-lh'o ella, indicou-lhe uma flôr que assim que a tocavão produzia aquelle admiravel effeito.

Marte amou extremamente a *Venus*, com quem *Vulcano*, seu esposo, a surprehendeu.

Representa-se com um capacete na cabeça, e empunhando as armas, como se vê na estampa III, n.º 10.

**Venus.**—Era a deusa da belleza: foi gerada da espuma do mar. Conta-se que assim que nasceu, as Horas a arrebatárão para o ceo, aonde todos os deuses a achárão tão formosa, que a quizerão desposar, e a denominárão deusa do amor; porém *Jupiter* deu-a a *Vulcano*, por este lhe haver forjado os raios contra os gigantes que pertenderão escalar o ceo.

Presidia a todos os prazeres, e as suas festas celebravão-se com todo o genero de dissolução. Edificárão-se-lhe varios templos por toda a parte: os mais celebres erão os de *Amathonte*, *Lesbos*, *Paphos*, *Cythéra* e o de *Gnido*.

**Venus** era mãe de *Cupido* ou do *Amor*, a quem teve do deus *Marte*.

Representa-se, umas vezes, sahindo do mar, outras, em um carro puxado por duas pombas, etc. Veja-se estampa III, n.º 11.

**Vulcano.** — Era filho de *Jupiter* e de *Juno*. Seu pai o achou tão feio que, dando-lhe um pontapé, o precipitou do céu ou *olympo*, do que lhe resultou quebrar uma perna, e ficar côxo. Forjava os raios para *Jupiter*, e tinha as suas forjas na Ilha do *Lyparo*, de *Lemnos*, e no cimo do Monte *Etna*. Os *Cyclopes*, seus officiaes, e que só tinham um olho no meio da testa, trabalhavão constantemente debaixo da sua direcção. Veja-se estampa III, n.º 12.

**Minerva.** — Deusa das artes e sciencias, era filha de *Jupiter*, e o seu nascimento, segundo os poetas, foi muito extraordinario. Queixando-se um dia *Jupiter* de grandes dôres de cabeça, ordenou a *Vulcano* que lh'a abrisse com um machado, e tendo aquella ordem sido executada, sahio-lhe *Minerva* do cerebro, armada.

Debaixo do nome de *Minerva*, preside á sabedoria, ás sciencias e ás artes; mas sob o nome de *Pallas*, é a deusa da guerra.

Representa-se a *Minerva* sob a figura de mulher, com um capacete na cabeça, um escudo na mão esquerda, e na direita uma lança, tendo a seu lado um mocho, e aos pés uma serpente. Estampa IV, n.º 13.

**Apollo.** — Era filho de *Jupiter* e de *Latona*, irmão de *Diana*, e o mais formoso e amavel dos deuses. — Presidia ás bellas artes e á poesia.

Habitava com as novê *Musas* os Montes *Parnaso*, *Helicon*, *Pierio*, o *Pindo*, as margens do *Hypocrene* e do *Permeso*, aonde ordinariamente passava *Pégaso*, cavallo com azas em que montava algumas vezes.

Representa-se ordinariamente a *Apollo* com uma corôa de louro na cabeça e uma lyra na mão, ou tendo junto a si os instrumentos proprios das artes e sciencias, e algumas vezes em um carro puxado por quatro cavallos percorrendo o *Zodiaco*. Estampa IV, n.º 14.

Este Deus era conhecido por varios nomes, a saber: *Apollo*, *Phebo*, (1), *Sol* ou *deus do dia*, *Vencedor da serpente Python* e *Pai das musas*.

Conta-se que *Apollo* teve um filho chamado *Phaetonte*.

(1) Os poetas designão muitas vezes o Sol pelo nome de *Phebo*.

ESTAMPA IV.



Minerva



Apollo



Diana



Baccho



Divertindo-se este um dia com *Epapho*, teve com elle uma desavença, e este lhe lançou em rosto que não era filho do *Sol*, como imaginava. — *Phaetonte*, indignado, queixou-se a sua mãe, e depois a seu pai, pedindo-lhe, para provar o seu nascimento, a graça de o deixar conduzir um dia o seu carro. O *deus do dia* negou-lh'a muito tempo, mas a final concedeu-lh'a. Chegando apenas ao horizonte, e desconhecendo os cavallos a mão deste novo conductor, tomáráo o freio nos dentes de tal modo que, avisinhandose muito da terra, tudo se abrazava pelo ardor do *Sol*, e afastando-se della, tudo perecia pelo rigor do frio. — *Jupiter*, para o castigar da sua temeridade, lançou-lhe um raio, e o precipitou no *Eridano*, rio d'Italia, hoje chamado *Pó*. —

**Diana.** — Era a *deusa da caça*, filha de *Jupiter* e de *Latona*, e irmã de *Apollo*.

Como divindade celeste, denominava-se *Lua* ou *Phebe*; como divindade terrestre, *Diana*, e como divindade infernal, *Hécate*. ~

Quasi sempre andava á caça, e representa-se, umas vezes, com um crescente na cabeça, e com arco, aljava e uma corça ao lado; outras, em um carro puxado por corças, como se vê na estampa IV, n.º 15. —

**Baccho.** — Era filho de *Jupiter* e de *Semele*, e reputado como o *deus das vindimas e dos ebrios*. *Baccho* conquistou a *India*; ensinou aos homens a cultivar a vinha, e desposou *Ariadna*, que *Theséo* havia abandonado na *Ilha de Naxos*. —

Representão-no coroado de folhas de parra ou hera, com uma pelle de tigre aos hombros, um thyrsos na mão, e a seus pés uns leopardos; outras vezes sentado em um tonel, ou n'um carro puxado por tigres, lynces, ou panthéras; outras, com um copo em uma das mãos, e na outra, um thyrsos, de que se servia para fazer brotar fontes de vinho, e outras finalmente, como se vê na estampa IV, n.º 16.

**Vesta.** — *Deusa do fogo e da virgindade*, era filha de *Saturno* e de *Cybele*. *Numa Pompilio*, 2.º Rei dos Romanos, mandou-lhe construir um templo, no qual se conservava um fogo perpetuo, que *Roma* reputava como o palladio do Estado, e cujo cuidado e conservação forão confiados a donzellas chamadas *Vestaes*. Quando estas o deixavão apagar, ou faltavão ao seu voto de virgindade, erão enterradas vivas. —

**O Sol.** — Filho de *Hyperion* e de *Thia*, era reputado como um astro benefico, que levava a todos os lugares o

calor e a fecundidade. Às *Horas* competia atrellar o seu carro, e *Apollo* era o seu conductor. O mesmo astro foi o primeiro objecto da Idolatria.

**A Lua.** — Foi a maior divindade do paganismo depois do *Sol*. *Cesar* não deu outras divindades aos povos do Norte e aos antigos Germanos senão o *Fogo*, o *Sol* e a *Lua*.

### Divindades de 2.<sup>a</sup> ordem

As principaes divindades de 2.<sup>a</sup> ordem ou deuses inferiores erão os seguintes:

**Aurora.** — Filha de *Titan* e da *Terra*. Presidia ao romper do dia.

**Cupido ou o amor.** — Era filho de *Marte* e de *Venus*. Presidia á voluptuosidade. Representa-se sob a figura de um menino nu com azas, algumas vezes com uma venda nos olhos, e com um arco e uma aljava cheia de setas. Foi o amante e marido de *Psyché*.

**As Musas.** — Erão filhas de *Jupiter* e de *Mnemosyne*, e presidião: *Clio* á Historia; *Melpómene* á Tragedia; *Thalia*, á Comedia; *Euterpe*, á Musica; *Terpsicore*, á Dança; *Erato*, ás Poesias amorosas; *Calliope*, á Poesia heroica; *Urania*, á Astronomia; *Polymnia*, á Rhetorica.

**As tres Graças.** — Por outro nome *Charites*, erão filhas de *Jupiter* e de *Venus*, e formavão o sequito desta deusa. Seus nomes erão: *Euphrosyna*, *Thalia* e *Aglaia*. Representão-se ordinariamente como tres lindas mulheres nuas, com semblante risonho e as mãos dadas, para mostrar que as *Graças* nada pedem emprestado á arte, e que não tem outros attractivos mais que os da natureza.

**Hymen ou Hymeneo.** — Presidia ao casamento. Era filho de *Baccho* e de *Venus*.

**Hebe.** — Era filha de *Juno*, e deusa da mocidade.

**Ganymédes.** — Filho de *Tros*, Rei dos Troyanos.

**Prosérpina.** — Mulher de *Plutão*.

**Oceano.** — Deus marinho. Era filho do *Ceo* e de *Venus*, e pai dos rios e das fontes.

**Protheo.** — Filho do *Oceano* e de *Tetis*. Era o pastor dos rebanhos de *Neptuno*.

**Tritões.** — O primeiro *Tritão* que provavelmente deu o nome aos outros, era filho de *Neptuno* e de *Amphytrite*, ou como outros dizem, de *Neptuno* e de *Salacia*. A parte superior do corpo, até o umbigo, tinha a figura de homem,

e a parte inferior acabava em cauda como a do delfim. Os *Tritões* são protectores da navegação. —

**Glaucó.** — Deus marinho. Era um famoso pescador que havendo notado que os peixes que collocava sobre certa herva adquirião vigor, e se lançavão no mar, imaginou que a dita herva era dotada de virtude particular. Lembrou-se pois de a provar, e saltou immediatamente n'agua como tinnão feito os peixes.

**Eolo.** — Deus dos ventos e filho de *Jupiter*. Os quatro Ventos principaes são: *Bóreas*, que soprava do Norte; *Auster* ou *Austro*, do Sul; *Euro*, do Nascente, e *Zephyro*, do Poente.

**Pan.** — Deus dos pastores e dos rebanhos. Representa-se sob a figura de homem com barba comprida, chifres e pés de bode. —

**Flora.** — Deusa das flores. Representa-se ornada de grinaldas, tendo junto de si cestos de flores.

**Fauno.** — Divindade campestre. Era filho de *Pico*, antigo Rei dos Latinos.

**Sátyros.** — Monstros metade homens e metade cabras com chifres. Habitavão os bosques e as montanhas, e formavão o sequitô de *Fauno*.

**Sylvano.** — Deus dos bosques. Representa-se com um ramo de cypreste na mão. Confundem-no muitas vezes com os deuses *Pan* e *Fauno*.

**Príapo.** — Nasceu em *Lampsaco* com uma deformidade singular. Era o deus dos jardins. Presidia a toda a casta de dissolução. Representa-se com a barba e cabellos compridos, tendo uma foice na mão.

**Echo.** — Era filha do Ar e da Terra. Era muito jovial e amada de *Juno*: logo porém que esta deusa viu que ella era confidente de *Jupiter* nas suas aventuras amorosas, privou-a do uso da lingua, e a condemnou a repetir sómente as ultimas syllabas das palavras. Vendo-se desprezada de *Narciso*, de quem foi amante, buscou o retiro das grutas, dos montes e dos bosques, aonde morreu de pena, e foi metamorphoseada em pedra.

**Narciso.** — Era tão formoso, que todas as nymphas o amavão, mas a todas foi insensivel. Devia chegar a uma extrema velhice, se houvesse podido abster-se de se ver. A indifferença porém de *Narciso* para com as mulheres, bem depressa foi castigada. Voltando um dia da caça, correu a uma fonte, e vendo a sua imagem n'agua, ficou tão namorado de si mesmo, que morreu

dessa paixão amorosa, sendo transformado na flor chamada *Narciso*.

**As nymphas.**—Erão filhas do *Oceano* e de *Thétis*.

**Vertumno.**—*Deus do Outono*; afeiçãoou-se a *Pomona*, e transformou-se em velha para a seduzir.

**Pomona.**—Era a *deusa dos fructos*. Representa-se com uma corôa de folhas de parra e de cachos de uvas, e uma cornucopia na mão.

**Os Lares e Penates.**—Os *Lares* erão as divindades do interior das famílias; os *Penates*, as das cidades, ou de alguns lugares particulares. Confundem-se muitas vezes uns com outros.

**As Horas.**—Erão filhas de *Jupiter* e de *Thémis*, e presidião ás *Estações*.

**Iris.**—Filha de *Thaumas*, e mensageira de *Juno*, que a metamorphoseou em arco, e lhe deu um lugar no ceo, em recompensa de seus bons serviços: é o que se chama *Arco-Iris*. *Juno* amava-a muito, porque nunca annunciava más noticias. Representa-se com azas nas costas.

**Bellona.**—Era a *Deusa da guerra*, e irmã de *Marte*.

**Thémis.**—*Deusa da justiça*. Representa-se ordinariamente com os olhos vendados, uma balança n'uma das mãos, e na outra, uma espada.

**Astréa.**—Era filha de *Jupiter* e de *Thémis*. Depois de haver habitado a terra em quanto durou a *Idade d'ouro*, subiu ao ceo, e collocou-se naquelle ponto do Zodiaco, chamado *Signo da Virgem*.

**Esculapio.**—Filho da *Apollo* e da nympha *Coronis*, era o *deus da Medicina*. Foi adorado em *Epidauro*, sob a figura de serpente, que tomou sem duvida por ser este reptil o symbolo da prudencia, virtude essencial em um medico. Representa-se ordinariamente com a barba comprida, uma cobra na mão, ou enroscada no braço, ou n'um caduceo, e um gallo ao lado.

**Pluto.**—*Deus das riquezas*, Ministro de *Plutão*. Fazem-no filho de *Céres* e de *Jason*, para indicar que a agricultura é a origem de todos os bens.

**A Fortuna.**—Era a deusa que presidia ao bem e ao mal, Representa-se sob a figura de mulher calva, ou cega, ou com os olhos vendados, azas nos pés, um dos quaes no ar, e o outro sobre uma roda, que parece girar com velocidade.

**Momo.**—Filho do somno e da noite, era o *deus da*

*zombaria*. Occupava se em examinar as acções dos deuses e dos homens, e em reprehendel-os com liberdade.

**Nemesis ou Adastrea.** — Era a *deusa da vingança*, e filha de *Jupiter* e da *necessidade*. Castigava os máos e aquelles que abusavão dos presentes da fortuna. —

**A noite.** — *Deusa das trevas*, filha do *Ceo* e da *Terra*. Representa-se com vestido preto semeado de estrellas.

**O Somno.** — Era irmão da *Esperança* e da *Morte*, de que é a imagem, e filho d'*Erebe* e da *Noite*. *Morphéo*, seu filho e principal Ministro, adormecia aquelles em quem tocava com um pé de dormideira.

**A morte.** — Filha da *Noite* e irmã do *Somno*, e que é o proprio somno eterno, era a mais implacavel de todas as divindades. Presidia aos ultimos momentos dos homens.

**Os Deuses manes.** — Era assim que os povos da antiguidade chamavão as almas dos que tinham morrido. Pelo nome generico de *manes* designava-se tambem os deuses infernaes, chamados *Dei inferi*, em opposição aos outros deuses denominados *Dei superi*. —

**Psyche.** — Rivalisava em formosura com a propria deusa das graças. Esta, ciosa de ella haver seduzido a seu filho *Cupido*, a perseguiu tanto, que a fez morrer. Representa-se sob a figura de uma linda rapariga com azas de borboleta. *Jupiter* restituiu-lhe a vida, unindo-a a *Cupido*.

### Divindades allegoricas e algumas divindades particulares

**A Paz.** — Esta divindade tinha templos em Roma. Representa-se sob a figura de mulher coroada de louro, tendo n'uma das mãos um ramo de oliveira, e algumas vezes um caducêo, e na outra, uma cornucopia. —

**O Trabalho.** — Representa-se como um homem robusto, com os hombros nus, e braços musculares, tendo nas mãos instrumentos proprios para diversos mesteres.

**A Abundancia.** — Representa-se sob a figura de donzella com uma cornucopia na mão cheia de flores e fructos. —

**O Pudor.** — Esta virtude, tão amavel e essencial, era honrada entre os Gregos e os Romanos. Havia em Roma dois templos desta divindade, um dedicado á *pudicia das*

*patricias* (ou das mulheres nobres); outro á *prudência das plebeas*.

**A Inocencia.**—Representa-se de diversas maneiras, porém a mais usual é sob a figura de uma menina dando de comer a uma serpente.

**A Verdade.**—Representa-se sob a figura de mulher, tendo na mão um espelho, em que cada qual se vê tal como é.

**A Providencia.**—Os Romanos rendião culto a esta divindade. Representa-se sob a figura de mulher idosa e veneranda, tendo n'uma das mãos uma cornucopia, e na outra, uma varinha que estende sobre um globo, para indicar que é da Divina Providencia que nos provém todos os bens, e que esta os derrama por todo o universo.

**A Liberdade.**—Era muito venerada entre os Romanos. Representa-se ordinariamente sob a figura de mulher vestida de branco, tendo ao lado um jugo quebrado, e pegando com uma das mãos n'uma lança, e com a outra n'um barrete, o qual algumas vezes tem na cabeça, outras collocado no tope da lança. Este barrete era o symbolo da liberdade.

**A Lei.**—Representa-se sob a figura de donzella, tendo um sceptro na mão, e encostada a um livro contendo as constituições dos povos e dos Imperios.

Além destas havia as seguintes divindades allegóricas; a saber: a *Concordia*—a *Amizade*—a *Esperança*—a *Riqueza*—a *Clemencia*—a *Felicidade*—a *Honra*—a *Discordia*—a *Inveja*—a *Colera*—o *Furor*—a *Calumnia*—a *Pobreza*—a *Fome*—a *Preguiça*, etc.

### Dos Heroes ou semi-deuses

Os principaes Heroes são os seguintes:

**Perseu.**—Era filho de *Jupiter* e de *Danae*. As duas acções mais notaveis que praticou forão: cortar a cabeça a *Medusa*, de cujo sangue nasceu o cavallo *Pégaso*, e depois montado neste, livrar a *Andrómeda* de um monstro marinho a cujo furor se achava exposta.

**Bellerophonte.**—Constrangido a fugir de *Corintho*, sua patria, por ter morto a seu irmão, refugiou-se na côrte de *Preto*, Rei d'*Argos*, aonde a mulher deste, por nome *Sthenobéa*, se captívou d'elle. Estimulada porém da sua indiferença, accusou-o perante o marido, o qual não

querendo violar a hospitalidade, o mandou com suppostas cartas de recommendação para o pai de *Sthenobéa*, em que lhe dizia que o expozesse a perigos em que elle succumbisse. *Bellerophonte* foi pois mandado combater a *Chimera*, monstro com cabeça de leão, corpo de cabra, cauda de dragão, e que lançava fogo pela boca, combate em que o Rei d'Argos presumia que elle perecesse. Vindo porém os deuses em seu auxilio, matou o dito monstro depois de ter montado no cavallo *Pégaso*, que para esse fim lhe enviáram.

**Hercules.**—Era filho de *Jupiter* e de *Alcmena*, e o maior e mais famigerado dos Heroes. *Eurysthéo*, seu irmão, Rei de Mycênas, desejando desfazer-se d'elle, ordenou-lhe muitos trabalhos perigosissimos, que desempenhou gloriosamente. Eis-aqui os 12 principaes:

1.º Suffocou o leão da selva de *Neméa*, cuja pelle trouxe depois consigo para com ella se cõbrir.—2.º Matou a *hydra de Lerna*, a qual tinha sete cabeças que renascião ao passo que as derrubava.—3.º Levou vivo a *Eurysthéo* o javali de *Erymanto*.—4.º Aleançou na carreira a corça chamada de *Monte Ménalo*, a qual tinha pés de bronze e pontas de ouro.—5.º Venceu as amazonas.—6.º Subjugou um touro furioso que lançava chammas pelas ventas.—7.º Puniu *Busiris* e *Diómedes*; o primeiro sacrificava a *Neptuno*, seu pai, todos os estrangeiros que entravão em seus Estados; o segundo sustentava os seus cavallos de carne humana.—8.º Mudou o curso do *Rio Alfeo* para limpar os curraes de *Augias*, Rei de Argos.—9.º Venceu a *Gerião*, a quem a *Fabula* dava tres corpos.—10.º Roubou os pomos de ouro do jardim das *Hespérides*, que erão guardados por um dragão.—11.º Suffocou *Antéo*, filho da *ra*, que creava novo vigor todas as vezes que se achava em immediato contacto com ella.—12.º Emfim Livrou *Theséo*, retido nos Infernos, e prendeu com cadeias de ferro o cão *Cerbéro*. Foi porém vencido pelo amor, que o obrigou a render-se a *Omphale*, Rainha de *Lybia*, e a trocar a sua maça por uma roca.

**Theséo.**—Companheiro de *Hercules*, tomou este por modelo, e conseguiu collocar seu nome ao lado do daquelle heroe.

**Jason.**—Foi mandado por *Pelias*, Rei de Thessalia, a *Colchos* á conquista de *Vellocino*, ou carneiro com vello de ouro. Quasi todos os Heroes do tempo quizerão fazer parte desta expedição, e se unirão a *Jason*, embarcando-se

em um navio chamado *Argo*, o que fez dar o nome de *Argonautas* áquelles que o mesmo navio conduzia. —

**Castor e Pollux.**—Estes dois irmãos tornarão-se celebres pela sua amizade. Acompanharão *Jason* á conquista do *Vello cino*, em que assignalárão o seu valor. Foram collocados no ceo, debaixo do nome de *Gemeos*, e são hoje um dos Signos de *Zodiaco*. —

**Deucalião.**—Era Rei de *Thessalia*, filho de *Promethéo* e marido de *Pyrrha*. Irritados os deuses da maldade dos homens, resolvêrão faze-los perecer por meio de um dilúvio. *Deucalião* e *Pyrrha* escapárão porém daquelle castigo em attenção á sua virtude; e aconselhados por *Thémis* para que fossem lançando para traz de si as pedras que apanhassem, aconteceu que as que sahião das mãos de *Deucalião* se convertião em homens, e as de *Pyrrha*, em mulheres. —

14 **Dédalo e Ícaro.**—O primeiro, inventor de muitos instrumentos uteis, e auctor do *Labyrintho* de *Créta*, foi encerrado no mesmo *Labyrintho* com seu filho *Ícaro*, por terem favorecido a paixão de *Pasiphae*. Não vendo meio de sahir d'alli, formou umas azas de cera para fugir, e recommendou a *Ícaro* que não voasse nem muito alto nem demasiado baixo, mas este mancebo não se lembrando das advertencias de seu pai, elevou-se a uma altura tal, que o calor do sol lhe derreteu as azas, e cahiu naquelle lugar do mar chamado *Mar Ícaro*. —

---

## GUERRA DE TROIA

Esta guerra é um dos grandes successos dos tempos heroicos, e *Homéro* o immortalizou com seus divinos versos. A decisão de *Páris*, filho de *Priamo*, Rei de *Troya*, e o roubo de *Helena*, mulher de *Meneláo*, Rei d'*Esparta*, feito pelo mesmo *Páris*, foi o que a originou, como se vai mostrar:

Nas bodas de *Thétis* e de *Peleo*, lançou a *Discordia* sobre a mesa dos deuses o fatal pomo de ouro com a inscripção: **Á MAIS FORMOSA.** *Juno*, *Minerva* e *Venus* disputárão-no; pedirão arbitros, e *Jupiter* escolheu a *Páris*.

14 *Juno* prometteu-lhe o poder e a riqueza; *Minerva*, a

sabedoria e a virtude, e *Venus*, a posse da mulher mais bella do universo. Esta ultima promessa, e a superior belleza de *Venus*, fizeram com que *Páris* lhe adjudicasse o pomo; e desde esse momento *Juno* e *Minerva* jurarão vingar-se, e trabalhar de accordo para a ruina dos Troyanos. Tendo *Páris* sido mandado á Grecia por seu pai, apaixonou-se de *Helena*, mulher de *Meneláo*, e fugiu com ella. Todos os Reis da Grecia juntarão então as suas forças para vingar esta injuria. - 17

O *Cerco de Troya* durou dez annos, e terminou por um estratagemá. Os Gregos penetrarão na cidade por meio de um immenso cavallo de páo, em cujo ventre se occultarão os mais famosos guerreiros. A cidade foi entregue ás chammas, e seus habitantes passados ao fio da espada. *Priamo* alli pereceu assim como quasi toda a sua familia, e os Troyanos que escapárão das chammas, forão feitos escravos. *Enéas* salvou-se com alguns desses desgraçados, e segundo a tradição, foi fundar em Italia uma cidade, a que deu o nome de *Lavinium*, origem de *Roma*. O maior heroe troyano era *Heitor*, que foi morto por *Achilles*, o mais valente dos Gregos, e arrastado ao seu carro á roda das muralhas de Troya. Os principaes Gregos que se achárão neste cerco forão: *Agamemnon*, *Meneláo*, *Achilles*, *Diómedes*, os dois *Ajax* e *Ulysses*. A maior parte destes morrerão desgraçadamente depois do sitio. *Agamemnon* foi assassinado (voltando ao seu Reino) por ordem de *Clytemnestra*, sua mulher, que depois foi morta por seu filho *Orestes*. *Achilles* morreu de uma frecha que *Páris* lhe atirou ao calcanhar, unica parte onde era vulneravel. *Diómedes* perdeu todos os seus companheiros, e não pôde voltar á sua patria. *Ajax*, filho d'*Oúleo*, foi morto por um raio, achando-se ao mar largo; e *Ulysses* andou errante pelo espaço de 10 annos; mas a final chegou ao seu Reino de *Ithaca*, aonde achou sua mulher *Penélope* que se lhe havia conservado fiel. Estes acontecimentos produzirão os tres mais bellos poemas que se conhecem, a saber: a *Illiada*, cujo assumpto é a guerra de Troya; a *Odysséa*, em que se canta o regresso tão desejado de *Ulysses* á sua patria, e a *Eneida*, em que se celebrão a fuga de *Enéas* e a fundação do seu Imperio. Os dois primeiros poemas, em lingua grega, são de *Homero*, genio immortal que existia ha perto de tres mil annos; e o ultimo, em latim, é de *Virgilio*, que imitou o poeta grego, e occupa o lugar immediato. -

## BIOGRAPHIA CLASSICA

OU NOTICIA DE VARIOS HOMENS ILLUSTRES DA ANTIGUIDADE  
E DOS PRINCIPAES AUCTORES ADOPTADOS NAS CLASSES.

**Anacreonte.** — Celebre poeta lyrico: nasceu em Teos, na Jonia, 530 annos A. C. (1). Mereceu, mais pela doçura e elegancia de seus versos do que pela pureza de seus costumes, um lugar distincto entre os sabios da antiguidade. Quasi todas as suas poesias tem por objecto o amor e o vinho.

**Anaxãgoras.** — Philosopho grego; dedicou-se inteiramente ao estudo das sciencias, com especialidade ao de Astronomia, e chegou a adquirir noções assaz exactas sobre a natureza dos eclipses. Morreu 428 annos A. C.

**Appelles.** — Celebre pintor grego, que occupou o principal lugar entre os pintores da antiguidade. Escreveu tres volumes sobre pintura, porém forão destruidos pelo tempo, assim como todos os seus quadros.

**Archimedes.** — Geómetra de Syracusa, na Sicilia. Tornou-se mui celebre pelas admiraveis maquinas que construiu para defender Syracusa contra os Romanos, commandados por *Marcello*. Inventou tambem os espelhos ardentes que, expostos aos raios do sol, incendiavão as embarcações ao alcance da frecha. Foi morto por um soldado Romano, por não o ter querido acompanhar antes de achar a solução de um problema de que se estava occupando.

**Aristophanes.** — Celebre poeta dramatico, natural de Rhodes: floresceu cerca de 430 annos A. C. Escreveu 52 comedias, de que apenas existem 11. Censurou os vicios de seu seculo com talento superior.

**Aristóteles.** — Celebre philosopho. Nasceu em Stagira, na Macedonia. Foi chamado á côrte do Rei *Filippe* para se encarregar da educação de seu filho, depois *Alexandre Magno*. As suas obras podem dividir se em 4 classes: 1.<sup>a</sup> as que se referem á *arte oratoria* e á *poetica*, reputadas como obras primas de gosto e philosophia: 2.<sup>a</sup> os seus *Tratados de moral*: 3.<sup>a</sup> a sua *Logica*: esta obra posto que muito elogiada n'outro tempo, não é isenta de defeitos: 4.<sup>a</sup> os seus *Tratados de Physica* e a *Historia natural dos animaes*. Esta ultima obra contém cousas interessantes, mas cheias de muitos erros anatômicos e de su-

(1) A. C. significa: *Antes de Christo*.

perstições populares; contudo *Buffon* faz della o maior logio. Morreu 322 annos A. C.

**Catullo.**—Celebre poeta latino. As suas obras consistem inteiramente em epigrammas, e o seu estylo é singelo e elegante, porém muitas vezes desfigurado pela licença das expressões. Morreu 40 annos A. C.

**Cícero.**—Depois de ter occupado os cargos subalternos d' *Edil* e *Pretor*, foi feito *Consul* no anno de Roma 691. O seu consulado foi particularmente assignalado pela descoberta que fez da conjuração tramada por *Catilina* e pelas medidas vigorosas e efficazes que tomou para evitar seus funestos effeitos. Os Romanos apreciarão de tal modo tão grande serviço, que lhe derão o titulo de *Pai da patria*, e de *Segundo fundador de Roma*. Dá-se o nome de *Catilinarias* aos quatro discursos violentissimos que *Cícero* pronunciou contra *Catilina*; e o de *Verrinas* aos que pronunciou contra o *Pretor Verres*, que se assignalou pelas suas concussões, tyrannias e crueldades. Não obstante a consideração de que gosava entre seus concidadãos, foi preso por ordem de *Antonio*, decapitado, e a sua cabeça exposta ao publico no *Forum*. *Cícero* illustrou-se, principalmente, pela sua vastissima erudição e pelos encantos da sua eloquencia. Foi chamado *Principe dos oradores romanos*, e as suas obras justificão plenamente este titulo.

**Demócrito.**—Celebre philosopho. Nasceu em *Addera*, cidade da *Thracia*. Ria-se sem cessar das loucuras humanas; pelo que alguns *Abderitas* julgáão que estava doudo, e mandando-o inspecionar por *Hippócrates*, declarou este que aquelles que o reputavão doudo o erão mais do que elle. Foi o primeiro que descobriu que a *Galaxia* ou *Via lactea* era causada pela luz confusa de uma multidão de estrellas, conjectura que depois se achou fundada. Morreu 364 annos A. C.

**Domósthènes.**—Orador atheniense, celebre pelos seus talentos. Despertou os seus compatriotas da indolencia em que jazião, e instigou-os a resistirem á ambição de *Filippe*, Rei de *Macedemonia*; eis o que fez dar o nome de *Filippicas* aos seus discursos. Foi chamado, com justa causa, *Principe dos oradores gregos*. Muitos dos seus escriptos ainda existem. Morreu 322 annos A. C.

**Diógenes.**—Philosopho cynico, discipulo de *Antisthenes*, então chefe da seita dos cynicos. Affectava o maior desprezo pelas riquezas e doçuras da vida. O seu fato mostrava o seu pouco aceio, e tinha por habitação apenas um

tonel; contudo no meio de tal humildade, manifestava o maior orgulho, pois tendo *Alexandre Magno* ido visita-lo, e perguntando-lhe se o podia obsequiar em alguma cousa, Diógenes respondeu grosseiramente: *Sim, tirando-te do Sol para me não fazeres sombra.* Morreu 324 annos A. C.

— **Draco.**— Legislador d'Athênas. Florescia pelos annos de 624 A. C. Tornou-se celebre pela sua severidade, e dizia-se que as suas leis erão escriptas com letras de sangue; por isso que todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicidio mais atroz, erão punidos de morte. *Solon* revogou-as todas, á excepção da que dizia respeito ao assassinio.

— **Empédocles.**— Philosopho, poeta e historiador: florescia, pouco mais ou menos, 444 annos A. C. A sua poesia era varonil e animada, e seus versos tão geralmente estimados, que forão publicamente recitados nos Jogos olympicos com os de *Homero* e *Hesíodo*. Ignora-se qual foi o seu fim.

— **Ennio.**— Antigo poeta d'Italia. Escreveu 18 livros dos *Annaes da Republica romana*, e deu provas de conhecer bem o mundo em algumas comedias e varias satyras: de todas as suas obras, apenas nos restão alguns fragmentos. Morreu 169 annos A. C.

— **Epicuro.**— Famoso philosopho. Nasceu em *Gargetium*, na Attica. Alguns, interpretando mal a sua doutrina, chamão *Epicurista* a um homem dado aos prazeres; porém taes calumnias são refutadas pela sua vida e pelos escriptos daquelle philosopho. Morreu 270 annos A. C.

— **Eschylo.**— Illustre e valoroso Atheniense. Tornou-se celebre pelas suas poesias dramaticas. Compoz 90 tragedias; porém destas sómente 7 chegarão aos nossos dias. O seu estylo é nobre e até sublime, e contém scenas tão terriveis que, na occasião da representação das suas *Euménides* ou *Furias*, houve, dizem, algumas crianças que morrerão de susto, e muitas mulheres que chegarão a desmaiar. Morreu 456 annos A. C.

— **Euclides.**— Celebre mathematico d'Alexandria, no Egypto, florescia 300 annos A. C. Foi tão respeitado, que *Ptolomeu*, Rei do Egypto, quiz entrar no numero de seus discipulos. A sua *Geometria* ainda hoje serve para o estudo da sciencia em varias Universidades, etc.

— **Eurípides.**— Celebre poeta tragico da Grecia. Deu-se á poesia dramatica, e as suas obras são tão estimadas, que os Athenienses que ficarão prisioneiros dos Syracusa-

nos na expedição de Nicias, recobrarão a sua liberdade, recitando os versos deste insigne poeta. *Euripides* compoz 75 tragedias, 19 das quaes sómente chegarão aos nossos dias. Morreu 406 annos A. C.

**Flore.** — Historiador latino. Florescia no segundo seculo da Era christã. Escreveu os *Annaes do Imperio romano* em quatro livros, e alguns poemas; mas só os primeiros nos são conhecidos.

**Galiano (Claudio).** — Celebre medico; nasceu em Pergamo, pelos annos de 131 da Era christã. Foi chamado *Principe da medicina*. As obras que delle nos restão, provão até que ponto chegavão os seus conhecimentos naquelle ramo. Ignora-se o anno da sua morte.

**Heráclito.** — Celebre philosopho d'Epheso: florescia 500 annos A. C. Chorava continuamente as loucuras e fraquezas dos homens e as vicissitudes das cousas do mundo.

**Herodoto.** — Celebre historiador de Halicarnasso, na Asia menor: nasceu 486 annos A. C. A sua historia das guerras dos Persas, desde *Cyro* até *Xerxes*, foi tão geralmente applaudida nos Jogos olympicos, aonde foi lida publicamente, que os nove livros que a compõem forão designados pelos nomes das *Nove Musas*.

**Mesíodo.** — Antigo poeta grego. As suas principaes obras são um poema sobre a agricultura, intitulado: *Os trabalhos e os dias*, que contém não só instrucções ácerca da cultura da terra, mas tambem excellentes reflexões moraes, dignas de um seculo mais illustrado; a sua *Theogonia*, ou historia dos deuses da antiguidade, e o seu *Escudo de Hercules*, que é um fragmento de uma grande obra. Morreu 900 annos A. C.

**Hipparco.** — Celebre astrónomo e mathematico de Nicéa, na Grecia: florescia pelos annos 209 A. C. Foi elle quem estabeleceu os fundamentos da Trigonometria, e o primeiro que descobriu a época exacta dos eclipses, que calculou para 600 annos. Morreu 125 annos A. C.

**Hippócrates.** — Medico grego de grande nomeada. Nasceu 460 annos A. C. Livrou os Athenienses de uma horrível peste que houve ao principio da guerra do Peloponeso. Uma corôa de ouro, os direitos de cidadão de Athênas, e a iniciação nos mysterios de *Eleusis*, forão a recompensa deste importante serviço. Das suas obras, apenas um pequeno numero chegou aos nossos dias.

**Homero.** — O mais antigo de todos os auctores pro-

fanos, cognominado *Principe d'os poetas*, floresceu, pouco mais ou menos, 800 ou 900 annos A. C.: ignora-se em que época foi exactamente. Quanto ao lugar do seu nascimento, nem menos de sete cidades disputarão esta honra. Os poemas mais famigerados deste auctor são: a *Illyada* e a *Odysséa*. Foi tal a veneração que os antigos tiveram para com elle, que lhe erigirão templos, altares e o adorarão como se fosse um deus. *Alexandre Magno* tinha constantemente a *Ilíada* debaixo da cabeceira, e fechada n'uma caixinha enriquecida de pedras preciosas.

**Horacio.** — Famoso poeta latino. As suas poesias são muito elegantes; mas é para lamentar que nellas se encontrem muitos pensamentos e expressões que a moral reprova. As suas *odes* são imitações de *Píndaro* e *Anacreonte*, e as suas *sátyras* e *epistolas* patenteião toda a extensão do seu genio satyrico.

**Justino.** — Historiador romano: floresceu no principio do segundo seculo da Era christã. Escreveu em estylo conciso e elegante um *Epítome* ou *Compendio da Historia dos Assyrios, Persas, Gregos, Macedonios e Romanos*.

**Juvenal.** — Poeta latino. Foi orador publico em Roma, e escreveu algumas sátyras, dezeseis das quaes chegarão até nossos dias. São cheias de fogo, energia e jovialidade, e criticão severamente os vicios e as loucuras do seculo em que vivia. Morreu no tempo de *Trajano*.

**Lucano.** — Poeta muito celebre: nasceu em Cordova, em Hespanha, no anno 39 de J. C.

De todos os seus poemas, apenas nos ficou a *Pharsalia*. Esta obra, cujo assumpto é a guerra entre *Cesar* e *Pompeo*, não tem nem a energia de *Homero*, nem a doce harmonia de *Virgilio*; e contém, alem d'isto, algumas imperfeições que seu auctor houvera corrigido, se tivesse chegado a uma idade mais avançada.

**Luciano.** — Celebre escriptor grego. As suas obras consistem, principalmente, em diálogos, escriptos em estylo singelo, elegante e animado, ainda que muitas vezes desfeiado por maximas obscenas e pelo ridiculo a que mette todas as religiões. Morreu no anno 180 de J. C.

**Lucrecio.** — Poeta e philosopho romano. A que passa pela melhor das suas obras é o poema intitulado *De Rerum naturá*, isto é, *Da natureza das cousas*; comtudo deve-se confessar que contém muitos paradoxos sobre os fenómenos da natureza, e a formação e conservação

do mundo. Dizem que *Lucrecio* estava demente quando o escreveu, e que depois da sua morte, fôra emendado por *Cícero*.

**Licurgo.** — Celebre legislador de Esparta: florescia 898 annos A. C. Tornou-se celebre pelo famoso codigo de leis que fez para os Espartanos, e que estes continuarão a observar, quasi sem interrupção, por espaço de mais de 700 annos. Essas leis auctorisavão vicios e crueldades que não poderião deixar de ser olhadas com horror no seculo esclarecido em que vivemos

**Lysippo.** — Famoso escultor de Sycione, cidade de Peloponeso: vivia perto de 325 annos A. C. Foi protegido por *Alexandre Magno*. As suas estatuas erão tão estimadas que, no reinado de *Augusto*, se compravão pelo seu peso de ouro.

**Marcellino.** — Florescia pelo meado do iv seculo. Escreveu a *Historia do Imperio romano*, desde *Domiciano* até ao Imperador *Valente*, e começa aonde acaba a historia de *Suetonio*. As suas obras ainda existem.

**Marcial.** — Poeta latino, assaz distincto. É particularmente conhecido pelos seus *Epigrammas*, de que existem 14 livros; sendo muito para lamentar que alguns delles não fossem escriptos com mais pudor e modestia. Morreu pelos annos 104 de J. C.

**Mecenas.** — Cavalleiro romano, protector daquelles que cultivavão as letras. Serviu o Imperador *Augusto* como amigo illustrado e fiel. Á sua protecção deveu *Virgilio* a restituição de seu patrimonio, e *Horacio*, o grangear novamente a afeição do mesmo Imperador, depois de haver abraçado o partido de *Bruto* nas guerras civis. Julga-se geralmente que este illustre romano compuzera algumas obras, mas nenhuma chegou até aos nossos dias. Morreu 8 annos A. C.

**Menandro.** — Poeta comico d'Athênas. Compoz 108 comedias, de que apenas restão alguns fragmentos, mas que justificão o cognome que se lhe deu de *Principe da nova comedia*. Dizem que se affogára, quasi 300 annos. A. C. penalizado por ver que erão preferidos aos seus, os escriptos de *Philemon*.

**Nepos** (*Cornelius Nepos*). — Celebre historiador: florescia no reinado de *Augusto*. Compoz tres livros de *chronicas*, e as *vidas dos reis, generaes e auctores mais celebres da antiquidade*; mas só chegou a nossos dias a *Biographia dos grandes capitães gregos e romanos*.

**Ovidio** (*Publio Ovidio Nasão*). — Famoso poeta romano. As suas principaes obras são: as *Metamorphoses*; os *Fastos* em 12 livros, dos quaes só existem 6; as *Elegias*; 3 *livros dos amores*; outros tantos da *Arte de amar* e do *Remedio de amor*, e o seu *Ibis*, poema satyrico. A poesia de *Ovidio* é cheia de doçura e elegancia, mas algumas das suas obras devem ser lidas com cautela. Morreu no anno 17 da Era christã.

**Parrhasio**. — Pintor grego; nasceu 415 annos A. C. Disputou o premio de pintura com *Zeuxis*. Tinha este representado alguns cachos d'uvas de uma maneira tão natural, que os passaros as vinhão picar. *Parrhasio* havia pintado uma cortina com tanta perfeição, que *Zeuxis* ao vê-la, exclamou: «*Levantai essa cortina para que possamos ver o vosso quadro.*» Confessou-se vencido, e disse: «*Zeuxis enganou os passaros; mas Parrhasio enganou o proprio Zeuxis.*»

**Persio**. — Poeta satyrico romano. Não possuímos d'elle senão 6 *satyras*, as quaes, por muita voga que pudessem ter tido no seu tempo, nos parecem inintelligiveis e destituidas d'interesse, sem duvida porque não conhecemos aquelles de quem o mesmo auctor falla. Morreu pelos annos 62 da Era christã.

**Phedro**. — Era liberto d'Augusto: nasceu na Thracia. Traduziu em versos jambicos, em latim, as *Fabulas d'Esopo*, accrescentando-lhes algumas da sua propria composição. Recommendaõ-se pela pureza, elegancia e singeleza de estylo.

**Phidias**. — Celebre estatuario de Athênas. A sua *estatua de Jupiter olympico* passava pela melhor obra deste artista, e uma das maravilhas do mundo. Morreu 432 annos A. C.

**Píndaro**. — Illustre grego. Era reputado como o *Principe dos poetas lyricos*. De todas as suas obras só as *odes* chegarão a nossos dias. Morreu 434 annos A. C.; e mereceu que o mesmo *Horacio* não hesitasse em confessar que *Píndaro* era poeta inimitavel.

**Platão**. — Illustre philosopho d'Athênas, discipulo de *Sócrates*. As suas obras respirão a moral mais pura; e quanto ao estylo, deve-se confessar que, em geral, nada se pôde imaginar nem mais nobre, nem mais magestoso. Morreu 348 annos A. C.

**Plauto**. — Celebre poeta comico. As suas *comedias* erão geralmente estimadas em Roma, pela pureza, ener-

gia, abundancia e elegancia da sua elocução. Destas existem 20. Morreu 184 annos A. C.

**Plinio o antigo.** — De todas as suas obras, a sua *Historia natural* é a unica que chegou a nossos dias. Morreu suffocado por uma erupção do Vesuvio, que elle quiz ir observar de perto no anno 79 da Era christã.

**Plinio o moço.** — O seu *Panegyrico de Trajano*, e 10 *livros das suas cartas*, que contêm grande numero de factos curiosos, ainda existem. Morreu pelos annos 94 da Era christã.

**Plutarco.** — Celebre philosopho e biographo grego. As suas principaes obras são as *Vidas dos homens illustres*, escriptas com talento raro e grande imparcialidade. Os seus *Tratados de moral* gozão de menos estimação. Morreu no anno de 140 de J. C.

**Polybio.** — Historiador grego. Escreveu uma *Historia universal*, dividida em 40 livros, que se perdêrão, á excepção dos 5 primeiros, e alguns fragmentos dos outros. Morreu 124 annos A. C.

**Praxiteles.** — Celebre escultor grego: floresceu 564 annos A. C. Levou a sua arte a um tal gráo de perfeição, que as suas estatuas parecião animadas. Destas, a mais digna de admiração foi uma *Venus*, que os habitantes de Gnido lhe compráráo por uma quantia consideravel. *Nicomedes*, Rei de Bithynia, fazia della tão grande apreço, que se offereceu aos Gnidios, para saldar todas as suas dividas, com tanto que lhe cedessem aquella estatua: esta proposta porém não foi admittida.

**Propercio.** — Poeta latino. Quatro cidades disputáráo a honra de haverem sido seu berço. Escreveu *elegias*, das quaes nos restão 4 livros; e muitos auctores lhe derão o titulo de *Principe dos poetas elegiacos latinos*: é para sentir comtudo que em algumas dellas se encontrem imagens e expressões algum tanto livres. Morreu 9 annos A. C.

**Protógenes.** — Celebre pintor de Rhodes: florescia 328 annos A. C. Havendo *Demetrio* sitiado Rhodes, não quiz largar fogo a um bairro da cidade, não obstante ser esse o unico meio de se apoderar della, porque sabia que era ali que *Protógenes* tinha a sua casa e os seus quadros. A final, tomada a cidade, e perguntando *Demetrio* a *Protógenes* qual era a razão por que elle havia mostrado tão pouco receio: «Foi, respondeu este, porque *Demetrio*

tinha declarado guerra aos habitantes de Rhodes, mas não ás artes.

**Ptolomeu.** — Famigerado géographo e habil astrónomo: nasceu em Alexandria, no Egypto. Os seus vastos conhecimentos lhe grangearão o cognome de *sapientissimo*, que os gregos lhe derão. O seu *Systema do mundo* porém, está hoje reprovado. Em uma das suas obras intitulada *Almagesto* ou *Compositio nova*, dá a relação de 1:022 estrellas, cujas longitudes ou latitudes estão determinadas.

**Pyrrho.** — Celebre philosopho d'Élida, na Grecia: florescia 300 annos A. C. Chamavão-lhe *Sceptico*, porque duvidava de tudo; suspendia o seu juizo, e limitava-se a dizer: «*Isso não é evidente.*» Os seus discipulos forão chamados *Scepticos* ou *Pyrrhonicos*, *Inquiridores*, *Examinadores*, etc. Gloriava-se principalmente este philosopho do imperio que tinha sobre suas paixões, o que as suas acções confirmavão.

**Pythágoras.** — Celebre philosopho grego: nasceu 590 ou 600 annos A. C. Applicou-se particularmente á Mathematica, Astronomia e Eloquencia. Estabeleceu-se em Crotona, em Italia, e alli fundou uma seita chamada *Italica*. Ensinou a *Metempsychose*, ou transmigração das almas de um corpo para outro, e pertendia ter elle proprio experimentado diversas mudanças. O seu *Systema do mundo* approximava-se muito áquellé que *Copernico*, muitos seculos depois, fez reviver. Ignora-se o lugar e tempo em que morreu.

**Quintiliano.** — Rhetorico romano de grande nomeada. Nasceu em Hespanha, dizem, nos principios da Era christã. Dedicou-se todo ao estudo da litteratura, e escreveu um tratado sobre as causas da corrupção da eloquencia, e as suas *Instituições oratorias*. Estas duas obras formão o *Curso d'eloquencia* mais perfeito e completo que se conhece. Morreu no anno 95 da Era christã.

**Quinto Cursio.** — Historiador latino: florescia no tempo de *Vespasiano*, alguns dizem, que de *Trajano*. Tornou-se celebre pela sua *Historia de Alexandre Magno*. Ainda que cheia de anachronismos e erros graves em Historia e Geographia, comtudo é admirada pela elegancia e pureza do estylo. Esta Historia não está completa, pois dos 10 livros que a compunhão, os 2 primeiros, o final do quinto e principio do sexto, não existem, perda que é para lamentar.

**Sallustio.** — Celebre historiador latino. Escreveu uma *Historia romana*, que principiava na fundação de Roma, mas de que apenas restão alguns fragmentos. As unicas obras completas que delle temos, são: *A Historia da conjuração de Catilina e das guerras de Jugurtha*, Rei de Numidia, as quaes são duas obras primas. Morreu 35 annos A. C.

**Sapho.** — Poetiza grega, celebre pelas suas obras e infortunios, e pelo seu estro poetico: nasceu, pouco mais ou menos, 600 annos A. C. Compoz *epigrammas*, *elegias*, e 9 livros de *odes*, de que apenas nos restão fragmentos, e cuja elegancia e doçura provão que ella era digna do nome de *Decima Musa* que os antigos lhe derão. Ufanando-se os Lesbios de a terem por compatriota, levantarão templos á sua memoria, rendêrão-lhe honras de divindade, e gravárão a sua effigie na moeda.

**Sêneca.** — Philosopho muito illustre: nasceu em Cordova, em Hespanha, no anno 2 da Era christã. Foi mestre de *Nero*; porém considerando-o este como um censor incommodo, que lhe não deixava seguir as suas más inclinações, resolveu desfazer-se d'elle, para conseguir o que, fingiu acreditar que entrara na conspiração de *Pisão* contra elle *Nero*, e ordenou-lhe que se matasse. *Sêneca* recebeu esta sentença com firmeza, e mandou immediatamente chamar um cirurgião para o sangrar nas arterias; mas extenuado pela sua continua abstinencia, não podia correr o sangue. Metteu-se então n'um banho quente, cujo calor, misturado com alguns licores fortes o soffocou, no anno de 65 da nossa Era.

Admira-se uma moral tão pura nas obras de *Sêneca*, que *S. Jeronymo* julgou dever comprehende-lo no numero dos auctores christãos.

**Sócrates.** — Principe dos philosophos: nasceu em Athênas 469 annos A. C. Accusado de atheismo, e de corromper a mocidade, foi condemnado á morte. Bebeu a cicuta, que era o veneno que o devia matar; depois fallou aos seus discipulos sobre a immortalidade da alma, e expirou com a tranquillidade de um sabio, aos 70 annos de idade. Depois da sua morte, reconhecêrão os Athenienses o crime que tinham commettido, e erguerão-lhe uma esttua. Foi a moral o seu principal estudo, e fê-la conhecer e amar. Nada escreveu *Sócrates*; porém dois dos seus discipulos, *Platão* e *Xenophonte*, nos transmittirão a sua doutrina.

**Solon.** — Era um dos *Sete sábios da Grécia*. Sendo eleito *Archonte* e Soberano legislador, applicou-se a reformar o governo do Estado, e promulgou uma infinidade de excellentes leis. Morreu pelos annos 559. A. C.

**Strabão ou Strabo.** — Philosopho estoico: nasceu na Cappadocia, pouco antes de *Jesus Christo*. Escreveu varios tratados mui estimados. A sua *Geographia*, em 17 volumes, é a unica das suas obras que chegou aos nossos dias.

**Tácito.** — Historiador latino. Os seus talentos e engenho attrahirão a attenção do Imperador *Vespasiano*, que lhe consagrou a estima, e o elevou ás dignidades. Nomeado *Consul*, defendeu, com muita eloquência, a causa dos Africanos contra o Proconsul *Mário Prisco*. As suas obras immortalisárão seu nome: é para lamentar que apenas 16 livros dos *Annaes*, e 5 da *Historia de Tiberio e de Nero* escapassem aos estragos do tempo.

**Terencio.** — Nasceu em Carthago. Escreveu excellentes *comedias*, das quaes nos restão sómente 6, que tem servido de modelo aos auctores dramaticos. Julga-se que morreu 159 annos A. C.

**Tháles.** — Um dos *Sete sábios da Grécia*, nasceu em Mileto. Applicou-se á Geometria, Astronomia e Philosophia, e mediu a altura da grande Pyramide do Egypto pela projecção da sombra. Foi o primeiro que calculou os eclipses do Sol com exactidão. Morreu 550 annos A. C.

**Thucidydes.** — Celebre historiador grego. Compoz a *Historia da guerra do Peloponeso*, entre as Republicas de Esparta e Athénas. Este auctor é admiravel pela energia, gosto e concisão que se notão desde o principio até ao fim da sua obra. Morreu 394 A. C.

**Tibulio.** — Era um cavalleiro romano, celebre pelas suas poesias. Na sua primeira obra, celebrou a *Messala*, seu protector e amigo; depois consagrou a sua lyra ás poesias amorosas. Morreu no anno 17 da nossa Era.

**Tito-Livio.** — Illustre historiador romano. Vivia em Roma no tempo de *Augusto*, a quem lia a sua *Historia* á porporção que a ia compondo. Este Imperador encarregou-o da educação de seu neto *Claudio*. Morrendo *Augusto*, voltou *Tito-Livio* para Padua, aonde falleceu no anno 17 da nossa Era.

**Virgilio.** — Chamado *Principe dos poetas latinos*: era filho de um oleiro, e nasceu 70 annos A. C., em uma aldêa perto de Mantua. Bem cedo deu provas de seus ta-

lentos poeticos. Tendo *Augusto* distribuido pelos seus soldados as terras de Cremona, foi *Virgilio* despojado da herdade de seus pais; porém indo a Roma implorar a justiça do Imperador, foi apresentado a *Mecenas*; este recommendou-o a *Augusto*, que lhe mandou restituir o seu patrimonio. *Virgilio* agradeceu ao seu hemfeitor, compondo a sua primeira *Écloga*; passados tres annos, escreveu as suas *Bucólicas*; obra apreciavel pela graça simples e natural que nella se nota e pela delicadeza, elegancia e pureza de linguagem. Pouco tempo depois, compoz as suas *Geórgicas*, que é o poema mais bem acabado que nos deixou, e que pôde ser chamado a obra prima da poesia latina. Empreheendeu depois a composição da *Eneida*, a rogos de *Augusto*. O merecimento desta obra, em cuja composição empregou onze annos, e que não pôde concluir, é universalmente reconhecido. Morreu na idade de 51 annos. Ordenou em seu testamento que se queimasse a *Eneida*; mas felizmente *Augusto* não consentiu que se cumprisse a sua vontade neste ponto.

**Xenophonte.** — Foi celebre como philosopho, como historiador, e como general. As obras que tornarão seu nome para sempre celebre, são: a *Cyropedia*, ou *Historia da expedição de Cyro*, de que fizera parte, a *Historia grega*, e os *Ditos memoraveis de Sêneca*.

**Zeno.** — Fundador da *Escola dos estoicos*. Nasceu em Citium, na Ilha de Chypre. Dedicou-se todo ao estudo da Philosophia, e deu-se o nome de *Estoicos* aos seus discipulos, porque escutavão as suas lições no *portico*, a que em Grego chamavão *Stoa*. Fez renovar, tanto quanto pôde, as leis barbaras de *Draco*, ensinando que se devião punir com a mesma pena todos os erros e todos os crimes. Estes principios e outros similhantes, lhe attrahirão a censura das pessoas sensatas; comtudo os Athenienses, ainda em sua vida, lhe levantarão uma estatua de bronze, e conferirão uma corôa de ouro. Morreu 264 annos A. C.

**Zeuxis.** — Celebre pintor da Heracléa, na Sicilia. Pintou magnificos quadros, que lhe grangearão grande reputação e muitas riquezas. Tendo conseguido uma fortuna immensa, dava gratuitamente os seus quadros, porque, dizia elle, não havia dinheiro que lh'os pagasse. Morreu pelos annos 350 A. C.

**Zoilo.** — Sophista e grammatico d'Amphypolis: floresceu pelos annos 270 antes da Era christã, e tornou-se celebre pela severidade de sua critica sobre as obras de

*Homero, Isócrates e Platão*: d'aqui provém o dar-se o nome de *Zoilo*, a qualquer censor injusto. Tendo apresentado a sua crítica de *Homero* a Ptolomeu Philadelpho, Rei do Egypto, este não só o desprezou com indignação, mas até dizem que o condemnára ao supplicio da cruz; outros pertendem que fôra queimado vivo em Smyrna. Nenhuma obra existe deste grammatico.

*N.B.* Pelo que respeita á época do nascimento e da morte de alguns homens illustres acima citados, ha diversas opiniões.



EDITO CIENCIA VIVA  
ROMULO DE CARVALHO

# INDICE

	PAG.		PAG.
<b>Principios gernes de moral</b> .....	3	Repartir.....	151
Dos nossos deveres para com Deus.....	4	Da prova.....	154
Dos deveres do homem para consigo mesmo.....	4	Problêmas sobre as quatro operações fundamentaes.....	159
Dos deveres para com os nossos semelhantes em geral.....	7	Das fracções ou quebrados..	161
Dos deveres para com os nossos ascendentes, tíos, ministros da Religião, magistrados, amos, chefes, etc.....	11	Dos numeros decimaaes.....	173
Dos deveres para com os nossos mestres.....	12	Systema métrico decimal.....	180
Dos nossos deveres para com as pessoas idosas.....	13	Do toque do ouro e da prata..	187
Dos deveres para com os ignaes	16	Razões e proporções.....	188
Dos deveres para com os inferiores.....	20	Regra de tres.....	190
Dos deveres do Rei ou do Chefe do Estado, dos seus Ministros e dos governados.....	24	Regra de juros.....	196
Dos deveres da patria para com as outras nações.....	25	<b>Elementos de civillidade</b> .....	210
Deveres geraes.....	25	<b>Das diversas Religiões</b> .....	248
<b>Da Religião</b> .....	27	<b>Definições geometricas</b> .....	259
Que se entende por Historia sagrada.....	29	<b>Bellas Artes</b> .....	272
Velho Testamento.....	31	Do Dezenho.....	272
Novo Testamento.....	34	Da Pintura.....	275
Livros Canonicos de que se compõe a Biblia.....	42	Da Esculptura.....	282
Estabelecimento da Igreja de Jesus Christo.....	45	Da Gravura.....	284
Principaes perseguições da Igreja christã.....	47	Da Architectura.....	285
Heresia, scisma, concilio, seita	49	As sete maravilhas do mundo..	286
Lei natural, lei escripta, lei da graça, tradição.....	51	Da Lithographia.....	288
Das linguas e sua derivação...	51	Da Musica.....	289
<b>Da Grammatica portugueza</b> .....	55	Da Dança.....	291
Etymologia e classificação das palavras.....	55	<b>Da Geographia</b> .....	293
Syntaxe.....	109	Geographia astronómica.....	294
Prosodia.....	126	Geographia physica.....	329
Orthographia.....	129	Geographia politica.....	334
Pontuação.....	130	Europa etc.....	339
Figuras da dicção.....	134	Reino de Portugal.....	379
Vicios da oração.....	135	Asia.....	434
Methodo de analyse logica....	136	Africa.....	449
Methodo de analyse grammatical	137	America etc.....	462
<b>Arithmetica</b> .....	138	Imperio do Brasil.....	476
Sommar.....	143	Oceania.....	488
Diminuir.....	144	<b>Da Chronologia</b> .....	493
Multiplicar.....	146	<b>Da Historia</b> .....	508
		Hebreus ou Judeus.....	510
		Egyptios.....	510
		Assyrios.....	512
		Persas.....	513
		Gregos.....	513
		Os sete sabios da Grecia.....	515
		Romanos.....	517
		Idade media.....	520
		Tempos feudaes.....	521
		<b>Das Cruzadas</b> .....	523
		Ordens militares e religiosas fundadas durante as primeiras Cruzadas.....	526
		<b>Da antiga cavallaria</b> .....	529
		<b>Resumo da Historia de Portugal</b> .....	532

	Pag.
Origem do nome de Portugal ..	534
Dynastias que tem reinado em Portugal ..	534
Do Conde D. Henrique ..	535
D. Affonso Henriques ..	536
D. Sancho I ..	540
D. Affonso II ..	540
D. Sancho II ..	541
D. Affonso III ..	542
D. Diniz ..	543
D. Affonso IV ..	544
D. Pedro I ..	545
D. Fernando ..	546
D. João I ..	548
D. Duarte ..	550
D. Affonso V ..	552
D. João II ..	554
D. Manoel ..	556
D. João III ..	561
D. Sebastião ..	563
D. Henrique ..	565
D. Filippe 2.º, 3.º e 4.º de Castella, e em Portugal, 18.º, 19.º e 20.º Reis (intrusos) ..	566
D. João IV ..	569
D. Affonso VI ..	570
D. Pedro II ..	573
D. João V ..	574
D. José I ..	575
D. Maria I e D. Pedro III ..	578
D. João VI ..	580
Batalhas, cercos e assaltos principaes em que, durante a guerra da Peninsula, entrão as tropas portuguezas e inglezas ..	584
D. Pedro IV ..	584
D. Maria II ..	586

	Pag.
D. Pedro V ..	590
Tratamento dos Reis de Portugal ..	592
Titulos do filho primogenito d'ElRei de Portugal ..	593
<b>Ordens militares ou de cavallaria ..</b>	<b>593</b>
Algumas ordens militares que houve em Portugal e já não existem ..	594
Ordens militares portuguezas existentes ..	596
Ordem para senhoras ..	598
<b>Das antigas côrtes em Portugal ..</b>	<b>598</b>
Côrtes em que se tratão negocios mais importantes para Portugal, desde o principio da monarchia até 1698. ....	599
Relação chronológica summaria das navegações, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes ..	601
<b>Litteratura portugueza ..</b>	<b>614</b>
Principaes classicos portuguezes: Prosadores e poetas ..	617
Principaes poemas epicos portuguezes com as datas das primeiras edições ..	623
<b>Noções geraes de Physica ..</b>	<b>623</b>
<b>Da Mythologia ..</b>	<b>639</b>
Biographia classica, ou noticia de varios homens illustres da antiguidade, e dos principaes auctores adoptados nas classes ..	654



## ADVERTENCIA AOS ENCADERNADORES

A estampa I deve ficar em frente da pag. 640; a II, da pag. 642; a III, da pag. 643; a IV, da pag. 644.

## METHODO FACILLIMO

PARA

## APRENDER A LER E ESCREVER

NO MAIS CURTO ESPACO DE TEMPO POSSIVEL

PARA USO DAS CRIANÇAS QUE FREQUENTÃO AS AULAS  
TANTO EM PORTUGAL COMO NO BRASIL44.<sup>a</sup> Edição melhorada e ornada de grande numero de novas e lindas vinhetas

Aprovada pela Junta Consultiva de Instrucção Publica

Contém uma noticia sobre os diversos methodos d'ensino elementar;  
a saber:1.<sup>o</sup> Ensino individual — 2.<sup>o</sup> Ensino simultaneo — 3.<sup>o</sup> Ensino mutuo  
— e bem assim sobre os methodos de ensinar a ler: 1.<sup>o</sup> Methodo antigo  
— 2.<sup>o</sup> Novo methodo de soletração — 3.<sup>o</sup> Methodo sem soletração.Principios de leitura, por um methodo facil, e que permite aos prin-  
cipiantes o lerem algumas palavras logo á primeira lição de syllabas;  
não se dando nenhuma destas, que não seja immediatamente seguida de  
um exemplo.

Grande cópia de boas maximas, sentenças e pensamentos moraes.

Conselhos á mocidade.

Um resumo da Doutrina christã.

A moral da Religião christã.

Principaes deveres dos meninos.

Regras uteis para se observarem na vida.

Regras de escripta, seguidas de excellentes traslados de letra ingleza,  
bastardo, bastardinho, cursivo e gothico.

Regras para quem quizer viver em paz.

Explicação sobre os tres reinos da natureza, em que se divide a His-  
toria natural.

Algarismos e letra de conta romana.

Taboada.

Uma noção clara sobre o systema metrico-decimal, adoptado para as  
novas medidas de Portugal.

Dinheiro portuguez legal.

Divisão do anno.

Partes em que se divide o anno.

Anecdotas moraes.

Fabulas.

Proverbios.

A sciencia do Bom homem Ricardo, ou meio de adquirir fortuna, ex-  
trahida das obras do sabio FRANKLIN.

Amor da patria e louvavel resignação do Infante D. Fernando.

Grandeza d'alma e desinteresse d'ElRei D. Affonso IV.

Meio de ter sempre dinheiro na algibeira.

Invenções portuguezas: Cartas nauticas ou de marear: Astrolabio  
maritimo: Balões ou maquinas aerostáticas.

Primeira viagem á roda do mundo, emprehendida por um portuguez.

Principio das gloriosas navegações dos Portuguezes e seus principaes  
descobrimentos.

Noções sobre as Artes e Sciencias.

Varias noticias ácerca de Portugal.

O que era a escripta nos primeiros tempos.

Da invenção da typographia.

Preço 100 réis, em brochura.

Em vista pois do que fica exposto, escusado é observar que o **Methodo facillimo para aprender a ler**, que deve ser considerado como a primeira parte do **Manual encyclopedico**, reúne as condições indispensaveis para preencher o fim que seu auctor teve em vista; e que pôde ser tido como um ramalhete da infancia, pela variedade e boa escolha de assumptos amenos e instructivos que contém; o que é o melhor attractivo para inspirar ás criança o gosto pelo estudo.

Finalmente, o formato, belleza de impressão, em variados e elegantes typos, o grande numero de novas e lindas vinhetas que o adornão, o bom papel, e sobre tudo a modicidade do seu preço, o tornão recommendavel aos senhores Professores de Instrucção primaria, e não menos ás mães de familia que por si mesmas quizerem ensinar a ler a seus filhos.

 O **Methodo facillimo** pôde adaptar-se, ao arbitrio dos senhores Professores, aos tres methodos de leitura: 1.º Methodo antigo — 2.º Novo methodo de soletração — 3.º Methodo sem soletração.

## GRAMMATICA FRANCEZA

THEÓRICA E PRÁTICA

5.ª EDIÇÃO REVISTA E MELHORADA

APPROVADA PELA JUNTA CONSULTIVA DE INSTRUÇÃO PUBLICA

Contém :

- 1.º Os principios daquella lingua desenvolvidos com a maior clareza.
- 2.º Exercicios ou um exame no fim de cada regra, para melhor se poder ajuizar do aproveitamento dos estudantes.
- 3.º Todos os verbos regulares e irregulares conjugados segundo a ACADEMIA, e exemplos sobre a sua applicação.
- 4.º Um copioso vocabulario portuguez e francez.
- 5.º Dialogos familiares.
- 6.º Collecção de frases particulares da lingua franceza, cuja traducção litteral se não pôde dar em portuguez.
- 7.º Idiotismos.
- 8.º Proverbios escolhidos.
- 9.º Um catalogo de homónimos, de parónimos e de palavras que, pronunciando-se do mesmo modo, differem de orthographia e significação.
- 10.º Lista de palavras do genero masculino, n'uma accepção, e do feminino n'outra.
- 11.º Regras d'orthographia, principalmente sobre os participios, seguidas de exercicios cacographicos, ou em que se introduzirão erros de proposito para os estudiosos corrigirem.
- 12.º Observações sobre o estylo epistolar.
- 13.º Modelos de cartas sobre diversos assumptos, principalmente de commercio, facturas, contas de venda, letras de cambio, convites para jantar, bailes, etc.
- 14.º Varias palavras latinas, inglezas e italianas admittidas na lingua franceza.
- 15.º Noticia ácerca da poesia franceza, e regras de versificação, seguidas de diversos assumptos, em verso: fabulas, epigrammas, etc.
- 16.º Calembours.
- 17.º Um dictionario de locuções viciosas, com as competentes correções.

Convém advertir que esta obra, como já se disse, é tão util aos que principião a aprender o francez, como áquelles que, tendo já algumas luzes da mesma lingua, quizerem aperfeiçoar-se no conhecimento della.

Preço 800 réis em brochura.

## Artigo extrahido do VIRIATO de Vizeu de 30 de Janeiro de 1874

Recebemos, com a maior satisfação, um exemplar da arte franceza, que teve a bondade de nos remetter o seu illustre auctor o ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Emilio Achilles Monteverde. Agradecemos muito sincera e reconhecidamente tão generosa offerta.

Já com antecipação nos tinha feito a honra de nos dirigir uma carta offerecendo-no-la, e pedindo que, se a achassemos competente, a adoptassemos no Lyceu deste districto, do qual muito nos honramos de ser chefe, e a fizessemos igualmente adoptar nas Aulas de francez annexas ao mesmo Lyceu.

O nome do auctor, já bem illustre e conhecido na republica litteraria, é mais que sufficiente para mostrar o merecimento da sua arte, na qual se encontra tudo o que é necessario para conhecimento da lingua franceza, com tal clareza e perfeição, que é quasi impossivel que os alumnos deixem de entender as materias, que o sabio auctor ensina.

Intimamente convencidos da proficiencia da dita arte, não só a adoptamos n'este Lyceu, mas faremos quanto estiver ao nosso alcance para que os Professores da lingua franceza a prefirão a outra qualquer.

### MIMHO À INFANCIA

OU

### MANUAL DE HISTORIA SAGRADA

Este importante livrinho, impresso em bom papel e bonito typó, primeiro no seu genero que appareceu em Portugal, torna-se digno da particular attenção das pessoas que tem a seu cargo a educação da mocidade, já pela clareza e ordem por que os factos n'elle se achão referidos, já pelo methodo que o auctor entendeu dever seguir para mais facilmente ficarem gravados na memoria.

Contém no fim de cada uma das épocas em que se divide a HISTORIA SAGRADA um — *Exame* — ou perguntas diversas, para que os Srs. Professores, interrogando os seus educandos, possam ajuizar, pelas respostas, do fructo que tirarão das suas lições, e bem assim em cada estampa a indicação do facto a que allude, para servir tambem de *Exame*, exigindo os mesmos Srs. Professores a sua explicação.

Em seguida ao **Novo Testamento**, dá-se uma interessante noticia dos 72 **Livros Canonicos** de que se compõe a **Es-cryptura sagrada**, e com particularidade da **Biblia**, vulgarmente chamada de *Belem* ou *dos Jeronymos* — do estabelecimento da **IGREJA DE JESUS CHRISTO** — das suas perseguições — das Heresias, principalmente do **Arianismo** — das 8 **cruzadas** contra os infieis para a restauração dos Santos Lugares — finalmente da origem de alguns usos e cerimoniaes religiosas.

Pelo que fica expellido, se vê pois que esta obra é effectivamente um precioso mimo feito á infancia, e que o auctor nada omittiu para a tornar tão util como agradável. — Preço 500 réis, em brochura.

## RESUMO DA HISTORIA DE PORTUGAL

3.<sup>a</sup> Edição

Comprehende a Historia do nosso paiz até á morte de S. M. I. o Senhor D. Pedro, *Duque de Bragança*, enriquecida de varios episodios dos *Luziadas de Camões*. Trata mais este Resumo dos seguintes assumptos: **Titulos dos Reis de Portugal** — **Tratamento dos Reis**

de Portugal. — **Titulos** do ulho primogenito d'Ellel de Portugal. — Do **Titulo de Rainha** dado a D. Thereza, mulher do Conde D. Henrique, e desde quando **Portugal** se começou a chamar **Reino**. — **Ordens militares** que houve em Portugal, e já não existem. — **Ordens militares** portuguezas existentes. — **Armas Reaes** de Portugal, e explicação das diversas peças de que ellas se compõem. — Descrição das **armas das cidades de Portugal**, e de muitas **villas**. — **Catálogo** das obras a que poderão recorrer aquelles que desejarem ter uma noção mais ampla ácerca da **Historia de Portugal**.

Preço 300 réis em brochura.

Destá obra resta apenas um pequeno numero de exemplares.

---

## Artigo extrahido do DIARIO DO GOVERNO de 19 de Abril de 1845

O sr. Emílio Achilles Monteverde acaba de publicar a 3.<sup>a</sup> edição, revista e muito augmentada, da **HISTORIA DE PORTUGAL**, para uso das crianças que frequentão as Aulas. O auctor soube apresentar em um pequeno volume os factos principaes da nossa Historia, e todas aquellas particularidades que podem interessar um verdadeiro Portuguez, ao mesmo tempo indica as obras que poderão consultar os que desejarem ter uma noção mais ampla ácerca de Portugal e seus dominios. Esta obra de educação é verdadeiramente recommendavel.

---

## Extracto de um artigo publicado no **CARTISTA DOS AÇORES**, de Ponta Delgada, de 22 de Maio de 1845

Acaba de publicar o sr. Emilio Achilles Monteverde a 3.<sup>a</sup> edição do seu **RESUMO DA HISTORIA DE PORTUGAL** para uso das crianças que frequentão as Aulas. Recommendâmos aos srs. Professores do Archipelago Açoriano esta obra elementar digna, a todos os respeito, do merecido conceito de que seu auctor goza. Transluz n'este opusculo, como nas demais publicações do sr. Monteverde, aquella candura, singela clareza e sã moral que tão indispensaveis se fazem nas obras destinadas á educação da mocidade. Os feitos heroicos de nossos maiores apresentam-se-nos como exemplos instigadores de boas acções; o valor e piedade de um *Affonso Henriques*, o denodo de um *D. João I*, o saber de um *D. Duarte*, a grandeza d'alma e illustração de um *D. José I* e do seu grande *Pombal*, pintão-se-nos com a maior exactidão; e sem embargo do resumido da obra, nunca escapão ao auctor os trechos de moralidade em que abundão as acções dos nossos heroes portuguezes.

Outro merecimento tem o livro que annunciâmos; consiste elle nas eruditas remissões com que encaminha o Joven leitor ao estudo de nossos classicos, sempre tão necessario, mas hoje essencial para repellirmos a invasão barbara que vai fazendo em nossos costumes, estylo e bella linguagem, esse tropel de traducções que mais parecem escriptas para preverter a mocidade e abastardar a lingua do que para realce da nossa litteratura.

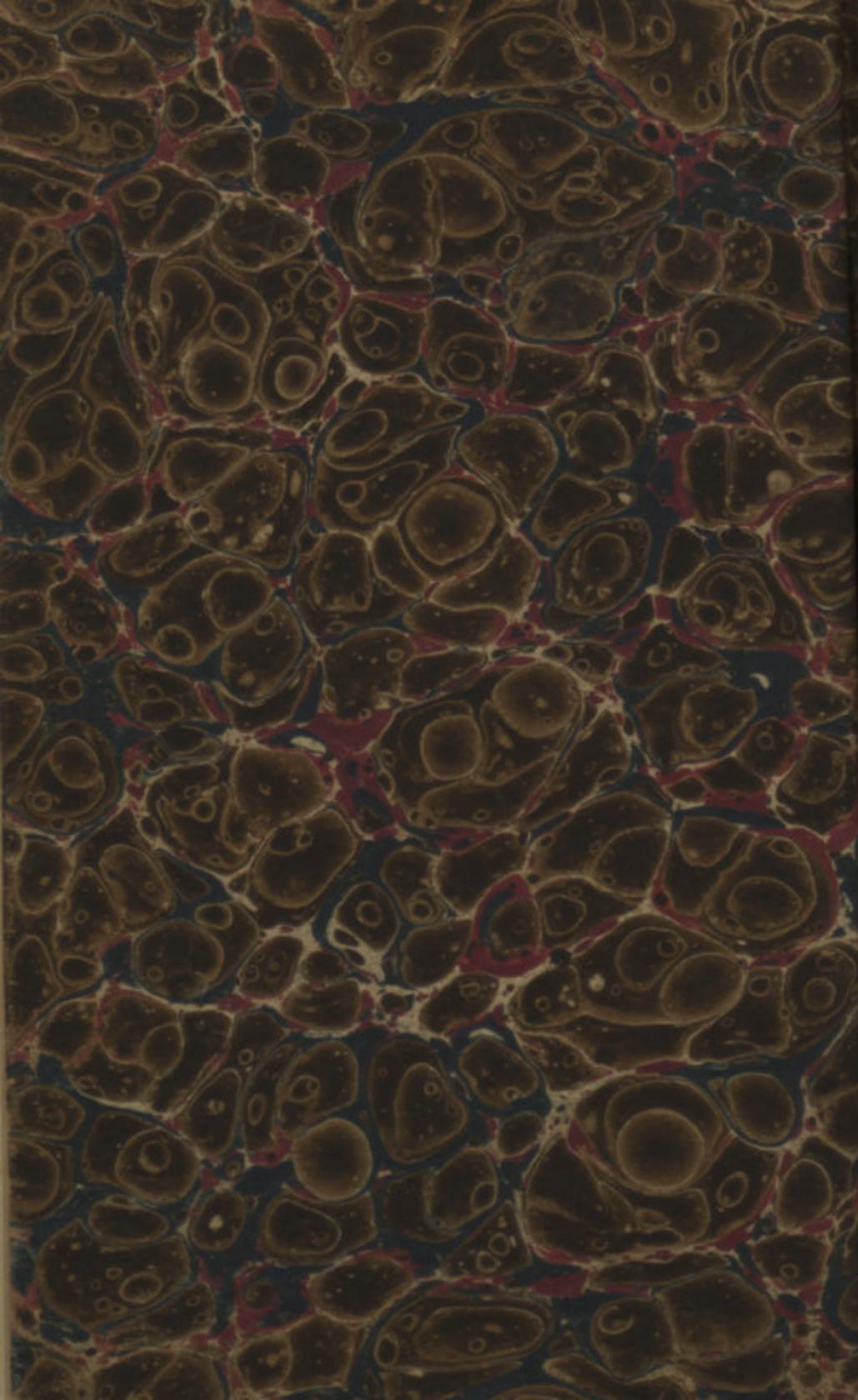
---

Veja-se no principio do **Manual** os nomes dos **Livrelros** em cujas lojas se achão estas obras.











RÓ  
MU  
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



\*1329643858\*

